PETER V. BRETT

CICLO DAS TREVAS

O PROTEGIDO

DARKSIDE

EXISTE LUZ NA ESCURIDÃO

DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe ***Le Livros*** e seus diversos parceiros, com o objetivo de oferecer conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

Sobre nós:

O ***Le Livros*** e seus parceiros disponibilizam conteúdo de dominio publico e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: ***LeLivros.site*** ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados neste link.

"Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não mais lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade poderá enfim evoluir a um novo nível."

DARKSIDE

#DARKSIDEBOOKS

PETER V. BRETT

CICLO DAS TREVAS

O PROTEGIDO

DARKSIDE

TRADUÇÃO
PETÊ RISSATTI

Para Ötzi, o verdadeiro protegido

CICLO DAS TREVAS

SUMÁRIO

Capa

Mídias sociais

Folha de rosto

Dedicatória

Parte I. Riacho de Tibbet

Capítulo 1. As consequências

Capítulo 2. Se fosse você

Capítulo 3. Noite solitária

Capítulo 4. Leesha

Capítulo 5. Casa cheia

Capítulo 6. Segredos do fogo

Capítulo 7. Rojer

Capítulo 8. Cidades livres

Capítulo 9. Forte miln

Parte II. Miln

Capítulo 10. Aprendizado

Capítulo 11. A fenda

Capítulo 12. A biblioteca

Capítulo 13. Deve haver mais

Capítulo 14. Estrada para angiers

Capítulo 15. A rabeca da fortuna

Capítulo 16. Ligações

Parte III. Krasia

Capítulo 17. Ruínas

Capítulo 18. Rito de passagem

Capítulo 19. O primeiro guerreiro de Krasia

Capítulo 20. Alagai'sharak

Capítulo 21. Apenas um Chin

Capítulo 22. Palcos nos lugarejos

Capítulo 23. Renascimento

Capítulo 24. Agulha e tinta

Parte IV. Clareira do lenhador

Capítulo 25. Reestreia

Capítulo 26. Hospital

Capítulo 27. Ao cair da noite

Capítulo 28. Segredos

Capítulo 29. À luz do crepúsculo

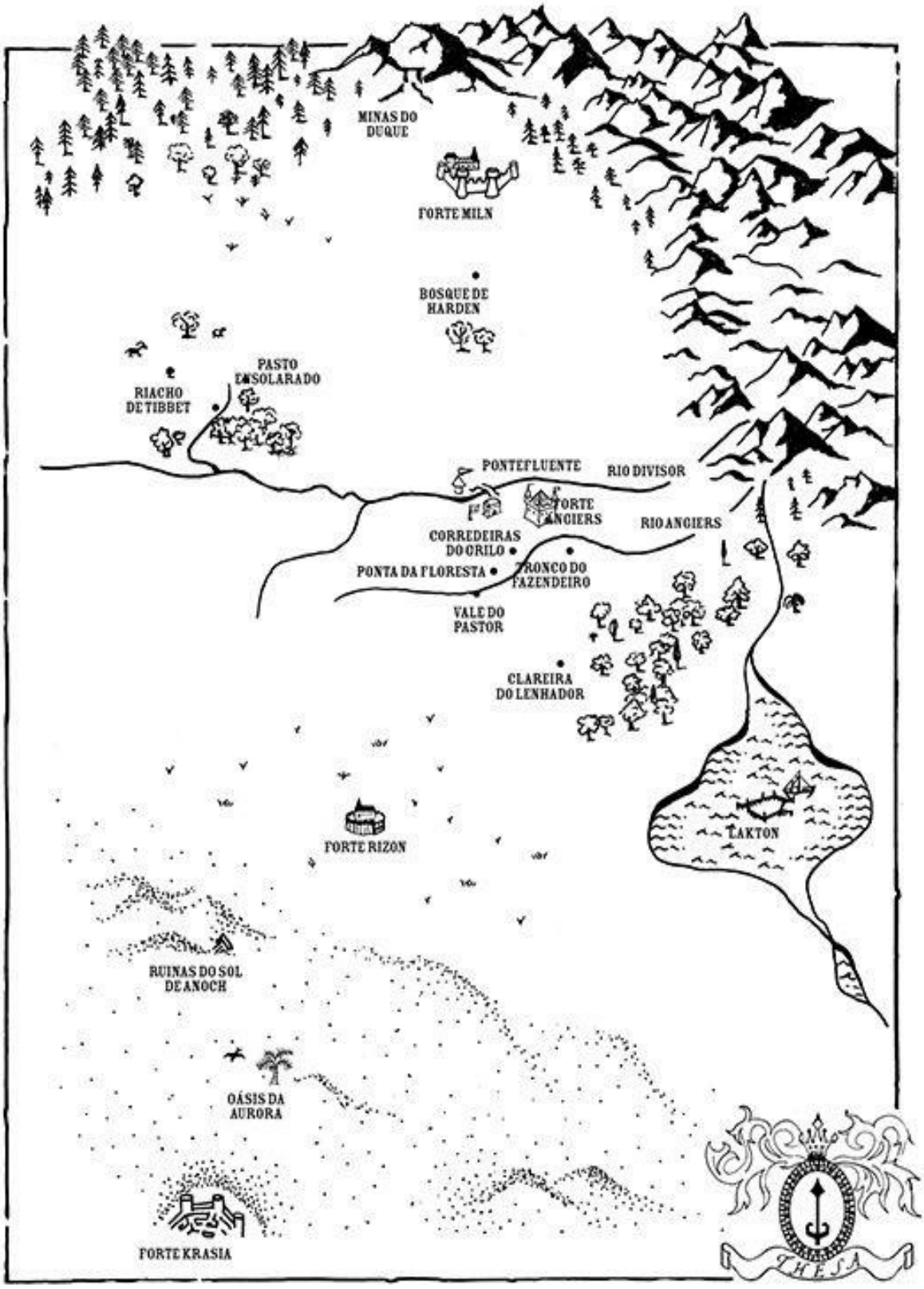
Capítulo 30. A praga

Capítulo 31. A batalha da clareira do lenhador

Capítulo 32. Adeus à clareira

Agradecimentos

Créditos


MINAS DO DUQUE
FORTE MILN
BOSQUE DE HARDEN
PASTO ENSOLARADO
RIACHO DE TIBBET
PONTEFLUENTE
RIO DIVISOR
FORTE ANGIERS
RIO ANGIERS
CORREDEIRAS DO GRILO
PONTA DA FLORESTA
TRONCO DO FAZENDEIRO
VALE DO PASTOR
CLAREIRA DO LENHADOR
LAKTON
FORTE RIZON
RUINAS DO SOL DE ANOCH
OÁSIS DA AURORA
FORTE KRASIA
THESA

PARTE I

RIACHO DE TIBBET

318-319 DR

depois do retorno

I

CICLO DAS TREVAS

O PROTEGIDO

I
AS CONSEQUÊNCIAS
– 319 DR –

A GRANDE TROMBETA SOOU.

Arlen parou o trabalho, erguendo os olhos para os tons de púrpura e azul do céu do amanhecer. A névoa ainda pendia no ar, trazendo com ela um gosto úmido, amargo, familiar demais. Um medo silencioso cresceu em suas entranhas enquanto aguardava na calmaria da manhã, esperando que tivesse sido sua imaginação. Ele tinha onze anos.

Houve uma pausa, então a trombeta soou duas vezes numa sequência rápida. Uma longa e duas curtas significavam sul e leste. O Casario da Floresta. Seu pai tinha amigos entre os lenhadores. Atrás de Arlen, a porta da casa se abriu e ele sabia que a mãe estaria lá, cobrindo a boca com as duas mãos.

Arlen voltou ao trabalho, sem precisar que lhe dissessem para se apressar. Algumas tarefas podiam esperar um dia, mas o gado ainda precisava ser alimentado e as vacas ordenhadas. Deixou os animais no celeiro e abriu os depósitos de feno, entornou a lavagem para os porcos e correu para pegar um balde de madeira para o leite. A mãe já se agachava sob a primeira vaca. Ele

pegou o banquinho sobressalente e se uniu a ela na cadência do trabalho, o som do leite chocando-se contra a madeira, tamborilando uma marcha fúnebre.

Quando foram para o próximo par da fileira, Arlen viu o pai atrelando a montaria mais forte, uma égua castanha de cinco anos chamada Missy, à carroça. Seu rosto era sério enquanto trabalhava.

O que encontrariam desta vez?

Em pouco tempo, estavam na carroça, seguindo na direção do pequeno agrupamento de casas ao lado das florestas. Era perigoso lá, mais de uma hora de viagem até a próxima estrutura protegida, mas a madeira era necessária. A mãe de Arlen, enrolada num xale puído, abraçava o menino com força durante a viagem.

— Já estou bem grandinho, mãe — reclamou Arlen. — Não preciso que me segure como um bebê. Não estou com medo. — Não era inteiramente verdade, mas evitou que as outras crianças o vissem pendurado em sua mãe enquanto partiam. Já faziam troça dele o bastante.

— *Eu* estou assustada — disse a mãe. — E se for eu quem precisa ser abraçada?

De repente, Arlen sentiu-se orgulhoso e aconchegou-se à mãe novamente pelo restante da viagem pela estrada. Ela nunca conseguia enganá-lo, mas, mesmo assim, sempre sabia o que dizer.

Um pilar de fumaça oleosa já contava mais do que queriam saber muito antes de terem chegado ao seu destino. Estavam queimando os mortos. E se estavam começando as fogueiras tão cedo, sem esperar que os outros chegassem e rezassem, era porque os mortos tinham sido muitos. Muitos para se rezar sobre cada um, se o trabalho tivesse de terminar antes do anoitecer.

Eram mais de oito quilômetros da fazenda do pai de Arlen até o Casario da Floresta. Quando chegaram, os poucos incêndios de cabanas remanescentes haviam sido extintos, embora, na verdade, pouco restasse ainda para queimar. Quinze casas, todas reduzidas a escombros e cinzas.

— As pilhas de lenha também — disse o pai de Arlen, cuspindo para o lado da carroça. Apontou com o queixo na direção da ruína escurecida que restara da madeira cortada na estação. Arlen fez uma careta ao pensar em como a cerca bamba que prendia os animais teria de durar outro ano e de pronto se sentiu culpado. Afinal, era apenas madeira.

A porta-voz da cidadela aproximou-se da carroça quando ela parou. Selia, a quem a mãe às vezes chamava de Selia Seca, era uma mulher rígida, alta e magra, com a pele curtida. Seus cabelos longos e grisalhos vinham presos num coque firme e ela trazia o xale como um distintivo do cargo. Não tolerava bobagens, como Arlen aprendera mais de uma vez na ponta de seu cajado, mas naquele dia ele ficara aliviado com sua presença. Como quando estava ao lado do pai, algo em Selia fazia Arlen se sentir seguro. Embora nunca tivesse tido

filhos, Selia agia como a mãe de todos no Riacho de Tibbet. Poucos conseguiam vencê-la em sabedoria; menos ainda em teimosia. Quando Selia tinha alguém em boa conta, era a melhor coisa do mundo.

— Que bom que veio, Jeph — falou Selia ao pai de Arlen. — Silvy e o pequeno Arlen, também — emendou, meneando a cabeça para eles. — Precisamos de todas as mãos que conseguirmos. Até o garoto poderá ajudar.

O pai de Arlen resmungou, desembarcando da carroça.

— Trouxe minhas ferramentas. Só diga onde podemos ajudar.

Arlen carregou as ferramentas preciosas da carroça. O metal era escasso no Riacho e seu pai tinha orgulho de suas duas pás, da picareta e da serra. Todas seriam de grande utilidade naquele dia.

— Quantos perdidos? — perguntou Jeph, embora realmente não parecesse querer saber.

— Vinte e sete — contou Selia. Silvy suspirou e cobriu a boca, lágrimas inundando seus olhos. Jeph cuspiu novamente.

— Algum sobrevivente? — quis saber Jeph.

— Poucos — respondeu Selia. — Manie correu todo esse caminho até minha casa, no escuro. — Ela apontou com sua vara para um garoto que encarava uma pira funerária.

Silvy engasgou. Ninguém havia corrido tanto e sobrevivido.

— As proteções na casa de Brine Lenhador aguentaram a maior parte da noite — continuou Selia. — Ele e sua família viram tudo. Outros fugiram dos terraítas e buscaram refúgio lá até o incêndio se espalhar e atingir o telhado. Esperaram na casa em chamas até as vigas começarem a estalar, então se arriscaram do lado de fora minutos antes da aurora. Os terraítas mataram a mulher de Brine, Meena, e o filho, Poul, mas os outros conseguiram se safar. As queimaduras vão melhorar e as crianças ficarão bem com o passar do tempo, mas os outros…

Não precisou terminar a frase. Sobreviventes de um ataque de demônios em geral morriam logo depois. Nem todos, ou mesmo a maioria, mas muitos. Alguns ainda conseguiam tocar suas vidas; outros, no entanto, simplesmente encaravam o vazio, recusando-se a comer ou a beber — até definharem. Diziam que não se sobrevivia realmente a um ataque até que um ano e um dia tivessem passado.

— Ainda há dezenas de desaparecidos — comentou Selia, mas com pouca esperança na voz.

— Vamos desenterrá-los — concordou Jeph, sombrio, olhando para as casas derrubadas, muitas ainda fumegando. Os lenhadores construíam suas casas em grande parte com pedras para proteger-se de incêndios, mas mesmo a pedra queimaria se as proteções falhassem e muitos demônios das chamas se reunissem em um lugar só.

Jeph juntou-se a outros homens e a algumas mulheres mais fortes para retirar o entulho e carregar os mortos até a pira. Os cadáveres precisavam ser

queimados, claro. Ninguém queria ser enterrado no mesmo solo de onde os demônios brotavam a cada noite. O sacerdote Harral, com as mangas da túnica enroladas até descobrir seus braços grossos, erguia cada corpo para dentro do fogo, murmurando orações e riscando proteções no ar enquanto as chamas os engoliam.

Silvy juntou-se às outras mulheres para reunir as crianças mais novas e cuidar dos feridos sob o olhar atento da ervanária do Riacho, Coline Trigg. Mas nenhuma erva podia aliviar a dor dos sobreviventes. Brine Lenhador, também chamado de Brine Ombros-Largos, parecia um grande urso com uma risada retumbante que costumava lançar Arlen no ar quando iam comprar madeira. Naquele momento, Brine estava sentado nas cinzas ao lado de sua casa arruinada, batendo lentamente a cabeça contra o muro escurecido. Ele murmurava algo para si e apertava os braços com firmeza, como se estivesse com frio.

Arlen e as outras crianças foram escalados para trabalhar carregando água e examinando pilhas de madeira em busca de tábuas aproveitáveis. Ainda haveria alguns meses quentes no ano, mas não tinham tempo para cortar madeira o bastante para aguentar o inverno. Teriam de queimar esterco novamente naquele ano e a casa ficaria fedorenta.

Novamente, uma onda de culpa assolou Arlen. Não estava na pira, tampouco batia a cabeça em choque por ter perdido tudo. Havia destinos piores que uma casa cheirando a esterco.

Cada vez mais aldeões chegavam conforme a manhã surgia. Traziam famílias e quaisquer provisões que conseguissem guardar, oriundos do Poço da Pesca e da Praça da Cidade; da Colina do Lamaçal e também do Charco Pantanoso. Alguns até da distante Torre do Sul. E Selia cumprimentava um a um com as notícias funestas e botava-os para trabalhar.

Com mais de uma centena de mãos, os homens redobraram esforços. Metade deles continuava a cavar enquanto outros desciam à única estrutura aproveitável que restava do Casario: a casa de Brine Lenhador. Selia levou Brine para longe, de alguma forma escorando o gigantesco homem que cambaleava, enquanto os outros limpavam os escombros e começavam a carregar novas pedras. Alguns tiraram os equipamentos de proteção e começaram a pintar novas proteções enquanto as crianças preparavam a palha. A casa estaria restaurada ao cair da noite.

Arlen tinha Cobie Pescador como parceiro na preparação da madeira. As crianças haviam juntado uma pilha considerável, embora fosse apenas uma fração do que se perdera. Cobie era alto, um garoto robusto com cachos escuros e braços peludos. Era popular entre as outras crianças, mas era uma popularidade conquistada à custa dos outros. Poucas crianças gostavam de aguentar seus insultos, menos ainda suas surras.

Cobie torturou Arlen por anos a fio e as outras crianças acompanhavam. A fazenda de Jeph era a mais ao norte do Riacho, longe de onde as crianças costumavam se reunir, na Praça da Cidade, e Arlen passava a maior parte de seu tempo livre vagando sozinho pelo Riacho. Sacrificá-lo à ira de Cobie parecia um negócio justo para a maioria das crianças.

Sempre que Arlen ia pescar ou passava pelo Poço da Pesca no caminho para a Praça da Cidade Cobie e seus amigos pareciam saber e ficavam esperando no mesmo lugar do caminho para casa. Às vezes, apenas o xingavam ou o empurravam, mas outras vezes chegava em casa sangrando e escoriado, e sua mãe gritava com ele por ter brigado.

Por fim, Arlen se cansou. Deixou um cajado grosso escondido naquele lugar. Na vez seguinte em que Cobie e seus amigos atacaram, Arlen fingiu fugir apenas para pegar a arma, como se ela surgisse do nada, e começou a desferir golpes com ela.

Cobie foi o primeiro atingido, uma pancada forte que o deixou chorando na terra, com sangue escorrendo do ouvido. Willum quebrou um dedo e Gart andou mancando por mais de uma semana. Aquilo não contribuiu em nada para melhorar sua popularidade entre as outras crianças e o pai de Arlen lhe deu uma surra de chibata, mas os outros garotos nunca mais o incomodaram. Mesmo naquele momento, Cobie mantinha uma boa distância dele e encolhia-se quando Arlen fazia qualquer movimento brusco, apesar de ser muito maior que ele.

— Sobreviventes! — gritou, de repente, Bil Padeiro, em pé sobre uma casa derrubada às margens do Casario. — Consigo ouvi-los presos no porão.

Logo todos largaram o que estavam fazendo e correram até lá. Retirar os escombros levaria muito tempo, então os homens começaram a cavar, curvando suas costas em fervor silencioso. Pouco depois, abriram a lateral do porão e começaram a retirar os sobreviventes. Estavam imundos e apavorados, mas todos muito vivos. Três mulheres, seis crianças e um homem.

— Tio Cholie! — gritou Arlen. Sua mãe chegou lá num instante, abraçando o irmão, que estava caído, embriagado. Arlen correu até eles, encaixando-se sob o outro braço do tio para equilibrá-lo.

— Cholie, o que está fazendo aqui? — perguntou Silvy. Cholie raramente deixava sua oficina na Praça da Cidade. A mãe de Arlen havia contado mil vezes a história de como ela e o irmão haviam administrado a oficina do ferrador de cavalos juntos antes que Jeph começasse a quebrar as ferraduras de propósito para justificar sua ida para flertar com ela.

— Vim cortejar a Ana Lenhador — murmurou Cholie. Ele puxou o próprio cabelo, já tendo arrancado vários tufos. — Tínhamos acabado de abrir o refúgio quando vieram através das proteções… — Seus joelhos vacilaram, puxando Arlen e Silvy para baixo com seu peso. Ajoelhando-se na terra, ele chorou.

Arlen olhou os outros sobreviventes. Ana Lenhador não estava entre eles. Sua

garganta apertou-se quando a crianças passaram. Ele conhecia todas elas, assim como suas famílias e como aquelas casas eram por dentro e por fora, além do nome dos animais. Eles fitaram seus olhos por um segundo quando passavam e naquele momento ele viveu o ataque através daqueles olhos. Viu a si mesmo empurrado para um buraco apertado no chão, enquanto aqueles que não conseguiam se encaixar se viravam para encarar os terraítas e o fogo. De repente, começou a ofegar, incapaz de parar, até Jeph dar um tapa em suas costas e trazê-lo de volta ao mundo real.

Estavam terminando uma refeição fria no meio do dia quando uma trombeta soou no outro extremo do Riacho.

— Dois em um dia? — engasgou-se Silvy, cobrindo a boca.

— Ai, ai — bufou Selia. — No meio do dia? Use a cabeça, menina!

— Então o quê…?

Selia ignorou-a, erguendo-se para buscar um trombeteiro e responder ao sinal. Keven Pantanoso estava com a trombeta pronta, como o pessoal do Charco Pantanoso sempre fazia. Era fácil se separar do grupo nos pântanos e ninguém queria ficar perdido a esmo quando os demônios do pântano se erguiam. As bochechas de Keven inflaram como papo de sapo quando ele soprou uma série de notas.

— Trombeta de mensageiro — Coran Pantanoso informou a Silvy. De barba grisalha, ele era o porta-voz do Charco Pantanoso e pai de Keven. — Provável que tenham visto fumaça. Keven tá falando pra eles o que aconteceu e onde tá todo o mundo.

— Um mensageiro na primavera? — perguntou Arlen. — Pensei que vinham no outono, depois da colheita. Acabamos de semear na lua passada!

— O mensageiro não veio no último outono — falou Coran, cuspindo um suco amarronzado e espumoso das raízes que estava mastigando através da falha dos dentes que faltavam. — A gente ficou preocupado que tivesse acontecido alguma coisa. Pensou que talvez não teria um mensageiro para trazer sal até o próximo outono. Ou talvez que os terraítas tivessem alcançado as Cidades Livres e deixado a gente isolado.

— Os mensageiros nunca conseguiriam chegar às Cidades Livres — disse Arlen.

— Arlen, cala a boca! — chiou Silvy. — Ele é seu mais velho!

— Deixa o garoto falar — disse Coran. — Já esteve numa Cidade Livre, garoto? — perguntou para Arlen.

— Não — admitiu o garoto.

— Conhece alguém que já esteve?

— Não — repetiu Arlen.

— Então o que o faz pensar que é especialista? — perguntou Coran. — Ninguém foi lá, exceto os mensageiros. São os únicos com coragem suficiente para ir tão longe à noite. Quem pode dizer que as Cidades Livres não são apenas lugares como o Riacho? Se os terraítas podem chegar até aqui, podem chegar lá também.

— O velho Leitão é das Cidades Livres — falou Arlen. Rusco Leitão era o homem mais rico do Riacho. Era dono do armazém-geral, centro de todo o comércio no Riacho de Tibbet.

— Ah, é — falou Coran —, e o velho Leitão me contou, anos atrás, que uma viagem foi o bastante pra ele. Quis voltar lá depois de uns anos, mas disse que não valia a pena o risco. Então pergunte pra ele se as Cidades Livres são mais seguras que qualquer outro lugar.

Arlen não quis acreditar naquilo. Tinha de existir lugares seguros no mundo. Mas, novamente, a imagem dele sendo lançado ao porão passou por sua mente e ele sabia que nenhum lugar era seguro.

O mensageiro chegou uma hora depois. Era um homem alto, com trinta e poucos anos, cabelo castanho cortado bem rente e uma barba curta, espessa. Presa ao redor dos ombros largos havia uma cota de malha de aço. Ele também vestia um manto longo, escuro, com calças e botas de couro grosso. Sua égua era um corcel castanho, elegante. Amarrado à sela do cavalo havia um suporte com muitas lanças diferentes presas. Seu rosto estava sério quando se aproximou, mas os ombros eram altos e orgulhosos. Passou os olhos pela multidão e identificou a porta-voz facilmente, pois ela estava dando ordens. Voltou seu cavalo na direção dela.

Acompanhando-o alguns passos atrás, numa carroça bem-carregada puxada por um par de mulas castanho-escuras, estava o menestrel. Suas roupas eram feitas de retalhos brilhantes e coloridos, e tinha um alaúde ao lado sobre o banco. Os cabelos eram de uma cor que Arlen nunca tinha visto antes, como uma cenoura pálida, e a pele era tão clara que parecia nunca ter sido tocada pelo sol. Seus ombros estavam prostrados e ele parecia completamente exausto.

Sempre vinha um menestrel com o mensageiro anual. Para as crianças, e para alguns adultos, o menestrel era o mais importante dos dois. Pois, pelo que Arlen conseguia se lembrar, era sempre o mesmo homem, de cabelos grisalhos, mas lépido e cheio de alegria. Este novo era mais jovem e parecia triste. As crianças correram até ele de imediato e o jovem menestrel animou-se, a frustração evaporou do seu rosto tão rapidamente que Arlen começou a duvidar que ela tivesse mesmo estado lá. Num instante, o menestrel estava fora da carroça fazendo malabarismos com bolas coloridas, enquanto as crianças comemoravam.

Arlen e os outros largaram os seus trabalhos, seguindo na direção dos recém-

chegados. Selia recuou, sem deixá-los prosseguir.

— O dia não fica mais longo porque o mensageiro chegou! — bronqueou. — Voltem ao trabalho!

Houve grunhidos, mas todos voltaram ao trabalho.

— Você não, Arlen — disse Selia. — Venha aqui.

Arlen tirou os olhos do menestrel e foi até ela quando o mensageiro chegou.

— Selia Seca? — perguntou o mensageiro.

— Apenas Selia — respondeu ela, recatada. Os olhos do mensageiro arregalaram-se e ele enrubesceu, o alto de suas bochechas pálidas agora em brasas sobre a barba. Ele desceu do cavalo e curvou-se.

— Perdão — disse ele. — Não pensei que… Graig, seu mensageiro de costume, me disse que a senhora era conhecida assim.

— É agradável saber o que Graig pensa de mim após todos esses anos — disse Selia, soando totalmente desapontada.

— Pensava — corrigiu o mensageiro. — Ele morreu, senhora.

— Morreu? — perguntou Selia, parecendo repentinamente triste. — Foram…?

O mensageiro balançou a cabeça negativamente.

— Uma friagem o pegou, não os terraítas. Sou Ragen, seu mensageiro deste ano, enviado por graça de sua viúva. A Guilda selecionará um novo mensageiro para vocês, a começar no próximo outono.

— Um ano e meio até recebermos o próximo mensageiro? — perguntou Selia, soando como se preparasse uma bronca. — Mal conseguimos nos virar no inverno passado sem o sal restante. Sei que vocês veem como algo natural em Miln, mas metade de nossa carne e peixes estragou por falta de conservação adequada. E nossas cartas?

— Desculpe, senhora — falou Ragen. — Suas aldeias ficam muito longe das estradas comuns e pagar um mensageiro para se comprometer por mais de um mês de viagem todo ano é caro. A Guilda de Mensageiros está com falta de mão de obra depois que Graig pegou aquela friagem. — Ele deu uma risadinha e sacudiu a cabeça, mas percebeu que o rosto de Selia turvou-se em resposta. — Sem ofensas, senhora. Era meu amigo também. É que… não há muitos de nós, mensageiros, com teto em cima, uma cama abaixo e uma jovem mulher ao lado. A Noite, em geral, costuma nos pegar antes disso, entende?

— Sim — respondeu Selia. — O senhor tem mulher, Ragen?

— Sim — disse o mensageiro —, embora, para o prazer dela e minha dor, eu veja minha égua mais que minha esposa. — Ele riu, confundindo Arlen, que não pensava que ter uma mulher que não sentisse saudades fosse engraçado.

Selia pareceu não notar.

— E se não pudesse vê-la de forma alguma? — perguntou ela. — E se tudo que tivesse fossem cartas uma vez ao ano para comunicar-se com ela? Como se sentiria se soubesse que suas cartas atrasariam metade do ano? Nesta cidade, há

pessoas com parentes nas Cidades Livres. Partiram com um mensageiro ou outro, alguns há mais de duas gerações. Essas pessoas não voltarão para casa, Ragen. As cartas são tudo que temos delas e vice-versa.

— Concordo plenamente com a senhora — falou Ragen —, mas a decisão não é minha. O duque…

— Mas você falará com o duque quando retornar, certo? — perguntou Selia.

— Falarei.

— Devo escrever a mensagem para você? — voltou a perguntar.

Ragen sorriu.

— Acredito que conseguirei lembrar, senhora.

— Estou certa de que sim.

Ragen fez uma nova reverência, ainda maior.

— Desculpe por chegar num dia tão obscuro — falou ele, os olhos voltando-se rapidamente para a pira funerária.

— Não podemos dizer à chuva quando vir, nem ao vento, tampouco ao frio — respondeu Selia. — Nem mesmo aos terraítas. E a vida deve continuar, apesar de tudo.

— A vida continua — concordou Ragen —, mas, se houver qualquer coisa que eu ou meu menestrel possamos fazer para ajudar, tenho costas fortes e já tratei de feridas feitas por terraítas muitas vezes.

— Seu menestrel já está ajudando — disse Selia, meneando a cabeça para o jovem que cantava e fazia truques —, distraindo os menores enquanto os parentes fazem seu trabalho. Quanto a você, eu teria muitos afazeres nos próximos dias, se não tivéssemos de nos recuperar das perdas. Não terei tempo de entregar a correspondência e ler as cartas para aqueles que não sabem as letras.

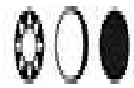
— Posso ler para aqueles que não sabem, senhora — falou Ragen —, mas não conheço muito sua cidade para distribuir a correspondência.

— Não precisa — disse Selia, empurrando Arlen para a frente. — O Arlen aqui levará o senhor até o armazém-geral, na Praça da Cidade. Dê as cartas e pacotes a Rusco Leitão quando entregar o sal. A maioria das pessoas virá correndo, agora que o sal chegou, e Rusco é um dos poucos na cidade que sabe as letras e os números. O velho patife reclamará e tentará insistir para receber pagamento, mas diga a ele que, em momentos de dificuldade, a cidade inteira precisa ajudar. Diga a ele para entregar as cartas e as ler para aqueles que não podem, ou não erguerei um dedo da próxima vez que a cidade quiser botar uma corda ao redor do pescoço dele.

Ragen olhou bem para Selia, talvez tentando perceber se ela estava brincando ou não, mas seu rosto sério não dava nenhuma indicação. Ele repetiu a mesura.

— Então apressem-se — disse Selia. — Mexam-se e os dois estarão de volta quando todos estiverem prontos para partir à noite. Se o senhor e seu menestrel

não quiserem pagar a Rusco por um quarto, qualquer um de nós ficará feliz em oferecer nosso lar. — Ela enxotou os dois e voltou para brigar com aqueles que pararam o trabalho para encarar os recém-chegados.



— Ela é sempre assim… mandona? — perguntou Ragen enquanto caminhava ao lado de Arlen até onde o menestrel estava fazendo mímica para as crianças menores. O restante já havia voltado ao trabalho.

Arlen bufou.

— Devia ouvir ela falar com os velhos. Tem sorte por não ter sido esfolado vivo quando a chamou de "Seca".

— Graig disse que todos chamavam ela assim — comentou Ragen.

— É verdade — concordou Arlen —, mas não na cara dela, a menos que queira saber o que é pegar um terraíta pelos chifres. Ninguém fica parado quando Selia manda.

Ragen deu uma risadinha.

— E é uma filha velha, além disso — pensou ele em voz alta. — De onde venho, apenas as Mães esperam que todos se mexam ao seu comando.

— Que diferença isso faz? — quis saber Arlen.

Ragen ergueu os ombros.

— Acho que não sei — confessou ele. — É como as coisas funcionam em Miln. As pessoas fazem o mundo girar e as Mães fazem as pessoas, então elas conduzem a dança.

— Não é assim aqui — falou Arlen.

— Nunca é nas cidades pequenas — observou Ragen. — Não há gente o bastante para dispensar. Mas as Cidades Livres são diferentes. Além de Miln, nenhuma das outras dá às mulheres muita voz.

— Isso parece tão idiota quanto — murmurou Arlen.

— E é — concordou Ragen.

O mensageiro parou e entregou a Arlen as rédeas do corcel.

— Espere aqui um minuto — disse ele, e foi até o menestrel. Os dois homens afastaram-se para conversar. Arlen viu o rosto do menestrel mudar novamente, ficando nervoso, em seguida petulante e, por fim, resignado enquanto tentava argumentar com Ragen, cujo rosto permaneceu sério o tempo todo.

Sem tirar o olhar fulminante do menestrel, o mensageiro fez um sinal para Arlen, que trouxe o cavalo até eles.

— …e não me importa o quanto esteja cansado — dizia Ragen, sua voz um sussurro ríspido —, essas pessoas têm um trabalho horrível a fazer. Se você precisar dançar e brincar a tarde inteira para manter as crianças ocupadas enquanto eles trabalham, então é melhor que o faça. Agora melhore essa cara e

trabalhe! — Ele arrancou as rédeas de Arlen e lançou-as para o homem.

Arlen deu uma boa olhada para o rosto do jovem menestrel, cheio de indignação e medo, antes que o homem o notasse. No segundo em que percebeu que estava sendo observado, o rosto do homem mudou e, um momento depois, era o camarada animado e alegre que dançava para as crianças.

Ragen levou Arlen até a carroça e os dois subiram. Ragen estalou as rédeas e eles voltaram para a via de terra que levava até a estrada principal.

— Por que estavam brigando? — perguntou Arlen quando a carroça avançou, sacudindo.

O mensageiro paraou e olhou para ele um momento, em seguida deu de ombros.

— É a primeira vez de Keerin tão longe da cidade — falou ele. — Foi bastante corajoso quando éramos um grupo. Ele tinha uma carroça coberta para dormir, mas quando deixamos o restante da nossa caravana para trás, em Angiers, não foi mais o mesmo. Tinha arrepios diurnos com os terraítas e isto fez dele uma companhia terrível.

— Nem parece — falou Arlen, olhando para trás e vendo o homem dando cambalhotas.

— Os menestréis têm seus truques — disse Ragen. — Podem fingir tão bem ser algo que não são que realmente se convencem disso por um tempo. Keerin fingia ser corajoso. A Guilda testou-o para a viagem e ele passou, mas você nunca sabe de verdade como as pessoas reagirão depois de duas semanas na estrada até estarem em uma.

— Como vocês ficam nas estradas à noite? — questionou Arlen. — O pai diz que desenhar proteções na terra é pedir encrenca.

— Seu pai está certo — falou Ragen. — Abra o compartimento que está sob os seus pés.

Arlen o fez e tirou de lá uma bolsa grande de couro suave. Dentro dela, havia uma corda com nós, amarrada com pratos de madeira laqueada maiores que sua mão. Seus olhos se arregalaram quando viu as proteções esculpidas e pintadas na madeira.

De pronto, Arlen sabia o que era: um círculo protetor portátil, grande o bastante para cercar a carroça e outras coisas ao redor.

— Nunca vi algo assim — falou Arlen.

— Não são fáceis de fazer — explicou o mensageiro. — A maioria dos mensageiros passa o treinamento todo dominando a arte. Nenhum vento ou chuva consegue borrar os sinais. Mas, ainda assim, não é o mesmo que ter paredes e uma porta com proteções. Já viu um terraíta cara a cara, garoto? — perguntou ele, virando-se para olhar Arlen com seriedade. — Viu um pulando para cima de você, sem lugar para correr e nada para protegê-lo, exceto uma magia que você não consegue ver?

Ele negou com a cabeça.

— Talvez eu tenha sido duro demais com Keerin. Ele passou bem no teste. Gritou um pouco, mas isso era esperado. Noite após noite é outra coisa. Pesa sobre alguns homens, sempre preocupados que uma folha solta cairá numa proteção e então… — Ele chiou de repente e lançou a mão em garra sobre Arlen, gargalhando quando o garoto teve um sobressalto.

Arlen correu o dedão sobre cada sinal liso, laqueado, sentindo sua força. Havia um dos pratos para cada metro de corda, mais do que haveria em qualquer círculo protetor. Contou mais de quarenta deles.

— Os demônios do vento não conseguem voar para dentro de um círculo tão grande? — perguntou ele. — O pai botou postes para impedir que eles baixassem nos campos.

O homem olhou para ele, um pouco surpreso.

— Seu pai provavelmente está desperdiçando tempo. Demônios do vento são bons no voo, mas precisam de espaço para correr ou algo para escalar e saltar para decolar. Num milharal não há nada disso, então ficam relutantes em pousar, a menos que vejam algo tentador demais para resistir, como algum garotinho dormindo no campo para provar coragem. — Ele olhou para Arlen do mesmo jeito que Jeph fazia quando alertava Arlen que os terraítas não eram brincadeira. Como se ele não soubesse.

— Demônios do vento também precisam girar em grandes arcos — continuou Ragen — e a maioria deles tem uma envergadura de asa maior que este círculo. É possível que um consiga entrar, mas nunca vi acontecer. Mas se acontecer… — Ele apontou para a lança longa e grossa que mantinha perto de si.

— Você mataria um deles com uma lança? — perguntou Arlen.

— Provavelmente não — respondeu Ragen —, mas ouvi dizer que é possível afastá-los prendendo-os contra suas proteções. — Ele riu. — Espero que nunca precise descobrir.

Arlen mirou-o com olhos arregalados.

Ragen devolveu o olhar, seu rosto repentinamente sério.

— Ser mensageiro é um trabalho perigoso, garoto.

Arlen o encarou por um longo tempo.

— Valeria a pena para ver as Cidades Livres — falou ele, por fim. — Diga a verdade, como é Forte Miln?

— É a cidade mais rica e mais bonita do mundo — respondeu Ragen, erguendo a manga de malha de metal para revelar uma tatuagem no antebraço de uma cidade encrustada entre duas montanhas. — As Minas do Duque são ricas em sal, metal e carvão. Suas muralhas e telhados são tão bem protegidos que as proteções domésticas mal são testadas. Quando o sol brilha em suas muralhas, deixa até as montanhas envergonhadas.

— Nunca vi uma montanha — falou Arlen, maravilhado, enquanto ele corria o

dedo pela tatuagem. — Meu pai diz que são apenas colinas grandes.

— Vê aquela colina? — perguntou Ragen, apontando ao norte.

Arlen assentiu.

— Colina do Lamaçal. Lá de cima dá para ver o Riacho todo.

Ragen meneou a cabeça.

— Sabe o que "centena" significa, Arlen? — perguntou ele.

Arlen assentiu novamente e respondeu:

— Dez pares de mãos.

— Bem, mesmo uma montanha pequena é maior do que uma centena de Colinas do Lamaçal empilhadas; as montanhas de Miln não são pequenas — falou Ragen.

Os olhos de Arlen se arregalaram enquanto tentava imaginar.

— Devem tocar o céu — disse ele.

— Algumas ficam acima dele — gabou-se Ragen. — Sobre elas, é possível olhar as nuvens de cima.

— Um dia quero ver isso — decidiu Arlen.

— Pode entrar na Guilda dos Mensageiros quando tiver idade suficiente — aconselhou Ragen.

Arlen sacudiu a cabeça e retrucou:

— O pai diz que quem vai embora é desertor. Ele sempre cospe quando fala isso.

— Seu pai não sabe do que está falando — respondeu Ragen. — Cuspir não torna as coisas verdadeiras. Sem os mensageiros, até mesmo as Cidades Livres desmoronariam.

— Pensei que as Cidades Livres eram seguras — falou Arlen.

— Nenhum lugar é seguro, Arlen. Não mesmo. Miln tem mais pessoas e pode absorver as mortes com mais facilidade que um lugar como o Riacho de Tibbet, mas os terraítas cobram seu preço todos os anos.

— Quantas pessoas moram em Miln? — perguntou Arlen. — Temos novecentas pessoas no Riacho de Tibbet e o Pasto Ensolarado lá em cima parece ter o mesmo tamanho.

— Temos mais de trinta mil em Miln — falou Ragen com orgulho.

Arlen olhou para ele, confuso.

— Um mil são dez centenas — explicou o mensageiro.

Arlen pensou por um momento. Em seguida, mexeu a cabeça e falou:

— Não tem tudo isso de gente no mundo.

— Tem muito mais — respondeu Ragen. — Tem um mundo inteiro lá fora para aqueles que desejarem desbravar a escuridão.

Arlen não respondeu e eles passaram um tempo em silêncio.

Levou cerca de uma hora e meia para a carroça chegar à Praça da Cidade. No centro do Riacho, a Praça da Cidade tinha uma dúzia de casas de madeira

protegidas para aqueles cujo trabalho não exigia ir para os campos ou arrozais, pescar ou cortar madeira. Ali se encontravam o alfaiate e o padeiro, o ferreiro, o tanoeiro e os outros trabalhadores.

No centro, ficavam a praça, onde as pessoas se reuniam, e o maior prédio do Riacho, o armazém-geral. Havia um salão grande e aberto na frente, que abrigava mesas e o bar, um estoque ainda maior nos fundos e um porão, abarrotado com a maioria das coisas de valor do Riacho.

A cozinha era liderada pelas filhas de Leitão, Dasy e Catrin. Dois créditos pagavam uma refeição de deixar qualquer um estufado, mas Silvy chamava o velho Leitão de trapaceiro, pois dois créditos podiam comprar grãos suficientes para uma semana. Ainda assim, muitos dos homens solteiros pagavam o preço, nem todos apenas pela comida. Dasy era feiosa e Catrin gorda, mas tio Cholie disse que os homens que se casassem com elas estavam com a vida feita.

Todos no Riacho levavam seus produtos para os Leitão, fosse milho, carne ou peles, louças ou tecidos, mobília ou ferramentas. Leitão recebia os produtos, contava-os e dava aos clientes créditos para comprar outras coisas na loja.

No entanto, as coisas sempre pareciam custar muito mais do que o Leitão pagava por elas. Arlen sabia bem os números para ver isso. Havia brigas memoráveis quando as pessoas apareciam para vender, mas Leitão determinava os preços e, em geral, conseguia o que pedia. Quase todo o mundo odiava o Leitão, mas precisava dele também, e era mais provável que as pessoas limpassem seu casaco e abrissem as portas para ele em vez de cuspirem quando passasse.

Todos no Riacho trabalhavam de sol a sol e mal tinham o bastante para sobreviver, mas Leitão e suas filhas sempre estavam com as bochechas rosadas, as barrigas redondas e roupas novas e limpas. Arlen precisava se enrolar num tapete sempre que a mãe lavava suas roupas.

Ragen e Arlen amarraram as mulas na frente do armazém e entraram. O bar estava vazio. Em geral, o ar dentro da taverna cheirava a gordura de porco, mas não havia cheiro de comida vindo da cozinha naquele dia.

Arlen correu à frente do mensageiro até o balcão. Rusco tinha uma pequena campainha de bronze lá, trazida quando voltou das Cidades Livres. Arlen amava aquela campainha. Bateu com a mão sobre ela e sorriu com o som claro.

Um baque veio dos fundos e Rusco passou pelas cortinas ao fundo do balcão. Era um homem grande, ainda forte e empertigado aos sessenta anos, mas uma pança mole pendia sobre o cós da calça e seu cabelo cinza-metálico rareava cada vez mais na testa enrugada. Usava calças leves e sapatos de couro com uma camisa branca de algodão, as mangas enroladas até a metade dos antebraços grossos. Seu avental branco era imaculado, como sempre.

— Arlen Fardos — disse Rusco com um sorriso paciente, encarando o garoto. — Veio apenas tocar a campainha ou tem algum assunto a tratar?

— O assunto é meu — respondeu Ragen, avançando. — O senhor é Rusco Leitão?

— Apenas Rusco — disse o homem. — O povo da cidade enfiou esse "Leitão", mas não falam na minha cara. Não aguentam ver um homem próspero.

— É a segunda vez hoje — pensou Ragen alto.

— Como? — perguntou Rusco.

— A segunda vez que o diário de viagem de Graig me deixou em maus lençóis — falou Ragen. — Chamei Selia de "Seca" na cara dela esta manhã.

— Ai! — disse Rusco, rindo. — Chamou? Bem, isso vale uma bebida por conta da casa, se de fato chamou. Qual o nome do senhor mesmo?

— Ragen — respondeu o mensageiro, soltando sua mochila pesada e sentando-se na frente do balcão. Rusco tocou um barril e pegou uma caneca de madeira de um gancho.

A cerveja era grossa e tinha cor de mel, e espumou branca na boca da caneca. Rusco encheu uma para Ragen e outra para si mesmo. Em seguida, olhou para Arlen e encheu um copinho.

— Leve isso para a mesa e deixe seus mais velhos conversarem no balcão — disse ao garoto. — E, se tiver um pouco de juízo, não vai dizer a sua mãe que lhe dei isso.

Arlen sorriu e correu com seu prêmio antes que Rusco tivesse a chance de reconsiderar. Roubava um gole de cerveja do pai nos festivais, mas nunca tivera um copo só para si.

— Estava começando a me preocupar, achando que ninguém viria novamente — ouviu Rusco falar com Ragen.

— Graig pegou uma friagem pouco antes de sair no último outono — falou Ragen, dando um grande gole. — Seu ervanário lhe disse para interromper a viagem até melhorar, mas o inverno começou e ele piorou. Acabou me pedindo para assumir sua rota até a Guilda encontrar outro. Bem, eu precisava levar uma caravana de sal para Angiers, então acrescentei uma carroça e desviei o caminho para cá antes de partir de volta para o norte.

Rusco deu um gole na caneca e encheu-a de novo.

— A Graig — falou —, um excelente mensageiro e um regateador perigoso. — Ragen assentiu e os dois homens brindaram e beberam.

— Outra? — perguntou Rusco quando Ragen bateu sua caneca sobre o balcão.

— Graig escreveu no seu diário que o senhor era um regateador perigoso também — falou Ragen — e que tentaria me embebedar.

Rusco deu uma risadinha e encheu a caneca novamente.

— Depois de regatear, não precisarei servir bebidas por conta da casa — retrucou, entregando a caneca para Ragen.

— Vai precisar, se quiser que a correspondência chegue a Miln — falou Ragen

com um sorriso, aceitando a bebida.

— Posso ver que o senhor será tão durão quanto Graig — resmungou Rusco, enchendo a própria caneca. — Aqui — falou ele quando a espuma transbordou — podemos regatear bêbados. — Eles riram e brindaram novamente.

— Quais são as notícias das Cidades Livres? — perguntou Rusco. — Os krasianos ainda estão determinados a se destruir?

Ragen deu de ombros.

— Pelo que me disseram. Parei de ir para Krasia uns anos atrás, quando me casei. Longe e perigoso demais.

— Então o fato de eles cobrirem suas mulheres com cobertores não tem nada a ver com isso? — perguntou Rusco.

Ragen gargalhou.

— Não ajuda, mas muito mais porque a maioria pensa que o pessoal do norte, mesmo os mensageiros, são covardes por não passarem as noites tentando ser mortos pelos terraítas.

— Talvez fossem menos inclinados a lutar se olhassem mais suas mulheres — pensou Rusco em voz alta. — E Angiers e Miln? Os duques ainda estão brigando?

— Como sempre — falou Ragen. — Euchor precisa da madeira de Angiers para abastecer suas refinarias e de cereais para alimentar seu povo. Rhinebeck precisa do metal e do sal de Miln. Precisam negociar para sobreviver, mas em vez de facilitarem a própria vida passam todo o tempo tentando enganar um ao outro, especialmente quando um carregamento é perdido para os terraítas na estrada. No último verão, os demônios atingiram uma caravana de aço e sal. Mataram os cocheiros, mas deixaram a maior parte da carga intacta. Rhinebeck recolheu-a e recusou-se a pagar, reivindicando direitos de salvação.

— O duque Euchor deve ter ficado furioso — falou Rusco.

— Furibundo — concordou Ragen. — Fui eu que levei as novas para ele. Ficou com o rosto vermelho e jurou que Angiers não veria nenhuma pitada de sal até Rhinebeck pagar.

— Rhinebeck pagou? — perguntou Rusco, inclinando-se para a frente, curioso. Ragen negou com a cabeça.

— Esforçaram-se para matar um ao outro de fome por alguns meses e em seguida a Guilda de Mercadores pagou, mas apenas para despachar seus carregamentos antes que o inverno chegasse e eles apodrecessem nos armazéns. Rhinebeck está com raiva deles agora, pois cederam a Euchor, mas ele livrou a cara e os carregamentos estão de novo em movimento, que é tudo o que importa para qualquer um que não aqueles dois cães danados.

— Cuidado com o nome que dá aos duques — alertou Rusco —, mesmo tão longe.

— Quem vai lhes contar? — perguntou Ragen. — O senhor? O garoto?

Ele apontou para Arlen. Os dois gargalharam.

— E agora tenho de levar a Euchor notícias de Pontefluente, o que vai piorar as coisas — comentou Ragen.

— A cidade às margens de Miln — disse Rusco —, quase um dia de Angiers. Tenho contatos lá.

— Não mais — disse Ragen, enfático, e os homens ficaram quietos por um momento. — Chega de más notícias — continuou, erguendo sua bolsa até o balcão. Rusco olhou-a com desconfiança.

— Isso não parece sal — disse o homem — e duvido que tenha tanta correspondência.

— Vocês têm seis cartas e uma dúzia de pacotes — disse Ragen, entregando a Rusco um bolo de papéis dobrados. — Está tudo listado aqui, junto com todas as outras cartas na bolsa e os pacotes na carroça a serem distribuídos. Dei a Selia uma cópia da lista — alertou.

— O que eu vou querer com essa lista ou com sua bolsa de correspondência? — perguntou Rusco.

— A porta-voz está ocupada. Ela não poderá distribuir a correspondência e ler para quem não sabe as letras e, portanto, indicou o senhor como voluntário.

— E como serei compensado por passar meu expediente lendo para os aldeões? — perguntou Rusco.

— A satisfação de fazer uma boa ação aos seus vizinhos? — perguntou Ragen.

Rusco roncou e respondeu:

— Não vim para o Riacho de Tibbet para fazer amigos. Sou um comerciante e faço muito por esta cidade.

— Faz? — perguntou Ragen.

— E como — disparou Rusco. — Antes de eu chegar neste povoado, tudo que faziam eram *escambo*. — Ele fez a palavra parecer uma praga e cuspiu no chão. — Eles coletavam os frutos do seu trabalho e se juntavam na praça todo sétimo dia, discutindo sobre quantos feijões uma espiga de milho valia ou quanto arroz precisavam entregar ao tanoeiro para fazer um barril para botar arroz dentro. Caso não se conseguisse o que se precisava no sétimo dia, era necessário esperar até a semana seguinte ou ir de porta em porta. Agora todo o mundo vem até aqui, a qualquer dia, a qualquer hora, do raiar ao cair do sol, e negocia por créditos para conseguir o que precisam.

— O salvador da cidade — disse Ragen, irônico. — E o senhor não pede nada em troca?

— Nada além de um lucro satisfatório — retrucou Rusco sorrindo.

— E quantas vezes os aldeões tentaram enforcá-lo por uma trapaça? — perguntou Ragen.

Os olhos de Rusco apertaram-se. Ele então respondeu:

— Muitas vezes, considerando que metade deles não consegue contar os próprios dedos e a outra metade pode apenas contar os dedos das mãos e dos pés.

— Selia disse que, na próxima vez que isso acontecer, você estará por sua conta — a voz amigável de Ragen de repente ficou rude. — A menos que você faça sua parte. Há muita gente no outro canto da cidade sofrendo coisas piores do que ter de ler cartas.

Rusco franziu a testa, mas pegou a lista e carregou a sacola pesada para o seu estoque.

— Diga, foi muito ruim mesmo? — perguntou ele quando retornou.

— Muito — disse Ragen. — Vinte e sete até agora e alguns perdidos.

— Pelo Criador — praguejou Rusco, desenhando uma proteção no ar diante de si. — Eu tinha pensado numa família, no pior dos casos.

— Antes fosse — Ragen disse.

Os dois ficaram em silêncio por um instante, como mandava a decência, em seguida ergueram os olhos um para o outro.

— Trouxe o sal deste ano? — perguntou Rusco.

— Está com o arroz do duque? — devolveu a pergunta Ragen.

— Está estocado desde o início do inverno, o senhor atrasou tanto — disse Rusco.

Os olhos de Ragen estreitaram-se.

— Ah, ainda está bom! — falou Rusco, as mãos erguendo-se num repente, como se suplicasse. — Mantive selado e seco, e não há insetos no meu porão!

— Preciso ter certeza, o senhor me entende — disse Ragen.

— Claro, claro — disse Rusco. — Arlen, busque aquele lampião! — ordenou, apontando ao garoto o canto do balcão.

Arlen correu até o lampião, pegando o acendedor. Acendeu o pavio e baixou a cúpula de vidro de forma reverente. Nunca haviam confiado nele para segurar num vidro antes. Era mais frio do que ele imaginava, mas rapidamente esquentava ao passo que a chama o lambia.

— Leve até lá embaixo, no porão, para nós — ordenou Rusco. Arlen tentou conter seu entusiasmo. Sempre quisera olhar por trás do balcão. Diziam que, se todos no Riacho colocassem todas as suas posses em uma pilha, não seriam páreo para as maravilhas do porão do Leitão.

Ele observou quando Rusco puxou uma argola no assoalho, abrindo um largo alçapão. Arlen avançou rapidamente, com medo de que o velho Leitão mudasse de ideia. Ele desceu os degraus estalantes, segurando alto o lampião para iluminar o caminho. Enquanto o fazia, a luz tocava as pilhas de caixas e barris do chão ao teto, correndo em fileiras niveladas que se estendiam até onde a luz alcançava. O chão era de madeira para evitar que os terraítas entrassem diretamente das Profundas para o porão, mas havia também proteções esculpidas nas prateleiras que ocupavam as paredes. O velho Leitão era cuidadoso com seus tesouros.

O dono do armazém conduziu-os pelos corredores até os barris selados ao

fundo.

— Parecem intactos — disse Ragen, inspecionando a madeira. Pensou por um momento, em seguida escolheu aleatoriamente. — Aquele — escolheu, apontando um barril.

Rusco resmungou e puxou o barril em questão. Algumas pessoas diziam que seu trabalho era fácil, mas seus braços eram tão fortes e grossos quanto os de qualquer um que batia machados ou foices. Rompeu o selo e abriu a tampa do barril, colhendo arroz numa panela rasa para Ragen inspecioná-lo.

— Arroz de Charco bom — disse ao mensageiro — e sem nenhum caruncho, nem sinal de apodrecimento. Chegará a um preço alto em Miln, especialmente depois de tanto tempo.

Ragen resmungou e meneou a cabeça, então o barril foi liberado e eles voltaram para o andar de cima.

Discutiram por algum tempo sobre quantos barris de arroz valiam os pesados sacos de sal que estavam na carroça. No final, nenhum dos dois pareceu feliz, mas apertaram as mãos em sinal de negócio fechado.

Rusco chamou as filhas e todos foram até a carroça para começar a descarregar o sal. Arlen tentou erguer um saco, mas era pesado demais. Ele cambaleou e caiu, soltando-o.

— Tome cuidado! — bronqueou Dasy, batendo na cabeça do rapaz.

— Se não pode erguer, então vá para a porta! — gritou Catrin. Ela mesma tinha um saco sobre o ombro e outro enfiado sob o braço rechonchudo. Arlen ergueu-se e correu para segurar o portão para ela.

— Busque Ferd Moleiro e diga que pagaremos cinco… quer dizer, quatro créditos para cada saca que ele moer — disse Rusco a Arlen. Quase todo o mundo no Riacho trabalhava para o Leitão, de um jeito ou de outro, o povo da Praça principalmente. — Cinco se ele acomodar em barris com arroz para mantê-lo seco.

— Ferd está fora, no Casario — disse Arlen. — Assim como a maioria das pessoas.

Rusco resmungou, mas não respondeu. Logo a carroça ficou vazia, exceto por algumas caixas e sacas que não continham sal. As filhas de Rusco olharam-nas com avidez, mas não disseram nada.

— Vamos trazer o arroz do porão hoje à noite e mantê-lo no quarto dos fundos até o senhor estar pronto para voltar a Miln — disse Rusco quando o último saco foi levado para dentro.

— Fico agradecido — disse Ragen.

— Os negócios com o duque estão fechados então? — perguntou Rusco com um sorrisinho, seus olhos passando rapidamente sobre os itens que permaneceram na carroça.

— Os negócios com o duque sim — disse Ragen, abrindo um sorriso de volta.

Arlen esperava que lhe dessem outra cerveja enquanto regateavam. A bebida fizera com que ele se sentisse zonzo, como se tivesse uma friagem, mas sem a tosse, os espirros e as dores. Gostava da sensação e queria experimentá-la novamente.

Ele ajudou a carregar o restante dos produtos para a taverna e Catrin ofereceu um prato de sanduíches grossos com carne. Arlen recebeu um segundo copo de cerveja para acompanhar os sanduíches e o velho Leitão lhe disse que ele teria dois créditos no livro por seu trabalho.

— Não vou contar aos seus pais — disse Leitão —, mas, se gastar em cerveja e eles o pegarem, você vai ter de amenizar a culpa que sua mãe vai botar em mim. — Arlen assentiu com entusiasmo. Nunca antes tivera créditos seus para gastar no armazém.

Depois do lanche, Rusco e Ragen foram até o balcão e abriram os outros itens que o mensageiro levara. Os olhos de Arlen arregalaram-se para cada tesouro que foi apresentado. Havia rolos de tecido mais fino que qualquer coisa que já tinha visto; ferramentas e pinos de metal, cerâmicas e especiarias exóticas. Havia até mesmo algumas taças feitas de vidro claro, reluzente.

Leitão parecia menos impressionado.

— Graig veio com um carregamento melhor ano passado. Eu lhe darei… cem créditos pelo lote. — O queixo de Arlen caiu. Cem créditos! Ragen poderia comprar metade do Riacho com isso.

Mas Ragen não se empolgou com a oferta. Seus olhos ficaram sérios novamente e ele bateu a mão na mesa. Dasy e Catrin, que estavam limpando, ergueram os olhos com o barulho.

— Para as Profundas com seus créditos! — vociferou Ragen. — Não sou um dos seus camponeses e a menos que queira que a Guilda o conheça por ser um trapaceiro você não vai me confundir com um deles de novo.

— Sem ofensas! — Rusco gesticulou no ar, daquele seu jeito apaziguador e dando um risinho. — Precisava tentar… o senhor entende. Eles ainda gostam de ouro lá em Miln? — perguntou com um sorriso astuto.

— Como em qualquer lugar — disse Ragen. Ainda estava de cenho franzido, mas a raiva havia se esvaído da voz.

— Não aqui — disse Rusco. Ele foi até os fundos, por trás da cortina, e eles conseguiram ouvi-lo fuçando nas coisas, erguendo a voz para ainda ser ouvido. — Aqui, se você não pode comer alguma coisa, ou vestir, pintar uma proteção ou usar algo para cultivar seu campo, não vale de muita coisa. — Ele voltou um momento depois com um grande saco de pano que pousou no balcão com um retinido.

— As pessoas aqui esqueceram que o ouro move o mundo — continuou, pegando a bolsa e tirando duas moedas amarelas e pesadas, que sacudiu diante do rosto de Ragen. — Os filhos do moleiro estavam usando estas como peças de

jogo! Peças de jogo! Disse a eles que trocava o ouro por um tabuleiro de jogos de madeira esculpida que eu tinha lá nos fundos; pensaram que eu estava lhes fazendo um favor! Ferd até veio aqui no dia seguinte me agradecer! — Ele deu uma gargalhada do fundo da barriga. Arlen sentiu como se devesse ficar ofendido com aquela gargalhada, mas não tinha certeza por quê. Ele brincara com o jogo dos Moleiros muitas vezes e parecia valer mais do que dois discos de metal, por mais brilhantes que pudessem ser.

— Eu trouxe muito mais do que o valor de dois sóis — disse Ragen, sacudindo a cabeça para as moedas e, em seguida, olhando para a bolsa.

Rusco sorriu.

— Não se preocupe — falou, desatando a bolsa por completo. Quando o tecido se abriu no balcão, mais moedas brilhantes apareceram, junto com correntes e anéis e cordões de pedras brilhantes. Tudo era muito bonito, Arlen achou, mas ficou surpreso como os olhos de Ragen se abriram e se revestiram de uma luz cobiçosa.

Novamente negociaram e Ragen ergueu as pedras à luz e mordeu as moedas, enquanto Rusco tateava o tecido e experimentava as especiarias. Era uma confusão para Arlen, cuja cabeça girava com a cerveja. Canecas e mais canecas chegavam até os homens pelas mãos de Catrin, que estava no balcão, mas eles não mostravam sinais de estar tão afetados quanto Arlen.

— Duzentos e vinte sóis de ouro, duas luas de prata, a corrente e três anéis de prata — disse por fim Rusco. — E nem uma luz de cobre a mais.

— Não me surpreende que tenha crescido neste fim de mundo — disse Ragen. — Deviam ter corrido com o senhor da cidade por embuste.

— Insultos não o deixarão mais rico — disse Leitão, confiante de que estava na vantagem.

— Sem riquezas para mim desta vez — disse Ragen. — Tirando meus custos de viagem, todas essas luzes irão para a viúva de Graig.

— Ah, Jenya — falou Rusco, melancólico. — Ela costumava escrever para aqueles que não sabiam as letras em Miln, meu sobrinho idiota entre eles. O que será dela?

Ragen sacudiu a cabeça e falou:

— A Guilda não lhe pagou nada pela viuvez, porque Graig morreu em casa. E, como ela não é Mãe, lhe negarão muitos trabalhos.

— Sinto muito por isso — disse Rusco.

— Graig lhe deixou algum dinheiro — contou Ragen —, embora ele nunca tivesse muito, e a Guilda ainda pagará para que ela escreva. Com o dinheiro desta viagem, ela deve ter o suficiente para viver durante um tempo. Mas é jovem e esse dinheiro acabará, no fim das contas, a menos que ela se case novamente ou encontre uma ocupação melhor.

— E então? — quis saber Rusco.

Ragen deu de ombros.

— Será difícil para ela encontrar um marido novo, já tendo se casado sem ter tido filhos, mas não virará uma mendiga. Meus irmãos de Guilda e eu juramos isso. Um de nós a assumirá como serviçal antes que isso aconteça.

Rusco sacudiu a cabeça.

— Ainda assim, cair da classe de mercador para a de serviçal… — Ele pegou na sacola, muito mais leve, e apresentou um anel com uma pedra transparente e brilhante encrustada nele. — Dê isto a ela — falou Rusco, estendendo o anel.

Mas, quando Ragen estendeu a mão para pegá-lo, Rusco puxou-o de volta num repente e falou:

— Preciso de uma mensagem dela de volta, você me entende. Conheço a letra dela. — Ragen olhou para ele por um momento e Rusco acrescentou rapidamente: — Sem ofensas, claro.

Ragen sorriu.

— Sua generosidade supera seu insulto — falou, tomando o anel. — Isso manterá a barriga dela cheia por meses.

— Sim. Bem, não deixe nenhum dos camponeses ouvir isso ou perco minha reputação de trapaceiro — disse Rusco, grosseiro, recolhendo o restante do conteúdo da bolsa.

— Seu segredo está a salvo comigo — disse Ragen, gargalhando.

— Talvez consiga ganhar um pouco mais para ela — disse Rusco.

— Como?

— As cartas que temos deveriam ter seguido para Miln seis meses atrás. Você fica aqui por uns dias enquanto escrevemos novas cartas e coletamos mais, e talvez ajude a escrever algumas, e eu o remunero. Sem ouro — esclareceu —, mas certamente Jenya poderia usar bem um barril de arroz ou um pouco de peixe ou carne curada.

— Claro que sim.

— Posso encontrar trabalho para o seu menestrel também — acrescentou Rusco. — Ele ficará mais à vontade aqui, na Praça, do que saltando de fazenda em fazenda.

— Fechado — disse Ragen. — Mas Keerin vai pedir ouro.

Rusco lhe lançou um olhar raivoso e Ragen gargalhou.

— Tinha de tentar… o senhor entende! — falou. — Prata, então.

Rusco assentiu.

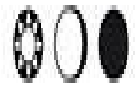
— Pagarei uma lua para cada apresentação. E para cada lua ficarei com uma estrela e ele com as outras três.

— Pensei que havia dito que os aldeões não tinham dinheiro — observou Ragen.

— A maioria não tem — disse Rusco. — Eu vendo luas para eles… digamos, ao custo de cinco créditos.

— Então Rusco Leitão ganha nos dois lados do negócio? — perguntou Ragen.

Leitão sorriu.



Arlen ficou empolgado durante a viagem de volta. O velho Leitão prometera deixá-lo ver o menestrel de graça se espalhasse a notícia de que Keerin faria apresentações na Praça no sol alto do dia seguinte, por cinco créditos ou uma lua de prata de Miln. Ele não teria muito tempo; seus pais estavam se aprontando para ir embora quando ele e Ragen voltaram, mas tinha certeza que poderia espalhar a notícia antes que o arrastassem para a carroça.

— Conte sobre as Cidades Livres — pediu Arlen enquanto avançavam. — Quantas você viu?

— Cinco — disse Ragen —, Miln, Angiers, Lakton, Rizon e Krasia. Há muitas outras além das montanhas e no deserto, mas ninguém que eu conheço já as viu.

— Como são? — perguntou Arlen.

— Forte Angiers, a fortaleza da floresta, fica a sul de Miln, além do rio Divisor — explicou Ragen. — Angiers fornece madeira para outras cidades. Mais ao sul fica o grande lago e na sua superfície está Lakton.

— Lago é como um charco? — perguntou Arlen.

— Um lago é para um charco o que uma montanha é para uma colina — falou Ragen, dando a Arlen um momento para digerir aquela ideia. — Sobre a água, os laktonianos estão seguros contra os demônios do fogo, das rochas e da madeira. Sua rede de proteção é à prova de demônios do vento e nenhum povo consegue se proteger melhor dos demônios da água. São pescadores e milhares nas cidades sulistas dependem deles para conseguir comida. A oeste de Lakton fica o Forte Rizon, que não é tecnicamente um forte, pois é quase possível atravessar as muralhas pulando, mas protege as maiores terras cultiváveis jamais vistas. Sem Rizon, as outras Cidades Livres morreriam de fome.

— E Krasia? — perguntou Arlen.

— Visitei apenas uma vez o Forte Krasia — falou Ragen. — Os krasianos não são receptivos a estrangeiros e você precisa cruzar semanas de deserto para chegar lá.

— Deserto?

— Areia — explicou Ragen. — Nada além de areia por quilômetros em qualquer direção. Sem comida, nem água além da que se carrega, e nada para se proteger do sol escaldante.

— E as pessoas vivem lá? — perguntou Arlen.

— Ah, sim — respondeu Ragen. — Os krasianos costumavam ser mais numerosos que os milneses, mas estão morrendo.

— Por quê?

— Porque eles lutam com os terraítas — comentou Ragen.

Os olhos de Arlen quase saltaram das órbitas.

— Você consegue lutar com os terraítas?

— Você pode combater qualquer coisa, Arlen — respondeu Ragen. — O problema de combater os terraítas é que, muito provavelmente, você vai perder. Os krasianos matam um bocado deles, mas os terraítas se saem melhor. Há cada vez menos krasianos com o passar do tempo.

— Meu pai diz que os terraítas comem sua alma quando te pegam — disse Arlen.

— Besteira! — disse Ragen, cuspindo para o lado da carroça. — Bobagem supersticiosa.

Viraram em uma curva próxima ao Casario quando Arlen percebeu algo pendurado em uma árvore diante deles. Ele perguntou, apontando:

— O que é aquilo?

— Pela Noite — xingou Ragen, e estalou as rédeas, fazendo as mulas galoparem. Arlen foi lançado para trás no banco e levou um momento para se acertar. Quando o fez, olhou para a árvore, que estava se aproximando rápido.

— Tio Cholie! — gritou ele, vendo o homem chutando, enquanto arranhava a corda ao redor do pescoço.

— Socorro! Socorro! — gritou Arlen. Saltou da carroça em movimento, batendo com força no chão, mas se equilibrou e correu na direção de Cholie. Ficou embaixo do homem, mas um dos pés agitados de Cholie acertou-o na boca, derrubando-o. Ele sentiu o gosto de sangue, mas estranhamente não havia dor. Ergueu-se novamente, agarrou as pernas de Cholie e tentou levantá-lo para afrouxar a corda, mas ele era baixo demais e Cholie pesado demais e o homem continuava a engasgar e a se contorcer.

— Ajude aqui! — gritou Arlen para Ragen. — Ele está sufocando! Alguém ajude!

Ele ergueu os olhos para ver Ragen puxando uma lança da parte de trás da carroça. O mensageiro afastou-se e lançou com pouco impulso para o acertar, mas sua mira era boa, cortando a corda e derrubando o pobre Cholie sobre Arlen. Os dois caíram na terra.

Ragen chegou lá num instante, puxando a corda da garganta de Cholie. Não parecia fazer muita diferença, o homem ainda engasgava e arranhava a garganta. Seus olhos estavam tão esbugalhados que pareciam querer saltar da cabeça e o rosto tão vermelho que estava quase púrpura. Arlen gritou quando ele teve um espasmo violento e, então, ficou quieto.

Ragen apertou o peito de Cholie e soprou grandes golfadas de ar dentro dele, mas não teve efeito. No fim, o mensageiro desistiu, desmoronando no chão, praguejando.

A morte não era estranha para Arlen. Aquele espectro era um visitante

habitual do Riacho de Tibbet. Mas uma coisa era morrer com os terraítas ou com uma friagem. Aquilo era diferente.

— Por quê? — perguntou a Ragen. — Por que ele lutou tanto para sobreviver à última noite, apenas para se matar agora?

— Ele lutou? — devolveu a pergunta. — Algum deles realmente lutou? Ou eles correram e se esconderam?

— Eu não… — começou Arlen.

— Esconder-se nem sempre é o bastante, Arlen — interrompeu Ragen. — Às vezes, esconder-se mata algo dentro de você de tal forma que, mesmo se sobreviver aos demônios, não terá sobrevivido de verdade.

— Que mais ele podia ter feito? — perguntou Arlen. — Não dá para lutar contra um demônio.

— Antes lutar com um urso em sua própria caverna — disse Ragen —, mas é possível.

— Mas você disse que os krasianos estão morrendo por causa disso — contestou Arlen.

— E estão — confirmou Ragen. — Mas eles seguem seu coração. Sei que parece loucura, Arlen, mas lá no fundo os homens *querem* lutar, como faziam nas histórias de antigamente. Querem proteger suas mulheres e crianças como homens deveriam fazer. Mas não podem, porque as grandes proteções se perderam, então eles se prendem como lebres engaioladas, escondendo-se, aterrorizados, durante a noite. Mas, às vezes, especialmente quando vê seus entes queridos morrerem, a tensão arrasa a pessoa e ela desmorona.

Ele pousou a mão no ombro de Arlen e disse:

— Sinto muito por você ter de ver isso, rapaz. Sei que não tem muito sentido agora…

— Não — disse Arlen —, tem sim.

E era verdade, Arlen percebeu. Ele entendia a necessidade de lutar. Não esperava vencer quando atacou Cobie e seus amigos naquele dia. No máximo, esperava ser espancado ainda mais que antes. Mas, naquele instante, quando pegou o bastão, ele não se importou. Apenas sabia que estava cansado de aguentar os abusos e quis acabar com aquilo, de um jeito ou de outro.

Era reconfortante saber que não estava sozinho.

Arlen olhou para o tio, que jazia no chão, seus olhos arregalados de medo. Ajoelhou-se e tocou os olhos dele, fechando-os com a ponta dos dedos. Cholie não tinha nada mais a temer.

— Já matou um terraíta? — perguntou ao mensageiro.

— Não — respondeu Ragen, balançando a cabeça. — Mas combati alguns. Tenho cicatrizes para provar. Mas sempre me interessei mais em fugir ou mantê-los longe de outra pessoa do que em matar algum deles.

Arlen pensou sobre aquilo enquanto enrolavam Cholie numa lona e o

colocavam na carroça, seguindo às pressas para o Casario. Jeph e Silvy já haviam arrumado a carroça e esperavam impacientes para partir, mas a visão do corpo dissolveu sua raiva pelo retorno tardio de Arlen.

Silvy urrou e lançou-se sobre o irmão, mas não havia tempo a perder se quisessem voltar à fazenda até o crepúsculo. Jeph teve de contê-la quando o sacerdote Harral pintou uma proteção na lona e fez uma oração enquanto lançava Cholie na pira.

Os sobreviventes que não ficaram na casa de Brine Lenhador dividiram-se e foram abrigados por outros. Jeph e Silvy ofereceram alojamento para duas mulheres. Norine Lenhador tinha mais de cinquenta verões. Seu marido morrera alguns anos antes e ela perdera a filha e o neto no ataque. Marea Fardos era velha também, com quase quarenta. Seu marido foi deixado do lado de fora quando os outros sortearam lugares no porão. Como Silvy, as duas seguiam cabisbaixas na traseira da carroça de Jeph, encarando os joelhos. Arlen despediu-se de Ragen com um aceno quando seu pai estalou o chicote.

O Casario da Floresta perdia-se de vista quando Arlen percebeu que não havia contado a ninguém sobre a apresentação do menestrel.

2

SE FOSSE VOCÊ

– 319 DR –

TIVERAM TEMPO APENAS para guardar a carroça e verificar as proteções antes de os terraítas chegarem. Silvy estava sem forças para cozinhar, então comeram uma refeição fria de pão, queijo e salsicha, mastigada sem muito entusiasmo. Os demônios apareceram logo depois do pôr do sol para testar as proteções e, cada vez que a magia chamejava para afastá-los, Norine gritava. Marea nem tocou na comida. Ficou sentada no catre, os braços cruzados com firmeza ao redor das pernas, balançando para a frente e para trás, e choramingava cada vez que a magia inflamava. Silvy limpou os pratos, mas não voltou da cozinha. Arlen ouviu seu choro alto.

Ele tentou ir até Silvy, mas Jeph o segurou pelo braço e disse:

— Venha falar comigo, Arlen.

Foram para o pequeno quarto que abrigava o catre de Arlen, sua coleção de seixos do riacho e todas as penas e ossos. Jeph escolheu uma delas, uma pena de cores brilhantes com cerca de vinte centímetros de comprimento, e a acariciava enquanto falava, sem fitar Arlen nos olhos.

Arlen conhecia os sinais. Quando seu pai não o olhava, significava desconforto com fosse lá o que quisesse falar.

— O que você viu na estrada com o mensageiro… — começou Jeph.

— Ragen me explicou — disse Arlen. — Tio Cholie já estava morto, ele só não sabia direito. Às vezes, as pessoas sobrevivem a um ataque, mas morrem mesmo assim.

Jeph franziu a testa e confessou:

— Eu não falaria desse jeito. Mas é a verdade, acho. Cholie…

— Era um covarde — completou Arlen.

Jeph olhou-o, surpreso, e perguntou:

— Por que disse isso?

— Ele se escondeu no porão porque estava com medo de morrer e se matou porque estava com medo de viver — disse Arlen. — Melhor se ele tivesse pegado um machado e morresse lutando.

— Não quero ouvir esse tipo de conversa — falou Jeph. — Você não pode lutar contra demônios, Arlen. Ninguém pode. Não há nada a se ganhar quando se entrega para a morte.

Arlen sacudiu a cabeça e disse.

— Eles são como os brigões. Atacam a gente porque temos muito medo de revidar. Eu bati em Cobie e nos outros com aquele bastão, e eles não voltaram a me incomodar.

— Cobie não é um demônio da rocha — falou Jeph. — Nenhum bastão vai assustá-los.

— Precisa ter um jeito — disse Arlen. — As pessoas costumavam lutar. Todas as histórias antigas contam isso.

— As histórias dizem que haviam proteções mágicas para lutar — disse Jeph. — As proteções de combate se perderam.

— Ragen diz que em alguns lugares ainda lutam com demônios. Ele disse que é possível.

— Vou ter uma conversa com esse mensageiro — resmungou Jeph. — Ele não devia estar enchendo sua cabeça com essas ideias.

— Por que não? — quis saber Arlen. — Talvez mais pessoas tivessem sobrevivido noite passada, se todos os homens pegassem machados e lanças…

— Eles estariam mortos da mesma forma — terminou Jeph. — Tem outras maneiras de proteger a família e a nós mesmos, Arlen. Sabedoria. Prudência. Humildade. Não é corajoso entrar numa luta que você não pode vencer. Quem cuidaria das mulheres e das crianças se todos os homens fossem mortos tentando matar o que não pode ser morto? Quem cortaria madeira e construiria as casas? Quem iria caçar e pastorear e plantar e abater os animais? Quem semearia as mulheres com filhos? Se todos os homens morrerem, os terraítas vencerão.

— Os terraítas já estão vencendo — murmurou Arlen. — Você vive dizendo

que as vilas ficam menores a cada ano. Os brigões continuam vindo se você não revida.

Ele ergueu os olhos para o pai.

— Não sente isso? Não tem vontade de lutar às vezes?

— Claro que sim, Arlen — respondeu Jeph. — Mas não à toa. Quando importa, quando *realmente* importa, todos os homens desejam lutar. Os animais fogem quando podem e lutam quando precisam. As pessoas não são diferentes. Mas esse espírito deve vir à tona apenas quando necessário.

— Mas se fosse você lá fora com os terraítas — disse Jeph — ou sua mãe, eu juro que lutaria como louco antes de deixar que eles se aproximassem de vocês. Entende a diferença?

Arlen assentiu com a cabeça.

— Acho que sim.

— Bom garoto — disse Jeph, apertando seu ombro.

Os sonhos de Arlen naquela noite ficaram cheios de imagens de colinas que tocavam o céu e lagoas tão grandes que podiam ter uma cidade inteira na superfície. Viu areia amarela estendendo-se até onde a vista alcançava e uma fortaleza cercada por muralhas escondida nas árvores.

Porém, viu tudo isso entre um par de pernas que balançavam indolentes diante dos seus olhos. Ele ergueu os olhos e viu seu próprio rosto ficando púrpura num nó corrediço de corda.

Acordou assustado, seu catre úmido de suor. Ainda estava escuro, mas havia uma luz tênue no horizonte, onde o céu anil mantinha um toque avermelhado. Acendeu um toco de vela, pôs uma camisola, tropeçando para a sala comum. Achou um pedaço de pão para mastigar enquanto pegava o cesto de ovos e as garrafas de leite, deixando-os ao lado da porta.

— Acordou cedo — disse uma voz atrás dele. Virou-se num sobressalto, descobrindo Norine encarando-o. Marea ainda estava em seu catre, embora se mexesse durante o sono.

— Os dias não ficam maiores enquanto você dorme — disse Arlen.

Norine assentiu com a cabeça.

— Era o que meu marido costumava dizer. Os Fardos e os Lenhadores não podem trabalhar à luz de vela, como os da Praça, ele dizia.

— Tenho muita coisa para fazer — falou Arlen, olhando através da veneziana para ver quanto tempo faltava até que pudesse cruzar as proteções. — O menestrel vai fazer uma apresentação no sol alto.

— Claro — disse Norine. — Quando eu tinha a sua idade, o menestrel era a coisa mais importante do mundo para mim também. Eu ajudo você com seus

trabalhos.

— Não precisa fazer isso — retrucou Arlen. — O pai falou que vocês devem descansar.

Norine sacudiu a cabeça.

— Descansar só vai me fazer pensar nas coisas que seria melhor não pensar. Se for ficar com vocês, tenho que pagar pela estadia. Depois de cortar madeira no Casario, o quão difícil pode ser alimentar os porcos e plantar milho?

Arlen ergueu os ombros e entregou-lhe a cesta de ovos.

Com a ajuda de Norine, os trabalhos foram rápidos. Ela aprendia rápido e não estranhava se precisasse trabalhar duro e carregar peso. Quando o cheiro dos ovos e do torresmo começou a sair da casa, os animais todos estavam alimentados, os ovos recolhidos e as vacas ordenhadas.

— Pare de se mexer — disse Silvy a Arlen enquanto comiam.

— O jovem Arlen não pode esperar para ir ver o menestrel — comentou Norine.

— Talvez amanhã — falou Jeph, e a cara de Arlen caiu.

— Quê? — gritou Arlen. — Mas…

— Sem mas — falou Jeph. — Um monte de trabalho ficou para trás ontem e prometi a Selia que iria ao Casario à tarde para ajudar.

Arlen empurrou o prato e saiu batendo os pés até seu quarto.

— Deixe o garoto ir — disse Norine quando ele saiu. — Marea e eu ajudamos aqui. — Marea ergueu os olhos com o som do seu nome, mas voltou a remexer na comida um momento depois.

— Arlen teve um dia difícil ontem — falou Silvy, mordendo o lábio. — Todos nós tivemos. Deixe o menestrel pôr um sorriso no rosto dele. Não há nada que não possa esperar.

Jeph assentiu com a cabeça um momento depois e gritou:

— Arlen!

Quando o garoto mostrou seu rosto triste, ele perguntou:

— Quanto o velho Leitão está cobrando para ver o menestrel?

— Nada — disse Arlen, rapidamente, sem querer dar ao pai um motivo para recusar. — Pois eu ajudei a carregar todas as coisas da carroça do mensageiro.

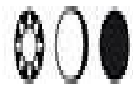
Não era exatamente verdade e havia uma boa chance de o Leitão ficar nervoso por ele ter se esquecido de contar ao povo, mas talvez, se ele espalhasse a notícia no caminho, pudesse levar bastante gente para conseguir entrar com seus dois créditos no armazém.

— O velho Leitão sempre finge ser generoso quando vem um mensageiro — disse Norine.

— Tem que ser, depois de como nos depenou o inverno inteiro — retrucou Silvy.

— Tudo bem, Arlen, você pode ir — disse Jeph. — Depois disso, me encontre

no Casario.



A caminhada até a Praça da Cidade levava cerca de duas horas, se fosse pela estrada. Era apenas um caminho de terra batida para carroças que Jeph e alguns outros locais mantinham limpa, chegando bem até a ponte, na parte mais rasa do riacho. Se fosse ligeiro e veloz, Arlen poderia reduzir o tempo de percurso à metade, saltando sobre as rochas escorregadias que emergiam da água.

Naquele dia, ele precisou de tempo extra mais que nunca para poder fazer paradas no caminho. Correu pela margem lamacenta numa velocidade alucinante, desviando de raízes traiçoeiras e arbustos com a confiança de quem já havia percorrido aquela trilha inúmeras vezes.

Ele saía da floresta ao passar pelas fazendas no caminho, mas não via ninguém. Todos estavam nos campos ou haviam voltado ao Casario para ajudar.

O sol alto já estava próximo quando Arlen chegou ao Poço da Pesca. Alguns dos pescadores já estavam com os barcos na pequena lagoa, mas o garoto não via muito propósito em gritar para eles. Além deles, o Poço estava deserto também.

Estava aborrecido quando chegou à Praça da Cidade. O Leitão pareceu mais agradável do que de costume no dia anterior, mas Arlen sabia como era quando alguém o fazia perder dinheiro. Não havia jeito de ele permitir que Arlen visse o menestrel por apenas dois créditos. Teria sorte se o dono do armazém não lhe desse uma surra de vara verde.

Porém, quando chegou à Praça, encontrou mais de trezentas pessoas reunidas, de todos os cantos do Riacho. Havia Pescadores, Pantanosos, Lamacentos e Fardos. Sem mencionar os moradores da cidade, os da Praça, Alfaiates, Moleiros, Padeiros e outros mais. Ninguém viera da Torre do Sul, claro. O pessoal de lá evitava os menestréis.

— Arlen, meu rapaz! — gritou Leitão, vendo-o se aproximar. — Guardei um lugar na frente e você irá para casa hoje com um saco de sal! Muito bem!

Arlen olhou para ele, curiosamente, até que viu Ragen, em pé, ao lado de Leitão. O mensageiro piscou para ele.

— Obrigado — falou Arlen quando Leitão se afastou para marcar outra chegada em seu livro de registros. Dasy e Catrin estavam vendendo comida e cerveja para a apresentação.

— As pessoas merecem um espetáculo — disse Ragen, erguendo os ombros. — Mas não antes de esclarecer algumas coisas com seu sacerdote, ao que parece. — Ele apontou para Keerin, que estava mergulhado numa conversa com o sacerdote Harral.

— Nada de vender aquelas bobagens da Praga para o meu rebanho! — disse

Harral, batendo com a ponta do dedo com força no peito de Keerin. Ele era duas vezes maior que o menestrel — e não era para os lados.

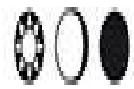
— Bobagem? — perguntou Keerin, empalidecendo. — Em Miln, os sacerdotes enforcam o menestrel que ousar não falar da Praga!

— Não me importa o que fazem nas Cidades Livres — retrucou Harral. — Essas são boas pessoas e já passam maus bocados sem que vocês digam que seus sofrimentos existem porque não são suficientemente devotos!

— O quê…?

Arlen não conseguiu terminar a frase. Keerin correu, partindo para o centro da praça.

— Melhor encontrar um assento, rápido — aconselhou Ragen.



Como Leitão prometera, Arlen ficou com um assento bem na frente, na área que em geral era reservada para as crianças mais novas. Os outros olharam com inveja e Arlen sentiu-se especial. Era raro alguém invejá-lo.

O menestrel era alto, como todos os milneses, vestia uma roupa de retalhos com cores brilhantes que parecia roubada do cesto de retalhos do tintureiro. Tinha uma barbicha rala, da mesma cor de cenoura que o cabelo, mas o bigode não casava bem com a barba e a coisa toda parecia poder ser desbotada com uma boa esfregada. Todos, especialmente as mulheres, comentavam maravilhados sobre seus cabelos claros e olhos verdes.

Enquanto as pessoas continuavam a chegar, Keerin caminhava para a frente e para trás, fazendo malabarismo com bolas de madeira colorida e contando piadas, aquecendo o público. Quando Leitão deu o sinal, ele pegou o alaúde e começou a tocar, cantando em voz alta e clara. As pessoas batiam palmas acompanhando as canções, abafando o menestrel e sem parecer se importar. Arlen não ligava, cantava tão alto quanto os outros.

Depois da música, vieram as acrobacias e os truques de mágica. No caminho, Keerin contou algumas anedotas sobre maridos que fizeram as mulheres gargalharem enquanto os maridos franziam a testa e algumas sobre mulheres que fizeram os homens baterem nas coxas de tanto rir enquanto as mulheres os olhavam com ódio.

Por fim, o menestrel fez uma pausa e ergueu as mãos, pedindo silêncio. Um murmúrio subiu da plateia e os pais empurraram seus filhos mais novos para a frente, querendo que eles ouvissem. A pequena Jessi Lamacento, que tinha apenas cinco anos, subiu de pronto no colo de Arlen para ver melhor. Arlen dera à sua família alguns filhotes de um dos cães de Jeph poucas semanas antes e agora ela grudava nele sempre que estava por perto. Ele a abraçou quando Keerin começou a contar a História do Retorno, sua voz aguda diminuindo de

tom até virar um bramido de terraíta, retumbante, que arrebatava a multidão.

— O mundo não foi sempre como vocês o veem — disse o menestrel às crianças. — Ah, não. Houve um tempo no qual a humanidade vivia com os demônios. Aqueles primeiros anos são conhecidos como Era da Ignorância. Alguém sabe por quê? — Ele olhou ao redor para as crianças na frente e várias levantaram a mão.

— Porque não havia proteções? — perguntou uma garota quando Keerin apontou para ela.

— Correto! — disse o menestrel, dando um salto mortal que causou gritinhos de alegria nas crianças. — A Era da Ignorância foi um tempo assustador para nós, mas não havia tantos demônios na época e eles não podiam matar *ninguém*. Bem como hoje, os seres humanos construíam o que podiam durante o dia e os demônios derrubavam a cada noite.

— Enquanto lutávamos para sobreviver — continuou Keerin — nos adaptamos, aprendemos a esconder comida e animais dos demônios e a evitá-los. — Ele olhou ao redor, fingindo estar aterrorizado, em seguida correu para trás de uma criança, encolhendo-se. — Vivíamos em covis no chão para que não pudessem nos encontrar.

— Como coelhos? — perguntou Jessi, rindo.

— Bem assim! — gritou Keerin, encaixando um dedo estendido e agitado atrás de cada orelha, e saltou, crispando o nariz. — Vivíamos como podíamos, até que descobrimos a escrita. A partir daí, não demorou muito até aprendermos que uma escrita poderia manter os terraítas longe. Que escrita é essa? — perguntou, fazendo uma concha com a mão ao lado da orelha.

— Proteções! — gritaram todos em uníssono.

— Correto! — O menestrel deu os parabéns com um *flip-flop*. — Com as proteções, pudemos nos proteger dos terraítas e nós praticamos, ficando cada vez melhores. Mais e mais proteções foram descobertas, até que alguém aprendeu uma que não apenas mantinha os demônios afastados. Ela os feria.

As crianças ofegaram e Arlen, mesmo que ouvisse quase a mesma apresentação todos os anos, pelo que ele podia lembrar, flagrou-se ficando sem fôlego. O que ele não daria para conhecer essa proteção!

— Os demônios não receberam bem esse progresso — disse Keerin com um sorrisinho. — Estavam acostumados a nos fazer correr e nos esconder e, quando virávamos e lutávamos, eles revidavam. Com força. Daí começou a Primeira Guerra das Trevas e a segunda era, a Era do Salvador.

— O Salvador foi um homem convocado pelo Criador para liderar nossos exércitos e com ele para nos liderar começamos a vencer! — Ele lançou os punhos para o ar e as crianças comemoraram. Era contagioso e Arlen fez cócegas em Jessi com alegria.

— Quando nossas magias e táticas melhoraram — continuou Keerin —, os

seres humanos começaram a viver mais e crescemos em quantidade. Nossos exércitos ficaram maiores, enquanto o número de demônios diminuía. Havia esperança de que os terraítas fossem banidos de uma vez por todas.

Então o menestrel fez uma pausa. Seu rosto assumiu uma expressão séria quando voltou a falar:

— Pois, sem aviso, os demônios pararam de vir. Nunca na história do mundo uma noite havia se passado sem os terraítas. Noites se passaram sem sinal deles e ficamos perplexos. — Ele coçou a cabeça, em confusão fingida. — Muitos acreditaram que as perdas demoníacas na guerra haviam sido grandes demais e que eles haviam desistido de lutar, encolhendo-se de medo nas Profundas. — Ele se aconchegou longe das crianças, chiando como um gato e tremendo como se estivesse com medo. Algumas crianças entraram em ação, rosnando para ele, ameaçadoras.

— O Salvador — disse Keerin —, que tinha visto os demônios lutarem todas as noites, duvidava daquilo, mas, quando meses passaram sem sinal das criaturas, seus exércitos começaram a se fragmentar.

— A humanidade alegrou-se com a vitória sobre os terraítas durante anos — continuou Keerin. Ele pegou seu alaúde, tocou uma música alegre e dançou. — Mas como os anos se passaram sem o inimigo comum, a irmandade entre os homens ficou estremecida e então desapareceu. Pela primeira vez, lutamos uns contra os outros. — A voz do menestrel ficou sombria. — Quando a guerra estourou, o Salvador foi convocado por todos os lados para liderar, mas ele gritou: "Não lutarei contra homens enquanto um único demônio permanecer nas Profundas!" Ele então deu as costas e deixou as terras, enquanto os exércitos marchavam e o mundo mergulhava no caos.

— Dessas grandes guerras surgiram nações poderosas — continuou, mudando o tom para algo edificante — e a humanidade espalhou-se por todos os cantos, cobrindo o mundo inteiro. A Era do Salvador chegou ao fim e a Era da Ciência começou.

— A Era da Ciência — disse o menestrel — foi nosso período mais grandioso, mas abrigava nessa grandiosidade nosso maior erro. Alguém aqui consegue me dizer qual foi?

As crianças mais velhas sabiam, mas Keerin sinalizou para eles se segurarem e deixarem que os mais novos respondessem.

— Porque esquecemos a magia — disse Gim Lenhador, limpando o nariz com as costas da mão.

— Muito bem! — disse Keerin, estalando os dedos. — Aprendemos um montão sobre como o mundo funcionava, sobre medicina e máquinas, mas esquecemos da magia e, pior, esquecemos os terraítas. Após três mil anos, ninguém acreditava que eles sequer haviam existido.

— E foi por isso — ele disse, sombrio — que estávamos despreparados quando

eles voltaram. Os demônios haviam se multiplicado com o passar dos séculos, até que o mundo se esqueceu deles. Então, trezentos anos atrás, eles emergiram das Profundas numa noite, em número gigantesco, para tomá-lo de volta. Cidades inteiras foram destruídas naquela primeira noite, enquanto os terraítas celebravam seu retorno. Homens revidaram, mas mesmo as grandes armas da Era da Ciência eram uma defesa inútil contra os demônios. A Era da Ciência chegou ao fim e a Era da Destruição se instalou. A Segunda Guerra das Trevas teve início.

Na sua imaginação, Arlen viu aquela noite, viu as cidades queimando enquanto o povo fugia aterrorizado, apenas para ser atacado pelos terraítas à espreita. Viu homens sacrificarem-se para que as famílias pudessem fugir, mulheres perfuradas por unhas destinadas aos seus filhos. Viu, principalmente, terraítas dançando, dando cambalhotas em alegria selvagem, enquanto o sangue corria de seus dentes e garras.

Keerin avançou ao passo que as crianças recuavam de medo.

— A guerra durou anos, com muitas pessoas massacradas a cada vez. Sem o Salvador para liderá-los, não eram páreo para os terraítas. Do dia para a noite, as grandes nações desmoronaram, o conhecimento acumulado da Era da Ciência queimava e os demônios da chama bailavam. Em desespero, estudiosos procuraram respostas nas ruínas das bibliotecas. A antiga ciência não ajudava, mas, por fim, encontraram salvação nas histórias que, no passado, eram consideradas fantasia e superstição. Os homens começaram a desenhar símbolos desajeitados na terra, impedindo que os terraítas se aproximassem. As antigas proteções ainda tinham poder, mas as mãos trêmulas que as desenhavam sempre erravam e pagava-se caro por isso. Aqueles que sobreviviam reuniam as pessoas com eles, protegendo-as durante as longas noites. Aqueles homens se tornaram os primeiros protetores, que nos resguardam até os dias de hoje.

O menestrel apontou para a multidão.

— Então, da próxima vez que virem um protetor, agradeçam-no, pois vocês devem sua vida a ele.

Aquela era uma variação da história que Arlen nunca ouvira. Protetores? No Riacho de Tibbet, todo o mundo aprendia a desenhar os sinais assim que tinha idade para pegar uma vareta. Muitos eram péssimos nisso, mas Arlen não conseguia imaginar alguém gastando tempo para aprender as proibições básicas contra os demônios do fogo, da rocha, do pântano, da água, do vento e da floresta.

— Então, agora que estamos seguros dentro de nossas proteções — falou Keerin —, deixemos os demônios terem seus prazeres do lado de fora. Os mensageiros — apontou para Ragen —, os mais valentes de todos os homens, viajam de cidade em cidade por nós, trazendo notícias e escoltando homens e mercadorias.

Ele andou um pouco, seus olhos sombrios quando encontrou os olhares assustadiços das crianças.

— Mas nós somos fortes — disse Keerin. — Não somos?

As crianças assentiram com a cabeça, mas seus olhos ainda estavam arregalados de medo.

— Quê? — perguntou novamente, encostando a mão na orelha.

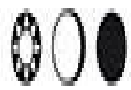
— Sim! — gritou a multidão.

— Quando o Salvador voltar, estaremos prontos? — perguntou Keerin. — Os demônios aprenderão a nos temer mais uma vez?

— Sim! — urrou a plateia.

— Eles não podem ouvir vocês! — gritou o menestrel.

— *Sim!* — O povo berrava, socando o ar; Arlen, principalmente. Jessi o imitou, golpeando o ar e gritando como se fosse ela própria um demônio. O menestrel fez uma reverência e, quando a plateia fez silêncio, ergueu seu alaúde e tocou outra canção.



Conforme prometido, Arlen saiu da Praça da Cidade com um saco de sal. O bastante para durar semanas, mesmo com Norine e Marea para alimentar. Ainda não estava moído, mas Arlen sabia que os pais ficariam felizes em triturar eles mesmos o sal em vez de pagar ao Leitão pelo serviço extra. A maioria ficaria, de verdade, mas o velho Leitão nunca lhes dava escolha, moendo o sal assim que ele chegava e acrescentando o custo da moagem.

Arlen saltava enquanto caminhava pela estrada na direção do Casario, até passar pela árvore onde Cholie havia se enforcado, quando sua alegria definhou. Pensou novamente sobre o que Ragen dissera sobre combater terraítas e o que seu pai comentara sobre prudência.

Pensou que o pai provavelmente tinha razão: esconder-se quando se pode e lutar quando se deve. Mesmo Ragen parecia concordar com essa filosofia. Mas Arlen não conseguia se livrar da sensação de que se esconder também feria as pessoas, de maneiras que não podiam enxergar.

Ele encontrou o pai no Casario e ganhou um tapinha nas costas quando mostrou seu prêmio. Passou o restante da tarde correndo para lá e para cá, ajudando na reconstrução. Outra casa já havia sido reparada e seria protegida no cair da noite. Em mais algumas semanas, o Casario estaria totalmente reconstruído e aquilo era importante para todos, se quisessem madeira suficiente para passar o inverno.

— Prometi a Selia que viria aqui nos próximos dias — falou Jeph enquanto preparavam a carroça naquela tarde. — Você será o homem da fazenda quando eu estiver fora. Vai ter de olhar os postes protetores e tirar as ervas daninhas dos

campos. Eu vi você mostrar a Norine seus trabalhos esta manhã. Ela pode cuidar do quintal e Marea pode ajudar sua mãe na casa.

— Tudo bem — disse Arlen. Tirar ervas daninhas dos campos e verificar os postes era um trabalho muito difícil, mas a confiança o deixou orgulhoso.

— Conto com você, Arlen — afirmou Jeph.

— Não vou te decepcionar — prometeu Arlen.

Os dias seguintes passaram sem grandes acontecimentos. Silvy ainda chorava às vezes, mas havia trabalho a fazer e ela nunca reclamara das bocas adicionais para alimentar. Norine assumiu o cuidado com os animais de forma natural e mesmo Marea começou a sair de sua casca um pouco, ajudando a varrer e a cozinhar, trabalhando no tear após a ceia. Logo ela começou a se revezar com Norine no quintal. As duas mulheres pareciam determinadas a fazer sua parte, embora seu rosto também ficasse aflito e nostálgico quando havia uma pausa no trabalho.

As mãos de Arlen encheram-se de bolhas de tanto arrancar ervas daninhas e suas costas e ombros doíam no fim de cada dia, mas ele não reclamava. A única das novas responsabilidades de que ele gostava era a de trabalhar nos postes protetores. Arlen sempre adorou desenhar proteções, dominando os símbolos defensivos básicos antes de a maioria das crianças conseguir aprendê-los e redes protetoras mais complexas logo em seguida. Jeph nem verificava mais o trabalho dele. A mão de Arlen era mais firme que a do pai. Desenhar proteções não era o mesmo que atacar um demônio com uma lança, mas significava lutar à sua maneira.

Jeph chegava todos os dias ao cair da tarde e Silvy separava água do poço, esperando para ele se lavar. Arlen ajudava Norine e Marea a trancar os animais e, em seguida, ceavam.

No quinto dia, um vento soprou forte no fim da tarde, fazendo espirais de poeira dançarem no quintal e a porta do celeiro bater. Arlen pôde sentir o cheiro da chuva se aproximando, e o céu escuro confirmava. Esperou que Jeph visse os sinais também e voltasse mais cedo ou ficasse no Casario. As nuvens escuras significavam um crepúsculo adiantado, e crepúsculo adiantado às vezes significava terraítas antes de o sol se pôr completamente.

Arlen deixou os campos e começou a ajudar as mulheres a levar os animais amedrontados de volta para o celeiro. Silvy estava fora também, trancando as portas do porão e garantindo que os postes protetores ao redor do curral estivessem bem presos. Havia pouco tempo restante quando a carroça de Jeph apareceu. O céu escurecia rapidamente e já não havia sol direto. Os terraítas poderiam surgir a qualquer momento.

— Não dá tempo de soltar a carroça — gritou Jeph, estalando o chicote para impulsionar Missy a seguir mais rápido para o celeiro. — Vamos fazer isso de manhã. Todo o mundo para dentro, agora!

Silvy e as outras mulheres obedeceram, entrando na casa.

— Podemos fazer se formos depressa — gritou Arlen sobre o rugido do vento enquanto corria até seu pai. Missy ficaria irritada por dias se passasse a noite arreada.

Jeph balançou a cabeça.

— Já está escuro demais! Uma noite presa não vai matá-la.

— Me tranque no celeiro então — sugeriu Arlen. — Eu a desamarro e fico com os animais durante a tempestade.

— Faça o que eu mandei, Arlen! — gritou Jeph. Ele saltou da carroça e agarrou o garoto pelo braço, quase arrastando-o para fora do celeiro.

Os dois empurraram as portas até fechá-las e trancaram-nas enquanto raios cortavam o céu. As proteções pintadas nas portas do celeiro iluminaram-se por um instante, uma lembrança do que estava por vir. O ar estava pesado com a promessa de chuva.

Eles correram para a casa, observando o caminho diante deles à procura da bruma que anunciava a elevação. Por ora, o caminho estava limpo. Marea segurava a porta aberta e eles entraram em disparada bem quando as primeiras gotas grossas de chuva atingiram a terra do quintal.

Marea estava fechando a porta quando um uivo veio do quintal. Todos ficaram paralisados.

— O cachorro! — gritou Marea, cobrindo a boca. — Eu o deixei amarrado à cerca!

— Deixe ele lá — falou Jeph. — Feche a porta.

— O quê? — gritou Arlen, incrédulo. Ele encarou o pai.

— O caminho ainda está limpo! — berrou Marea e partiu para o lado de fora da casa.

— Marea, não! — chamou Silvy, correndo atrás dela.

Arlen também correu para a porta, mas não antes de Jeph agarrar as correias do macacão do garoto e puxá-lo para trás.

— Fique aqui dentro! — ordenou, movendo-se até a porta.

Arlen cambaleou para trás um instante, em seguida correu para a frente. Jeph e Norine estavam lá fora, no alpendre, mas ficaram dentro da linha das proteções externas. Quando Arlen chegou ao alpendre, o cachorro correu, passando por ele para dentro da casa, a corda ainda presa ao pescoço.

Lá fora, no quintal, o vento uivava, transformando as gotas de chuva em ferrões de insetos. Ele viu Marea e sua mãe correrem de volta para a casa bem quando os demônios começaram a surgir. Como sempre, os demônios da chama chegavam primeiro, suas formas brumosas vazando do chão. Eram os menores

dos terraítas e ficavam de quatro enquanto se formavam, mal chegando a meio metro de altura. Seus olhos, narinas e boca brilhavam com uma luz esfumaçada.

— Corra, Silvy! — gritou Jeph. — Corra!

Parecia que conseguiriam chegar, mas Marea tropeçou e foi ao chão. Silvy virou-se para ajudá-la, e naquele momento o primeiro terraíta se solidificou. Arlen moveu-se para correr até sua mãe, mas a mão de Norine prendeu-o firme pelo braço, segurando-o com rapidez.

— Não seja estúpido — chiou a mulher.

— Levante-se! — ordenou Silvy, puxando o braço de Marea.

— Meu tornozelo! — gritou Marea. — Não consigo! Me deixe aqui!

— Pela Noite que vou! — rosnou. — Jeph! — chamou Silvy. — Ajude aqui!

Naquele momento, os terraítas estavam se formando por todo o quintal. Jeph ficou paralisado quando eles notaram as mulheres e urraram de prazer, lançando-se sobre elas.

— Me deixa *ir!* — resmungou Arlen, pisando com força no pé de Norine. Ela berrou e Arlen soltou o braço. Ele agarrou a arma mais próxima que pôde encontrar, um balde de madeira, e correu para o quintal.

— Arlen, *não*! — gritou Jeph, mas Arlen estava cheio de ouvi-lo.

Um demônio da chama, não muito maior que um gato grande, pulou nas costas de Silvy. Ela gritou quando as garras rasgaram linhas profundas na carne, deixando as costas do vestido um farrapo sangrento. Das costas dela, o terraíta cuspiu fogo no rosto de Marea. A mulher urrou quando sua pele derreteu e os cabelos se inflamaram.

Arlen chegou um instante depois, golpeando com o balde com toda a sua força. Ele se despedaçou com o baque, mas o demônio foi lançado para longe das costas da mãe. Ela tombou, mas Arlen estava lá para apoiá-la. Mais demônios da chama aproximaram-se deles, até os demônios do vento haviam começado a estender as asas e, uns vinte metros além, um demônio da rocha começava a tomar forma.

Silvy gemia, mas conseguiu ficar em pé. Arlen afastou-a de Marea e de seu pranto agonizante, mas o caminho de volta para casa estava bloqueado por demônios da chama. O demônio da rocha viu-os também e avançou. Alguns demônios do vento, preparando-se para decolar, entraram no caminho da fera imensa, e as garras do primeiro derrubaram-nos tão facilmente quanto uma foice corta as espigas de milho. Eles rodopiaram no ar e os demônios da chama os atacaram, despedaçando-os.

Foi apenas uma distração momentânea, mas Arlen se aproveitou, puxando sua mãe para longe da casa. O celeiro estava bloqueado também, mas o caminho até o curral ainda estava limpo, se pudessem manter-se à frente dos terraítas. Silvy berrava, Arlen não sabia se de medo ou dor, mas continuava aos tropeços, mantendo o ritmo mesmo com saias longas.

Quando eles dispararam a correr, também o fizeram os demônios da chama, cercando-os quase totalmente. A chuva começou a cair mais forte e o vento uivava. Raios fendiam o céu, iluminando os perseguidores e o curral, tão perto e ainda assim tão longe.

A terra do quintal estava escorregadia com a chuva cada vez mais forte, dando a eles agilidade, e os dois se mantiveram em pé. Os passos do demônio da rocha eram tão ruidosos quanto o trovão quando ele avançou, chegando cada vez mais perto, fazendo o chão tremer com sua corrida.

Arlen deslizou até parar junto ao curral e tentou abrir a tranca. Os demônios da chama alcançaram-nos naquele segundo, juntando-se para usar sua arma mais mortal. Cuspiram fogo, e Arlen e sua mãe foram atingidos. A rajada foi enfraquecida pela distância, mas ele ainda sentiu as roupas se queimarem e o cheiro de cabelo tostado. Uma explosão de dor o assolou, mas ele a ignorou, finalmente fazendo o portão do curral se abrir. Ele estava levando a mãe para dentro quando outro demônio da chama saltou nela, as garras enterrando-se fundo no peito. Com um puxão, Arlen arrastou-a para o curral. Quando eles cruzaram as proteções, Silvy passou por ele facilmente, a magia cintilou e o terraíta foi lançado para trás. Suas garras, enganchadas nela, soltaram-se num jorro de sangue e carne.

Suas roupas ainda queimavam. Envolvendo Silvy nos braços, Arlen jogou-se no chão com ela, aguentando o baque do impacto, e então rolaram na lama, apagando as chamas.

Não havia como fechar o portão. Os demônios cercavam o curral agora, lançando-se sobre a rede protetora, cuspindo chamas de magia que faiscavam pela rede de proteções. Mas o portão não importava. Nem a cerca. Contanto que os postes protetores estivessem intactos, estavam a salvo dos terraítas.

Mas não das intempéries. A chuva transformou-se numa torrente fria, açoitando-os em ondas cortantes. Silvy não conseguiu levantar-se de novo após a queda. Sangue e lama a cobriam e Arlen não sabia se ela sobreviveria aos ferimentos e à chuva.

Ele saiu aos tropeços até o cocho e chutou-o, espalhando os restos inacabados do jantar dos porcos para apodrecerem na lama. Arlen conseguia ver o demônio da rocha batendo na rede protetora, mas a magia o segurava e ele não conseguia passar. Entre o brilho dos raios e os jorros das bestas, ele viu Marea, enterrada sob um enxame de demônios da chama, cada um arrancando um pedaço e dançando para se refestelar.

O demônio da rocha desistiu um momento depois, correndo com passos pesados e agarrando Marea pela perna com uma garra imensa, do jeito que um homem cruel agarraria um gato. Os demônios da chama espalharam-se quando o demônio da rocha lançou a mulher no ar. Ela soltou um arfar rouco e Arlen ficou horrorizado quando descobriu que ela ainda estava viva. Ele gritou e pensou

em tentar correr para fora da rede protetora a fim de pegá-la. Mas, em seguida, o demônio bateu com a mulher no chão com tudo, fazendo um barulho horrível.

Arlen virou-se de costas antes que a criatura começasse a comer, suas lágrimas lavadas pela chuva forte. Arrastando o cocho até Silvy, ele rasgou um pedaço da saia dela e encharcou-o na chuva. Limpou a lama dos cortes o melhor que pôde e cobriu-os com mais tecido. Mal havia conseguido limpar, mas estava melhor do que com lama do chiqueiro.

Ela tremia, então ele se deitou perto dela para aquecê-la e puxou o cocho fedorento sobre eles para protegê-los do aguaceiro e da visão dos demônios maliciosos.

Mais um brilho de relâmpago antes de ele baixar a madeira. A última coisa que viu foi seu pai, ainda em pé, paralisado no alpendre.

Se fosse você lá fora... ou sua mãe... Arlen lembrou-se das palavras dele. Mas, com todas as suas promessas, parecia que nada poderia fazer Jeph Fardos lutar.

A noite passou com uma lentidão interminável; não havia maneira de dormir. As gotas da chuva tamborilavam continuamente no cocho, espirrando neles os restos da lavagem que grudava do lado de dentro. A lama onde estavam deitados era fria e cheirava a estrume de porco. Silvy estremecia em seu delírio e Arlen a abraçava com força, dispondo do pouco calor que tinha para ela. Suas mãos e pés estavam dormentes.

O desespero tomou conta e ele chorou no ombro da mãe. Mas ela gemia e acariciava sua cabeça, e aquele gesto simples, instintivo, arrancou-o do terror, da desilusão e da dor.

Ele lutou com um demônio e viveu. Ficou num quintal cheio deles, e sobreviveu. Os terraítas talvez fossem imortais, mas podiam ser enganados. Era possível escapar deles.

E, como mostrara o demônio da rocha quando varreu o terraíta do caminho, podiam ser feridos.

Porém, que diferença faria num mundo onde homens como Jeph não enfrentavam os terraítas, nem mesmo por suas famílias? Que esperança qualquer um deles tinha?

Ele encarou a escuridão ao redor por horas, mas na sua mente tudo que via era o rosto do pai, encarando-os dentro da segurança das proteções.

A chuva diminuiu antes do amanhecer. Arlen aproveitou a estiagem para erguer o cocho, mas de pronto se arrependeu, pois o calor acumulado sob a madeira se

esvaiu. Ele o baixou de novo, mas espreitou até o céu começar a clarear.

A maioria dos terraítas havia desaparecido quando clareou o bastante para se enxergar, mas alguns retardatários permaneceram quando o céu passou de anil para púrpura azulado. Ele ergueu o cocho e ficou de pé, tentando em vão limpar o lodo e a sujeira grudados nele.

Seu braço estava rígido e doeu quando o dobrou. Baixou os olhos e viu que a pele estava muito vermelha onde o cuspe de fogo o atingira. *A noite na lama fez bem*, ele pensou, sabendo que as feridas dele e da mãe teriam ficado muito piores se não tivessem ficado cobertas de lama fria a noite toda.

Quando o último dos demônios da chama no pátio começou a se desmaterializar, Arlen correu para fora do curral, partindo na direção do celeiro.

— Arlen, não! — Um grito veio do alpendre. Arlen ergueu os olhos e viu Jeph lá, enrolado num cobertor, vigiando em segurança atrás das proteções do alpendre. — Ainda não raiou o dia totalmente! Espere!

Arlen ignorou-o, caminhando até o celeiro e abrindo as portas. Missy parecia totalmente infeliz, ainda presa à carroça, mas iria até a Praça da Cidade.

Sentiu a mão agarrá-lo quando levava a égua para fora.

— Está querendo morrer?! — perguntou Jeph. — Olhe bem para mim, rapaz!

Arlen soltou o braço com um forte puxão, recusando-se a olhar o pai nos olhos.

— A mãe precisa ver Coline Triggs — respondeu.

— Ela está viva? — perguntou Jeph, incrédulo, a cabeça girando para onde a mulher estava deitada, na lama.

— Não graças a você — falou Arlen. — Vou levá-la agora para a Praça da Cidade.

— *Nós* vamos levá-la — corrigiu Jeph, partindo às pressas para erguer a mulher e carregá-la até a carroça. Deixaram Norine cuidando dos animais e recolhendo os restos da pobre Marea, e seguiram pela estrada que levava à cidade.

Silvy estava banhada de suor e, enquanto suas queimaduras não pareciam piores que as de Arlen, as linhas profundas que as garras dos demônios da chama deixaram ainda sangravam, a carne um vermelhão horrível e inchado.

— Arlen, eu… — Jeph começou a falar enquanto seguiam, estendendo a mão trêmula para o filho. Arlen recuou, desviando o olhar, e Jeph retirou-a como se a tivesse queimado.

Arlen sabia que seu pai estava envergonhado. Era justamente como Ragen dissera. Talvez Jeph até se odiasse, como Cholie se odiava. Ainda assim, Arlen não conseguia sentir compaixão. Sua mãe pagara o preço pela covardia de Jeph.

Eles seguiram o restante do caminho em silêncio.

A casa de dois andares de Coline Triggs, na Praça da Cidade, era uma das maiores do Riacho e cheia de camas. Além da sua família no andar de cima, Coline sempre tinha ao menos uma pessoa nos leitos do térreo.

Coline era uma mulher baixa com um nariz grande e sem queixo. Não chegara aos trinta anos, mas os seus filhos a deixaram com uma grande circunferência. Suas roupas sempre cheiravam a ervas queimadas e suas curas em geral envolviam algum tipo de chá de gosto horrível. As pessoas no Riacho de Tibbet tiravam sarro daquele chá, mas todo o mundo bebia feliz quando pegava uma friagem.

A ervanária deu uma olhada em Silvy e pediu que Arlen e seu pai a levassem direto para dentro. Não fez perguntas, o que era muito bom, pois nem Arlen tampouco Jeph sabiam o que eles diriam se ela as fizesse. Enquanto ela fendia cada ferida, espremendo um pus amarronzado nojento, o ar encheu-se de um fedor pútrido. Ela limpou as feridas, drenadas com água e ervas moídas, e em seguida costurou-as. Jeph ficou esverdeado e levou a mão à boca de repente.

— Saia daqui com isso! — berrou Coline, mandando Jeph embora do quarto com um dedo apontado. Quando Jeph correu para fora da casa, ela olhou para Arlen.

— Você também? — perguntou Coline. Arlen assentiu. Ela o encarou por um momento e falou: — Você é mais corajoso que seu pai. Pegue o pilão, vou ensinar você a fazer um bálsamo para as queimaduras.

Sem tirar os olhos do trabalho, Coline direcionou Arlen pelos inúmeros jarros e bolsas no balcão de remédios, instruindo-o a pegar cada ingrediente e explicando como misturá-los. Ela continuava o trabalho pavoroso enquanto Arlen aplicava o bálsamo nas queimaduras de sua mãe.

Finalmente, quando as feridas de Silvy estavam todas cuidadas, virou-se para examinar Arlen. Ele protestou no início, mas o bálsamo fez seu trabalho, e somente quando o frio se espalhou por seus braços ele percebeu o quanto suas queimaduras haviam doído.

— Ela vai ficar bem? — perguntou Arlen, olhando para a mãe. Ela parecia respirar normalmente, mas a carne ao redor das feridas tinha uma coloração feia e aquele fedor podre ainda pairava forte no ar.

— Não sei — respondeu Coline. Não era suave com as palavras. — Nunca vi alguém com feridas tão graves. Em geral, se os terraítas chegam tão perto…

— Eles matam — disse Jeph da porta. — Eles teriam matado Silvy também se não fosse por Arlen. — Ele entrou na sala, cabisbaixo. — Arlen me ensinou uma coisa noite passada, Coline — falou Jeph. — Ele me ensinou que o medo é nosso inimigo, mais que os terraítas jamais foram.

Jeph pousou as mãos nos ombros do filho e fitou os olhos dele.

— Não vou falhar de novo — prometeu. Arlen assentiu e virou o rosto. Queria acreditar que era verdade, mas seus pensamentos voltavam o tempo todo para a visão do seu pai no alpendre, paralisado com o terror.

Jeph foi até Silvy e pegou sua mão fria. Ela ainda suava, e às vezes se agitava em seu sono narcotizado.

— Ela vai morrer? — perguntou Jeph.

A ervanária soltou um longo suspiro.

— Tenho uma boa mão para consertar ossos e fazer partos. Sei mandar febre embora e afastar uma friagem. Posso até mesmo limpar feridas de um demônio, se ainda estiver fresca. — Ela sacudiu a cabeça, pesarosa — Mas essa é a febre demoníaca. Eu dei ervas para amortecer a dor e ajudá-la a dormir, mas vocês precisarão de um ervanário melhor do que eu para preparar uma cura.

— Quem mais existe? — quis saber Jeph. — Você é a única no Riacho.

— A mulher que me ensinou — falou Coline —, a velha Mey Friman. Ela mora nas cercanias do Pasto Ensolarado, a dois dias daqui. Se alguém pode curar isso, essa pessoa é ela, mas é melhor vocês se apressarem. A febre vai se espalhar rápido; se demorarem muito, nem a velha Mey vai ser útil para vocês.

— Como eu a encontro? — questionou Jeph.

— Não dá para se perder — falou Coline. — Tem apenas uma estrada. Só não vire na bifurcação que vai para dentro da floresta, a menos que queira passar semanas na estrada até Miln. Aquele mensageiro saiu para o Pasto umas poucas horas atrás, mas tinha algumas paradas no Riacho antes. Se se apressar, talvez o alcance. Mensageiros carregam suas próprias proteções. Se o encontrar, poderá continuar até o crepúsculo em vez de parar e conseguir abrigo. O mensageiro talvez reduza sua viagem pela metade.

— Vamos encontrá-lo — falou Jeph —, custe o que custar. — Sua voz tinha um tom determinado e Arlen começou a ter esperança.

Uma sensação estranha de saudade fisgou Arlen enquanto ele observava, do fundo da carroça, o Riacho de Tibbet perder-se a distância. Pela primeira vez, viajavam mais de um dia para longe de casa. Ele veria outra cidade! Uma semana atrás, uma aventura como essa era seu maior sonho. Mas agora tudo que ele sonhava era que as coisas pudessem voltar a ser como eram.

Quando a fazenda era segura.

Quando sua mãe estava bem.

Quando ele não sabia que o pai era um covarde.

Coline havia prometido enviar um dos seus garotos até a fazenda para avisar Norine que ficariam fora provavelmente uma semana ou mais, e ajudá-la a cuidar dos animais e verificar as proteções enquanto estivessem em viagem. Os vizinhos apareceriam, mas a perda de Norine era dura demais para ela encarar as noites sozinhas.

A ervanária também lhes dera um mapa rudimentar, cuidadosamente enrolado e acomodado num tubo protetor. Papel era uma raridade no Riacho e não era desperdiçado levianamente. Arlen ficou fascinado com o mapa e

examinou-o por horas, embora não pudesse ler as poucas palavras que designavam os lugares. Nem Arlen nem seu pai sabiam as letras.

O mapa marcava o caminho até o Pasto Ensolarado, o que ficava ao longo do caminho, mas as distâncias eram vagas. Havia fazendas marcadas na estrada onde poderiam pedir abrigo, mas não havia como dizer o quanto eram distantes umas das outras.

O sono da mãe era intermitente, encharcado de suor. Às vezes, ela falava ou berrava, mas as palavras tinham pouco sentido. Arlen aplicava compressas de pano úmido nela e a fazia beber o chá ácido como a ervanária havia instruído, mas nada parecia surtir efeito.

No fim da tarde, aproximaram-se da casa de Harl Curtidor, um fazendeiro que vivia nas proximidades do Riacho. A fazenda de Harl ficava apenas a poucas horas do Casario da Floresta, mas, no momento em que Arlen e seu pai se puseram a caminho, já era meio da tarde.

Arlen lembrou-se de ver Harl e suas três filhas no festival do solstício de verão todo ano, embora tivessem parado de ir desde que os terraítas pegaram a mulher de Harl, dois verões antes. Harl tornou-se um homem recluso e as filhas o acompanharam. Mesmo a tragédia no Casario não os tirou de casa.

Três quartos dos campos dos Curtidores estavam escurecidos e tostados; apenas a parte mais próxima da casa era protegida e plantada. Uma vaca leiteira magra ruminava no pátio enlameado e as costelas mostravam-se claramente na cabra presa ao lado do galinheiro.

A casa dos Curtidores tinha apenas um andar de pedras empilhadas, presas com lama e argila batida. As pedras maiores estavam pintadas com proteções esmaecidas. Arlen pensou que eram canhestras, mas, ao que pareciam, tinham durado até então. O telhado era irregular, com postes protetores pequenos, baixos que se erguiam através do sapê já podre. Um lado da casa ligava-se ao pequeno celeiro, suas janelas com tábuas pregadas e a porta pendendo das dobradiças. Havia um grande celeiro no terreiro, que parecia ainda pior. As proteções podiam se manter, mas ele parecia prestes a desmoronar.

— Nunca tinha visto a casa de Harl — falou Jeph.

— Nem eu — mentiu Arlen. Poucas pessoas, além dos mensageiros, tinham motivos para seguir pela estrada que passava pelo Casario da Floresta e aqueles que viviam naquela vila eram fontes de grande especulação na Praça da Cidade. Arlen escapara para ver a fazenda do Curtidor Maluco mais de uma vez. Era o mais longe que estivera de casa. Voltar antes de escurecer significava horas de corrida, o mais rápido que podia.

Uma vez, poucos meses antes, ele quase não conseguira. Havia tentado vislumbrar a filha mais velha de Harl, Ilain. Os outros garotos diziam que tinha os maiores peitos do Riacho e ele queria ver com os próprios olhos. Esperou um dia e a viu sair correndo da casa, gritando. Era bela em sua tristeza e Arlen quis

reconfortá-la, embora ela fosse oito verões mais velha que ele. Não fora tão ousado, mas ficou olhando para ela por mais tempo do que era prudente e quase pagou um preço alto por isto quando o sol começou a se pôr.

Um cachorro doente começou a latir quando se aproximaram da fazenda e uma menina saiu no alpendre, observando-os com olhos tristes.

— Talvez a gente consiga abrigo aqui — disse Jeph.

— Faltam horas até escurecer — disse Arlen, sacudindo a cabeça. — Se não encontrarmos Ragen até lá, o mapa diz que há outra fazenda onde a estrada se bifurca para as Cidades Livres.

Jeph olhou para o mapa sobre o ombro de Arlen e falou:

— É um longo caminho.

— A mãe não pode esperar — disse Arlen. — Não conseguiremos chegar lá hoje, mas cada hora é uma hora mais perto da sua cura.

Jeph olhou para Silvy, banhada em suor, em seguida para o sol e então assentiu. Acenaram para a garota no alpendre, mas não pararam.

Cobriram uma grande distância nas horas seguintes, mas não viram sinal do mensageiro ou de outra fazenda. Jeph olhou para o céu alaranjado e disse:

— Em menos de duas horas estará tudo escuro. Temos de voltar. Se corrermos, chegaremos ao Harl a tempo.

— Talvez a fazenda seja na próxima curva — argumentou Arlen. — Vamos encontrá-la.

— Não temos certeza — falou Jeph, cuspindo na lateral da carroça. — O mapa não é claro. Voltamos enquanto ainda podemos, sem discussão.

Os olhos de Arlen arregalaram-se, desacreditado, e ele gritou:

— Perderemos metade de um dia desse jeito, sem mencionar a noite. A mãe pode morrer!

Jeph olhou de novo para a mulher, suando em seus cobertores enrolados, respirando em espasmos curtos. Triste, ele olhou ao redor, para as sombras que se alongavam e reprimiu um arrepio.

— Se formos pegos depois de escurecer — respondeu Jeph, baixinho —, vamos todos morrer.

Arlen sacudiu a cabeça antes de o pai terminar, recusando-se a aceitar.

— Podíamos… — Ele hesitou. — Podíamos desenhar proteções na terra — falou, por fim. — Ao redor da carroça toda.

— E se uma brisa borrá-las? — perguntou seu pai. — E então?

— Mas a fazenda pode estar na próxima colina! — insistiu Arlen.

— Ou pode estar a mais de trinta quilômetros de distância — retrucou o pai —, ou ter sido queimada um ano atrás. Quem sabe o que aconteceu desde que o mapa foi desenhado?

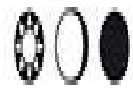
— Você está dizendo que a mãe não vale o risco? — inquiriu Arlen.

— Não me diga o que ela vale ou não! — gritou seu pai, quase derrubando o

garoto. — Eu a amei a minha vida toda! Sei melhor que você! Mas não vou arriscar nós três! Ela pode aguentar uma noite. Ela *tem* de aguentar!

Com isso, ele puxou as rédeas com força, parando a carroça e fazendo a manobra. Estalou o couro com tudo nos flancos de Missy e mandou-a saltar de volta para a estrada. O animal, apavorado com a escuridão vindoura, reagiu com um ritmo frenético.

Arlen virou-se para Silvy, engolindo a fúria amarga. Ele observou a mão balançar enquanto as rodas passavam sobre pedras e buracos, sem reagir à corrida acidentada. Qualquer que fosse o pensamento do pai, Arlen sabia que suas chances haviam sido reduzidas pela metade.



O sol quase havia abaixado quando chegaram à isolada fazenda. Jeph e Missy pareciam compartilhar o pânico e gritavam sua pressa em uníssono. Arlen havia saltado para trás da carroça e tentou impedir que sua mãe fosse jogada para lá e para cá na viagem aos solavancos. Ele a segurou firme, ganhando muitas escoriações e golpes por ela.

Mas não era tudo; ele conseguia sentir os pontos cuidadosos de Coline cederem, as feridas abertas vazando de novo. Se a febre demoníaca não a levasse, havia uma boa chance de que aquele percurso o faria.

Jeph parou com a carroça diante do alpendre, gritando:

— Harl! Precisamos de abrigo!

A porta abriu-se quase de imediato, mesmo antes de saírem da carroça. Um homem de macacão surrado apareceu, um longo forcado na mão. Harl era magro e frio, como carne ressecada. Foi seguido por Ilain, a jovem robusta que segurava uma grande pá de metal. Da última vez que Arlen a vira, ela estava chorando e aterrorizada, mas não havia medo em seus olhos agora. Ela ignorou as sombras sinistras quando se aproximou da carroça.

Harl assentiu quando Jeph ergueu Silvy da carroça e ordenou:

— Leve-a para dentro.

Jeph apressou-se em obedecer, soltando um longo suspiro quando cruzou as proteções.

— Abra a porta do celeiro grande! — disse para Ilain. — Essa carroça não vai caber no pequeno.

Ilain juntou as saias e correu. Ele se virou para Arlen.

— Leve a carroça para o celeiro, garoto! Rápido!

Arlen obedeceu.

— Não tem tempo para desamarrá-la — disse o fazendeiro. — Ela terá de ficar assim.

Era a segunda noite seguida. Arlen imaginou se Missy alguma vez seria

desatada.

Harl e Ilain rapidamente fecharam a porta do celeiro e verificaram as proteções.

— O que está esperando? — rugiu o homem para Arlen. — Corra para a casa! Eles estarão aqui num momento!

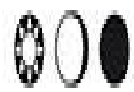
Ele mal dissera as palavras e os demônios começaram a se erguer. Ele e Arlen correram para a casa quando os braços finos com garras e as cabeças com chifres pareciam brotar da terra.

Eles desviaram à esquerda e à direita entre a morte que ascendia, a adrenalina e o medo lhes dando agilidade e velocidade. Os primeiros terraítas a se solidificar, um grupo de ágeis demônios da chama, lançaram-se à caça, avançando sobre eles. Enquanto Arlen e Ilain continuaram a correr, Harl virou-se e investiu com o forcado no meio do grupo.

A arma bateu direto no peito do demônio líder, lançando-o sobre seu camaradas, mas mesmo a pele de um pequeno demônio da chama era encaroçada e dura demais para um forcado perfurar. A criatura ergueu a ferramenta com as garras e soltou uma baforada de fogo nela, deixando a madeira em brasas, depois jogou-a de lado.

Mas, embora o terraíta não tivesse sido ferido, o impacto os atrasou. Os demônios avançaram, mas, quando Harl saltou no alpendre, eles pararam de uma vez, batendo numa linha de proteções que os impediu de forma tão segura como se tivessem batido numa parede de tijolos. Quando a magia reluziu e atirou-os para trás no quintal, Harl correu para dentro de casa. Fechou a porta com violência e passou o ferrolho nela, batendo as costas contra a madeira.

— Louvado seja o Criador — disse fracamente, arfando e pálido.



O ar dentro da casa de Harl era pesado e quente, fedendo a mofo e lixo. O junco bichado do assoalho absorvera um pouco da água que passava pelo sapê, mas estava longe de ser frio. Dois cachorros e vários gatos viviam na casa, forçando todos a caminhar com cuidado. Uma panela de pedra pendia na lareira, acrescentando à mistura o cheiro azedo de um guisado que cozinhava eternamente, no qual acrescentavam mais ingredientes quando ele diminuía. Uma cortina de retalhos num canto dava um toque de privacidade ao penico.

Arlen deu o seu melhor para refazer as bandagens de Silvy e, em seguida, Ilain e sua irmã Beni levaram-na para o seu quarto, enquanto a mais nova de Harl, Renna, pôs mais duas tigelas rachadas de madeira na mesa para Arlen e seu pai.

Havia apenas três cômodos, um compartilhado pelas garotas, outro de Harl, e o cômodo comum onde cozinhavam, comiam e trabalhavam. Uma cortina

esfarrapada dividia o cômodo, separando a área de cozinhar e comer. Uma porta protegida no aposento comum levava ao celeiro pequeno.

— Renna, leve Arlen e verifique as proteções enquanto os homens conversam e Beni e eu preparamos o jantar — disse Ilain.

Renna concordou, pegando a mão de Arlen e puxando-o consigo. Tinha quase dez anos, próxima da idade de Arlen, onze, e bonita embaixo das manchas de sujeira no rosto. Usava um camisolão simples, surrado e cuidadosamente remendado, e seus cabelos castanhos ficavam presos para trás com uma faixa rasgada de tecido, embora muitos cachos tivessem caído ao redor do rosto redondo.

— Essa aqui está gasta — comentou a garota, apontando para uma proteção em um dos parapeitos. — Um dos gatos deve ter pisado nela. — Pegando um pedaço de carvão do estojo, ela traçou cuidadosamente a linha onde havia sido rompida.

— Não ficou bom assim — disse Arlen. — As linhas não ficam mais perfeitas. Isso enfraquece o sinal. Deveria desenhá-lo de novo.

— Não posso desenhar uma nova — sussurrou Renna. — Tenho que falar para o pai ou para Ilain se tiver uma que não posso consertar.

— Eu consigo desenhar — Arlen falou, pegando o carvão. Cuidadosamente limpou a antiga proteção e desenhou uma nova, seu braço movendo-se com rápida confiança. Dando um passo para trás quando terminou, olhou ao redor da janela e substituiu rapidamente vários outros sinais.

Enquanto trabalhava, Harl viu-os e começou a ficar cada vez mais nervoso, mas um movimento e algumas palavras confiantes de Jeph o levaram de volta para o seu assento.

Arlen ficou admirando sua obra e disse, orgulhoso:

— Mesmo um demônio da rocha não passaria por aqui.

Virou-se e encontrou Renna encarando-o.

— O quê foi? — perguntou.

— Você é mais alto do que eu me lembrava — falou a garota, baixando os olhos e sorrindo, envergonhada.

— Bem, isso foi há uns anos — respondeu Arlen, sem saber o que mais dizer. Quando terminou a varredura, Harl chamou a filha. Ele e Renna falavam suavemente um com o outro e Arlen flagrou-a olhando para ele uma ou duas vezes, mas não conseguiu ouvir o que diziam.

O jantar era um ensopado ralo de cherívia e milho com uma carne que Arlen não conseguia identificar, mas que satisfez sua fome. Enquanto comiam, contaram sua história.

— Quem dera tivessem vindo antes — falou Harl quando terminaram. — Estivemos na velha Mey Friman muitas vezes. Mais perto que ir até a Praça da Cidade para ver Trigg. Se levaram duas horas de chicotada para voltar até aqui,

teriam alcançado logo a fazenda de Mack Pasto caso se apressassem. A velha Mey, ela fica a apenas uma hora depois de lá. Nunca fez questão de morar na cidade. Se tivessem forçado aquela égua de verdade, teriam chegado hoje à noite.

Arlen bateu a colher. Todos os olhos da mesa voltaram-se para ele, mas o garoto não percebeu, de tão concentrado que estava no seu pai.

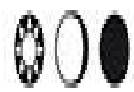
Jeph não conseguiu aguentar aquele olhar furioso por muito tempo. Ele abaixou a cabeça.

— Não tinha como saber — disse ele, arrasado.

Ilain tocou seu ombro e disse:

— Não se culpe por ser cuidadoso. — Olhou para Arlen com um ar de reprimenda nos olhos e lhe disse: — Você vai entender quando for mais velho.

Arlen levantou-se de uma vez e saiu da mesa pisando duro. Passou pela cortina e se encolheu ao lado de uma janela, observando os demônios através de uma parte quebrada das folhas da janela. Repetidamente, tentavam e falhavam em atravessar as proteções, mas Arlen não se sentia protegido pela magia. Sentia-se aprisionado por ela.



— Levem Arlen para brincar no celeiro — ordenou Harlen às filhas mais novas, depois o restante terminou de comer. — Ilain recolhe as tigelas. Deixem seus mais velhos conversarem.

Beni e Renna levantaram juntas, correndo para fora da cortina. Arlen não estava com vontade de brincar, mas as garotas não o deixaram falar, puxando-o para ficar em pé e até o celeiro.

Beni acendeu um lampião rachado, lançando no celeiro um brilho opaco. Harl tinha duas vacas velhas, quatro cabras, uma porca com oito leitões e seis galinhas. Todos estavam magros, esquálidos; mal-alimentados. Até as costelas da porca estavam à mostra. O estoque mal dava para alimentar direito Harl e as garotas.

O celeiro em si não estava em melhores condições. Metade das janelas estava quebrada e o feno no chão jazia podre. As cabras haviam roído a parede do seu cubículo e puxavam o feno da vaca. Lama, lavagem e fezes se juntaram numa única sujeira no chiqueiro.

Renna levou Arlen a cada cubículo.

— O pai não nos deixa dar nome pros animais — confessou ela —, então demos em segredo. Esse aqui é a Cascuda. — Ela apontou a vaca. — O leite dela tem um gosto azedo, mas o pai diz que é bom. Ao lado dela fica a Nervosa. Ela chuta, mas só se você ordenha forte demais ou tarde demais. As cabras são…

— Arlen não quer saber dos animais — bronqueou Beni com a irmã. Ela

pegou o braço dele e o puxou para longe. Beni era mais alta que a irmã, e mais velha, mas Arlen achava Renna mais bonita. Eles subiram para o sótão, jogando feno limpo para baixo.

— Vamos brincar de abrigo — falou Beni. Ela puxou um saquinho de couro do bolso, rolando quatro dados de madeira no assoalho. Os dados eram pintados com os símbolos: chama, rocha, água, vento, madeira e proteção. Havia muitas maneiras de se jogar, mas a maioria das regras acordava que era necessário tirar três proteções antes de rolar quatro de qualquer outro tipo.

Eles jogaram dados por um tempo. Renna e Beni tinham suas regras, muitas das quais Arlen suspeitava terem sido inventadas para fazê-las vencer.

— Dois sinais três vezes na sequência contam como três sinais — anunciou Beni, após lançar apenas uma vez. — Ganhamos.

Arlen discordou, mas não via muitos motivos para argumentar.

— Quando a gente vence, você precisa fazer o que mandamos — declarou Beni.

— Eu não — retrucou Arlen.

— Precisa sim! — insistiu Beni. De novo, Arlen sentiu que brigar não o levaria a lugar algum.

— O que teria de fazer? — perguntou desconfiado.

Renna bateu palmas e disse:

— Faz ele brincar de beijinho!

Beni bateu na cabeça da irmã.

— Eu sei, tonta!

— O que é beijinho? — perguntou Arlen, com medo da resposta.

— Ah, você vai ver — disse Beni, e as duas garotas riram. — É um jogo de adulto. O pai brinca disso com Ilain às vezes. É para praticar o casamento.

— Como, fazendo os votos? — perguntou Arlen, cauteloso.

— Não, tonto, assim — falou Beni. Ela pousou os braços ao redor dos ombros de Arlen e apertou a boca contra a dele.

Arlen nunca havia beijado uma garota antes. Ela abriu a boca para ele e ele fez o mesmo. Seus dentes bateram e os dois recuaram.

— Ai! — falou Arlen.

— Você também faz forte, Beni — reclamou Renna. — É minha vez.

De fato, o beijo de Renna era muito mais suave. Arlen achou até mesmo agradável. Como ficar perto do fogo quanto está frio.

— Viu? — falou Renna, quando os lábios se separaram. — É assim que se faz.

— Vamos ter que dividir a cama esta noite — falou Beni. — Podemos praticar mais tarde.

— Está bem — falou Renna. — Costumávamos dividir uma cama toda noite, até a mãe morrer. Mas agora Ilain dorme com o pai.

— Por quê? — quis saber Arlen.

— Não podemos falar disso — chiou Beni para Renna.

Renna ignorou-a, mas manteve a voz baixa.

— Ilain diz que, agora que a mãe se foi, o pai falou que é obrigação dela mantê-lo feliz do jeito que uma mulher deve fazer.

— Cozinhando e costurando? — perguntou Arlen.

— Não, é um jogo como o beijinho — disse Beni. — Mas você precisa de um garoto para jogar. — Ela puxou o macacão dele. — Se você mostrar sua coisinha para nós, ensinamos a você.

— Não vou mostrar minha coisa! — falou Arlen, afastando-se.

— Por que não? — questionou Renna. — Beni mostrou para Lucik Lamacento e agora ele quer brincar o tempo todo.

— Nosso pai e o pai de Lucik disse que somos prometidos — gabou-se Beni. — Então fica tudo bem. Como vai ser o prometido de Renna, você devia mostrar para ela as suas coisas. — Rena mordeu o dedo e desviou o olhar, mas ela observava Arlen de soslaio.

— Não é verdade! — falou Arlen. — Não sou prometido de ninguém!

— O que você acha que os mais velhos estão conversando lá dentro, tonto? — perguntou Beni.

— Não estão! — retrucou Arlen.

— Vai ver! — provocou Beni.

Arlen olhou para as duas garotas, em seguida desceu as escadas, entrando na casa o mais silenciosamente possível. Ele conseguiu ouvir as vozes detrás da cortina e esgueirou-se para mais perto.

— Eu queria Lucik para já — dizia Harl —, mas Fernan o quer para trabalhar mais uma estação. Sem uma ajuda na fazenda, é difícil manter as barrigas cheias, ainda mais que as galinhas pararam de botar e uma das vacas leiteiras azedou.

— Vamos levar Renna quando voltarmos da Mey — falou Jeph.

— Vai dizer pra ele que estão prometidos? — perguntou Harl. Arlen prendeu o fôlego.

— Não vejo por que não — disse Jeph.

Harl resmungou:

— Acho que devia esperar até amanhã. Quando vocês estiverem sozinhos na estrada. Às vezes, os garotos fazem uma cena quando ficam sabendo. Isso machuca os sentimentos das meninas.

— Tem razão — disse Jeph. Arlen queria gritar.

— Tenho mesmo — disse Harl. — Eu sei como é ter filhas; elas ficam chateadas com qualquer coisa, não é, Lainie? — Ouviu-se um tapa e, em seguida, Ilain gritou. — Mas, mesmo assim — continuou Harl —, não vai causar uma dor que algumas horas de choro não resolvam.

Um longo silêncio se seguiu e Arlen então começou a voltar de costas na

direção da porta do celeiro.

— Vou para a cama — resmungou Harl. Arlen ficou paralisado. — Silvy fica na sua cama hoje à noite, Lainie — continuou —, você pode dormir comigo depois que limpar as tigelas e recolher as meninas.

Arlen escondeu-se atrás de uma bancada e ficou lá enquanto Harl ia ao penico se aliviar e, então, seguiu para o quarto, fechando a porta. Arlen estava prestes a se esgueirar de volta para o celeiro quando Ilain falou.

— Eu quero ir. — Ela deixou escapar, após a porta ser fechada.

— Quê? — perguntou Jeph.

Arlen conseguia ver os pés embaixo das cortinas de onde ele estava agachado. Ilain deu a volta na mesa para sentar-se ao lado de Jeph.

— Me leve com vocês — repetiu Ilain. — Por favor. Beni vai ficar bem assim que Lucikvier. Preciso ir embora.

— Por quê? — perguntou Jeph. — Com certeza vocês têm comida o bastante para três.

— Não é isso — disse Ilain. — Não importa por quê. Posso dizer ao pai que vou sair para o campo quando vocês vierem buscar Renna. Eu corro até a estrada e encontro vocês lá. Quando o pai notar que fui embora, já vai ter uma noite nos separando. Ele nunca vai me seguir.

— Não sei, não — disse Jeph.

— Sua fazenda fica bem longe daqui — implorou Ilain. Arlen viu-a colocar uma das mãos no joelho de Jeph. — Eu posso trabalhar — prometeu ela. — Vou pagar minha estadia.

— Não posso simplesmente roubar você de Harl — disse Jeph. — Não quero confusão com ele e não vou começar uma.

Ilain cuspiu e falou baixinho:

— O velho desgraçado quer que o senhor pense que vou dividir a cama com ele por causa de Silvy. A verdade é que ele me levanta a mão se não deito com ele toda noite depois que Renna e Beni vão para a cama.

Jeph ficou em silêncio por um bom tempo.

— Entendi — disse por fim. Cerrou a mão e começou a se levantar.

— Não, por favor — disse Ilain. — Você não sabe como ele é. Ele com certeza te mataria.

— E vou ficar aqui sem fazer nada? — perguntou Jeph. Arlen não entendia qual era o motivo do nervosismo. Então, qual o problema de Ilain dormir no quarto de Harl?

Arlen viu Ilain se aproximar de Jeph e sussurar:

— O senhor vai precisar de alguém para cuidar de Silvy. E se ela fizer a passagem… — Ela se inclinou mais e a mão dela foi até o colo de Jeph, do jeito que Beni tentou fazer com Arlen. — Eu poderia ser sua mulher. Encheria sua fazenda de filhos — prometeu. Jeph gemeu.

Arlen sentiu-se nauseado e com o rosto quente. Engoliu seco, sentindo a bile na boca. Queria gritar para Harl ouvir o plano deles. O homem tinha encarado um terraíta pela filha, algo que Jeph nunca faria. Ele imaginou que Harl daria um murro no seu pai. A imagem não era desagradável.

Jeph hesitou e, em seguida, empurrou Ilain para longe.

— Não — disse ele. — Vamos levar Silvy até a ervanária amanhã e ela vai ficar bem.

— Mas me leve de qualquer forma — suplicou Ilain, caindo de joelhos.

— Eu… vou pensar — respondeu o pai dele. Apenas nesse momento, Beni e Renna voltaram correndo do celeiro. Arlen levantou-se rapidamente, fingindo que tinha acabado de entrar com elas, quando Ilain se levantou, apressada. Ele sentiu que o momento de confrontá-los se esvaiu.

Depois de botar as meninas na cama e entregar um par de cobertores sujos para Arlen e Jeph no cômodo principal, Ilain suspirou fundo e foi para o quarto do pai. Não muito depois disso, Arlen ouviu Harl grunhir baixinho e, às vezes, o grito abafado de Ilain. Fingindo não ter ouvido, olhou para Jeph e viu como ele mordia seu punho.

Arlen acordou antes do sol na manhã seguinte, enquanto o restante da casa dormia. Momentos antes do nascer do sol, ele abriu a porta, encarando, impaciente, os terraítas remanescentes sibilando e golpeando o ar na direção dele, do outro lado das proteções. Quando o último demônio no quintal ficou brumoso, ele saiu da casa e foi até o celeiro grande, dando água para Missy e os outros cavalos de Harl. A égua estava irritadiça e mordiscou-o.

— Só mais um dia — disse-lhe Arlen enquanto colocava o comedouro para os animais.

O pai ainda estava roncando quando ele voltou para a casa e bateu na lateral da porta do quarto que era dividido por Renna e Beni. Beni puxou a cortina e de pronto Arlen notou os olhares preocupados no rosto das irmãs.

— Ela não vai acordar — engasgou Renna, que estava ajoelhada ao lado da mãe de Arlen. — Eu sabia que vocês queriam sair assim que o sol nascesse, mas quando eu a balancei… — Ela apontou para a cama com olhos úmidos. — Ela está tão pálida.

Arlen correu até a mãe, tomando sua mão. Os dedos estavam gelados e viscosos, mas a testa queimava ao toque. O fôlego vinha em arfadas curtas e o fedor apodrecido da doença demoníaca estava forte. Suas bandagens estavam encharcadas com o pus marrom amarelado.

— Pai! — gritou Arlen. Um momento depois, Jeph apareceu com Ilain e Harl logo atrás.

— Não temos tempo a perder — disse Jeph.

— Pegue um dos meus cavalos para ir com o seu — falou Harl. — Troque quando um deles cansar. Se acelerar, vai chegar à casa de Mey até o fim da tarde.

— Ficaremos em dívida com vocês — disse Jeph, mas Harl ignorou o pensamento com um gesto. — Vão, agora — disse ele. — Ilain vai preparar algo para vocês comerem na estrada.

Renna pegou o braço de Arlen quando ele se virou para partir.

— Estamos prometidos agora — sussurrou ela. — Vou esperar no alpendre a cada fim de dia até você voltar. — Ela o beijou no rosto. Seus lábios eram suaves e a sensação permaneceu muito tempo depois de eles partirem.

A carroça pulava e balançava enquanto corriam pela estrada de terra, parando apenas para trocar os cavalos. Arlen olhava para a comida que Ilain havia embalado como se fosse veneno. Jeph comeu-a com avidez.

Quando Arlen pegou o pão duro e cheio de grãos e o queijo fedido, pôs-se a pensar que talvez fosse tudo um mal-entendido. Talvez ele não tivesse ouvido o que pensou ter escutado. Talvez Jeph não tivesse hesitado em afastar Ilain.

Era uma ilusão extremamente tentadora, mas Jeph estilhaçou-a um momento depois.

— O que acha da filha mais nova de Harl? — perguntou ele. — Você passou algum tempo com ela. — Arlen sentiu como se o pai tivesse acabado de esmurrar sua barriga.

— Renna? — perguntou Arlen, fingindo inocência. — Ela é legal, eu acho. Por quê?

— Falei com Harl — respondeu seu pai. — Ela vem morar conosco quando voltarmos para a fazenda.

— Por quê? — questionou Arlen.

— Para cuidar da sua mãe, ajudar na fazenda e… outros motivos.

— Que outros motivos? — pressionou Arlen.

— Harl e eu queremos ver se vocês dois vão se dar bem — disse Jeph.

— E se não nos dermos? — perguntou Arlen. — E se eu não quiser uma garota me seguindo o dia todo, me pedindo para brincar de beijinho com ela?

— Um dia — comentou Jeph — você talvez não se importe tanto em brincar de beijinho.

— Então deixe ela vir — falou Arlen, erguendo os ombros e fingindo não saber aonde o pai queria chegar. — Por que Harl quer tanto se livrar dela?

— Você viu o estado da fazenda deles. Eles mal conseguem se alimentar — comentou Jeph. — Harl ama muito suas filhas e quer o melhor para elas. E o que

é melhor do que casá-las quando ainda são jovens, para ele poder ter filhos para ajudá-lo e netos antes de morrer? Ilain já é mais velha que a maioria das garotas que casam. Lucik Lamacento virá para ajudar na fazenda de Harl no início do outono. Eles esperam que ele e Beni se deem bem.

— Acho que Lucik não teve escolha também — resmungou Arlen.

— Ele está feliz em ir e é sortudo por isso! — soltou o pai de Arlen, irritado, perdendo a paciência. — Vai ter de aprender algumas lições difíceis sobre a vida, Arlen. Há muito mais garotos que garotas no Riacho e não podemos simplesmente desperdiçar a vida delas. Ano após anos, perdemos cada vez mais para a idiotice, para doenças e para os terraítas. Se não começarem a nascer crianças, o Riacho de Tibbet vai desaparecer, como uma centena de outras vilas! *Não podemos* deixar isso acontecer!

Arlen, vendo seu pai, normalmente calmo, irritado, sabiamente ficou em silêncio.

Uma hora depois, Silvy começou a gritar. Eles se viraram e a viram tentando levantar-se na carroça, agarrando o peito, sua respiração vindo em engasgos altos, horríveis. Arlen saltou para a parte de trás da carroça e ela o agarrou com mãos surpreendentemente fortes, tossindo um muco grosso na camisa dele. Os olhos esbugalhados e injetados encaravam-no de forma selvagem, mas eles não o reconheciam. Arlen gritou enquanto a mãe se debatia, segurando-a com o máximo de firmeza.

Jeph parou a carroça e juntos forçaram-na a se deitar. Ela se debatia, gritando em respiros roucos. E então, como Cholie, houve um espasmo final e ela ficou parada.

Jeph olhou para a mulher e, em seguida, lançou a cabeça para trás, gritando. Arlen quase arrancou o lábio com uma mordida, tentando refrear as lágrimas, mas acabou fracassando. Eles choraram juntos sobre a mulher.

Quando os soluços aliviaram, Arlen olhou ao redor, seus olhos baços. Tentou se concentrar, mas o mundo parecia distorcido, como se não fosse real.

— O que fazemos agora? — perguntou, por fim.

— Vamos voltar — disse seu pai, e as palavras cortaram Arlen como uma faca. — Vamos levá-la para casa e queimá-la. Tentamos seguir a vida. Ainda temos a fazenda e os animais para cuidar; mesmo com Renna e Norine para ajudar, passaremos por alguns momentos difíceis.

— Renna? — perguntou Arlen, incrédulo. — Ainda vamos levá-la conosco? Mesmo agora?

— A vida continua, Arlen — respondeu o pai. — Você é quase um homem, e um homem precisa de uma mulher.

— Você arranjou uma para nós dois? — falou Arlen, num impulso.

— Quê? — perguntou Jeph.

— Ouvi você e Ilain na noite passada! — gritou Arlen. — Você já conseguiu

outra mulher! O que lhe importa a mãe? Você já conseguiu outra para cuidar da sua coisa! Ao menos até ela morrer também, porque você é covarde demais para ajudá-la!

O pai de Arlen bateu nele. Um tapa forte no rosto que estalou no ar da manhã. Seu ódio se dissolveu num instante e ele estendeu os braços para o filho.

— Arlen, me perdoe…! — Ele engasgou, mas o rapaz se afastou e pulou da carroça.

— Arlen! — gritou Jeph, mas o garoto o ignorou, correndo o mais rápido que podia para dentro da floresta que margeava a estrada.

3
NOITE SOLITÁRIA
– 319 DR –

ARLEN CORREU PELA FLORESTA o mais rápido que pôde, fazendo desvios rápidos e repentinos, avançando aleatoriamente. Queria ter certeza de que o pai não poderia segui-lo, mas, quando os chamados de Jeph perderam força, percebeu que ele não o seguia.

Por que ele se importaria?, pensou. *Ele sabe que eu preciso voltar antes de anoitecer. Aonde mais eu poderia ir?*

A qualquer lugar. A resposta chegou como uma intrusa, mas ele sabia que, no seu coração, aquilo era verdade.

Não podia voltar para a fazenda e fingir que tudo estava bem. Não conseguiria ver Ilain reivindicando a cama da sua mãe. Mesmo a bela Renna, que o beijou tão suavemente, seria apenas uma lembrança daquilo que ele perdera e por quê.

Mas para onde ele iria? Seu pai estava certo numa coisa. Ele não podia correr para sempre. Teria de encontrar abrigo antes de escurecer ou a noite vindoura seria sua última.

Voltar ao Riacho de Tibbet não era uma opção. Qualquer um para quem

pedisse abrigo o levaria arrastado pelas orelhas no dia seguinte e ele seria chicoteado pela traquinagem sem ter conseguido nada.

Então, o Pasto Ensolarado. A menos que o Leitão pagasse para levar algo, quase ninguém do Riacho de Tibbet ia até lá, a não ser que fossem mensageiros.

Coline dissera que Ragen iria para o Pasto Ensolarado antes de voltar às Cidades Livres. Arlen gostava de Ragen, o único mais velho que ele já havia encontrado que não falava com ele com superioridade. O mensageiro e Keerin estavam a mais de um dia à frente dele, e montados, mas, se ele se apressasse, talvez pudesse alcançá-los a tempo e implorar carona até as Cidades Livres.

Ainda estava com o mapa de Coline preso ao pescoço. O papel mostrava a estrada para o Pasto Ensolarado e as fazendas pelo caminho. Mesmo cercado pela floresta, tinha certeza de que a estrada ficava ao norte.

Na metade do dia, encontrou o caminho, ou melhor, o caminho o encontrou, atravessando a floresta diante dele. Talvez Arlen tivesse perdido a noção de direção nas árvores.

Ele caminhou por algumas horas, mas não viu sinal de uma fazenda ou da casa da velha ervanária. Olhando para o sol, sua preocupação aumentou. Se ele estivesse caminhando para o norte, o sol estaria caindo para à esquerda, mas não estava. Estava bem diante dele.

Ele parou e olhou o mapa, e seus temores se confirmaram. Ele não estava na estrada para o Pasto Ensolarado, estava a caminho das Cidades Livres. Pior, depois que a estrada se dividia do caminho para o Pasto Ensolarado, seguia direto até terminar na margem do mapa.

A ideia de voltar era assustadora, especialmente sem saber se poderia encontrar um abrigo a tempo. Deu um passo para trás no caminho do qual viera.

Não, decidiu. *Voltar seria o que o pai faria. Aconteça o que acontecer, vou seguir adiante*.

Arlen voltou a andar, deixando para trás o Riacho de Tibbet e o Pasto Ensolarado. Cada passo ficava mais leve e fácil que o anterior.

Caminhou por mais algumas horas, deixando para trás a floresta e entrando numa campina: campos amplos, verdejantes e intocados pelo arado ou por gado pastando. Ele subiu até o topo da colina, respirando profundamente o ar fresco e limpo. Havia um rochedo imenso saindo do chão e Arlen subiu nele, olhando para um mundo extenso que sempre estivera além do seu alcance. Não havia sinal de habitação, nenhum lugar para buscar abrigo. Ficou com medo da noite que chegaria, mas era uma sensação distante, como saber que envelheceria e morreria algum dia.

Quando a tarde avançou, Arlen começou a procurar lugares para se proteger. Um pequeno bosque parecia promissor; havia pouca grama e ele conseguiria desenhar proteções na terra, mas um demônio da madeira poderia escalar uma das árvores e saltar dentro do círculo protetor por cima.

Havia um outeiro rochoso sem grama, mas, quando Arlen subiu nele, o vento era forte e ele temeu que pudesse borrar as proteções, inutilizando-as.

Por fim, Arlen chegou a um lugar que os demônios da chama haviam incendiado havia pouco tempo. Novos brotos ainda não haviam perfurado as cinzas e um raspar de pé encontrou terra batida embaixo. Ele limpou as cinzas de uma área ampla e começou a traçar seu círculo protetor. Tinha pouco tempo, então fez um pequeno, pois não queria que a pressa o deixasse desprotegido.

Usando uma vareta pontuda, Arlen desenhou os símbolos na terra, soprando gentilmente a terra que sobrava. Trabalhou por mais de uma hora, proteção por proteção, afastando-se com frequência para garantir a si mesmo que estavam alinhadas. Suas mãos, como sempre, moviam-se com confiança e diligência.

Quando terminou, Arlen tinha um círculo de um metro e oitenta de diâmetro. Verificou as proteções três vezes e não encontrou erro. Enfiou a vareta no bolso e sentou-se no centro do círculo, observando as sombras agigantarem-se e o sol afundar, colorindo o céu.

Talvez morresse naquela noite. Talvez não. Arlen disse a si mesmo que não importava. Mas, quando a luz desapareceu, seu sangue-frio fora junto com ela. Sentiu o coração palpitar e cada instinto lhe dizia para se erguer num salto e correr. Mas não havia lugar nenhum para onde *correr*. Estava a quilômetros do lugar mais próximo onde pudesse pedir abrigo. Ele estremeceu, mas não de frio.

Foi uma péssima ideia, sussurrou baixinho, em sua mente, uma voz. Ele bufou para ela, mas a fachada de coragem de pouco adiantou para relaxar seus músculos tensos quando os últimos raios de sol sumiram, e ele foi banhado pela escuridão.

Aí vêm eles, alertou aquela voz assustada em sua cabeça quando um pouco de bruma começou a se erguer do chão.

A bruma se condensava lentamente, os corpos dos demônios ganhando substância enquanto se esgueiravam da terra. Arlen levantou-se com eles, apertando os punhos pequenos. Como sempre, os demônios da chama vieram primeiro, correndo com alegria, deixando um rastro de fogo tremeluzente pelo caminho. Eles foram seguidos pelos demônios do vento, que imediatamente correram e estenderam suas asas curtidas, saltando no ar. Por último, vieram os demônios da rocha, esforçando-se para erguer seus corpos pesados das Profundas.

E então os terraítas viram Arlen e uivaram de prazer, atacando o garoto indefeso.

Um demônio do vento atacou primeiro, estendendo as garras curvadas das asas para arrancar a garganta de Arlen. Arlen gritou, mas faíscas voaram quando as garras bateram nas proteções, desviando o ataque. O impulso carregou o demônio e seu corpo bateu no escudo apenas para ser jogado para trás numa explosão brilhante de energia. A criatura berrou quando se estatelou no chão, mas

se pôs em pé, contorcendo-se enquanto a energia dançava pelas suas escamas.

Em seguida, vieram os ágeis demônios da chama. O maior não tinha o tamanho de um cão. Avançaram, gritando, e começaram a arranhar o escudo. Arlen encolhia-se cada vez que as proteções faiscavam, mas a magia se mantinha. Quando viram que Arlen havia criado uma rede eficaz, cuspiram fogo nele.

No entanto, Arlen era esperto demais para ser enganado. Ele desenhava proteções desde que tinha idade suficiente para segurar um pedaço de carvão e conhecia as proteções contra as baforadas de fogo. As chamas eram refletidas de forma tão eficaz quanto as garras. Nem sentia o calor.

Os terraítas juntaram-se ao espetáculo e cada explosão de luz quando as proteções eram ativadas mostrava a Arlen mais e mais deles: uma horda desgraçada, ávida por arrancar a carne dos seus ossos.

Mais demônios do vento revoaram para atacar e foram lançados para trás pelas proteções. Frustrados, demônios da chama também começaram a lançar-se para cima dele, aceitando a queimadura dolorida da magia, na esperança de abrir caminho. Repetidamente eram jogados para trás. Arlen parou de encolher-se. Começou a praguejar para eles, deixando de lado o terror.

Sua resistência apenas enraivecia os demônios ainda mais. Desacostumados a ser insultados pelas presas, dobraram seus esforços para penetrar as proteções enquanto Arlen agitava os punhos e fazia gestos rudes que vira os adultos do Riacho de Tibbet agitarem pelas costas do Leitão às vezes.

Era aquilo que ele temia? Era por isso que a humanidade vivia aterrorizada? Essas feras patéticas, frustradas? Ridículas. Ele cuspiu e o cuspe chiou nas escamas de um demônio da chama, que tremia de fúria.

Então um silêncio acometeu as criaturas uivantes. À luz tremeluzente dos demônios da chama, ele viu a horda de terraítas se separar, abrindo caminho para um demônio da rocha que caminhou batendo os pés na direção dele, seus passos como um terremoto.

Durante toda a vida, Arlen assistira aos terraítas de longe, por trás de janelas e portas. Antes dos eventos horríveis dos últimos dias, ele nunca estivera ao ar livre com um demônio totalmente formado e certamente nunca permanecera em posição de ataque. Sabia que o tamanho podia variar, mas nunca havia avaliado o quanto.

O demônio da rocha tinha quatro metros e meio.

O demônio da rocha era imenso.

Arlen lançou a cabeça para trás quando o monstro se aproximou. Mesmo a distância, ele era uma massa imponente, pesada, de músculos e pontas afiadas. A carapaça grossa e preta tinha saliências com protuberâncias ossudas e sua cauda cheia de pontas deslizava para lá e para cá, equilibrando seus ombros imensos. Vinha encurvado sobre os dois pés, com garras que abriam grandes ranhuras na

terra a cada passo estrondoso. Seus braços longos, retorcidos, terminavam em garras do tamanho de facas de açougue, e sua bocarra, cheia de baba, abriu-se muito para revelar fileira após fileira de dentes parecidos com lâminas. Uma língua preta deslizou para fora, sentindo o medo de Arlen.

Um dos demônios da chama não conseguiu sair do caminho rápido o bastante e o demônio da rocha tirou-o do caminho de forma despreocupada, suas garras abrindo grandes feridas quando o golpe lançou o terraíta menor pelo ar.

Aterrorizado, Arlen deu um passo para trás, e mais outro, enquanto o gigante terraíta se aproximava. Foi apenas no último momento que ele caiu em si e parou, pouco antes de se retirar do círculo protetor.

Lembrando-se que o círculo lhe dava um alívio efêmero, Arlen duvidou que suas proteções fossem fortes o bastante para aquele teste. Duvidava que *qualquer* proteção fosse.

O demônio encarou-o por um bom tempo, saboreando seu completo estado de terror. Os demônios da rocha quase nunca se apressavam, mesmo porque, quando queriam, podiam se mover com uma velocidade impressionante.

Quando o demônio golpeou, a coragem de Arlen despedaçou-se. Ele gritou e caiu no chão, curvando-se enrodilhado, cobrindo a cabeça com os braços.

A explosão resultante foi ensurdecedora. Mesmo tendo coberto os olhos, Arlen viu o clarão imenso da magia, como se a noite tivesse se tornado dia. Ouviu o berro de frustração do demônio e espreitou quando o terraíta girou, golpeando sua cauda pesada contra as proteções.

Novamente a magia avivou-se e novamente a criatura foi repelida.

Arlen forçou-se a soltar o fôlego que havia prendido. Observou como o demônio batia em suas proteções repetidamente, berrando de ódio. Uma umidade quente colava-se às suas coxas.

Envergonhado pela sua covardia, Arlen levantou-se e encarou o demônio. Ele gritou, um grito primevo, do fundo da alma, que rejeitava tudo que o demônio era e tudo que representava.

Ele pegou uma pedra e lançou sobre o demônio.

— Volte para as Profundas que é o seu lugar! — gritou. — Volte para lá e morra!

O demônio mal parecia ter sentido a pedra repicar na sua carapaça, mas o ódio multiplicou-se quando ele se lançou sobre as proteções, incapaz de atravessá-las. Arlen chamou o demônio de todas as coisas patéticas e sujas de seu vocabulário limitado, cavando o chão para encontrar qualquer coisa que pudesse lançar.

Quando ficou sem pedras, começou a pular, acenando os braços, gritando sua ousadia.

Foi então que escorregou e pisou numa proteção.

O tempo pareceu congelar no longo e silencioso momento partilhado entre

Arlen e o demônio gigante, quando os dois começaram lentamente a compreender a enormidade daquilo que acabara de acontecer. Moveram-se juntos, Arlen sacando sua vareta de entalhe e mergulhando na direção da proteção, ao mesmo tempo que o demônio lançava a garra imensa sobre ele.

Com a mente acelerada, Arlen identificou o dano num instante; uma única linha do símbolo borrada. Mesmo enquanto reparava a proteção com um talho rápido da vareta, sabia que já era tarde. As garras haviam começado a se enterrar na sua carne.

Mas então a magia voltou a atuar e o demônio foi lançado para trás, gritando de agonia. Arlen também gritou de dor, rolando e puxando as garras das costas, arremessando-as antes que pudesse perceber o que havia acontecido.

Ele então viu, caído no círculo, retorcendo-se e soltando fumaça.

O braço do demônio.

Arlen olhou em choque para o membro decepado, virando-se para ver o demônio urrando e se debatendo, destroçando qualquer demônio idiota o bastante para se aproximar. Destroçando tudo à sua volta com apenas um braço.

Ele olhou para o braço, sua ponta cuidadosamente decepada e cauterizada, gotejando uma fumaça fétida. Com mais bravura do que sentia, Arlen pegou a coisa imensa e tentou lançá-la para fora do círculo, mas as proteções faziam uma barreira de mão dupla. Os pedaços de terraítas não podiam passar para dentro nem para fora. O braço bateu nas proteções e aterrissou de volta aos pés de Arlen.

Em seguida, a dor começou. Arlen tocou os ferimentos nas costas, e as mãos voltaram úmidas com sangue. Enjoado, com as forças vacilantes, ele caiu de joelhos, chorando de dor, chorando de medo de se mover e borrar outra proteção, e chorando, principalmente, por sua mãe. Entendia agora a dor que ela sentira naquela noite.

Arlen passou o restante da noite encolhido de medo. Podia ouvir os demônios circulando, esperando, aguardando um erro que os deixaria entrar no círculo. Mesmo se dormir tivesse sido possível, ele não teria ousado tentar, com medo de que uma virada durante o sono desse aos demônios essa chance.

A alvorada pareceu levar anos para chegar. Arlen ergueu os olhos para o céu muitas vezes naquela noite, mas a cada vez ele via apenas o gigantesco demônio da rocha mutilado, agarrando sua ferida coberta de crosta e úmida enquanto andava em círculos com ódio nos olhos.

Após uma eternidade, um traço vermelho tingiu o horizonte, seguido pelo laranja, o amarelo e, então, um branco glorioso. Os outros terraítas deslizaram de volta para as Profundas antes que o amarelo tocasse o céu, mas o gigante aguardou até o último momento, suas fileiras de dentes expostos enquanto sibilava para ele.

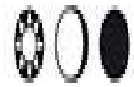
Mas mesmo o ódio de um demônio da rocha maneta não era páreo para o seu

medo do sol. Quando as últimas sombras debandaram, sua cabeça gigante e chifruda mergulhou para baixo da terra. Arlen ergueu-se e caminhou para fora do círculo, contorcendo-se de dor. Suas costas queimavam. As feridas pararam de sangrar à noite, mas sentiu se abrirem novamente quando ele se esticou.

O pensamento levou seus olhos de volta para o antebraço com garras que jazia ao seu lado. Era como um tronco de árvore coberto de placas rígidas, frias. Arlen agarrou e segurou-a diante de si.

Ao menos, um troféu, pensou, fazendo esforço para ser forte, mesmo que a visão do seu sangue nas garras pretas o fizesse estremecer por inteiro.

Só então um raio de luz o alcançou, o sol finalmente mais alto que baixo no horizonte. O membro do demônio começou a chiar e a esfumaçar, desaparecendo como um pedaço úmido de lenha jogado numa fogueira. Num momento, estourou em chamas e Arlen largou-o com medo. Observou, fascinado, enquanto luzia cada vez mais brilhante, a luz do sol avançando até não sobrar nada além de restos finos, carbonizados. Ele avançou e, hesitante, empurrou-o com o pé, o braço dissolvendo-se em poeira.



Arlen encontrou um galho para usar como cajado enquanto andava com dificuldade. Entendeu quanta sorte tivera. E como era estúpido. Proteções feitas na terra não eram confiáveis. Até mesmo Ragen dissera aquilo. O que ele teria feito se o vento as borrasse, como na ameaça aventada por seu pai?

Criador, e se tivesse chovido?

Quantas noites ele conseguiria sobreviver? Arlen não tinha ideia do que havia na próxima colina, nem motivo para pensar que havia alguém entre aquele lugar e as Cidades Livres, que, pelo que sabia, ficava a semanas de distância.

Ele sentiu as lágrimas brotando. Com raiva, enxugou-as, grunhindo em desafio. Ceder ao medo era a solução de seu pai diante dos problemas. Mas Arlen já sabia que isso não funcionava.

— Não estou com medo — disse a si mesmo. — Não estou.

Arlen continuou, sabendo que era mentira.

Por volta do meio-dia, chegou a um riacho pedregoso. A água era fresca e clara, e ele se curvou para bebê-la. O movimento mandou pontadas de dor para suas costas.

Não havia feito nada pelas feridas. Não que pudesse fechá-las com pontos como Coline faria. Ele pensou na mãe e em quando chegou em casa com cortes e arranhões. A primeira coisa que ela fizera foi lavá-los.

Arlen arrancou a camisa, percebendo que as costas, rasgadas e ensopadas de sangue, agora estavam recobertas por uma crosta rígida. Ele mergulhou a camisa e observou quando a sujeira e o sangue correram riacho abaixo. Deitou

as roupas nas pedras para secar e mergulhou na água fria.

O frio o fez se encolher, mas logo fez também a dor nas costas parar. Ele esfregou o melhor que pôde, gentilmente lavando as feridas doloridas até não conseguir mais. Trêmulo, pulou para fora do rio e deitou-se nas pedras ao lado das roupas.

Acordou um tempo depois num estalo. Praguejando, viu que o sol avançara no céu e que o dia quase havia terminado. Podia viajar um pouco mais adiante, mas sabia que seria idiotice arriscar. Melhor gastar o tempo que restava em suas defesas.

Não muito longe do riacho, havia uma área ampla com solo úmido. Arlen arrancou facilmente a grama, limpando um espaço para si. Bateu a terra solta, alisou-a e começou a desenhar proteções. Riscou um círculo maior desta vez e então, depois de verificá-lo três vezes, desenhou outro círculo concêntrico dentro do primeiro, como garantia. A terra úmida resistiria ao vento e o céu mostrava que não havia ameaça de chuva.

Satisfeito, Arlen abriu um buraco e juntou galhos secos, fazendo uma pequena fogueira. Sentou-se no meio do círculo interno quando o sol caiu, tentando ignorar a fome. Apagou o fogo quando o céu vermelho ficou mais lavanda, em seguida púrpura, respirando fundo para tranquilizar seu coração palpitante. Por fim, a luz desapareceu e os terraítas ergueram-se.

Arlen segurou o fôlego e aguardou. Por fim, um demônio da chama sentiu seu cheiro e correu na direção dele com um berro. Naquele momento, o terror da noite anterior voltou com força e Arlen sentiu o sangue gelar.

Os terraítas não percebiam suas proteções até chegarem nelas. Com a primeira explosão de magia, Arlen suspirou aliviado. Os demônios arranhavam a barreira, mas não conseguiam passar.

Um demônio do vento, voando bem alto, onde as proteções eram fracas, passou pelo primeiro círculo, mas chocou-se com o segundo ao dar um rasante, caindo com tudo no espaço entre eles. Arlen lutou para manter a calma quando cambaleou até ficar em pé.

O monstro andava sobre duas patas com um corpo alongado, fino, e membros esguios que terminavam em garras recurvadas de um metro e oitenta. A parte de baixo dos braços e a parte de fora das pernas eram ligadas por uma membrana fina de couro sustentada por ossos flexíveis que se estendiam pelas laterais da criatura. O demônio era pouco mais alto que um homem adulto, mas suas asas abertas tinham o dobro do seu tamanho, fazendo-o parecer imenso no céu. Um chifre curvado nascia da cabeça, entortava-se para trás e tinha uma membrana como a dos membros, formando uma crista que chegava até as costas. Seu focinho longo tinha fileiras de dentes imensos, amarelados à luz da lua.

O terraíta movia-se desajeitado pela terra, apesar de sua habilidade graciosa no ar. Demônios da madeira e da rocha tinham armadura impenetrável e força

sobrenatural que impulsionava suas garras imensas. Os demônios da chama eram mais rápidos que qualquer homem e cuspiam fogo que poderia acender qualquer coisa. Os demônios do vento… Arlen pensou que Ragen podia perfurar uma daquelas asas finas com um golpe potente de sua lança, ferindo-o.

Pela Noite, pensou, *tenho certeza de que poderia fazer isso sozinho.*

Mas não tinha uma lança e, por mais que fosse impressionante, o terraíta ainda podia feri-lo se as proteções internas não aguentassem. Ficou tenso quando ele se aproximou.

O demônio golpeou a garra recurvada no final de suas asas na direção dele e Arlen encolheu-se, mas a magia faiscou ao redor da rede protetora e a besta foi lançada para trás.

Após alguns ataques inúteis, o terraíta tentou alçar voo novamente. Ele corria e estendia as asas para pegar o impulso do vento, mas elas batiam nas proteções exteriores antes que ele pudesse ganhar força. A magia lançava-o de volta para o chão.

Arlen riu, mesmo sem querer, quando o terraíta tentou erguer-se da terra. Suas asas imensas o tornavam aterrorizante no céu, mas no chão elas se arrastavam e tiravam seu equilíbrio. Não tinha mãos para se manter em pé e seus braços finos curvavam-se sob o próprio peso. Ele se debateu em desespero por um momento antes de conseguir se levantar.

Aprisionado, tentou várias vezes decolar, mas o espaço entre os círculos não era grande o bastante e falhou todas as vezes. Os demônios da chama perceberam o sofrimento do primo e gritaram de alegria, pulando ao redor do círculo para seguir a criatura e zombar de seu infortúnio.

Arlen sentiu uma onda de orgulho. Cometera erros na noite anterior, mas não os repetiria. Teve até a esperança de que poderia viver para ver as Cidades Livres, no fim das contas.

Os demônios da chama logo se cansaram de ridicularizar o demônio do vento e foram em busca de uma presa mais fácil, arrancando pequenos animais dos covis com cusparadas de fogo. Uma lebre pequena e assustada pulou para dentro do anel externo de Arlen e o demônio que a perseguia parou diante das proteções. O demônio do vento deu um bote desajeitado nela, mas a lebre desviou facilmente, correndo através do círculo para sair do outro lado e encontrar outros terraítas. Ela se virou e correu de volta, ultrapassando novamente os círculos.

Arlen queria que houvesse uma maneira de se comunicar com a pobre criatura, dizer para ela que era seguro no círculo interno, mas podia apenas assistir enquanto ela corria para dentro e para fora dos círculos.

Então o impensável aconteceu. A lebre, disparando de volta para o círculo, desfez uma proteção. Com um uivo, os demônios da chama entraram através da falha atrás do animal. O solitário demônio do vento escapou, saltando no ar e

voando para longe.

Arlen praguejou contra a lebre e xingou ainda mais quando ela correu direto para ele. Se tivesse estragado as proteções internas, ambos estariam condenados.

Com a rapidez de um menino da fazenda, Arlen estendeu a mão do círculo e agarrou a lebre pelas orelhas. Ela se debateu com violência, disposta a libertar-se para escapar, mas Arlen lidava sempre com as lebres nos campos do seu pai. Ele a puxou para os braços, deitando-a de costas, a traseira mais alta que a cabeça. Em um momento, a lebre encarava-o, inexpressiva, e sua luta cessou.

Ficou tentado em jogar a criatura para os demônios. Seria mais seguro do que arriscar que ela se soltasse e estragasse outra proteção. *E por que não?*, perguntou-se. *Se eu a encontrasse de dia, eu mesmo a teria comido.*

Ainda assim, ele descobriu que não podia fazê-lo. Os demônios haviam tirado muito do mundo e dele. Jurou então que não lhes daria nada por vontade própria, nem naquele momento, nem nunca.

Nem mesmo uma lebre.

Enquanto a noite se arrastava, Arlen segurou a criatura aterrorizada com firmeza, acalentando-a e acariciando sua pelagem macia. Ao redor, os demônios uivavam, mas Arlen os esqueceu lá fora, concentrado no animal.

A meditação funcionou por um tempo, até um rugido trazê-lo de volta. Ele ergueu os olhos e encontrou o imenso demônio da rocha de um braço só ao seu lado, sua baba estalando quando atingia as proteções. O ferimento da criatura havia sarado e se transformara num coto nodoso na ponta do cotovelo. Sua fúria parecia ainda maior que na noite anterior.

O terraíta batia na barreira, ignorando as dolorosas explosões de magia. Com os golpes ensurdecedores, o demônio da rocha golpeava sem parar, tentando entrar à força e se vingar. Arlen apertou a lebre com força, seus olhos arregalados, assistindo à cena. Sabia que as proteções não enfraqueciam com golpes repetidos, mas isso pouco ajudava a impedir o medo de que o demônio estivesse disposto a fazê-lo de qualquer forma.

Quando a luz da manhã baniu os demônios de mais um dia, Arlen finalmente soltou a lebre e ela fugiu imediatamente. Seu estômago roncou quando ele a viu partir, mas depois do que tinham vivido juntos não conseguia ver a criatura como comida.

Erguendo-se, Arlen cambaleou e quase caiu. Uma onda de náusea o assolou. Os cortes nas costas pareciam lanças de fogo. Ele esticou o braço para trás, para tocar a pele macia, inchada, e a mão voltou úmida com o líquido marrom e fedorento que Coline havia drenado das feridas de Silvy. Os cortes queimavam; ele sentia o calor. Banhou-se na água fria novamente, mas isto pouco aliviou o

calor interno.

Arlen sabia que logo morreria. A velha Mey Friman, se existisse, estava a dois dias de distância. Se ele realmente tivesse a febre demoníaca, não importava. Ele não aguentaria dois dias.

Ainda assim, Arlen não conseguia se ver desistindo. Caminhou arrastando-se até a estrada, seguindo os sulcos das rodas de uma carroça, fosse lá para onde seguiam.

Se fosse morrer, que fosse mais perto das Cidades Livres do que da prisão que ficara para trás.

4
LEESHA
– 319 DR –

LEESHA PASSOU A NOITE AOS PRANTOS.

Isso, por si, não tinha nada de extraordinário, mas não fora sua mãe que a fizera chorar naquela noite. Foram os gritos. As proteções de alguém haviam falhado; era impossível dizer de quem, mas os gritos de terror e agonia ecoavam na noite, e a fumaça formava uma coluna no céu. A aldeia inteira brilhava com uma luz laranja nebulosa quando o fumo escuro refratava o fogo dos terraítas.

O povo da Clareira do Lenhador não poderia buscar os sobreviventes. Nem sequer ousava combater o incêndio. Não poderia fazer nada além de rezar ao Criador para que as brasas não fossem carregadas pelo vento e espalhassem as chamas. As casas da Clareira do Lenhador eram construídas com certa distância exatamente por esse motivo, mas uma brisa forte podia carregar uma fagulha por um bom tempo.

Mesmo se o incêndio permanecesse contido, as cinzas e a fumaça no ar podiam facilmente obscurecer mais proteções com sua mancha oleosa, dando aos terraítas o acesso que procuravam desesperadamente.

Nenhum terraíta havia testado as proteções ao redor da casa de Leesha. Era um mau sinal, um indício de que os demônios haviam encontrado presas mais fáceis na escuridão.

Desesperada e temerosa, Leesha fez a única coisa que podia. Chorou. Chorou pelos mortos, pelos feridos e por si mesma. Em uma aldeia com pouco mais de quatrocentas pessoas, não havia ninguém cuja morte não a ferisse.

Prestes a completar treze verões, Leesha era uma garota bela, com cabelos longos, pretos e ondulados e olhos argutos de um azul pálido. Ainda não havia florescido e, portanto, não podia se casar, mas estava prometida para Gared Lenhador, o garoto mais bonito da aldeia. Gared era dois verões mais velho que ela, alto e parrudo. As outras garotas soltavam gritinhos quando ele passava, mas ele era de Leesha e todos sabiam. Ele lhe daria bebês fortes. Se sobrevivesse àquela noite.

A porta do seu quarto se abriu. A mãe nunca batia.

No rosto e nas formas, a filha era muito parecida com Elona. Ainda bela aos trinta verões, tinha cabelos longos que pendiam, lindos e pretos, sobre os ombros orgulhosos. Também tinha uma figura encorpada, feminina, que causava inveja a todos, a única coisa que Leesha esperava herdar dela. Seus seios tinham acabado de despontar e ainda havia um longo caminho antes de chegar próximo aos da mãe.

— Chega de choradeira, garota inútil — disse Elona, raivosa, lançando a Leesha um trapo para que ela enxugasse os olhos. — Chorar não vai te levar a lugar nenhum. Chore na frente de um homem, se quiser, mas encharcar o travesseiro não trará os mortos de volta. — Ela bateu a porta, deixando Leesha sozinha novamente à luz laranja nefasta que brilhava através das frestas da janela.

Você sente algo, no fim das contas?, perguntou-se Leesha sobre Elona.

Sua mãe estava certa que as lágrimas não trariam os mortos à vida, mas estava errada quando dizia que não serviam para nada. Chorar sempre fora a fuga de Leesha quando as coisas ficavam difíceis. Outras garotas talvez pensassem que a vida de Leesha era perfeita, mas apenas porque nenhuma delas viu o rosto que Elona fazia para sua filha única quando estavam sós. Não era segredo que Elona queria ter tido filhos, e Leesha e seu pai aguentavam seu desprezo por terem falhado em satisfazê-la.

No entanto, de qualquer forma, ela secou os olhos com raiva. Estava ansiosa para florescer e ser levada por Gared. Os aldeões construiriam uma casa para eles como presente de casamento e Gared a levaria para além das proteções e a faria mulher enquanto todos estivessem comemorando.

Leesha estava vestida quando a mãe esmurrou a porta. Não havia dormido um instante.

— Quero você fora daí quando o sino da aurora tocar — disse Elona. — E não quero ouvir um murmúrio sobre estar cansada! Não quero nossa família sendo vista chegando atrasada para ajudar.

Leesha conhecia a mãe bem o bastante para saber que "sendo vista" era a expressão importante. Elona não se importava em ajudar ninguém além de si mesma.

O pai de Leesha, Erny, esperava ao lado da porta sob o olhar sério de Elona. Não era um homem grande. Chamá-lo de musculoso implicava uma força que não existia ali. Não era mais forte de espírito que de corpo, um homem tímido cuja voz nunca se alterava. Erny era uma dúzia de anos mais velho que Elona; seus cabelos castanhos ralos haviam desertado do topo da cabeça e ele usava óculos de aros grossos que comprara de um mensageiro anos atrás, o único homem na cidade com um daqueles.

Em suma, não era o homem que Elona queria que fosse, mas havia uma grande demanda nas Cidades Livres pelos papéis finos que ele produzia, e ela gostava bastante do dinheiro que eles traziam.

Diferente da mãe, Leesha realmente queria ajudar os vizinhos. Quando os terraítas fugiram, ela estava lá fora, correndo na direção do incêndio, mesmo antes do sino.

— Leesha! Fique aqui conosco! — gritou Elona, mas Leesha a ignorou. A fumaça era espessa e asfixiante, mas ela ergueu o avental para cobrir a boca e não diminuiu o passo.

Algumas pessoas já estavam reunidas quando ela chegou à fonte. Três casas haviam queimado e ruído, e duas ainda ardiam, ameaçando queimar as vizinhas. Leesha gritou quando viu que uma das casas era a de Gared.

Smitt, o dono da estalagem e do armazém da cidade, estava no local, berrando ordens. Smitt era o porta-voz da cidade desde que Leesha conseguia se lembrar. Nunca tinha disposição para dar ordens, preferindo deixar as pessoas resolverem seus problemas, mas todos concordavam que ele era bom naquilo.

— …é preciso tirar água do poço mais rápido — dizia Smitt quando Leesha se aproximou. — Temos que formar uma linha de baldes a partir do riacho e molhar as outras casas ou a aldeia toda vai virar cinzas até o cair da noite!

Nesse momento, Gared e Steave vieram correndo, perturbados e cheios de fuligem, mas sãos. Gared, com apenas quinze anos, era maior que grande parte dos adultos da aldeia. Steave, seu pai, era um gigante, mais alto que todos. Leesha sentiu o nó no estômago desatar-se quando viu os dois.

Mas, antes que ela pudesse correr até Gared, Smitt apontou para eles.

— Gared, puxe a carroça de baldes até o riacho! — Ele olhou por sobre os outros. — Leesha! Vá atrás dele e comece a encher os baldes!

Leesha correu tudo o que podia, porém, mesmo puxando a carroça pesada, Gared a ultrapassou na chegada ao pequeno riacho que corria do rio Angiers, a quilômetros de distância ao norte. No momento em que ele parou, ela caiu nos braços dele. Pensou que vê-lo vivo dissiparia as imagens horríveis na cabeça, mas apenas as intensificou. Ela não sabia o que faria se perdesse Gared.

— Fiquei com medo de você estar morto — soluçando no peito dele.

— Estou bem — sussurrou, abraçando-a com força —, estou bem.

Rapidamente, os dois começaram a descarregar a carroça, enchendo os baldes para começar a fila quando os outros chegaram. Logo, mais de uma centena de aldeões estava numa fila organizada que se estendia do riacho ao incêndio e repassava os baldes cheios e devolvia os vazios. Gared foi chamado de volta para carregar a carroça até o incêndio, seus braços fortes necessários para jogar a água.

Não demorou muito para a carroça voltar, desta vez puxada pelo sacerdote Michel e carregada com feridos. A visão trazia sentimentos confusos. Ver os camaradas da aldeia, todos amigos, queimados e feridos a machucava profundamente, mas um ataque que deixava sobreviventes era raro e cada um era um presente pelo qual ela agradecia ao Criador.

O Homem Santo e seu seguidor, o discípulo Jona, deitavam os feridos ao lado do riacho. Michel deixou o jovem cuidando deles e voltou com a carroça para buscar mais.

Leesha virou o rosto para não ver a cena, concentrando-se em encher os baldes. Seus pés estavam dormentes dentro da água fria e seus braços pesavam feito chumbo, mas ela se distraiu com o trabalho até um sussurro chamar sua atenção.

— A velha Bruna está vindo — disse alguém, e a cabeça de Leesha virou-se de uma vez. Com certeza, a velha ervanária estava vindo pela estrada, e atrás dela sua aprendiz, Darsy.

Ninguém sabia a idade de Bruna. Diziam que ela era velha quando os mais velhos da aldeia eram jovens. Fizera o parto da maioria deles. Sobreviveu ao marido, aos filhos e aos netos, e de sua família não restava ninguém.

Agora, era pouco mais que uma pele enrugada e translúcida esticada sobre ossos pontudos. Meio cega, conseguia caminhar apenas a passos lentos, mas ainda conseguia gritar para ser ouvida lá longe, no fim da aldeia, e balançava seu cajado nodoso com precisão e força surpreendentes quando sua ira era despertada.

Leesha, como quase todos na aldeia, tinha medo dela.

A aprendiz de Bruna era uma mulher feia com uns vinte verões, de membros gordos e rosto largo. Depois que Bruna sobreviveu à última aprendiz, várias jovens foram enviadas para seu treinamento. Após uma torrente constante de abusos da velha, todas, exceto Darsy, foram expulsas.

“Ela é feia como um búfalo e igualmente forte”, disse Elona uma vez sobre Darsy, às gargalhadas. “O que ela precisa temer daquela bruxa amarga? Certamente Bruna não vai atrair pretendentes para sua porta.”

Bruna ajoelhou-se ao lado dos feridos, examinando-os com mãos firmes enquanto Darsy desenrolava uma capa pesada coberta de bolsos, cada qual marcado com símbolos e contendo uma ferramenta, um frasco ou uma bolsinha. Os aldeões feridos gemiam ou choravam enquanto ela trabalhava, mas Bruna não prestava atenção, só beliscava feridas e cheirava os dedos, trabalhando mais com toque e cheiro do que com a visão. Sem olhar, as mãos de Bruna voaram para os bolsões da capa, misturando ervas com um pilão.

Darsy começou a acender uma pequena fogueira e ergueu os olhos para onde Leesha estava, em pé, encarando o riacho.

— Leesha! Traga água e seja rápida! — gritou.

Enquanto Leesha apressava-se para atendê-la, Bruna parou, cheirando as ervas que estava macerando.

— Garota idiota! — berrou Bruna. Leesha teve um sobressalto, pensando que era com ela, mas Bruna jogou a tigela e o pilão em Darsy, atingindo-a com tudo no ombro e cobrindo-a de ervas esmagadas.

Bruna fuçou a capa, pegando o conteúdo de cada bolso e cheirando-os como um animal.

— Você botou a erva fedida onde devia estar a raiz porcina e misturou todas as flores celestes com erva-tampão! — A velha encarquilhada ergueu o cajado nodoso e bateu nos ombros de Darsy. — Está tentando matar essas pessoas ou é estúpida demais para ler?

Leesha já vira sua mãe naquele estado antes. Se Elona era tão aterrorizante quanto um terraíta quando ficava desse jeito, a velha Bruna era a mãe de todos os demônios. Ela começou a se afastar das duas, temendo chamar atenção para si.

— Não vou aguentar esse abuso para sempre, sua velha bruxa malvada! — gritou Darsy.

— Vá embora então! — disse Bruna. — Eu preferiria borrar todas as proteções desta aldeia a deixar você com minha bolsa de ervas quando eu morrer! As pessoas não poderiam ficar em piores mãos!

Darsy riu e perguntou:

— Ir embora? Quem vai carregar seus frascos e tripés, velha? Quem vai acender sua fogueira, fazer sua comida e limpar a baba do seu rosto quando a tosse te pegar? Quem vai carregar seus ossos velhos por aí quando a friagem e a umidade roubarem suas forças? Precisa mais de mim do que eu preciso de você!

Bruna balançou seu cajado e Darsy sabiamente saiu do caminho, tropeçando em Leesha, que estava fazendo o melhor para permanecer invisível. As duas trombaram e foram ao chão.

Bruna aproveitou a oportunidade para sacudir novamente seu cajado. Leesha rolou pela terra para evitar os golpes, mas a mira de Bruna era certeira. Darsy gritou de dor, cobrindo a cabeça com os braços.

— Saiam daqui! — gritou Bruna. — Tenho doentes para cuidar!

Darsy resmungou e ficou em pé. Leesha temia que ela pudesse acertar a velha, mas, em vez disso, fugiu. Bruna mandou uma revoada de xingamentos atrás de Darsy.

Leesha segurou o fôlego e manteve-se de joelhos, afastando-se. Quando ela pensou que poderia escapar, Bruna a percebeu.

— Você, filha de Elona! — gritou, apontando seu cajado nodoso para Leesha. — Acabe de acender o fogo e monte meu tripé em cima dele!

Bruna virou-se para os feridos e Leesha não tinha escolha além de fazer o que mandava a velha.

Nas horas seguintes, Bruna rugiu uma fiada sem fim de ordens para a garota, praguejando por sua lentidão, enquanto Leesha corria para atender seus pedidos. Pegou água para ferver, macerou ervas, cozinhou soluções e misturou bálsamos. Parecia que nunca conseguia chegar à metade de uma tarefa antes de a velha ervanária mandar que cumprisse outra e ela foi forçada a trabalhar cada vez mais rápido para atendê-la. Novos feridos chegavam aos montes dos incêndios com grandes queimaduras e ossos quebrados devido às quedas. Temia que metade da aldeia tivesse se queimado.

Bruna fazia chás para aliviar a dor de alguns e medicamentos para lançar outros num sono sem sonhos enquanto os cortava com instrumentos afiados. Trabalhava incansavelmente, dando pontos, fazendo curativos e aplicando bandagens.

Era fim de tarde quando Leesha percebera que não havia mais feridos para cuidar, mas que a fila do balde havia acabado também. Estava sozinha com Bruna e os feridos; o paciente mais alerta de todos olhava para o vazio, perplexo, graças às ervas de Bruna.

Uma onda de cansaço contido dominou-a e Leesha caiu de joelhos, dando um suspiro profundo. Cada centímetro dela doía, mas com a dor veio uma sensação poderosa de satisfação. Alguns talvez não houvessem sobrevivido, mas agora sobreviveriam graças, em parte, aos seus esforços.

Mas a heroína real, ela admitiu para si mesma, era Bruna. Ocorreu-lhe que a mulher não ordenava que ela fizesse nada havia vários minutos. Ela procurou e viu Bruna caída no chão, arfando.

— Socorro! Socorro! — gritou Leesha. — Bruna está passando mal!

Ela recobrou as forças e voou até a velha, erguendo-a para se sentar. Bruna era surpreendentemente leve e Leesha conseguiu sentir um pouco mais que os ossos embaixo de seu xale grosso e do vestido de algodão.

Bruna estava se retorcendo e um fio de baba corria de sua boca, preso nos

talhes infindáveis de sua pele enrugada. Os olhos escuros atrás de uma membrana leitosa encaravam as mãos que não paravam de tremer.

Leesha olhou ao redor, freneticamente, mas não havia ninguém para ajudar. Ainda segurando Bruna erguida, ela agarrou uma das mãos espasmódicas da mulher, esfregando os músculos tensos.

— Ai, Bruna! — implorou Leesha. — O que faço? Por favor! Não sei como ajudar! Precisa me dizer o que fazer! — O desespero fez Leesha ficar desarmada e começar a chorar.

A mão de Bruna deu um solavanco na mão da menina e Leesha gritou, sentindo uma onda de espasmos. Porém, seus auxílios deram à velha ervanária o controle para alcançar seu xale, puxando uma bolsinha que ela jogou diante de Leesha. Um ataque de tosse contorceu o corpo frágil. Ela caiu no chão, debatendo-se como um peixe a cada tosse. Leesha ficou parada, horrorizada, segurando a bolsinha.

Ela olhou para a bolsa de pano, apertando para testá-la, e sentiu o estalar de ervas lá dentro. Cheirou-a, percebendo um aroma de uma mistura.

Leesha agradeceu ao Criador. Se fosse apenas uma erva, ela não seria capaz de adivinhar a dose, mas fizera preparados e chás para Bruna naquele dia, o suficiente para entender o que recebera.

Ela correu até o caldeirão fumegante no tripé e esticou um pano fino sobre um copo, derramando uma camada grossa de ervas da bolsa. Despejou água fervente sobre as ervas lentamente, dissipando sua força, em seguida amarrou com habilidade as ervas no pano e jogou-o dentro d'água.

Correu de volta até Bruna, soprando o líquido. Queimaria, mas não havia tempo de deixá-lo esfriar. Ela ergueu Bruna num braço, levando o copo aos lábios manchados de baba.

A ervanária debateu-se, derramando um pouco do remédio, mas Leesha forçou-a a beber, o líquido amarelo escorrendo pelos lados da boca. Ela continuou a se contorcer e a tossir, mas os sintomas começaram a ceder. Quando os ataques acalmaram, Leesha soluçou, aliviada.

— Leesha! — Ela ouviu um grito. Ergueu os olhos, que estavam fixos em Bruna, e viu sua mãe correndo na direção dela à frente de um grupo de aldeões.

— O que você fez, garota inútil? — questionou Elona. Ela alcançou Leesha antes que os outros pudessem se aproximar e sibilou: — Já é horrível ter uma filha inútil e não um filho para combater o incêndio e agora você ainda matou a velha caquética da cidade? — Ela ergueu a mão para estapear a filha, mas Bruna ergueu o braço e agarrou o pulso de Elona com sua mão esquelética.

— A velha caquética está viva por causa dela, sua idiota! — grasnou Bruna. Elona ficou pálida como vela e afastou-se, como se Bruna tivesse virado um terraíta. A visão fez Leesha sentir uma onda de prazer.

Nesse momento, os outros aldeões haviam se reunido ao redor delas,

perguntando o que havia acontecido.

— Minha filha salvou a vida de Bruna! — gritou Elona, antes que Leesha ou Bruna pudessem falar.

O sacerdote Michel ergueu suas Escrituras protegidas de forma que todos pudessem ver o livro sagrado enquanto o resto dos mortos era lançado nas ruínas da última casa em chamas. Os aldeões estavam com chapéus nas mãos e cabeças baixas. Jona lançou incenso no fogo, aromatizando o fedor cáustico que permeava o ar.

— Até o Salvador chegar para acabar com a Praga dos demônios, lembre bem que foram os pecados do homem que os trouxeram! — gritou Michel. — Os adúlteros e os fornicadores! Os mentirosos e ladrões!

— Aqueles que borram as calças — murmurou Elona. Alguém deu uma risadinha.

— Aqueles que deixam este mundo serão julgados — continuou Michel — e aqueles que serviram à vontade do Criador se juntarão a ele no Céu, enquanto aqueles que traíram sua confiança, sujos pelos pecados do desejo da carne, queimarão nas Profundas pela eternidade! — Ele fechou o livro e os aldeões reunidos curvaram-se em silêncio.

— Mas, embora o luto seja bom e justo — disse Michel —, não devemos esquecer aqueles de nós que o Criador escolheu para viver. Vamos abrir os barris e beber aos mortos. Vamos contar as histórias que mais amamos deles e rir, pois a vida é preciosa e não deve ser desperdiçada. Podemos guardar nossas lágrimas para quando estivermos sentados atrás de nossas proteções hoje à noite.

— Esse é o nosso sacerdote — murmurou Elona. — Qualquer coisa para abrir um barril.

— Ora, querida — disse Erny, dando tapinhas na mão dela —, ele tem boas intenções.

— O covarde defende o bêbado, claro — falou Elona, afastando a mão. — Steave corre para apagar o incêndio das casas e meu marido se encolhe com as mulheres.

— Eu estava na fila de baldes! — protestou Erny. Ele e Steave foram rivais do amor de Elona. Diziam que ganhou Elona mais pelo bolso que pelo coração da mulher.

— Como uma mulher — concordou Elona, encarando o musculoso Steave além da multidão.

Sempre fora assim. Leesha desejava poder fechar os ouvidos para eles. Desejava que os terraítas tivessem levado sua mãe em vez de sete boas pessoas. Desejava que seu pai a enfrentasse para variar; por ele, se não fosse pela filha.

Desejava que já tivesse florescido, assim poderia partir com Gared e deixar os dois para trás.

Aqueles que eram velhos ou jovens demais para combater as chamas haviam preparado uma grande refeição para a aldeia e serviam os outros que estavam sentados, exaustos demais para se mover e encarando as cinzas em brasa.

Mas o incêndio havia acabado, os feridos estavam com curativos e se recuperavam, e ainda havia algumas horas antes do pôr do sol. As palavras do sacerdote amainaram um pouco a culpa daqueles aliviados por estarem vivos e a cerveja forte da Clareira, vinda do armazém de Smitt, deu conta do restante. Diziam que a cerveja de Smitt podia curar qualquer angústia — e havia muito o que curar. Logo, as longas mesas ressoavam com risadas das histórias daqueles que haviam partido deste mundo.

Gared estava sentado a poucas mesas de distância com seus amigos, Ren e Flinn, suas mulheres e seu outro amigo, Evin. Os outros garotos, todos lenhadores, eram alguns anos mais velhos que Gared, mas ele era maior do que todos, exceto Ren, e parecia que o passaria também antes que parasse de crescer. Do grupo, apenas Evin não era prometido e por isso muitas garotas estavam de olho nele, apesar de seu pavio curto.

Os garotos mais velhos provocavam Gared sem parar, especialmente sobre Leesha. Ela não estava feliz por ser forçada a se sentar com seus pais, mas sentar-se com Gared enquanto Ren e Flinn faziam insinuações libertinas e Evin provocava brigas era sempre pior.

Depois de comer sua parte, o sacerdote Michel e o discípulo Jona levantaram-se da mesa, carregando um prato grande de comida para a Casa Sacra, onde Darsy cuidava de Bruna e dos feridos. Leesha pediu licença para ajudá-los. Gared observou o movimento e levantou-se para unir-se a ela, mas, assim que ela se levantou, foi arrastada por Brianne, Saira e Mairy, suas melhores amigas.

— É verdade o que aconteceu? — perguntou Saira, puxando o braço esquerdo de Leesha.

— Todo o mundo está dizendo que você derrubou Darsy e salvou a velha Bruna! — disse Mairy, puxando o braço direito. Leesha olhou para Gared, desesperançada, e deixou-se levar.

— O urso-pardo pode esperar a vez dele — disse Brianne.

— As garotas vão roubar você mesmo depois que se casar, Gared! — gritou Ren, fazendo os amigos soltarem altas gargalhadas e baterem na mesa. As garotas os ignoraram, abrindo as saias e sentando-se na grama, longe do barulho cada vez maior, enquanto seus mais velhos secavam barril atrás de barril.

— Gared vai ouvir aquilo por algum tempo — riu Brianne. — Ren apostou cinco klats que ele não vai te beijar antes do cair do dia, muito menos dar uma bela apalpada. — Aos dezesseis, ela já era viúva havia dois anos, mas não lhe faltavam pretendentes. Disse que era porque sabia os truques de uma esposa.

Vivia com seu pai e dois irmãos mais velhos, lenhadores, e fazia o papel de mãe para todos eles.

— Diferente de algumas pessoas, não convido qualquer rapaz que passa para me apalpar — disse Leesha, causando um olhar de indignação fingida de Brianne.

— Eu deixaria Gared me apalpar se eu fosse sua prometida — disse Saira. Tinha quinze anos, com cabelos castanhos curtos e sardas em suas bochechas de esquilo. Fora prometida a um garoto no ano anterior, mas os terraítas levaram-no junto com o pai dela numa única noite.

— Eu queria ter sido prometida — choramingou Mairy. Ela estava aflita por chegar aos seus catorze anos e ter rosto encovado e nariz saliente. Já havia florescido totalmente, mas, apesar dos esforços dos pais, ainda não era prometida. Elona a chamava de espantalho. "Nenhum homem vai querer pôr um filho naqueles quadris ossudos", zombou certa vez, "com medo de que o espantalho se parta ao meio quando o bebê nascer."

— Logo vai acontecer — disse-lhe Leesha. Era a mais jovem do grupo, com treze anos, mas as outras pareciam fazer dela o centro das atenções. Elona dizia que era porque era mais bonita e mais endinheirada, mas Leesha nunca pôde acreditar que suas amigas fossem tão mesquinhas.

— Verdade que você bateu em Darsy? — perguntou Mairy.

— Não foi assim que aconteceu — respondeu Leesha. — Darsy cometeu algum erro e Bruna começou a bater nela com o cajado. Darsy tentou desviar e veio direto para cima de mim. Nós duas caímos e Bruna continuou batendo nela até ela fugir.

— Se ela me batesse com um cajado, eu bateria nela de volta — falou Brianne. — Meu pai diz que Bruna é uma bruxa e dança com demônios na cabana à noite.

— Que bobagem horrível! — disse Leesha, irritada.

— Então por que mora tão longe da cidade? — questionou Saira. — E como ainda está viva, se seus netos já morreram faz tempo?

— Porque é ervanária — retrucou Leesha — e você não acha as ervas crescendo no centro da aldeia. Eu a ajudei hoje e foi incrível. Pensei que metade das pessoas carregadas até ela estava machucada demais para viver, mas ela salvou todo o mundo.

— Você a viu jogando encantamentos nelas? — perguntou Mairy, entusiasmada.

— Ela não é uma bruxa! — disse Leesha. — Ela fez tudo com ervas, facas e cordões.

— Ela cortou as pessoas? — disse Mairy, com nojo.

— Bruxa — falou Brianne. Saira concordou.

Leesha lançou para todas um olhar irritado e todas se aquietaram.

— Ela não saiu cortando as pessoas — disse Leesha. — Ela as curou. Foi… não consigo explicar. Mesmo tão velha, não parou de trabalhar até ter cuidado de todo o mundo. Foi como se ela continuasse em movimento apenas pela força de vontade. Despencou logo depois que cuidou do último.

— E foi quando você a salvou? — perguntou Mairy.

Leesha concordou.

— Ela me deu a cura pouco antes de a tosse ter começado. Na verdade, tudo que fiz foi fervê-la. Eu a segurei até a tosse parar e foi quando todo o mundo nos encontrou.

— Você tocou nela? — Brianne fez uma careta. — Aposto que ela fede a leite azedo e ervas daninhas.

— Pelo Criador! — gritou Leesha. — Bruna salvou uma dúzia de vidas hoje e tudo que vocês fazem é zombar!

— Olha só — gracejou Brianne —, Leesha salva a bruxa e de repente seus peitos ficam grandes demais para o seu corpete.

Leesha a olhou furiosa. Era a última das amigas a florescer e seus seios, ou a falta deles, eram seu ponto fraco.

— Você costumava dizer as mesmas coisas sobre ela, Leesh — comentou Saira.

— Talvez, mas não mais — disse Leesha. — Ela pode ser uma velha malvada, mas merece o melhor.

Nesse momento, o discípulo Jona aproximou-se delas. Tinha dezessete anos, mas era pequeno e frágil demais para erguer um machado ou puxar uma serra. Jona passava grande parte de seus dias escrevinhando e lendo cartas para aqueles que não eram letrados na aldeia, ou seja, quase todo o mundo. Leesha, uma das poucas crianças que podiam ler, com frequência ia até ele para pegar emprestados os livros da coleção do sacerdote Michel.

— Tenho uma mensagem de Bruna — disse para Leesha. — Ela quer…

Suas palavras foram interrompidas ao ser puxado para trás. Jona era dois anos mais velho, mas Gared girou-o como um boneco de papel, agarrando sua túnica e puxando-o para tão perto que seus narizes se tocaram.

— Eu já te avisei sobre falar com aquelas que não estão prometidas para você — rosnou Gared.

— Eu não estava! — protestou Jona, seus pés chutando o ar a alguns centímetros do chão. — Eu apenas…!

— Gared! — berrou Leesha. — Ponha-o no chão neste instante!

Gared olhou para Leesha, em seguida para Jona. Seus olhos voltaram-se para os amigos, depois para Leesha. Ele soltou o rapaz e Jona caiu no chão. Ele cambaleou até ficar em pé e correu. Brianne e Saira deram risadinhas, mas Leesha as silenciou com um olhar fulminante antes de atacar Gared.

— Pelas Profundas, o que há de errado? — questionou Leesha.

Gared baixou os olhos e falou:

— Desculpe. É que… Bem, não consegui falar com você o dia todo e acho que fiquei bravo quando vi você falando com ele.

— Ai, Gared. — Leesha tocou seu rosto — Você não precisa ter ciúmes. Não existe ninguém mais para mim além de você.

— De verdade? — perguntou Gared.

— Vai se desculpar com Jona?

— Sim — prometeu Gared.

— Então, sim, de verdade — respondeu Leesha. — Agora volte para as mesas. Já vou até lá num minuto. — Ela o beijou e Gared abriu um largo sorriso e se afastou.

— Acho que é como treinar um urso — pensou alto Brianne.

— Um urso que acabou de sentar nos espinhos — retrucou Saira.

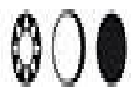
— Deixem-no em paz — disse Leesha. — Gared não faz por mal. Ele apenas é muito forte, às vezes demais, e um pouco…

— Grosseirão? — tentou Brianne.

— Lento? — completou Saira.

— Estúpido? — sugeriu Mairy.

Leesha bateu nelas e todas riram.



Gared estava sentado ao lado de Leesha, bancando o protetor. Ele e Steave foram sentar-se com a família de Leesha. Ela ansiava pelo abraço do rapaz, mas não era decente, mesmo prometidos como estavam, até ela ter idade suficiente e seu noivado ser formalizado pelo sacerdote. Mesmo então, esperava-se que carícias e beijos castos fossem o limite até sua noite de núpcias.

Ainda assim, Leesha deixava Gared beijá-la quando estavam sozinhos, mas ela mantinha as coisas nesse pé, independentemente do que Brianne pensasse. Queria manter a tradição para que sua noite de núpcias fosse algo especial, que lembrariam para sempre.

E, claro, havia Klarissa, que amava dançar e flertar. Ela havia ensinado Leesha e suas amigas a dançar em roda e trançar os cabelos com flores. Uma garota excepcionalmente bela, Klarissa teve seus pretendentes.

Seu filho estava com três anos e nenhum dos homens da Clareira do Lenhador o assumia. Pensava-se que provavelmente era de um homem casado. E nos meses seguintes em que sua barriga continuara a crescer nenhum sermão do sacerdote Michel deixara esquecer de seu pecado e daqueles que como ela perpetuavam a Praga do Criador.

— Os demônios exteriores ecoam os interiores — disse o sacerdote.

Klarissa era muito querida, mas, depois daquilo, a cidade rapidamente

transformou-se. As mulheres evitavam-na, sussurrando quando ela passava, e os homens recusavam-se a olhar nos seus olhos perto das mulheres, fazendo comentários maliciosos na ausência delas.

Klarissa partira com um mensageiro, rumo ao Forte Rizon logo depois que o garoto desmamou, e nunca mais voltou. Leesha sentia falta dela.

— O que Bruna queria quando enviou Jona? — perguntou Leesha.

— Odeio aquele nanico — rosnou Gared. — Toda vez que olha para você, consigo ver o sujeito a imaginando como esposa.

— O que te importa — perguntou Leesha —, se é apenas imaginação?

— Não vou dividir você, nem nos sonhos de outros homens — disse Gared, pousando sua mão gigante sobre a dela embaixo da mesa. Leesha suspirou e inclinou-se para ele. Bruna podia esperar.

Nesse momento, Smitt levantou-se, as pernas trêmulas com a cerveja, e bateu sua pedra na mesa.

— Pessoal! Sua atenção, por favor!

Sua mulher, Stefny, ajudou-o a subir no banco, apoiando-o quando ele vacilava. As pessoas silenciaram e Smitt pigarreou. Talvez não gostasse de dar ordens, mas gostava bastante de fazer discursos.

Ele então começou a falar para todos:

— É nos piores momentos que surge o melhor em nós. E são esses momentos que mostram ao Criador nossa coragem. Mostram que consertamos nossos caminhos e merecemos que nos envie o Salvador e acabe com a Praga. Mostra que o mal da noite não pode arrancar nosso sentimento de família. Porque isso que é a Clareira do Lenhador — continuou Smitt. — Uma família. Ah, nós ralhamos e brigamos e escolhemos nossos favoritos, mas, quando os terraítas vêm, vemos os laços de família como as cordas de um tear, unindo a todos. Sejam quais forem nossas diferenças, ninguém é abandonado por conta delas.

— Quatro casas perderam suas proteções à noite — falou Smitt para a multidão — marcando pontos para a inclemência dos terraítas. Mas, pelo heroísmo em noite aberta, apenas sete foram levados.

— Niklas! — gritou Smitt, apontando para o homem de cabelos aloirados sentado diante dele. — Correu até uma casa em chamas para tirar sua mãe de lá!

— Jow! — apontou para outro homem, que teve um sobressalto com o grito. — Há dois dias, ele e Dav estavam na minha frente, brigando aos socos. Mas, na última noite, Jow bateu num demônio da madeira, um *demônio da madeira*, com seu machado para segurá-lo, enquanto Dav e sua família corriam para trás de suas proteções!

Smitt pulou sobre a mesa, a paixão emprestando agilidade ao corpo bêbado. Caminhou por sua extensão, chamando as pessoas pelo nome e contando seus feitos daquela noite.

— Heróis foram descobertos neste dia também — continuou. — Gared e Steave! — gritou, apontando. — Deixaram sua casa queimando para apagar aquelas que estavam em melhores condições! Por causa deles e dos outros, apenas oito casas queimaram, quando certamente deveria ter sido a aldeia inteira!

Smitt virou-se e, de repente, estava olhando direto para Leesha. A mão dele ergueu-se e o dedo que apontou para ela a atingiu como um soco.

— Leesha! — gritou Smitt. — Treze anos e ela salvou a vida de Bruna, a ervanária! Em cada pessoa da Clareira do Lenhador bate o coração de um herói! — continuou, acenando a mão sobre todos. — Os terraítas são nossa provação e a tragédia nos abala, mas, como o ferro milnese, a Clareira do Lenhador não quebrará!

As pessoas gritaram sua aprovação. Aqueles que haviam perdido entes queridos choraram mais alto, o rosto encharcando-se de lágrimas.

Smitt estava no centro da balbúrdia, absorvendo sua força. Depois de um tempo, bateu palmas e os aldeões ficaram quietos.

— O sacerdote Michel — disse ele, gesticulando para o homem — abriu a Casa Sacra para os feridos, e Stefny e Darsy se voluntariaram para passar a noite cuidando deles. Michel também oferece as proteções do Criador a todos os outros que não têm para onde ir.

Smitt ergueu o punho e continuou a peroração.

— Mas bancos duros não são lugar onde heróis deveriam deitar a cabeça! Não quando estamos entre família. Minha taverna pode abrigar confortavelmente dez deles e até mais, se necessário. Quem mais entre nós dividirá suas proteções e camas com os heróis?

Todos gritaram novamente, desta vez mais alto, e Smitt abriu um grande sorriso. Ele bateu palmas de novo.

— O Criador sorri para todos vocês, mas as horas já se adiantam. Eu vou escalar…

Elona levantou-se. Ela também havia bebido algumas canecas e suas palavras estavam amolecidas.

— Erny e eu levamos Gared e Steave — disse Elona, fazendo com que Erny desse uma olhada nervosa para ela. — Temos bastante espaço e, com Gared e Leesha prometidos, eles já são praticamente da família.

— É muito generoso da sua parte, Elona — falou Smitt, incapaz de esconder sua surpresa. Raramente Elona mostrava generosidade e, quando mostrava, havia em geral um preço escondido.

— Tem certeza que é correto? — perguntou alto Stefny, fazendo todos voltarem os olhos para ela. Quando não estava trabalhando na taverna do marido, Stefny se voluntariava na Casa Sacra ou estudava o Cânone. Odiava Elona — um ponto a seu favor, na mente de Leesha —, mas também fora a primeira a

denunciar Klarissa quando seu estado ficou aparente. — Duas crianças prometidas ficando sob o mesmo teto? Quem sabe que indecências podem acontecer? — perguntou Stefny, mas os olhos se voltaram para Steave, não para Gared. — Talvez fosse melhor aceitar outros e deixar Gared e Steave na taverna.

Os olhos de Elona estreitaram-se.

— Acho que três pais são o bastante para cuidar de duas crianças, Stefny — disse com frieza. Virou-se para Gared, apertando seu ombro largo, e continuou: — Meu futuro genro fez o trabalho de cinco homens hoje. E Steave — esticou o braço e cutucou, embriagada, o peito robusto do homem — fez o trabalho de dez.

Ela se virou novamente para Leesha, mas cambaleou um pouco. Steave, rindo, pegou-a pela cintura antes que caísse. Sua mão era imensa no meio do corpo da mulher.

— Até minha filha — ela engoliu a palavra "inútil", mas Leesha a ouviu de qualquer forma — teve atitudes grandiosas hoje. Não quero meus heróis dormindo na casa de outra pessoa.

Stefny lançou-lhe um olhar raivoso, mas o restante dos aldeões tomou o assunto como encerrado e começou a oferecer suas casas aos outros necessitados.

Elona cambaleou de novo, caindo no colo de Steave, gargalhando.

— Você pode dormir no quarto de Leesha — disse para ele. — É do lado do meu. — Ela baixou a voz nesta última parte, mas estava bêbada e todos ouviram. Gared corou, Steave gargalhou e Erny abaixou a cabeça. Leesha sentiu uma pontada de comiseração pelo pai.

— Queria que os terraítas a tivessem *levado* na noite passada — murmurou.

O pai ergueu os olhos para ela e falou:

— Não diga uma coisa dessas. De ninguém. — Ele lançou um olhar duro para Leesha até ela concordar com a cabeça. — Além disso, eles provavelmente a devolveriam — acrescentou, com tristeza.

Foram distribuídas acomodações a todos e as pessoas estavam se preparando para sair quando houve um murmúrio e a multidão se abriu. Naquele espaço, a velha Bruna apareceu, mancando.

O discípulo Jona segurava um dos braços da mulher enquanto ela caminhava. Leesha ergueu-se de uma vez e pegou o outro.

— Bruna, você não deveria estar em pé — advertiu ela. — Deveria estar descansando!

— A culpa é sua, mocinha — disse Bruna, raivosa. — Tem gente mais doente que eu, e eu preciso das ervas da minha cabana para tratá-las. Se seu guarda-costas — ela encarou Gared com ódio e ele caiu para trás de medo — tivesse

deixado Jona trazer minha mensagem, eu poderia ter mandado você até lá com uma lista. Mas agora é tarde e eu terei de ir com você. Podemos ficar atrás das minhas proteções à noite e voltar de manhãzinha.

— Por que eu? — perguntou Leesha.

— Porque nenhuma das outras garotas estúpidas desta aldeia sabe ler! — gritou Bruna. — Elas misturariam os rótulos nas garrafas pior que a desgraçada da Darsy!

— Jona pode ler — disse Leesha.

— Eu me ofereci para ir. — O discípulo começou a falar, mas Bruna bateu seu cajado no pé de Jona, que parou de falar para gritar.

— O trabalho de ervanária é de mulher, mocinha — respondeu Bruna. — Homens santos estão lá para rezar enquanto trabalhamos.

Leesha começou a falar, olhando para os pais em busca de refúgio:

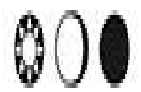
— Eu…

— Acho uma ótima ideia — falou Elona, finalmente se desenredando do colo de Steave. — Passar a noite na casa de Bruna. — Ela empurrou Leesha para a frente. — Minha filha ficará feliz em ajudar — continuou, com um sorriso grande.

— Talvez Gared deva ir também? — sugeriu Steave, chutando para alertar o filho.

— Você vai precisar de costas fortes para carregar suas ervas e poções de volta pela manhã — concordou Elona, erguendo Gared.

A velha ervanária lançou um olhar de fúria para ela, em seguida para Steave, mas por fim concordou com a cabeça.



A viagem até a cabana de Bruna foi lenta, a velha determinando um ritmo arrastado nos passos. Eles chegaram à cabana pouco antes do pôr do sol.

— Veja as proteções, garoto — disse Bruna a Gared. Enquanto ele obedecia, Leesha levou-a para dentro, deixando a velha numa poltrona estofada, cobrindo-a com uma colcha de retalhos. Bruna respirava com dificuldade e Leesha temia que ela começasse a tossir novamente a qualquer momento. Encheu a caldeira e deitou madeira e lenha na estufa, lançando um olhar ao redor em busca de sílex e aço.

— A caixa na prateleira — disse Bruna, e Leesha percebeu a pequena caixa de madeira. Ela a abriu, mas não havia sílex ou aço lá dentro, apenas pequenos palitos de madeira com um tipo de argila nas pontas. Ela pegou dois e tentou esfregar um no outro.

— Não é assim, menina! — bronqueou Bruna. — Nunca viu um palito de fogo?

Leesha sacudiu a cabeça e falou:

— Papai tem alguns na loja, onde ele mistura as químicas, mas não entro lá.

A velha ervanária suspirou e acenou para a garota se aproximar. Pegou um dos palitos e apoiou-o com seu dedão nodoso, seco. Ela raspou o dedão e a ponta do palito entrou em combustão. Os olhos de Leesha arregalaram-se.

— Tem mais coisas no trabalho de ervanária além das plantas, mocinha — disse Bruna, tocando o pavio de uma vela antes que o palito queimasse por inteiro. Acendeu um lampião e entregou a vela para Leesha. Ergueu o lampião, iluminando uma estante empoeirada, cheia de livros à sua luz trêmula.

— Que maravilha! — exclamou Leesha. — A senhora tem mais livros que o sacerdote Michel!

— Essas não são as histórias bobocas permitidas pelos homens santos, mocinha. Ervanárias são zeladoras de um pouco de conhecimento do mundo antigo, bem antes do Retorno, quando os demônios queimavam as grandes bibliotecas.

— Ciência? — perguntou Leesha. — Não foi o orgulho arrogante que trouxe de volta a Praga?

— Isso é conversa de Michel — falou Bruna. — Se eu soubesse que o garoto cresceria para virar um idiota pomposo, eu o teria deixado no meio das pernas da mãe. Foi a ciência, tanto quanto a magia, que expulsou os terraítas da primeira vez. As sagas contam feitos de grandes ervanárias curando feridas mortais e misturando ervas e minerais que matavam demônios às dezenas com fogo e veneno.

Leesha estava prestes a fazer outra pergunta quando Gared voltou. Bruna acenou para ela e na direção da estufa e Leesha acendeu o fogo e pôs a caldeira sobre ele. Logo a água estava borbulhando e Bruna enfiou a mão nos muitos bolsos de sua túnica, deitando sua mistura especial de ervas na sua caneca e chá nas de Leesha e Gared. Suas mãos eram rápidas, mas Leesha ainda assim observou a velha jogando algo a mais na caneca de Gared.

Ela despejou a água e todos bebericaram num silêncio incômodo. Gared bebeu o seu chá com rapidez e logo começou a esfregar o rosto. Um momento depois, estava encurvado, quase dormindo.

— A senhora pôs algo no chá dele — acusou Leesha.

A velha deu uma risadinha e disse:

— Resina de erva-tampão e pólen de flor celeste. Cada um com muitos usos, mas juntos uma pitada pode fazer um búfalo dormir.

— Mas por quê? — quis saber Leesha.

Bruna sorriu, mas era algo assustador.

— Chame de precaução. Prometidos ou não, não confie num garoto de quinze verões sozinho com uma garota à noite.

— Então por que deixou que ele viesse?

Bruna abanou a cabeça e suspirou.

— Eu falei para o seu pai não se casar com aquela víbora, mas ela balançou as tetas para ele e o enfeitiçou. Bêbados como estão, Steave e sua mãe vão se engalfinhar, não importa quem esteja na casa. Mas isso não significa que Gared deva saber disso. Garotos são malvados demais nessa idade.

Os olhos de Leesha saltaram.

— Minha mãe nunca…!

— Cuidado com o que vai dizer. O Criador abomina os mentirosos.

Leesha encolheu-se. Sabia como era Elona.

— Mas Gared também não é assim — afirmou.

Bruna bufou.

— Faça os partos de uma aldeia inteira e me conte depois.

— Não me importaria se já tivesse florescido — retrucou Leesha. — Então Gared e eu nos casaríamos e eu poderia fazer tudo para ele.

— Você está ansiosa, não é? — falou Bruna com um sorrisinho perverso. — Não é um grande problema, tenho de admitir. Os homens têm mais utilidades do que rachar lenha e carregar coisas pesadas.

— Por que demora tanto? — perguntou Leesha. — Saira e Mairy avermelharam os lençóis quando tinham doze verões e este será meu décimo terceiro! O que tem de errado?

— Não há nada de errado — respondeu Bruna. — Cada garota sangra no seu tempo. Talvez você sangre em um ano ou mais.

— Um ano! — exclamou Leesha.

— Não se apresse tanto em deixar a infância para trás, mocinha — falou Bruna. — Vai sentir falta dela quando terminar. Existem mais coisas no mundo do que deitar embaixo de um homem e fazer bebês.

— Mas com o que isso poderia ter comparação? — perguntou Leesha.

Bruna apontou para a estante e disse:

— Escolha um livro. Qualquer livro. Traga até aqui e eu vou te mostrar o que mais o mundo pode oferecer.

5
CASA CHEIA
– 319 DR –

LEESHA ACORDOU ASSUSTADA quando o velho galo de Bruna cantou para marcar a alvorada. Ela esfregou o rosto, sentindo a estampa do livro na bochecha. Gared e Bruna ainda estavam adormecidos. A ervanária havia adormecido cedo, mas, apesar de sua fadiga, Leesha continuou lendo até tarde da noite. Ela pensara que o trabalho de ervanária era apenas consertar ossos e fazer partos, mas havia muito mais. As ervanárias estudavam o mundo natural inteiro, descobrindo maneiras de combinar os muitos presentes do Criador em benefício dos seus filhos.

Leesha tirou a fita que prendia seus cabelos e deixou-a sobre a página, fechando o livro de forma reverente como fazia com o Cânone. Ergueu-se e se espreguiçou, jogando lenha no fogo e atiçando as brasas até virarem chamas. Pousou a caldeira sobre elas e foi acordar Gared.

— Acorde, preguiçoso — disse ela, mantendo a voz baixa. Gared apenas gemeu. Fosse lá o que Bruna lhe dera, era forte.

Ela o sacudiu com mais força e ele a empurrou, com os olhos fechados.

— Levante ou não vai ter desjejum — Leesha riu, chutando-o.

Gared resmungou de novo, os olhos semiabertos. Quando Leesha preparou o pé para um segundo chute, ele esticou o braço e agarrou sua perna, puxando-a para cima de si com um gritinho.

Ele rolou para cima dela, envolvendo-a com seus braços robustos, e Leesha deu risadinhas com seus beijos.

— Pare com isso — disse ela, batendo nele sem muita força —, vai acordar Bruna.

— E daí? — perguntou Gared. — A velha bruxa tem cem anos e é cega como um morcego.

— Os ouvidos da bruxa ainda são bem aguçados — disse Bruna, abrindo um pouco um dos seus olhos leitosos.

Gared deu um berro e praticamente voou para ficar em pé, afastando-se de Leesha e de Bruna ao mesmo tempo.

— Mantenha suas mãos quietas na minha casa, rapaz, ou faço uma poção para murchar seu cravo durante um ano — disse Bruna.

Leesha viu a cor desaparecer do rosto de Gared e mordeu o lábio para não rir. Por algum motivo, Bruna não a assustava mais, mas adorava assistir à velha intimidar outras pessoas.

— Estamos entendidos? — perguntou Bruna.

— Sim, senhora — respondeu Gared de pronto.

— Bom. Agora ponha esses ombrões para funcionar e corte um pouco de lenha para a fornalha.

Gared saiu antes que ela terminasse de falar. Leesha riu quando a porta bateu.

— Gostou disso, não foi? — perguntou Bruna.

— Nunca vi ninguém botar Gared para correr assim — disse Leesha.

— Venha mais perto para que eu possa te ver — pediu Bruna. Quando Leesha se aproximou, ela continuou a falar. — Ser a curandeira da aldeia exige mais que preparar poções. Uma boa dose de medo é o ideal para o maior garoto da aldeia. Talvez o ajude a pensar duas vezes antes de machucar alguém.

— Gared nunca machucaria ninguém — garantiu Leesha.

— Se você diz — disse Bruna, mas não parecia tão convencida.

— Você poderia mesmo fazer uma poção para tirar a virilidade dele? — perguntou Leesha.

Bruna deu uma risadinha.

— Não por um ano — confessou. — Ao menos não com uma dose. Mas por alguns dias ou até por uma semana? Tão fácil como a dose que botei no chá.

Leesha olhou, pensativa.

— O que foi, mocinha? — perguntou Bruna. — Está em dúvida se o garoto vai te deixar intocada antes do casamento?

— Estava pensando mais em Steave — respondeu Leesha.

Bruna assentiu com a cabeça e a alertou:

— E devia mesmo. Mas tenha cuidado. Sua mãe é safa. Sempre vinha aqui quando era jovem, buscando os truques da ervanária para parar impedir que engravidasse enquanto se divertia. Não a enxerguei pelo que ela era na época e fico triste em dizer que ensinei mais do que deveria.

— Minha mãe não era virgem quando meu pai a levou para dentro das proteções? — perguntou Leesha, chocada.

Bruna bufou.

— Metade da cidade já teve algo com ela antes de Steave botá-los para correr.

Leesha ficou boquiaberta.

— Minha mãe condenou a Klarissa quando ela ficou grávida — disse ela.

Bruna cuspiu no chão.

— Todo o mundo apontou o dedo para a pobre garota. Hipócritas, todos eles! Smitt fala de família, mas ele não levantou um dedo quando a esposa dele atiçou a cidade contra aquela garota como um bando de demônios da chama. Metade daquelas mulheres que apontavam para ela e gritavam "Pecadora!" era culpada do mesmo crime. Elas tiveram apenas sorte de casar rápido ou foram espertas o bastante para tomar precauções.

— Precauções? — perguntou Leesha.

Bruna balançou a cabeça.

— Elona está tão ansiosa por um neto que não te contou nada, hein? — perguntou ela. — Diga, mocinha, como se faz um bebê?

Leesha enrubesceu.

— O homem, digo, o marido… Ele…

— Desembucha, mocinha — irritou-se Bruna. — Sou velha demais para esperar a vergonha sair da sua cara.

— Ele põe uma semente na mulher — disse Leesha, seu rosto ficando ainda mais vermelho.

Bruna riu.

— Você consegue tratar queimaduras e feridas demoníacas, mas fica vermelha com o jeito que se faz uma vida?

Leesha abriu a boca para responder, mas Bruna a interrompeu.

— Faça seu rapaz depositar a semente na sua barriga e pode se deitar com ele do jeito que quiser — disse Bruna. — Mas não se pode confiar nos rapazes para sair a tempo, como Klarissa bem soube. As mais espertas vêm até mim pelo chá.

— Chá? — perguntou Leesha, atenta a cada palavra.

— Folhas de pomo, fervidas na dose certa com algumas outras ervas, criam um chá que impede a semente do homem a germinar.

— Mas o sacerdote Michel diz… — começou Leesha.

— Me poupe das citações do Cânone — interrompeu Bruna. — É um livro escrito por homens, sem nem pensar nos apuros das mulheres.

Leesha fechou a boca com um estalo.

— Sua mãe me visitava sempre — continuou Bruna —, fazendo perguntas, me ajudando na cabana, macerando ervas para mim. Eu pensei em fazer dela minha aprendiz, mas tudo que queria era o segredo do chá. Quando eu disse como era feito, ela foi embora e nunca mais voltou.

— É bem a cara dela — disse Leesha.

— O chá de pomo é seguro em pequenas doses, mas Steave é robusto e sua mãe tomou demais. Os dois devem ter feito coisas mil vezes antes de a oficina do seu pai prosperar e seu bolso atrair os olhos dela. Na época, a barriga de sua mãe estava mais que seca.

Leesha olhou para a velha com curiosidade.

— Depois que se casou com seu pai, Elona tentou engravidar por dois anos, sem sucesso — disse Bruna. — Steave casou com uma jovem e a engravidou do dia para a noite, o que só serviu para deixar sua mãe mais desesperada. Por fim, ela voltou até mim, implorando ajuda.

Leesha inclinou-se para mais perto, sabendo que sua existência dependia do que quer que Bruna falasse em seguida.

— O chá de pomo deve ser tomado em doses pequenas — repetiu Bruna — e uma vez por mês é melhor parar e deixar o fluxo vir. Do contrário, você arrisca ficar seca. Avisei Elona, mas ela virou escrava da sem-vergonhice e não me ouviu. Por meses, eu lhe dei ervas e verifiquei o fluxo, dando ervas para ela para botar na comida do seu pai. Finalmente, ela engravidou.

— De mim — disse Leesha. — Engravidou de mim.

Bruna concordou.

— Tive medo por você, mocinha. O útero de sua mãe ficou fraco e nós duas sabíamos que ela não teria outra chance. Vinha aqui todos os dias, perguntando para ver como estava o filho.

— Filho? — perguntou Leesha.

— Eu avisei que talvez não fosse um garoto, mas Elona foi teimosa. “O Criador não pode ser tão cruel”, ela dizia, esquecendo que o mesmo Criador fez os terraítas.

— Então tudo que sou é uma piada cruel do Criador? — quis saber Leesha.

Bruna pegou o queixo de Leesha entre seus dedos ossudos e puxou-a para perto. Leesha conseguiu ver os longos pelos grisalhos, como bigodes de gato, sobre os lábios encarquilhados da velha quando ela falou.

— Somos o que escolhemos ser, mocinha. Deixe os outros determinarem seu valor e você ficará perdida, porque ninguém quer que as pessoas valham mais que elas. Elona não tem que culpar ninguém além de si mesma por suas escolhas ruins, mas é vaidosa demais para admitir. Mais fácil descarregar tudo sobre você e o pobre Erny.

— Queria que ela fosse exposta e expulsa da cidade — disse Leesha.

— Trairia seu gênero por maldade? — perguntou Bruna.

— Não entendo — respondeu Leesha.

— Não há vergonha alguma em uma garota querer um homem entre as pernas, Leesha — disse Bruna. — Uma ervanária não pode julgar as pessoas por aquilo que a natureza planeja que façam quando são jovens e livres. O que não consigo tolerar são pessoas que quebram seus votos. Se fizer votos, mocinha, é melhor mantê-los.

Leesha assentiu com a cabeça.

Apenas então Gared voltou.

— Darsy veio para levar a senhora de volta para a cidade — falou com Bruna.

— Eu jurava ter despedido essa estúpida — resmungou Bruna.

— O conselho da cidade se reuniu ontem e me readmitiu — disse Darsy, entrando na cabana. Não era alta como Gared, mas não ficava muito longe e facilmente passava do seu peso. — É sua culpa. Ninguém mais quis o trabalho.

— Eles não podem fazer isso! — berrou Bruna.

— Ah, sim, eles podem — disse Darsy. — Não gosto disso mais que você, mas talvez você bata as botas um dia e a cidade precise de alguém para cuidar dos doentes.

— Já sobrevivi a melhores que você — desdenhou Bruna. — Eu vou escolher a quem ensinar.

— Bem, vou ficar até você encontrar — disse Darsy, olhando para Leesha e esgarçando os dentes.

— Então faça alguma coisa de útil e prepare o mingau — disse Bruna. — Gared está em fase de crescimento e precisa manter as forças.

Darsy olhou com raiva, mas arregaçou as mangas e seguiu para a caldeira borbulhante mesmo assim.

— Smitt e eu vamos ter uma conversinha quando eu conseguir chegar à cidade — murmurou Bruna.

— Darsy é tão ruim assim? — perguntou Leesha.

Os olhos aquosos de Bruna viraram-se para Gared.

— Sei que você é forte como um touro, garoto, e imagino que haja ainda um pouco de lenha para partir lá atrás.

Gared não precisou ouvir duas vezes. Num piscar de olhos estava na porta e elas ouviram o machado voltar a trabalhar.

— Darsy é útil o bastante com as coisas da cabana — admitiu Bruna. — Ela corta madeira quase tão rápido quanto seu garoto e faz um mingau decente. Mas essas mãos gorduchas são desajeitadas demais para a cura e ela tem pouca aptidão para a arte das ervanárias. Vai ser uma parteira razoável, qualquer idiota consegue puxar um bebê da mãe, e para botar ossos no lugar ela é insuperável, mas o trabalho mais sutil está além dela. Choro em pensar nesta vila com ela como ervanária.

— Você não vai ser uma boa esposa para Gared se não conseguir preparar um simples jantar! — gritou Elona.

Leesha lançou-lhe um olhar mal-humorado. Pelo que ela sabia, sua mãe nunca preparara uma refeição na vida. Dias se passaram sem que ela dormisse direito, mas o Criador proibia a mãe de erguer a mão para ajudar.

Ela passara o dia cuidando de doentes com Bruna e Darsy. Melhorou suas habilidades rapidamente, fazendo com que Bruna a usasse como exemplo para Darsy. Darsy não se importou.

Leesha sabia que Bruna a queria como aprendiz. A velha não pressionava, mas deixou suas intenções claras. Porém, também precisava pensar nos negócios de produção de papel do pai. Vinha trabalhando na loja, uma seção grande ligada à casa, desde que era criança, escrevendo mensagens para os aldeões e fazendo páginas. Erny lhe dissera que tinha o dom para o negócio. Suas encadernações eram mais bonitas que as dele e Leesha gostava de enfeitar suas páginas com pétalas, pelas quais as senhoras em Lakton e Forte Rizon pagavam mais que seus maridos por folhas lisas.

A esperança de Erny era se aposentar, enquanto Leesha cuidaria da loja e Gared faria a polpa e o trabalho pesado. Mas a arte de fazer papel nunca fora um grande interesse de Leesha. Ela o fazia em grande parte para passar o tempo com o pai, longe das fustigadas da língua da mãe.

Elona talvez gostasse do dinheiro que trazia, mas odiava a loja, reclamava do cheiro da lixívia nos tonéis de pasta e o barulho do moedor. A loja era um refúgio que Leesha e Erny usavam com frequência, um lugar de risadas que o território do lar nunca seria.

A risada ribombante de Steave fez Leesha erguer os olhos dos legumes que estava picando para o cozido. Ele estava na sala comum, sentado na poltrona do seu pai, bebendo sua cerveja. Elona estava sentada no braço da poltrona, rindo e se encostando, a mão no ombro do homem.

Leesha desejou ser um demônio da chama para que pudesse cuspir fogo nos dois. Nunca fora feliz aprisionada em casa com Elona, mas agora tudo em que conseguia pensar era nas histórias de Bruna. A mãe não amava o pai e, provavelmente, nunca amara. Ela achava que a filha era uma piada cruel do Criador. E não era virgem quando Erny a levou para dentro das proteções.

Por algum motivo, aquilo a feria profundamente. Bruna dissera que não havia pecado em uma mulher ter prazer com um homem, mas ainda assim a hipocrisia da mãe doía. Ela ajudou a expulsar Klarissa da cidade para esconder a própria indiscrição.

— Não serei como você — jurou Leesha. Ela passaria o dia do casamento

como o Criador planejou e se tornaria mulher numa cama matrimonial adequada.

Elona soltou um gritinho com algo que Steave disse e Leesha começou a cantar para si a fim de abafá-los. Sua voz era forte e pura; o sacerdote Michel sempre pedia para que ela cantasse nos cultos.

— Leesha! — berrou sua mãe pouco depois. — Pare com essa cantoria! Não conseguimos nem ouvir nossos pensamentos aqui!

— Não parece ter muito pensamento por aí — murmurou Leesha.

— Que foi? — questionou Elona.

— Nada! — gritou Leesha de volta com sua voz mais inocente.

Eles comeram pouco depois do pôr do sol e Leesha assistiu com orgulho quando Gared usou o pão que ela fizera para limpar a terceira tigela de cozido.

— Ela não é uma cozinheira tão boa, Gared — desculpou-se Elona —, mas enche a barriga se você tapar o nariz.

Steave, que engolia a cerveja no momento, engasgou e soltou-a pelo nariz. Gared gargalhou do pai e Elona arrancou o guardanapo do colo de Erny para secar o rosto de Steave. Leesha olhou o pai para apoiá-lo, mas ele manteve os olhos na sua tigela. Não dissera uma palavra desde que havia voltado da loja.

Era demais para Leesha. Ela tirou a mesa e retirou-se para o seu quarto, mas não havia aquele refúgio. Ela esquecera que sua mãe dera seu quarto a Steave pela duração da estadia dele e de Gared. O gigante lenhador havia deixado um rastro de lama no seu assoalho imaculado, largando suas botas imundas sobre seu livro favorito, ao lado da cama, onde ele ficava.

Ela deu um berro e correu até seu tesouro, mas a capa estava irremediavelmente enlameada. Suas roupas de cama do macio algodão rizonano estavam manchadas com sabe lá o Criador o quê, e cheiravam a uma mistura asquerosa de suor almiscarado e o caro perfume angieriano preferido de sua mãe.

Leesha ficou enojada. Ela pegou o precioso livro com firmeza e fugiu para a loja do pai, chorando enquanto tentava inutilmente limpar as manchas do tomo. Foi Gared que a encontrou lá.

— Então é para cá que você foge — disse ele, aproximando-se para abraçá-la com seus braços fortes.

Leesha afastou-se, enxugando os olhos e tentando se recompor.

— Só preciso ficar um pouco sozinha — pediu ela.

Gared pegou seu braço.

— É por causa da piada que sua mãe fez?

Leesha sacudiu a cabeça, tentando virar-se de novo, mas Gared foi rápido em segurá-la.

— Eu só estava rindo do meu pai — disse ele. — Adorei o ensopado.

— É mesmo? — fungou Leesha.

— Mesmo — jurou Gared, puxando-a para perto e beijando-a com vontade. — Poderíamos alimentar um exército de filhos com você cozinhando assim — murmurou ele, rouco.

Leesha deu uma risadinha.

— Talvez seja difícil para mim pôr para fora todo um exército de Garedzinhos — ela falou.

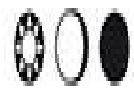
Ele a abraçou mais forte. Então encostou de maneira suave os lábios na orelha de Leesha e disse:

— Agora eu estou interessado em por um para dentro.

Leesha gemeu, mas o empurrou com delicadeza.

— Logo, logo estaremos casados.

— Já não aguento mais esperar — disse Gared, mas a soltou.



Leesha deitou-se enrolada em cobertores ao lado da lareira da sala comum. Steave estava com seu quarto e Gared ficou com um catre na loja. O chão era frio à noite e o tapete de algodão era rústico e incômodo para se deitar nele. Ela sentia falta de sua cama, embora nada além de queimá-la apagaria o fedor de Steave e do pecado de sua mãe.

Ela nem sequer tinha certeza de por que Elona se incomodava com a artimanha. Não conseguia enganar ninguém. Ela também poderia botar Erny para fora, na sala comum, e levar Steave direto para sua cama.

Leesha mal podia esperar o momento em que ela e Gared pudessem partir.

Ela ficou acordada, ouvindo os demônios testando as proteções e imaginando-se dirigindo a loja de papéis com Gared, seu pai aposentado e sua mãe e Steave tristemente falecidos. Sua barriga redonda e cheia, e ela cuidaria dos livros, e Gared entraria cansado e suado por trabalhar no moedor. Ele a beijaria enquanto seu pequeno corria pela loja.

A imagem a reconfortou, mas ela se lembrou das palavras de Bruna e imaginou se estaria perdendo algo, caso devotasse sua vida aos filhos e à produção de papel. Fechou os olhos novamente e imaginou-se como a ervanária da Clareira do Lenhador, todos dependendo dela para curar suas doenças, fazer partos e cuidar de suas feridas. Era uma imagem poderosa, porém mais difícil de encaixar Gared ou filhos. Uma ervanária precisa visitar os doentes e a imagem de Gared carregando suas ervas e ferramentas de um lugar para o outro não parecia viável, nem a ideia de ele cuidar das crianças enquanto ela trabalhasse.

Bruna conseguira, décadas atrás, casar, criar filhos e ainda atender o povo, mas Leesha não via como. Teria de perguntar à velha ervanária.

Ela ouviu um estalo e ergueu os olhos para ver Gared saindo hesitante da loja. Fingiu estar dormindo até ele se aproximar, em seguida rolou para olhá-lo de

repente.

— O que está fazendo aqui? — sussurrou.

Gared saltou e cobriu a boca para abafar um grito. Leesha precisou morder o lábio para impedir uma gargalhada.

— Só vim usar o banheiro — sussurrou Gared, aproximando-se para se ajoelhar ao lado dela.

— Tem um na loja — recordou-se Leesha.

— Então vim buscar um beijo de boa-noite — falou, inclinando-se com os lábios fazendo biquinho.

— Você ganhou três antes de ir para a cama — disse Leesha, estapeando-o de brincadeira.

— Que mal há em querer outro? — perguntou Gared.

— Nenhum — disse Leesha, envolvendo seus ombros com os braços.

Algum tempo depois, veio um estalo da outra porta. Gared retesou-se, buscando um lugar para se esconder. Leesha apontou para uma das poltronas. Ele era grande demais para se cobrir totalmente, mas com apenas o brilho laranja mortiço da lareira talvez fosse o bastante.

Uma luz fraca apareceu um momento depois, desfazendo aquela esperança. Leesha mal havia conseguido deitar-se de novo e fechar os olhos antes que a luz enchesse a sala.

Através de olhos entreabertos, Leesha viu a mãe olhando para a sala comum. O lampião que ela trazia era em grande parte tampado e a luz lançava grandes sombras, dando a Gared espaço o bastante para se esconder se ela não olhasse com atenção.

Não precisavam se preocupar. Depois de garantir que Leesha estava dormindo, Elona entrou no quarto de Steave.

Leesha ficou olhando para a porta do seu quarto por um bom tempo. Que Elona era adúltera não era uma grande revelação, mas, até aquele exato momento, Leesha se dera ao luxo de duvidar que a mãe pudesse realmente estar tão disposta a abrir mão de seus votos.

Ela sentiu a mão de Gared no ombro.

— Leesha, sinto muito — falou, e ela enterrou o rosto no peito do rapaz, chorando. Ele a abraçou com força, abafando seus soluços e embalando-a. Um demônio rugiu em algum lugar distante e Leesha quis gritar com ele. Segurou a língua na esperança vã de que seu pai estivesse dormindo, livre dos gemidos de Elona, mas a probabilidade parecia remota, a menos que ela tivesse usado uma das poções de sono de Bruna.

— Vou te levar para longe disso — disse Gared. — Vamos organizar tudo num estalar de dedos e teremos uma casa para nós antes da cerimônia, nem que eu tenha que cortar e carregar toda a lenha sozinho.

— Ah, Gared — falou para ele, beijando-o. Ele voltou a abraçá-la e deitou-a

novamente. Os barulhos no quarto de Steave e o som dos demônios lá fora desapareceram num palpitar do sangue em seus ouvidos.

A mão de Gared percorreu o corpo de Leesha livremente. Leesha deixou que ele a tocasse em lugares que apenas um marido deveria. Ela ofegou e arqueou as costas de prazer e Gared aproveitou a oportunidade para se posicionar entre as pernas da garota. Ela o sentiu abaixando os calções e sabia o que estava fazendo. Sabia que deveria empurrá-lo, mas dentro dela havia um vazio grande e Gared parecia a única pessoa no mundo que talvez pudesse preenchê-lo.

Ele estava prestes a avançar quando Leesha ouviu a mãe gritar de prazer e ficou tensa. Ela seria melhor que Elona caso abrisse mão dos votos tão facilmente? Ela jurou cruzar virgem as proteções do seu lar de casada. Jurou não ser igual a Elona em nada. Mas lá estava ela, jogando tudo para o alto e entregando-se a um garoto a poucos metros de onde sua mãe pecava.

O que não posso tolerar são pessoas que quebram seus votos, ouviu Bruna dizer novamente, e Leesha empurrou com força o peito de Gared.

— Gared, não, por favor — sussurrou. Ele se retesou por um bom tempo. Finalmente, rolou para longe dela e amarrou os calções.

— Desculpe — disse Leesha com fraqueza.

— Não, eu que peço desculpas — falou Gared e beijou a têmpora da garota. — Eu posso esperar.

Leesha abraçou-o com força e Gared levantou-se para sair. Queria que ele ficasse e dormisse ao lado dela, mas já haviam abusado demais da sorte. Se fossem pegos juntos, Elona a puniria seriamente, apesar dos próprios pecados. Talvez até mesmo por causa deles.

Quando a porta da loja se fechou, Leesha deitou-se novamente, com pensamentos ternos sobre Gared. Fosse qual fosse a dor que sua mãe pudesse lhe trazer, ela poderia amenizá-la, contanto que tivesse Gared.

O desjejum foi um momento desconfortável, bem como os sons de mastigação e deglutição tonitruantes na atmosfera muda que pairava sobre a mesa. Parecia não haver nada a dizer que não fosse melhor deixar para lá. Leesha tirou a mesa em silêncio, enquanto Gared e Steave pegavam os machados.

— Vai ficar na loja hoje? — perguntou Gared, finalmente rompendo o silêncio. Erny ergueu a cabeça pela primeira vez naquela manhã, interessado na resposta da filha.

— Prometi que ajudaria Bruna a cuidar dos feridos hoje de novo. — falou Leesha, olhando como se pedisse desculpas para o pai. Erny meneou a cabeça, compreensivo, e sorriu levemente.

— E quanto tempo isso vai durar? — perguntou Elona.

Leesha ergueu os ombros e respondeu:

— Até eles melhorarem, eu acho.

— Está passando tempo demais com aquela bruxa — disse Elona.

— Você que me pediu — lembrou Leesha.

Elona lançou um olhar raivoso para ela.

— Não banque a espertinha comigo, garota.

A raiva explodiu dentro de Leesha, mas ela abriu seu sorriso de vitória quando passou a capa ao redor dos ombros.

— Não se preocupe, mãe — disse ela. — Não vou exagerar no chá da Bruna.

Steave bufou e os olhos de Elona arregalaram-se, mas Leesha saiu porta afora antes que ela pudesse se recuperar para retrucar.

Gared caminhou um pouco com ela, mas logo chegaram ao lugar onde os lenhadores se encontravam toda manhã. Os amigos de Gared já o esperavam.

— Está atrasado, Gar — reclamou Evin.

— Tem mulher pra cozinhar pra ele agora — disse Flinn. — Isso faz qualquer homem demorar.

— Se ele tiver dormido — resmungou Ren. — Acho que está comendo mais do que deve e bem embaixo do nariz do pai dela.

— Ren acertou, Gar? — perguntou Flinn. — Achou um lugar novo para botar seu machado a noite passada?

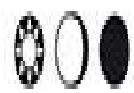
Leesha irritou-se e abriu a boca para retorquir, mas Gared pousou a mão no ombro da garota.

— Não dê nenhuma atenção a eles — falou ele. — Estão apenas tentando irritá-la.

— Você poderia defender a minha honra — disse Leesha. O Criador bem sabia que garotos brigavam por qualquer motivo.

— Ah, eu vou — prometeu Gared. — Só não quero que você veja. Prefiro que continue a achar que sou gentil.

— Você *é* gentil — falou Leesha, ficando na ponta dos pés para beijar o rosto de Gared. Os garotos assoviaram e Leesha mostrou a língua para eles e se afastou.



— Garota idiota! — murmurou Bruna quando Leesha contou o que dissera a Elona. — Apenas uma tola mostra as cartas quando o jogo ainda está no começo.

— Isso não é um jogo, é minha vida! — respondeu Leesha.

Bruna agarrou seu rosto, apertando as bochechas com tanta força que os lábios se retorceram até abrir.

— Mais um motivo para mostrar um pouco de sensatez — reclamou com Leesha, encarando-a com olhos leitosos.

Leesha sentiu a raiva queimar dentro dela. Quem era essa mulher para falar com ela desse jeito? Bruna parecia desdenhar da cidade inteira, agarrando, batendo e ameaçando qualquer um que quisesse. Era mesmo tão melhor que Elona? Pensou de verdade no melhor para Leesha quando dissera todas aquelas coisas horríveis sobre a mãe ou estava apenas manipulando a garota para se tornar sua aprendiz, como Elona a pressionava a se casar com Gared logo e ter filhos com ele? No fundo, Leesha queria essas duas coisas, mas estava cansada de ser pressionada.

— Ora, ora, olha quem voltou. — Uma voz vinha da porta. — A jovem-prodígio.

Leesha ergueu os olhos para ver Darsy em pé na porta da Casa Sacra com uma braçada de lenha. A mulher não fazia esforço para esconder que não gostava de Leesha e conseguia ser tão assustadora quanto Bruna quando desejava. Leesha tentou mostrar para ela que não era uma ameaça, mas suas boas ações apenas pareciam piorar as coisas. Darsy estava determinada a não gostar dela.

— Não culpe Leesha por ter aprendido mais em dois dias do que você no seu primeiro ano — interrompeu Bruna quando Darsy soltou a lenha com tudo e ergueu um pesado atiçador de madeira para mexer no fogo.

Leesha tinha certeza de que nunca se daria bem com Darsy enquanto Bruna continuasse cutucando a ferida, mas estava ocupada demais macerando ervas para os cataplasmas. Vários dos queimados no ataque tinham infecções na pele que precisavam de atenção contínua. Outros estavam ainda piores. Bruna fora acordada às pressas duas vezes à noite para cuidar destes, mas até então suas ervas e habilidades não haviam falhado.

Bruna assumiu o controle total da Casa Sacra, mandando no sacerdote Michel e no restante ao redor como se fossem serviçais milneses. Mantinha Leesha por perto, falando o tempo todo com seu rouquejar frio, explicando a natureza dos ferimentos e as propriedades das ervas que usava para tratá-los. Leesha a observava cortando e costurando carnes e percebeu que seu estômago estava mais forte para essas coisas.

A manhã dissolveu-se dentro da tarde e Leesha precisou forçar Bruna a parar e comer. Talvez os outros não notassem o esforço na respiração da senhora ou suas mãos trêmulas, mas Leesha notava.

— É isso — disse Leesha, por fim, arrancando o pilão das mãos da ervanária. Bruna lançou um olhar sério para ela. — Vá descansar.

— Quem é você, mocinha, para… — disse Bruna, pegando seu cajado.

Leesha foi esperta e se moveu mais rápido, agarrando o cajado e apontando direto para o nariz adunco de Bruna.

— A senhora vai ter outro ataque se não descansar. Vou levá-la para fora, sem discussão! Stefny e Darsy podem cuidar das coisas por uma hora.

— É difícil — resmungou Bruna, mas deixou Leesha ajudá-la a se levantar e levá-la para fora.

O sol estava alto no céu e a grama ao redor da Casa Sacra estava viçosa e verdejante, exceto por alguns pontos queimados pelos demônios da chama. Leesha estendeu um cobertor e fez Bruna se sentar, trazendo seu chá especial e um pouco de pão macio, que não forçaria os poucos dentes que restavam à velhota.

Ficaram sentadas num silêncio confortável por um tempo, desfrutando o dia quente de inverno. Leesha pensou que fora injusta comparando Bruna à sua mãe. Quando foi a última vez que ela e Elona dividiram um silêncio agradável ao sol? Alguma vez já tinham feito isso?

Ela ouviu um som áspero e virou-se para ver Bruna roncando. Sorriu e estendeu o xale sobre a mulher. Esticou as pernas e viu Saira e Mairy nas proximidades, costurando, sentadas na grama. Elas acenaram e chamaram, abrindo espaço na manta para Leesha se sentar.

— Como está o trabalho de ervanária? — perguntou Mairy.

— Exaustivo — disse Leesha. — Cadê Brianne?

As garotas olharam-se e riram.

— No bosque com Evin — respondeu Saira.

Leesha deu um muxoxo.

— Essa garota vai acabar como Klarissa.

Saira deu de ombros.

— Brianne diz que você não pode desdenhar de algo que não conhece.

— *Vocês* estão planejando experimentar?

— Você acha que não tenho motivo para não esperar — falou Saira. — Eu pensava isso também, até Jak ser prometido. Agora eu daria qualquer coisa para ter feito com ele antes de ele morrer. Até mesmo para ter um filho dele.

— Desculpe — disse Leesha.

— Tudo bem — respondeu Saira com tristeza. Leesha a abraçou e Mairy juntou-se às duas.

— Ah, que lindo! — Um grito chegou por trás delas. — Quero abraço também! — Olharam bem quando Brianne pulou em cima delas, jogando todas, às gargalhadas, na grama.

— Você está bem-disposta hoje — disse Leesha.

— Um bota-pra-quebrar no bosque faz milagre — disse Brianne com uma piscadela, dando uma cotoveladinha na amiga. — Além disso — cantarolou —, Eeevin me contou um segredooo!

— Conte! — gritaram as três garotas em uníssono.

Brianne riu, os olhos adejando até Leesha.

— Talvez mais tarde. Como está a nova aprendiz da bruxa hoje?

— Não sou aprendiz, seja lá o que Bruna esteja pensando — retrucou Leesha.

— Ainda vou cuidar da loja do meu pai quando Gared e eu casarmos. Só estou ajudando com os doentes.

— Melhor você que eu — disse Brianne. — O trabalho de ervanária parece pesado. Você está horrível. Conseguiu dormir noite passada?

Leesha balançou a cabeça e disse:

— O chão ao lado da lareira não é confortável como minha cama.

— Eu não me importaria de dormir no chão se tivesse Gared como colchão — brincou Brianne.

— Que significa isso? — perguntou Leesha.

— Não se faça de boba, Leesh — disse Brianne, com um laivo de irritação. — Somos suas amigas.

Leesha enraiveceu-se.

— Se você estiver insinuando…!

— Desça do pedestal, Leesha — recomendou Brianne. — Sei que Gared possuiu você noite passada. Esperava que fosse honesta conosco sobre isso.

Saira e Mairy arfaram e os olhos de Leesha arregalaram-se, seu rosto enrubescendo.

— Ele não possuiu nada! — gritou. — Quem disse isso?

— Evin — riu Brianne. — Disse que Gared está se gabando o dia todo.

— Então Gared é um mentiroso formidável! — berrou Leesha. — Não sou qualquer uma, que sai por aí…

O rosto de Brianne ficou sombrio e Leesha engasgou e cobriu a boca.

— Ah, Brianne, desculpe! Eu não quis…

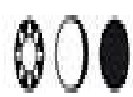
— Não, eu acho que quis — retrucou Brianne. — Eu acho que é a única coisa verdadeira que você disse hoje.

Ela se levantou e puxou as saias, seu humor costumeiro foi aos poucos desaparecendo.

— Vamos, meninas — disse ela. — Vamos para algum lugar onde o ar esteja mais limpo.

Saira e Mairy olharam-se, em seguida para Leesha, só que Brianne já estava caminhando e elas então se levantaram rapidamente para segui-la. Leesha abriu a boca, mas parou sem saber o que dizer.

— Leesha! — Ela ouviu Bruna gritar. Virou-se para ver a velha apoiando-se no cajado e esforçando-se para se levantar. Com um olhar dolorido para suas amigas que se afastavam, Leesha correu para ajudá-la.



Leesha aguardava quando Gared e Steave vieram tranquilos pelo caminho que levava até a casa de seu pai. Brincavam e riam, e sua jovialidade deu a Leesha a força que precisava. Ela agarrou as saias com força enquanto caminhava a

passos largos na direção deles.

— Leesha! — Steave a cumprimentou com um sorriso zombador. — Como está minha futura nora hoje? — Ele abriu os braços, como se para arrastá-la num abraço.

Leesha ignorou-o, indo direto até Gared e dando um tapa em cheio no rosto dele.

— Ei! — gritou Gared.

— Opa! — riu Steave. Leesha encarou-o com o melhor olhar fulminante da mãe e ele ergueu as mãos para acalmá-la. — Acho que vocês precisam conversar, então vou deixá-los a sós. — Ele olhou para Gared e piscou. — O prazer tem seu preço — avisou e saiu.

Leesha girou para encarar Gared, investindo contra ele de novo. Ele agarrou firme seu pulso e exigiu:

— Leesha, pare com isso!

Leesha ignorou a dor no pulso, acertando o joelho no meio das pernas dele. Sua saia atrapalhou o golpe, mas foi o bastante para fazê-lo soltar e jogá-lo no chão, protegendo a virilha. Leesha o chutou, mas Gared era forte, e suas mãos protegeram o único lugar vulnerável às forças dela.

— Pelas Profundas, Leesha, o que há de errado com você? — ofegou Gared, mas foi interrompido quando ela o chutou na boca. Gared resmungou algo e quando ela ergueu o pé novamente ele o agarrou e empurrou com força, lançando-a para trás. Quando ela caiu de costas, o fôlego se esvaiu e, antes que pudesse se recuperar, Gared a atacou, agarrando seus braços e prendendo-a no chão.

— Ficou louca? — gritou ele, enquanto ela continuava a se contorcer. O rosto do rapaz estava púrpura e seus olhos lacrimejavam.

— Como você pôde? — berrou Leesha. — Filho de um demônio, como pôde ser tão cruel?

— Pela Noite, Leesha, o que foi? — resmungou Gared, soltando mais o peso sobre a garota.

— Como você pôde? — perguntou Leesha outra vez. — Como pôde mentir e dizer a todo o mundo que você me deflorou ontem à noite?

Gared parecia verdadeiramente pasmo.

— Quem te disse isso? — questionou ele.

Leesha ousou esperar que a mentira não fora sua.

— Evin falou para Brianne — respondeu.

— Vou matar aquele filho das Profundas — resfolegou Gared, aliviando o peso. — Ele prometeu ficar de bico calado.

— Então é verdade? — gritou Leesha. Ela ergueu o joelho de uma vez, e Gared uivou e rolou para longe dela. Levantou-se e foi para longe do alcance dele, antes que se recuperasse para agarrá-la novamente.

— Por quê? Por que você mentiu?

— Foi só um papo de lenhador — disse Gared —, não significa nada.

Leesha nunca cuspira na vida, mas cuspiu nele e berrou:

— Não significa nada? Você arruinou a minha vida por algo que não significa nada?

Gared levantou-se e Leesha recuou. Ele ergueu as mãos e manteve a distância.

— Sua vida não está arruinada — disse-lhe.

— Brianne já sabe! — continuou a berrar Leesha. — E Saira e Mairy! A aldeia inteira vai saber até amanhã!

— Leesha… — Gared começou a falar.

— Para quem mais?

— Quê?

— Para quem mais você falou, idiota? — bradou Leesha.

Ele enfiou a mão nos bolsos e baixou os olhos.

— Só para os outros lenhadores — respondeu.

— Pela Noite! Para *todos* eles? — Leesha correu até ele, arranhando o rosto do rapaz, mas ele agarrou as mãos dela.

— Calma! — gritou Gared. As mãos dele, como dois joelhos de porco, a apertaram e uma pontada de dor correu pelos braços da garota, fazendo-a voltar à realidade.

— Você está me machucando! — disse ela com toda a calma.

— Assim é melhor — falou, aliviando a pressão sem soltá-la. — Duvido que doa mais do que um chute nas bolas.

— Você mereceu — disse Leesha.

— Acho que sim — retrucou Gared. — Agora podemos ter uma conversa civilizada?

— Se você me soltar.

Gared franziu a testa, soltou-a e saltou para longe do alcance do chute.

— Vai contar para todo o mundo que mentiu? — perguntou Leesha.

Gared sacudiu a cabeça.

— Não posso fazer isso, Leesh. Vou parecer um tonto.

— Melhor que eu pareça uma vadia? — contestou Leesha.

— Não vai parecer vadia, Leesh, prometo. Não é como Brianne.

— Ótimo — disse Leesha. — Talvez eu possa contar algumas mentiras também. Se seus amigos o provocaram antes, o que acha que vão dizer se eu contar para eles que você não ficou duro o bastante para fazer o que precisava?

Gared fechou o punho e ergueu-o levemente.

— Você não vai fazer isso, Leesha. Estou sendo paciente com você, mas se sair espalhando mentiras como essa eu juro que…

— Mas tudo bem mentir sobre mim? — perguntou Leesha.

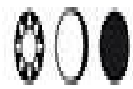
— Não vai importar assim que nos casarmos — disse Gared. — Todos vão esquecer.

— Não vou me casar com você — falou Leesha, e teve a sensação repentina de um peso saindo de suas costas.

Gared encarou-a e disse:

— Você não tem escolha. Mesmo se for prometida para outro agora, como aquela toupeira de livros do Jona ou outro qualquer, eu o derrubo. Ninguém na Clareira do Lenhador vai pegar o que é meu.

— Aproveite os frutos da sua mentira — disse Leesha, virando-se antes que ele visse suas lágrimas — porque eu vou me entregar para a Noite antes que você torne isso realidade.



Leesha precisou de toda a força para não irromper em lágrimas enquanto preparava o jantar naquela noite. Cada som de Gared e Steave era como uma faca no coração. Ela foi tentada por Gared na noite anterior. Quase deixou que ele avançasse, sabendo muito bem o que significava. Doía rejeitá-lo, mas ela pensou que sua virtude lhe pertencia. Nunca imaginou que ele poderia tomá-la com apenas uma palavra, muito menos que o faria.

Um sussurro chegou ao seu ouvido:

— Melhor que esteja passando muito tempo com Bruna. — Leesha virou-se para encontrar Elona lá, sorrindo forçosamente para ela. — Não queremos você com a barriga redonda no dia do casamento — disse Elona.

Arrependendo-se do comentário sobre o chá pela manhã, Leesha abriu a boca para responder, mas a mãe soltou uma risadinha e saiu antes que ela pudesse encontrar palavra.

Leesha cuspiu na tigela da mãe. Nas de Gared e de Steave também. Sentiu a vã satisfação enquanto eles comiam.

O jantar foi um momento horrível. Steave sussurrava no ouvido da mãe e Elona abafava o riso com suas palavras. Gared encarou-a o tempo todo, mas Leesha se recusou a olhá-lo. Ela manteve os olhos na tigela, mexendo nela como se entorpecida, como seu pai fazia.

Apenas Erny parecia não ter se inteirado da mentira de Gared. Leesha ficou feliz por isso, mas sabia em sua alma que aquilo não duraria. Muitas pessoas pareciam empenhadas em destruí-la com o assunto.

Ela saiu da mesa o mais rápido que pôde. Gared ficou em sua cadeira, mas Leesha sentiu os olhos dele a segui-la. No momento em que ele se retirou para a loja, ela o trancou lá dentro, sentindo-se um pouco mais segura.

Como tantas noites antes, Leesha foi dormir chorando.

Leesha acordou duvidando que tivesse sequer dormido. Sua mãe fizera outra visita a Steave, bem tarde da noite, mas Leesha sentiu apenas um torpor quando ouviu os gemidos deles mais altos que a cacofonia dos demônios.

Gared também espancou a porta à noite, quando descobriu que estava trancado. Ela sorriu com crueldade quando ele testou a tranca mais algumas vezes antes de finalmente desistir.

Erny foi até Leesha beijá-la no topo da cabeça enquanto ela punha o mingau no fogo. Era a primeira vez que ficavam sozinhos em dias. Ela imaginou o que aconteceria com seu já acabado pai quando a mentira de Gared caísse em seus ouvidos. Ele poderia acreditar nela no passado, mas, com a traição da mulher ainda fresca, Leesha duvidava que lhe restasse tanta confiança assim.

— Vai cuidar dos doentes hoje de novo? — perguntou Erny. Quando Leesha assentiu, ele sorriu e falou: — Isso é bom.

— Desculpe por não ter mais tempo para a loja — disse Leesha.

Ele tomou os braços dela e aproximou-se, fitando os olhos da filha.

— As pessoas sempre são mais importantes do que papel, Leesha.

— Mesmo as ruins? — perguntou.

— Mesmo as ruins — confirmou Erny. Seu sorriso era forçado, mas não havia dúvida na resposta. — Encontre o pior ser humano que puder e ainda encontrará algo pior ao olhar pela janela à noite.

Leesha começou a chorar e seu pai puxou-a para mais perto, embalando-a no abraço e acariciando seu cabelo.

— Tenho orgulho de você, Leesh — sussurrou. — A arte do papel era um sonho meu. As proteções não vão falhar se você escolher outro caminho.

Ela o abraçou forte, encharcando a camisa dele com lágrimas, e falou:

— Eu te amo, pai. Aconteça o que acontecer, nunca duvide disso.

— Nunca conseguiria, meu raio de sol. Sempre vou te amar também.

Ele a segurou por um bom tempo; seu pai era o único amigo que lhe restara no mundo.

Ela saiu correndo de casa enquanto Gared e Steave ainda estavam calçando as botas. Ela achou que não encontraria ninguém no caminho até a Casa Sacra, mas os amigos de Gared estavam esperando do lado de fora. Seu cumprimento foi uma saraivada de assobios e vaias.

— Só viemos para ter certeza que você e sua mãe não vão manter Gared e Steave na cama durante as horas de trabalho! — gritou Ren. Leesha virou-se, enrubescida, mas não disse nada enquanto passava por eles e se apressava pela estrada. Suas gargalhadas cortavam suas costas como lâminas.

Não achou que estivesse apenas imaginando; as pessoas no caminho a encaravam e cochichavam quando ela passava. Apressou-se para a segurança

da Casa Sacra, mas, quando chegou, Stefny bloqueou a porta, suas narinas tremendo como se Leesha fedesse a lixívia que o pai usava para fazer papel.

— O que está fazendo? — perguntou Leesha. — Deixe-me passar. Estou aqui para ajudar Bruna.

Stefny sacudiu a cabeça e escarneceu:

— Não vai sujar este lugar sagrado com seu pecado.

Leesha empertigou-se para ficar mais alta que Stefny alguns centímetros, mas ainda se sentia como um rato diante de um gato.

— Não cometi pecado algum — retrucou.

— Haha! — riu Stefny. — A cidade inteira sabe o que você e Gared estão fazendo à noite. Eu depositava esperanças em você, garota, mas parece que você saiu à sua mãe mesmo.

— O que está acontecendo aqui? — A voz rouca de Bruna surgiu antes que Leesha pudesse responder.

Stefny virou-se, cheia de orgulho, e encarou a velha ervanária.

— Esta garota é uma rameira e não vou deixar que ela entre na casa do Criador.

— *Você* não vai deixar? — perguntou Bruna. — Você é o Criador por acaso?

— Não blasfeme neste lugar, velha — falou Stefny. — As palavras do Criador estão escritas para todos verem. — Ela ergueu um Cânone com capa de couro que carregava para todos os lugares. — Pecadores mantêm a Praga sobre nós e isso cabe bem para esta vadia e sua mãe.

— E onde está sua prova do crime? — perguntou Bruna.

Stefny sorriu.

— Gared gabou-se do pecado para quem quisesse ouvir — respondeu.

Bruna resmungou e investiu de repente, acertando Stefny na cabeça com o cajado e jogando-a ao chão. Ela então falou, aos berros:

— Você condenou uma garota sem prova nenhuma além da gabolice de um garoto? Alarde de garotos que não valem o que comem e você sabe bem disso!

— Todos sabem que a mãe dela é a meretriz da cidade — disse Stefny, olhando com desprezo. Uma gota de sangue escorreu de sua têmpora. — Por que o filhote seria diferente da cadela?

Bruna jogou o cajado no ombro de Stefny, fazendo-a gritar de dor.

— Ei, alto lá! — gritou Smitt, aproximando-se. — Chega com isso!

O sacerdote Michel apareceu no encalço.

— Está é uma Casa Sacra, não uma taverna angieriana…

— Coisa de mulher é o que é, e vocês fiquem fora disso, se souberem o que é bom para vocês! — rosnou Bruna, freando o arroubo dos homens. Ela voltou a olhar Stefny e sibilou: — Diga a eles, ou quer que eu revele seus pecados também?

— Eu não tenho pecados, bruxa! — retrucou Stefny.

— Eu fiz o parto de cada criança nesta aldeia — respondeu Bruna, baixo demais para os homens ouvirem — e, apesar dos rumores, sei quando as coisas estão tão próximas quanto um bebê nas minhas mãos.

Stefny empalideceu, virou-se para o marido e o sacerdote, e gritou:

— Fiquem fora disso!

— Pelas Profundas que vou ficar! — gritou Smitt. Ele agarrou o cajado de Bruna e afastou-o de sua mulher. — Escute aqui, mulher — disse para Bruna —, ervanária ou não, você não pode simplesmente sair batendo em quem quiser!

— Ah, mas sua mulher pode sair por aí condenando quem ela quiser? — retorquiu Bruna. Ela arrancou seu cajado das mãos de Smitt e acertou a cabeça dele também.

Smitt cambaleou para trás, esfregando a cabeça, e disse:

— Tudo bem, eu estava tentando ser educado.

Em geral, Smitt dizia isso pouco antes de arregaçar as mangas e jogar alguém para fora de sua taverna. Não era um homem alto, mas sua constituição atarracada era forte e ele tinha experiência de muitos anos em lidar com lenhadores bêbados.

Bruna não era um lenhador musculoso, mas não parecia intimidada. Ela ficou parada enquanto Smitt avançava em sua direção.

— Ótimo! — gritou Bruna. — Me jogue para fora! Misturem suas ervas sozinhos! Você e Stefny vão curar aqueles que estão vomitando sangue e pegaram a febre demoníaca! Façam o parto dos bebês enquanto estiverem aí! Cozinhem seus próprios elixires! Façam seus próprios palitos de fogo! Para que vocês precisam aguentar uma velha bruxa?

— É mesmo, para quê? — perguntou Darsy. Todos olharam para ela enquanto caminhava a passos largos até Smitt. — Eu posso misturar ervas e fazer partos tão bem quanto ela.

— Haha! — riu-se Bruna. Até Smitt olhou para ela, em dúvida.

Darsy a ignorou.

— Eu acredito que é hora de mudar — falou ela. — Posso não ter cem anos de experiência como Bruna, mas não saio por aí intimidando a todos.

Smitt coçou o queixo e olhou para Bruna, que se divertia, rindo.

— Vá em frente — ousou ela. — Vai ser bom descansar. Mas não venham implorar na minha cabana quando essa porca costurar o que devia ter cortado e cortar o que devia ter costurado.

— Talvez Darsy mereça uma chance — falou Smitt.

— Então está feito! — disse Bruna, batendo com o cajado no chão. — Faça com que o resto da cidade saiba a quem recorrer para suas curas. Agradecerei pela paz que terei em minha cabana!

Ela se voltou para Leesha.

— Venha, mocinha, ajude esta velha aqui a voltar para casa.

Ela tomou o braço de Leesha e as duas viraram em direção à porta.

Porém, quando passaram por Stefny, Bruna parou, apontando o cajado e sussurrando para apenas as três mulheres ouvirem.

— Diga mais alguma palavra contra esta garota ou faça outros falarem e a cidade inteira saberá de suas vergonhas.

O olhar de terror de Stefny permaneceu na mente de Leesha pelo caminho todo até a cabana de Bruna. Assim que estavam lá dentro, Bruna virou-se para ela e perguntou:

— E então, garota... É verdade?

— Não! — gritou Leesha. — Digo, nós quase… mas eu disse para ele parar, e ele parou.

Aquilo soou estúpido e implausível, e ela sabia disso. O terror a tomou. Bruna era a única que a defendera. Pensou que morreria se a velha também pensasse que ela era uma mentirosa.

— Você… pode me examinar, se quiser — falou Leesha, as bochechas ficando vermelhas. Abaixou o rosto e reprimiu as lágrimas.

Bruna resmungou e balançou a cabeça.

— Eu acredito em você, garota.

— Por que ele fez isso? — perguntou Leesha, quase suplicante. — Por que Gared mentiu desse jeito?

— Porque os garotos recebem como prêmio a mesma coisa que para as garotas significa expulsão da cidade — respondeu Bruna. — Porque homens são governados pelo que acham de suas minhocas penduradas. Porque ele é um merda mesquinho, nocivo e cabeça de vento sem noção nenhuma do que tinha nas mãos antes.

Leesha começou a chorar novamente. Um pranto sem fim. Com certeza, um corpo não poderia conter tantas lágrimas.

Bruna abriu os braços e Leesha aceitou o aconchego.

— Isso, isso, mocinha — falou a velha, abraçando-a. — Ponha tudo para fora e então vamos pensar no que fazer.

A cabana de Bruna ficou em silêncio enquanto Leesha fazia o chá. Ainda era bem cedo, mas ela se sentia extremamente exausta. Como podia esperar viver o resto da vida na Clareira do Lenhador?

O Forte Rizon fica apenas a uma semana de distância, pensou. *Milhares de pessoas. Ninguém ouviria as mentiras de Gared lá. Eu poderia encontrar Klarissa e…*

E o quê? Ela sabia que era apenas uma fantasia. Mesmo se pudesse encontrar um mensageiro para levá-la, o pensamento de uma semana ou mais na estrada aberta fazia gelar o sangue e os rizonanos eram fazendeiros, não viam muita utilidade em cartas ou produção de papel. Ela poderia encontrar um novo marido, talvez, mas o pensamento de unir seu destino ao de outro homem lhe

dava pouco alento.

Levou chá para Bruna, esperando que a velha tivesse uma resposta, mas a ervanária não disse nada, bebericando em silêncio o chá até que Leesha se ajoelhou ao lado da poltrona.

— O que vou fazer? — perguntou. — Não posso ficar aqui para sempre.

— Poderia — falou Bruna. — Por mais que Darsy se vanglorie, não reteve uma fração do que ensinei para ela, e não ensinei para ela uma fração do que sei. O povo vai voltar logo, logo, implorando minha ajuda. Fique e daqui um ano o povo da Clareira do Lenhador não saberá como conseguiu passar tanto tempo sem você.

— Minha mãe nunca vai permitir — falou Leesha. — Ainda vai me obrigar a casar com Gared.

Bruna assentiu.

— Ela obrigaria. Nunca se perdoou por não ter filhos com Steave. Ela está determinada a fazer com que você corrija os erros dela.

— Não vou fazer isso — disse Leesha. — Vou me entregar para a Noite antes de deixar que Gared me toque.

E chocou-se ao perceber que cada palavra era sincera.

— É muito corajoso de sua parte, minha querida — falou Bruna, mas havia desdém no tom de voz. — Tão corajosa a ponto de jogar sua vida fora por conta da mentira de um garoto e o medo de sua mãe.

— Não tenho medo dela! — disse Leesha.

— Mesmo para lhe contar que não vai casar com o garoto que destruiu sua reputação?

Leesha ficou quieta por muito tempo antes de assentir com a cabeça.

— Tem razão — falou, por fim. Bruna apenas resmungou.

Leesha ergueu-se e falou:

— Acho melhor eu acabar com isso.

Bruna não disse nada.

Na porta, Leesha parou e olhou para trás.

— Bruna?

A velha então olhou para a moça, esperando que ela continuasse, e novamente apenas murmurou algo para si mesma.

— Qual foi o pecado de Stefny? — completou Leesha.

Bruna bebericou do chá.

— Smitt tem três lindos filhos — respondeu.

— Quatro — corrigiu Leesha.

Bruna sacudiu a cabeça.

— Stefny tem quatro. Smitt tem três.

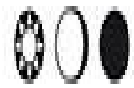
Os olhos de Leesha arregalaram-se.

— Mas como pode ser? Stefny nunca sai da taverna, só para ir até a Casa

Sacra…

Ela então se engasgou.

— Os homens santos também são homens — disse Bruna.



Leesha caminhou para casa lentamente, tentando escolher as palavras, mas no final ela soube que o fraseado era sem sentido. Tudo que importava era que não se casaria com Gared, e a reação de sua mãe. O dia já estava terminando quando entrou na casa. Gared e Steave voltariam da floresta em breve. Precisava enfrentar o problema antes que eles chegassem.

— Bem, você realmente entrou numa baita encrenca — disse sua mãe, ácida, quando ela entrou. — Minha filha, a vadia da aldeia.

— Não sou vadia — disse Leesha. — Gared está espalhando muitas mentiras.

— Não ouse culpá-lo porque não conseguiu manter suas pernas fechadas! — Elona disse.

— Eu não dormi com ele — falou Leesha.

— Hahaha! — gargalhou Elona, furiosa. — Não tente me fazer de boba, Leesha. Eu já fui jovem também.

— Você foi "jovem" todas as noites esta semana — falou Leesha — e Gared ainda é um mentiroso.

Elona deu um tapa na filha, lançando-a ao chão.

— Não ouse falar comigo assim, sua putinha! — gritou.

Leesha ficou deitada, em silêncio, sabendo que, caso se mexesse, a mão bateria novamente. Sentiu o rosto em chamas.

Vendo a filha completamente humilhada, Elona respirou fundo e pareceu se acalmar.

— Não importa — disse ela. — Sempre pensei que você precisava cair do pedestal onde o idiota do seu pai te colocou. Vai casar às pressas com Gared, no fim das contas, e o povo vai cansar da boataria.

Leesha fortaleceu-se.

— Não vou me casar com ele — retrucou. — Ele é um mentiroso e eu não vou me casar.

— Ah, sim, você vai — teimou Elona.

— Não, não vou — falou Leesha. As palavras lhe deram força quando ficou em pé. — Não vou fazer os votos e não há nada que você possa fazer para me obrigar.

— Então vamos resolver isso — falou Elona, agarrando o cinto. Era uma tira de couro grossa com uma fivela de metal que costumava usar solta ao redor da cintura. Leesha sempre pensou que Elona usava aquilo apenas para tê-lo a mão e espancá-la.

Elona avançou sobre Leesha, que gritou e se retirou para a cozinha antes de perceber que era o último lugar ao qual deveria ter ido. Havia apenas uma porta para entrar ou sair.

Ela gritou quando a fivela cortou seu vestido e estalou nas costas. Elona golpeou outra vez e Leesha jogou-se para cima da mãe em desespero. Quando caíram no chão, ela ouviu a porta abrir e a voz de Steave. Ao mesmo tempo, uma pergunta em voz alta veio da loja.

Elona aproveitou a distração, dando um murro em cheio no rosto da filha. Ela num estante ficou de pé, chicoteando Leesha com o cinto, arrancando outro grito dos lábios da garota.

— Pelas Profundas, o que está acontecendo? — Um grito veio da entrada. Leesha ergueu os olhos para ver o pai abrindo caminho até a cozinha, bloqueado pelo braço robusto de Steave. — Saia do meu caminho! — gritou Erny.

— Isso é entre elas — falou Steave com um sorrisinho.

— Esta é minha casa e você está aqui de favor! — gritou Erny. — Agora saia da frente!

Como Steave não se moveu, Erny desferiu-lhe um murro.

Todos ficaram paralisados. Não dava para saber se Steave havia sentido o murro. Ele rompeu o silêncio repentino com uma sonora risada, empurrando Erny causalmente e fazendo-o voar para dentro da sala comum.

— Vocês, meninas, resolvam suas diferenças em particular — disse Steave com uma piscadela, fechando a porta da cozinha, enquanto a mãe de Leesha a atacava mais uma vez.

Leesha chorou em silêncio na sala dos fundos da loja do pai, cuidando com delicadeza dos cortes e escoriações. Se tivesse as ervas adequadas, poderia ter feito mais, mas água fria e um pano era tudo que tinha.

Ela fugiu para dentro da loja logo após o suplício, trancando a porta por dentro, e ignorando até mesmo as batidas gentis do pai. Quando as feridas estavam limpas e os cortes mais profundos enfaixados, Leesha curvou-se no chão, tremendo de dor e vergonha.

“Você vai se casar com Gared no dia em que sangrar”, havia prometido Elona, “ou será assim até o dia do seu casamento.”

Leesha sabia que era sério. Também sabia que o rumor de Gared faria com que muitas pessoas tomassem o partido de sua mãe e insistissem que eles se casassem, ignorando as feridas de Leesha, como tinham feito muitas vezes antes.

Não vou me casar, prometeu Leesha a si mesma. *Vou me entregar para a Noite antes.*

Então a cólica retorceu suas entranhas. Leesha resmungou e sentiu a umidade

nas coxas. Apavorada, ela se secou com um pano limpo, rezando com fervor, mas, como uma piada cruel do Criador, estava mesmo sangrando.

Leesha berrou. Ela ouviu um chamado de dentro da casa.

Ouviu batidas na porta.

— Leesha, está tudo bem? — perguntou o pai.

Leesha não respondeu, encarando o sangue, horrorizada. Apenas dois dias antes rezava para sangrar. Agora que olhava para ele, era como se viesse das Profundas.

— Leesha, abra a porta agora ou vai me pagar mais tarde! — vociferou a mãe.

Leesha a ignorou.

— Se não ouvir tua mãe e abrir essa porta quando eu acabar de contar até dez, Leesha, prometo que arrombo! — esbravejou Steave.

O medo tomou conta dela quando Steave começou a contar. Leesha não tinha dúvida de que ele poderia estraçalhar e estraçalharia a pesada porta de madeira com um único golpe. Ela correu até a porta que dava para fora, abrindo-a com tudo.

Estava quase escuro. O céu era de um púrpura profundo e o último raio de sol desapareceria no horizonte em poucos minutos.

— Cinco! — gritou Steave. — Seis! Sete!

Leesha respirou fundo e correu para fora de casa.

6
SEGREDOS DO FOGO
– 319 DR –

LEESHA LEVANTOU BEM O VESTIDO e correu o quanto podia, mas estava a quase dois quilômetros da cabana de Bruna e sabia, lá no fundo, que nunca conseguiria chegar a tempo. Os gritos de sua família soavam atrás dela, os sons emudecidos pelo palpitar do coração e o baque dos pés.

Sentiu pontadas agudas nas costelas, e as costas e coxas arderam por conta do cinto de Elona. Ela caiu e esfolou a mão tentando se apoiar. Forçou-se a se levantar, ignorando a dor e avançando com todas as forças.

No meio do caminho até a casa da ervanária, a luz cedeu e a nova noite atraiu os demônios das Profundas. As brumas escuras começaram a se erguer, juntando-se para criar formas estranhas e horríveis.

Leesha não queria morrer. Soube naquele momento, mas era tarde demais. Porém, mesmo se desejasse voltar, sua casa estava mais longe agora que a cabana de Bruna, e não havia nada entre uma e outra. Erny construíra sua casa propositalmente longe das outras, após reclamações sobre o cheiro dos produtos químicos. Leesha não tinha outra escolha, além de seguir em frente para a

cabana de Bruna, na extremidade da floresta, onde os demônios da madeira se concentravam com maior intensidade.

Alguns terraítas tentaram agarrá-la enquanto passavam, mas ainda estavam intangíveis e não a pararam. Sentia frio quando suas garras passavam pelo peito, como se tivesse sido tocada por um fantasma, mas não sentia dor e não reduziu a velocidade.

Os demônios das chamas não brotavam tão perto das florestas. Os demônios da madeira matavam-nos de imediato. O cuspe de fogo podia incendiar um demônio da madeira, mesmo que chamas normais não conseguissem. Um demônio do vento solidificou-se diante dela, mas Leesha contornou-o e as pernas magras da criatura não tinham força para persegui-la no chão. Berrou para ela quando a garota passou por ele.

Ela vislumbrou uma luz adiante; o lampião que ficava pendurado ao lado da porta da cabana de Bruna. Ela fez um último esforço para correr mais rápido, gritando:

— Bruna! Bruna, por favor, abra a porta!

Não houve resposta e a porta permaneceu fechada, mas o caminho estava desimpedido e ela até pensou que conseguiria chegar até lá.

Mas então um demônio da madeira de dois metros e meio apareceu no caminho.

E a esperança morreu.

O demônio rugiu, mostrando as fileiras de dentes como facas de cozinha. Fazia Steave parecer um fracote, com sua estrutura rústica e retorcida coberta por uma carapaça nodosa como casca de árvore.

Leesha desenhou uma proteção no ar diante de si, rezando em silêncio para o Criador lhe proporcionar uma morte rápida. Histórias diziam que os demônios consumiam tanto a alma quanto o corpo. Achou que estava prestes a descobrir se era verdade.

O demônio caminhou na direção dela, percorrendo a distância sem parar, esperando para ver para que caminho ela tentaria correr. Leesha sabia que deveria fazer exatamente isso, mas mesmo que não estivesse paralisada com o medo não havia para onde correr. O terraíta ficou parado entre ela e a única esperança de abrigo.

Um ranger foi ouvido quando a porta da cabana de Bruna se abriu, lançando mais luz no quintal. O demônio virou-se quando a velha apareceu.

— Bruna! — gritou Leesha. — Fique atrás das proteções! Tem um demônio da madeira no pátio!

— Meus olhos não funcionam como antes, minha querida — respondeu Bruna

—, mas ainda consigo ver uma fera horrenda como essa.

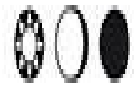
Ela deu outro passo para a frente, cruzando as proteções. Leesha gritou quando o demônio urrou e lançou-se para cima da velha.

Bruna firmou o pé quando o demônio atacou, movendo-se com velocidade aterrorizante, mesmo engatinhando. Ela enfiou a mão no xale e puxou um pequeno objeto, tocando-o no lampião ao lado da porta. Leesha viu o objeto pegar fogo.

O demônio estava quase sobre ela quando Bruna afastou o braço e jogou o tal objeto, que explodiu, cobrindo o demônio da madeira com lava das trevas. O clarão iluminou a noite e, mesmo a metros de distância, Leesha sentiu o calor no rosto.

O demônio berrou, perdendo impulso quando caiu, rolando na terra numa tentativa desesperada de extinguir as chamas. O fogo incendiou o demônio de forma obstinada, deixando o terraíta se debatendo e uivando no chão.

— Melhor entrar, Leesha — aconselhou Bruna, enquanto a coisa queimava —, antes que pegue um resfriado.



Leesha sentou-se enrolada em um dos xales de Bruna, encarando a fumaça subindo do chá que ela não tinha desejo de tomar. Os gritos do demônio da madeira continuaram por um bom tempo antes de se reduzir a um gemido e desaparecer. Ela imaginou a ruína fumegante no quintal e sentiu uma ânsia.

Bruna sentou-se perto da cadeira de balanço, murmurando suavemente enquanto trabalhava de forma habilidosa com um par de agulhas de tricô. Leesha não conseguia entender sua calma. Sentiu que talvez nunca mais ficaria calma novamente.

A velha ervanária examinou-a sem dizer palavra, ralhando ocasionalmente enquanto untava e enfaixava as feridas de Leesha; poucas delas, era óbvio, tinham vindo de sua fuga. Também mostrou a Leesha como dobrar e inserir tecido limpo para estancar o fluxo de sangue entre as pernas e alertou que o trocasse com frequência.

Mas agora Bruna estava recostada como se nada de extraordinário tivesse acontecido, os estalos das agulhas de tricô e o estalar do fogo sendo os únicos sons na sala.

— O que a senhora fez com aquele demônio? — perguntou Leesha quando não conseguia mais aguentar.

— Lava das trevas — disse Bruna. — Difícil de fazer. Muito perigoso. Mas a única coisa que conheço capaz de parar um demônio da madeira. Os da madeira são imunes a chamas normais, mas a lava das trevas queima mais que o cuspe de fogo.

— Não conhecia nada que pudesse verdadeiramente matar um demônio — disse Leesha.

— Eu já te disse antes, garota, que as ervanárias guardam a ciência do mundo antigo — comentou Bruna. Resmungou e cuspiu no chão. — Ao menos algumas de nós. Talvez eu seja a última a conhecer essa receita infernal.

— Por que não compartilha? — questionou Leesha. — Poderíamos nos libertar para sempre dos demônios.

Bruna riu.

— Libertar? — perguntou ela. — Libertar para queimar a aldeia até as fundações, talvez. Libertar para botar fogo na floresta. Qualquer fonte de calor conhecida consegue causar apenas cócegas num demônio da chama ou deter um demônio da rocha. Nenhum fogo pode queimar além da altura que um demônio do vento pode alcançar ou incendiar uma lagoa ou lago para chegar a um demônio da água.

— Mas, mesmo assim — insistiu Leesha —, o que a senhora fez hoje à noite mostra como pode ser útil. A senhora salvou a minha vida.

Bruna assentiu.

— Mantemos o conhecimento do velho mundo para o dia em que será necessário novamente, mas esse conhecimento vem com uma grande responsabilidade. Se as histórias das guerras antigas dos homens nos dizem algo é que não podemos confiar a eles os segredos do fogo. Por isso somos sempre mulheres. Homens não conseguem manter esses poderes sem usá-los. Eu venderia rojões e fogos de artifício para Smitt, minha querida, mas nunca diria a ele como são feitos.

— Darsy é mulher — disse Leesha —, mas você nunca ensinou para ela.

Bruna bufou.

— Mesmo que aquela vaca fosse esperta o bastante para misturar os produtos químicos sem botar fogo em si mesma, ela é praticamente um homem no pensamento. Prefiro ensinar a Steave como preparar a lava das trevas do que ensinar a ela.

— Eles virão procurar por mim amanhã — falou Leesha.

Bruna apontou para o chá de Leesha, que esfriava.

— Beba — ordenou. — Lidaremos com o amanhã quando ele chegar.

Leesha obedeceu, observando o azedume da erva-tampão e o amargor da flor celeste quando uma onda de tontura a tomou. Já distante, ela soube que estava soltando a caneca.

A manhã trouxe consigo a dor. Bruna colocou erva-dura no chá de Leesha para aliviar a dor das escoriações e as cólicas que apertavam seu abdome, mas a

mistura levou o caos aos seus sentidos. Ela sentiu como se estivesse flutuando sobre o catre no qual estava deitada, e ainda assim seus membros pareciam de chumbo.

Erny chegou logo depois da alvorada. Ele irrompeu em lágrimas ao vê-la, ajoelhando-se ao lado do catre e abraçando-a com força.

— Pensei que havia te perdido — soluçou.

Leesha estendeu a mão com fraqueza, correndo os dedos pelos cabelos finos.

— Não é sua culpa — sussurrou ela.

— Eu devia ter enfrentado sua mãe há muito tempo — falou Erny.

— No mínimo — resmungou Bruna, erguendo o olhar do tricô. — Nenhum homem deveria deixar a mulher pisar nele desse jeito.

Erny assentiu, não tendo como retrucar. Seu rosto se retorceu e mais lágrimas apareceram por trás dos óculos.

Ouviram uma batida na porta. Bruna olhou para Erny abri-la.

— Ela está aqui?

Leesha ouviu a voz da mãe e as cólicas dobraram. Sentiu-se fraca demais para continuar lutando. Nem sequer conseguia encontrar forças para se levantar.

Um momento depois, Elona apareceu, seguida de Gared e Steave, como um par de cães de caça.

— Aí está você, garota inútil! — gritou Elona. — Você sabe a angústia que me deu correndo pela noite desse jeito? Metade da aldeia está a sua procura! Deveria te espancar até a morte!

— Não vai ter espancamento nenhum, Elona — disse Erny. — Se alguém tem culpa aqui, esse alguém é você.

— Cale a boca, Erny — disse Elona. — É culpa sua ela ser tão teimosa, mimando essa garota o tempo todo.

— Eu não vou calar a boca — falou Erny, enfrentando a mulher.

— Vai, se souber o que é bom para você — alertou Steave, fechando o punho.

Erny olhou para ele e engoliu seco.

— Não tenho medo de você — disse ele, mas a voz saiu como um ganido. Gared abafou o riso.

Steave agarrou Erny pelos colarinhos, erguendo-o do chão com uma das mãos enquanto a outra se fechava para trás como uma pata de urso.

— Você vai parar de agir como um idiota — disse-lhe Elona. — E você — ela se virou para Leesha — vem para casa conosco neste instante.

— Ela não vai a lugar algum — cortou Bruna, abaixando seu tricô de lado e apoiando-se no cajado para se erguer. — Os únicos que vão embora são vocês três.

— Cale a boca, bruxa velha — falou Elona. — Não vou deixar que arruíne a vida da minha filha como fez com a minha.

Bruna bufou.

— Eu enfiei chá de pômulo na sua goela e a forcei a abrir as pernas para todo o mundo na aldeia? — perguntou ela. — Sua desgraça é culpa sua. Agora saia da minha cabana.

Elona avançou para cima da velha.

— Ou vai fazer o quê? — desafiou.

Bruna abriu um sorriso sem dentes e esmagou o pé de Elona com o cajado, fazendo com que a mulher soltasse um grito. Ela continuou, batendo com o cajado na barriga da mulher, dobrando Elona e interrompendo sua explosão de pronto.

— Ei, alto lá! — gritou Steave. Jogando o pobre Erny de lado, ele e Gared correram para cima da senhora.

Bruna não parecia mais preocupada do que ficara com o ataque do demônio da madeira. Ela pôs a mão no xale e tirou dele um punhado de pó, soprando no rosto dos dois homens.

Gared e Steave foram ao chão, agarrando o rosto e gritando.

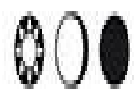
— Tem mais de onde veio esse, Elona — disse Bruna. — Cego vocês todos antes que alguém dê ordens dentro da minha casa.

Elona fugiu pela porta engatinhando, cobrindo o rosto com o braço quando partiu. Bruna riu, ajudando-a a sair com um golpe poderoso no traseiro.

— Para fora vocês dois! — gritou Bruna para Gared e Steave. — Fora, antes que eu bote fogo nos dois!

Os dois saíram aos tropeções, cegos, gemendo de dor, o rosto vermelho lavado de lágrimas. Bruna bateu o cajado neles, levando-os para fora da porta como faria com um cão que urinasse no chão.

— Voltem por sua conta e risco! — gargalhou Bruna loucamente enquanto eles corriam do seu quintal.



Mais tarde, naquele dia, outra batida na porta. Leesha já se recuperava, mas ainda estava fraca.

— E agora? — gritou Bruna. — Só tinha tantas visitas em um dia antes dos meus peitos começarem a cair!

Ela caminhou pisando duro até a porta, abrindo-a para encontrar Smitt em pé, retorcendo as mãos com nervosismo. Os olhos de Bruna apertaram-se quando ela o encarou.

— Me aposentei — disse ela. — Chame a Darsy.

Ela começou a fechar a porta.

— Espere, por favor — implorou Smitt, estendendo o braço para manter a porta aberta. Bruna fulminou-o com o olhar e ele cruzou as mãos para trás como se tivesse sido queimado.

— Estou esperando — disse Bruna, irritada.

— É Ande — começou Smitt, referindo-se a um dos homens feridos no ataque daquela semana. — A ferida na barriga dele começou a apodrecer, então Darsy o cortou, mas agora está vazando sangue pelos dois lados.

Bruna cuspiu nas botas de Smitt.

— Eu disse que algo assim aconteceria.

— Eu sei — disse Smitt. — A senhora estava certa. Eu devia ter ouvido. Por favor, volte. Faço qualquer coisa que a senhora pedir.

Bruna resmungou:

— Não vou fazer Ande pagar por sua estupidez. Mas vou cobrar sua palavra, não pense por um segundo que não vou!

— Qualquer coisa — prometeu Smitt novamente.

— Erny! — berrou Bruna. — Pegue minha capa de ervas! Smitt pode carregar. Você ajuda sua filha. Vamos até a aldeia.

Leesha apoiou-se no braço do pai no caminho. Ela temia que os atrasasse, mas mesmo no seu estado enfraquecido conseguiria acompanhar o lento arrastar de pés de Bruna.

— Eu devia fazer você me carregar nas costas. — Bruna irritou-se com Smitt quando saíram. — Minhas pernas velhas não são tão rápidas como eram.

— Eu carrego a senhora, se quiser — falou Smitt.

— Não seja idiota — retrucou Bruna.

Metade da aldeia estava reunida do lado de fora da Casa Sacra. Houve um suspiro de alívio geral quando Bruna apareceu e sussurros pela visão de Leesha, com seu vestido rasgado e as manchas roxas.

A velha ignorou a multidão, empurrando as pessoas no seu caminho com o cajado e seguindo direto para dentro. Leesha viu Gared e Steave deitados em catres com toalhas úmidas sobre os olhos e conteve um sorriso. Bruna explicou que a pimenta e a erva fedida que jogara neles não causaria dano permanente, mas esperava que Darsy não soubesse o bastante para lhes dizer isso. Os olhos de Elona atiraram adagas de soslaio para ela.

Bruna seguiu direto para o catre de Ande. Ele estava banhado de suor e fedia. Sua pele estava amarelada e o pano amarrado nos quadris estava manchado de sangue, urina e fezes. Bruna olhou para ele e cuspiu. Darsy estava sentado perto. Era claro que ela estava chorando.

— Leesha, desenrole as ervas — ordenou Bruna. — Temos muito trabalho a fazer.

Darsy avançou, estendendo a mão para pegar a capa de Leesha.

— Eu posso fazer isso. Você parece que está desmaiando.

Leesha puxou a capa para longe e sacudiu a cabeça.

— É minha função — retrucou, desatando a capa e abrindo-a para revelar muitos bolsos de ervas.

— Leesha é minha aprendiz agora! — gritou Bruna para que todos ouvissem. Ela encarou os olhos de Elona quando continuou. — Ela não está mais prometida para Gared e me servirá por sete anos e um dia a partir de agora! Qualquer um que disser uma palavra maldosa sobre isso, ou sobre ela, poderá cuidar dos seus próprios doentes!

Elona abriu a boca, mas Erny apontou direto para ela.

— Cale a boca! — gritou ele. Os olhos de Elona arregalaram-se e ela tossiu ao engolir as palavras. Erny sinalizou com a cabeça e foi até Smitt. Os dois homens se afastaram e conversaram discretamente num dos cantos.

Leesha perdia a noção de tempo quando ela e Bruna trabalhavam. Darsy havia acidentalmente cortado o intestino de Ande enquanto tentava extirpar a podridão demoníaca, envenenando-o com sua própria sujeira. Bruna xingava sem parar enquanto buscava desfazer o dano, mandando Leesha correr para limpar instrumentos, buscar ervas e misturar poções. Ensinava enquanto a outra corria, explicando os erros de Darsy e o que ela estava fazendo para corrigi-los, e Leesha ouvia com atenção.

Por fim, fizeram tudo que podiam e costuraram o ferimento, envolvendo-o com bandagens limpas. Ande permanecia medicado num sono profundo, mas parecia respirar com mais facilidade e sua pele já chegava perto do tom normal.

— Ele vai ficar bem? — perguntou Smitt, quando Leesha ajudou Bruna a se erguer.

— Não graças a você ou a Darsy — retorquiu Bruna. — Mas, se ele ficar aqui onde está e fizer exatamente o que mandei, não será isso que vai matá-lo.

Enquanto caminhavam para a porta, Bruna foi até os catres onde Gared e Steave estavam deitados e deu uma bronca nos dois:

— Tirem essas bandagens dos olhos e parem de choramingar.

Gared foi o primeiro a obedecer, estreitando os olhos para a luz.

— Eu consigo enxergar! — gritou.

— Claro que consegue enxergar, seu idiota cabeça oca — falou Bruna. — A cidade precisa de alguém para carregar coisas pesadas de lá para cá e você não pode fazer isso cego. — Ela balançou o cajado para ele. — Mas se cruzar meu caminho de novo a cegueira será a menor de suas preocupações!

Gared ficou pálido e assentiu com a cabeça.

— Bom. Agora diga a verdade. Você deflorou Leesha?

Ele olhou ao redor, assustado. Por fim, baixou os olhos.

— Não — disse Gared. — Era mentira.

— Fale alto, garoto — exigiu Bruna. — Sou velha e meus ouvidos não são o que costumavam ser. — Para que todos pudessem ouvir, ela perguntou mais alto: — Você deflorou Leesha?

— Não! — O rosto de Gared ficou ainda mais vermelho do que ficara com o pó de Bruna após a confirmação. Sussurros espalharam-se como fogo através da

multidão.

Steave já havia removido sua bandagem e deu um tapa forte na nuca do filho.

— Pelas Profundas, você vai ter muito o que explicar quando chegarmos em casa!

— Não na minha casa — disse Erny. Elona ergueu os olhos com severidade para ele, mas Erny ignorou-a, apontando o dedão para Smitt. — Tem um quarto para vocês dois na estalagem — afirmou.

— E o custo das acomodações será pago por vocês com trabalho — acrescentou Smitt. — Sairão em um mês, mesmo que tudo que consigam erguer seja um telheiro.

— Ridículo! — disse Elona. — Não podem trabalhar pelo quarto e construir uma casa em um mês!

— Acho que você já tem preocupações demais — retrucou Smitt.

— Como assim? — perguntou Elona.

— Você precisa tomar uma decisão — falou Erny. — Ou você aprende a manter seus votos de casamento, ou vou pedir ao protetor para dissolvê-los e você vai morar com Steave e Gared no telheiro deles.

— Você não pode estar falando sério — retrucou Elona.

— Nunca falei tão sério — confirmou Erny.

— Às Profundas para ele — disse Steave. — Vem comigo.

Elona olhou para ele de esguelha e perguntou:

— Para viver num telheiro? Nem pensar.

— Então é melhor ir para casa — falou Erny. — Vai levar um tempo para você aprender a se virar na cozinha.

Elona lançou-lhe um olhar raivoso e Leesha sabia que a luta do pai estava apenas no início. A mãe se saiu conforme ele dissera e aquilo dizia muito sobre o futuro dele.

Erny beijou a filha e disse:

— Estou orgulhoso de você. E espero que um dia se orgulhe de mim.

— Ah, pai — falou Leesha, abraçando-o —, você já me orgulha.

— Então você virá para casa? — perguntou, esperançoso.

Leesha olhou para Bruna lá atrás, em seguida se voltou para ele e negou com a cabeça.

Erny meneou a cabeça e abraçou-a de novo.

— Eu entendo.

7
ROJER
– 318 DR –

ROJER SEGUIU SUA MÃE enquanto ela varria a estalagem, sua pequena vassoura sacudindo para lá e para cá numa imitação das amplas varridas da mulher. Ela sorria para ele, bagunçando seus cabelos ruivos brilhantes, e o pequeno retribuía abrindo um largo sorriso. Estava com três anos de idade.

— Varra atrás da fornalha, Rojer — disse a mãe.

Ele então apressou-se em fazê-lo, batendo as cerdas no espaço entre a fornalha e a parede, fazendo o pó da madeira e pedaços de casca voarem. A mãe varreu e juntou tudo numa pilha ordenada.

A porta se abriu de uma vez e o pai de Rojer entrou, os braços cheios de lenha, deixando um rastro de cascas e terra enquanto cruzava a sala.

— Jessum! — gritou a mãe. — Eu acabei de varrer!

— E eu estou ajudando a limpar! — anunciou Rojer em voz alta.

— Isso aí — concordou a mãe —, e seu pai está fazendo uma enorme bagunça.

— Quer ficar sem madeira à noite com o duque e a comitiva para chegar? —

perguntou Jessum.

— Sua excelência só chegará daqui a uma semana pelo menos — retrucou a mãe.

— Melhor fazer o trabalho agora, enquanto a estalagem está calma, Kally — explicou Jessum. — Sem contar os muitos cortesãos que o duque vai trazer. Isso vai nos fazer correr para lá e para cá como se a pequena Pontefluente fosse a própria Angiers.

— Se quiser fazer alguma coisa de útil — disse Kally —, as proteções lá fora estão começando a descascar.

Jessum meneou a cabeça.

— Eu vi. A madeira deformou no último golpe de frio.

— Mestre Piter devia ter redesenhado uma semana atrás — comentou Kally.

— Falei com ele ontem — disse Jessum. — Está colocando todo o mundo para trabalhar na ponte, mas jura que estarão prontas antes de o duque chegar.

— Não estou preocupada com o *duque* — disse Kally. — Talvez a única preocupação de Piter seja impressionar Rhinebeck, na esperança de conseguir uma comissão real, mas eu tenho preocupações mais simples, como não ver minha família ser arruinada à noite.

— Tudo bem, tudo bem — disse Jessum, erguendo as mãos. — Vou falar com ele de novo.

— Era de se esperar que Piter fosse mais consciente — continuou Kally. — Rhinebeck nem é nosso duque.

— É o único próximo o bastante para nos ajudar se precisarmos de auxílio rápido — falou Jessum. — Euchor não liga para Pontefluente, contanto que os mensageiros passem e os impostos cheguem a tempo.

— Muito melhor — ironizou Kally. — Se Rhinebeck está vindo, é porque fareja impostos também. Vamos pagar dos dois lados antes que Rojer complete outro verão.

— O que acha que podemos fazer? — perguntou Jessum. — Enraivecer o duque que está a um dia de distância por causa de um que está duas semanas ao norte?

— Não disse que devemos cuspir na cara dele — respondeu Kally. — Apenas não entendo por que impressioná-lo é mais importante que proteger nossa casa.

— Já disse que vou — falou Jessum.

— Então vá — falou Kally. — Já passa do meio-dia. E leve Rojer com você. Talvez isso o lembre do que realmente importa.

Jessum engoliu seu olhar fulminante e agachou-se diante do filho.

— Quer ver a ponte, Rojer? — perguntou.

— Vamos pescar? — perguntou Rojer. Ele amava pescar ao lado da ponte com o pai.

Jessum riu, erguendo o filho nos braços.

— Hoje não — disse ele. — Sua mãe quer que a gente fale com Piter.

Ele sentou Rojer nos ombros.

— Segure firme — falou Jessum. Rojer segurou a cabeça do pai quando se esquivou ao sair pela porta. Suas bochechas eram ásperas com a barba rala.

A ponte não ficava muito longe. Pontefluente era pequena até mesmo para um vilarejo; apenas um punhado de casas e lojas, as casernas para os homens de armas que cobravam pedágio e a estalagem dos seus pais. Rojer acenou para os guardas quando passaram pelo posto de pedágio, e eles acenaram de volta.

A ponte estendia-se sobre o rio Divisor no seu ponto mais estreito. Construída a gerações, tinha dois arcos que percorriam mais de noventa metros e era larga o bastante para uma carruagem grande com um cavalo de cada lado. Uma equipe de engenheiros milneses fazia a manutenção de cordas e esteios diariamente. A Estrada do Mensageiro — a única estrada — seguia nas duas direções até onde os olhos conseguiam alcançar.

Mestre Piter estava na outra extremidade, gritando instruções sobre a lateral da ponte. Rojer seguiu seu olhar e viu os aprendizes pendurando-se por correias enquanto pintavam proteções embaixo da ponte.

— Piter! — gritou Jessum quando estavam na metade da ponte.

— Ei, Jessum! — respondeu o protetor. Jessum desceu Rojer quando ele e Piter apertaram as mãos.

— A ponte está ficando bonita — observou Jessum. Piter substituíra a maioria das proteções mais simples pintadas por caligrafias intrincadas e buriladas, envernizadas e polidas.

Piter sorriu e anunciou:

— O duque vai ficar pasmado quando vir minhas proteções.

Jessum riu.

— Kally está cuidando da estalagem neste momento — disse.

— Deixe o duque feliz e seu futuro estará feito — falou Piter. — Um elogio nos ouvidos certos e poderemos fazer nossos negócios em Angiers e não neste atraso de vida.

— Este “atraso de vida” é meu lar — falou Jessum, olhando feio. — Meu avô nasceu em Pontefluente e, se eu puder escolher, meus netos também nascerão.

Piter sinalizou com a cabeça.

— Sem ofensas — comentou. — Eu apenas sinto falta de Angiers.

— Volte para lá então — disse Jessum. — A estrada é aberta e uma única noite ao relento não será um grande feito para um protetor. Não precisa do duque para tanto.

Piter sacudiu a cabeça.

— Angiers está fervilhando de protetores. Seria apenas mais uma gota no oceano. Mas, se eu puder contar com a preferência do duque, haverá fila na minha porta.

— Bem, estou preocupado com a minha porta hoje — comentou Jessum. — As proteções estão descascando e Kally não acha que aguentarão esta noite. Pode vir dar uma olhada?

Piter bufou.

— Eu lhe disse ontem… — começou Piter, mas Jessum o interrompeu.

— Entendi o que você falou, mas estou lhe dizendo que não é o suficiente. Não vou ficar com meu menino dormindo atrás de proteções fracas para que você deixe as da ponte mais floreadas. Não pode ao menos remendá-las para aguentarem a noite?

Piter cuspiu.

— Você pode fazer isso sozinho, Jessum. Apenas trace as linhas. Eu lhe dou tinta.

— As proteções de Rojer são melhores que as minhas e isso não é tudo — falou Jessum. — Eu faria uma bagunça e Kally vai me matar se os terraítas não matarem.

Piter olhou feio. Estava prestes a retrucar quando ouviram um grito vindo da estrada.

— Ei, Pontefluente!

— Geral! — gritou Jessum. Rojer ergueu os olhos com interesse repentino, reconhecendo as formas volumosas do mensageiro. Sua boca se encheu de água quando o viu, pois Geral sempre lhe trazia um doce.

Outro homem cavalgava ao lado dele, um estranho, mas seu traje de menestrel acalmou o menino. Ele pensou em como o último menestrel havia cantado e dançado e caminhado de cabeça para baixo e esperou com entusiasmo. Rojer amava os menestréis mais que qualquer coisa.

— O pequeno Rojer cresceu uns quinze centímetros! — gritou Geral, parando o cavalo e agachando-se para erguer Rojer. Ele era alto e tinha a compleição de um barril de chuva, com rosto redondo e barba grisalha. No passado, Rojer tinha medo dele, com sua cota de malha de aço e a cicatriz, feita por um demônio, que deixava o lábio inferior franzido como se estivesse nervoso. Porém, o garoto não o temia mais. Riu quando Geral lhe fez cócegas.

— Que bolso? — perguntou Geral, segurando o menino com braços estendidos. Rojer apontou de pronto. Geral sempre mantinha os doces no mesmo lugar.

O grande mensageiro riu, mostrando um cubo de açúcar rizonano enrolado em palha de milho. Rojer deu um grito de alegria e saltou na grama para desembrulhá-lo.

— O que o traz a Pontefluente a esta altura? — perguntou Jessum ao mensageiro.

O menestrel avançou, lançando a capa para trás. Era alto, com cabelos longos e dourados pelo sol e barba castanha. Seu queixo era perfeitamente quadrado e a pele dourada pelo sol. Sobre seus trajes, vestia um tabardo adornado com cachos

de folhas verdes num fundo marrom.

— Arrick Cantadoce — apresentou-se —, mestre menestrel e arauto de sua excelência, duque Rhinebeck Terceiro, guardião do forte da floresta, portador da coroa de madeira e lorde de toda Angiers. Vim inspecionar a cidadela antes da chegada de sua excelência na próxima semana.

— O arauto do duque é um menestrel? — perguntou-lhe Piter, erguendo uma sobrancelha.

— Nada melhor para aldeias — respondeu Geral com uma piscadela. — O povo tem menos vontade de enforcar um homem que fala sobre a alta dos impostos enquanto diverte seus filhos.

Arrick fulminou-o com os olhos, mas Geral apenas riu.

— Seja um bom homem e busque o estalajadeiro para levar nossos cavalos — falou para Jessum.

— Eu sou o estalajadeiro — disse o pai de Rojer, estendendo a mão. — Jessum Estalajadeiro. Este é meu filho, Rojer — falou, meneando a cabeça para o menino.

Arrick ignorou a mão e o garoto, fazendo surgir uma lua de prata, como que por encanto, e lançou-a para ele. Jessum agarrou a moeda, olhando para ela com curiosidade.

— Os cavalos — insistiu Arrick. Jessum franziu a testa, mas embolsou a moeda e puxou os animais. Geral pegou as rédeas do seu e acenou para ele se afastar.

— Ainda preciso das minhas proteções, Piter — lembrou Jessum. — Vai se arrepender se eu tiver de mandar Kally para gritar contigo.

— Parece que a ponte ainda precisa de muito trabalho antes de sua excelência chegar — observou Arrick. Piter empertigou-se um pouco e lançou uma olhar aborrecido para Jessum.

— Deseja dormir com proteções descascadas hoje à noite, mestre menestrel? — perguntou Jessum. A pele bronzeada de Arrick empalideceu com o comentário.

— Eu dou uma olhada se quiser — falou Geral. — Posso remendá-las se não estiverem muito ruins, e eu mesmo busco Piter se estiverem. — Bateu com a lança no chão e encarou o protetor seriamente. Os olhos de Piter arregalaram-se e ele assentiu com um meneio de cabeça.

Geral ergueu Rojer e sentou-o no lombo de seu cavalo de guerra.

— Segure firme, garoto! Vamos cavalgar de verdade — disse Geral.

Rojer riu e agarrou a crina do cavalo enquanto Geral e seu pai levavam os cavalos para a estalagem. Arrick caminhava à frente, com passos largos, como um homem seguido por servos.

Kally aguardava na porta.

— Geral! Que surpresa agradável!

— E quem é esta? — perguntou Arrick, as mãos rapidamente alisando cabelos

e vestes.

— Esta é Kally — falou Jessum, acrescentando “minha mulher” quando o brilho nos olhos de Arrick não diminuíram.

Arrick pareceu não ouvir, avançando até ela e lançando a capa multicolorida para trás enquanto fazia uma mesura.

— Prazer, madame — disse ele, beijando sua mão. — Sou Arrick Cantadoce, mestre menestrel e arauto do duque Rhinebeck Terceiro, guardião do forte da floresta, portador da coroa de madeira e lorde de toda Angiers. Sua excelência ficará encantado em ver tal beleza quando visitar sua excelente estalagem.

Kally cobriu a boca, suas bochechas pálidas avermelhando-se como seus ruivos cabelos. Retribuiu com uma reverência desajeitada.

— O senhor e Geral devem estar cansados. Entrem e servirei um pouco de sopa quente enquanto preparo o jantar.

— Ficaremos agradecidos, minha senhora — falou Arrick, curvando-se novamente.

— Geral prometeu olhar as proteções antes de escurecer, Kal — falou Jessum.

— Quê? — perguntou Kally, tirando os olhos do belo sorriso de Arrick. — Ah, bem, vocês dois prendam os cavalos e vejam isso enquanto mostro um quarto para o mestre Arrick e começo a preparar o jantar — disse ela.

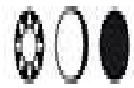
— Ideia adorável — falou Arrick, oferecendo o braço para entrarem.

— Fique de olho em Arrick com sua mulher — murmurou Geral. — Chamam-no de “Cantadoce” porque sua voz é capaz de adocicar qualquer mulher entre as pernas e que votos de casamento nunca o detiveram.

Jessum fechou a cara.

— Rojer — disse ele, tirando-o do cavalo —, corra para dentro e fique com sua mãe.

Rojer assentiu e correu assim que pisou no chão.



— O último menestrel engolia fogo — disse Rojer. — Você consegue engolir fogo?

— E como — disse Arrick. — E cuspo o fogo de volta como um demônio da chama.

Rojer bateu palmas e Arrick virou-se para olhar Kally, que se curvava atrás do balcão para encher uma caneca de cerveja. Ela havia soltado os cabelos.

Rojer puxou a capa do homem novamente. O menestrel tentou prendê-la fora do alcance do menino, mas Rojer simplesmente começou a puxá-lo pela perna da calça.

— O que foi? — perguntou Arrick, virando-se de cara fechada.

— Canta também? — perguntou Rojer. — Eu gosto de cantar.

— Talvez eu cante para você mais tarde — falou Arrick, afastando-se outra vez.

— Ah, cante algo para ele — implorou Kally, deixando uma caneca espumante no balcão diante dele. — Ele ficaria tão feliz.

Ela sorriu, mas os olhos de Arrick desceram até o primeiro botão do vestido, que misteriosamente se abrira enquanto ela pegava a caneca.

— Claro — disse Arrick, abrindo um sorriso brilhante. — Vou dar apenas um gole de sua excelente cerveja para tirar o pó da garganta.

Ele secou a caneca num gole, os olhos fixados na altura do pescoço dela, e puxou uma grande bolsa multicolorida do chão. Kally encheu novamente a caneca quando ele puxou o alaúde.

A voz forte e alta de Arrick preencheu o recinto, clara e bela, enquanto dedilhava gentilmente o alaúde. Entoou a canção de uma aldeã que perdera sua única chance de amar um homem antes de ele partir para as Cidades Livres e arrependera-se disso para sempre. Kally e Rojer assistiam a ele maravilhados, hipnotizados pelo som. Quando terminou, eles aplaudiram com efusão.

— Mais! — gritou Rojer.

— Agora não, meu garoto — disse Arrick, arrumando os cabelos. — Talvez depois do jantar. Aqui — disse ele, enfiando a mão na bolsa —, por que não tenta fazer sua música?

Ele apanhou um xilofone, com suas várias lâminas de jacarandá polido de diferentes tamanhos, dispostas numa armação de madeira envernizada. Um cordão grosso prendia-o à baqueta, uma vareta de quinze centímetros com uma bola de madeira esculpida na ponta.

— Leve isso e vá brincar um pouco enquanto converso com sua adorável mãe — disse Arrick.

Rojer soltou um gritinho de alegria, pegando o brinquedo e correndo para deitar-se no assoalho de madeira, batendo as lâminas em padrões diferentes, deliciando-se com os sons límpidos que cada uma fazia.

Kally riu ao vê-lo e disse:

— Ele vai ser menestrel um dia.

— Não há muitos clientes? — perguntou Arrick, fazendo um gesto na direção das mesas vazias.

— Ah, estava bem cheio na hora do almoço — disse Kally —, mas nesta época do ano não temos muitos hóspedes além do mensageiro ocasional.

— Deve ser muito solitário cuidar de uma estalagem vazia — comentou Arrick.

— Às vezes — disse Kally —, mas tenho Rojer para me manter ocupada. É bastante trabalho, mesmo quando está sossegado, e fica um terror durante a estação das caravanas, quando os cocheiros chegam bêbados e cantam até altas horas, acordando-o com sua balbúrdia.

— Imagino que deve ser difícil para a senhora dormir também — falou Arrick.

— Para mim é difícil — admitiu Kally. — Mas Jessum consegue dormir com qualquer coisa.

— Ah, é? — perguntou Arrick, deslizando a mão sobre a dela. Os olhos dela arregalaram-se e ela parou de respirar, mas não se afastou.

A porta da frente abriu-se de uma vez.

— Proteções reparadas! — gritou Jessum. Kally engasgou, tirando a mão da de Arrick tão rapidamente que derramou a cerveja do homem sobre o balcão. Ela pegou um pano para enxugá-lo.

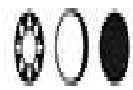
— Só repararam? — perguntou Kally, desconfiada, os olhos baixos para esconder o rosto enrubescido.

— Exatamente — falou Geral. — Para ser honesto, vocês têm sorte que tenham durado tanto. Reparei as piores e terei uma conversa com Piter pela manhã. Vou fazê-lo reparar cada proteção desta estalagem antes do pôr do sol, nem que tenha de mantê-lo na ponta da lança.

— Obrigada, Geral — disse Kally, lançando um olhar envergonhado para Jessum.

— Ainda estou limpando o celeiro, por isso prendi os cavalos lá fora, no pátio, no círculo portátil de Geral.

— Está bem — disse Kally. — Vão se lavar, todos vocês. O jantar logo estará pronto.



— Deliciosa — anunciou Arrick, bebendo quantidades copiosas de cerveja com o jantar. Kally assara uma perna de cordeiro com crosta de ervas, servindo a fatia mais suculenta para o arauto do duque. Entre as bocadas, Arrick perguntou: — Será que teria uma irmã tão bela quanto a senhora? Sua excelência está em busca de uma nova noiva.

— Pensei que o duque já tivesse mulher — disse Kally, corando quando se inclinou para encher sua caneca.

— E tem — resmungou Geral. — Quatro.

Arrick bufou.

— Não é mais fértil como as outras, temo eu, se os boatos que rondam o palácio forem verdadeiros. Rhinebeck continuará procurando esposas até que uma lhe dê um filho.

— Você deve mesmo ter razão — admitiu Geral.

— Quantas vezes os sacerdotes o deixarão fazer votos “eternos” ao Criador? — questionou Jessum.

— Quantas vezes precisar — garantiu Arrick. — Lorde Janson mantém os

homens santos sob controle.

Geral cuspiu.

— Não é certo homens do Criador precisarem se rebaixar assim…

Arrick pôs um dedo admoestador em riste.

— Dizem que até as árvores têm ouvidos para aqueles que difamam o primeiro-ministro.

Geral fechou a cara, mas refreou a língua.

— Bem, é improvável que encontre uma noiva em Pontefluente — falou Jessum. — Não há nem mulheres para aqueles que estão aqui. Eu tive que ir até as Corredeiras do Grilo para encontrar Kally.

— A senhora é angieriana, minha cara? — perguntou Arrick.

— De nascença, sim — falou Kally—, mas o sacerdote me fez jurar lealdade a Miln no casamento. Todo o povo de Pontefluente deve prestar fidelidade a Euchor.

— Por enquanto — falou Arrick.

— Então é verdade o que dizem — comentou Jessum. — Rhinebeck está vindo reclamar Pontefluente.

— Não é tão dramático assim — falou Arrick. — Sua excelência simplesmente sente que, como metade do povo é angieriano e sua ponte é construída e mantida com madeira angieriana, deveríamos ter um… — Ele encarou Kally quando ela voltou a se sentar. — … relacionamento mais próximo.

— Duvido que Euchor estará disposto a dividir Pontefluente — retrucou Jessum. — O Divisor tem separado suas terras há mil anos. Não abdicará tão cedo assim dessa fronteira como do seu trono.

Arrick deu de ombros e sorriu novamente.

— Essa é uma questão para duques e ministros — disse ele, erguendo a caneca. — Gente pequena como nós não precisa se preocupar com essas coisas.

O sol logo se pôs e lá de fora vieram ruídos agudos, estrondosos, acentuados por clarões que vazavam através dos estores quando as proteções brilhavam. Rojer odiava esses sons hostis e os gritos que os acompanhavam. Ele se sentou no chão, batendo no instrumento com cada vez mais força, tentando abafá-los.

— Os terraítas estão famintos hoje à noite — refletiu seu pai.

— Estão assustando Rojer— falou Kally, erguendo-se do assento para ir até ele.

— Não há o que temer — disse Arrick, limpando a boca. Foi até a bolsa multicolorida e tirou um estojo fino de rabeca. — Vamos botar esses demônios para correr.

Encostou o arco na corda e imediatamente encheu a sala de música. Rojer ria e batia palmas, e seu medo despareceu. A mãe batia palmas com ele e encontraram um ritmo para complementar o tom de Arrick. Até Geral e Jessum começaram a aplaudir.

— Dance comigo, Rojer! — disse Kally, rindo, tomando a mão do garoto e levantando-o.

Rojer tentou acompanhá-la quando ela começou a dançar no ritmo, mas ele tropeçou. Ela o ergueu nos braços, beijando-o enquanto girava pela sala. Rojer riu, fascinado.

Ouviram um estrondo súbito. O arco de Arrick deslizou das cordas quando todos se viraram para ver a porta de madeira maciça sacudir nas estruturas. O pó, solto pelo impacto, pairou pelo assoalho.

Geral foi o primeiro a reagir, o homem grande movendo-se com velocidade surpreendente para tomar lança e escudo que deixara ao lado da porta. Por um bom tempo, os outros o encararam sem compreender. Ouviram outro estrondo e a garras grossas e pretas atravessaram a madeira. Kally berrou.

Jessum saltou para a lareira, pegando um pesado atiçador de ferro.

— Leve Rojer para o alçapão da cozinha! — gritou ele, suas palavras interrompidas pelo urro além da porta.

Geral já estava de lança em riste e jogou o escudo para Arrick.

— Leve Kally e o garoto para fora! — ordenou quando a porta se estilhaçou e um demônio da rocha de mais de dois metros entrou. Geral e Jessum viraram-se para enfrentá-lo. A criatura lançou a cabeça para trás e gritou quando demônios da chama pequenos e velozes entraram na sala entre suas pernas grossas.

Arrick agarrou o escudo, mas, quando Kally correu para se proteger junto dele com Rojer nos braços, ele a empurrou para o lado, agarrando a bolsa multicolorida e correndo para a cozinha.

— Kally! — Jessum gritou quando ela foi ao chão, retorcendo-se para proteger o filho do impacto.

— Que as Profundas te amaldiçoem, Arrick! — praguejou Geral. — Que todos os seus sonhos virem pó!

O demônio da rocha o golpeou, fazendo com que voasse pela sala.

Um demônio da chama saltou bruscamente sobre Kally quando ela se esforçou para ficar em pé, mas Jessum acertou-o com o atiçador, jogando-o de lado. Ele cuspiu fogo quando aterrissou, incendiando todo o assoalho.

— Vai! — gritou Jessum quando ela ficou em pé. Por sobre o ombro, Rojer assistiu ao demônio cuspir fogo em seu pai enquanto eles fugiam da sala. Jessum gritava com as roupas em chamas.

Sua mãe agarrou-o com firmeza, gemendo enquanto partia às pressas pelo corredor. Lá atrás, na sala comum, Geral rugia de dor.

Chegaram na cozinha quando Arrick abriu o alçapão e pulou dentro dele. Sua mão ergueu-se, tateando em busca do pesado anel de ferro que fecharia o alçapão protegido.

— Mestre Arrick! — Kally gritou. — Espere por nós!

— Demônio! — gritou Rojer quando um demônio da chama disparou cozinha

adentro, mas seu aviso veio tarde demais. O impacto do demônio arrancou o ar de sua mãe, mas ela se manteve firme, mesmo quando as garras da criatura se enterraram fundo em sua carne. Ela berrou quando ele subiu em suas costas, seus dentes afiados enterrando-se nos ombros dela e atingindo a mão direita de Rojer. Ele uivou.

— Rojer! — gritou a mãe, tropeçando na tina de lavar antes de cair de joelhos. Gritando de dor, ela esticou a mão para trás e agarrou com força os chifres do terraíta.

— Não… vai pegar… meu filho! — Kally urrou e lançou-se para a frente, puxando o chifre com toda a força. Arrancado de suas costas, o demônio rasgou pedaços de carne quando Kally imergiu-o dentro da tina.

A louça de molho estilhaçou-se com o impacto, e o demônio da chama engasgou e se debateu, enchendo o ar de vapor quando a água borbulhou de imediato. Kally berrou quando os braços queimaram, mas segurou a criatura sob a água até ela parar de se debater.

— Mãe! — Rojer choramingou e ela se virou para ver mais duas criaturas entrarem na sala. Ela agarrou Rojer e correu até o alçapão, abrindo a pesada porta com uma das mãos. Os olhos de Arrick arregalaram-se para ela.

Kally caiu quando o demônio da chama agarrou-se à sua perna, dando uma bocada em sua coxa.

— Fique com ele, por favor! — implorou ela, empurrando o garoto nos braços de Arrick. — Eu te amo! — gritou Kally para Rojer antes de fechar o alçapão com tudo, deixando-os na escuridão.

Tão próximas do rio Divisor, as casas de Pontefluente foram construídas sobre grandes blocos protegidos para resistir às enchentes. Esperariam na escuridão, a salvo dos terraítas, desde que as fundações aguentassem, mas havia fumaça em todo lugar.

— Morre-se pelos demônios ou pela fumaça — murmurou Arrick. Começou a se afastar do alçapão, mas Rojer agarrou-se com firmeza em sua perna. — Me solta, garoto — disse Arrick, sacudindo a perna numa tentativa de afastá-lo.

— Não me deixe! — gritou Rojer, chorando descontrolado.

Arrick franziu a testa. Olhou ao redor para a fumaça e cuspiu.

— Aguente firme, rapaz — disse ele, puxando Rojer para suas costas. Ele ergueu as pontas da capa para sentar o garoto num assento improvisado, atando as pontas à cintura. Ele ergueu o escudo de Geral e caminhou pela fundação, agachando-se para rastejar até a noite lá fora.

— Pelo Criador! — sussurrou quando viu a aldeia inteira de Pontefluente em chamas. Os demônios dançavam na noite, aos berros, arrastando corpos para se

refestelar.

— Parece que não foi apenas aos seus pais que Piter fez falta — disse Arrick. — Espero que arrastem aquele desgraçado para as Profundas.

Agachados atrás do escudo, Arrick contornou a estalagem, protegendo-se da fumaça e da confusão até chegarem ao pátio principal. Lá, seguros no círculo portátil de Geral, estavam dois cavalos; uma ilha de segurança em meio ao horror.

Um demônio da chama os viu quando Arrick correu para o abrigo, mas o escudo de Geral rebateu o cuspe de fogo com um avivar de magia. Dentro do círculo, Arrick soltou Rojer e caiu de joelhos, arfando. Quando se recuperou, começou a fuçar os alforjes desesperadamente.

— Tem que estar aqui — murmurou. — Sei que deixei… Ah! — Ele puxou um odre de vinho e arrancou a rolha, tomando um grande trago.

Rojer gemia, protegendo a mão direita ensanguentada.

— Hein? — perguntou Arrick. — Se machucou, garoto?

Ele se aproximou para examinar Rojer e engasgou quando viu a mão do menino. Os dedos do meio e indicador de Rojer tinham sido extirpados; seus outros dedos ainda prendiam um cacho de cabelo ruivo da mãe, arrancado pela mordida.

— Não! — gritou Rojer quando Arrick tentou arrancar o cacho dele. — É meu!

— Não vou tirar de você, garoto — disse Arrick. — Só preciso ver a mordida.

Ele encaixou o cacho na outra mão de Rojer e o garoto o apanhou com firmeza.

O ferimento não sangrava muito, em partes cauterizado pela saliva do demônio da chama, mas vazava pus e fedia.

— Não sou ervanário — disse Arrick, encolhendo os ombros, e respingou vinho na pele. Rojer gritou e Arrick rasgou um pedaço de sua capa fina para envolver a ferida.

Nesse momento, Rojer já chorava desbragadamente. Arrick envolveu-o com força na capa.

— Tudo bem, tudo bem, garoto — disse ele, abraçando-o e acariciando suas costas. — Estamos vivos para contar essa história. Já é alguma coisa, não?

Rojer continuou a chorar e Arrick começou a entoar uma canção de ninar. Cantava enquanto Pontefluente ardia. Cantava enquanto demônios dançavam e se banqueteavam. O som era como um escudo ao redor deles e, sob sua proteção, Rojer rendeu-se à exaustão e caiu no sono.

8
CIDADES LIVRES
– 319 DR –

ARLEN APOIAVA-SE CADA VEZ MAIS em seu cajado conforme a febre aumentava. Ele se curvava e tinha ânsias, mas seu estômago vazio produzia apenas bile. Zonzo, buscou um ponto para se concentrar. Viu uma nuvem de fumaça.

Havia uma estrutura às margens da estrada bem adiante. Uma muralha de pedra tão coberta de trepadeiras que era quase invisível. A fumaça vinha de lá.

A esperança por abrigo deu forças aos seus membros suados e ele continuou aos tropeços. Ele chegou à muralha, apoiando-se nela enquanto se arrastava, buscando a entrada. A pedra estava esburacada e rachada; a trepadeira adentrava cada fenda e rachadura. Sem a trepadeira para apoiá-la, a antiga muralha talvez ruísse, como Arlen faria sem a muralha para segurá-lo.

Por fim, chegou a um arco na muralha. Dois portões de metal com dobradiças enferrujadas estavam caídos nas ervas daninhas. O tempo os corroera até virarem nada. O arco abria-se para um pátio coberto de trepadeiras e mato. Uma fonte destruída cheia de água da chuva turva e um prédio baixo tão coberto

de hera que podia passar despercebido à primeira vista.

Arlen caminhou pelo pátio, maravilhado. Embaixo das plantas, o chão era de pedra rachada. Árvores imensas irromperam entre as rachaduras, derrubando blocos gigantes, agora cobertos de musgo. Arlen viu marcas profundas de garras na pedra lisa.

Sem proteções, percebeu, pasmo. *Este lugar é de antes do Retorno*. Se assim fosse, estava abandonado havia mais de trezentos anos.

A porta para o prédio apodrecera como o portão. Uma pequena entrada de pedra levava a um salão amplo. Fios penduravam-se num emaranhado nas paredes, a arte que eles seguravam já havia se desintegrado. Uma cobertura de lodo na parede era tudo que restava de um tapete grosso. Ranhuras ancestrais riscavam as paredes e a mobília, vestígios do declínio.

— Olá? — chamou Arlen. — Tem alguém aqui?

Não houve resposta.

Seu rosto estava quente, mas ele tremia, mesmo no ar abafado. Ele não pensou que conseguiria continuar a busca, mas havia fumaça, e fumaça significava vida. O pensamento lhe deu forças e, encontrando uma escadaria decadente, subiu até o primeiro andar.

Muito da parte superior do prédio estava aberto à luz do sol. O telhado havia quebrado e desabado; barras de metal enferrujadas brotavam da pedra esburacada.

— Tem alguém aí? — chamou Arlen. Vasculhou o andar, mas encontrou apenas podridão e ruína.

Quando já perdia as esperanças, viu fumaça através de uma janela no fundo do corredor. Correu até ela, mas encontrou apenas um galho de árvore quebrado caído no pátio dos fundos. Estava arranhado e chamuscado, com pequenos focos de fogo ainda crepitando em alguns pontos, causando uma coluna de fumaça contínua.

Cabisbaixo, sentiu o rosto se retorcer, mas recusou-se a chorar. Pensou em sentar-se e esperar os demônios chegarem, na esperança de que lhe dariam uma morte mais rápida que a doença, mas jurara não lhes entregar nada. Além disso, a morte de Marea certamente não foi rápida. Ele olhou pela janela e viu lá embaixo o pátio de pedra.

Uma queda daqui mataria qualquer um, refletiu. Uma onda de tontura o assolou, e ele achou fácil e correto simplesmente se deixar cair.

Como Cholie?, perguntou uma voz em sua cabeça.

O nó corrediço veio à cabeça e Arlen foi lançado de volta à realidade. Recompôs-se, saindo de perto da janela.

Não, pensou, *o caminho que Cholie tomou não é melhor que o do meu pai. Quando eu morrer, será porque algo me matou, não porque desisti.*

Conseguia ver bem longe da janela alta, sobre a muralha até a estrada. A

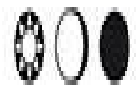
distância, identificou um movimento na sua direção.

Ragen.

Arlen usou as reservas de força que não sabia que tinha, descendo às pressas os degraus com algo próximo de sua animação costumeira, e cruzou a toda velocidade o pátio.

Mas seu fôlego se exauriu quando chegou à estrada e ele caiu na lama, ofegando e agarrando a costura na lateral. Sentia como se houvesse mil farpas no peito.

Ergueu os olhos e viu as figuras ainda longe na estrada, mas perto o bastante para vê-lo. Ouviu um grito quando o mundo desapareceu na escuridão.



Arlen acordou com a luz do dia, deitado de bruços. Inspirou, sentindo as bandagens enroladas com firmeza no corpo. Suas costas ainda doíam, mas não queimavam mais, e pela primeira vez em dias sentia o rosto frio. Apoiou as mãos nas laterais para erguer-se, mas a dor tomou-o de assalto.

— Eu não teria tanta pressa para levantar — aconselhou Ragen. — Tem sorte de estar vivo.

— O que aconteceu? — perguntou Arlen, olhando para o homem que estava sentado por perto.

— Encontrei você desmaiado na estrada — disse o homem. — Os ferimentos nas costas já estavam com podridão demoníaca. Tive que abri-los e drenar o veneno antes de costurá-los.

— Onde está Keerin? — perguntou Arlen.

Ragen riu.

— Lá dentro — respondeu. — Keerin está mantendo distância nos últimos dias. Não aguenta ver o sangue e vomitou quando encontramos você.

— Dias? — perguntou Arlen. Olhou ao redor e se viu de volta ao pátio antigo. Ragen montou acampamento ali, seus círculos portáteis protegendo as esteiras de dormir e os animais.

— Encontramos você no sol alto do terceiro dia — explicou Ragen. — Já estamos no quinto dia. Você delirou o tempo todo, debatendo-se enquanto expulsava a doença com suor.

— Curou minha febre demoníaca? — perguntou Arlen, pasmado.

— É assim que chamam no Riacho? — perguntou Ragen e deu de ombros. — Bom nome como qualquer outro, creio eu, mas não é uma doença mágica, garoto. É apenas uma infecção. Encontrei um pouco de raiz porcina não muito longe da estrada, então consegui fazer cataplasma para os cortes. Vou fazer um pouco de chá com ela mais tarde. Se tomar nos próximos dias, vai ficar bem.

— Raiz porcina? — perguntou Arlen.

Ragen ergueu uma erva que crescia quase em todo lugar.

— Básico em qualquer bolsa de ervas de todo mensageiro, embora seja melhor quando fresca. Deixa um pouco tonto, mas por algum motivo a podridão do demônio não consegue resistir.

Arlen começou a chorar. Sua mãe poderia ter sido curada com uma erva que ele arrancava com regularidade do campo de Jeph? Aquilo era simplesmente demais para ele.

Ragen esperou em silêncio, dando a Arlen espaço enquanto as lágrimas seguiam seu curso. Depois do que pareceu uma eternidade, o fluxo começou a ceder e os soluços fortes se acalmaram. Ragen entregou-lhe um pano, sem dizer palavra, e Arlen secou as bochechas.

— Arlen — perguntou o mensageiro, por fim —, o que está fazendo aqui, tão longe?

Arlen olhou-o por um bom tempo, tentando decidir o que dizer. Quando finalmente falou, a história veio num jorro só. Disse ao mensageiro tudo, começando com a noite em que sua mãe foi ferida e terminando com ele fugindo do pai.

Ragen ficou quieto enquanto ouvia a história de Arlen.

— Lamento pela sua mãe, Arlen — pontuou a narrativa.

Arlen fungou e meneou a cabeça.

Keerin voltou quando Arlen começou a contar como tentou encontrar a estrada até o Pasto Ensolarado, mas acidentalmente tomou o caminho para as Cidades Livres. Enlevado, prestou atenção quando Arlen descreveu a primeira noite sozinho, o demônio da rocha gigantesco, e como ele desmanchou a proteção. O menestrel ficou pálido quando Arlen descreveu a corrida para repará-la antes que o demônio tentasse matá-lo.

— Foi você quem cortou o braço daquele demônio? — perguntou Ragen, incrédulo, um momento depois. Keerin parecia prestes a vomitar novamente.

— Não é um truque que quero tentar de novo — disse Arlen.

— Não, nem pensei nisso — riu Ragen. — Ainda assim, aleijar um demônios da rocha de quatro metros e meio é um feito que vale uma canção ou duas, hein, Keerin? — Ele cutucou o menestrel com o cotovelo, mas aquilo pareceu fazer o homem perder totalmente o controle. Ele cobriu a boca e correu para longe. Ragen balançou a cabeça e suspirou.

— Um gigante de um braço está nos perseguindo desde que te encontramos — explicou. — Ele golpeia as proteções com mais força que qualquer terraíta que já vi.

— Ele vai ficar bem? — perguntou Arlen, vendo Keerin dobrar-se.

— Vai passar — murmurou Ragen. — Vamos pegar um pouco de comida para você.

Ele ajudou Arlen a se sentar na sela do cavalo. O movimento causou uma

pontada de dor e Ragen viu-o encolher-se.

— Mastigue isto aqui — pediu ele, entregando a Arlen uma raiz retorcida. — Vai te deixar um pouco zonzo, mas deve aliviar a dor.

— Você é ervanário? — perguntou Arlen.

Ragen riu.

— Não, mas um mensageiro precisa saber um pouco de cada arte se quiser sobreviver. — Ele enfiou a mão nos alforjes, puxando uma panela de metal e alguns utensílios.

— Queria poder ter contado a Coline sobre a raiz porcina — lamentou Arlen.

— Eu teria contado — falou Ragen—, se por um segundo imaginasse que ela não sabia. — Ele encheu a panela e pendurou-a num tripé sobre um fogareiro. — É incrível o que as pessoas esqueceram.

Ele atiçou as chamas quando Keerin se recuperou.

— Não vou me esquecer de contar para ela quando voltarmos.

— De volta? — perguntou Arlen.

— De volta? — repetiu Keerin.

— De volta, claro — Ragen falou. — Seu pai deve estar procurando você, Arlen.

— Mas eu não quero voltar — disse Arlen. — Quero ir para as Cidades Livres com você.

— Você não pode simplesmente fugir dos problemas, Arlen — Ragen aconselhou.

— Não vou voltar — disse Arlen. — Pode me arrastar até lá, se preferir, mas vou fugir outra vez assim que você me soltar.

Ragen encarou-o por um bom tempo. Por fim, olhou de esguelha para Keerin.

— Sabem o que eu acho — falou Keerin. — Não gostaria de acrescentar cinco noites, no mínimo, à nossa viagem para casa.

Ragen franziu a testa para Arlen.

— Vamos escrever ao seu pai quando chegarmos a Miln — avisou ele.

— Será uma total perda de tempo — falou Arlen. — Ele nunca virá me buscar.

O chão de pedra do pátio e a muralha alta esconderam-nos bem naquela noite. Um círculo portátil largo protegia a carroça e os animais estavam presos dentro de outro. Ficaram dentro de dois anéis concêntricos, com a fogueira ao centro.

Keerin estava encolhido em sua esteira, com o cobertor sobre a cabeça. Tremia, apesar de não estar frio, e quando algum terraíta ocasional testava as proteções, ele se contraía.

— Por que continuam a atacar se não conseguem passar? — Arlen quis saber.

— Estão procurando falhas na rede — Ragen disse. — Você nunca verá um

terraíta atacando duas vezes o mesmo lugar. — Ele encostou o dedo na têmpora. — Eles se lembram. Os terraítas não são espertos o bastante para examinar as proteções e adivinhar onde estão os pontos fracos, então atacam a barreira e procuram desse jeito. Raramente atravessam, mas quando conseguem vale a pena o esforço.

Um demônio do vento passou num voo rasante sobre a muralha e foi repelido pelas proteções. Keerin choramingou embaixo do cobertor com o som.

Ragen olhou para a esteira do menestrel murmurando:

— Acho que ele pensa que se não puder ver os terraítas eles também não poderão vê-lo.

— É sempre assim? — perguntou Arlen.

— Aquele demônio maneta deixou-o mais assustado que o habitual — disse Ragen —, mas antes disso não era alguém que ficava pertinho das proteções. — Ele ergueu os ombros. — Precisava de um menestrel com urgência. A Guilda me deu Keerin. Normalmente, não trabalho com menestréis tão verdes.

— Então por que carrega um menestrel? — perguntou Arlen.

— Ah, é preciso levar um menestrel consigo quando se vai a lugarejos — disse Ragen. — Se não aparecer com um, é capaz de ser apedrejado.

— Lugarejos?

— Pequenas aldeias, como o Riacho de Tibbet — explicou Ragen. — Lugares distantes demais para os duques controlarem com facilidade, onde a maioria das pessoas não sabe ler.

— Que diferença isso faz? — quis saber Arlen.

— As pessoas que não sabem ler não veem muita utilidade nos mensageiros — disse Ragen. — Ah, ficam ávidas pelo sal ou seja lá o que lhes falte, mas a maioria não se abala para ver o mensageiro ou lhe dar notícias, e coletar notícias é o primeiro trabalho de um mensageiro. Mas leve um menestrel e as pessoas largam tudo e vão ver o espetáculo. Não foi apenas para ajudá-lo que espalhei a notícia do espetáculo de Keerin. Algumas pessoas podem ser mercadores, menestréis, ervanários e mensageiros ao mesmo tempo, mas são tão comuns quanto um terraíta amigável. A maioria dos mensageiros que faz a rota dos lugarejos precisa contratar um menestrel.

— E você não costuma trabalhar em lugarejos — relembrou Arlen.

Ragen piscou.

— Um menestrel pode impressionar os aldeões, mas será apenas um problema na corte de um duque. Os duques e os príncipes-mercadores têm menestréis próprios. Interessam-se apenas pelos negócios e pelas notícias, e pagam muito mais do que o velho Leitão pode bancar.

Ragen despertou antes do sol na manhã seguinte. Arlen já estava acordado e Ragen meneou a cabeça em aprovação.

— Os mensageiros não se dão ao luxo de dormir até tarde — comentou quando bateu ruidosamente as panelas para acordar Keerin. — Cada instante de luz é valioso.

Arlen estava se sentindo bem para se sentar ao lado de Keerin na carroça enquanto ela avançava na direção dos montículos do horizonte que Ragen chamava de montanhas. Para passar o tempo, Ragen contou a Arlen histórias de suas viagens e apontou ervas às margens da estrada, dizendo o que comer e o que evitar, o que poderia servir de cataplasma para um ferimento e o que o deixaria pior. Comentou sobre lugares melhores para passar a noite, explicando o motivo, e alertou sobre predadores.

— Os terraítas matam os animais mais lentos e fracos — falou Ragen. — Então, apenas os maiores e mais fortes, ou aqueles que se escondem melhor, sobrevivem. Lá fora, na estrada, os terraítas não são a única coisa que enxerga você como presa.

Keerin olhou ao redor, nervoso.

— Que lugar foi aquele no qual passamos as últimas noites? — perguntou Arlen.

Ragen deu de ombros.

— Apenas uma fortaleza de um lorde menor. Há centenas delas nas terras entre este lugar e Miln, velhas ruínas abandonadas e saqueadas por inúmeros mensageiros.

— Mensageiros? — perguntou Arlen.

— Claro — respondeu Ragen. — Alguns mensageiros passam semanas buscando ruínas. Aqueles que têm sorte em tropeçar numa que nunca fora encontrada podem voltar com todo tipo de espólio. Ouro, joias, entalhes, às vezes até proteções antigas. Mas o verdadeiro prêmio que todos buscam *são as proteções antigas*, as proteções de combate, se elas realmente existiram.

— Acha que existiram? — quis saber Arlen.

Ragen assentiu com a cabeça.

— Mas não arrisco meu pescoço saindo da estrada para procurá-las.

Depois de algumas horas, Ragen levou-os até uma pequena caverna próxima da estrada.

— Sempre melhor proteger um abrigo quando pode — disse para Arlen. — Essa caverna é uma das poucas indicadas no diário de Graig.

Ragen e Keerin montaram o acampamento, alimentando e dando de beber aos animais, levando os suprimentos para a caverna. A carroça desatrelada foi colocada num círculo do lado de fora. Enquanto trabalhavam, Arlen inspecionou o círculo portátil.

— Há proteções aqui que não reconheço — observou, passando o dedo pelas

marcas.

— Vi algumas no Riacho de Tibbet que eram novas para mim também — admitiu Ragen. — Copiei-as no meu diário. Talvez hoje à noite você possa nos contar o que fazem.

Arlen sorriu, feliz por poder oferecer algo em troca da generosidade de Ragen.

Keerin começou a ficar desconfortável enquanto comiam, olhando a todo momento para o céu que escurecia, mas Ragen parecia tranquilo com as sombras aumentando.

— Melhor trazer as mulas para a caverna agora — falou Ragen finalmente. Keerin imediatamente moveu-se para fazê-lo. — Animais de carga odeiam cavernas — disse Ragen para Arlen —, então a gente espera o máximo que puder antes de trazê-los para dentro. O cavalo sempre entra por último.

— Ele não tem um nome? — perguntou Arlen.

Ragen negou com a cabeça.

— Meus cavalos precisam merecer um nome. A Guilda dá um treinamento especial para eles, mas muitos cavalos ainda se assustam quando são acorrentados do lado de fora, num círculo portátil, à noite. Os únicos que sei que não fugirão ou entrarão em pânico ganham nome. Comprei esta montaria aqui em Angiers, depois que meu garanhão fugiu e foi morto pelos terraítas. Se esta aqui aguentar até Miln, darei-lhe um nome.

— Vai chegar — comentou Arlen, acariciando o pescoço da égua. Quando Keerin levou as mulas para dentro, pegou o freio dela e a conduziu para dentro da caverna.

Enquanto os outros se acomodavam, Arlen estudou a entrada da caverna. Proteções foram esculpidas na pedra, mas não na terra da entrada.

— As proteções estão incompletas — disse ele, apontando.

— Claro que estão — respondeu Ragen. — Não dá para desenhar proteções na terra, dá? — Ele olhou para Arlen com curiosidade. — O que *você* faria para completar o círculo?

Arlen examinou o problema. A entrada da caverna não era um círculo perfeito, parecia mais a letra "U" invertida. Mais difícil de proteger, mas não *muito* difícil, e as proteções talhadas na rocha eram bem comuns. Pegando uma vareta, esboçou proteções na terra, as linhas conectando-se suavemente com aquelas já feitas. Ele as verificou três vezes, em seguida deslizou para dentro, esperando a aprovação de Ragen.

O mensageiro ficou em silêncio por um momento enquanto verificava o trabalho de Arlen, em seguida assentiu.

— Muito bem — Ragen disse, e Arlen abriu um grande sorriso. — Você desenhou os vértices com maestria. Eu mesmo não teria criado uma teia tão segura e ainda por cima você fez todas as equações de cabeça.

— Hum, obrigado — disse Arlen, embora não tivesse ideia do que Ragen

estava falando.

Ragen aproveitou o silêncio do garoto.

— Você *fez* equações, não fez?

— O que é uma equação? — quis saber Arlen. — Aquela linha — apontou para a proteção mais próxima — vai até aquela proteção ali — e apontou para a parede. — Ela cruza aquelas linhas — apontou para outras proteções — que cruzam com aquelas aqui. — Ele ainda apontou para outras. — É simples assim.

— Quer dizer que foi simplesmente de olho? — espantou-se Ragen, perplexo.

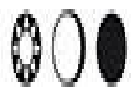
Arlen ergueu os ombros quando Ragen voltou-se para ele.

— A maioria das pessoas usa um bastão reto para verificar as linhas — admitiu ele —, mas eu nunca liguei para isso.

— Não faço ideia de como o Riacho de Tibbet não foi engolido pela Noite — falou Ragen. Puxou um saco de seu alforje e se ajoelhou na entrada da caverna, limpando as proteções de Arlen.

— Proteções na terra ainda são temerárias, por mais bem desenhadas que estejam — completou Ragen.

Ele selecionou um punhado de placas de proteção feitas de madeira envernizada do saco. Usando um bastão reto marcado com linhas, espaçou-as rapidamente, selando de novo a rede.

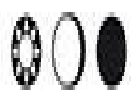


Não havia nem uma hora de escuridão quando o demônio da rocha com um braço apareceu na clareira. Soltou um grande uivo, jogando os demônios menores para o lado quando correu na direção da entrada da caverna, rugindo de maneira provocativa. Keerin gemeu, recuando para o fundo da caverna.

— Esse aí te fareja — alertou Ragen. — Vai seguir você para sempre, esperando que baixe a guarda.

Arlen olhou para o monstro por um bom tempo, pensando nas palavras do mensageiro. O demônio rosnava e batia com tudo na barreira, mas as proteções explodiam e o repeliam. Keerin choramingava, mas Arlen ergueu-se e caminhou até a boca da caverna. Ele fitou os olhos do terraíta e lentamente ergueu as mãos, batendo uma palma repentina e alta, ridicularizando o demônio com ambos os braços.

— Pode desperdiçar seu tempo — falou Arlen quando o demônio uivou numa ira impotente. — Não vai me pegar.



Continuaram pela estrada por quase uma semana. Ragen conduziu-os para o norte, passando por contrafortes da cordilheira, subindo cada vez mais. Às vezes,

Ragen parava para caçar, abatendo animais pequenos a grandes distâncias com suas finas lanças de caça.

Durante grande parte das noites permaneceram nos abrigos que constavam do diário de Graig, embora duas vezes tivessem acampado na estrada. Como qualquer animal, a égua de Ragen estava aterrorizada pelos demônios perseguidores, mas não tentava se livrar das amarras.

— Ela merece um nome — disse Arlen pela centésima vez, apontando para o animal firme.

— Está bem, está bem! — cedeu Ragen finalmente, bagunçando os cabelos de Arlen. — Dê um nome para ela.

Arlen sorriu.

— Olho da Noite — disse ele.

Ragen olhou para o cavalo e assentiu.

— É um bom nome.

9

FORTE MILN

– 319 DR –

O TERRENO FICAVA CADA VEZ MAIS ROCHOSO ao passo que as pequenas elevações no horizonte cresciam mais e mais. Ragen não havia exagerado quando disse que caberiam centenas de Colinas do Lamaçal numa única montanha. A cordilheira estendia-se a perder de vista. O ar ficava mais frio com a subida; rajadas fortes de vento castigavam os montes. Arlen olhou para trás e viu o mundo inteiro espalhado diante dele como um mapa. Imaginou-se viajando através daquelas terras com apenas uma lança e uma bolsa de mensageiro.

Quando finalmente avistaram o Forte Miln, Arlen não acreditou no que seus olhos viam. Mesmo com as histórias de Ragen, ele ainda acreditava que seria como o Riacho de Tibbet, apenas maior. Ele quase caiu da carroça quando a cidade-fortaleza ergueu-se diante deles, agigantando-se sobre a estrada.

O Forte Miln fora construído no sopé de uma montanha, com vista para um vale amplo. Outra montanha, gêmea daquela onde Miln estava, ficava diante da cidade do outro lado do vale. Uma muralha circular com mais de nove metros de altura cercava a cidade, embora muitos dos prédios dentro dela se erguessem

ainda mais altos que ela. Quanto mais perto chegavam da cidade, mais ela se estendia, a muralha seguindo por quilômetros em cada direção.

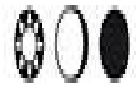
A muralha era pintada com as maiores proteções que Arlen já tinha visto. Seus olhos seguiam as linhas invisíveis que ligavam uma proteção à outra, formando uma enorme teia que tornava a muralha impenetrável para os terraítas.

Mas, apesar do triunfo do feito, as muralhas decepcionaram Arlen. As tais cidades "livres" não eram livres de verdade. As muralhas mantinham os terraítas lá fora, mas também mantinham as pessoas lá dentro. Ao menos no Riacho de Tibbet as muralhas da prisão eram invisíveis.

— O que impede os demônios do vento de voar sobre a muralha? — questionou Arlen.

— O topo da muralha é equipado com postes protetores que costuram uma abóbada sobre a cidade — respondeu Ragen.

Arlen se deu conta que devia ter percebido isso sem a ajuda de Ragen. Tinha mais perguntas, mas as manteve para si, sua mente astuta já trabalhando em soluções prováveis.



Já passava bastante do sol alto quando finalmente chegaram à cidade. Ragen apontou uma coluna de fumaça bem acima na montanha, quilômetros sobre a cidade.

— As Minas do Duque — disse ele. — É um vilarejo também, maior que seu Riacho de Tibbet. Não são autossuficientes, mas é como o duque gosta delas. Caravanas vêm e vão quase toda semana. A comida sobe; sal, metal e carvão descem.

Uma muralha menor estendia-se da cidade principal, correndo em um largo caminho ao redor do vale. Arlen podia divisar os postes protetores e as fileiras de copas de árvores bem-cuidadas.

— Os grandes jardins e o Pomar do Duque — observou Ragen.

O portão era aberto para os trabalhadores entrarem e saírem, e os guardas acenaram quando eles se aproximaram. Eram altos, como Ragen, e usavam elmos de metal amassados e velhas vestes de couro sobre roupas grossas de lã. Ambos carregavam lanças, mas as seguravam mais como peças de exibição do que armas.

— Ei, mensageiro! — gritou um deles. — Bem-vindo de volta!

— Gaims. Woron. — Ragen meneou a cabeça para eles.

— O duque o espera há dias — falou Gaims. — Estávamos preocupados, pois você não chegava.

— Pensaram que os demônios haviam me pegado? — riu-se Ragen. — Não tem como! Houve um ataque de terraítas no lugarejo que visitei no caminho de

volta de Angiers. Ficamos um pouco para ajudar.

— Trouxe um desgarrado com você? — perguntou Woron, com um sorriso esgarçado. — Um presentinho para sua mulher enquanto ela espera que você a torne Mãe?

Ragen fulminou-o com o olhar e o guarda retratou-se.

— Não quis ofender — disse rapidamente.

— Então sugiro que evite dizer coisas que tendam a ofender, *serviçal* — retrucou Ragen com rispidez. Woron empalideceu e assentiu, rápido. — Encontrei-o na estrada, na verdade — disse Ragen, bagunçando os cabelos de Arlen e sorrindo, como se não tivesse havido tensão.

Arlen gostava disso em Ragen. Tinha sempre um riso fácil e não se ressentia, mas exigia respeito e mostrava com clareza onde se pisava. Arlen queria ser assim um dia.

— Na estrada? — perguntou Gaims, descrente.

— A dias de lugar nenhum! — gritou Ragen. — O garoto sabe desenhar proteções melhor que alguns mensageiros que conheço.

Arlen inflou de orgulho com o elogio.

— E você, menestrel? — perguntou Woron a Keerin. — Gostou de sua primeira prova de noite ao léu?

Keerin fechou a cara e os guardas riram.

— Que bom, não é? — perguntou novamente Woron.

— Não vamos desperdiçar luz do dia — disse Ragen. — Digam à Mãe Jone que iremos ao palácio depois que eu entregar o arroz e parar em casa para um banho e uma refeição decente. — Os homens o saudaram e deixaram que entrassem na cidade.

Apesar de sua decepção inicial, a grandiosidade de Miln logo tomou conta de Arlen. Havia prédios muito altos, fazendo parecer miúda qualquer coisa que ele já vira antes, e pedras de cantaria, que cobriam as ruas em vez do chão de terra batida. Terraítas não conseguiriam erguer-se através das pedras trabalhadas, mas para Arlen era impensável o esforço necessário para cortar e encaixar centenas de milhares de pedras.

No Riacho de Tibbet, quase todas as estruturas eram de madeira, com fundações de pedras empilhadas e telhados de palha com placas de proteções. Em Miln, quase tudo era de pedra talhada e exalava antiguidade. Apesar das muralhas externas protegidas, cada prédio tinha proteções individuais; algumas, obras de arte fantásticas, outras, simples símbolos funcionais.

O ar na cidade era forte, denso com o fedor de lixo, fogueiras de esterco e suor. Arlen tentou prender o fôlego, mas logo desistiu e começou a respirar pela boca. Keerin, por outro lado, parecia respirar confortavelmente pela primeira vez.

Ragen levou-os até o mercado, onde Arlen viu mais pessoas do que em toda a

vida. Centenas de Ruscos Leitão gritavam de todos os lados para ele: “Compre isso!”, “Experimente aquilo!”, “Um preço especial, só para você!” Todos eram altos; gigantes se comparados ao povo do Riacho.

Passaram por carroças de frutas e vegetais que Arlen não conhecia, e tantos vendedores de roupas que ele pensou ser a única coisa que os milneses tinham na cabeça. Havia pinturas e gravações também, tão intrincadas que ele se perguntou quanto tempo era preciso para fazê-las.

Ragen conduziu-os a um mercador na outra ponta do mercado, que tinha o símbolo de um escudo na tenda.

— O homem do duque — alertou Ragen assim que eles pararam na carroça.

— Ragen! — disse o mercador. — O que tem para mim hoje?

— Arroz do Pântano — falou Ragen. — Impostos do Riacho para pagar o sal do duque.

— Foi ver o Rusco Leitão? — disse o mercador, mais do que perguntou. — Aquele canalha ainda rouba aqueles aldeões cegos?

— Conhece Leitão? — perguntou Ragen.

O mercador riu.

— Há dez anos, testemunhei perante o Conselho das Mães para arrancar sua licença de mercador depois de ele tentar passar adiante um carregamento de grãos cheio de ratos — explicou. — Deixou a cidade logo depois e ressurgiu nos confins do mundo. Ouvi dizer que alguma coisa aconteceu em Angiers, por isso ele voltou a Miln.

— Que bom que olhamos o arroz — murmurou Ragen.

Negociaram por um tempo sobre o preço atual do arroz e do sal. Por fim, o mercador cedeu, admitindo que Ragen havia trazido o melhor do Leitão. Ele deu ao mensageiro uma bolsa tilintante de moedas para compensar a diferença.

— Arlen pode conduzir a carroça daqui? — perguntou Keerin. Ragen olhou-o e assentiu. Jogou uma bolsinha de moedas para Keerin, que a pegou habilmente e pulou para fora da carroça.

Ragen balançou a cabeça quando Keerin desapareceu na multidão.

— Não é dos piores menestréis, mas não tem colhões para a estrada. — Ele montou novamente e conduziu Arlen através das ruas cheias. Arlen sentiu-se sufocado pela pressão quando entraram numa rua particularmente apinhada. Ele percebeu pessoas vestidas apenas com trapos rasgados, apesar do ar frio da montanha.

— O que estão fazendo? — perguntou Arlen, observando como estendiam canecas vazias aos passantes.

— Mendigando — falou Ragen. — Nem todo o mundo em Miln consegue comprar comida.

— Não podemos dar um pouco para eles? — perguntou Arlen.

Ragen suspirou.

— Não é tão simples, Arlen — disse ele. — O solo aqui não é fértil o bastante para alimentar nem metade do povo. Precisamos de grãos do Forte Rizon, peixes de Lakton, frutas e gado de Angiers. As outras cidades não dão isso tudo de graça. Não para quem tem um negócio e ganha dinheiro para pagar por tudo isso, os mercadores. Os mercadores contratam os serviçais para trabalhar para eles e os alimentam, vestem e abrigam com dinheiro do próprio bolso.

Ele apontou para um homem enrolado num pano sujo e rasgado segurando uma tigela de madeira quebrada na direção dos transeuntes, que o contornavam para evitá-lo, recusando o contato visual.

— Então, a menos que você seja alguém da realeza ou um homem santo, se não trabalhar, acaba daquele jeito ali.

Arlen assentiu com a cabeça como se tivesse entendido, mas na verdade não compreendia. As pessoas ficavam sem crédito o tempo todo no armazém-geral do Riacho de Tibbet, mas nem mesmo Leitão deixava que morressem de fome.

Chegaram a uma casa e Ragen sinalizou para Arlen parar a carroça. Não era uma casa grande, em comparação a muitas que Arlen tinha visto em Miln, mas ainda era impressionante pelos padrões do Riacho de Tibbet, com dois andares feitos inteiramente de pedra.

— Esta é sua casa? — perguntou Arlen.

Ragen balançou a cabeça. Apeou e foi até a porta, batendo com firmeza. Um momento depois, foi atendido por uma jovem com longos cabelos castanhos presos numa trança bem-feita. Era alta e robusta, como todos em Miln, e usava um vestido, de gola alta, que chegava até os tornozelos e era justo no busto. Arlen não conseguia dizer se era bonita. Estava prestes a concluir que não quando ela sorriu e todo seu rosto mudou.

— Ragen! — gritou ela, lançando os braços ao redor dele. — Você veio, graças ao Criador!

— Claro que vim, Jenya — disse Ragen. — Nós, mensageiros, cuidamos dos nossos.

— Não sou mensageira.

— Você era casada com um, é a mesma coisa. Graig morreu mensageiro, e que se dane o que a Guilda decidiu.

Jenya pareceu entristecer e Ragen logo mudou de assunto, andando rápido até a carroça e descarregando as mercadorias restantes.

— Trouxe para você bom arroz do Pântano, sal, carne e peixe — disse ele, carregando os itens até a porta de Jenya. Arlen correu para ajudar.

— E isto — acrescentou Ragen, tirando do cinto o saco de ouro e prata que conseguira do Leitão. Também jogou lá dentro a bolsinha do mercador do duque.

Os olhos de Jenya arregalaram-se quando ela a abriu.

— Ah, Ragen, é muito. Eu não posso…

— Pode e vai — ordenou Ragen, interrompendo-a. — É o mínimo que posso

fazer.

Jenya se emocionou.

— Não tenho como agradecê-lo — disse ela, quase chorando. — Tive tanto medo. Servir de escriba para a Guilda não cobre tudo e sem Graig… pensei que teria de voltar a mendigar.

— Tudo bem — falou Ragen, dando tapinhas no ombro da mulher. — Meus irmãos e eu nunca deixaremos que isso aconteça. Eu te levo para a minha casa antes de deixar chegar a esse ponto — prometeu.

— Ah, Ragen, você faria isso? — perguntou Jenya.

— Tem uma última coisa — disse Ragen. — Um presente de Rusco Leitão. — Ele ergueu o anel. — Quer que você escreva para ele e avise que recebeu.

Os olhos de Jenya marejaram novamente ao olhar para o lindo anel.

— Graig era muito querido — disse Ragen, deslizando o anel no dedo de Jenya. — Que este anel seja uma boa lembrança dele. A comida e o dinheiro devem bastar para sua família viver um bom tempo. Talvez, até lá, você encontre outro marido e se torne Mãe. Mas, se as coisas ficarem ruins demais e você sentir que deve vender o anel, venha até mim primeiro, entendeu?

Jenya assentiu com a cabeça, mas ela abaixou os olhos, que ainda escorriam, enquanto admirava o anel.

— Prometa — ordenou Ragen.

— Prometo.

Ragen meneou a cabeça, abraçando-a uma última vez.

— Venho vê-la quando puder — disse ele. Ela estava chorando quando eles partiram. Arlen ainda a olhou lá atrás antes de se afastarem.

— Você parece confuso — falou Ragen.

— Acho que estou — concordou Arlen.

— A família de Jenya era de mendigos. Seu pai é cego e a mãe doente. Mas tiveram a sorte de ter uma filha saudável e atraente. Ela e os pais subiram duas classes quando ela se casou com Graig. Ele levou os três para casa e, embora nunca tivesse as rotas mais privilegiadas, fez o bastante para a sobrevivência e a felicidade deles.

Ele sacudiu a cabeça.

— Agora, ela tem aluguel para pagar e três bocas para alimentar sozinha. Não pode afastar-se muito de casa também, pois seus pais não conseguem ficar sozinhos.

— Foi legal da sua parte ajudá-la — disse Arlen, sentindo-se um pouco melhor. — Ela ficou bonita quando sorriu.

— Não dá para ajudar todo o mundo, Arlen — disse Ragen—, mas é preciso fazer todos os esforços para ajudar quem se pode.

Arlen assentiu com a cabeça.

Partiram colina acima até chegarem a uma mansão. Um muro com portões

de um metro e oitenta de altura cercava a ampla propriedade, e a casa grande, em si, tinha três andares e dúzias de janelas, todas refletindo a luz de suas vidraças. Era maior que o grande salão da Colina do Lamaçal e poderia abrigar todo o mundo no Riacho de Tibbet durante a festa do solstício. A mansão e a muralha ao redor eram pintadas com proteções coloridas brilhantes. Um lugar magnífico assim, Arlen concluiu, deve ser o lar do duque.

— Minha mãe tinha uma caneca de vidro protegido, dura como aço — disse Arlen, erguendo os olhos para as janelas, quando um homem magro aproximou-se correndo lá de dentro das terras para abrir o portão. — Ela mantinha escondida, mas às vezes tirava do esconderijo, quando tinha visitas, para mostrar como brilhava. — Eles passaram por uma horta intocada pela maldade dos terraítas, onde várias mãos colhiam verduras e legumes.

— Esta é uma das únicas mansões de Miln com todas as janelas de vidro — disse Ragen com orgulho. — Pagaria um bocado por proteções que não as deixassem quebrar.

— Conheço o truque — disse Arlen —, mas precisa que um terraíta toque o vidro para carregá-lo.

Ragen riu e sacudiu a cabeça.

— Então, talvez não pagasse.

Havia construções menores no terreno, casebres de pedra com chaminés fumegantes e pessoas entrando e saindo, como uma aldeia pequenina. Crianças sujas corriam para lá e para cá, e mulheres as olhavam enquanto faziam suas tarefas. Cavalgaram até os estábulos e o cavalariço apareceu num segundo para pegar as rédeas de Olho da Noite. Ele se curvou e agiu de maneira servil, como se Ragen fosse o rei de uma história.

— Pensei que iríamos parar na sua casa antes de visitar o duque — perguntou Arlen.

Ragen riu.

— Aqui *é* a minha casa, Arlen! Acha que eu me arrisco a dormir em estrada aberta de graça?

Arlen olhou para a casa lá atrás com olhos arregalados.

— Isso tudo aqui é seu? — perguntou ele.

— Tudo — confirmou Ragen. — Os duques são mão-aberta para aqueles que enfrentam os terraítas.

— Mas a casa de Graig era tão pequena — contestou Arlen.

— Graig era um bom homem — disse Ragen—, mas nunca passou de um mensageiro comum. Estava contente em fazer a viagem ao Riacho de Tibbet uma vez ao ano e percorrer os lugarejos entre lá e aqui. Um homem como ele pode cuidar da família, mas só isso. Jenya acreditava que o único motivo de termos tanto lucro era por eu ter pago do meu bolso as mercadorias a mais que vendi ao Leitão. Graig costumava tomar empréstimos da Guilda e eles fizeram

um corte sério.

Um homem alto abriu a porta da casa com uma mesura. Tinha um rosto frio, vestia um casaco azul-claro de lã tingida. Seu rosto e roupas eram limpos, um contraste grande perante aqueles no pátio. Assim que entraram, um garoto não muito mais velho que Arlen se levantou. Correu para a corda de uma sineta aos pés da larga escadaria de mármore e o tilintar soou pela casa.

— Vejo que teve sorte mais uma vez — uma mulher falou um momento depois. Tinha os cabelos pretos e olhos azuis penetrantes. Trajava um vestido azul profundo, mais fino que qualquer outra coisa que Arlen conhecia, e seus punhos e pescoço reluziam com joias. Seu sorriso era frio quando os observou da balaustrada de mármore sobre o átrio. Arlen nunca tinha visto uma mulher tão bela e graciosa.

— Minha mulher, Elissa — informou Ragen em voz baixa. — Um motivo para retornar… e um motivo para partir.

Arlen não sabia ao certo se ele estava brincando. A mulher não parecia feliz em vê-los.

— Algum dia desses, os terraítas vão te pegar — falou Elissa enquanto descia as escadas — e eu finalmente estarei livre para me casar com meu jovem amante.

— Nunca — disse Ragen com um sorriso, puxando-a para beijá-la. Virando-se para Arlen, ele explicou: — Elissa sonha com o dia em que vai herdar minha fortuna. Eu me resguardo dos terraítas tanto para me proteger como para irritá-la.

Elissa riu e Arlen ficou mais relaxado.

— Quem é este? — perguntou ela. — Um órfão para me poupar do trabalho de encher minha barriga com um filho legítimo?

— O único trabalho é derreter suas anáguas congeladas, minha querida — retrucou Ragen. — Deixe-me apresentar Arlen, do Riacho de Tibbet. Encontrei-o na estrada.

— Na estrada? — perguntou Elissa. — Mas ele é uma criança!

— Não sou criança! — gritou Arlen, e sentiu-se bobo logo a seguir. Ragen encarou-o de um jeito irônico e ele baixou o olhar.

Elissa não deu sinal de ter ouvido aquele rompante.

— Tire a armadura e vá para o banho — ordenou ao marido —, você está cheirando a suor e fuligem. Eu cuido do nosso hóspede.

Quando Ragen saiu, Elissa chamou um criado para preparar um lanche para Arlen. Ragen parecia ter mais criados do que a população do Riacho de Tibbet. Eles cortaram fatias de presunto frio e um pão de casca grossa, creme azedo e um copo de leite para tomar. Elissa observou enquanto ele comia, mas Arlen não conseguia pensar em nada para dizer e manteve sua atenção no prato.

Quando terminou o creme, uma criada com um vestido de um azul idêntico ao

do casaco do criado entrou e curvou-se para Elissa.

— Mestre Ragen aguarda a senhora lá em cima — disse ela.

— Obrigado, Mãe — respondeu Elissa. Seu rosto assumiu uma expressão estranha por um instante, enquanto corria os dedos distraidamente pela barriga. Em seguida, sorriu e olhou para Arlen. — Leve nosso hóspede para o banho e não o deixe sair da água até saber a cor de sua pele — ordenou ela, rindo, e saiu da sala.

Arlen, acostumado a entrar numa tina e jogar água gelada sobre si, ficou desconcertado ao ver a funda banheira de Ragen. Esperou enquanto a criada, Margrit, despejava uma chaleira de água fervendo lá dentro para aquecer a água. Era alta, como todos em Miln, com olhos gentis e cabelos cor de mel com apenas laivos de grisalho sob a touca. Ela virou de costas enquanto Arlen se despia e entrava na banheira. Margrit engasgou quando viu as feridas com pontos nas costas do rapaz e rapidamente se aproximou para examiná-las.

— Ai! — gritou Arlen quando ela apalpou a ferida mais alta.

— Não seja um bebezinho — bronqueou Margrit, esfregando o dedão e o indicador um no outro e cheirando. Arlen mordeu os lábios quando ela repetiu o processo costas abaixo. — Você é mais sortudo do que imagina — disse ela, por fim. — Quando Ragen me contou que havia se machucado, pensei que talvez fosse um arranhão, mas isto aqui… — Ela deu um muxoxo. — Sua mãe não lhe ensinou a não ficar perambulando à noite?

A resposta de Arlen morreu num fungar. Ele mordeu o lábio, determinado a não chorar. Margrit percebeu e, de pronto, aliviou o tom.

— Estão sarando bem — disse ela sobre as feridas. Pegou um pedaço de sabão e começou a lavá-las com suavidade. Arlen cerrou os dentes. — Quando você sair do banho, vou preparar um cataplasma e trazer bandagens limpas para você.

Arlen meneou a cabeça.

— A senhora é mãe de Elissa? — perguntou ele.

A mulher riu.

— Pelo Criador, garoto, o que fez você pensar isso?

— Ela chamou a senhora de Mãe — respondeu Arlen.

— Porque sou — disse Margrit com orgulho. — Dois filhos e três filhas, uma delas será Mãe em breve. — Ela sacudiu a cabeça triste. — Pobre Elissa, cheia de saúde e ainda é Filha... e já está na casa dos trinta!

— Ser mãe é tão importante assim? — quis saber Arlen.

A mulher encarou-o como se ele tivesse perguntado se respirar era algo importante.

— O que poderia ser mais importante que a maternidade? É dever de toda mulher fazer filhos para manter a cidade forte. Por isso as Mães recebem as melhores porções de comida e a primeira compra do mercado matinal. É por isso que as conselheiras do duque são Mães. Homens são bons para quebrar e

construir, mas é melhor deixar a política e a burocracia para as mulheres que fizeram a Escola de Mães. Por isso as Mães votam para escolher um novo duque quando o antigo morre!

— Então por que Elissa não é Mãe? — perguntou Arlen.

— Não é por falta de tentativa — admitiu Margrit. — Aposto que está tentando neste momento. Seis semanas na estrada deixam qualquer homem como um búfalo. Fiz um chá de fertilidade e deixei no criado-mudo dela. Talvez ajude, embora qualquer tolo saiba que a melhor hora para fazer um bebê é pouco antes da aurora.

— Então por que ainda não fizeram um? — perguntou Arlen. Sabia que fazer bebês tinha algo a ver com os jogos que Renna e Beni queriam brincar, mas ainda não conhecia muito bem o processo.

— Só o Criador sabe — disse Margrit. — Elissa talvez seja seca ou pode ser Ragen, embora isso fosse uma vergonha. Homens bons como ele estão em falta. Miln precisa de seus filhos.

Ela suspirou.

— A sorte de Elissa é que ele não a abandonou nem teve um filho com uma de suas criadas. O Criador sabe o quanto elas querem.

— Ele deixaria a mulher? — Arlen ficou perplexo.

— Não olhe tão surpreso, garoto — comentou Margrit. — Homens precisam de herdeiros e eles os têm da forma que podem. O duque Euchor está na sua terceira mulher e teve apenas filhas!

Ela sacudiu a cabeça.

— Mas Ragen não. Eles brigam como terraítas às vezes, mas ele ama Elissa como o próprio sol. Nunca a deixaria. Nem Elissa, apesar de tudo de que abriu mão.

— Abriu mão?

— Sabe, ela era nobre — respondeu Margrit. — A mãe está no Conselho do duque. Elissa poderia ter servido ao duque também, se tivesse casado com outro nobre e tido um filho. Mas casou com Ragen, de posição inferior, contra a vontade da mãe. Desde então, não se falam. Agora, Elissa é considerada mercadora, ainda que tenha muito dinheiro. Como foi recusada na Escola de Mães, nunca terá posição alguma na cidade, muito menos a serviço do duque.

Arlen ficou quieto enquanto Margrit lavava suas feridas e recolhia suas roupas do chão. Deu outro muxoxo ao examinar os cortes.

— Vou remendá-las o melhor que puder enquanto você se banha — prometeu Margrit, e deixou-o na banheira. Quando foi embora, Arlen tentou ligar os pontos de tudo que ela lhe dissera, mas havia muitas coisas que não compreendia.

Margrit lembrava um pouco Catrin Leitão, a filha de Rusco. “Ela é capaz de contar todos os segredos do mundo, se deixar que ela ouça a própria voz por um instante mais”, costumava dizer Silvy.

A mulher voltou mais tarde com roupas limpas, mas que não caíam bem. Ela cuidou das feridas e ajudou-o a se vestir, apesar dos protestos. Teve de enrolar as mangas da túnica para encontrar as mãos, e dobrar a bainha das calças para não tropeçar, mas Arlen sentiu-se limpo pela primeira vez em semanas.

Dividiu um jantar antecipado com Ragen e Elissa. Ragen fizera a barba, amarrou os cabelos para trás e vestiu uma camisa branca fina com uma jaqueta de suede azul e calças.

Um porco fora abatido na chegada de Ragen e a mesa logo ficou cheia de bifes, costelas, fatias de toucinho e salsichas suculentas. Garrafões de cerveja fresca e água clara e fria foram servidos. Elissa franziu a testa quando Ragen sinalizou para um criado servir cerveja para Arlen, mas não disse nada. Ela bebericava o vinho de uma taça tão delicada que Arlen temeu que os dedos finos da mulher a quebrassem. Havia pão com casca, mais branco do que qualquer um que comera antes, e tigelas com nabos e batatas cozidos cobertos com manteiga.

Quando olhou para a comida com a boca cheia d'água, Arlen não conseguiu evitar que seu pensamento voltasse ao povo lá fora na cidade, implorando por algo para comer. Ainda assim, sua fome logo sobrepujou a culpa e ele experimentou de tudo, enchendo o prato mais uma vez.

— Pelo Criador, onde você vai enfiar tanta coisa? — perguntou Elissa, batendo as mãos, divertindo-se, enquanto observava Arlen esvaziar outro prato. — O que tem aí na barriga, um abismo?

— Ignore, Arlen — avisou Ragen. — As mulheres correm o dia inteiro na cozinha e temem pegar mais que um bocadinho, com medo de parecerem indelicadas. Os homens sabem melhor como apreciar uma refeição.

— Saiba que ele está certo — disse Elissa, revirando os olhos. — As mulheres não conseguem apreciar as sutilezas da vida como os homens.

Ragen assustou-se e derramou a cerveja, e Arlen percebeu que ela o havia chutado por baixo da mesa. Arlen concluiu que gostava dela.

Após o jantar, um pajem apareceu, vestido com um tabardo cinza com o escudo do duque bordado na frente. Lembrou Ragen de seu compromisso e o mensageiro suspirou, mas garantiu ao pajem que partiriam em seguida.

— Arlen não está vestido para encontrar o duque — alardeou Elissa. — Ninguém se apresenta à sua excelência parecendo um mendigo.

— Não há o que fazer, meu amor — retrucou Ragen. — Temos poucas horas antes do pôr do sol. Não conseguiremos um alfaiate a tempo.

Elissa recusou-se a aceitar. Ela encarou o garoto por um bom tempo, em seguida estalou os dedos, saindo a passos largos da sala. Voltou logo depois com um gibão azul e um par de botas polidas.

— Um dos nossos pajens tem quase a sua idade — disse a Arlen enquanto o ajudava com o casaco e as botas.

As mangas do gibão eram curtas e as botas apertavam os pés, mas lady Elissa pareceu satisfeita. Ela o penteou e deu um passo para trás.

— Está satisfatório — disse ela com um sorriso. — Comporte-se diante do duque, Arlen — aconselhou. Arlen, sentindo-se estranho nas roupas mal-assentadas, sorriu e concordou.

A Fortaleza do Duque era uma fortificação protegida dentro da fortaleza com proteções de Miln. A muralha externa era de pedra talhada, com mais de seis metros de altura, fortemente guardada e patrulhada por lanceiros de armadura. Passaram os portões e entraram num pátio amplo que circundava o palácio. Ofuscando a mansão de Ragen, o palácio tinha quatro andares e torres que tinham duas vezes aquela altura. Cada pedra era marcada com proteções amplas e nítidas. Os vidros das janelas reluziam.

Homens de armadura patrulhavam o pátio e os pajens vestidos com as cores do duque corriam para lá e para cá. Centenas de homens esfalfavam-se ali: carpinteiros, pedreiros, ferreiros e açougueiros. Arlen viu armazéns de grãos e gado, até mesmo grandes jardins, muito maiores que os de Ragen. Parecia que, se fechassem os portões, o duque poderia viver para sempre em sua fortaleza.

O ruído e o cheiro do pátio sumiram quando as pesadas portas do palácio fecharam-se atrás deles. O átrio de entrada tinha um tapete longo e largo, e tapeçarias nas paredes de pedra fria. Exceto por alguns guardas, não havia outros homens. Em vez disso, dezenas de mulheres moviam-se por ali, suas saias grandes farfalhando quando passavam, atarefadas. Algumas estavam fazendo figuras em lousas, enquanto outras anotavam resultados em livros pesados. Outras, vestidas com mais riqueza que o restante, caminhavam altivas, observando as primeiras trabalharem.

— O duque está na câmara de audiências — informou uma delas. — Está aguardando o senhor há algum tempo.

Uma longa fila de pessoas esperava do lado de fora da câmara de audiências do duque. A maioria eram mulheres segurando penas e maços de papel, mas também havia uns poucos homens bem-vestidos.

— Requerentes menores — observou Ragen —, todos esperando por um minuto do tempo do duque antes que o Sino da Tarde soe e eles sejam escoltados para fora.

Os requerentes menores pareciam bem cientes de que restava apenas pouca luz do dia e brigavam abertamente sobre quem deveria ser o próximo. Mas a tagarelice feneceu ao verem Ragen. Quando o mensageiro passou, deixando a fila para trás, todos os requerentes ficaram em silêncio, seguindo-o como cães ávidos por comida. Seguiram-no até a entrada, onde um olhar fulminante dos

guardas os deteve. Quando Ragen e Arlen entraram, apinharam-se ao redor da entrada para ouvir.

Arlen sentiu-se oprimido pela câmara de audiência do duque Euchor de Miln. O teto abobadado da sala tinha andares de altura e abrigava archotes que se projetavam das grandes colunas que circundavam o trono de Euchor. Cada coluna tinha proteções talhadas no mármore.

— Requerentes maiores tendem a formar grupos. — disse Ragen em voz baixa, apontando os homens e mulheres que caminhavam pela sala. Ele meneou a cabeça para um grupo de homens em pé, próximos à porta. — Príncipes-mercadores. Espalham ouro por aí pelo direito de circular pelo palácio, farejando notícias ou uma nobre com quem casar suas filhas.

— Lá — ele se virou para um grupo de mulheres velhas em pé, na frente dos mercadores —, o Conselho das Mães, esperando para dar a Euchor seus relatórios diários.

Perto do trono, havia um grupo de homens com sandálias e túnicas marrons lisas, portando-se com dignidade silenciosa. Alguns falavam aos murmúrios, outros assentiam a cada palavra.

— Toda corte precisa dos seus homens santos — explicou Ragen.

Ele apontou para o último enxame de pessoas vestidas com opulência rodeando o duque, servido por um exército de criados carregando bandejas de comidas e bebidas.

— Realeza — disse Ragen. — Os sobrinhos e primos, e primos de segundo e terceiro grau do duque, todos clamando por sua atenção e sonhando com o que acontecerá se Euchor vagar seu trono sem um herdeiro. O duque os odeia.

— Por que não os manda embora? — perguntou Arlen.

— Porque são da realeza — disse Ragen, como se apenas esse fato explicasse tudo.

Estavam a meio caminho do trono do duque quando uma mulher alta aproximou-se para recebê-los. Seus cabelos estavam presos atrás por um lenço e seu rosto era marcado com rugas tão profundas que pareciam proteções escavadas na pele. Ela se movia com dignidade arqueada, mas uma pequena papada embaixo do queixo sacudia-se em seu próprio ritmo. Tinha um jeito que lembrava Selia; uma mulher acostumada a dar ordens e vê-las sendo obedecidas sem questionamento. Olhou para Arlen e farejou-o como se cheirasse uma pilha de esterco. Ergueu de uma vez o olhar para Ragen.

— A lady-camareira de Euchor, Jone — murmurou Ragen enquanto ainda estavam fora do alcance dos ouvidos da mulher. — Ela é Mãe, da realeza e uma oitava espécie de terraíta. Não pare de caminhar a menos que eu o faça ou ela fará com que você espere nos estábulos enquanto falo com o duque.

— Seu pajem terá de esperar no corredor, mensageiro — falou Jone, entrando na frente deles.

— Ele não é meu pajem — disse Ragen e avançou. Arlen manteve o passo e a lady-camareira foi forçada a sacrificar sua dignidade para sair às pressas do caminho.

— Sua excelência não tem tempo para todo desgarrado que encontra na rua, Ragen! — sibilou Jone, apressando-se para acompanhar o mensageiro. — Quem é ele?

Ragen parou e Arlen parou com ele. Ele se virou e lançou um olhar raivoso para a mulher, inclinando-se. Mãe Jone podia ser alta, mas Ragen era mais alto e tinha três vezes o peso da mulher. A mera ameaça de sua presença a fez encolher-se involuntariamente.

— Ele foi quem escolhi trazer — respondeu entredentes. Jogou uma bolsa cheia de cartas para ela e Jone pegou-a por reflexo. Quando o fez, os mercadores e o Conselho das Mães cercaram-na, junto com os acólitos dos sacerdotes.

A realeza percebeu a movimentação e fez comentários ou gestos aos que estavam próximos. De repente, metade do seu séquito abriu-se e Arlen percebeu que eram apenas criados bem-vestidos. A realeza agia como se nada digno de nota estivesse acontecendo, mas os criados acotovelavam-se com tanta força quanto os outros para se aproximarem daquela sacola.

Jone passou as cartas para uma de suas criadas e apressou-se na direção do trono para anunciar Ragen, embora não precisasse ter se incomodado. A entrada de Ragen havia causado tal furor que ninguém teria deixado de percebê-lo. Euchor observou-os se aproximar.

O duque era um homem troncudo, já com quase sessenta anos, cabelos grisalhos e barba espessa. Usava uma túnica verde, recém-manchada com gordura de seus dedos, mas com ricos bordados com fios de ouro, e uma capa de pele forrada. Os dedos reluziam com anéis e ele usava um diadema de ouro na altura da testa.

— Por fim, dignou-se a nos agraciar com sua presença — bradou o duque, embora parecesse falar mais para o restante da câmara que para Ragen. De fato, a observação fez com que os da realeza meneassem a cabeça e murmurassem entre si, e vários olhares se ergueram da confusão ao redor da correspondência. — Meus assuntos não são prementes o bastante?

Ragen avançou até o tablado, enfrentando o olhar severo do duque como um semelhante.

— Quarenta e cinco dias daqui para Angiers e retorno pelo caminho do Riacho de Tibbet! — disse ele em voz alta. — Trinta e sete noites ao relento, enquanto os terraítas golpeavam minhas proteções! — Ele não tirava os olhos do duque, mas Arlen sabia que ele também estava falando para a sala. A maioria dos reunidos ali empalideceu e estremeceu com suas palavras. — Seis semanas longe de casa, vossa excelência — disse Ragen, baixando a voz pela metade, mas ainda

fazendo-a chegar a todos os ouvidos. — O senhor se ressente de mim por conta de um banho e uma refeição com minha mulher?

O duque hesitou, seus olhos reluzindo sobre a corte. Por fim, ele soltou uma risada estrondosa.

— Claro que não! Um duque ofendido pode dificultar a vida de um homem, mas nem metade do que faria uma mulher ofendida!

A tensão estilhaçou-se quando a corte irrompeu numa gargalhada.

— Eu gostaria de falar com meu mensageiro a sós! — ordenou o duque assim que a gargalhada arrefeceu. Houve murmúrios daqueles que estavam ávidos por notícias, mas Jone sinalizou à sua criada para sair com as cartas e isso levou a maior parte da corte com ela. Os da realeza permaneceram um momento, até Jone bater palmas. O som os fez saltar e eles saíram com a ligeireza que a dignidade lhes permitiu.

— Fique — murmurou Ragen a Arlen, mantendo uma distância respeitosa do trono. Jone sinalizou para os guardas, que fecharam as pesadas portas, permanecendo lá dentro. Diferente dos homens dos portões, aqueles pareciam alertas e profissionais. Jone avançou para se postar ao lado do seu senhor.

— Nunca mais faça isso diante da minha corte novamente! — rosnou Euchor quando o restante saiu.

O mensageiro fez uma breve mesura reconhecendo a ordem, mas pareceu pouco sincero, mesmo para Arlen. O garoto ficou pasmo. Ragen era extremamente destemido.

— Há notícias do Riacho, vossa excelência — falou Ragen.

— Do Riacho? — bradou Euchor. — O que me importa o Riacho? Que Rhinebeck disse?

— Tiveram um inverno difícil sem sal — continuou Ragen, como se o duque não houvesse falado. — E sofreram um ataque…

— Pela Noite, Ragen! — rugiu Euchor. — A resposta de Rhinebeck pode afetar toda a Miln pelos anos vindouros, então me poupe de listas irrelevantes de nascimento e relatos de colheitas de um finzinho de mundo miserável!

Arlen arfou e afastou-se para trás de Ragen, buscando proteção; este tomou seu braço, tranquilizando-o.

Euchor insistiu no ataque.

— Eles descobriram ouro no Riacho de Tibbet? — quis saber.

— Não, milorde — respondeu Ragen—, mas…

— É verdade que o Pasto Ensolarado abriu uma mina de carvão? — interrompeu o duque.

— Não, milorde.

— Redescobriram as proteções de combate perdidas?

Ragen sacudiu a cabeça.

— Claro que não…

— Ao menos trouxe bastante arroz para me fazer lucrar o suficiente e cobrir o custo de sua viagem de ida e volta? — perguntou Euchor.

— Não. — Ragen fechou a cara.

— Bom — disse Euchor, esfregando as mãos como se estivesse tirando pó delas —, então não precisamos nos preocupar com o Riacho de Tibbet por mais um ano e meio.

— Um ano e meio é tempo demais — ousou persistir Ragen. — O povo precisa…

— Vá até lá de graça então — interrompeu-o novamente o duque —, assim eu consigo bancar a viagem.

Como Ragen não respondeu de pronto, Euchor abriu um largo sorriso, sabendo que vencera o desafio.

— O que traz de notícia de Angiers? — questionou Euchor.

— Trouxe uma carta do duque Rhinebeck — disse Ragen com um suspiro, tirando a carta do casaco. Retirou um tubo fino, selado com cera, mas o duque acenou para ele com impaciência.

— Apenas me *diga*, Ragen! Sim ou não?

Os olhos de Ragen estreitaram-se.

— Não, milorde — disse ele. — A resposta dele é não. Os últimos dois embarques foram perdidos, junto com tudo, exceto um punhado de homens. O duque Rhinebeck não pode custear o envio de outro. Seus homens não podem derrubar árvores com tanta velocidade e ele precisa de madeira mais do que de sal.

O rosto do duque avermelhou-se e Arlen pensou que ele explodiria.

— Que desgraça, Ragen! — gritou ele, batendo o punho. — Preciso dessa madeira!

— Sua excelência concluiu que precisa mais dela para reconstruir a Pontefluente — falou Ragen com calma — no lado sul do rio Divisor.

O duque Euchor sibilou e seus olhos assumiram um estranho brilho assassino.

— Isso é trabalho do primeiro-ministro de Rhinebeck — comentou Jone. — Há anos Janson vem tentando conseguir uma parte do pedágio da ponte.

— E por que se satisfazer com uma parte se pode ter tudo? — concordou Euchor. — O que disse que eu faria quando me desse a notícia?

Ragen deu de ombros.

— Não cabe a um mensageiro supor. O que o senhor teria me dito?

— Que as pessoas nas fortalezas de madeira não deviam atear fogo nos pátios dos outros — resmungou Euchor. — Não preciso lembrá-lo, Ragen, como essa madeira é importante para Miln. Nosso estoque de carvão diminui e, sem combustível, todo o minério das jazidas é inútil. Metade da cidade congelará! Eu incendeio essa nova Pontefluente com minhas próprias mãos antes que isso aconteça!

Ragen baixou a cabeça em reconhecimento do fato.

— O duque Rhinebeck sabe disso. Ele me deu poderes para fazer uma contraproposta.

— Que é...? — perguntou Euchor, erguendo uma sobrancelha.

— Materiais para reconstruir Pontefluente e metade dos pedágios — adivinhou Jone antes que Ragen pudesse abrir a boca. Ela semicerrou os olhos para o mensageiro. — E que Pontefluente fique no lado angieriano do Divisor.

Ragen confirmou com a cabeça.

— Pela Noite! — praguejou Euchor. — Em nome do Criador, Ragen, de que lado você está?

— Sou um mensageiro — respondeu Ragen, orgulhoso. — Não tomo partido, simplesmente relato o que me dizem.

Duque Euchor ergueu-se do trono.

— Pelos terraítas, então me diga para que eu lhe pago? — questionou ele.

Ragen inclinou a cabeça.

— O senhor preferiria ir até lá pessoalmente, vossa excelência? — perguntou ele com suavidade.

O duque empalideceu com a resposta e não retrucou. Arlen conseguiu sentir o poder do simples comentário de Ragen. Se fosse possível, seu desejo de se tornar um mensageiro ficou ainda mais forte.

O duque finalmente assentiu, resignado:

— Eu pensarei nisso. A hora avança. Está dispensado.

— Tem mais uma coisa, milorde — acrescentou Ragen, acenando para Arlen avançar, mas Jone sinalizou para que os guardas abrissem as portas e os requerentes maiores voltaram numa onda para a sala. A atenção do duque já havia se desviado do mensageiro.

Ragen deteve Jone quando ela saiu do lado de Euchor.

— Mãe — disse ele—, sobre o garoto…

— Estou muito ocupada, mensageiro — bufou Jone. — Talvez possa “optar” por trazê-lo num momento em que eu estiver menos atarefada. — Ela então se afastou deles com ímpeto.

Um dos mercadores aproximou-se deles. Era um homem parecido com um urso com apenas um olho, a outra órbita uma pele cheia de cicatrizes. No peito havia um símbolo, um homem nas costas de um cavalo com lança e sacola.

— Bom vê-lo a salvo, Ragen — disse o homem. — Estará na Guilda pela manhã para entregar seu relato?

— Mestre Malcum — disse Ragen, curvando-se. — Fico feliz em vê-lo. Encontrei este garoto, Arlen, na estrada…

— Entre as cidades? — O mestre da Guilda parecia surpreso. — Devia ter sido mais esperto, rapaz!

— A vários *dias* entre as cidades — esclareceu Ragen. — O garoto desenha

proteções melhor que muitos mensageiros.

Malcum arqueou sua única sobrancelha.

— Ele deseja ser mensageiro — insistiu Ragen.

— Não poderia desejar uma carreira mais honrada — disse Malcum a Arlen.

— Ele não tem ninguém em Miln — comentou Ragen. — Pensei que pudesse ser aprendiz da Guilda…

— Ora, Ragen, você sabe muito bem que apenas recebemos aprendizes se forem protetores registrados. Tente o mestre Vincin.

— O garoto já desenha proteções — argumentou Ragen, embora seu tom fosse mais respeitoso do que foi com o duque Euchor. Mestre Malcum era ainda maior que Ragen e não parecia poder ser intimidado por conversas de noites ao léu.

— Então ele não terá nenhum problema para se registrar na Guilda dos protetores — disse Malcum, virando-se. — Vejo você pela manhã — concluiu, falando sobre o ombro.

Ragen olhou ao redor, encontrando outro homem no grupo de Mercadores.

— Mexa-se, Arlen — rosnou, atravessando a sala a passos largos. — Mestre Vincin! — chamou Ragen enquanto caminhava.

O homem ergueu os olhos quando eles se aproximavam e saiu do grupo para cumprimentá-los. Ele fez uma reverência para Ragen, mas foi por respeito, não por deferência. Vincin tinha um cavanhaque preto oleoso e os cabelos penteados para trás. Os anéis brilhavam em seus dedos gorduchos. O símbolo no seu peito era uma proteção-chave, uma que servia como base para todas as outras proteções numa rede.

— O que posso fazer por você, Ragen? — perguntou o mestre da Guilda.

— Este garoto, Arlen, é do Riacho de Tibbet — falou Ragen, apontando para Arlen. — Um órfão de um ataque de terraítas, não tem família em Miln, mas deseja ser aprendiz de mensageiro.

— Muito bem, Ragen, mas o que isso tem a ver comigo? — questionou Vincin, sem nem olhar para Arlen.

— Malcum não o assumirá, a menos que esteja registrado para fazer proteções — respondeu Ragen.

— Bem, isso é um problema — concordou Vincin.

— O garoto já sabe desenhá-las — falou Ragen. — Se o senhor pudesse ver como ele…

Vincin já balançava a cabeça negativamente.

— Desculpe, Ragen, mas você não veio aqui para me convencer de que um camponês do fim do mundo pode fazer proteções bem o bastante para receber meu registro.

— As proteções do garoto cortaram o braço de um demônio da rocha — afirmou Ragen.

Vincin gargalhou.

— A menos que tenha trazido o braço com você, Ragen, pode guardar essa história para os menestréis.

— O senhor poderia recebê-lo como aprendiz? — perguntou o mensageiro.

— Ele pode pagar a taxa de aprendizagem? — questionou Vincin.

— É um órfão encontrado na estrada — contestou Ragen.

— Talvez eu possa encontrar um protetor para assumi-lo como serviçal — ofereceu o mestre da Guilda.

Ragen olhou-o com desagrado.

— Obrigado de qualquer forma — disse ele, empurrando Arlen para longe.

Voltaram às pressas para a mansão de Ragen, o sol se pondo rapidamente. Arlen assistiu às ruas cheias de Miln esvaziarem-se, pessoas verificando cuidadosamente as proteções e trancando as portas. Mesmo em ruas de pedras de cantaria e paredes grossas e protegidas, todos ainda se trancavam à noite.

— Não consigo acreditar que você falou com o duque daquele jeito — disse Arlen quando eles saíram.

Ragen soltou uma risada.

— Primeira regra de um mensageiro, Arlen — disse ele. — Mercadores e realeza me pagam a taxa, mas pisam em você se deixar. Precisa se portar como um rei na presença deles e nunca esquecer quem está arriscando a vida.

— Funcionou com Euchor — concordou Arlen.

Ragen enraiveceu-se com o nome.

— Porco egoísta. — Ele cuspiu. — Não se importa com mais nada além do próprio bolso.

— Tudo bem — disse Arlen. — O Riacho sobreviveu sem sal no último outono. Vão conseguir de novo.

— Talvez — assentiu Ragen—, mas não precisariam. E você! Um bom duque teria perguntado por que eu levei um garoto comigo para sua câmara. Um bom duque teria feito de você um pajem do trono para que não acabasse mendigando na rua. E Malcum foi igual! Ele morreria nas mãos dos terraítas se testasse sua habilidade? E Vincin! Se tivesse a maldita taxa, aquele nojento ganancioso poria um mestre para instruir você antes do pôr do sol! Serviçal, até parece!

— Um aprendiz não é um serviçal? — perguntou Arlen.

— De forma alguma — respondeu Ragen. — Aprendizes pertencem à classe dos mercadores. Dominam um ofício e, em seguida, começam seu próprio negócio ou trabalham com outro mestre. Os serviçais nunca serão nada, a não ser que se casem com alguém de classe superior. E que um terraíta me estraçalhe se eu deixar que você se torne um.

Ele ficou em silêncio e Arlen, embora ainda estivesse confuso, pensou ser melhor não incomodá-lo ainda mais.

A escuridão caiu por completo logo depois de cruzarem as proteções de Ragen e Margrit mostrou a Arlen um quarto de hóspedes que perfazia metade da casa inteira de Jeph. No centro, ficava uma cama tão alta que Arlen precisou pular para subir nela e como nunca havia dormido em nada além do chão ou de um duro colchão de palha ele ficou pasmado quando afundou no colchão macio.

Rapidamente adormeceu, mas acordou logo depois com o som de vozes elevadas. Deslizou para fora da cama e saiu do quarto, seguindo o som. Os corredores da grande mansão estavam vazios, os criados já haviam se recolhido. Arlen foi até o patamar da escadaria, as vozes ficando mais nítidas. Eram de Ragen e Elissa.

— …trazê-lo para cá e ponto final — ouviu Elissa dizer. — De qualquer forma, o trabalho de mensageiro não é para um garoto!

— É o que ele quer! — insistiu Ragen.

Elissa bufou.

— Entregar Arlen para outra pessoa não vai aliviar sua culpa por tê-lo trazido para Miln quando devia ter levado o menino para casa.

— Bosta de demônio! — soltou Ragen. — Você só quer virar mãe de alguém do dia para a noite.

— Não ouse botar esta culpa em mim! — sibilou Elissa. — Quando decidiu não levar Arlen de volta para o Riacho de Tibbet, *você* assumiu responsabilidade por ele! É hora de aceitar e parar de procurar outra pessoa para cuidar dele.

Arlen esforçou-se para ouvir, mas Ragen ficou sem responder por algum tempo. Queria descer e intrometer-se na conversa. Sabia que as intenções de Elissa eram boas, mas ele já estava ficando cansado de adultos planejarem sua vida por ele.

— Está bem — disse Ragen, por fim. — E seu o mandar para Cob? Ele não vai incentivar o garoto a ser um mensageiro. Eu arco com todas as taxas e podemos visitar a oficina quando quisermos e ficar de olho nele.

— Acho uma ótima ideia — concordou Elissa, a irritação desaparecendo da voz dela. — Mas não há motivo para Arlen não ficar aqui, em vez de dormir num banco duro em alguma oficina atulhada de coisas.

— Aprendizes não precisam ter confortos — falou Ragen. — Ele precisa estar lá do nascer ao pôr do sol se quiser dominar a arte das proteções. E se ele levar adiante os planos de ser um mensageiro, precisará de todo treinamento que puder conseguir.

— Ótimo — Elissa disse, bufando de raiva, mas sua voz suavizou-se um momento depois. — Agora venha botar um bebê no meu ventre — sussurrou.

Arlen correu de volta para o quarto.

Como sempre, os olhos de Arlen se abriram antes do amanhecer, mas por um instante ele pensou que ainda estivesse dormindo, pairando numa nuvem. Em seguida, lembrou-se de onde estava e espreguiçou-se, sentindo a maciez deliciosa das penas que enchiam o colchão e o travesseiro, e o calor do edredom grosso. O fogo na fornalha do quarto queimara até virar brasas.

A tentação de ficar na cama era forte, mas sua bexiga forçou-o a sair do abraço suave das cobertas. Deslizou até o chão frio e pegou os penicos embaixo da cama, como Margrit o instruíra. Mijou em um e cagou no outro, deixando-os ao lado da porta para serem recolhidos e usados nos jardins. O solo em Miln era pedregoso e seu povo não desperdiçava nada.

Arlen foi até a janela. Olhara-a até seus olhos fecharem na noite anterior, mas o vidro ainda o fascinava. Não se parecia com nada, mas era rígido e não se dobrava ao toque, como uma rede de proteções. Ele deslizou um dedo pelo vidro, marcando uma linha na condensação matinal. Lembrando as proteções do círculo portátil de Ragen, ele transformou a linha em um dos símbolos. Desenhou vários outros, arfando no vidro para limpar o trabalho e começar um novo.

Quando terminou, vestiu-se e desceu, encontrando Ragen tomando chá ao lado de uma janela, observando o sol nascer sobre as montanhas.

— Acordou cedo — observou Ragen com um sorriso. — Você ainda será um mensageiro — completou, e Arlen ficou cheio de orgulho.

— Hoje vou apresentá-lo a um amigo meu. Um protetor. Ele me ensinou quando eu tinha sua idade e está precisando de um aprendiz.

— Eu não poderia ser seu aprendiz? — perguntou Arlen, esperançoso. — Eu trabalho duro.

Ragen deu uma risadinha e falou:

— Não duvido, mas sou um professor péssimo e passo mais tempo fora da cidade do que dentro dela. Pode aprender muito com Cob. Era mensageiro antes mesmo de eu nascer.

Arlen ficou animado.

— Quando posso encontrá-lo?

— O sol nasceu — respondeu Ragen. — Nada impede que o visitemos depois do desjejum.

Pouco depois, Elissa juntou-se a eles na sala de jantar. Os criados de Ragen prepararam uma mesa grandiosa, com toucinho e presunto, pão com mel, ovos e batatas, e grandes maçãs assadas. Arlen devorou a refeição, ansioso por sair para a cidade. Quando terminou, ficou sentado olhando para Ragen enquanto ele comia. Ragen ignorou-o, comendo com lentidão enlouquecedora. Arlen ficou inquieto.

Finalmente, o mensageiro baixou o garfo e limpou a boca.

— Ah, muito bem — disse ele. — Podemos ir.

Arlen abriu um sorriso e saltou da cadeira.

— Não tão rápido — chamou Elissa, parando os dois. Arlen não estava preparado para a fieira de palavras que o atingiu, um eco da sua mãe, e refreou um rompante de emoções. — Não vão a lugar algum até um alfaiate tirar as medidas de Arlen.

— Para quê? — perguntou Arlen. — Margrit lavou minhas roupas e costurou todos os rasgos.

— Sua consideração é admirável, meu amor — disse Ragen, saindo em defesa de Arlen —, mas não há pressa para roupas novas, agora que a audiência com o duque já terminou.

— Isso não está aberto a discussões — informou-os Elissa, erguendo-se. — Não quero um hóspede em nossa casa andando por aí como um indigente.

O mensageiro olhou para a expressão da mulher e suspirou.

— Deixe, Arlen — aconselhou em voz baixa. — Não vamos a lugar nenhum até ela ficar satisfeita.

O alfaiate chegou pouco depois, um homem baixote com dedos velozes que inspecionou cada centímetro de Arlen com seus cordões de nós, marcando cuidadosamente com giz numa lousa. Quando terminou, engatou numa conversa animada com lady Elissa, fez uma reverência e partiu.

Elissa deslizou até Arlen, inclinando-se para encará-lo.

— Não foi tão ruim, foi? — perguntou ela, arrumando sua camisa e tirando os cabelos do rosto do menino. — Agora pode sair com Ragen para encontrar o mestre Cob. — Ela acariciou seu rosto, a mão fria e suave, e, por um momento, ele se entregou ao toque familiar. Em seguida, retraiu-se, com olhos esbugalhados.

Ragen percebeu o olhar e notou a expressão no rosto da mulher quando Arlen afastou-se lentamente dela como se fosse um demônio.

— Acho que você feriu os sentimentos de Elissa lá dentro, Arlen — disse Ragen quando saíram da propriedade.

— Ela não é minha mãe — disse Arlen, tentando amainar sua culpa.

— Sente saudades dela? — perguntou Ragen. — Digo, de sua mãe.

— Sim — respondeu Arlen baixinho.

Ragen assentiu com a cabeça e não disse mais nada, e Arlen ficou aliviado. Caminharam em silêncio e a distância de Miln rapidamente apagou o acontecido da mente do rapaz. O cheiro das carroças de fezes estava em todos os lugares, pois os coletores passavam de prédio em prédio recolhendo os dejetos da noite.

— Eca! — falou Arlen, apertando as narinas. — A cidade inteira tem um cheiro pior que de celeiro! Com vocês aguentam?

— É forte pela manhã, quando os coletores passam — retrucou Ragen. — Você se acostuma. Tínhamos esgotos no passado, túneis que corriam embaixo

das casas, carregando os dejetos para longe, mas foram selados séculos atrás, pois os terraítas os usavam para entrar na cidade.

— Não seria melhor cavar fossas? — perguntou Arlen.

— O solo milnese é pedregoso — disse Ragen. — Aqueles que não têm jardins particulares para fertilizar precisam colocar seus dejetos para coleta e uso nos jardins do duque. É a lei.

— Uma lei fedorenta.

Ragen riu.

— Talvez — retrucou —, mas nos mantém alimentados e impulsiona a economia. A mansão do mestre da Guilda dos Coletores faz a minha parecer uma cabana.

— Tenho certeza que a sua é mais cheirosa — falou Arlen, e Ragen riu novamente.

Quando enfim fizeram uma curva, chegaram a uma loja pequena, mas de aparência sólida, com proteções delicadamente talhadas ao redor das janelas e no batente da porta. Arlen apreciou o detalhamento dessas proteções. Fosse lá quem as fizera, tinha a mão talentosa.

Entraram com um repicar de sinetas e os olhos de Arlen arregalaram-se com o interior da oficina. Proteções de todas as formas e tamanhos, feitas em todos os materiais, enchiam a sala.

— Espere aqui — falou Ragen, atravessando a sala para falar com um homem que estava sentado numa bancada de trabalho. Arlen mal notou quando ele saiu, perambulando pela sala. Admirado, correu os dedos sobre proteções tecidas na tapeçaria, talhadas em seixos polidos e moldadas com metal. Havia postes esculpidos para campos de fazendeiros e um círculo portátil como o de Ragen. Tentou memorizar as proteções que viu, mas eram muitas.

— Arlen, venha cá! — chamou Ragen depois de alguns minutos.

Arlen assustou-se e correu até eles.

— Este é o mestre Cob — apresentou-o Ragen, apontando para o homem que tinha, talvez, sessenta anos. Baixo para um milnese, parecia um homem forte que engordara. Uma barba grisalha espessa, coalhada com sinais dos antigos pelos pretos, cobria seu rosto, e seu cabelo cortado bem curto era ralo no alto da cabeça. Sua pele era marcada e tinha uma aparência de curtida, e sua mão engoliu a de Arlen.

— Ragen me disse que você quer ser protetor — disse Cob, deixando seu peso cair sobre o banco.

— Não, senhor — retrucou Arlen. — Quero ser mensageiro.

— Como todo garoto na sua idade — falou Cob. — Os espertos mudam de ideia antes de encontrar a morte.

— O senhor não foi mensageiro também? — perguntou Arlen, confuso com a atitude do homem.

— Fui — concordou Cob, erguendo a manga para mostrar uma tatuagem parecida com a de Ragen. — Viajei para as cinco Cidades Livres e para uma dúzia de vilarejos, e ganhei mais dinheiro que pensei poder gastar. — Ele fez uma pausa, deixando a confusão de Arlen crescer. — Também ganhei isto aqui. — Ergueu a camisa para mostrar cicatrizes grossas correndo sobre a barriga. — E isto. — Ele tirou um pé do sapato e mostrou a meia-lua de carne cicatrizada, fechada tempos atrás, onde antes havia quatro de seus dedos.

— Até hoje — disse Cob — não consigo dormir mais que uma hora sem acordar assustado, procurando minha lança. Sim, fui mensageiro. Um muito bom e mais sortudo que a maioria, mas ainda não desejaria isso para ninguém. Ser um mensageiro pode ser glorioso, mas, para cada homem que vive numa mansão e inspira respeito, como nosso Ragen aqui, há duas dúzias apodrecendo na estrada.

— Não importa — disse Arlen. — É o que eu quero.

— Então vou fazer um acordo com você — disse Cob, suspirando. — Um mensageiro precisa ser, acima de tudo, um protetor, então vou assumi-lo como aprendiz e ensiná-lo como sê-lo. Quando tivermos tempo, ensino a você o que sei sobre sobrevivência na estrada. Um aprendizado dura sete anos. Se ainda quiser ser um mensageiro até lá… Bem, será por sua conta e risco.

— Sete anos? — observou Arlen, boquiaberto.

Cob bufou.

— Você não aprende a fazer proteções num dia, garoto.

— Mas já sei desenhá-las — disse Arlen, desafiador.

— É o que Ragen me diz. Também me diz que você desenha sem conhecimento de geometria ou teoria das proteções. Desenhar proteções de olho pode não matar você amanhã, garoto, ou na próxima semana, mas vai te matar um dia.

Arlen bateu o pé. Sete anos parecia uma eternidade, mas no fundo ele sabia que o mestre estava certo. A dor nas costas era uma lembrança constante de que ele não estava pronto para enfrentar de novo os terraítas. Precisava de habilidades que aquele homem poderia ensinar. Não duvidava que houvesse dúzias de mensageiros que caíram nas mãos de demônios e ele havia jurado não ser um deles, porque era teimoso demais para aprender com os próprios erros.

— Tudo bem — concordou Arlen, por fim. — Sete anos.

PARTE II

MILN

320-325 DR

depois do retorno

II

10
APRENDIZADO
– 320 DR –

— AÍ ESTÁ NOSSO AMIGO DE NOVO — disse Gaims, apontando na escuridão do seu posto na muralha.

— Bem na hora — concordou Woron, aproximando-se do outro. — O que acha que ele quer?

— Com certeza não vai encontrar a resposta no meu bolso — retrucou Gaims.

Os dois guardas recostaram-se na ameia com proteções da torre de observação e acompanharam a materialização do demônio da rocha maneta diante do portão. Era grande, mesmo aos olhos dos guardas milneses, que viam mais demônios da rocha do que qualquer outra espécie.

Embora os outros demônios ainda estivessem despertando, o demônio mutilado movia-se com determinação, farejando o portão, procurando. Em seguida, endireitou-se e golpeou o portão, testando as proteções. A magia explodia e lançava o demônio para trás, mas ele não perdia o ânimo. Lentamente, o demônio percorria a muralha, batendo repetidamente em busca de uma fraqueza até se perder de vista.

Horas mais tarde, um estalo de energia sinalizou a volta do demônio na direção oposta. Os guardas nos outros postos diziam que o demônio circulava a cidade toda noite, atacando cada proteção. Quando chegou ao portão novamente, sentou-se no chão, encarando pacientemente a cidade.

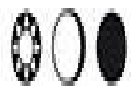
Gaims e Woron estavam acostumados a essa cena, pois a testemunharam toda noite no último ano. Haviam começado até a ansiar por ela, passando o tempo de vigia apostando quanto tempo o Maneta levaria para dar a volta na cidade ou se ele seguiria para leste ou oeste.

— Quase fico tentado em deixá-lo entrar apenas para ver o que está procurando — pensou Woron em voz alta.

— Nem brinque com isso — alertou Gaims. — Se o comandante dos vigilantes ouvir uma conversa dessas, ele nos bota uma bola de ferro nos pés e nos manda quebrar pedras pelo próximo ano.

Seu parceiro resmungou.

— Ainda assim, eu fico imaginando…



Aquele primeiro ano em Miln, seu décimo segundo, passou rapidamente para Arlen enquanto crescia em seu papel de aprendiz de protetor. A primeira tarefa de Cob foi ensiná-lo a ler. Arlen conhecia proteções nunca vistas em Miln e Cob as queria registradas no papel o mais rápido possível.

Arlen dedicou-se à leitura de forma voraz, imaginando como havia vivido sem ela até aquele momento. Desaparecia entre livros por horas, seus lábios movendo-se levemente primeiro, mas logo virava as páginas, os olhos cruzando velozmente a leitura.

Cob não tinha do que reclamar. Arlen trabalhava com mais empenho do que qualquer aprendiz que já conhecera, ficando acordado até tarde da noite talhando proteções. Com frequência, Cob ia para a cama pensando no dia seguinte, cheio de trabalho, e encontrava tudo concluído quando a primeira luz do sol inundava a oficina.

Após aprender as letras, Arlen foi posto para trabalhar no catálogo de seu repertório pessoal de proteções, completo, com descrições, num livro que o mestre comprara para ele. Papel era caro nas terras pouco arborizadas de Miln e um livro inteiro era algo que poucos homens comuns já tinham visto, mas Cob fazia pouco caso do preço.

— Mesmo o pior compêndio vale uma centena de páginas de papel no qual ele foi escrito.

— Compêndio? — perguntou Arlen.

— Um livro de proteções — respondeu Cob. — Todo protetor tem o seu e guarda nele seus segredos com muita cautela.

Arlen recebeu o presente valioso com cuidado, enchendo as páginas com mão lenta e firme.

Quando Arlen terminou de sondar suas lembranças, Cob examinou o livro, abismado.

— Pelo Criador, garoto, tem ideia de quanto este livro vale? — questionou ele.

Arlen ergueu os olhos da proteção que estava cinzelando num poste de pedra e deu de ombros.

— Qualquer velho no Riacho de Tibbet consegue ensinar a fazer essas proteções.

— Pode ser — retrucou Cob —, mas o que é comum no Riacho de Tibbet é tesouro enterrado em Miln. Esta proteção aqui. — Ele apontou para a página. — Pode realmente transformar cuspe de fogo em brisa fria?

Arlen riu.

— Minha mãe costumava adorar essa — respondeu. — Queria que os demônios da chama pudessem vir ao lado das janelas nas noites quentes de verão para resfriar a casa com suas baforadas.

— Incrível — falou Cob, sacudindo a cabeça. — Quero que você copie esta mais algumas vezes, Arlen. Isso vai me deixar rico.

— Como assim? — perguntou Arlen.

— As pessoas pagariam uma fortuna por uma cópia dela — explicou Cob. — Talvez a gente não deva nem vendê-las. Poderíamos ser os protetores mais procurados na cidade se as mantivéssemos em segredo.

— Não é certo mantê-las em segredo. — Arlen franziu a testa. — Meu pai sempre disse que as proteções são para todos.

— Todo protetor guarda os seus segredos, Arlen. É assim que nós ganhamos a vida.

— Ganhamos a vida talhando postes protetores e pintando ombreiras de portas — discordou Arlen —, não escondendo segredos que podem salvar vidas. Deveríamos negar abrigo àqueles que são pobres demais para pagar?

— Claro que não, mas isso é diferente.

— Diferente como? — questionou Arlen. — Não tínhamos protetores no Riacho de Tibbet. Todo o mundo sabia fazer proteções em nossas casas e aqueles que eram melhores ajudavam os piores sem pedir nada em troca. Por que pediríamos? Não estávamos uns contra os outros, estávamos era contra os demônios!

— Garoto, o Forte Miln não é como o Riacho de Tibbet — bronqueou Cob. — Aqui as coisas custam dinheiro. Se não tem dinheiro, vira um mendigo. Eu tenho uma habilidade, como qualquer padeiro ou pedreiro. Por que não deveria cobrar por isso?

Arlen ficou quieto por um tempo.

— Cob, por que você não é rico? — perguntou Arlen, por fim.

— Quê?

— Como Ragen — esclareceu Arlen. — Você disse que era mensageiro do duque. Por que não mora numa mansão e tem criados fazendo tudo por você? Por que faz tudo?

Cob soltou um suspiro longo.

— Dinheiro é uma coisa instável, Arlen — respondeu. — Num momento você pode ter mais do que saberia gastar, e no próximo… pode se ver pedindo comida na rua.

Arlen pensou nos mendigos que viu no primeiro dia em Miln. Vira muitos mais desde então, roubando esterco para queimar e obter calor, dormindo em abrigos públicos protegidos, implorando por comida.

— O que aconteceu com seu dinheiro, Cob?

— Eu conheci um homem que disse que poderíamos construir uma estrada — respondeu Cob. — Uma estrada com proteções que se estenderia até Angiers.

Arlen aproximou-se e sentou num banquinho para ouvir.

— Eles tentaram construir estradas antes — continuou Cob — para as Minas do Duque nas montanhas, ou para o Bosque de Harden ao sul. Distâncias curtas, menos de um dia inteiro, mas o bastante para fazer a fortuna do construtor. Sempre falharam. Se houver um buraco numa rede, não importa o quanto seja pequeno, os terraítas acabarão encontrando. E, uma vez dentro… — Ele sacudiu a cabeça. — Eu disse isso para o homem, mas ele foi inflexível. Tinha um plano que funcionaria. Tudo que precisava era de dinheiro.

Cob olhou para Arlen.

— Toda cidade sente falta de algo — disse ele — e tem muito de outra coisa. Miln tem metal e pedra, mas não tem árvores. Em Angiers é o contrário. Mas as duas não têm muito plantio e gado, enquanto Rizon tem mais do que precisa, mas não boa madeira ou metal para ferramentas. Lakton tem peixe em abundância, mas pouco do restante.

— Sei que você deve pensar que sou um tolo — continuou Cob, sacudindo a cabeça — por considerar algo que todo o mundo, do duque para baixo, havia descartado por ser impossível, mas a ideia me pegou de jeito. Fiquei pensando: *E se ele conseguir? Não vale qualquer risco?*

— Não acho que você é tolo — comentou Arlen.

— Por isso eu mantenho a maior parte do seu pagamento guardada. — Cob riu. — Você teria gastado tudo, como eu fiz.

— O que aconteceu com a estrada? — perguntou Arlen.

— Os terraítas chegaram — disse Cob. — Massacraram o homem e todos os operários que ele contratara, queimaram os postes protetores e projetos… destruíram tudo. Investi cada moeda naquela estrada, Arlen. Até dispensei meus criados, mas não foi suficiente para pagar minhas dívidas. Mal consegui dinheiro vendendo minha mansão para cobrir um empréstimo com o qual comprei esta

oficina, e estou aqui desde então.

Ficaram por um tempo em silêncio, os dois perdidos em imagens do que aquela noite deve ter sido, os dois repassando na mente a dança dos terraítas no meio das chamas e da carnificina.

— Acha ainda que o sonho valeu o risco? — perguntou Arlen. — Interligar todas as cidades?

— Até hoje acredito — respondeu Cob. — Mesmo quando minhas costas doem por carregar postes protetores e eu não aguente mais comer o que cozinho para mim.

— Isso aqui não é diferente — disse Arlen, batendo no livro de proteções. — Se todos os protetores compartilhassem o que sabem, o quanto seria melhor para todos? Não vale a pena perder um pouco de lucro por uma cidade mais segura?

Cob encarou-o por um bom tempo. Em seguida, aproximou-se e pousou a mão no ombro do garoto.

— Tem razão, Arlen. Desculpe. Vamos copiar os livros e vendê-los aos outros protetores.

Arlen abriu lentamente um sorriso.

— O que foi? — perguntou Cob, desconfiado.

— Por que não trocamos alguns dos nossos segredos pelos deles? — perguntou Arlen.

As sinetas soaram e Elissa entrou na oficina de proteções com um sorriso largo. Ela meneou a cabeça para Cob e carregou um cesto grande para Arlen, beijando-o na bochecha. Arlen fez uma careta envergonhada e limpou o rosto, mas ela não tomou conhecimento.

— Trouxe para os garotos algumas frutas, pão e queijo frescos — anunciou ela, tirando os produtos do cesto. — Acho que não estão comendo melhor do que estavam desde a minha última visita.

— Carne-seca e pão duro são a ração básica de um mensageiro, milady — comentou Cob com um sorriso, sem tirar os olhos da pedra fundamental que estava cinzelando.

— Lixo — bronqueou Elissa. — Você está aposentado, Cob, e Arlen não é mensageiro ainda. Não tente louvar sua recusa preguiçosa de ir até o mercado. Arlen está em fase de crescimento e precisa se alimentar melhor. — Ela bagunçou o cabelo de Arlen enquanto falava, sorrindo mesmo quando ele se afastou. — Venha jantar hoje à noite, Arlen. Ragen está fora, a mansão fica muito vazia sem ele. Vou lhe dar algo para botar carne nos seus ossos e você pode dormir no seu quarto.

— Eu… acho que não posso — falou Arlen, evitando seus olhos. — Cob

precisa de mim para terminar esses postes para os Jardins do Duque…

— Que bobagem — falou Cob, acenando a mão. — Os postes podem esperar, Arlen. Só precisamos entregar na próxima semana. — Ele ergueu os olhos para lady Elissa com uma risadinha, ignorando o desconforto de Arlen. — Vou mandá-lo assim que tocar o Sino da Tarde, milady.

Elissa abriu um sorriso para ele.

— Combinado então. Vejo você à noite, Arlen.

Ela beijou o garoto e saiu da oficina.

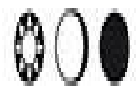
Cob olhou para Arlen, que ficou constrangido enquanto trabalhava.

— Não sei por que prefere passar suas noites dormindo num colchão de palha nos fundos da oficina se tem um colchão de penas quentinho e uma mulher como Elissa louca por você esperando — disse ele, mantendo os olhos no próprio trabalho.

— Ela age como minha mãe — reclamou Arlen —, mas ela não é.

— Verdade, não é — concordou Cob. — Mas é claro que ela quer o cargo. Seria tão ruim permitir que ela o ocupe?

Arlen não respondeu e Cob, vendo o olhar triste do garoto, deixou o assunto de lado.



— Está passando tempo demais aqui dentro com o nariz enterrado nos livros — comentou Cob, puxando o volume que Arlen estava lendo. — Quando foi a última vez que sentiu o sol na pele?

Os olhos de Arlen se arregalaram. No Riacho de Tibbet, se tivesse escolha, nunca passava um momento dentro de casa, mas depois de mais de um ano em Miln mal conseguia se lembrar do último dia em que passou ao ar livre.

— Vá caçar alguma travessura! — ordenou Cob. — Não vai morrer se encontrar um amigo da sua idade!

Arlen saiu para as ruas da cidade pela primeira vez no ano e o sol o abraçou como um velho amigo. Longe das carroças de fezes, do lixo putrefato e das multidões suarentas, o ar mantinha um frescor do qual havia se esquecido. Encontrou um outeiro do qual avistara um campo cheio de crianças brincando e puxou um livro da bolsa, sentando-se para ler.

— Ei, rato de biblioteca! — gritou alguém.

Arlen ergueu os olhos e viu um grupo de garotos se aproximando, segurando uma bola.

— Vem! — gritou um deles. — Precisamos de mais um para completar o time!

— Não sei jogar — retrucou Arlen. Cob havia praticamente ordenado que ele brincasse com outros garotos, mas achou que o livro estava mais interessante.

— Que precisa saber? — perguntou outro garoto. — Você ajuda o seu lado a levar a bola até as marcas e tenta impedir o outro lado de fazer isso.

Arlen franziu a testa.

— Está bem — respondeu, caminhando para se juntar ao garoto que havia falado.

— Sou Jaik — falou o garoto. Era magro, com cabelos pretos desgrenhados e um nariz estreito. As roupas eram remendadas e sujas. Parecia ter treze anos, como Arlen. — Qual é o seu nome?

— Arlen.

— Você trabalha para o protetor Cob, né? — perguntou Jaik. — Você é o garoto que o mensageiro Ragen encontrou na estrada?

Quando Arlen fez que sim com a cabeça, os olhos de Jaik arregalaram-se um pouco, como se não acreditasse. Ele levou Arlen até o campo e apontou para as pedras brancas que serviam como marcas.

Arlen aprendeu as regras do jogo rapidamente. Depois de um tempo, esqueceu o livro, concentrando-se na equipe adversária. Imaginou ser um mensageiro e que os outros eram demônios tentando impedir que ele chegasse ao círculo. As horas dissolveram-se e, antes que se desse conta, o Sino da Tarde soou. Todos saíram para reunir suas coisas às pressas, com medo do céu que escurecia.

Arlen pegou o livro com calma. Jaik topou com ele.

— É melhor se apressar — disse ele.

Arlen deu de ombros.

— Temos bastante tempo — retrucou.

Jaik olhou para o céu cada vez mais escuro e estremeceu.

— Você joga muito bem — disse ele. — Volte amanhã. Jogamos bola quase toda tarde e no sexto-dia vamos para a praça ver o menestrel.

Arlen assentiu com a cabeça, evasivo, e Jaik sorriu e se foi.

Voltando pelo portão, o cheiro da cidade, agora familiar, envolveu Arlen. Subiu a ladeira até a mansão de Ragen. O mensageiro estava fora de novo, desta vez para a distante Lakton, e Arlen estava passando o mês com Elissa. Ela o amolaria com perguntas e criaria caso sobre suas roupas, mas ele prometera a Ragen "manter os amantes dela longe".

Margrit garantiu para Arlen que Elissa não tinha amantes. Na verdade, quando Ragen viajava, ela perambulava pelos corredores da mansão como um fantasma ou passava horas chorando nos seus aposentos.

Porém, quando Arlen estava por perto, disse a criada, ela mudava. Mais de uma vez, Margrit havia implorado para que ficasse morando em definitivo na mansão. Ele se recusou, mas, precisou admitir a si mesmo, estava começando a gostar dos mimos de lady Elissa.

— Lá vem ele — falou Gaims naquela noite, observando o imenso demônio da rocha erguendo-se do chão. Woron juntou-se ao colega, e os dois observavam da torre de guarda os demônios farejando o chão próximo ao portão. Com um uivo, afastou-se, subindo até um outeiro. Um demônio da chama dançava lá, mas o demônio da rocha lançou-o violentamente para longe, curvando-se baixo no chão para procurar algo.

— O velho Maneta está mal-humorado hoje — disse Gaims quando o demônio uivou novamente e partiu outeiro abaixo até um pequeno campo, correndo para lá e para cá, curvado.

— O que acha que deu nele? — perguntou Woron. O parceiro ergueu os ombros.

O demônio saiu do campo, voltando até o outeiro. Seus berros assumiram um tom quase doloroso e, quando voltou ao portão, bateu nas proteções enlouquecidamente, suas garras lançando jorros de fagulhas quando eram repelidas pela potente magia.

— Está muito diferente esta noite — comentou Woron. — Devemos relatar?

— Para quê? — retrucou Gaims. — Ninguém vai se importar com as atitudes de um demônio louco. E o que eles fariam com essas informações?

— Contra aquela coisa? — perguntou Woron. — Provavelmente borrariam as calças.

Afastando-se da bancada, Arlen espreguiçou-se e ficou em pé. O sol já se pusera havia muito e seu estômago roncava de forma irritante, mas o padeiro estava pagando o dobro para que suas proteções fossem reparadas em uma noite, mesmo que os demônios não tivessem sido vistos na cidade sabe-se lá o Criador havia quanto tempo. Ele esperava que Cob tivesse deixado algo para ele na panela.

Arlen abriu a porta traseira da oficina e inclinou-se para fora, ainda em segurança dentro do semicírculo protegido ao redor da entrada. Olhou para os dois lados e, vendo que estava tudo limpo, seguiu até o caminho, com cuidado para não cobrir as proteções com o pé.

O caminho dos fundos da oficina de Cob até sua cabana era mais seguro que a maioria das casas em Miln, uma série de quadrados de pedra polida protegidos individualmente. A pedra — creto, Cob a chamava assim — era uma ciência esquecida do velho mundo, uma maravilha desconhecida no Riacho de Tibbet, mas bem comum em Miln. Sílica em pó e cal misturadas com água e cascalho

formavam uma substância lamacenta que podia ser moldada e endurecida em qualquer formato.

Era possível modelar creto e, quando começava a endurecer, riscar cuidadosamente as proteções na sua substância macia, que endurecia para se tornar uma proteção quase permanente. Cob fizera aquilo, quadrado por quadrado, até estender um caminho de sua casa até a oficina. Mesmo se um quadrado estivesse de alguma forma comprometido, um passante poderia simplesmente mover-se para um adiante ou atrás e permanecer a salvo dos terraítas.

Se pudéssemos fazer uma estrada assim, pensou Arlen, *o mundo estaria ao alcance dos dedos.*

Dentro da cabana, viu Cob encurvado sobre a mesa, pensando sobre lousas escritas a giz.

— A panela está quente — alertou o mestre sem erguer os olhos. Arlen foi até a lareira no único cômodo da cabana e encheu uma tigela com o ensopado grosso de Cob.

— Pelo Criador, garoto, você começou uma bagunça com isso — resmungou Cob, empertigando-se e apontando as lousas. — Parte dos protetores de Miln está satisfeita em manter seus segredos, mesmo sem receber os nossos, e outra parte continua oferecendo dinheiro, mas quem topou fazer escambo inundou minha mesa com listas de proteções que está disposto a trocar. Vai levar semanas para organizar!

— As coisas vão melhorar — falou Arlen, usando a casca de um pão duro como colher, sentando-se no chão e comendo avidamente. O milho e os feijões ainda estavam crus, e as batatas molengas por estarem muito cozidas, mas ele não reclamou. Já estava acostumado com os vegetais duros e mirrados de Miln e Cob nunca cozinhava eles separadamente.

— Arrisco dizer que você tem razão — admitiu Cob —, mas… pela Noite! Quem pensou que havia tantas proteções diferentes bem na nossa cidade! Metade delas eu nunca vi na vida, e pesquisei cada poste protetor e portal em Miln, de verdade!

Ele ergueu uma lousa desenhada.

— Este aqui está disposto a trocar proteções que fazem um demônio girar e esquecer o que estava fazendo pela proteção de sua mãe que deixa o vidro tão duro quanto aço. — Ele sacudiu a cabeça. — E *todos* querem os segredos de suas proteções sombrias, garoto. São mais fáceis de desenhar sem um bastão e um semicírculo.

— Muletas para pessoas que não conseguem desenhar sequer uma linha reta. — Arlen deu um sorrisinho.

— Nem todos são talentosos como você — resmungou Cob.

— Talentoso? — perguntou Arlen.

— Não deixe que suba à cabeça, garoto — comentou Cob—, mas nunca vi ninguém criar uma proteção tão rápido quanto você. Dezoito meses como aprendiz e já desenha proteções como um artífice com cinco anos de experiência.

— Estive pensando no nosso acordo — disse Arlen.

Cob olhou para ele com curiosidade.

— Você prometeu que, se eu trabalhasse duro, me ensinaria a sobreviver na estrada.

Eles se encararam por um bom tempo.

— Eu mantive minha palavra — completou Arlen.

Cob soltou um suspiro e falou:

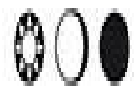
— Acho que sim. Está praticando cavalgada?

Arlen assentiu com a cabeça.

— O cavalariço de Ragen me deixa ajudar com os exercícios de condicionamento dos cavalos.

— Dobre seus esforços — retrucou Cob. — O cavalo de um mensageiro é sua vida. Toda noite que seu corcel o salva de passar lá fora é uma noite sem risco. — O velho protetor levantou-se, abrindo um armário e tirando de lá um tecido grosso enrolado. — No sétimo-dia, quando fecharmos a oficina, vou treinar sua cavalgada e te ensinar a usar isto aqui.

Ele deitou o tecido no chão e desenrolou-o, revelando um número de lanças bem-azeitadas. Arlen olhou para elas, ávido.



Cob olhou para as sinetas quando um garoto entrou na oficina. Tinha cerca de treze anos, cabelos pretos, cacheados e desgrenhados, e uma penugem sobre o lábio que parecia mais sujeira que pelo.

— Jaik, não é? — perguntou o protetor. — Sua família trabalha no moinho perto da Muralha Leste, não é? Fizemos cotação para vocês, mas o moleiro fez com outra pessoa.

— É isso mesmo — disse o garoto, assentindo com a cabeça.

— Como posso ajudar? — perguntou Cob. — Seu mestre quer outra cotação?

Jaik sacudiu a cabeça.

— Só vim ver se Arlen quer ver o menestrel hoje.

Cob mal conseguia acreditar em seus ouvidos. Nunca tinha visto Arlen falar com ninguém de sua idade, preferindo passar o tempo trabalhando e lendo ou amolando mensageiros e protetores que visitavam a oficina com perguntas infindáveis. Foi uma surpresa, uma a ser incentivada.

— Arlen! — chamou ele.

Arlen saiu da sala dos fundos da oficina com um livro na mão. Praticamente

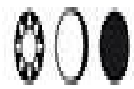
tropeçou em Jaik antes de notar o garoto e parou um pouco antes.

— Jaik veio te buscar para ver o menestrel — avisou Cob.

— Eu gostaria de ir — disse Arlen a Jaik, como se pedisse desculpas —, mas ainda tenho que…

— Nada que não possa esperar — interrompeu-o Cob. — Vá e divirta-se.

Ele lançou uma bolsinha de moedas para Arlen e empurrou os dois garotos porta afora.



Logo depois, os garotos estavam caminhando pelo mercado lotado que circundava a praça principal de Miln. Arlen gastou uma estrela de prata para comprar tortas de carne de um vendedor e, em seguida, ambos com o rosto coberto de gordura, deu algumas luzes de cobre por um punhado de doces.

— Vou ser menestrel um dia — disse Jaik, chupando uma bala enquanto seguiam para o lugar onde as crianças se reuniam.

— Verdade? — perguntou Arlen.

Jaik concordou com a cabeça.

— Veja isto — disse ele, puxando três bolinhas de madeira dos bolsos e jogando-as no ar. Arlen estava rindo um momento depois, quando uma das bolas bateu na cabeça de Jaik e as outras foram ao chão. — Ainda estou com gordura nos dedos — disse Jaik quando correu atrás das bolinhas.

— Imagino — concordou Arlen. — Vou me registrar na Guilda dos Mensageiros assim que meu aprendizado com Cob tiver acabado.

— Eu poderia ser seu menestrel! — gritou Jaik. — Poderíamos partir pelas estradas juntos!

Arlen olhou para ele e perguntou:

— Já *viu* um demônio?

— Por quê? Acha que não tenho coragem? — perguntou Jaik, empurrando-o.

— Ou cérebro — disse Arlen, empurrando-o de volta. Um momento depois, estavam rolando no chão. Arlen ainda era pequeno para sua idade e logo Jaik o sobrepujou.

— Tá, tá! — riu-se Arlen. — Eu deixo você ser meu menestrel!

— *Seu* menestrel? — perguntou Jaik, sem soltá-lo. — Parece mais que você será o *meu* mensageiro!

— Parceiros? — propôs Arlen. Jaik sorriu e estendeu a mão para Arlen se levantar. Logo depois, estavam sentados nos blocos de pedra da praça da cidade, observando os aprendizes da Guilda dos Menestréis dando cambalhotas e fazendo mímica, aquecendo o público para o apresentador principal da manhã.

Arlen ficou boquiaberto quando viu Keerin entrar na praça. Alto e magro como um poste, o menestrel ruivo era inconfundível. A multidão explodiu em

gritos.

— É Keerin! — falou Jaik, sacudindo o ombro de Arlen, entusiasmado. — É o meu favorito!

— Sério? — perguntou Arlen, surpreso.

— Sim, de quem você gosta? — questionou Jaik. — Marley? Koy? Eles não são heróis como Keerin!

— Ele não pareceu muito heroico quando eu o conheci — disse Arlen, desconfiado.

— Você conheceu Keerin? — perguntou Jaik com os olhos se arregalando.

— Ele foi ao Riacho de Tibbet — disse Arlen. — Ele e Ragen me encontraram na estrada e me trouxeram para Miln.

— Keerin te resgatou?

— Ragen me resgatou — corrigiu Arlen. — Keerin saltava de medo com qualquer sombra.

— Pelas Profundas, não é verdade. Acha que ele se lembra de você? — questionou Jaik. — Pode me apresentar para ele logo depois do espetáculo?

— Talvez. — Arlen deu de ombros.

O espetáculo de Keerin começou como acontecera no Riacho de Tibbet. Ele fez malabarismos e dançou, aquecendo o público antes de contar a história do Retorno para as crianças e pontuá-la com mímicas, saltos mortais e cambalhotas.

— Cante a canção! — gritou Jaik. Outros na multidão acompanharam-no, pedindo para Keerin cantar. Ele não pareceu notar por um tempo, até o alarido aumentar, enfatizado por batidas de pés. Por fim, riu e curvou-se, pegando o alaúde enquanto as pessoas irrompiam em aplausos.

Ele gesticulou e Arlen viu os aprendizes pegarem chapéus e passarem pela multidão para recolher doações. As pessoas eram generosas, ávidas por ouvir Keerin cantar. Por fim, ele começou:

A noite era escura
O chão era duro
E o abrigo estava longe de tudo

O vento frio não cura
Corta o coração puro
O mal reina sem as proteções do mundo

"Me ajude!", gritei
Na voz um tom amargo
Grito de criança engasgado

"Corra até nós!", gritamos,
"Nosso círculo é salvador
O único abrigo que restou"

O menino gritou:
"Não consigo levantar!"
Ficou a voz a ecoar

Quando o grito propagou
Busquei ajuda pra me salvar
Foi então que o mensageiro tentou me agarrar

"De que morrer vai adiantar?",
Sombrio me perguntou,
"A morte é tudo que no fim verá"

"Não há como ajudar
Tudo é inútil contra o mal
E suas garras vão nos levar"

Empurro forte o rapaz
Agarro a lança em furor
Deixo as proteções pra trás

Um ataque sem norte
A força do temor se fez
Para não perder o garoto de vez

"Aguente firme!", eu gritei,
Abri o caminho outra vez
"Mantenha luz, mantenha o foco!"

"Se não puder vir, eu irei
E te levo a um porto seguro
Uma proteção do escuro!"

Cheguei ligeiro e ofegante,
Mas não era o bastante
Os terraítas o queriam levar

Entre demônios errantes
Uma vida fui resgatar
Risquei as proteções para o mal não ganhar

Um rugido e um clarão
Das sombras uma explosão
O rei-demônio havia saido do chão

Com seis metros de pura maldade,
Ergueu-se como uma parede indestrutível

Um monstro imenso quase invencível

Minha arma não era resistente o bastante
Para duelar com um par de chifres gigantes
O bicho era mal. O bicho era tinhoso!
Um rompante de fúria diante de mim
Despejou sua ira sem fim!
Mostrando a verdadeira força do mal

O garoto gritou de puro pavor
"Socorro, me ajude. Ele me pegou."
Riscar a proteção era a última opção

A magia brilhou em fulgor
Agraciada pelo Criador
Força que o monstro menosprezou!

Se alguém lhe disser
Que o sol não brilhará
E rochas vivas podem te matar

Acredite se quiser
Mas aprendi a lutar
E um braço do demônio cortar!

Terminou com um floreio e Arlen se recostou, chocado, enquanto o público irrompia em aplausos. Keerin fez reverências e os aprendizes fizeram a coleta de uma enxurrada de moedas.

— Não foi ótimo? — perguntou Jaik.

— Não foi assim que aconteceu! — exclamou Arlen.

— Meu pai diz que os guardas contaram que um demônio da rocha de um braço só ataca as proteções toda noite — falou Jaik. — Está procurando Keerin.

— Keerin nem estava lá! — gritou Arlen. — Eu cortei o braço daquele demônio.

Jaik bufou.

— Pela Noite, Arlen! Você não acha que alguém vai acreditar *nisso*.

Arlen fechou a cara, erguendo-se e gritando:

— Mentiroso! Fraude!

Todos se viraram para ver quem falava, quando Arlen saltou do banco de pedra e andou a passos largos na direção de Keerin. O menestrel ergueu os olhos, que se arregalaram quando o reconheceu.

— Arlen? — perguntou ele, seu rosto de repente ficando pálido.

Jaik, que estava logo atrás de Arlen, parou pouco antes e sussurrou:

— Você o conhece mesmo.

Keerin olhou para a multidão, nervoso.

— Arlen, meu garoto — falou ele, abrindo os braços —, venha, vamos discutir isso em particular.

Arlen o ignorou.

— Você não cortou o braço do demônio — gritou para todos ouvirem. — Você nem estava lá quando aconteceu!

Um murmúrio enfurecido subiu da multidão. Keerin olhou ao redor, temeroso, até alguém gritar:

— Bote esse garoto para fora da praça! — E os outros vibraram.

Keerin abriu um grande sorriso e desdenhou:

— Ninguém vai acreditar em você.

— Eu estava lá! — gritou Arlen. — Eu tenho cicatrizes para provar! — Ele estendeu o braço para erguer a camisa, mas Keerin bateu nos dedos dele e, de repente, Arlen e Jaik foram cercados por aprendizes.

Emboscado, não puderam fazer nada enquanto Keerin se afastava, atraindo a atenção da multidão quando pegou o alaúde e rapidamente começou a tocar outra canção.

— Por que não cala a boca, hein? — rosnou um aprendiz corpulento. O garoto tinha quase o dobro do tamanho de Arlen e todos eram mais velhos que ele e Jaik.

— Keerin é um mentiroso — retrucou Arlen.

— E também tem rabo de demônio — concordou o aprendiz, erguendo o chapéu de moedas. — Acha que me importo?

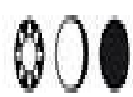
Jaik interferiu:

— Não precisam se irritar. Ele não quis dizer…

Mas, antes que pudesse terminar, Arlen saltou para a frente, socando a barriga do garoto maior. Quando ele se curvou, Arlen girou para encarar os outros. Ele sangrou um nariz ou dois, mas logo foi derrubado e espancado. Atordoado, viu que Jaik recebia também sua parte da sova ao lado dele, até que dois guardas interromperam a briga.

— Sabe — disse Jaik quando mancaram até em casa, ensanguentados e roxos —, para um rato de biblioteca você não é tão ruim de briga. Se soubesse escolher melhor os inimigos…

— Eu tenho inimigos piores — disse Arlen, pensando no demônio sem braço que ainda o seguia.



— Nem foi uma boa canção. Como ele conseguiria desenhar proteções na escuridão?

— Boa o bastante para te meter numa briga — observou Cob, limpando o

sangue do rosto de Arlen.

— Ele estava *mentindo* — respondeu Arlen, encolhendo-se de dor.

Cob deu de ombros.

— Ele estava apenas fazendo o que menestréis fazem: inventar histórias divertidas.

— No Riacho de Tibbet, a cidade inteira aparecia quando o menestrel chegava — disse Arlen. — Selia disse que guardam as histórias do mundo antigo, passando de geração em geração.

— É isso mesmo — falou Cob. — Mas mesmo os melhores exageram, Arlen. Ou você realmente acredita que o primeiro Salvador matou cem demônios da rocha com um único golpe?

— Acreditava — confirmou Arlen com um suspiro. — Agora não sei mais no que acredito.

— Bem-vindo à vida adulta. Toda criança descobre um dia que os adultos podem ser fracos e erram como qualquer outro. Depois desse dia, você vira adulto, querendo ou não.

— Nunca pensei nisso assim — falou Arlen, percebendo que esse dia já havia acontecido fazia tempo. Na sua mente, viu Jeph escondendo-se atrás das proteções do alpendre, enquanto sua mãe era atacada por terraítas.

— A mentira de Keerin foi realmente tão ruim? — perguntou Cob. — Alegrou as pessoas. Deu a elas esperança. Esperança e felicidade são artigos de luxo nesses dias, e muito necessárias.

— Ele poderia ter feito tudo isso com palavras honestas — falou Arlen. — Mas, em vez disso, ele assumiu os créditos dos meus feitos só para ganhar mais dinheiro.

— Você está atrás da verdade ou do reconhecimento? — perguntou Cob. — Reconhecimento importa? Não é a mensagem que importa?

— As pessoas precisam mais do que uma canção — respondeu Arlen. — Precisam de provas de que os terraítas podem sangrar.

— Você soa como um mártir krasiano — comentou Cob— pronto para dar sua vida em busca do paraíso do Criador no próximo mundo.

— Eu li que a próxima vida é cheia de mulheres nuas e rios de vinho. — Arlen abriu um sorrisinho malicioso.

— E tudo que precisa fazer para entrar é levar um demônio com você antes de ser morto por ele — explicou Cob. — Mas eu vou arriscar esta vida aqui de qualquer forma. A próxima vai te encontrar, não importa o quanto fuja. Não precisa correr atrás dela.

11
A FENDA
– 321 DR –

— TRÊS LUAS QUE ELE VAI PARA O LESTE — apostou Gaims, tilintando as moedas de prata quando o Maneta se ergueu.

— Aceito — disse Woron. — Ele vai para o leste há três noites seguidas. Está pronto para mudar.

Como sempre, o demônio da rocha farejou antes de testar as proteções no portão. Moveu-se metodicamente, sem perder um canto. Quando o portão se mostrou seguro, o terraíta seguiu para leste.

— Pela Noite! — praguejou Woron. — Tinha certeza de que desta vez faria diferente. — Ele pegou as moedas no bolso quando os gritos do demônio e o estalar das proteções ativadas pararam.

Os dois guardas olharam sobre a amurada, a aposta esquecida, e viram o Maneta encarar a muralha com curiosidade. Outros terraítas reuniram-se ao redor, mas mantiveram uma distância respeitosa do gigante.

De repente, o demônio avançou com as garras estendidas. Não houve explosão de proteções e o estalar de alguma pedra chegou nitidamente aos ouvidos dos

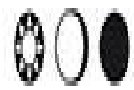
guardas, cujo sangue gelou de imediato.

Com um rugido triunfal, o demônio da rocha golpeou novamente, desta vez com a mão inteira. Mesmo à luz das estrelas, os guardas viram o pedaço de pedra que se desprendeu nas garras.

— A trombeta — falou Gaims, agarrando a ameia com mãos trêmulas. Suas pernas ficaram quentes e levou um momento para perceber que se molhara. — Toque a trombeta.

Não houve movimento ao seu lado. Olhou para Woron e viu o parceiro encarando o demônio da rocha, boquiaberto, uma única lágrima correndo ao lado do rosto.

— Toque a maldita trombeta! — gritou Gaims, e Woron acordou de seu atordoamento, correndo para a trombeta sobre o suporte. Custou-lhe várias tentativas para soltar uma nota. Nesse momento, o Maneta já estava girando e golpeando a muralha com sua cauda espinhosa, arrancando mais e mais pedaços de pedra.



Cob sacudiu Arlen para acordá-lo.

— Que… que foi? — perguntou Arlen, esfregando os olhos. — Já amanheceu?

— Não — respondeu Cob. — As trombetas soaram. Tem uma fenda.

Arlen sentou-se de pronto, o rosto enregelando-se.

— Fenda? Os terraítas estão na cidade?

— Estão — confirmou Cob— ou logo estarão. Levante-se logo!

Os dois correram para acender os lampiões e reunir suas ferramentas, vestindo capas grossas e luvas sem dedos para ajudar a se proteger do frio sem atrapalhar seu trabalho.

As trombetas soaram de novo.

— Dois toques — falou Cob —, um curto, outro longo. A fenda deve ser entre o primeiro e o segundo poste protegido, a leste do portão principal.

Um estalar de cascos soou nas pedras do calçamento lá fora, seguido por uma batida na porta. Abriram e viram Ragen de armadura completa, uma lança grossa na mão. Seu escudo protegido estava pendurado no pito da sela de um alazão forte. Diferente da égua esbelta e amorosa como Olho da Noite, aquele animal era troncudo e tinha gênio ruim, um cavalo de guerra criado para tempos passados.

— Elissa está fora de si — explicou o mensageiro. — Mandou-me aqui para manter vocês dois vivos.

Arlen franziu a testa, mas um toque de medo que o tomou ao acordar desapareceu com a chegada de Ragen. Eles amarraram o garanhão robusto à carroça protegida e saíram, seguindo os gritos, estouros e lampejos na direção da

fenda.

As ruas estavam vazias, portas e janelas bem fechadas, mas Arlen conseguia ver os estalos de luz ao redor deles e sabia que as pessoas de Miln estavam acordadas, roendo unhas e rezando para suas proteções aguentarem. Ouviu choro e pensou sobre como os milneses eram dependentes de suas muralhas.

Chegaram a uma cena de completo caos. Guardas e protetores jaziam mortos e agonizantes nas pedras de cantaria, lanças quebradas em chamas. Três homens de armas sangravam e lutavam com um demônio do vento, tentando segurá-lo o bastante para alguns aprendizes de protetor prenderem-no num círculo portátil. Outros corriam para lá e para cá com baldes d'água, tentando extinguir os muitos focos de incêndio, enquanto os demônios da rocha corriam alegres, botando fogo em tudo que estivesse ao alcance.

Arlen olhou a fenda, incrédulo, pois um terraíta conseguiu atravessar seis metros de rocha sólida. Os demônios coalhavam a abertura, arranhando uns aos outros para ser o próximo a entrar na cidade.

Um demônio do vento passou espremido, correndo com as asas estendidas. Um guarda arremessou a lança em sua direção, mas ela caiu antes e o demônio voou para dentro da cidade sem impedimentos. Um momento depois, um demônio da chama saltou sobre o guarda desarmado e rasgou sua garganta.

— Rápido, garoto! — gritou Cob. — Os guardas estão ganhando tempo para nós, mas não vão durar muito com uma fenda daquele tamanho. Precisamos selá-la, depressa! — Ele saltou da carroça com agilidade surpreendente e pegou dois círculos portáteis, entregando um para Arlen.

Com Ragen fazendo a escolta, correram na direção da bandeira da proteção-chave da Guilda, marcando o círculo protetor onde tinham feito a base dos protetores. Ervanários desarmados cuidavam das fileiras de feridos lá, lançando-se intrépidos para fora do círculo para ajudar homens que tropeçavam na direção do refúgio. Eram poucos para atender a tantos feridos.

Mãe Jone, a conselheira do duque, e mestre Vincin, o presidente da Guilda dos Protetores, cumprimentaram-nos.

— Mestre Cob, que bom que o senhor… — começou Jone.

— Aonde temos que ir? — perguntou Cob a Vincin, ignorando Jone completamente.

— À fenda principal — disse Vincin. — Pegue os postes de quinze e trinta graus — falou ele, apontando para uma pilha de postes protetores. — E, pelo amor do Criador, tenha cuidado! Tem um demônio da rocha lá, aquele que abriu a fenda primeiro. Eles impediram que avançasse mais na cidade, você vai precisar cruzar as proteções para se posicionar. Ele já matou três protetores e só o Criador sabe quantos guardas já caíram.

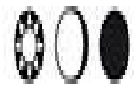
Cob assentiu e ele e Arlen seguiram até a pilha.

— Quem estava de plantão hoje à noite? — perguntou enquanto carregavam

sua carga.

— O protetor Macks e seus aprendizes — respondeu Jone. — O duque vai enforcá-los por isso.

— Então o duque é um tolo — disse Vincin. — Não há como dizer o que aconteceu lá fora e Miln precisa de cada protetor que tenha e muitos mais. — Ele deu um longo suspiro. — Se a noite continuar como está, restarão poucos.



— Monte seu círculo primeiro — disse Cob pela terceira vez. — Quando estiver seguro dentro dele, encaixe o poste em seu suporte e espere pelo magnésio. Ele vai brilhar como o dia, então proteja os olhos até ele reluzir. Em seguida, centralize o seu para ligar ao poste principal. Não tente ligar com outros postes. Confie que seus protetores farão o certo. Quando acabar, crave estacas entre as pedras para mantê-lo no lugar.

— E depois? — perguntou Arlen.

— Fique no círculo estendido até receber a ordem de voltar — berrou Cob —, não importa o que veja, mesmo se você tiver de ficar lá a noite toda! Entendeu?

Arlen assentiu com a cabeça.

— Bom — falou Cob.

Ele examinou o caos, esperando, esperando, então gritou:

— Agora!

E eles partiram, esquivando-se dos incêndios, corpos e escombros, seguindo para suas posições. Em segundos, deixaram uma fileira de prédios para trás e viram o demônio da rocha maneta em pé sobre um esquadrão de guardas e uma dúzia de cadáveres. Suas garras e bocarra reluziam com sangue à luz dos lampiões.

O sangue de Arlen congelou. Parou por um instante e olhou para Ragen, e o mensageiro fitou seus olhos por um momento.

— Devem estar atrás de Keerin — falou Ragen, ironicamente.

Arlen abriu a boca, mas antes que pudesse responder Ragen gritou:

— Cuidado!

E jogou a lança na direção de Arlen.

Arlen caiu e soltou seu poste, batendo o joelho com força nas pedras do calçamento. Ouviu o estalo quando a extremidade da lança de Ragen acertou um demônio do vento na cara e rolou a tempo para ver o terraíta bater contra o escudo do mensageiro e chocar-se no chão.

Ragen pisoteou a criatura com seu cavalo de guerra quando atiçou-o para um galope, agarrando Arlen assim que ele ergueu o poste, meio arrastando, meio carregando, e levou-o para a posição. Cob já havia montado seu círculo portátil e estava se preparando para encaixar o poste protetor.

Arlen não se demorou para montar seu círculo, mas os olhos não paravam de voltar ao Maneta. O demônio arranhava as proteções colocadas às pressas diante dele, tentando atravessá-las à força. Arlen conseguia ver as fraquezas da rede a cada vez que ela brilhava e sabia que não aguentaria para sempre.

O demônio da rocha farejou e vasculhou a área de repente, encontrando os olhos de Arlen, e os dois enfrentaram-se por um momento, até se tornar demais para aguentar e Arlen baixar os olhos. O Maneta berrou e redobrou os esforços para romper as proteções enfraquecidas.

— Arlen, pare de olhar e faça o seu maldito trabalho! — gritou Cob, tirando Arlen do torpor. Fazendo seu melhor para bloquear os berros do terraíta e os gritos dos guardas, armou a bancada de ferro desmontável e deixou seu poste protetor dentro dele. Ajustou o ângulo o máximo que pôde à luz mortiça e tremeluzente, em seguida cobriu os olhos para esperar o magnésio.

O clarão veio um momento depois, transformando dia em noite. Os protetores ajustaram seus postes rapidamente e cravaram-nos no lugar. Acenaram com panos brancos para sinalizar a conclusão.

Trabalho feito, Arlen examinou o restante da área. Vários protetores e aprendizes ainda lutavam para montar seus postes. Um poste foi incendiado com lava das trevas. Os terraítas gritavam e encolhiam-se frente ao magnésio, aterrorizados ao pensar que, de alguma forma, o sol havia chegado. Guardas avançavam com lanças, tentando enxotá-los para trás dos postes protetores antes que fossem ativados. Ragen fazia o mesmo, galopando sobre seu cavalo de guerra, seu escudo polido refletindo a luz e fazendo os terraítas afastarem-se com medo.

Mas a luz falsa não podia ferir os terraítas de verdade. O Maneta não recuou quando um esquadrão de guardas, reforçado pela luz, atacou com uma sequência de lanças na sua direção. Muitas das pontas de lança quebraram ou se desviaram ao atingirem a carapaça do demônio da rocha e ele agarrou outras, sacudindo-as e puxando os homens para além das proteções, tão facilmente quanto uma criança arrastava bonecas.

Arlen observou a carnificina, horrorizado. O demônio arrancou a cabeça de um homem com uma dentada e jogou o corpo para cima dos outros, derrubando vários. Outro ele esmagou com o pé e mandou um terceiro voando com um golpe de sua cauda espinhosa. Ele caiu com um estrondo e não se levantou mais.

As proteções que mantinham o demônio afastado estavam enterradas embaixo de corpos e sangue, e o Maneta avançava, matando à vontade. Os guardas recuaram, alguns fugindo mesmo, mas, tão logo se afastaram, foram esquecidos e o gigante atacou o círculo portátil de Arlen.

— Arlen! — gritou Ragen, girando seu garanhão. Com o pânico de ver o ataque do demônio, o mensageiro pareceu esquecer o círculo portátil no qual o garoto estava. Ele ergueu a lança e fez o cavalo galopar na direção do Maneta.

O demônio da rocha ouviu a aproximação dele e virou-se no último momento, firmando os pés e recebendo a lança em cheio no peito. A arma estilhaçou-se e, com um golpe insolente de garras, o demônio gigante esmagou o crânio do cavalo.

A cabeça do cavalo rodou para o lado e foi parar dentro do círculo de Cob, fazendo-o bater no seu poste protetor e entortando-o. Ragen não teve tempo de se desenredar e o animal levou-o ao chão, esmagando sua perna e prendendo-o. O Maneta preparou-se para assassiná-lo.

Arlen gritou e buscou ajuda, mas não havia ninguém por perto. Cob estava agarrado ao poste protetor, tentando desentortá-lo. Todos os outros protetores ao redor da fenda sinalizavam. Haviam substituído o poste em chamas e apenas o de Cob permanecia fora do lugar, mas não havia ninguém para ajudá-lo; a guarda da cidade havia sido dizimada pelo último ataque do Maneta. Mesmo se Cob arrumasse rapidamente seu poste, Arlen sabia que Ragen estava condenado. Maneta estava do lado errado da rede.

— Ei! — gritou Arlen, saindo do círculo e balançando os braços. — Ei, feioso!

— Arlen, volte para o seu maldito círculo! — berrou Cob, mas era tarde demais. A cabeça do demônio da rocha girou ao som da voz de Arlen.

— Ah, sim, você ouviu — murmurou Arlen, seu rosto ficando em brasas e, em seguida, regelando-se. Olhou além dos postes protetores. Os terraítas estavam ficando mais ousados ao passo que o magnésio começava a arrefecer. Saltar lá dentro seria suicídio.

No entanto, Arlen lembrou-se de seus encontros anteriores com o demônio da rocha e como ele o encarava, de forma ciumenta, como sua propriedade. Com esse pensamento, ele se virou e correu para além dos postes protetores, chamando atenção de um demônio da chama sibilante. O terraíta atacou, olhos incendiados, mas Maneta fez o mesmo, avançando para esmagar o demônio menor.

Enquanto o demônio girou em direção da sua presa, Arlen mergulhava de volta para os postes protetores. Maneta golpeou forte, mas a luz rebrilhou e ele foi repelido. Cob restaurou seu poste, estabelecendo a rede. Maneta gritou, enraivecido, batendo contra a barreira, mas era impenetrável.

Arlen correu na direção de Ragen, mas Cob o agarrou no caminho e deu-lhe um puxão de orelha.

— Apronte novamente uma trapalhada dessas — alertou o mestre — e eu quebro seu pescocinho.

— Eu devia ter protegido *vocês*… — concordou Ragen, enfraquecido, sua boca crispada num sorriso.

Ainda havia terraítas soltos na cidade quando Vincin e Jone dispensaram os protetores. Os guardas remanescentes ajudaram as ervanárias a transportar os feridos para os hospitais da cidade.

— Alguém não deveria caçar os que fugiram? — perguntou Arlen quando deixaram Ragen na parte de trás da carroça. Sua perna estava estilhaçada e as ervanárias haviam lhe dado um chá para amortecer a dor, deixando-o sonolento e distante.

— Para quê? — perguntou Cob. — Só mataria os caçadores e não faria diferença durante a manhã. É melhor ficar dentro de casa. O sol cuidará dos terraítas que sobraram em Miln.

— O sol ainda vai demorar horas — protestou Arlen quando subiu na carroça.

— O que você propõe? — perguntou Cob, observando com cautela enquanto seguiam. — Você viu a força da Guarda do Duque trabalhando hoje, centenas de homens com lanças e escudos. Protetores treinados também. Viu um único demônio sendo morto? Claro que não. Eles são imortais.

Arlen sacudiu a cabeça.

— Eles matam uns aos outros. Eu vi.

— Eles são mágicos, Arlen. Podem fazer com o outro o que nenhuma arma mortal pode.

— O sol os mata — retrucou Arlen.

— O sol é um poder que vai além de você ou de mim — disse Cob. — Somos apenas protetores.

Eles viraram uma curva e arfaram. Um cadáver eviscerado estava espalhado na rua diante deles, o sangue tingindo as pedras de vermelho. Partes dele ainda fumegavam, o fedor acre de carne queimada era forte no ar.

— Mendigo — disse Arlen, vendo as roupas rasgadas. — O que estava fazendo aqui fora à noite?

— Dois mendigos — corrigiu Cob, segurando um pano sobre a boca e o nariz, enquanto apontava para outro cadáver estraçalhado mais adiante. — Devem ter sido expulsos do abrigo.

— Eles podem fazer isso? — perguntou Arlen. — Pensei que os abrigos públicos tinham de aceitar a todos.

— Só até encherem — falou Cob. — De qualquer forma, esses lugares são um auxílio difícil. Os homens espancam uns aos outros por comida e roupas assim que os guardas os trancam e fazem ainda pior com as mulheres. Muitos preferem se arriscar nas ruas.

— Por que ninguém faz nada sobre isso? — perguntou Arlen.

— Todo o mundo concorda que é um problema, mas os cidadãos dizem que é problema do duque, mas o duque sente pouca necessidade de proteger aqueles que não contribuem com nada para sua cidade.

— Então melhor mandar os guardas para casa hoje à noite e deixar os terraítas

cuidarem do problema — resmungou Arlen. Cob não respondeu, a não ser com um estalar das rédeas, ansioso para sair das ruas.

Dois dias depois, a cidade inteira foi convocada para a grande praça. Um cadafalso fora erguido e lá em cima se via o protetor Macks, que estava de plantão na noite da fenda.

Euchor não estava presente, mas Jone leu seu decreto:

— Em nome do duque de Euchor, luz das montanhas e lorde de Miln, o senhor foi julgado culpado por não cumprir com suas obrigações e permitir uma fenda na muralha protegida. Oito protetores, dois mensageiros, três ervanários, trinta e sete guardas e dezoito cidadãos pagaram o preço de sua incompetência.

— Como se reduzir-nos a nove protetores ajudasse — murmurou Cob. Vaias e chiados vieram da multidão e lixo foi jogado sobre o protetor, que estava de cabeça baixa na plataforma.

— A sentença é a morte — falou Jone, e homens encapuzados pegaram os braços de Macks e levaram-no até a corda, encaixando o laço corrediço ao redor do pescoço.

Um sacerdote alto, de ombros largos, com uma barba preta espessa e túnica pesada foi até ele e riscou uma proteção na testa do protetor.

— Que o Criador perdoe sua falha — entoou o santo homem— e nos conceda a todos a pureza de coração e determinação para exterminar com sua Praga e sermos salvos.

Ele se afastou e o alçapão se abriu. A multidão comemorou quando a corda se esticou.

— Tolos — cuspiu Cob. — Um homem a menos para combater a próxima fenda.

— O que ele quis dizer? — perguntou Arlen. — Sobre a Praga e ser salvo?

— Apenas bobagens para manter a multidão sob controle — falou Cob. — Melhor não encher sua cabeça com elas.

12
A BIBLIOTECA
– 321 DR –

ARLEN CAMINHOU ENTUSIASMADO atrás de Cob quando se aproximaram do grande prédio de pedra. Era o sétimo-dia e normalmente ele teria se aborrecido em perder seus exercícios de lança e aulas de montaria, mas naquela ocasião o convite era bom demais para perder: sua primeira visita à Biblioteca do Duque.

Desde que ele e Cob haviam começado a comercializar proteções, os negócios do seu mestre haviam decolado, satisfazendo uma grande necessidade da cidade. Sua biblioteca de compêndios rapidamente transformou-se na maior de Miln, talvez do mundo. Ao mesmo tempo, correu o boato do envolvimento deles na selagem da fenda e, sem nunca perder uma tendência, a realeza começou a prestar atenção.

Era irritante trabalhar com a realeza, sempre fazendo exigências ridículas e querendo proteções para colocar em lugares indevidos. Cob dobrou, em seguida triplicou os preços, mas não fazia diferença. Ter uma mansão selada por Cob, o mestre protetor, transformara-se num símbolo de status.

No entanto, quando foram convocados para proteger o prédio mais valioso da cidade, Arlen sabia que valeria cada momento. Poucos cidadãos nem sequer tinham visto a biblioteca por dentro. Euchor era ciumento com sua coleção, dando acesso apenas a requerentes maiores e seus ajudantes.

Construída pelos sacerdotes do Criador antes de ser absorvida pelo trono, a biblioteca sempre fora administrada por um sacerdote, em geral um sem rebanho além dos preciosos livros. De fato, o posto tinha mais peso do que presidir qualquer Casa Sacra, exceto a Grande Casa Sacra ou a Capela do Duque.

Foram recebidos por um acólito e levados até o gabinete do bibliotecário-chefe, o sacerdote Ronnell. Os olhos de Arlen percorriam todos os lados enquanto caminhavam, percebendo as prateleiras mofadas e os estudiosos silentes que perambulavam pelas pilhas de livros. Sem contar os compêndios, a coleção de Cob continha mais de trinta livros e Arlen pensava nela como um tesouro. A Biblioteca do Duque continha milhares, mais do que ele poderia ler a vida inteira. Odiava a ideia de o duque manter todos eles trancados.

O sacerdote Ronnell era jovem para a posição cobiçada de bibliotecário-chefe, ainda com mais cabelos castanhos que grisalhos. Cumprimentou-os calorosamente e os fez sentar, mandando um criado buscar refrescos.

— Sua reputação o antecede, mestre Cob — disse Ronnell, tirando seus óculos de aro fino e limpando-os na túnica marrom. — Espero que o senhor aceite esta tarefa.

— Todas as proteções que vi até agora ainda estão nítidas — observou Cob.

Ronnell recolocou os óculos e pigarreou com desconforto.

— Depois da falha recente, o duque teme por sua coleção — disse ele. — Sua excelência deseja… medidas especiais.

— Que espécie de medida especial? — perguntou Cob, desconfiado. Ronnell mexeu-se na cadeira e Arlen poderia dizer que estava tão incomodado em fazer tal solicitação como esperava que eles ficassem em cumpri-la.

Finalmente, Ronnell suspirou.

— Todos os bancos, mesas e estantes devem ser protegidos contra cuspe de fogo — disse ele, sem rodeios.

Os olhos de Cob esbugalharam-se.

— Isso levaria meses! — falou com nervosismo. — E para quê? Mesmo se um demônio da chama conseguisse avançar tanto cidade adentro, nunca conseguiria ultrapassar as proteções deste prédio e, se o fizesse, o senhor teria preocupações maiores que as estantes de livros.

Os olhos de Ronnell ficaram sérios.

— Não há mais com o que se preocupar, mestre Cob — retrucou. — Nisso o duque e eu concordamos. O senhor não pode imaginar o que perdemos quando os terraítas queimaram as bibliotecas do passado. Guardamos aqui os últimos vestígios de conhecimento que custou milênios para ser acumulado.

— Perdoe-me — disse Cob. — Não quis faltar com o respeito.

O bibliotecário assentiu.

— Entendo. E o senhor tem razão, o risco é mínimo. De qualquer forma, é o que sua excelência deseja. Posso pagar mil sóis de ouro.

Arlen fez o cálculo na cabeça. Mil sóis era muito dinheiro, mais do que jamais haviam conseguido ganhar num único trabalho, mas se contabilizados os meses que a tarefa exigiria e a perda de negócios regulares…

— Temo que não posso ajudá-lo — disse Cob, por fim. — É tempo demais fora da minha oficina.

— Conseguiria a predileção do duque — acrescentou Ronnell.

Cob deu de ombros.

— Fui mensageiro do pai dele. Isso me trouxe predileção suficiente. Pouco preciso de mais. Tente um protetor mais jovem — sugeriu. — Alguém com algo a provar.

— Sua excelência mencionou seu nome especificamente — insistiu Ronnell.

Cob estendeu as mãos, eximindo-se.

— Eu farei — soltou Arlen. Os dois homens se viraram, surpresos que ele tivesse sido tão direto.

— Não creio que o duque aceitará os serviços de um aprendiz — disse Ronnell.

Arlen ergueu os ombros e sugeriu:

— Não precisa dizer a ele. Meu mestre pode esboçar as proteções para as estantes e mesas, deixando que eu as inscreva. — Ele olhou para Cob enquanto falava. — Se tivesse aceitado o trabalho, seria eu quem talharia metade das proteções, se não mais.

— Um meio-termo interessante — disse Ronnell, pensativo. — O que me diz, mestre Cob?

Cob olhou para Arlen, desconfiado.

— Digo que é um trabalho tedioso, do tipo que você odiará, Arlen. O que deu em você, rapaz? — perguntou Cob.

Arlen sorriu e respondeu:

— O duque poderá dizer que o mestre protetor Cob fez as proteções na biblioteca. Você receberá mil sóis e eu — falou, voltando-se para Ronnell — poderei usar a biblioteca sempre que quiser.

Ronnell riu.

— O garoto é dos meus! Fechado? — perguntou a Cob.

O mestre protetor sorriu e os dois homens apertaram as mãos.

O sacerdote Ronnell levou Cob e Arlen para inspecionar a biblioteca. Enquanto caminhavam, Arlen começou a perceber que tarefa colossal ele havia acabado

de assumir. Mesmo se pulasse a geometria e riscasse as proteções de olho, esperava, no melhor dos casos, metade de um ano de trabalho.

Ainda assim, quando se virou, contemplando todos os livros, sabia que valeria a pena. Ronnell prometeu a ele acesso integral, dia e noite, pelo resto de sua vida.

Observando a expressão de entusiasmo no rosto do rapaz, Ronnell sorriu. Teve um pensamento repentino e puxou Cob de lado, enquanto Arlen estava absorto demais em pensamentos para perceber.

— O garoto é aprendiz ou serviçal? — perguntou ao protetor.

— É um mercador, se é isso o que o senhor está querendo saber — falou Cob.

Ronnell meneou a cabeça.

— Quem são os pais dele?

Cob sacudiu a cabeça.

— Não tem; ao menos não em Miln.

— Então o senhor responde por ele? — quis saber Ronnell.

— Eu diria que o garoto responde por si — respondeu Cob.

— Ele é prometido? — questionou o sacerdote.

Ali estava o ponto.

— O senhor não é o primeiro a me perguntar, desde que meus negócios cresceram — disse Cob. — Até algumas pessoas da realeza enviaram suas belas filhas para farejá-lo. Mas não acho que o Criador já tenha feito a garota que possa tirar o nariz dele dos livros o bastante para percebê-la.

— Sei como é isso — falou Ronnell, apontando para uma garota que estava sentada numa das muitas mesas com meia dúzia de livros abertos diante dela.

— Mery, venha até aqui! — chamou ele. A garota ergueu os olhos, em seguida marcou as páginas com destreza e empilhou os livros antes de se aproximar. Como Arlen, parecia ter quase catorze verões, com olhos castanhos grandes e cabelos longos e brilhosos, também castanhos. Tinha um rosto suave, redondo, e um sorriso cintilante. Trajava um vestido simples, empoeirado pelos livros da biblioteca. Ela ergueu o vestido para fazer uma rápida reverência.

— Mestre protetor Cob, esta é minha querida filha Mery — comentou Ronnell.

A garota ergueu os olhos, repentinamente muito interessada.

— O *mestre protetor* Cob?

— Ah, você conhece meu trabalho? — perguntou Cob.

Mery sacudiu a cabeça.

— Não, mas ouvi dizer que sua coleção de compêndios é imbatível.

Cob riu.

— Talvez tenhamos algo aqui, sacerdote — falou ele.

O sacerdote Ronnell curvou-se para a filha e apontou para Arlen.

— O jovem Arlen ali é o aprendiz de mestre Cob. Ele vai fazer as proteções para nós. Por que não mostra para ele o restante da biblioteca?

Mery observou Arlen enquanto o garoto examinava os livros, sem se dar conta

do olhar dela. Seus cabelos loiros-escuros não haviam sido cortados e estavam um pouco longos, e suas roupas caras estavam amassadas e manchadas, mas havia inteligência nos olhos. Suas feições eram suaves e simétricas, agradáveis. Cob ouviu Ronnell murmurar uma oração enquanto ela alisava o vestido e seguia para encontrá-lo.

Arlen pareceu não perceber a chegada de Mery.

— Olá — cumprimentou ela.

— Oi — respondeu Arlen, apertando os olhos para ler a impressão na lombada de um livro numa prateleira alta.

Mery franziu a testa.

— Meu nome é Mery — disse ela. — O sacerdote Ronnell é meu pai.

— Arlen — respondeu o menino, puxando um livro da estante e folheando-o lentamente.

— Meu pai me pediu para te mostrar a biblioteca — falou Mery.

— Obrigado — disse Arlen, devolvendo o livro e caminhando por uma fileira de estantes até uma seção da biblioteca separada do restante por cordas. Mery foi forçada a acompanhar, a irritação estampando seu rosto.

— Ela está acostumada a ignorar, não a ser ignorada — observou Ronnell, divertindo-se.

— AR — leu Arlen na arcada sobre a seção interditada. — O que é AR?

— Antes do Retorno — falou Mery. — São originais dos livros do velho mundo.

Arlen virou-se para ela como se tivesse acabado de perceber que ela existia.

— Sério? — perguntou ele.

— É proibido ir lá atrás sem a permissão do duque — comentou Mery, observando o rosto de Arlen se entristecer. — Claro, eu tenho permissão por conta do meu pai. — Ela sorriu.

— Seu pai? — perguntou Arlen.

— Sou filha do sacerdote Ronnell — relembrou Mery, fechando a cara.

Os olhos de Arlen arregalaram-se e ele se curvou, desajeitado.

— Arlen, do Riacho de Tibbet — falou.

Do outro lado da sala, Cob riu.

— O garoto nem teve chance — disse ele.

Os meses passaram num estalo para Arlen quando caiu numa rotina familiar. A mansão de Ragen era próxima da biblioteca, então ele dormia lá a maioria das noites. A perna do mensageiro melhorara rapidamente e logo ele partiu em viagens. Elissa incentivou Arlen a tratar o quarto como seu e parecia ter um prazer especial ao vê-lo atulhado com ferramentas e livros. Os criados amavam a presença dele também, alegando que lady Elissa ficava menos temperamental

quando ele estava por perto.

Arlen acordava uma hora antes do sol e praticava com sua lança à luz do lampião no saguão de pé-direito alto da mansão. Quando o sol irrompia no horizonte, ele se dirigia ao pátio para uma hora de tiro ao alvo e montaria. Depois tomava um desjejum apressado com Elissa — e Ragen, quando ele estava por perto — antes de partir para a biblioteca.

Ainda era cedo quando ele chegava, a biblioteca vazia, exceto pelos criados de Ronnell, que dormiam em celas no porão do grande prédio. Eles mantinham distância, intimidados por Arlen, que não pensava duas vezes para subir até o mestre e conversar, sem anúncios ou permissões.

Havia uma sala pequena e isolada destinada à sua oficina. Era grande o bastante para comportar duas estantes, sua bancada de trabalho e alguma peça da mobília em que estivesse trabalhando. Uma das estantes estava atulhada com tinta, pincéis e ferramentas de entalhe. A outra ficava cheia de livros emprestados. O chão ficava repleto de raspas curvadas de madeira, manchadas com tinta derramada e verniz.

Arlen tirava uma hora de cada manhã para ler, em seguida deixava o livro de lado, relutante, e se punha a trabalhar. Por semanas, não fez proteções em nada além de cadeiras. Em seguida, partiu para os bancos. O trabalho levou mais tempo do que havia pensado, mas Arlen não se importava.

Mery tornou-se uma visão bem-vinda durante esses meses, enfiando a cabeça na oficina com frequência para dar um sorriso ou contar um boato antes de sair correndo para retomar suas obrigações. Arlen pensava que as interrupções no seu trabalho e estudos ficariam cansativas, mas aconteceu o contrário. Ele ansiava por vê-la, flagrando até mesmo sua atenção vagando nos dias em que ela não o visitava com a frequência habitual. Eles partilhavam refeições no amplo telhado da biblioteca, olhando a cidade por cima e as montanhas mais além.

Mery era diferente de qualquer garota que Arlen conhecia. A filha do bibliotecário do duque e historiador-chefe era provavelmente a moça mais educada da cidade e Arlen descobriu que podia aprender tanto nas conversas com ela como nas páginas de qualquer livro. Mas era uma menina solitária. Os criados ficavam mais intimidados com ela do que com Arlen e não havia ninguém de sua idade na biblioteca. Mery não se incomodava em discutir com estudiosos de barba grisalha, mas perto de Arlen ela parecia tímida e insegura.

Era como ele se sentia perto dela.

— Pelo Criador, Jaik, é como se você não tivesse praticado nada — disse Arlen, cobrindo os ouvidos.

— Não seja cruel, Arlen — bronqueou Mery. — Sua canção ficou adorável,

Jaik.

Jaik franziu o cenho.

— Então por que você estava cobrindo as orelhas também?

— Bem — disse ela, afastando as mãos com um sorriso brilhante —, meu pai diz que a música e a dança levam ao pecado, então eu não podia ouvir, mas tenho certeza que foi muito bonita.

Arlen riu e Jaik fechou a cara, deixando o alaúde de lado.

— Tente fazer malabarismos — sugeriu Mery.

— Tem certeza de que não é pecado ver malabarismos? — perguntou Jaik.

— Se forem bons, tenho — murmurou Mery, e Arlen gargalhou novamente.

O alaúde de Jaik era velho e gasto e nunca parecia ter todas as cordas juntas. Ele o baixou e puxou bolas de madeira coloridas do saquinho que ele trazia nos equipamentos de menestrel. A pintura estava lascada e havia rachaduras na madeira. Lançou uma bola no ar, em seguida outra, e uma terceira. Manteve aquele número por vários segundos e Mery aplaudiu.

— Muito melhor! — disse ela.

Jaik sorriu.

— Veja isso! — falou Jaik, juntando uma quarta.

Arlen e Mery encolheram-se quando as bolas caíram, fazendo barulho nas pedras do calçamento.

O rosto de Jaik enrubesceu.

— Talvez eu deva treinar mais com três — admitiu.

— Devia praticar mais — concordou Arlen.

— Meu pai não gosta disso — falou Jaik. — Ele fala: “Se não tem nada mais além de malabarismo para fazer, garoto, vou encontrar um trabalho para você aqui em casa”.

— Meu pai faz isso quando me flagra dançando — comentou Mery.

Eles então olharam para Arlen, com expectativa.

— Meu pai costumava fazer isso também — falou ele.

— E o mestre Cob? — quis saber Jaik.

Arlen balançou a cabeça.

— Por que faria? Faço tudo que ele pede.

— Então onde você encontra tempo para praticar tarefas de mensageiro? — perguntou Jaik.

— Eu crio tempo — disse Arlen.

— Como? — questionou Jaik.

Arlen ergueu os ombros.

— Acorde cedo e durma tarde. Fuja depois das refeições. Seja lá o que precise fazer. Ou quer passar a vida toda como um moleiro?

— Não há nada de errado em ser um moleiro, Arlen — retorquiu Mery.

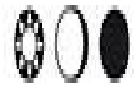
Jaik balançou a cabeça.

— Não, ele tem razão. Se é isso que eu quero, preciso me esforçar mais. — Ele olhou para Arlen. — Vou praticar mais.

— Não se preocupe — disse Arlen. — Se não conseguir entreter os aldeões nos lugarejos, pode ganhar seu pão espantando demônios nas estradas com seu canto.

Os olhos de Jaik estreitaram-se. Mery riu quando ele começou a jogar suas bolas de malabarismo em Arlen.

— Um bom menestrel conseguiria me acertar! — provocou Arlen, esquivando-se com agilidade de cada bolinha lançada.



— Está avançando demais — comentou Cob. Para ilustrar seu ponto, Ragen soltou uma das mãos do escudo e agarrou a lança de Arlen, logo abaixo da ponta, antes que ele pudesse recuá-la. Ele sacudiu e, desequilibrado, o garoto caiu na neve.

— Ragen, tenha cuidado — advertiu Elissa, apertando o xale no ar frio da manhã. — Vai machucá-lo.

— Ele é muito mais gentil que um terraíta seria, milady — falou Cob, alto o bastante para Arlen ouvir. — O objetivo da lança longa é manter os demônios afastados enquanto se recua. É uma arma de defesa. Mensageiros que são muito agressivos com eles, como o jovem Arlen aqui, acabam morrendo. Eu já vi acontecer. Teve uma vez, na estrada para Lakton…

Arlen fechou a cara. Cob era um bom professor, mas tinha a mania de pontuar suas aulas com histórias medonhas sobre a morte de outros mensageiros. Sua intenção era desencorajá-lo, mas as palavras tinham um efeito oposto: apenas fortaleciam a resolução de Arlen de ser bem-sucedido onde aqueles antes dele falharam. Ele se levantou e firmou mais o pé, desta vez com o peso sobre os calcanhares.

— Chega de lanças longas — falou Cob. — Vamos tentar as curtas.

Elissa franziu a testa quando Arlen encaixou a lança de dois metros e meio, e ele e Ragen escolheram lanças menores, com pouco menos de um metro, com pontas medindo um terço de seu comprimento. Essas eram pensadas para a luta próxima, punhalada em vez de fustigada. Ele escolheu um escudo também e os dois enfrentaram-se novamente na neve. Arlen estava mais alto agora, mais largo nos ombros, quinze anos com uma constituição enxuta, resistente. Trajava uma das velhas armaduras de couro de Ragen. Ficava grande nele, mas Arlen já crescera quase o suficiente para preenchê-la.

— Qual o objetivo disso? — perguntou Elissa, exasperada. — Até parece que ele vai chegar tão perto de um demônio e viver para contar.

— Eu já vi acontecer — discordou Cob enquanto assistia à luta de Arlen e Ragen. — E existem outras coisas além de demônios entre as cidades, milady.

Animais selvagens e até mesmo bandidos.

— Quem atacaria um mensageiro? — questionou Elissa, chocada.

Ragen lançou um olhar raivoso para Cob, mas o protetor o ignorou.

— Mensageiros são homens saudáveis — começou a responder — e carregam mercadorias e mensagens valiosas que podem decidir o destino de mercadores e da realeza. A maioria das pessoas não ousaria prejudicar um mensageiro, mas pode acontecer. E os animais… com terraítas abatendo os fracos, apenas os predadores mais fortes permanecem. Arlen! — Gritou o protetor. — O que faria se fosse atacado por um urso?

Sem parar ou tirar os olhos de Ragen, Arlen respondeu:

— Lança longa na garganta, recuar enquanto ele sangra, em seguida atingir pontos vitais quando ele baixar a guarda.

— O que mais pode fazer? — perguntou Cob.

— Ficar deitado, imóvel — falou Arlen com desagrado. — Ursos raramente atacam mortos.

— Um leão? — voltou a perguntar Cob.

— Lança média — retrucou Arlen, defletindo uma fustigada de Ragen com o escudo e contra-atacando. — Golpear no ombro e segurar firme enquanto o felino se empala, em seguida apunhalar com uma lança curta no peito ou na lateral, o que estiver mais à mão.

— Lobo?

— Não quero mais ouvir isso — disse Elissa, irrompendo às pressas para dentro da mansão.

Arlen ignorou-a.

— Uma pancada forte no focinho com uma lança média em geral espanta um lobo solitário — disse ele. — Se não funcionar, usar a mesma tática dos leões.

— E se houver uma alcateia? — perguntou Cob.

— Lobos têm medo de fogo — respondeu Arlen.

— E se encontrar um javali? — quis saber Cob.

Arlen riu.

— Devo “correr como se todas as Profundas estivessem atrás de mim” — repetiu as palavras de seus instrutores.

Arlen acordou sobre uma pilha de livros. Por um momento, perguntou-se onde estava, percebendo enfim que havia adormecido na biblioteca outra vez. Ele olhou pela janela, vendo que já estava bem escuro. Esticou o pescoço para fora, identificando a forma fantasmagórica de um demônio do vento passando lá em cima. Elissa ficaria furiosa.

As histórias que ele estava lendo eram antiquíssimas, remontando à Era da

Ciência. Comentavam sobre os reinos do mundo antigo, Albinon, Thesa, Grande Linm e Rusk, e falavam de mares, lagos enormes e distâncias impossíveis de vencer, com ainda mais reinos em partes longínquas. Era espantoso. Se fosse possível mesmo acreditar nos livros, o mundo era maior do que ele jamais imaginara.

Ele folheou o livro aberto sobre o qual havia dormido e ficou surpreso por encontrar um mapa. Enquanto seus olhos examinavam o nome dos lugares, eles se arregalaram. Ali, tão claro com podia ser, estava o ducado de Miln. Ele olhou mais de perto e viu o rio que Forte Miln usava para retirar a maior parte de sua água doce; também viu as montanhas que ficavam ao fundo. Bem ali, havia uma pequena estrela, marcando a capital.

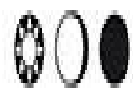
Ele folheou poucas páginas, lendo sobre a Miln antiga. E, como no presente, ela era uma cidade de mineração e exploração de pedreiras, com a vassalagem espalhada por dezenas de quilômetros. O território do duque de Miln incluía muitas vilas e aldeias, terminando no rio Divisor, a fronteira das terras do duque de Angiers.

Arlen lembrou-se de sua jornada e percorreu o dedo a oeste até as ruínas que encontrara, descobrindo que pertenceram ao conde de Newkirk. Quase trêmulo de entusiasmo, Arlen continuou a leitura e descobriu o que procurava: um pequeno canal que se abria para um grande lago. O baronato de Tibbet.

Tibbet, Newkirk e outros pagavam tributos a Miln, que por sua vez, com o duque de Angiers, prestava lealdade ao rei de Thesa.

— Thesanos — sussurrou Arlen, experimentando a palavra. — Somos todos thesanos.

Ele pegou uma pena e começou a copiar o mapa.



— Nenhum de vocês deve repetir esta palavra. — Ronnell estava censurando Arlen e a filha.

— Mas… — começou Arlen.

— Acha que é algo desconhecido? — interrompeu-o o bibliotecário. — Sua excelência ordenou que qualquer um que pronunciasse o nome de Thesa fosse preso. Quer passar anos quebrando rochas nas minas?

— Por quê? — quis saber Arlen. — Que mal poderia causar?

— Antes de o duque fechar a biblioteca, algumas pessoas ficaram obcecadas por Thesa e pelo aliciamento com dinheiro para contratar mensageiros a fim de desbravar pontos perdidos nos mapas — respondeu Ronnell.

— E o que há de errado nisso? — questionou Arlen.

— O rei está morto há três séculos, Arlen — disse Ronnell— e os duques entrariam em guerra antes de se ajoelhar a qualquer um além deles mesmos.

Falar em reunificação lembra as pessoas de coisas que não deveriam lembrar.

— Melhor fingir que as muralhas de Miln são o mundo todo? — perguntou Arlen.

— Até o Criador nos perdoar e enviar seu Salvador para terminar com a Praga — retrucou Ronnell.

— Perdoar do quê? — perguntou Arlen. — Que praga?

Ronnell olhou para Arlen, seus olhos um misto de choque e indignação. Por um momento, Arlen pensou que o sacerdote bateria nele. Ele se preparou para o golpe.

Em vez disso, Ronnell virou-se para a filha.

— É possível que ele não saiba? — perguntou ele, incrédulo.

Mery assentiu com a cabeça.

— O sacerdote no Riacho de Tibbet era… pouco convencional — respondeu ela.

Ronnell concordou.

— Eu lembro. Era um acólito cujo mestre foi morto pelos terraítas e nunca concluiu seu treinamento. Sempre quisemos mandar alguém… — Ele caminhou a passos largos até sua escrivaninha e começou a escrever uma carta. — Isso não pode continuar. Como assim, que Praga?

Ele continuou a murmurar e Arlen aproveitou a deixa para caminhar até a porta.

— Não tão rápido, vocês dois — disse Ronnell. — Estou muito decepcionado com vocês dois. Sei que Cob não é um homem religioso, Arlen, mas esse nível de negligência é realmente imperdoável. — Ele olhou para Mery. — E você, mocinha! Sabia disso e não fez nada?

Mery baixou os olhos.

— Sinto muito, pai.

— Tem que sentir mesmo — comentou Ronnell. Ele tirou um volume grosso da mesa e entregou à filha. — Ensine-o — ordenou ele, entregando-lhe o Cânone. — Se Arlen não conhecer este livro de trás para a frente em um mês, açoito vocês dois!

Mery pegou o livro e os dois saíram o mais rápido possível.

— Nos livramos fácil demais — disse Arlen.

— Demais — concordou Mery. — Meu pai estava certo. Eu devia ter falado antes.

— Não se preocupe com isso — comentou Arlen. — É só um livro. Acabo de ler pela manhã.

— Não é só um livro! — bronqueou Mery. Arlen olhou curioso. — É a palavra do Criador, escrita pelo primeiro Salvador — afirmou Mery.

Arlen ergueu uma sobrancelha.

— Sério?

Mery confirmou com a cabeça.

— Não basta lê-lo. Precisa vivê-lo. Todos os dias. É um guia para tirar a humanidade do pecado que trouxe a Praga.

— Mas que praga é essa? — perguntou Arlen pela centésima vez.

— Os demônios, claro — falou Mery. — Os terraítas.

Arlen sentou-se no telhado da biblioteca poucos dias depois, os olhos fechados enquanto recitava:

E, novamente, o homem tornou-se orgulhoso e ousado
Virando-se contra o Criador e o Salvador.
Escolheu não honrar quem lhe deu a vida,
Virando as costas para a moralidade.

A ciência tornou-se sua nova religião,
Substituindo a oração pela máquina e a química,
Curando aqueles que deviam morrer
Ele pensou que era igual a seu criador.

Irmão lutou contra irmão, sem benefício a nenhum deles.
Pela falta do mal exterior, ele cresceu por dentro,
Semeando no coração e na alma dos homens,
Obscurecendo o que antes era puro e claro.

E, assim, o Criador, em sua sabedoria,
Lançou uma praga sobre seus filhos perdidos,
Abrindo as Profundezas novamente
Para mostrar ao homem o erro de seus caminhos.

E assim será
Até o dia em que ele enviar um novo Salvador.
Pois quando o Salvador purgar o homem
Os terraítas não terão nada com que se alimentar.

E, olhai, vós conhecereis o Salvador
Pois ele será marcado na carne nua
E os demônios não suportarão a visão
E fugirão aterrorizados diante d'ele.

— Muito bem! — parabenizou Mery com um enorme sorriso. Arlen franziu a testa.

— Posso perguntar uma coisa?

— Claro — disse Mery.

— Acredita mesmo nisso? — questionou Arlen. — O sacerdote Harral sempre disse que o Salvador era apenas um homem. Um grande general, mas um homem, mortal. Cob e Ragen também dizem isso.

Os olhos de Mery arregalaram-se.

— Melhor não deixar que meu pai nunca ouça você dizendo isso — alertou ela.

— Acredita que os terraítas existem por nossa culpa? — questionou Arlen. — Que os merecemos?

— Claro que acredito — respondeu ela. — É a palavra do Criador.

— Não. É um livro. Livros são escritos por homens. Se o Criador quisesse nos dizer alguma coisa, por que usaria um livro em vez de escrever com fogo no céu?

— Às vezes, é difícil acreditar que existe um Criador lá em cima, observando — comentou Mery, erguendo os olhos para o céu —, mas como poderia ser diferente? O mundo não se criou sozinho. Que força as proteções teriam sem uma vontade atrás da criação?

— E a Praga? — indagou Arlen.

Mery ergueu os ombros.

— As histórias falam sobre guerras terríveis. Talvez nós tenhamos realmente merecido.

— Merecido? — contestou Arlen. — Minha mãe *não* mereceu morrer por causa de uma guerra estúpida que aconteceu séculos atrás.

— Sua mãe foi levada? — perguntou Mery, tocando o braço dele. — Arlen, eu não sabia…

Arlen puxou o braço para longe.

— Não faz diferença — disse ele, caminhando às pressas na direção da porta. — Tenho proteções para talhar, mesmo que eu não entenda muito bem o motivo, já que todos merecemos demônios em nossas camas.

13
DEVE HAVER MAIS
– 326 DR –

LEESHA CURVOU-SE NA HORTA, selecionando as ervas do dia. Algumas ela puxava do solo com raiz e caule. De outras, arrancava algumas folhas ou usava o dedão para tirar um botão de seu caule.

Orgulhava-se da horta atrás da cabana de Bruna. A mulher estava velha demais para manter o pequeno canteiro e Darsy havia falhado em deixar a terra batida produtiva, mas Leesha tinha boas mãos. Agora, muitas das ervas que ela e Bruna passaram horas pesquisando nas florestas cresciam bem à sua porta, seguras entre postes protetores.

— Você tem mente rápida e dedo verde — disse Bruna quando os primeiros brotos nasceram do solo. — Em pouco tempo será uma ervanária melhor que eu.

O orgulho que aquelas palavras deram a Leesha era um sentimento novo. Talvez nunca chegasse ao mesmo nível de Bruna, mas a velha não era alguém de palavras gentis ou elogios vazios. Ela via algo em Leesha que outros não tinham e a garota não queria decepcionar.

De cesto cheio, Leesha limpou as mãos e levantou-se, seguindo para a cabana,

mesmo que não se pudesse mais chamá-la de cabana. Erny recusara-se a ver sua filha viver na pobreza e enviara carpinteiros e reparadores de telhado para melhorar as fracas paredes e substituir o sapé desgastado. Logo, pouco havia que não fosse novo e os acréscimos mais que dobraram o tamanho da estrutura.

Bruna reclamara o tempo todo do barulho enquanto os homens trabalhavam, mas seus resmungos haviam arrefecido agora que o frio e a umidade foram deixados do lado de fora. Com Leesha cuidando dela, a senhora parecia estar ficando mais forte com o passar dos anos, e não mais fraca.

Leesha também ficou feliz que o trabalho havia sido concluído. Os homens começaram a olhar para ela de um jeito diferente já próximo do fim.

O tempo dera a Leesha as formas exuberantes da mãe. Era algo que sempre quisera, mas parecia menos vantajoso agora. Na aldeia, os homens observavam-na com desejo e os rumores de seu namoro com Gared, apesar de tantos anos passados, ainda permanecia em muitas mentes, fazendo mais de um homem pensar que ela seria receptiva a ofertas libertinas sussurradas. A maioria desses homens era dissuadida com um franzir de cenho e uns poucos com tapas na cara. Evin precisou de um sopro de pimenta e erva fedida para lembrá-lo de sua noiva grávida. Um punhado do pó cegante era uma das muitas coisas que Leesha mantinha na profusão de bolsos em seu avental e na saia.

Claro, mesmo que tivesse algum interesse em qualquer dos homens na cidade, Gared cuidava para que ninguém conseguisse se aproximar dela. Qualquer homem que não fosse Erny, flagrado falando com Leesha sobre algo além do trabalho de ervanária, recebia um duro lembrete de que, na mente do lenhador bronco, ela ainda estava prometida. Mesmo o discípulo Jona começava a suar quando Leesha o cumprimentava.

O aprendizado dela terminaria em breve. Sete anos e um dia pareceram uma eternidade quando Bruna anunciara, mas os anos voaram e o fim chegaria em alguns dias. Leesha já seguia sozinha a cada dia para atender aqueles na cidade que precisavam dos serviços da ervanária, raramente pedindo conselho de Bruna, quando a necessidade era extrema. Bruna precisava descansar.

— O duque julga a capacidade de uma ervanária mais pela quantidade de bebês que nascem do que pelas pessoas que morrem a cada ano — dissera Bruna no primeiro dia —, mas concentre-se no que está entre quem nasce e morre, e daqui a um ano as pessoas da Clareira do Lenhador não saberão como ficar sem você.

Isso se revelou verdadeiro. A partir daquele momento, Bruna levou-a para todos os lugares, ignorando o pedido de privacidade de muitos. Cuidar dos ainda não nascidos da maioria das mulheres na cidade e preparar chá de pomo para o restante fez com que Leesha logo recebesse todo tipo de cortesia e as pessoas apresentavam todos os problemas do corpo sem pensar duas vezes.

Contudo, ainda era uma estranha. As mulheres falavam como se fosse

invisível, tagarelando cada segredo da vila com liberdade, como se ela fosse o travesseiro.

— E é isso que você é — dizia Bruna quando Leesha ousava reclamar. — Não está lá para julgar a vida deles, apenas para tratar da saúde. Quando veste aquele avental com bolsos, jura manter sigilo, não importa o que ouça. Uma ervanária precisa de confiança para fazer seu trabalho, algo que deve ser conquistado. Nenhum segredo deve sair dos seus lábios, a menos que guardá-lo a impeça de curar outra pessoa.

Então, Leesha refreou sua língua e as mulheres começaram a confiar nela. Assim que as mulheres estavam em suas mãos, os homens logo seguiram-nas, com frequência empurrados por suas mulheres. Mas o avental os mantinha longe de qualquer forma. Leesha sabia a aparência de quase todo homem na vila quando estava nu, mas nunca ficou íntima de nenhum; e, embora as mulheres pudessem cantar louvores para ela e lhe enviar presentes, não havia nenhuma a quem poderia contar os próprios segredos.

Apesar de tudo isso, Leesha foi muito mais feliz nos últimos sete anos do que fora nos treze anos anteriores ao aprendizado com Bruna. O mundo da velha ervanária era muito mais amplo do que aquele que sua mãe lhe impusera. Havia dor quando era forçada a fechar os olhos de alguém, mas também havia alegria ao retirar a criança do ventre da mãe e provocar seu primeiro choro com um tapa firme.

Logo seu aprendizado estaria terminado e Bruna se aposentaria de uma vez por todas. Segundo a velha, não viveria muito mais depois disso. O pensamento aterrorizava Leesha em diversos aspectos.

Bruna era seu escudo e sua espada, sua proteção impenetrável contra a aldeia. O que ela faria sem esse esteio? Leesha não dominava a arte de gritar ordens e derrubar os tolos como Bruna. E, sem Bruna, quem ela teria para falar como pessoa, não como ervanária? Quem enxugaria suas lágrimas e escutaria suas dúvidas? Pois dúvida era uma quebra de confiança também. As pessoas dependiam da confiança de sua ervanária.

Em seus pensamentos mais privados, havia ainda mais. A Clareira do Lenhador parecia pequena para ela. As portas abertas pelas lições de Bruna não se fechariam facilmente — uma lembrança constante não do que ela sabia, mas de quanto ainda não sabia. Sem Bruna, essa jornada se encerraria.

Entrou em casa, vendo Bruna à mesa.

— Bom dia — cumprimentou Leesha. — Não esperava você acordada tão cedo; teria feito o chá antes de ir à horta. — Ela baixou o cesto e olhou para o fogo, vendo o caldeirão fumegante quase borbulhando.

— Estou velha — resmungou Bruna —, mas não tão cega e inválida que não possa fazer meu chá.

— Claro que não — falou Leesha, beijando o rosto da mulher. — Está em

forma o bastante para bater machado junto com os lenhadores.

Ela riu da careta de Bruna e pegou a farinha para o mingau.

Os anos juntas não haviam suavizado o tom de Bruna, mas Leesha mal o percebia agora, ouvindo apenas a afeição por trás dos resmungos da mulher, e respondia com a mesma moeda.

— Você foi pegar ervas cedo hoje — comentou Bruna enquanto comiam. — Ainda dá para sentir o odor pútrido no ar.

— Só você para reclamar do fedor estando cercada por flores frescas — Leesha retrucou. De fato, ela mantinha flores em toda a cabana, o que enchia o ar de doçura.

— Não mude de assunto — implicou Bruna.

— Um mensageiro veio na noite passada — respondeu Leesha. — Ouvi a trombeta.

— Pouco antes do pôr do sol. Descuidado — resmungou Bruna, cuspindo no chão.

— Bruna! O que eu lhe disse sobre cuspir dentro de casa? — bronqueou Leesha.

A anciã olhou para ela, os olhos baços estreitando-se.

— Você me disse que esta é minha maldita casa e eu posso cuspir onde eu quiser.

Leesha franziu o cenho.

— Tenho certeza de que falei outra coisa — disse ela, refletindo.

— Não se você for mais esperta do que seus peitos fazem pensar — retrucou Bruna, bebericando o chá.

Leesha ficou boquiaberta, numa indignação fingida, mas estava acostumada com coisas piores vindas da velha. Bruna fazia e dizia o que desejava e ninguém conseguia dissuadi-la.

— Então foi o mensageiro que te acordou tão cedo. Está esperando aquele bonito? Qual é o nome dele? Aquele que fez cara de cãozinho pidão para você?

Leesha sorriu, maliciosa.

— Pareciam mais olhos de lobo.

— Isso também pode ser bom! — A velha soltou uma risadinha, dando um tapa no joelho de Leesha. Leesha sacudiu a cabeça e levantou-se para retirar a mesa.

— Qual o nome dele? — insistiu Bruna.

— Não é nada disso — respondeu Leesha.

— Sou velha demais para essas frescuras, mocinha. Nome?

— Marick — disse Leesha, revirando os olhos.

— Posso fazer um bule de chá de pomo para a visita do jovem Marick — perguntou Bruna.

— É isso que todo o mundo pensa? — perguntou Leesha. — Gosto de

conversar com ele. E só.

— Não sou tão cega a ponto de não enxergar que o garoto tem mais em mente do que tagarelar — falou Bruna.

— Ah, é? — perguntou Leesha, cruzando os braços. — Quantos dedos tenho aqui, levantados?

Bruna bufou e disse, sem desviar o olhar de Leesha:

— Nenhum. Já tenho idade suficiente para conhecer esse truque, do mesmo jeito que sei que Maverick, o mensageiro, não te fitou nenhuma vez nos olhos em todas as conversas que tiveram.

— O nome dele é Marick — repetiu Leesha — e ele me olhou, sim.

— Só quando não podia ver direito o seu colo — a velha retrucou.

— Você está impossível — bufou Leesha.

— Não precisa ficar envergonhada. — Bruna a acalmou. — Se eu tivesse tetas como as suas, também as exibiria.

— Eu não exibo *nada*! — gritou Leesha, apenas para Bruna gargalhar de novo.

Uma trombeta soou, não muito longe.

— Deve ser o jovem mestre Marick — informou Bruna. — É melhor se apressar e se enfeitar.

— Não é nada disso! — repetiu Leesha, mas Bruna dispensou-a com um aceno de mão.

— Vou fazer o chá, por via das dúvidas. — Leesha jogou um trapo na velha e mostrou a língua para ela, caminhando na direção da porta.

Lá fora, no alpendre, não conseguiu evitar o sorriso enquanto esperava o mensageiro. Bruna pressionava-a para encontrar um homem quase da mesma forma que sua mãe, mas a velha o fazia por amor. Queria apenas que Leesha fosse feliz, e Leesha a amava muito por isso. Mas, apesar das provocações da anciã, estava mais interessada nas cartas que Marick carregava do que em seus olhos lupinos.

Desde que era menina, ela amava os dias de mensageiro. A Clareira do Lenhador era um lugarejo, mas ficava na estrada entre as três maiores cidades e de uma dúzia de vilarejos. Entre a madeira da Clareira e o papel de Erny, era parte importante da economia da região.

Os mensageiros visitavam a Clareira ao menos duas vezes ao mês e, embora a maior parte das cartas fosse deixada com Smitt, eles as entregavam para Erny e Bruna pessoalmente, não raro esperando respostas. Bruna correspondia-se com as ervanárias nos Fortes Rizon e Angiers, Lakton e diversos vilarejos. Como a visão da senhora era ruim, a tarefa de ler as cartas e escrever as respostas de Bruna cabia a Leesha.

Mesmo de longe, Bruna inspirava respeito. De fato, a maioria das ervanárias na área foram alunas dela em um momento ou outro. Buscavam seu aconselhamento para a cura de enfermidades que estivessem além da

experiência das outras e ofertas para enviar aprendizes chegavam com cada mensageiro. Ninguém desejava que seus conhecimentos desaparecessem do mundo.

— Sou velha demais para dobrar outra novata! — queixava-se Bruna, acenando a mão com desdém, e Leesha escrevia uma recusa educada, algo que ela já se acostumara.

Tudo isso dava a Leesha muitas oportunidades de falar com mensageiros. A maioria deles tinha segundas intenções, era verdade, ou tentava impressioná-la com histórias das Cidades Livres. Marick era um desses.

Mas as histórias dos mensageiros tocavam Leesha. Sua intenção talvez fosse abrir caminho para debaixo de suas saias, mas as imagens que suas palavras delineavam permaneciam nos sonhos da jovem. Ela ansiava por caminhar nas docas de Lakton, ver os grandes campos protegidos de Forte Rizon ou vislumbrar Angiers, a fortaleza da floresta; ler seus livros e encontrar suas ervanárias. Havia outros guardiães de conhecimento do mundo antigo, se ousasse procurá-los.

Ela sorriu quando Marick apareceu. Mesmo longe, ela conhecia seu caminhar, as pernas levemente arqueadas por uma vida sobre o lombo do cavalo. O mensageiro era angieriano, pouco mais alto que Leesha, com seu um metro e setenta e pouco. Contudo, havia uma dureza esbelta nele, e Leesha não exagerara sobre seus olhos de lobo. Ele pairava com calma predadora, buscando ameaças… e presas.

— Ei, Leesha! — chamou ele, erguendo a lança na direção dela.

Leesha levantou a mão em cumprimento.

— Precisa mesmo carregar essa coisa em plena luz do dia? — questionou, apontando a lança.

— E se um lobo aparecer? — devolveu Marick com um sorrisinho. — Como vou defendê-la?

— Não há muitos lobos na Clareira do Lenhador — respondeu Leesha quando ele se aproximou. Tinha cabelos castanhos bem longos e olhos cor de casca de árvore. Não se podia negar que era bonito.

— Um urso, então — insistiu Marick quando chegou à cabana. — Ou um leão. Há muitos predadores por aí — disse ele, espiando o decote dela.

— Disso eu sei muito bem — retrucou Leesha, arrumando o xale para cobrir a pele exposta.

Marick riu, baixando sua bolsa de mensageiro no alpendre.

— Xales saíram de moda — informou ele. — Nenhuma mulher em Angiers ou Rizon os usa mais.

— Então aposto que seus vestidos são de gola alta ou os homens são mais sutis — retrucou Leesha.

— Golas altas. — Marick concordou com uma risada, fazendo uma grande mesura. — Eu poderia te trazer um vestido angieriano de gola alta — sussurrou,

aproximando-se.

— Quando eu teria oportunidade de usá-lo? — questionou Leesha, afastando-se antes que o homem a encurralasse.

— Venha para Angiers — convidou o mensageiro. — Use-o lá.

Leesha suspirou.

— Eu gostaria.

— Talvez você tenha uma oportunidade — disse o mensageiro, com malícia, curvando-se e estendendo o braço para indicar que Leesha devia entrar na cabana antes dele. Leesha sorriu e continuou, mas sentiu os olhos em seu traseiro quando passou.

Bruna estava de volta à poltrona quando entraram. Marick avançou até ela e fez uma grande mesura.

— Jovem mestre Marick! — disse Bruna, radiante. — Que surpresa mais agradável!

— Trago os cumprimentos da mestra Jizell, de Angiers — falou Marick. — Ela pede a ajuda da senhora num caso inquietante. — Ele procurou algo na bolsa e apresentou um rolo de papel, atado com um cordão.

Bruna indicou para que Leesha pegasse a carta e recostou-se, fechando os olhos enquanto a aprendiz começava a leitura.

— Prezada Bruna, cumprimentos do Forte Angiers no ano de 326 DR — começou Leesha.

— Jizell matraqueava muito quando era minha aprendiz e escreve da mesma forma — interrompeu Bruna. — Não vou viver para sempre. Vamos ao caso.

Leesha percorreu a página com os olhos, virando-a e olhando o verso também. Estava na segunda página antes de encontrar o que estava procurando.

— Um garoto — retomou Leesha —, dez anos. Levado ao hospital pela mãe, reclamando de náuseas e fraqueza. Nenhum outro sintoma ou histórico de doença. Deram raiz amarga, água e repouso. Os sintomas aumentaram nos três dias seguintes, com aumento de brotoejas nos braços, pernas e peito. Raiz amarga aumentada para noventa gramas no decorrer de vários dias. Os sintomas pioraram com mais febre e bolhas duras e brancas crescendo das brotoejas. Unguentos sem efeito. Vômito em seguida. Cardiofolhas e papoula para a dor, leite ralo para o estômago. Sem apetite. Não parece ser contagioso.

Bruna ficou por um bom tempo em silêncio, digerindo as palavras. Ela olhou para Marick e perguntou:

— Viu o garoto?

O mensageiro assentiu com a cabeça.

— Ele estava suando? — continuou Bruna.

— Estava — confirmou Marick —, mas tremia também, como se estivesse quente e frio ao mesmo tempo.

Bruna resmungou e perguntou:

— Que cor eram as unhas?

— Da cor de unhas — respondeu Marick com uma risadinha.

— Dê uma de espertinho comigo e você vai se arrepender — alertou Bruna.

Marick empalideceu. A velha o questionou por mais alguns minutos, resmungando ocasionalmente com as respostas. Mensageiros eram conhecidos por sua memória aguda e observação perspicaz, e Bruna não parecia duvidar dele. Por fim, ela acenou para ele se calar.

— Mais alguma anotação na carta? — perguntou Bruna.

— Quer enviar outra aprendiz para você — disse Leesha. Bruna fechou a carranca.

— "Eu tenho uma aprendiz, Vika, que quase concluiu seu treinamento" — leu Leesha —, "assim como, segundo dizem suas cartas, a senhora tem. Se não estiver disposta a aceitar uma novata, por favor, considere uma troca."

Leesha arfou e Marick abriu um sorriso astucioso.

— Não falei para parar de ler — rouquejou Bruna.

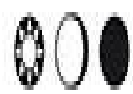
Leesha pigarreou e continuou a ler:

— "Vika é a mais promissora e bem-equipada para atender às necessidades da Clareira do Lenhador, bem como cuidar da sábia Bruna e aprender com ela. Certamente, Leesha também poderia aprender muito cuidando dos doentes no meu hospital. Por favor, eu lhe imploro, deixe ao menos mais uma se beneficiar da sábia Bruna antes que ela se vá deste mundo."

Bruna ficou em silêncio por um tempo. Por fim, disse:

— Vou pensar nisso por um tempo antes de responder. Vá fazer sua ronda pela vila, garota. Conversaremos sobre isso quando voltar. — Depois disse para Marick: — Você terá uma resposta amanhã. Leesha vai entregar seu pagamento.

O mensageiro curvou-se e saiu da casa quando Bruna recostou-se e fechou os olhos. Leesha conseguia sentir o coração acelerar, mas sabia que não seria bom interromper a velha enquanto ela repassava as muitas décadas de sua memória buscando uma maneira de tratar o menino. Leesha recolheu o cesto e saiu para fazer sua ronda.



Marick a aguardava quando Leesha saiu.

— Você sabia o que havia naquela carta desde o início — acusou Leesha.

— Claro — concordou Marick. — Eu estava lá quando ela escreveu.

— Mas não disse nada — retrucou Leesha.

Marick esgarçou os dentes num sorriso.

— Eu ofereci a ela um vestido de gola alta. A oferta ainda está de pé.

— Veremos. — Leesha sorriu, estendendo uma bolsinha de moedas. — Seu pagamento.

— Eu preferia que você me pagasse com um beijo — disse Marick.

— Você me deixa convencida dizendo que meus beijos valem mais que ouro — retrucou Leesha. — Tenho medo de decepcionar.

Marick riu.

— Minha cara, se eu enfrentasse demônios da noite em todo o caminho para Angiers e voltasse com apenas um beijo seu, faria inveja em todos os mensageiros que já passaram pela Clareira do Lenhador.

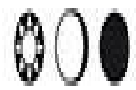
— Bem, neste caso — disse Leesha com uma risada —, acho que vou guardar meus beijos um pouco mais; talvez eu consiga um preço melhor.

— Você acaba comigo assim — disse Marick, levando a mão ao peito. Leesha jogou a bolsinha nele, que a agarrou com habilidade.

— Talvez eu possa ter ao menos a honra de escoltar a ervanária até a vila? — perguntou com um sorriso. Fez uma grande mesura e estendeu o braço para ela tomá-lo. Leesha sorriu, mesmo sem querer.

— Não fazemos as coisas tão rápido na Clareira — disse ela, olhando para o braço —, mas pode levar meu cesto.

Ela pendurou o cesto no braço estendido do rapaz e partiu para a cidade, deixando-o para trás, desconcertado.



O mercado de Smitt estava fervilhando quando chegaram à aldeia. Leesha gostava de chegar cedo, antes que os melhores produtos acabassem, e de fazer a encomenda com Dug, o açougueiro, antes de partir em sua ronda.

— Dia, Leesha — disse Yon Grisalho, o homem mais velho da Clareira do Lenhador. Sua barba branca, que ostentava com orgulho, era mais longa que os cabelos da maioria das mulheres. Lenhador robusto no passado, Yon perdera muito de sua força nos últimos anos e agora apoiava-se numa bengala.

— Dia, Yon — respondeu Leesha. — Como estão as juntas?

— Ainda doem — comentou Yon. — Principalmente as mãos. Às vezes, mal consigo segurar a bengala.

— Mesmo assim, consegue me beliscar sempre que viro as costas — observou Leesha.

Yon deu uma risadinha.

— Para um velho como eu, menina, isso vale qualquer dor.

Leesha tirou do cesto um pequeno jarro e disse:

— Que bom que fiz mais unguento doce para o senhor. Poupou o trabalho de levá-lo à sua casa.

Yon abriu um sorriso.

— Sempre será bem-vinda para passar em casa e ajudar a passar o unguento — disse ele com uma piscadela.

Leesha tentou não rir, mas o esforço foi vão. Yon era um malicioso, mas ela gostava bastante dele. Viver com Bruna ensinou-a que as excentricidades da idade eram um preço pequeno a pagar por ter uma longa vida de experiências para explorar.

— Temo que terá de se virar sozinho.

— Bah! — Yon sacudiu a bengala, numa irritação fingida. — Bem, pense nisso.

Ele olhou para Marick antes de partir e meneou a cabeça.

— Mensageiro.

Marick devolveu o meneio de cabeça e o velho se afastou.

Todos no mercado cumprimentavam Leesha com uma palavra gentil e ela parava para perguntar da saúde de cada um, sempre trabalhando, mesmo ao fazer compras.

Embora ela e Bruna ganhassem dinheiro suficente com a venda de palitos de fogo e afins, ninguém aceitava sequer um klat pelas suas compras. Bruna não pedia dinheiro para curar e ninguém pedia dinheiro dela para nada.

Marick ficava a uma curta distância para protegê-la enquanto ela apertava frutas e legumes com mão ágil. Ele atraía olhares, mas Leesha pensou que era mais por estar com ela do que pela presença de um estranho no mercado. Os mensageiros eram bem comuns na Clareira do Lenhador.

Ela flagrou o olhar de Keet — filho de Stefny, se não de Smitt. O garoto tinha quase onze verões e parecia cada vez mais com o sacerdote Michel. Stefny manteve sua parte do acordo com o passar dos anos, e não maldisse Leesha desde que iniciara seus anos de aprendiz. Seu segredo estava seguro no que dizia respeito a Bruna, mas Leesha não conseguia entender como Smitt não enxergava a verdade encarando-o toda noite à mesa do jantar.

Ela acenou e Keet correu até ela.

— Leve esta bolsa para Bruna assim que suas tarefas permitirem — disse Leesha, entregando-lhe suas compras. Ela sorriu para ele e, secretamente, lhe passou um klat.

Keet abriu um largo sorriso pelo presente. Adultos nunca aceitavam dinheiro de uma ervanária, mas Leesha sempre entregava às crianças algo pelo serviço extra. O disquinho de madeira envernizada de Angiers era a principal moeda da Clareira do Lenhador e compraria doces rizonanos para Keet e seus irmãos quando o próximo mensageiro viesse.

Ela estava pronta para partir quando viu Mairy e caminhou para cumprimentá-la. Sua amiga estivera ocupada nos últimos anos; três filhos para agarrarem-se às saias agora. Um jovem soprador de vidro de nome Benn deixou Angiers em busca de fortuna em Lakton ou Forte Rizon. Parou na Clareira do Lenhador para fazer negócios e juntar mais alguns klats antes da próxima parte da jornada. Porém, ele conheceu Mairy e aqueles planos dissolveram-se como

açúcar no chá.

Agora Benn fazia negócios no celeiro do pai de Mairy e o empreendimento ia de vento em popa. Comprava bolsas de areia dos mensageiros de Forte Krasia e as transformava em coisas belas e funcionais. A Clareira nunca tivera um soprador de vidro antes e todos queriam suas peças.

Leesha também ficou feliz com o acontecimento e logo Benn estava fazendo os componentes delicados das destilarias que apareciam nos livros de Bruna e permitiam filtrar a força das ervas e preparar curas muito mais poderosas do que a Clareira jamais vira.

Benn e Mairy logo se casaram e, pouco tempo depois, Leesha estava tirando o primeiro filho do meio das pernas de Mairy. Dois outros se seguiram em pouco tempo e Leesha amava cada um como se fosse dela. Ficou honrada e emocionada quando deram seu nome para a filha mais nova.

— Bom dia, sacripantas — disse Leesha, agachando-se para deixar os filhos de Mairy se jogarem em seus braços. Ela os abraçou com força e os beijou, entregando balas enroladas em papel antes de levantar-se. Ela mesma fizera as balas, outra coisa que aprendera com Bruna.

— Bom dia, Leesha — disse Mairy, fazendo uma pequena mesura. Leesha refreou uma careta. Ela e Mairy ficaram próximas com o passar dos anos, mas Mairy a olhava de um jeito diferente quando Leesha usava o avental cheio de bolsos e nada parecia ser capaz de mudar isso. A mesura parecia inculcada.

Ainda assim, Leesha valorizava a amizade. Saira ia em segredo até a cabana de Bruna, implorando por chá de pomo, mas seu relacionamento terminou aí. Segundo as mulheres da cidade diziam, Saira continuava se divertindo bastante. Comentavam que metade dos homens da vila batia à sua porta de vez em quando e sempre tinha mais dinheiro do que as costuras que ela e sua mãe aceitavam poderiam trazer.

Em alguns aspectos, Brianne estava ainda pior. Não falou com Leesha nos últimos sete anos, mas sempre tinha uma maldade a dizer sobre ela para todos. Começou a procurar Darsy para obter seus remédios e seus namoricos com Evin rapidamente lhe deram uma barriga redonda. Quando o sacerdote Michel a questionara, ela apontou Evin como pai em vez de enfrentar a aldeia sozinha.

Evin casou-se com Brianne tendo a ponta do forcado do pai dela nas costas e um irmão da noiva de cada lado. Desde então, fez questão de tornar a vida dela e do filho, Callen, uma desgraça.

Brianne provou ser uma mãe e esposa decente, mas nunca perdera o peso que ganhara durante a gravidez e Leesha sabia pessoalmente como os olhos — e as mãos — de Evin rodavam por aí. A boataria não raro batia nas portas de Saira.

— Bom dia, Mairy — falou Leesha. — Já conheceu o mensageiro Marick?

Leesha virou-se para apresentar o homem, mas viu que ele não estava mais perto dela.

— Ah, não — disse ela, vendo-o frente a frente com Gared no mercado.

Aos quinze, Gared era maior que qualquer um na vila, exceto seu pai. Agora, aos vinte e dois, ele era gigante, quase dois metros e quinze de músculos, enrijecidos por longos dias de machado em punho. Diziam que talvez ele tivesse sangue milnese, pois nenhum angieriano ficava assim tão grande.

O boato sobre sua mentira espalhou-se pela aldeia e, desde então, as garotas mantinham distância, com medo de ficarem sozinhas com ele. Talvez por isso ainda desejasse Leesha; talvez tivesse continuado assim de qualquer forma. Mas Gared não aprendia com as lições do passado. Seu ego desenvolvera-se com seus músculos e agora era o brigão que todos sabiam que de fato seria. Os garotos que costumavam provocá-lo agora estremeciam a cada palavra dele e se para estes ele era cruel, para aqueles imprudentes o bastante para lançar olhares para Leesha ele era um terror.

Gared esperava por ela, agindo como se Leesha fosse um dia cair em si e perceber que pertencia a ele. Qualquer tentativa de convencê-lo do contrário deparava-se com uma teimosia de uma cabeça dura como madeira maciça.

— Você não é daqui — ela ouviu Gared dizer, cutucando o ombro de Marick —, então talvez não tenha ouvido falar que Leesha está prometida. — Ele se agigantou diante do mensageiro como um homem adulto que se aproxima de um jovenzinho.

Mas Marick não titubeou nem se moveu com os cutucões de Gared. Ficou totalmente parado, seus olhos lupinos sem deixar sequer uma vez os de Gared. Leesha rezou para que ele tivesse juízo e não aceitasse a provocação.

— De acordo com ela, não — respondeu Marick, e as esperanças de Leesha esvaíram-se. Ela começou a aproximar-se deles, mas uma multidão já se formava ao redor dos homens, impedindo-a de passar. Desejava ter o cajado de Bruna para ajudar a abrir caminho.

— Ela fez votos de promessa para você, mensageiro? — questionou Gared. — Ela os fez para mim.

— Eu soube — retrucou Marick. — Também ouvi dizer que você é o único tolo na Clareira que pensa que aquelas palavras significam alguma coisa depois que a traiu.

Gared rugiu e tentou agarrar o mensageiro, mas Marick foi mais rápido, esquivando-se tranquilamente para o lado e erguendo a lança, batendo com o cabo exatamente entre os olhos do lenhador. Ele girou a lança num movimento suave, acertando atrás dos joelhos de Gared quando este cambaleou para trás, lançando-o de costas ao chão.

Marick bateu a lança de volta no chão, ficando em cima de Gared, os olhos de lobo friamente confiantes.

— Eu poderia ter usado a ponta — avisou. — Lembre-se bem disso. Leesha fez votos para si mesma.

Todos na multidão estavam boquiabertos, mas Leesha continuava abrindo caminho desesperadamente, pois conhecia Gared e sabia que a confusão não havia acabado.

— Parem com essa idiotice! — gritou ela. Marick olhou para ela e Gared aproveitou a chance para agarrar a extremidade da lança. A atenção do mensageiro voltou-se para ele, que agarrou o cabo com ambas as mãos para se livrar da lança.

Era a última coisa que deveria ter feito. Gared tinha a energia de um demônio da rocha e, mesmo deitado, ninguém conseguia superá-lo em força. Seus braços musculosos contraíram-se e Marick voou pelo ar.

Gared ergueu-se e quebrou a lança de quase dois metros ao meio como um galho de árvore.

— Vamos ver como você luta quando não se esconde atrás de uma lança — disse ele, jogando os pedaços ao chão.

— Gared, não! — gritou Leesha, empurrando os últimos curiosos e agarrando seu braço. Ele a empurrou de lado, sem tirar os olhos de Marick. O simples movimento mandou-a de volta para a multidão, onde ela despencou entre Dug e Niklas, caindo num emaranhado de corpos.

— Parem! — berrou Leesha em desespero, lutando para se erguer.

— Nenhum outro homem vai ter você — disse-lhe Gared. — Você vai ficar comigo ou acabar enrugada e sozinha como Bruna!

Ele avançou na direção de Marick, que tinha acabado de se levantar.

Gared desferiu um soco no mensageiro, mas novamente Marick foi mais rápido. Desviou do golpe, dando dois socos rápidos no corpo de Gared, recuando bem antes da nova feroz investida do lenhador.

Se Gared sentiu os golpes do outro, não deu sinal. Repetiram-se os golpes, mas desta vez Marick acerto em cheio o nariz do outro. O sangue jorrou e Gared riu, cuspindo-o pela boca.

— É só isso que consegue fazer? — perguntou Gared.

Marick rosnou e se lançou para a frente, despejando uma onda de socos. Gared não conseguia acompanhar, apesar de tentar, cerrando os dentes e resistindo, seu rosto vermelho de ódio.

Após alguns momentos, Marick recuou, ficando numa posição felina de luta, seus punhos erguidos e prontos. Os nós dos dedos estavam esfolados e ele ofegava. Gared parecia pouco afetado. Pela primeira vez, o medo invadiu os olhos lupinos de Marick.

— Isso é tudo? — perguntou Gared, avançando novamente.

O mensageiro saltou sobre ele de novo, mas desta vez não foi tão rápido. Bateu uma, duas vezes, e em seguida os dedos grossos de Gared conseguiram agarrar seu ombro, apertando-o. O mensageiro tentou sair do alcance, mas foi pego com rapidez.

Gared deu um soco na barriga do mensageiro e os pulmões do rapaz se esvaziaram. O lenhador bateu novamente, desta vez na cabeça, e Marick despencou no chão como um saco de batatas.

— Nada convencido agora, não é? — urrou Gared. Marick tentou erguer-se, esforçando-se para se levantar, mas Gared chutou sua barriga com tudo, derrubando o mensageiro de costas.

Leesha avançou quando Gared se ajoelhou sobre Marick, desferindo golpes pesados.

— Leesha é minha! — ele gritava. — E qualquer um que falar o contrário vai…!

Suas palavras foram interrompidas quando Leesha jogou um punhado de pó cegante de Bruna no rosto do lenhador. Sua boca ainda estava aberta e ele o inalou por reflexo, gritando enquanto o pó queimava olhos e garganta, o nariz em chamas e o rosto como se ferido com água fervente. Ele saiu de cima de Marick, rolando no chão, engasgando e esfregando o rosto.

Leesha sabia que tinha usado pó demais. Uma pitada faria a maioria dos homens despencar, mas um bom bocado poderia matar, fazendo a pessoa se asfixiar com a própria saliva.

Ela fechou os olhos e abriu caminho entre os curiosos boquiabertos, agarrando um balde d'água que Stefny estava usando para lavar batatas. Ela o jogou em cima de Gared e suas convulsões aliviaram. Ele ficaria cego por horas, mas ela não teria assinado a sentença de morte do lenhador.

— Nossos votos estão quebrados — disse Leesha para ele —, agora e para sempre. Nunca vou ser sua mulher, nem que isso signifique morrer encarquilhada e sozinha! Prefiro me casar com um terraíta!

Gared resmungou, sem mostrar sinais de que ouvira.

Ela foi até Marick, ajoelhando-se e ajudando-o a se sentar. Pegou um pano limpo e tirou o sangue do rosto, dele, que já estava começando a inchar e arroxear.

— Acho que demos uma lição nele, hein? — perguntou o mensageiro, dando uma risadinha fraca e encolhendo por conta da dor no rosto.

Leesha despejou no pano um pouco de álcool forte que Smitt preparava no porão.

— Aaai! — ofegou Marick quando sentiu o toque do pano.

— Bem-feito — disse Leesha. — Poderia ter evitado aquela briga, e devia ter evitado, mesmo sem saber se venceria ou não. Não preciso da sua proteção, nem fico mais disposta a dar afeição a um rufião que briga com o encrenqueiro da aldeia para ganhar os favores de uma ervanária.

— Foi ele quem começou! — protestou Marick.

— Estou decepcionada com você, mestre Marick — disse Leesha. — Pensei que os mensageiros eram mais espertos.

Marick baixou os olhos.

— Leve-o para o quarto na estalagem do Smitt — disse ela para alguns homens parados ao redor, que se moveram rapidamente para obedecer. A maioria do povo da Clareira do Lenhador fazia isso naqueles dias. — Se sair da cama antes de amanhã pela manhã, eu vou saber e ficar ainda mais brava com você.

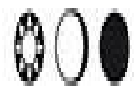
Marick sorriu levemente quando os homens o ajudaram a se afastar.

— Foi incrível! — Mairy arfou quando Leesha voltou para seu cesto de ervas.

— Nada além de uma estupidez que precisava ser impedida — retrucou Leesha.

— Nada? — questionou Mairy. — Dois homens engalfinhados como búfalos e tudo que você precisou para pará-los foi jogar um punhado de ervas!

— Ferir com ervas é fácil, curar que é difícil — comentou Leesha, surpresa ao ouvir as palavras de Bruna proferida por seus lábios.



Já passava do sol alto quando Leesha terminou suas rondas e voltou à cabana de Bruna.

— Como estão as crianças? — perguntou Bruna quando Leesha pôs o cesto no chão. Leesha sorriu. Todos na Clareira do Lenhador eram crianças aos olhos de Bruna.

— Muito bem — disse ela, sentando-se em um banquinho baixo ao lado da poltrona de Bruna para que a ervanária anciã pudesse vê-la melhor. — As juntas de Yon Grisalho ainda doem, mas sua cabeça continua tão jovem como sempre. Dei para ele unguento doce fresco. Smitt permanece de cama, mas a tosse está mais branda. Acho que o pior já passou. — Ela continuou, descrevendo as rondas, e a velha assentia com a cabeça em silêncio. Bruna a interrompia quando tinha comentários a fazer, mas isso cada vez menos acontecia.

— Isso é tudo? — perguntou Bruna. — E a agitação lá no mercado que o pequeno Keet comentou comigo pela manhã?

— Está mais para imbecilidade.

Bruna desdenhou com um aceno.

— Garotos sempre serão garotos — comentou ela. — Mesmo quando crescem e viram homens. Parece que lidou muito bem com isso.

— Bruna, eles poderiam ter se matado! — disse Leesha.

— Ah, pfff! — bufou Bruna. — Você não é a primeira garota bonita por quem homens brigam. Pode não acreditar, mas quando eu tinha sua idade alguns ossos foram quebrados por minha culpa também.

— Você nunca foi da minha idade — provocou Leesha. — Yon Grisalho diz que chamavam você de “bruxa velha” quando ele estava aprendendo a andar.

Bruna gargalhou.

— E chamavam mesmo, chamavam mesmo — confirmou. — Mas houve um tempo antes disso, quando minhas tetas eram tão cheias e macias quanto as suas, e os homens brigavam como terraítas para dar uma lambidinha nelas.

Leesha fez uma cara feia para Bruna, tentando rememorar os anos de vida e ver a mulher que tinha sido, mas era uma tarefa vã. Mesmo considerando todos os exageros e histórias de ervas-tampão, Bruna tinha um século, no mínimo. Nunca dizia com certeza, respondendo apenas "Eu parei de contar quando fiz cem" sempre que era pressionada.

— De qualquer forma — informou Leesha —, Marick talvez fique com rosto inchado, mas não terá motivos para deixar de pegar a estrada amanhã.

— Que bom.

— Então, tem uma cura para o jovem da mestra Jizell? — quis saber Leesha.

— O que você diria para ela fazer com o rapaz? — perguntou Bruna.

— Com certeza que não sei — respondeu Leesha.

— Não sabe? — questionou Bruna. — Não sei não. Vamos lá, o que você diria a Jizell se fosse eu? Não finja que não pensou sobre isso.

Leesha respirou fundo e falou:

— A raiz amarga agiu mal no sistema do garoto. Ele precisa botá-la para fora e as bolhas devem ser lancetadas e drenadas. Claro, isso ainda mantém a doença original. A febre e a náusea poderiam ser apenas uma friagem, mas os olhos dilatados e o vômito sugerem algo mais. Eu tentaria folha-de-monge com broche-de-moça e casca de vipareira moída, em doses cuidadosas, por no mínimo uma semana.

Bruna olhou para ela por um bom tempo.

— Arrume suas coisas e faça suas despedidas — disse ela. — Você vai levar esse conselho a Jizell pessoalmente.

14
ESTRADA PARA ANGIERS
– 326 DR –

TODA MANHÃ, SEM FALTA, Erny percorria o caminho até a cabana de Bruna. A Clareira tinha seis protetores, cada qual com um aprendiz, mas Erny não confiava a segurança da filha a ninguém mais. O pequeno fazedor de papéis era o melhor protetor da Clareira do Lenhador e todos sabiam disso.

Não raro ele trazia os presentes que seus mensageiros haviam conseguido dos lugares mais distantes: livros e ervas e rendas cerzidas a mão. Mas não era pelos presentes que Leesha ansiava sua visita. Ela dormia melhor com as proteções fortes do pai e vê-lo feliz nesses últimos sete anos foi maior que qualquer presente. Elona ainda lhe causava tristeza, claro, mas não na mesma escala que antes.

Mas, naquele dia, enquanto Leesha observava o sol cruzar o céu, flagrou-se temendo a visita do pai. Sabia que as novidades o machucariam profundamente.

E a ela também. Erny era o poço de apoio e amor do qual tirava forças sempre que as coisas ficavam muito difíceis. O que faria em Angiers sem ele? Sem Bruna? Quem a veria lá além de seu avental cheio de bolsos?

Porém, independentemente de quais fossem os medos sobre a solidão em Angiers, ainda eram mínimos diante do seu maior medo: que, uma vez tendo experimentado o mundo lá fora, nunca mais quisesse voltar à Clareira do Lenhador.

Apenas quando viu o pai no caminho da cabana é que Leesha percebeu que estava chorando. Secou os olhos e abriu seu melhor sorriso, alisando nervosamente as saias.

— Leesha! — chamou seu pai, abrindo os braços. Ela caiu neles, feliz, sabendo que aquela poderia ser a última vez que faziam aquele pequeno ritual.

— Tudo bem? — perguntou Erny. — Ouvi sobre um problema acontecendo lá no mercado.

Poucos segredos resistiam a um lugar tão pequeno como a Clareira do Lenhador.

— Tudo bem — respondeu ela. — Eu cuidei deles.

— Você cuida de todos na Clareira do Lenhador, Leesha — afirmou Erny, abraçando-a mais forte. — Não sei o que faríamos sem você.

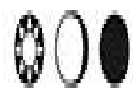
Leesha voltou a chorar.

— Ora, ora, nada disso — falou Erny, tirando uma lágrima do rosto da filha com a ponta do dedo e lançando-a longe. — Seque os olhos e vá para dentro. Vou conferir as proteções e podemos conversar sobre o que a incomoda com uma tigela de seu ensopado delicioso.

Leesha sorriu e perguntou:

— Mamãe ainda está queimando a comida?

— Até quando a comida não estiver mais se mexendo — brincou Erny. Leesha riu, deixando o pai verificar as proteções enquanto ela arrumava a mesa.



— Vou para Angiers estudar com uma das antigas aprendizes de Bruna — disse Leesha quando as tigelas estavam vazias.

Erny ficou em silêncio por um bom tempo. Depois, enfim, disse:

— Entendo. Quando?

— Assim que Marick partir — respondeu Leesha. — Amanhã.

Erny balançou a cabeça e falou:

— Filha minha não vai passar uma semana ao léu na estrada a sós com um mensageiro. Vou contratar uma caravana. Vai ser mais seguro.

— Eu terei cuidado com os demônios, pai — disse Leesha.

— Não é só com os terraítas que estou preocupado — disse Erny.

— Posso lidar com o mensageiro Marick — garantiu Leesha.

— Manter um homem longe de você à noite não é o mesmo que impedir uma briga no mercado — falou Erny. — Não poderá deixar um mensageiro cego se

quiser atravessar a estrada viva. Espere apenas algumas semanas, eu imploro.

Leesha sacudiu a cabeça.

— Tem uma criança que preciso tratar imediatamente.

— Então eu vou com você — decidiu Erny.

— Não vai, não, Ernal — interrompeu Bruna. — Leesha precisa fazer isso sozinha.

Erny olhou para a velha e eles travaram olhares e determinação. Mas não havia determinação mais forte na Clareira do Lenhador que a de Bruna, e Erny logo desviou o olhar.

Em seguida, Leesha acompanhou o pai até a saída. Ele não queria ir, nem ela queria que ele fosse, mas o céu estava colorido e já teria que correr para chegar ao lar em segurança.

— Quanto tempo vai ficar fora? — perguntou Erny, apoiando-se no corrimão do alpendre e olhando na direção de Angiers.

Leesha deu de ombros.

— Dependerá de quanto a mestra Jizell terá para ensinar e quanto a aprendiz que ela está enviando para cá, Vika, precisar aprender. Alguns anos, no mínimo.

— Acho que, se Bruna conseguirá ficar sem você tanto tempo, eu também consigo — falou Erny.

— Prometa que vai verificar as proteções dela enquanto eu estiver fora — falou Leesha, tocando o braço do pai.

— Claro — confirmou Erny, virando-se para abraçá-la.

— Eu te amo, pai — ela disse.

— Eu também, meu amor — disse Erny, abraçando-a com toda a força. — Vejo você amanhã — prometeu ele antes de partir para a estrada já escura.

— Seu pai tem razão numa coisa — falou Bruna quando Leesha voltou para dentro da cabana.

— É mesmo? — perguntou Leesha.

— Os mensageiros são homens assim como quaisquer outros — alertou Bruna.

— Disso não tenho a menor dúvida — falou Leesha, lembrando-se da luta no mercado.

— O jovem mestre Marick pode ser todo encanto e sorrisos agora, mas assim que estiverem na estrada ele fará tudo do jeito dele, não importa o que desejar, e quando chegarem à fortaleza da floresta, ervanária ou não, poucos acreditarão nas palavras de uma jovenzinha contra as de um mensageiro.

Leesha sacudiu a cabeça.

— Ele terá o que eu lhe der — disse ela—, nada mais.

Os olhos de Bruna se estreitaram, mas ela resmungou, satisfeita por Leesha estar atenta ao perigo.

Ouviram uma batida forte na porta logo após a primeira luz. Leesha atendeu, vendo sua mãe lá, embora Elona não tivesse aparecido desde que fora expulsa com o cabo da vassoura de Bruna. Seu rosto estava carregado quando passou direto por Leesha.

No lado ensolarado dos seus quarenta verões, Elona talvez seria a mulher mais bela da aldeia se não fosse sua filha. Mas ser o outono do verão de Leesha não a humilhava. Podia curvar-se para Erny com os dentes cerrados, mas se comportava como uma duquesa para todos os outros.

— Não bastava ter roubado a minha filha, ainda precisa mandá-la embora? — inquiriu Elona.

— Bom dia para você também, mãe — falou Leesha, fechando a porta em seguida.

— Fique fora disso! — retorquiu Elona. — A bruxa fez sua cabeça.

Bruna deu uma risadinha diante do seu mingau. Leesha ficou entre as duas assim que Bruna empurrou sua tigela pela metade para longe e limpou a boca com a manga da túnica para retrucar.

— Termine seu desjejum — ordenou Leesha, empurrando a tigela para perto dela novamente e virando-se para Elona. — Vou porque eu quero, mãe. E quando eu voltar trarei curas que a Clareira do Lenhador não vê desde a juventude de Bruna.

— E quanto tempo isso vai levar? — questionou Elona. — Você já desperdiçou seus melhores anos de fertilidade com seu nariz enfiado em livros velhos e empoeirados.

— Meus melhores…! — gaguejou Leesha. — Mãe, mal fiz vinte anos!

— Exatamente! — gritou Elona. — Já deveria ter três filhos agora, como sua amiga espantalho. Mas não, só vejo você arrancar bebês do útero de todas na aldeia, menos do seu.

— Ao menos ela foi esperta e não secou o dela com chá de pomo — murmurou Bruna.

Leesha virou-se para ela.

— Eu disse para terminar seu mingau! — falou ela, e os olhos de Bruna arregalaram-se. Ela parecia pronta para retrucar, mas em seguida resmungou e voltou para a tigela.

— Não sou uma égua de criação, mãe — falou Leesha. — Para mim, há mais coisas na vida que isso.

— O quê? — insistiu Elona. — O que poderia ser mais importante?

— Não sei — admitiu Leesha com total honestidade. — Mas vou descobrir.

— E nesse meio-tempo você abandona os cuidados da Clareira do Lenhador nas mãos de uma garota que nunca viu e na mão grosseira de Darsy, que quase matou Ande e mais um punhado de gente desde então.

— São só por alguns anos — falou Leesha. — Durante minha vida toda você me chamou de inútil, mas agora eu tenho que acreditar que a Clareira não pode ficar alguns anos sem mim?

— E se alguma coisa acontecer com você? E se você for pega por terraítas na estrada? O que vou fazer?

— O que você vai fazer? — perguntou Leesha. — Por sete anos, você mal me disse uma palavra além de pressionar para que eu perdoasse Gared. Não sabe mais nada sobre mim, mãe. Nem se importou em saber. Então não venha fingir agora que minha morte seria uma grande perda para você. Se quiser tanto um filho de Gared no colo, terá que tê-lo você mesma.

Os olhos de Elona esbugalharam-se e, como quando Leesha era uma criança teimosa, sua resposta foi veloz.

— Eu te proíbo de falar isso! — gritou Elona, a mão espalmada voando para o rosto de Leesha.

Mas Leesha não era mais uma criança. Tinha o tamanho da mãe, era mais forte e rápida. Agarrou o pulso de Elona e segurou-o com agilidade.

— Os dias em que suas palavras tinham peso para mim acabaram, mãe — falou Leesha.

Elona tentou se soltar, mas Leesha segurou-a um pouco mais, apenas para mostrar que podia. Quando finalmente a soltou, Elona esfregou o pulso e olhou para a filha com desdém.

— Você voltará um dia, Leesha — praguejou ela. — Lembre-se das minhas palavras! Será muito pior para você quando voltar!

— Acho que chegou a hora de você ir, mãe — falou Leesha, abrindo a porta bem quando Marick estava erguendo a mão para bater. Elona bufou e passou por ele, pisando duro.

— Desculpe se cheguei em má hora — disse Marick. — Vim buscar a resposta da mestra Bruna. Preciso seguir para Angiers no meio da manhã.

Leesha olhou para Marick. Seu queixo tinha uma escoriação, mas sua pele bronzeada a escondia bem e as ervas que ela aplicara no lábio partido e no olho impediram que inchassem mais.

— Parece ter se recuperado bem — disse ela.

— Quem se recupera rápido vai longe na minha profissão — comentou Marick.

— Bem, então busque seu cavalo — disse Leesha — e volte em uma hora. Entregarei a resposta de Bruna pessoalmente.

Marick abriu um largo sorriso.

— Que bom que você vai — disse Bruna quando finalmente ficaram sozinhas. —

A Clareira do Lenhador não tem mais desafios para você, e é jovem demais para estagnar.

— Se acha que não foi um desafio, então não estava prestando nenenhuma atenção.

— Um desafio, talvez — continuou Bruna —, mas nunca se pôde duvidar do resultado. Ficou forte demais para gente como Elona.

Forte, pensou ela. *Foi o que me tornei?* Não parecia, na maior parte das vezes, mas era verdade — nenhum dos habitantes da Clareira do Lenhador a assustava mais.

Leesha reuniu suas malas, pequenas e aparentemente inadequadas; alguns vestidos e livros, um pouco de dinheiro, sua bolsa de ervas, uma esteira e comida. Deixou seus objetos de estimação, os presentes do pai e outras posses que lhe eram caras. Os mensageiros viajavam com pouca bagagem e Marick não sobrecarregaria o cavalo de bom grado. Bruna dissera que Jizell a manteria durante o treinamento, mas ainda assim parecia pouco para iniciar uma nova vida.

Uma nova vida. Com toda a preocupação pela ideia, vinha também o entusiasmo. Leesha lera todos os livros da coleção de Bruna, mas Jizell tinha muitos mais, e as outras ervanárias em Angiers, se elas pudessem ser persuadidas a compartilhar, teriam ainda mais.

No entanto, quando a hora se aproximou, Leesha sentiu como se o ar lhe faltasse. Onde estava seu pai? Ele não a veria partir?

— Está chegando a hora — falou Bruna. Leesha ergueu os olhos e percebeu que os olhos da velha estavam úmidos. — É melhor nos despedirmos. É possível que não tenhamos outra chance.

— Bruna, do que você está falando? — perguntou Leesha.

— Não se faça de boba comigo — retrucou Bruna. — Sabe o que eu quis dizer. Já vivi duas vezes o que podia, mas não vou durar para sempre.

— Bruna — começou Leesha —, eu não preciso ir…

— Ahh! — falou Bruna com um aceno de mão. — Você aprendeu tudo que eu posso ensinar, mocinha, então deixe que esses anos sejam meu último presente para você. Vá, veja e aprenda o máximo que puder.

Ela estendeu os braços e Leesha se aninhou entre eles.

— Apenas prometa que vai cuidar dos meus filhos quando eu partir. Podem ser estúpidos e voluntariosos, mas há bondade neles quando a noite chega.

— Prometo — disse Leesha. — E vou deixá-la orgulhosa.

— Não poderia ser diferente — disse a senhora.

Leesha soluçou no xale rústico de Bruna.

— Estou com medo, Bruna — disse ela.

— Seria tola se não estivesse, mas eu vi uma boa parte do mundo com meus olhos e sei que não há nada nele com que você não possa lidar.

Logo depois, Marick chegou pelo caminho da cabana. O mensageiro tinha uma lança nova na mão e seu escudo protegido estava pendurado no pito de sua sela. Se a surra que tomara no dia anterior lhe doía, ele não mostrava sinais.

— Ei, Leesha! — chamou ele quando a viu. — Pronta para começar sua aventura?

Aventura. A palavra atravessou o medo, fazendo-a estremecer.

Marick pegou as bolsas dela, pendurando-as no lombo de seu corcel angieriano, enquanto Leesha virava-se para Bruna uma última vez.

— Estou velha para despedidas. Cuide-se, mocinha — falou Bruna.

A velha pousou uma bolsinha nas mãos dela e Leesha ouviu o tilintar da moeda de Miln, que valia uma fortuna em Angiers. Bruna virou-se e entrou na cabana antes que Leesha pudesse protestar.

Rapidamente, guardou a bolsinha. A visão de moedas de metal tão longe de Miln podia tentar qualquer homem, até mesmo um mensageiro. Caminharam cada um de um lado do cavalo até a aldeia, onde a estrada principal levava até Angiers. Leesha chamou seu pai quando passaram pela casa, mas não teve resposta. Elona os viu passar e entrou para casa, batendo a porta atrás dela.

Leesha baixou a cabeça. Contava em ver o pai uma última vez. Pensou em todos os aldeões que visitava dia após dia e como não teve tempo de se despedir de todos adequadamente. As cartas que deixara com Bruna pareciam lamentavelmente inadequadas.

Contudo, quando chegaram ao centro da aldeia, Leesha ofegou. Seu pai a esperava lá e, atrás dele, às margens da estrada, estava a aldeia inteira. Ela parou diante de um por um ao passar; alguns a beijavam e outros deixavam presentes em suas mãos.

— Tenha boas lembranças nossas e volte — disse Erny, e Leesha o abraçou forte, apertando os olhos para impedir as lágrimas.

— Os clareiros amam você — observou Marick enquanto atravessavam a floresta. A Clareira do Lenhador já havia ficado horas para trás e as sombras do dia estendiam-se. Leesha sentou-se à frente dele na larga sela do corcel e o animal parecia aguentar bem os dois e sua bagagem.

— Às vezes, nem eu acredito nisso — disse Leesha.

— Por que não acreditaria? — perguntou Marick. — Bela como a aurora e ainda pode curar todas as doenças. Duvido que alguém consiga não te amar.

Leesha riu e perguntou:

— Bela como a aurora? Se reencontrar o pobre menestrel de quem roubou esta frase, diga-lhe para nunca mais usá-la.

Marick riu, os braços apertando-se ao redor dela.

— Sabe, nunca discutimos meus honorários para escoltá-la — disse ele no ouvido de Leesha.

— Tenho dinheiro — retrucou Leesha, imaginando quanto seu dinheiro duraria em Angiers.

— Eu também. — Marick riu. — Não estou interessado em dinheiro.

— Então que tipo de preço tem em mente, mestre Marick? — questionou Leesha. — É outro joguete para conseguir um beijo?

Marick deu uma risadinha e seus olhos de lobo reluziram.

— Um beijo era o preço para lhe entregar uma carta. Levá-la em segurança até Angiers custará muito… mais caro. — Ele mexeu os quadris atrás dela e seu significado ficou claro.

— Sempre apressadinho — falou Leesha. — Terá sorte se receber um beijo como pagamento.

— Veremos — respondeu Marick.

Montaram acampamento logo depois. Leesha preparou o jantar, enquanto Marick montava as proteções. Quando o ensopado ficou pronto, ela esmagou umas ervas a mais na tigela de Marick antes de entregá-la.

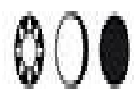
— Coma rápido — disse Marick, pegando a tigela e levando uma grande colherada até a boca. — Vai querer entrar na tenda antes de os terraítas acordarem. Vê-los tão de perto pode ser assustador.

Leesha olhou para a tenda que Marick montara; mal tinha tamanho para uma pessoa.

— É pequena — piscou ele —, mas poderemos esquentar um ao outro no frio da noite.

— É verão — lembrou-lhe Leesha.

— Mesmo assim, sinto uma brisa gelada sempre que você fala. — Marick riu. — Talvez possamos encontrar um jeito de dissipá-la. Além disso — ele apontou para além do círculo, onde as formas brumosas de terraítas já haviam começado a se erguer —, você não poderá ir muito longe.



Marick era mais forte que ela e lutar contra ele seria tão eficaz quanto suas recusas. Com os gritos dos terraítas como música de fundo, ela suportou os beijos e os apalpões, bem como as mãos tateando com rispidez. E, quando sua virilidade falhou, ela o confortou com palavras tranquilizadoras, oferecendo curas de ervas e raízes que apenas piorariam sua condição.

Às vezes, ficava mais irritado e ela teve medo que ele pudesse lhe bater. Outras vezes ele chorava; que tipo de homem seria ele, se não pudesse espalhar suas sementes? Leesha resistiu a tudo aquilo, pois a provação não era um preço tão alto por uma passagem para Angiers.

Estou salvando este homem dele mesmo, pensava ela a cada vez que batizava a comida. Que homem desejava ser um estuprador? Mas a verdade era que sentia pouco remorso. Não tinha prazer em usar suas habilidades para baixar a arma dele, mas lá no fundo *havia* uma satisfação gélida, como se todas as suas ancestrais através de incontáveis eras, desde que o primeiro homem forçou uma mulher a se deitar com ele, estivessem acenando com a cabeça numa aprovação lúgubre enquanto ela acabava com sua virilidade antes que ele pudesse acabar com sua virgindade.

Os dias passavam lentamente, com o humor de Marick oscilando de azedo para mimado a cada noite que a impotência o tomava. Na última noite, ele bebeu muito do odre de vinho, e parecia pronto para saltar do círculo e deixar que os demônios o levassem. O alívio de Leesha foi palpável quando viu a fortaleza da floresta estender-se diante deles entre as árvores. Ela suspirou ao ver as altas muralhas, suas proteções envernizadas, duras e fortes, grandes o bastante para cercar a Clareira do Lenhador várias e várias vezes.

As ruas de Angiers eram cobertas com madeira para impedir que os demônios ascendessem dentro dela; a cidade inteira era um passadiço. Marick levou-a para o interior das muralhas e a deixou em frente ao hospital de Jizell. Ele a segurou pelo braço quando Leesha se virou para partir, apertando forte, machucando-a.

— O que aconteceu além das muralhas permanece além das muralhas — disse ele.

— Não direi a ninguém.

— Sei que não — falou Marick. — Porque, se disser, eu mato você.

— Eu juro — afirmou Leesha. — Palavra de ervanária.

Marick resmungou e soltou-a, puxando as rédeas do corcel com força e saindo a meio-galope.

Um sorriso esgarçou os cantos da boca de Leesha quando ela reuniu sua bagagem e partiu na direção do hospital.

15

A RABECA DA FORTUNA

– 325 DR –

HAVIA FUMAÇA E FOGO, e uma mulher gritou além dos urros dos terraítas.

Eu te amo!

Rojer acordou com um susto, seu coração disparado. A aurora irrompeu sobre as altas muralhas do Forte Angiers, a luz suave atravessando as frestas nas janelas. Ele segurou o talismã com força na mão boa quando a luz aumentou, esperando o coração acalmar. Um pequeno boneco, feito de madeira e cordel por uma criança, coroado com um cacho de cabelos ruivos, tudo que lhe restara de sua mãe.

Ele não se lembrava de seu rosto, perdido na fumaça, menos ainda daquela noite, mas se lembrava das últimas palavras dela. Ele as ouvia em seus sonhos o tempo todo.

Eu te amo!

Ele esfregava os cabelos ruivos entre o polegar e o dedo anelar da mão prejudicada. Apenas uma cicatriz irregular recobria o lugar onde ficavam o indicador e o dedo médio, mas, graças a ela, ele não perdera mais nada.

Eu te amo!

O talismã era a proteção secreta de Rojer, algo que não compartilhava nem mesmo com Arrick, que fora como um pai para ele. Ajudava-o nas longas noites, quando a escuridão o cercava com força e os gritos dos terraítas faziam-no tremer de medo.

Porém, o dia chegava e a luz fazia com que ele se sentisse seguro outra vez. Beijou o pequeno boneco e devolveu-o ao bolso secreto que havia costurado no cós da calça de retalhos. Apenas saber que ele estava lá fazia com que tivesse coragem. Estava com dez anos.

Levantando-se do colchão de palha, Rojer espreguiçou-se e saiu aos tropeços do quarto pequenino, bocejando. Seu coração partiu-se quando viu Arrick desmaiado na mesa. Seu mestre estava caído sobre uma garrafa vazia, a mão envolvendo o gargalo com força, como se para reprimir as últimas gotas.

Os dois tinham seus talismãs.

Rojer foi até ele e tirou a garrafa das mãos do mestre.

— Quê? Que foi? — perguntou Arrick, levantando um pouco a sua cabeça.

— Dormiu na mesa de novo — disse Rojer.

— Ah, é você, garoto — resmungou Arrick. — Pensei que era aquele senhorio maldito de novo.

— O aluguel vence hoje — disse Rojer. — Temos apresentação na Praça Pequena esta manhã.

— Aluguel, sempre o aluguel — resmungou Arrick.

— Se não pagarmos hoje, mestre Keven prometeu nos pôr para fora.

— Então vamos ter espetáculo — disse Arrick, levantando-se. Perdeu o equilíbrio e tentou agarrar-se à cadeira, mas ela apenas serviu para cair por cima dele quando seu corpo bateu no chão.

Rojer avançou para ajudá-lo, mas Arrick empurrou-o.

— Estou bem! — gritou, como se desafiando Rojer a contestá-lo enquanto levantava aos tropeções. — Poderia fazer até um mortal para trás — continuou ele, olhando lá atrás para ver se havia espaço. Seus olhos deixavam claro que ele estava se arrependendo da ousadia.

— Vamos guardar esse número para a apresentação — comentou Rojer rapidamente.

Arrick olhou de novo para ele.

— Tem razão — concordou ele, e os dois ficaram aliviados.

— Minha garganta está seca — reclamou Arrick. — Preciso beber alguma coisa antes de cantar.

Roger meneou a cabeça, correndo ao jarro d'água para encher um copo de madeira.

— Água não — disse Arrick. — Traga vinho. Preciso de uma unha do demônio que me queimou.

— Acabou o vinho — disse Rojer.

— Então corra e busque um pouco — ordenou Arrick. Cambaleou até a bolsa, tropeçando e mal parando em pé. Rojer correu para ajudá-lo.

Arrick mexeu nas tiras por um momento, em seguida ergueu a bolsa inteira e bateu-a de volta na madeira. Não ouviram nada quando o pano bateu e Arrick gritou:

— Nenhum klat! — Frustrado, jogou a bolsa longe. O esforço tirou seu equilíbrio e ele fez um círculo completo, tentando endireitar-se antes de tombar no chão com um baque surdo.

Ergueu-se sobre as mãos e os joelhos quando Rojer o agarrou, mas ele vomitou, espalhando vinho e bile sobre o assoalho. Arrick fechava os punhos e convulsionava, e Rojer pensou que ele vomitaria de novo, mas depois de um momento percebeu que o mestre estava soluçando.

— Nunca foi assim quando eu trabalhava para o duque — gemeu Arrick. — O dinheiro vazava dos bolsos naquela época.

Só porque o duque pagava seu vinho, Rojer pensou, mas era esperto o bastante para não comentar nada. Dizer a Arrick que ele bebia demais era a maneira mais segura de provocar sua fúria.

Ele limpou seu mestre e levou o homem pesado até o colchão. Assim que ele desmaiou sobre a palha, Rojer pegou um trapo para limpar o chão. Não haveria mais espetáculo.

Ele se perguntou se o mestre Keven realmente os botaria na rua e para onde iriam se o fizesse. A muralha protegida angieriana era forte, mas havia falhas na rede acima dela e os demônios do vento sabiam disso. O pensamento de uma noite nas ruas o aterrorizava.

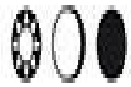
Ele olhou para suas posses escassas, imaginando se havia algo que pudesse vender. Arrick vendera o cavalo de guerra de Geral e o escudo com proteções quando os tempos ficaram sombrios, mas o círculo portátil do mensageiro permanecera. Conseguiria um bom preço por ele, mas Rojer não ousaria vendê-lo. Arrick beberia e jogaria com o dinheiro e não haveria nada para protegê-los quando finalmente fossem postos para fora à noite de uma vez por todas.

Rojer também sentia falta dos dias em que Arrick trabalhava para o duque. Arrick era amado pelas meretrizes de Rhinebeck e elas tratavam Rojer como se ele fosse um filho. Abraçado contra dúzias de peitos perfumados todos os dias, ele recebia doces e lições para ajudá-las a se maquiar e enfeitar. Na época, não via muito seu mestre; Arrick quase sempre o deixava no bordel quando viajava até os lugarejos, sua voz doce levando os decretos ducais para todo canto.

Mas o duque não gostou nada de encontrar um jovem enrodilhado na cama quando certa noite adentrou os aposentos de sua meretriz favorita, bêbado e excitado. Quis que Rojer fosse embora e junto com ele Arrick. Rojer sabia que era sua culpa eles viverem em tanta pobreza. Arrick, como seus pais, sacrificara

tudo para cuidar dele.

Porém, diferente dos pais, Rojer poderia retribuir a Arrick.



Rojer correu o máximo que pôde, esperando que a multidão ainda estivesse lá. Mesmo naquela situação, muitos iriam a uma apresentação anunciada do Cantadoce, mas não esperariam para sempre.

Sobre os ombros, ele carregava a "bolsa das maravilhas" de Arrick. Como suas roupas, a bolsa era feita de uma veste de menestrel com retalhos coloridos, surrada e esfarrapada. A bolsa vinha cheia de instrumentos da arte dos menestréis. Rojer dominava todos, exceto as bolas coloridas de malabarismos.

Seus pés descalços e calosos bateram no palco. Rojer tinha botas e luvas que combinavam com suas vestes, mas havia deixado ambas para trás. Preferia a aderência firme dos dedos às solas gastas de suas botas de retalhos com bico arredondado e odiava as luvas.

Arrick havia enchido os dedos da luva direita com algodão para disfarçar aqueles que faltavam a Rojer. Uma linha fina ligava os dedos falsos aos outros, fazendo-os se curvar juntos. Era um truque esperto, mas Rojer ficava envergonhado cada vez que calçava aquela coisa estreita na mão mutilada. Arrick insistia que ele as usasse, mas o mestre não podia bater nele por algo que não soubesse.

Uma multidão agitada perambulava pela Praça Pequena quando Rojer chegou; talvez umas vinte pessoas, algumas delas crianças. Rojer conseguia lembrar-se de um tempo em que a notícia de que Arrick Cantadoce se apresentaria atraía centenas de pessoas de todos os cantos da cidade, e mesmo dos lugarejos próximos. À época, ele estava cantando no templo do Criador ou no anfiteatro do duque. Agora a Praça Pequena era o melhor que a Guilda lhe arranjaria e não conseguia sequer enchê-la.

Mas algum dinheiro era melhor que nenhum. Se uma dúzia deixasse um klat cada, poderia comprar outra noite do mestre Keven, contanto que a Guilda dos Menestréis não o flagrasse se apresentando sem o mestre. Se acontecesse, o aluguel atrasado seria o menor dos problemas.

Com um "Ooopa!", ele dançou pela multidão, jogando para cima punhados de sementes voadoras tingidas da sacola, que rodopiavam e flutuavam no seu rastro, deixando um caminho de cores brilhantes.

— É o aprendiz de Arrick! — gritou alguém na multidão. — O Cantadoce vai vir no fim das contas!

Começaram os aplausos e Rojer sentiu o estômago apertar-se. Queria dizer a verdade, mas a primeira regra de Arrick sobre a arte dos menestréis era nunca dizer ou fazer algo que azedasse o bom humor da plateia.

O palco da Praça Pequena tinha três níveis. Ao fundo, uma concha de madeira fora feita para amplificar o som e proteger os artistas do tempo inclemente. Havia proteções pintadas na madeira, mas estavam desbotadas e velhas. Rojer imaginou se lhe dariam abrigo e ao seu mestre, caso fossem postos na rua naquela noite.

Ele subiu às pressas os degraus, dando saltos mortais através do palco e lançando o chapéu de doações bem diante da multidão com um giro preciso de pulso.

Rojer aquecia toda plateia para o mestre e, por alguns minutos, ele fez o de costume, dando cambalhotas e contando piadas, fazendo truques de mágica e imitando os trejeitos de autoridades bem-conhecidas. Risos. Aplausos. Lentamente, a multidão começou a crescer. Trinta. Cinquenta. Porém, mais e mais pessoas começaram a murmurar, impacientes pela espera por Arrick Cantadoce. O estômago de Rojer apertou-se mais e ele tocou o talismã no bolso secreto para ganhar força.

Evitando o inevitável ao máximo, ele chamou as crianças para a frente a fim de contar-lhes a história do Retorno. Ele imitava bem as partes e alguém assentiu em aprovação, mas havia decepção em muitos rostos. Não era Arrick que em geral cantava a história? Não era por isso que eles estavam ali?

— Cadê o Cantadoce? — gritou alguém lá do fundo. Seus vizinhos pediram silêncio, mas as palavras pairavam no ar. Quando Rojer terminou com as crianças, houve grunhidos gerais de descontentamento.

— Eu vim para ouvir uma canção! — berrou o mesmo homem, e desta vez outros concordaram com a cabeça.

Rojer sabia muito bem que não poderia atender ao pedido. Sua voz nunca fora forte e se esganiçava sempre que mantinha uma nota por mais que alguns suspiros. A multidão ficaria possessa se ele cantasse.

Ele voltou à bolsa das maravilhas em busca de opção, ignorando com vergonha as bolas de malabarismo. Ele conseguia pegá-las e lançá-las muito bem com a mão direita defeituosa, mas sem dedo indicador para dar o giro correto na bola e apenas metade da mão para segurá-la, a interação complexa entre as mãos ao fazer malabarismos estava além de suas capacidades.

— Que menestrel é esse que não canta nem faz malabares? — gritou Arrick algumas vezes. Um menestrel capenga, Rojer sabia.

Era melhor com as facas que estavam na bolsa, mas chamar membros da plateia para ficar contra a parede enquanto ele lançava facas exigia uma licença especial da Guilda. Arrick sempre escolhia uma garota rechonchuda para ajudar, que não raro acabava em sua cama depois do espetáculo.

— Não acho que ele venha — ouviu o mesmo homem dizer. Rojer xingou-o em pensamento.

Muitos outros membros do público também se dispersaram. Alguns klats

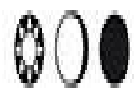
lançados no chapéu por pena, mas se Rojer não fizesse algo logo não teriam o bastante para satisfazer o mestre Keven. Seus olhos pousaram no estojo da rabeca e ele a pegou rapidamente, vendo que apenas alguns expectadores permaneciam. Puxou o arco e, como sempre, havia um quê de acerto na maneira com que se encaixava na mão mutilada. Seus dedos perdidos não eram necessários ali.

Assim que ele encostou o arco nas cordas, a música preencheu a praça. Alguns que estavam se afastando pararam para ouvir, mas Rojer não estava prestando atenção neles.

Rojer não se lembrava muito do pai, mas tinha a lembrança clara de Jessum batendo palmas e rindo enquanto Arrick tocava a rabeca. Quando tocava, Rojer sentia o amor do pai, como o da mãe quando segurava o talismã. Seguro naquele amor, deixava o medo se afastar e perdia-se no carinho vibratório das cordas.

Em geral, ele tocava apenas para acompanhar o canto de Arrick, mas desta vez Rojer foi além disso, fazendo sua música encher o espaço que Cantadoce teria ocupado. Os dedos da mão esquerda perfeita eram um borrão de arabescos e logo a plateia começou a bater palmas num ritmo ao redor do qual ele tecia a música. Tocava cada vez mais rápido ao passo que o ritmo ficava mais alto, dançando pelo palco no compasso da música. Quando encaixou um pé num dos degraus do palco e deu um salto mortal sem perder uma nota, a multidão soltou vivas.

O som interrompeu seu transe e ele viu que a praça estava cheia, com pessoas apinhadas do lado de fora para ouvir. Fazia algum tempo que Arrick não atraía um público assim! Rojer quase perdeu um movimento com o choque e cerrou os dentes para se ater à música, até ela se transformar novamente em seu mundo.



— Que espetáculo ótimo — parabenizou uma voz, enquanto Rojer contava as moedas de madeira envernizada no chapéu. Quase trezentos klats! Keven não os amolaria por um mês.

— Obrigado… — começou Rojer, mas sua voz ficou presa na garganta quando ergueu o olho. Mestres Jasin e Edum estavam diante dele. Homens da Guilda.

— Onde está seu mestre, Rojer? — questionou Edum com seriedade. Era um mestre ator e imitador cujas peças atraíam público até do Forte Rizon.

Rojer engoliu seco, seu rosto enrubesceu. Ele baixou os olhos, esperando que eles tomassem o medo e a culpa por vergonha.

— Não… não sei — disse ele. — Devia estar aqui.

— Bêbado novamente, aposto — bufou Jasin. Também conhecido como Voz Dourada, um nome que ele próprio se deu, segundo dizem, era um cantor de

certo reconhecimento, mas, mais importante, era sobrinho de Janson, o primeiro-ministro do duque Rhinebeck, e sempre garantia que o mundo todo soubesse disso. — O velho Cantadoce anda curtido no álcool esses dias.

— Pergunto-me como ainda mantém sua licença — falou Edum. — Ouvi dizer que ele se borrou no meio de uma apresentação no mês passado.

— Isso não é verdade! — retrucou Rojer.

— Se eu fosse você, ficaria mais preocupado consigo mesmo, garoto — falou Jasin, apontando um dedo longo no rosto de Rojer. — Sabe qual o castigo por coletar dinheiro com uma apresentação sem licença?

Rojer empalideceu. Arrick poderia perder a licença por isso. Se a Guilda levasse a questão ao magistrado também, poderiam os dois acabar cortando madeira com as canelas acorrentadas.

Edum riu e disse:

— Não se preocupe, garoto. Contanto que a Guilda tenha sua parcela — ele se serviu de uma grande porção das moedas de madeira que Rojer ganhara —, não acho que precisemos levar esse assunto adiante.

Rojer não pôde protestar quando os homens dividiram e embolsaram metade dos ganhos. Pouco, se sequer chegasse, pararia nos cofres da Guilda dos Menestréis.

— Você é talentoso, garoto — disse Jasin quando se viraram para partir. — Talvez queira considerar um mestre com perspectivas melhores. Venha me visitar, caso se canse de limpar o velho Cantamargo.

A decepção de Rojer durou apenas até ele sacudir o chapéu de doação. Mesmo metade era muito mais que ele havia imaginado ganhar. Correu de volta à estalagem, parando apenas uma única vez. Foi até o mestre Keven, cujo rosto ficou raivoso quando o garoto se aproximou.

— É melhor que não esteja aqui para implorar por seu mestre, garoto — disse ele.

Rojer sacudiu a cabeça, entregando uma bolsinha ao homem.

— Meu mestre disse que há o bastante aí para dez dias.

A surpresa de Keven ficou clara quando ele ergueu a bolsa e ouviu o estalar das moedas de madeira dentro dela. Hesitou por um momento, em seguida resmungou e guardou a bolsa com um erguer de ombros.

Arrick ainda dormia quando Rojer voltou. Ele sabia que o mestre nunca perceberia que o estalajadeiro havia sido pago. Evitaria o homem com diligência e se parabenizaria por ficar dez dias sem pagar.

Deixou as moedas restantes na bolsa de Arrick. Ele diria ao mestre que as encontrara perdidas na bolsa das maravilhas. Era raro acontecer, desde que o dinheiro ficara curto, mas Arrick não questionaria a fortuna quando visse o que mais Rojer havia comprado.

Rojer trocou a garrafa de vinho de Arrick enquanto este dormia.

Arrick acordou antes de Rojer na manhã seguinte e retocou a maquiagem no espelho de mão rachado. Não era um homem novo, mas não tão velho que as ferramentas numa caixa de pintura de um menestrel não pudesse deixá-lo melhor. Seus cabelos longos e clareados de sol ainda eram mais dourados que grisalhos e a barba castanha, escurecida com tintura, escondia a papada crescente embaixo do queixo. A pintura combinava tanto com sua pele bronzeada que as rugas ao redor dos olhos azuis quase desapareciam.

— Tivemos sorte na última noite, meu garoto — falou ele, retorcendo o rosto para ver como a maquiagem ficava —, mas não podemos evitar Keven para sempre. Aquele texugo peludo vai nos pegar mais cedo ou mais tarde... e quando pegar eu preferiria… — Ele pegou a bolsa, puxando as moedas e jogando várias no ar. — …seis klats ao todo. — As mãos deles moveram-se rápido demais para seguir, agarrando as moedas no ar e dispondo-as num ritmo confortável enquanto as lançava diante de si. — Tem praticado malabarismo, rapaz?

Antes que Rojer pudesse abrir a boca para responder, Arrick lançou uma moeda na direção dele. Rojer já conhecia o truque, mas pronto ou não, sentiu uma pontada de medo quando pegou a moeda na mão esquerda e lançou para o ar. Mais moedas seguiram numa rápida sequência e ele se esfalfou para controlar enquanto as manejava com a mão mutilada e as ordenava para colocá-las outra vez no ar.

Quando ficou com quatro moedas, o terror o tomou de assalto. Assim que Arrick acrescentou a quinta, Rojer precisou dançar loucamente para mantê-las em movimento. Arrick pensou melhor antes de jogar a sexta e esperou com paciência. Claro que Rojer caiu um momento depois, entre os tilintares das moedas.

Rojer encolheu-se, esperando a bronca do mestre, mas Arrick apenas suspirou fundo.

— Ponha suas luvas — disse ele. — Precisamos sair e encher a bolsa.

O suspiro feriu mais que um grito e um safanão na orelha. A raiva significava que Arrick esperava mais. Um suspiro dizia que o mestre havia desistido.

— Não — falou ele. A palavra saiu da boca antes que pudesse segurá-la, mas, quando pairou no ar entre eles, Rojer sentiu que era correta, como o encaixe do arco em sua mão defeituosa.

Arrick bufou atrás do bigode, pasmo com a audácia do garoto.

— Digo, as luvas — esclareceu Rojer, e viu a expressão de Arrick mudar de raiva para curiosidade. — Não quero calçá-las mais. Odeio.

Arrick tirou a rolha da garrafa nova de vinho, servindo um copo.

— Não concordamos que as pessoas ficarão menos dispostas a contratá-lo se

souberem do seu problema? — perguntou ele, apontando Roger com o copo.

— Nunca concordamos — disse Rojer. — Um dia você me mandou começar a usar as luvas, e só.

Arrick riu.

— Detesto desiludir você, garoto, mas é como funciona entre mestres e aprendizes. Ninguém quer um menestrel defeituoso.

— Então é tudo que eu sou? Um defeituoso?

— Claro que não — disse Arrick. — Não trocaria você por nenhum aprendiz em Angiers. Mas nem todo o mundo olha além de sua cicatriz demoníaca para ver o homem que tem aí dentro. Vão lhe dar algum apelido zombeteiro e você os verá rindo de você, não *com* você.

— Não ligo — comentou Rojer. — As luvas fazem eu me sentir uma fraude e minha mão já é ruim o bastante sem os dedos falsos para atrapalhar. Não importa que eles riam, se vêm e pagam klats para fazer isso, certo?

Arrick encarou-o por um bom tempo, tamborilando no copo.

— Deixe-me ver as luvas — pediu ele, por fim.

Eram pretas e chegavam até metade do antebraço. Triângulos brilhantes e coloridos de pano costurados nas pontas, com guizos presos nelas. Rojer jogou-as para o mestre com um franzir de cenho.

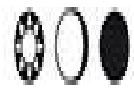
Arrick agarrou as luvas, olhou para elas por um momento e depois jogo-as pela janela, batendo as mãos para limpá-las como se tocar as luvas as tivesse deixado impuras.

— Pegue as botas e vamos — disse ele, virando o copo de uma só vez.

— Também não gosto das botas — arriscou Rojer.

Arrick sorriu para o garoto.

— Não abuse da sorte — alertou ele, com uma piscadela.



A lei da Guilda permitia que menestréis licenciados se apresentassem em qualquer esquina, contanto que não bloqueassem o tráfego ou atrapalhassem o comércio. Alguns comerciantes até contratavam menestréis para atrair atenção para suas bancas ou para as salas comuns das tavernas.

A bebedeira de Arrick afastara a maioria dessas últimas, então eles se apresentavam na rua. Arrick dormia até tarde e os melhores pontos eram ocupados por outros menestréis. O espaço que encontraram não era ideal: uma esquina de uma rua transversal, longe das principais vias de tráfego.

— Vai servir — resmungou Arrick. — Vá buscar público, garoto, enquanto eu monto as coisas.

Rojer assentiu com a cabeça e partiu em disparada. Quando encontrava um grupo adequado de pessoas, virava estrelas perto delas ou caminhava de cabeça

para baixo, os guizos costurados nas roupas tilintando um convite.

— Espetáculo de menestrel! — gritava ele. — Venham assistir a Arrick Cantadoce!

Entre as acrobacias e o peso que ainda carregava o nome do mestre, ele atraía uma atenção razoável. Alguns até mesmo o seguiam em suas rondas, batendo palmas e rindo de suas travessuras.

Um homem cutucou a mulher com o cotovelo.

— Olhe, é o garoto mutilado da Praça Pequena!

— Tem certeza? — perguntou a mulher.

— Olhe para a mão dele! — confirmou o homem.

Rojer fingiu não ouvir, avançando na busca de mais plateia. Logo trouxe seu pequeno séquito até o mestre e encontrou Arrick fazendo malabarismos com uma faca de açougueiro, uma machadinha de carne, um machado de mão, uma banqueta e uma flecha num ritmo tranquilo, contando piadas para uma multidão cada vez maior reunida por ele mesmo.

— E aí vem meu assistente — gritou Arrick para a multidão —, Rojer Faltadedo!

Rojer já estava correndo quando ouviu o nome. O que Arrick estava fazendo?

Era tarde demais para reduzir, então ele estendeu os braços para a frente e se jogou, dando uma estrela para terminar num salto mortal triplo e cair em pé ao lado do mestre. Arrick agarrou a faca de açougueiro da sequência mortal no ar e lançou na direção de Rojer.

Já esperando o movimento, Rojer deu um giro, facilmante agarrando a faca cega e com peso especial com a mão esquerda perfeita. Quando concluiu o circuito, ele se esticou e soltou a lâmina para seguir rodando direto na cabeça de Arrick.

Arrick também rodopiou e saiu do circuito com a lâmina bem presa nos dentes. A plateia comemorou e quando a faca voltou para o círculo dos outros instrumentos uma chuva de klats estalou no chapéu.

— Rojer Faltadedo! — vozeou Arrick. — Com apenas dez anos e oito dedos, ainda é mais mortal com uma faca do que qualquer adulto!

A plateia aplaudiu. Rojer ergueu a mão mutilada para todos verem, e a multidão fez “ooooh” e “aaaah”. A sugestão de Arrick fez com que todos pensassem que ele havia pegado e lançado a faca com a mão defeituosa. Eles contariam para outras pessoas e exagerariam na história. Em vez arriscar ver Rojer rotulado pela plateia, Arrick deu o apelido antes.

— Rojer Faltadedo — murmurou, saboreando o nome.

— Upa! — gritou Arrick, e Rojer virou-se quando o mestre lançou a flecha para cima dele. Ele fechou as mãos numa palma, agarrando a seta pouco antes de atingir seu rosto. Girou novamente, dando as costas ao público. Com a mão boa, jogou a flecha entre as pernas na direção do mestre, mas quando terminou o

movimento e encarou a multidão a mão mutilada estava estendida.

— Upa! — gritou ele de volta.

Arrick fingiu medo, soltando as lâminas com as quais fazia malabarismos, mas a banqueta caiu nas suas mãos bem a tempo para a flecha fincar no meio dela. Arrick examinou-a como se estivesse surpreso com sua boa sorte. Girou o punho enquanto soltava a flecha e ela se transformou num buquê de flores, que ofereceu à mulher mais bela da plateia. Mais moedas tilintaram no chapéu.

Vendo o mestre partir para as mágicas, Rojer correu até a bolsa das maravilhas para pegar os equipamentos que Arrick precisaria para os truques. Quando foi até lá, veio um grito da multidão.

— Toque a rabeca! — gritou um homem, e houve um burburinho geral de concordância. Rojer ergueu os olhos para ver o mesmo homem que pediu a presença de Cantadoce no dia anterior.

— Querem ouvir música? — perguntou Arrick para a multidão, sem perder a confiança. O homem respondeu com palmas, então Arrick foi até a mala e pegou a rabeca, encostando-a no queixo e voltando a olhar a plateia. Mas antes que pudesse deslizar o arco nas coras, o homem berrou:

— Você não, o garoto! Deixe o Faltadedo tocar!

Arrick olhou para Rojer, seu rosto coberto de irritação quando a plateia começou a pedir "Faltadedo! Faltadedo!". Por fim, ele ergueu os ombros, entregando o instrumento ao aprendiz.

Rojer pegou a rabeca com mãos trêmulas. "Nunca roube o espetáculo do seu mestre" era uma regra que aprendizes sabiam desde cedo. Mas o público pedia que ele tocasse e outra vez o arco encaixou-se com perfeição em sua mão defeituosa, livre da maldita luva. Ele fechou os olhos, sentindo a quietude das cordas sob a ponta dos dedos, em seguida as fez zumbir baixo. A multidão aquietou-se enquanto ele tocava suavemente por alguns momentos, acariciando as cordas como as costas de um gato, fazendo a rabeca ronronar.

A rabeca ganhou vida em suas mãos e ele a conduzia como uma parceira de dança, deslizando-a num turbilhão de música. Esqueceu a multidão. Esqueceu Arrick. Sozinho com a música, ele explorou novas harmonias, embora mantivesse a melodia constante, improvisando no ritmo das palmas que pareciam estar a um mundo de distância.

Não tinha ideia de quanto durou. Podia ter ficado naquele mundo para sempre, mas ouviu um som agudo e sentiu um estalo na mão. Sacudiu a cabeça para desanuviá-la e ergueu os olhos para a multidão silenciosa de olhos arregalados.

— Quebrou uma corda — disse ele, envergonhado. Olhou para o mestre, que estava tão abalado quanto os outros espectadores. Arrick ergueu a mão lentamente e começou a bater palmas.

A plateia o seguiu de pronto e os aplausos foram estrondosos.

— Vamos ficar ricos com você tocando rabeca, rapaz — falou Arrick, contando os lucros. — Ricos!

— Ricos o bastante para pagar o que você deve à Guilda? — perguntou uma voz.

Eles se viraram para encontrar mestre Jasin recostado numa parede. Seus dois aprendizes, Sali e Abrum, estavam ao lado. Sali era uma soprano com uma voz clara muito bonita, ao passo que ela mesma era bem feia. Arrick às vezes brincava que se ela usasse um capacete com chifres o público a confundiria com um demônio da rocha. Abrum tinha a voz profunda de um baixo que fazia as ruas assoalhadas vibrarem. Era alto e esbelto, com mãos e pés gigantescos. Se Sali era um demônio da rocha, com certeza ele era um da madeira.

Como Arrick, mestre Jasin era contratenor, com voz forte e pura. Usava roupas caras de lã azul fina e fios de ouro, desdenhando das roupas de retalhos que a maioria em sua profissão usava. Seus cabelos pretos longos e o bigode eram untados e meticulosamente aparados.

Jasin era um homem de tamanho médio, mas aquilo não fazia dele alguém menos perigoso. Certa vez, apunhalara o olho de um menestrel durante uma discussão sobre certa esquina. O magistrado julgou como legítima defesa, mas não foi assim que o boato correu na sala dos aprendizes da sede da Guilda.

— O pagamento das minhas taxas da Guilda não lhe diz respeito, Jasin — retrucou Arrick, rapidamente jogando as moedas na mala das maravilhas.

— Seu aprendiz pode ter salvado a apresentação na qual você não apareceu ontem, Cantazedo, mas a rabeca dele não poderá lhe socorrer para sempre. — Enquanto falava, Abrum arrancou a rabeca das mãos de Rojer e quebrou-a no joelho. — Mais cedo ou mais tarde, a Guilda tomará sua licença.

— A Guilda nunca desistiria de Arrick Cantadoce — retorquiu Arrick —, mas, mesmo se o fizesse, Jasin ainda seria conhecido como o “Cantor-de-Segunda”.

Jasin fechou a cara, pois muitos na Guilda já usavam aquele nome e o mestre era conhecido por ficar em fúria quando era chamado assim. Ele e Sali avançaram para cima de Arrick, que ergueu a mala para se proteger. Abrum segurou Rojer contra uma parede, impedindo-o de socorrer o mestre.

Mas não foi a primeira vez que eles precisaram lutar para defender seu dinheiro. Rojer deixou-se escorregar de costas na parede, encolhendo-se como uma mola e chutando para cima. Abrum gritou, sua voz, em geral profunda, soando um agudo bem diferente.

— Pensei que seu aprendiz fosse um baixo, não soprano — falou Arrick. Quando Jasin e Sali olharam para o companheiro, suas mãos rápidas entraram na bolsa de maravilhas, mandando um punhado de sementes voadoras girando no ar diante deles.

Jasin tentou agarrar através da nuvem colorida, mas Arrick desviou-se dele com facilidade, girando a bolsa com força para cima de Sali, atingindo a mulher troncuda em cheio no peito. Ela poderia ter se mantido em pé, mas Rojer estava em posição, ajoelhado atrás dela. Ela tombou de uma vez e, antes que os três pudessem se recuperar, Arrick e Rojer já estava correndo em disparada pelas tábuas das ruas.

CICLO DAS TREVAS

O PROTEGIDO

16
LIGAÇÕES
– 323–325 DR –

O TELHADO DA BIBLIOTECA DO DUQUE, em Miln, era um lugar mágico para Arlen. Num dia claro, o mundo estendia-se embaixo dele, um mundo sem restrições de muralhas e proteções, espalhando-se até o infinito. Também foi o primeiro lugar onde Arlen olhou para Mery e realmente a enxergou.

Seu trabalho na biblioteca estava quase completo e logo ele voltaria à oficina de Cob. Observou o sol tocar as montanhas nevadas e descer sobre o vale lá embaixo, tentando memorizar aquela visão para sempre, e quando se virou para Mery quis fazer o mesmo com ela. A moça estava com quinze verões, mais bela ainda que as montanhas e a neve.

Mery fora sua amiga mais próxima por mais de um ano, mas Arlen nunca pensou nela como algo mais que isso. Agora, vendo-a delineada pela luz solar, o vento frio da montanha soprando seus longos cabelos castanhos do rosto enquanto ela envolvia os próprios braços contra as intumescências dos seios para proteger-se da friagem, de repente era uma jovem mulher e ele um jovem rapaz. Seu pulso acelerou quando a saia de Mery agitou-se à brisa, deixando descoberta a

barra rendada das anáguas.

Ele não disse nada quando avançou, mas ela percebeu algo em seus olhos e sorriu.

— Já era hora — disse ela.

Ele estendeu a mão, temeroso, e deslizou as costas da mão no rosto dela. Ela se rendeu ao toque e ele provou o hálito doce, beijando-a. Primeiro foi suave, hesitante, mas aprofundou-se quando ela reagiu, tornando-se algo com vida própria, algo faminto e apaixonado, algo que crescera dentro dele durante mais de um ano sem que ele soubesse.

Um tempo depois, seus lábios separaram-se com um estalo suave, e eles sorriram com nervosismo. Com os braços envoltos um no outro, olharam por sobre Miln, compartilhando o ardor do amor juvenil.

— Você sempre encara o vale — disse Mery. Ela correu os dedos pelos cabelos dele e beijou sua têmpora. — Me diga o que você sonha quando seus olhos vão para tão longe.

Arlen ficou quieto por um tempo.

— Sonho em libertar o mundo dos terraítas — respondeu ele.

Como os pensamentos dela percorreram outro caminho, Mery riu da resposta inesperada. Ela não quis ser cruel, mas a risada cortou-o como um açoite.

— Então você acha que é o Salvador? — perguntou ela. — Como vai fazer?

Arlen afastou-se dela um pouco, sentindo-se vulnerável de repente.

— Não sei — admitiu ele. — Vou começar com o trabalho de mensageiro. Já economizei dinheiro para a armadura e o cavalo.

Mery sacudiu a cabeça.

— Isso não vai acontecer, se nos casarmos — disse ele.

— Vamos nos casar? — perguntou Arlen, surpreso, espantado com o aperto na garganta.

— Que foi? Não sou boa o bastante? — perguntou Mery, afastando-se e parecendo indignada.

— Não! Nunca disse que… — gaguejou Arlen.

— Está bem — interrompeu ela. — Ser mensageiro pode trazer dinheiro e glória, mas é perigoso demais, especialmente quando tivermos filhos.

— Agora vamos ter filhos?! — gritou Arlen.

Mery olhou para ele como se fosse um idiota.

— Não, não vai acontecer — continuou ela, ignorando-o enquanto repensava. — Vai precisar ser um protetor, como Cob. Ainda vai ter que lutar com demônios, mas estará seguro comigo em vez de cavalgando em alguma estrada infestada de terraítas.

— Não quero ser protetor — retrucou Arlen. — Nunca foi nada além de meio para um fim.

— Que fim? — perguntou Mery. — Jazer morto na estrada?

— Não. Não é o que vai acontecer comigo.

— O que vai ganhar como mensageiro que não pode ganhar como protetor?

— Fuga — respondeu Arlen sem pensar.

Mery ficou quieta. Virou a cabeça para evitar seus olhos e, depois de alguns momentos, afastou os braços dele. Sentou-se em silêncio e Arlen achou que a tristeza apenas deixava Mery mais bonita.

Ela, por fim, perguntou:

— Fuga do quê? De mim?

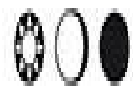
Arlen olhou para ela, atraído de forma que estava apenas começando a entender, e sua voz ficou engasgada. Seria tão ruim assim ficar? Quais eram as chances de encontrar outra mulher como Mery?

Mas era o suficiente? Nunca quis ter uma família. Eram ligações que ele não precisava. Se quisesse casar e ter filhos, poderia ter ficado no Riacho de Tibbet com Renna. Ele pensou que Mery fosse diferente…

Arlen invocou na cabeça a imagem que o sustentara pelos últimos três anos, vendo-se cavalgando pela estrada, livre para andar a esmo. Como sempre, o pensamento cresceu até ele se voltar e olhar novamente para Mery. A fantasia fugiu e só pensava em beijá-la de novo.

— De você não — disse ele, pegando as mãos de Mery. — De você eu não fugiria nunca.

Seus lábios encontraram-se novamente e, por um tempo, ele não pensou em mais nada.



— Tenho uma missão para o Bosque de Harden — comentou Ragen, referindo-se ao pequeno lugarejo agrícola a um dia inteiro de cavalgada de Forte Miln. — Importa-se em me acompanhar, Arlen?

— Ragen, não! — gritou Elissa.

Arlen lançou um olhar furioso, mas Ragen pegou seu braço antes que ele pudesse falar e lhe pediu, com gentileza:

— Arlen, posso ficar um momento a sós com minha mulher?

Arlen limpou a boca e pediu licença.

Ragen fechou a porta atrás dele, mas Arlen recusou-se a deixar seu destino ser decidido sem sua participação e deu a volta pela cozinha, ouvindo pela entrada dos criados. O cozinheiro olhou para ele, mas Arlen olhou para trás e o homem continuou cuidando dos seus afazeres.

— Ele é jovem demais! — dizia Elissa.

— Lissa, ele sempre será jovem demais para você — retrucou Ragen. — Arlen tem dezesseis, idade suficiente para fazer essa curta viagem.

— Você o incentiva!

— Sabe bem que Arlen não precisa de incentivo meu — insistiu Ragen.

— Treinando-o, então — retorquiu Elissa. — Ele estará mais seguro aqui!

— Estará bem seguro comigo. Não é melhor que ele faça suas primeiras viagens com alguém para supervisioná-lo?

— Eu prefiro que ele não faça nenhuma primeira viagem — Elissa respondeu, ácida. — Se você se importasse com ele, sentiria o mesmo.

— Pela Noite, Lissa, nem mesmo *veremos* um demônio. Chegaremos ao Bosque antes do pôr do sol e sairemos depois da alvorada. Gente comum faz essa viagem o tempo todo.

— Não quero saber — disse Elissa. — Não quero que ele vá.

— Não é escolha sua — lembrou Ragen.

— Eu proíbo! — gritou Elissa.

— Você não pode — berrou Ragen de volta. Arlen nunca tinha ouvido o mensageiro erguer a voz para ela.

— Preste bem atenção — rosnou Elissa. — Vou narcotizar seus cavalos! Quebro todas as lanças ao meio! Jogo sua armadura no poço para enferrujar!

— Tire todas as armas que quiser — retrucou Ragen com dentes cerrados — e Arlen e eu ainda partiremos para o Bosque de Harden amanhã, *a pé*, se necessário.

— Eu te abandono — disse Elissa baixinho.

— Quê?

— Você me ouviu — disse ela. — Tire Arlen daqui e eu partirei antes que você volte.

— Não pode estar falando sério.

— Nunca falei tão sério em toda a minha vida. Leve-o com você e eu vou embora.

Ragen ficou em silêncio por bastante tempo.

— Lissa, escute — disse ele por fim. — Sei como você se entristece por não ter engravidado…

— Não ouse trazer esse assunto à tona! — vociferou Elissa.

— Arlen não é seu filho! — gritou Ragen. — Por mais que esconda isso, nunca será! Ele é nosso *hóspede*, não nosso filho!

— Claro que não é nosso filho! Como poderia ser se você sai para entregar as malditas cartas sempre que estou no meu ciclo?

— Sabia quem eu era quando se casou comigo — recordou Ragen.

— Eu sei — replicou Elissa— e percebo que deveria ter ouvido mais a minha mãe.

— Que quer dizer isso? — indagou Ragen.

— Significa que não aguento mais — balbuciou Elissa, começando a chorar. — A espera constante, imaginando se você voltará para casa; as cicatrizes que você alega não serem nada. As rezas para que as raríssimas vezes que fazemos amor

me permitam conceber antes que eu fique velha demais. E agora isso! Eu sabia o que você era quando nos casamos e pensei que havia aprendido a lidar com a situação. — Ela soluçou. — Mas isso… Ragen, eu não consigo aguentar a ideia de perder os dois. Não posso!

Uma mão pousou no ombro de Arlen, causando um sobressalto. Era Margrit, com um olhar sério no rosto.

— Não deveria estar ouvindo isso — falou ela, e Arlen sentiu-se envergonhado por espionar. Estava prestes a partir quando ele ouviu as palavras do mensageiro.

— Tudo bem — anunciou Ragen para Elissa. — Direi a Arlen que ele não pode ir comigo e paro de incentivá-lo.

— Sério? — disse Elissa, fungando.

— Prometo — afirmou Ragen. — E quando voltar do Bosque de Harden tirarei alguns meses de folga e a manterei tão fertilizada que será impossível uma semente não vingar.

— Ah, Ragen! — riu Elissa, e Arlen ouviu como ela caiu nos braços dele.

— Você tem razão — disse Arlen a Margrit. — Não tenho direito de ouvir isso. — Ele engoliu a raiva presa na garganta. — Mas, para começo de conversa, eles não têm direito de discutir isso.

Ele subiu para o seu quarto e começou a arrumar suas coisas. Melhor dormir num colchão de palha duro na oficina de Cob do que numa cama macia que lhe custava o direito de tomar as próprias decisões.

Por meses, Arlen evitou Ragen e Elissa. Visitavam com frequência a oficina de Cob para vê-lo, mas ele nunca estava. Mandavam criados para fazer convites, mas os resultados eram os mesmos.

Sem usar o estábulo de Ragen, Arlen comprou um cavalo e praticou montaria nos campos fora da cidade. Mery e Jaik acompanhavam-no sempre, os três ficando cada vez mais próximos. Mery não gostava da prática, mas todos eram jovens ainda e a alegria simples de galopar um cavalo nos campos afastava outros sentimentos.

Arlen trabalhava com autonomia cada vez maior na oficina de Cob, atendendo chamados e recebendo novos clientes sem supervisão. Seu nome tornou-se conhecido nos círculos de protetores e os lucros de Cob cresceram. Ele contratou criados e assumiu mais aprendizes, deixando a parte pesada do treinamento com Arlen.

Quase todas as tardes, Arlen e Mery caminhavam juntos, observando as cores do céu. Seus beijos ficavam cada vez mais ávidos, os dois querendo mais, mas Mery sempre o afastava antes que fossem longe demais.

— Seu aprendizado terminará no próximo ano — vivia lhe dizendo. —

Podemos nos casar no dia seguinte, se quiser, e poderá me possuir todas as noites a partir de então.

Certa manhã, quando Cob estava fora da oficina, Elissa fez uma visita. Arlen, ocupado conversando com um cliente, não percebeu até ser tarde demais.

— Olá, Arlen — disse ela, quando o cliente saiu.

— Olá, lady Elissa.

— Não precisa ser tão formal — disse Elissa.

— Acho que a informalidade confundiu a natureza do nosso relacionamento — rebateu Arlen. — Não quero repetir o erro.

— Já pedi desculpas tantas vezes, Arlen — falou Elissa. — O que é preciso para que você me perdoe?

— Sinceridade — respondeu Arlen. Os dois aprendizes na bancada de trabalho olharam-se, em seguida levantaram juntos e saíram da sala.

Elissa nem havia percebido que estavam lá.

— Mas eu sou sincera.

— Não é — retrucou Arlen, juntando alguns livros do balcão e movendo-se para retirá-los dali. — A senhora sente muito por eu ter ouvido a conversa e me ofendido. Sente muito por eu ter partido. A única coisa pela qual a senhora *não* sente muito é pelo que fez, por fazer Ragen se recusar a me levar com ele.

— É uma viagem perigosa — insistiu Elissa com cuidado.

Arlen soltou os livros com um baque e, pela primeira vez, fitou os olhos de Elissa. Ele então fez uma revelação:

— Fiz uma dúzia de viagens nos últimos seis meses.

— Arlen! — disse Elissa, ofegante.

— Estive nas Minas do Duque também — continuou Arlen. — E nas Pedreiras do Sul. Todos lugares a um dia da cidade. Fiz meus círculos e a Guilda de Mensageiros está me escoltando desde que lhes entreguei minha candidatura, levando-me para onde eu quero ir. A senhora não conseguiu nada. Não vou ser aprisionado, Elissa. Nem por você, nem por ninguém.

— Nunca quis aprisioná-lo, Arlen, apenas protegê-lo — comentou Elissa baixinho.

— Esse nunca foi seu papel — retorquiu Arlen, voltando ao trabalho.

— Talvez não — suspirou Elissa —, mas fiz somente porque me preocupo. Porque te amo.

Arlen hesitou, recusando-se a olhar para ela.

— É tão ruim assim, Arlen? Cob não é jovem e ele te ama como a um filho. Seria uma maldição tão grande assumir sua oficina e se casar com aquela jovem linda que eu vejo com você?

Arlen sacudiu a cabeça e respondeu:

— Não vou ser protetor, nunca.

— E o que será quando você se aposentar? Será como Cob?

— Estarei morto antes disso — respondeu Arlen.

— Arlen! Que coisa horrível de se dizer!

— Por quê? — questionou Arlen. — É verdade. Nenhum mensageiro continua trabalhando e consegue morrer velho.

— Mas se você sabe que isso vai matá-lo, então por que fazê-lo? — quis saber Elissa.

— Porque prefiro viver poucos anos sabendo que sou livre do que passar décadas numa prisão.

— Miln está longe de ser uma prisão, Arlen — ponderou Elissa.

— É sim — insistiu Arlen. — A gente se convence de que é o mundo inteiro, mas não é. A gente diz que não existe nada lá fora que não tenha aqui, mas existe. Por que acha que Ragen continua a trabalhar como mensageiro? Ele tem mais dinheiro do que é capaz de gastar.

— Ragen está a serviço do duque. Tem a obrigação de fazer o trabalho, pois ninguém mais pode.

Arlen bufou.

— Existem outros mensageiros, Elissa, e Ragen olha para o duque como se ele fosse um inseto. Não faz isso por lealdade ou glória. Ele faz porque sabe a verdade.

— Que verdade?

— Que há mais lá fora do que existe aqui dentro — respondeu Arlen.

— Estou grávida, Arlen — falou Elissa. — Acha que Ragen encontrará *isso* em outro lugar?

Arlen fez uma pausa. Por fim, disse:

— Parabéns. Sei o quanto queria isso.

— É tudo que tem a dizer?

— Acho que espera a aposentadoria de Ragen agora. Um pai não pode se arriscar, certo?

— Há outras maneiras de combater demônios, Arlen. Cada nascimento é uma vitória contra eles.

— Está falando igual ao meu pai — retrucou Arlen.

Os olhos de Elissa arregalaram-se. Pelo tempo que conhecia Arlen, ele nunca falara dos pais.

— Parece um homem sábio — disse ela com suavidade.

Foi um comentário infeliz. Elissa soube de imediato. O rosto de Arlen endureceu-se até se transformar em algo que ela nunca vira antes; algo assustador.

— Ele não era sábio! — gritou Arlen, jogando um copo de pincéis no chão. Ele

se estilhaçou, espalhando pingos de tinta para todo lado. — Era um covarde! Deixou minha mãe morrer! Ele a deixou morrer…

Seu rosto contorceu-se numa careta angustiada e ele cambaleou, fechando os punhos. Elissa correu até ele, sem saber o que fazer ou dizer, sabendo apenas que queria abraçá-lo.

— Ele a deixou morrer porque tinha medo da noite — sussurrou Arlen. Tentou resistir ao abraço de Elissa, mas ela o segurou firme enquanto ele chorava.

Ficou abraçada com ele por um bom tempo, acariciando seus cabelos. Finalmente, ela murmurou.

— Venha para casa, Arlen.

Arlen passou o último ano de aprendizagem vivendo com Ragen e Elissa, mas a natureza do relacionamento havia mudado. Ele era um homem independente agora; nem mesmo Elissa tentava combater essa realidade. Para sua surpresa, a rendição os aproximou. Arlen a paparicava ao passo que sua barriga crescia e ele e Ragen organizavam suas excursões de forma que ela nunca ficasse sozinha.

Arlen também passava muito tempo com a ervanária parteira de Elissa. Ragen disse que um mensageiro precisava saber um pouco da arte das ervanárias, então Arlen buscava plantas e raízes que cresciam além das muralhas da cidade para a mulher e ela o ensinava algumas coisas.

Ragen ficou próximo de Miln naqueles meses e quando sua filha, Marya, nasceu, ele aposentou sua lança de uma vez por todas. Ele e Cob passaram aquela noite toda bebendo e brindando.

Arlen ficou sentado com eles, mas encarava seu copo, perdido em pensamentos.

— Deveríamos fazer planos — disse Mery um fim de tarde, quando ela e Arlen caminhavam até a casa do pai dela.

— Planos? — perguntou Arlen.

— Para o casamento, cabeça oca — riu Mery. — Meu pai nunca deixaria eu me casar com um aprendiz, mas ele não vai se opor quando você for protetor.

— Mensageiro — corrigiu Arlen.

Mery olhou para ele por um bom tempo até que disse:

— Já está na hora de você deixar as viagens de lado, Arlen. Será pai em breve.

— E o que uma coisa tem a ver com a outra? — perguntou Arlen. — Vários mensageiros são pais.

— Não vou me casar com um mensageiro — disse Mery, sem rodeios. —

Você sabe disso. Sempre soube.

— Como você sempre soube o que eu sou — retrucou Arlen. — E, mesmo assim, está aqui.

— Pensei que você poderia mudar. Pensei que poderia escapar desse delírio que de alguma forma te prendeu, de que você precisa arriscar a vida para ser livre. Pensei que me amasse!

— E amo — confirmou Arlen.

— Mas não o bastante para desistir disso.

Arlen ficou em silêncio.

— Como pode me amar e ainda continuar com essa loucura? — continuou Mery.

— Ragen ama Elissa — respondeu Arlen. — É possível ser os dois.

— Elissa odeia o que Ragen faz — discordou Mery. — Você disse isso.

— E, mesmo assim, estão casados há quinze anos — falou Arlen.

— É a isso que você vai me condenar? — indagou Mery. — Noites insones sozinhas, sem saber se você vai voltar? Imaginando se está morto ou se encontrou alguma insolente em outra cidade?

— Isso não vai acontecer — garantiu Arlen.

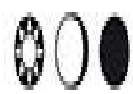
— Pelas Profundas, não vai acontecer mesmo — disse Mery quando as lágrimas começaram a rolar no rosto. — Não vou deixar. Acabou.

— Mery, por favor — pediu Arlen, estendendo a mão, mas ela se afastou, esquivando-se dele.

— Não temos mais nada a conversar.

Ela se virou e correu para a casa do pai.

Arlen ficou lá, parado, por um bom tempo, olhando-a partir. As sombras cresciam, e o sol afundava no horizonte, mas ainda assim ficou, até o Último Sino soar. Ele arrastou as botas pelas ruas calçadas, desejando que os terraítas subissem pelas pedras esculpidas e o consumissem.



— Arlen! Pelo Criador, o que está fazendo aqui? — gritou Elissa, correndo até ele quando o rapaz entrou na mansão. — Quando o sol se pôs, pensamos que você ficaria na casa de Cob!

— Eu só precisava de tempo para pensar — murmurou Arlen.

— Lá fora, na escuridão?

Arlen deu de ombros.

— A cidade é protegida. Não há terraítas soltos por aí.

Elissa abriu a boca para falar, mas percebeu o olhar de Arlen e a reprimenda dissolveu-se nos lábios. Ela então perguntou suavemente:

— Arlen, o que houve?

— Disse a Mery o mesmo que disse a você — respondeu Arlen, abrindo um sorriso atordoado. — Ela não recebeu muito bem.

— Não lembro de eu mesma ter recebido tão bem — disse Elissa.

— Então sabe o que quero dizer — concordou Arlen, subindo as escadas. Foi para o quarto e abriu bem as janelas, inalando o ar frio da noite e olhando para dentro da escuridão.

Pela manhã, foi visitar o mestre da Guilda, Malcum.

Na manhã seguinte, Marya chorou antes da alvorada, mas o som trouxe mais alívio que irritação. Elissa tinha ouvido histórias de crianças que morriam à noite e o pensamento a aterrorizava de tal forma que a menina precisava ser arrancada dos seus braços na hora de dormir e seus sonhos eram cheios de uma ansiedade sufocante.

Elissa lançou os pés para fora da cama e para dentro das sandálias, enquanto punha para fora o peito para amamentar. Marya sugava o bico do seio com força, mas mesmo a dor era bem-vinda, um sinal de força em sua amada filha.

— É isso, minha luz — sussurrava Elissa —, mame e cresça forte.

Ela caminhava enquanto a criança mamava, já temendo ser separada dela. Ragen roncava à larga na cama. Após poucas semanas de aposentadoria, ele estava dormindo melhor, os pesadelos diminuiram, e ela e Marya mantinham seus dias ocupados para que a estrada não o tentasse.

Quando Marya finalmente soltou o seio, arrotou satisfeita e cochilou. Elissa beijou-a e a deitou outra vez no berço; em seguida, foi até a porta. Margrit estava lá, esperando, como sempre.

— Dia, Mãe Elissa — disse a mulher. O título e a afeição genuína com a qual era pronunciado ainda deixavam Elissa exultante. Embora Margrit fosse sua criada, nunca tinham sido iguais da maneira que mais contava em Miln.

— Ouvi o choro da menina — disse Margrit. — Ela é das fortes.

— Preciso sair — falou Elissa. — Por favor, prepare um banho e meu vestido azul com a capa de arminho.

A mulher assentiu e Elissa voltou para ficar ao lado da filha. Quando foi se banhar e se trocar, Elissa deixou, ainda que relutante, o bebê com Margrit e saiu para a cidade antes que o marido acordasse. Ragen a repreenderia por se intrometer, mas Elissa sabia que Arlen estava cambaleando num abismo e ela não o deixaria cair sem antes agir.

Ela olhou ao redor, temendo que Arlen pudesse vê-la entrando na biblioteca. Não encontrou Mery em nenhuma das celas ou estantes, mas não ficou surpresa. Como muitas coisas pessoais, Arlen não falava sempre de Mery, mas Elissa ouvia com atenção quando ele o fazia. Sabia que havia um lugar especial para

eles e sabia que a garota estaria lá.

Elissa encontrou Mery no telhado da biblioteca, chorando.

— Mãe Elissa! — arfou Mery, limpando apressadamente as lágrimas. — A senhora me assustou!

— Desculpe, querida — disse Elissa, aproximando-se. — Se quiser que eu vá embora eu vou, mas pensei que talvez precisasse de alguém para conversar.

— Arlen mandou a senhora?

— Não — respondeu Elissa. — Mas eu vi como ele ficou triste e sabia que deve ser difícil para você também.

— Ele ficou triste? — fungou Mery.

— Ele perambulou pelas ruas escuras por horas — confirmou Elissa. — Eu quase adoeci de preocupação.

Mery balançou a cabeça.

— Determinado a se matar — murmurou ela.

— Acho que é o contrário — disse Elissa. — Acho que está tentando desesperadamente se sentir vivo.

Mery olhou para ela e Elissa sentou-se ao lado da garota.

— Por muitos anos, eu não conseguia entender por que meu marido sentia a necessidade de sair por aí, ficar longe de casa, encarando os terraítas e arriscando a vida por alguns pacotes e papéis. Ele fez dinheiro suficiente para dar uma vida de luxo a duas gerações nossas. Por que insistir? As pessoas descrevem os mensageiros com palavras como obrigação, honra e abnegação. Eles se convencem de que esse é o motivo pelo qual mensageiros fazem o que fazem.

— E não é? — questionou Mery.

— Por um tempo, pensei que fosse — explicou Elissa—, mas vejo as coisas com mais clareza agora. Há épocas na vida nas quais nos sentimos tão vivos que, quando elas passam, parecemos… diminuídos. Quando isso acontece, fazemos quase qualquer coisa para nos sentirmos vivos de novo.

— Nunca me senti diminuída — disse Mery.

— Nem eu — comentou Elissa. — Não até eu engravidar. De repente, eu era responsável por uma vida dentro de mim. Tudo que eu comia, tudo que fazia, a afetava. Precisei esperar tanto que fiquei apavorada em perder a criança, como muitas mulheres da minha idade ficam.

— A senhora não é tão velha assim — discordou Mery. Elissa deu um leve sorriso.

— Eu podia sentir a vida de Marya pulsando dentro de mim — continuou Elissa —, e a minha pulsando em harmonia. Nunca senti algo assim. Agora, com o nascimento da bebê, fico desesperada, pois talvez nunca mais sinta isso novamente. Agarro-me a ela demais, mas aquela ligação nunca será a mesma.

— O que isso tem a ver com Arlen? — perguntou Mery.

— Estou lhe dizendo como acho que os mensageiros se sentem quando viajam

— respondeu Elissa. — Para Ragen, acredito que o risco de perder a vida o fazia ver o quanto ela é preciosa, e isso alimenta um instinto nele que nunca o deixaria morrer. Para Arlen é diferente. Os terraítas tiraram muitas coisas dele, Mery, e ele se culpa. Acho que, no fundo, ele se odeia. Culpa os terraítas por fazerem com que se sinta assim e apenas ao desafiá-los consegue encontrar a paz.

— Ah, Arlen — sussurrou Mery, as lágrimas reluzindo nos olhos mais uma vez.

Elissa estendeu a mão e tocou o rosto da menina.

— Mas ele te ama — falou ela. — Eu ouço quando ele fala sobre você. Acho, às vezes, que se ocupa tanto em te amar que esquece de se odiar.

— Como a senhora conseguiu, Mãe? — perguntou Mery. — Como conseguiu aguentar todos esses anos casada com um mensageiro?

Elissa suspirou.

— Porque Ragen tem bom coração e é forte ao mesmo tempo e eu sei como é raro encontrar um homem assim. Porque nunca duvidei que ele me amava e voltaria. Mas, acima de tudo, porque os momentos que tinha com ele valiam por todos que ficávamos separados.

Ela abraçou Mery, segurando a garota com força.

— Dê um motivo para ele voltar para casa, Mery, e acredito que Arlen aprenderá que a vida vale alguma coisa, no fim das contas.

— Mas não quero que ele vá — disse Mery baixinho.

— Eu sei — concordou Elissa. — Nem eu. Mas não creio que poderei amá-lo menos se ele for.

Mery suspirou.

— Nem eu.

Arlen esperava aquela manhã, quando Jaik partiu para o moinho. Ele estava com seu cavalo, um corcel baio de crina preta, o qual batizou de Corredor da Alvorada, e a armadura.

— O que é isso? — perguntou Jaik. — Partindo para o Bosque de Harden?

— E além — respondeu Arlen. — Tenho uma missão da Guilda para entregar uma mensagem em Lakton

— Lakton!? — arfou Jaik. — Levará semanas até chegar lá!

— Poderia vir comigo — ofereceu Arlen.

— Quê? — indagou Jaik.

— Como meu menestrel.

— Arlen, não estou pronto… — disse Jaik.

— Cob diz que se aprende melhor na prática — interrompeu-o Arlen. — Venha comigo e aprenderemos juntos! Quer trabalhar no moinho para sempre?

Jaik baixou os olhos para a rua calçada.

— Ser moleiro não é tão ruim — falou ele, balançando de um lado para o outro.

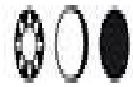
Arlen encarou-o por um momento e meneou a cabeça.

— Cuide-se, Jaik — disse ele, montando o Corredor da Alvorada.

— Quando volta? — perguntou Jaik.

Arlen ergueu os ombros.

— Não sei — respondeu, olhando para os portões da cidade. — Talvez nunca.



Elissa e Mery voltaram à mansão mais tarde naquela manhã, esperando o retorno de Arlen.

— Não ceda *tão* fácil — aconselhou Elissa enquanto caminhavam. — Não quer entregar *todo* o seu poder para ele. Faça-o lutar por você ou nunca entenderá o quanto vale.

— Acha que entenderá? — perguntou Mery.

— Ah, eu *sei* que entenderá — disse Elissa, sorrindo.

— Viu Arlen esta manhã? — perguntou Elissa a Margrit quando elas chegaram.

— Sim, Mãe — respondeu a mulher. — Há poucas horas. Passou um tempo com Marya. Depois saiu, carregando uma bolsa.

— Bolsa? — questionou Elissa.

Margrit deu de ombros.

— Deve ter ido para o Bosque de Harden ou algo assim.

Elissa assentiu com a cabeça, pois não se surpreendia por Arlen ter escolhido sair da cidade por um dia ou dois.

— Vai estar de volta amanhã, no máximo — disse para Mery. — Venha ver a bebê antes de ir.

Elas subiram as escadas. Elissa arrulhou quando se aproximou do berço de Marya, ansiosa para segurar a filha, mas parou quando viu o papel dobrado sob a criança.

Com mãos trêmulas, Elissa ergueu o pedaço de pergaminho e leu:

Queridos Elissa e Ragen,

Assumi uma missão para Lakton na Guilda dos Mensageiros. Quando estiverem lendo esta carta, estarei na estrada. Peço desculpas por não conseguir ser o que todos queriam.

Obrigado por tudo. Nunca esquecerei vocês. — Arlen

— Não! — gritou Mery. Ela correu para fora da sala, deixando a casa às pressas.

— Ragen! — gritou Elissa. — Ragen!!!

O marido veio correndo até ela, sacudiu a cabeça com tristeza quando leu o bilhete e murmurou:

— Sempre fugindo dos problemas.

— E agora? — questionou Elissa.

— E agora o quê? — devolveu a pergunta Ragen.

— Vá encontrá-lo! — esbravejou Elissa. — Traga-o de volta!

Ragen encarou a mulher com um olhar sério e, sem dizer palavra, eles discutiram. Elissa sabia que estava perdendo a batalha desde o início e logo baixou os olhos.

— Cedo demais — disse ela. — Por que não pôde esperar mais um dia?

Ragen abraçou-a quando ela começou a chorar.

— Arlen! — gritou Mery enquanto corria. Toda a pretensão de calma esvaíra-se dela, todo interesse em parecer forte, em fazer Arlen lutar. Tudo que queria era encontrá-lo antes que ele partisse e dizer-lhe que o amava, que ela continuaria amando, independentemente do que ele escolhesse fazer.

Ela chegou aos portões da cidade em tempo recorde, ofegante pelo esforço, mas era tarde demais. Os guardas relataram que ele havia partido da cidade horas mais cedo.

Mery sabia, de coração, que ele não voltaria. Se o quisesse, teria que ir atrás dele. Sabia cavalgar. Poderia pegar um cavalo de Ragen e partir atrás dele. Certamente buscaria abrigo no Bosque de Harden na primeira noite. Se ela se apressasse, poderia chegar lá a tempo.

Voltou às pressas para a mansão, o medo de perdê-lo lhe dera forças.

— Ele partiu! — gritou Mery para Elissa e Ragen. — Preciso de um cavalo emprestado!

Ragen sacudiu a cabeça negativamente.

— Já passa do meio-dia. Nunca chegará a tempo. Vai estar na metade do caminho quando os terraítas aparecerem para rasgá-la em pedaços — ele disse.

— Não me importa! — gritou Mery novamente. — Preciso tentar.

Ela partiu para os estábulos, mas Ragen alcançou-a com rapidez. Mery chorou e se debateu, mas ele era como pedra e nada que ela fizesse poderia afrouxar as mãos do mensageiro.

De repente, Mery entendeu o que Arlen quis dizer quando falou que Miln era uma prisão. E soube o que era sentir-se diminuída.

Já era tarde quando Cob encontrou a carta simples enfiada num caderno sobre

sua bancada. Nela, Arlen pedia desculpas por partir antes dos sete anos terem terminado. Esperava que Cob pudesse compreender.

Cob leu a carta várias vezes, memorizando cada palavra e os significados nas entrelinhas.

— Pelo Criador, Arlen — disse ele. — Claro que compreendo.

Então ele chorou.

PARTE III

KRASIA

328 DR

depois do retorno

III

17
RUÍNAS
– 328 DR –

O QUE ESTÁ FAZENDO, ARLEN?, ele se perguntou quando a luz de sua tocha tremeluziu convidativa na escadaria de pedra que levava para a escuridão lá embaixo. O sol estava bem baixo e levaria muitos minutos até voltar ao acampamento, mas as estrelas o chamavam de uma maneira que não conseguia explicar.

Cob e Ragen alertaram-no sobre isso. O pensamento em tesouros que poderiam ser encontrados em ruínas era forte demais para alguns mensageiros e eles corriam riscos. Riscos estúpidos. Arlen sabia que era um desses e nunca conseguiu resistir à exploração dos "pontos perdidos no mapa", como o sacerdote Ronnell os chamava. O dinheiro que fizera com o trabalho de mensageiro pagava essas excursões, às vezes afastando-o dias da estrada mais próxima. No entanto, com todo o esforço, encontrou apenas escombros.

Seus pensamentos se voltaram para a pilha de livros do velho mundo que se despedaçavam quando ele tentava erguê-los. Para a lâmina enferrujada que cortou sua mão e a fez infeccionar tanto que sentiu o braço arder em chamas. A

adega de vinhos que o soterrou e prendeu por três dias, até ele cavar a saída sem uma garrafa para servir de prova. Exploração de ruínas nunca compensava e ele sabia que, um dia, significaria sua morte.

Volte, ele implorou a si mesmo. *Coma alguma coisa. Cheque suas proteções. Descanse um pouco.*

— A noite te pegou — praguejou Arlen contra si mesmo e desceu as escadas.

Mas, com toda a autodepreciação, o coração saltava com o entusiasmo. Sentia-se livre e vivo além de qualquer coisa que as Cidades Livres poderiam oferecer. Foi por *isso* que ele se tornou mensageiro.

Chegou ao fundo das escadas e limpou a testa suada com a manga da camisa, dando um trago rápido em seu odre de água. Quente como estava, era difícil imaginar que, depois do pôr do sol, as temperaturas do deserto lá em cima caíam quase ao ponto do congelamento.

Ele se moveu pelo corredor com areia e pedras ordenadas, a luz de sua tocha dançando pelas paredes como demônios das sombras. *São demônios das sombras?*, perguntou a si mesmo. *Isso seria muita sorte*. Ele suspirou. Havia tanto que ele ainda não conhecia.

Aprendera muito nos últimos três anos, absorvendo conhecimento de outras culturas e de sua luta contra os terraítas como uma esponja. Na floresta angieriana, passou semanas estudando os demônios da madeira. Em Lakton, conheceu barcos além das pequenas canoas de dois homens usadas no Riacho de Tibbet e pagou pela curiosidade sobre demônios da água com uma cicatriz franzida no braço. Teve sorte, foi capaz de firmar o pé e puxar o tentáculo, tirando o terraíta da água. Incapaz de tolerar o ar, a criatura assustadora soltou-o e mergulhou outra vez nas águas. Passou meses lá, aprendendo as proteções aquáticas.

Forte Rizon se parecia muito mais com seu lar, menos uma cidade, mais um amontoado de comunidades agrícolas, cada qual ajudando a outra para aliviar as perdas inevitáveis para terraítas que driblavam os postes protetores.

Mas Forte Krasia, a Lança do Deserto, era a favorita de Arlen. A Krasia dos ventos pungentes, onde os dias queimavam e as noites frias traziam à tona os demônios da areia de dentro das dunas.

Krasia, onde ainda lutavam.

Os homens de Forte Krasia não se deixavam sucumbir ao desespero. Travavam batalhas noturnas contra os terraítas, trancando em casa mulheres e filhos, pegando em lanças e redes. Suas armas, como aquelas que Arlen carregava, pouco adiantavam para perfurar a pele rígida de um terraíta, mas machucavam os demônios e eram o bastante para acossá-los na direção das armadilhas protegidas, até o sol do deserto se erguer e reduzi-los a cinzas. Sua determinação era inspiradora.

No entanto, por tudo que aprendera, Arlen apenas ficava ávido por mais. Cada

cidade lhe ensinava algo desconhecido das outras. Em algum lugar, ele encontraria as respostas que buscava.

E então esta última ruína. Meio enterrada na areia, quase esquecida, exceto por um mapa krasiano descoberto por Arlen, a cidade do Sol de Anoch permanecera intacta por centenas de anos. Muito da superfície havia desmoronado ou se desgastado pelo vento e pela areia, mas os níveis inferiores, abertos bem fundo no solo, estavam incólumes.

Arlen fez uma curva e perdeu o fôlego. Lá em cima, à luz trêmula e mortiça, viu símbolos descascados, talhados nos pilares de pedra cada lado do corredor. Proteções.

Erguendo a tocha para mais perto, Arlen inspecionou-as. Eram antigas. Antiquíssimas. O próprio ar que pairava ao redor deles era rançoso com o peso dos séculos. Pegou papel e carvão da bolsa para fazer a cópia por fricção. Em seguida, engolindo seco, continuou, levantando levemente a poeira das eras.

Encontrou uma porta de madeira no fim do corredor. Era pintada com proteções esmaecidas e lascadas, poucas das quais Arlen reconhecia. Ele puxou o caderno e copiou as que estavam intactas o bastante para serem decifradas, depois continuou examinando a porta.

Era mais uma laje que uma porta e Arlen logo percebeu que nada a segurava no lugar, exceto seu peso. Erguendo a lança para servir de alavanca, encaixou a ponta de metal na fenda entre a laje e a parede e puxou. A ponta da lança se quebrou.

— Pela Noite! — praguejou Arlen. Era de Miln, metal era raro e caro. Ignorando o empecilho, pegou martelo e cinzel da bolsa e talhou a parede. O arenito cedia com facilidade e logo havia escavado um buraco largo o bastante para encaixar o bastão da lança além da laje. A lança era grossa e sólida, e desta vez, quando Arlen jogou o peso contra a alavanca, sentiu a grande laje afastar-se um pouco. Ainda assim, a madeira quebraria antes de a laje abrir.

Usando o cinzel, Arlen arrancou as lajotas do chão na base da porta, cavando uma greta funda para tombá-la. Se pudesse mover a laje até ali, a própria inércia a manteria em movimento.

Voltando para a lança, ele a empurrou mais uma vez. A pedra resistia, mas Arlen perseverou, cerrando os dentes com o esforço. Por fim, com um impacto estrondoso, a laje foi ao chão, deixando uma abertura estreita na parede, cheia de poeira.

Arlen entrou no que parecia ser uma câmara mortuária. O ar exalava antiguidade, mas o ar mais fresco que vinha do corredor já estava invadindo a câmara. Erguendo a tocha, viu que as paredes tinham uma pintura brilhante de figuras pequeninas, estilizadas, retratando inúmeras batalhas de seres humanos contra demônios.

Batalhas que os seres humanos pareciam estar vencendo.

No centro da sala ficava um caixão de obsidiana cortado grosseiramente no formato de um homem segurando uma lança. Arlen aproximou-se do caixão, observando as proteções ao longo do comprimento. Estendeu as mãos para tocá-las e percebeu que tremiam.

Sabia que havia pouco tempo até o pôr do sol, mas Arlen não conseguiria partir naquele momento, mesmo se todos os demônios das Profundas se erguessem contra ele. Ofegante, ele foi até a cabeça do sarcófago e empurrou firme, forçando a tampa para que ela tombasse no chão sem se quebrar. Arlen sabia que devia ter copiado as proteções antes de tentar aquilo, mas o tempo que levaria copiando significaria voltar pela manhã e ele simplesmente não podia esperar.

A pedra pesada moveu-se lentamente. Seu rosto avermelhou-se com o esforço enquanto empurrava, seus músculos inchados e endurecidos. A parede estava bem atrás dele e Arlen apoiou um pé contra ela para alavancá-la. Com um grito que ecoou pelo corredor, ele empurrou com toda a força e a tampa deslizou, batendo com tudo no chão.

Arlen nem prestou atenção na tampa, encarando o conteúdo do grande caixão. O corpo envolto em panos lá dentro estava incrivelmente intacto, mas não conseguiu manter a atenção do rapaz. Tudo que Arlen conseguiu ver foi o objeto preso nas mãos enfaixadas. Uma lança de metal.

Deslizando a arma com reverência da mão teimosa do cadáver, Arlen ficou maravilhado com a leveza da lança. De ponta a ponta tinha uns dois metros e dez, e o cabo media mais de dois centímetros de diâmetro. A ponta ainda estava afiada de fazer sangrar, mesmo após tantos anos. O metal era desconhecido para Arlen, mas aquele fato fugiu aos seus pensamentos quando observou outra coisa.

A lança tinha proteções. Em toda a superfície prateada corriam entalhes, um nível de habilidade desconhecido nos tempos modernos. As proteções eram diferentes de tudo que já vira.

Enquanto Arlen tomava ciência da enormidade da descoberta, percebeu também o perigo que corria. O sol estava se pondo lá em cima. Nada que ele havia encontrado ali importaria se morresse antes de levar à civilização.

Agarrando sua tocha, Arlen partiu da câmara mortuária e correu pelo corredor, subindo as escadas três degraus por vez. Avançava apressado pelo labirinto de passagens guiado pelo instinto, rezando para que as curvas e viradas estivessem certas.

Finalmente, viu a saída para as ruas empoeiradas, meio enterradas, mas não avistou nenhum laivo de luz através da entrada. Quando chegou à saída, viu que o céu ainda estava tingido de cores. O sol tinha acabado de se pôr. O acampamento estava à vista e os terraítas começavam a se erguer.

Sem parar para pensar em seus atos, Arlen largou a tocha e avançou para fora do prédio, espalhando areia enquanto ziguezagueava entre os demônios da terra

em ascensão.

Primos dos demônios da rocha, os demônios da areia eram menores e mais ágeis, mas ainda ficavam entre os mais fortes e encarapuçados das raças terraítas. Tinham escamas pequenas, afiadas, com coloração amarela-escura, quase indistinguível da areia, em vez das grandes placas cinzentas dos primos demônios da rocha, e corriam sobre quatro patas, enquanto os demônios da rocha encurvavam-se sobre duas pernas.

Mas a cara era idêntica; fileiras de dentes segmentados projetavam-se das mandíbulas como um focinho, enquanto as narinas ficavam bem atrás, abaixo dos olhos grandes sem pálpebras. Os ossos espessos de sua testa curvavam-se para cima e para trás, abrindo caminho entre as escamas como chifres afiados. A testa retorcia-se o tempo todo quando se agachavam, erguendo a areia sempre em movimento.

E, ainda mais aterrorizantes que seus primos maiores, demônios da areia caçavam em bando. Trabalhariam em conjunto para matá-lo.

Com o coração acelerado e sua descoberta esquecida, Arlen atravessou as ruínas com velocidade e agilidade incríveis, saltando sobre pilares caídos e rochas partidas enquanto desviava-se à direita e à esquerda dos terraítas que se materializavam.

Os demônios precisavam de um momento para se firmar na superfície e Arlen tirou toda a vantagem desse fato enquanto zunia na direção do seu círculo. Chutou um demônio atrás dos joelhos, derrubando-o apenas a tempo de passar. Outro ele atacou diretamente, somente para sair do caminho no último instante e deixar as garras do terraíta cortarem o ar.

Aumentou a velocidade quando o círculo se aproximou, mas um demônio estava no caminho. Não havia como contorná-lo. A criatura tinha quase um metro e meio de altura e sua confusão inicial havia passado. Agachou-se de prontidão, bem no caminho dele, sibilando ódio.

Arlen estava tão perto — seu círculo precioso apenas a poucos metros de distância. Podia esperar apenas derrubar a criatura menor e rolar para dentro do círculo antes que ela pudesse matá-lo.

Ele avançou sem rodeios, fustigando instintivamente com a nova lança enquanto tombava a criatura. Um brilho surgiu do impacto e Arlen foi ao chão com tudo, erguendo-se numa nuvem de areia, e continuou, sem ousar olhar para trás. Ele saltou para dentro do círculo — e então estava a salvo.

Ofegante por conta do esforço, Arlen ergueu os olhos para os demônios da areia que o cercavam, delineados pelo crepúsculo do deserto. Chiavam e arranhavam as proteções, as garras causando estalos luminosos de magia.

À luz mortiça, Arlen viu o demônio que havia atingindo. Ele se arrastava lentamente para longe de Arlen e dos companheiros das trevas, deixando um rastro preto gosmento na areia.

Os olhos de Arlen arregalaram-se. Lentamente, olhou para a lança que ainda segurava nas mãos.

A ponta estava coberta com sangue das trevas.

Reprimindo a vontade insana de gargalhar, Arlen voltou a olhar para o terraíta ferido. Um por um, seus companheiros pararam o ataque às proteções de Arlen, farejando o ar. Viraram-se, observando a trilha de sangue, e depois para o demônio ferido.

Com um grito, o bando caiu sobre a criatura, despedaçando-a.

No fim das contas, o frio da noite desértica forçou Arlen a tirar os olhos da lança de metal. Ele havia feito uma fogueira quando montou acampamento mais cedo, então a atiçou e avivou suas chamas, aquecendo a si e um pouco do jantar. O Corredor da Alvorada estava amarrado e coberto dentro do círculo, tendo sido escovado e alimentado antes de Arlen sair para explorar as ruínas naquela tarde.

Como em todas as noites nos últimos três anos, Maneta aparecia logo após a lua se erguer, percorrendo as dunas e espalhando os terraítas menores diante do círculo de Arlen. Arlen o cumprimentava sempre com palmas. Maneta rugia seu ódio como resposta.

Quando saiu de Miln pela primeira vez, Arlen imaginou se encontraria uma maneira de dormir com o som do Maneta martelando em suas proteções, mas agora era mais que natural para ele. Seu círculo protetor fora testado repetidas vezes e Arlen fazia sua manutenção religiosamente, mantendo as placas com verniz novo e as cordas reparadas.

No entanto, ele odiava o demônio. Os anos não trouxeram nada da afinidade que os guardas da muralha do Forte Miln sentiam. Enquanto Maneta lembrava quem o mutilara, Arlen também lembrava quem lhe dera as cicatrizes retorcidas nas costas e quase lhe tomara a vida. Lembrava-se também dos nove protetores, trinta e sete guardas, dois mensageiros, três ervanárias e dezoito cidadãos de Miln que perderam a vida nas mãos dele. Ele encarava o demônio agora, alisando distraidamente a nova lança. O que aconteceria se ele o golpeasse? A arma havia ferido o demônio da areia. As proteções afetariam um demônio da rocha também?

Ele reuniu todas as suas forças para resistir ao impulso de saltar do círculo e descobrir.

Arlen mal havia dormido quando o sol mandou os demônios de volta para as Profundas, mas ele acordou bastante animado. Depois do desjejum, pegou o

caderno e examinou a lança, copiando minuciosamente cada proteção e analisando os padrões no cabo e na ponta.

Quando terminou, o sol estava alto no céu. Pegando outra tocha, voltou às catacumbas, fazendo cópias por fricção das proteções talhadas na pedra. Havia outras tumbas e ficou tentado a ignorar toda a razão e explorar cada uma. No entanto, se permanecesse ali outro dia, sua comida terminaria antes que chegasse ao Oásis da Aurora. Arriscara a busca de um poço nas ruínas do Sol de Anoch, o que de fato encontrou, mas a vegetação era escassa e não comestível.

Arlen suspirou. As ruínas aguentaram séculos. Estariam ali quando voltasse, se possível com uma equipe de protetores krasianos acompanhando-o.

Quando voltou lá de dentro, o dia já estava quase terminado. Arlen teve tempo de exercitar e alimentar o Corredor da Alvorada, em seguida preparou uma refeição para si, pensativo.

Os krasianos exigiriam uma prova, claro. Prova de que a lança poderia matar. Eram guerreiros, não caçadores de tesouros, e não despenderiam um único homem saudável para uma expedição sem um bom motivo.

Prova, pensou Arlen. E devia vir exatamente dele.

Com menos de uma hora antes do pôr do sol, Arlen começou a preparar o acampamento. Prendeu novamente o cavalo, verificando o círculo portátil ao redor dele. Preparou seu círculo de três metros, como de costume, em seguida pegou uma série de pedras protetoras da bolsa e começou a arranjá-las ao redor dele, num círculo externo com uns doze metros de diâmetro. Deitou as pedras levemente mais distantes que o habitual, alinhando-as cuidadosamente com seus pares. Havia um terceiro círculo portátil nos alforjes — Arlen sempre mantinha um sobressalente —, que ele também abriu no acampamento, ao lado do círculo maior, às margens.

Quando terminou, Arlen ajoelhou-se no círculo central, a lança ao lado, e respirou profundamente, limpando a mente de distrações. Não assistiu ao sol se pôr nem à areia reluzir no horizonte antes de escurecer.

Os ágeis demônios da areia foram os primeiros a despertar. Arlen ouviu as proteções do círculo exterior faiscarem e estalarem, mantendo-os afastados. Momentos depois, ouviu o rugido do Maneta, tirando os demônios menores do caminho enquanto se aproximava do círculo externo de Arlen. Arlen ignorou-o, continuou a respirar, olhos fechados, mente calma. A falta de reação serviu apenas para enfurecer o demônio ainda mais e ele bateu com força contra as proteções.

A magia avivava-se, visível até mesmo com as pálpebras fechadas, mas o demônio não continuou imediatamente seu ataque. Ele abriu os olhos, observando o Maneta inclinar a cabeça, curioso. Arlen deu-se ao luxo de um sorriso mal-humorado.

O Maneta bateu novamente nas proteções e parou de novo. Desta vez, o

demônio soltou um grito penetrante e firmou os pés, empurrando com o braço bom as proteções, as garras estendidas. Como se estivesse pressionando uma parede de vidro, o demônio recostou-se para a frente, gritando de dor ao passo que dobrava, triplicava a pressão contra as proteções. A magia furiosa espalhava-se como teia de aranha de onde as garras tocavam a barreira e enquanto o demônio pressionava a magia curvava-se visivelmente no ar.

Com um som que arrepiou até mesmo a mente calma de Arlen, o demônio da rocha flexionou as pernas encouraçadas e passou através da rede de proteção, tombando para dentro do círculo interior. Corredor da Alvorada relinchou e puxou as amarras.

Arlen ergueu-se quando Maneta o fez e os olhos se desafiaram. Os demônios da areia, mais fracos, tentavam desesperadamente repetir o feito do Maneta, mas as pedras protetoras estavam precisamente espaçadas e nenhum deles teria força para atravessá-las. Eles berraram frustrados para a barreira e testemunharam o confronto no círculo interior.

Embora tivesse crescido desde a primeira vez que se encontraram, Arlen não se sentia maior diante do Maneta do que naquela primeira noite aterrorizante. O demônio da rocha tinha mais de quatro metros e meio das garras dos pés à ponta dos chifres, mais que duas vezes o tamanho de um homem. Arlen foi forçado a lançar a cabeça para trás para fitar os olhos do terraíta, fixos nos dele sem qualquer hesitação.

O focinho do Maneta arreganhou-se para revelar uma fileira de dentes afiados como lâminas; a baba escorria e ele flexionou as garras, semelhantes a adagas, como uma provocação. Seu peito encouraçado estava estendido, a carapaça preta impenetrável por armas conhecidas, e sua cauda espinhosa movia-se para lá e para cá, pesada o bastante para esmagar um cavalo com um único golpe. Seu corpo chiava e desprendia fumaça por ter cruzado a rede protetora, mas os ferimentos óbvios apenas faziam o terraíta parecer ainda mais perigoso, um gigante enlouquecido pela dor.

Os dedos de Arlen apertaram-se em volta da lança de metal quando ele deu um passo para fora do círculo.

18
RITO DE PASSAGEM
– 328 DR –

O MANETA URROU NOITE ADENTRO, sua vingança finalmente à mão. Arlen forçou-se a respirar fundo, lutando para impedir que o coração palpitasse até sair do peito. Mesmo que a magia da lança pudesse ferir o demônio — e ele não tinha nada além da esperança de que isso poderia ocorrer —, não seria o bastante para vencer a batalha. Precisava de toda a sua astúcia, de todo o seu treinamento.

Os pés afastaram-se lentamente até a posição de batalha. A areia o deixava mais lento, mas faria o mesmo com Maneta. Manteve o contato visual e não fez movimentos bruscos, enquanto o terraíta saboreava o momento. O alcance deste excedia muito o de Arlen, mesmo com a lança. Que o monstro fosse até ele.

Arlen sentiu como se a vida toda tivesse sido uma torrente até aquele momento, sem que ele sequer percebesse. Não sabia ao certo se estava pronto para a provação, mas depois de ser perseguido pelo demônio por mais de dez anos descobriu que o pensamento de prorrogar esse momento era insuportável. Mesmo agora, poderia voltar ao círculo protetor, seguro contra os ataques do demônio da rocha. Por vontade própria, afastou-se dele, embrenhando-se na

disputa.

Maneta observou o círculo e seu focinho retorceu-se num rosnado. Um baixo retumbar ecoou na garganta do terraíta. Sua cauda balançava mais rápido e Arlen sabia que estava se preparando para atacar.

Com um rugido, o demônio avançou, as garras estendidas quando cortaram o ar. Arlen correu para a frente, esquivando-se do ataque e movendo-se para dentro do alcance do terraíta. Ele continuou, passando direto entre as pernas do demônio, cravando a lança na cauda, enquanto rolava para o lado. Ao acertar, um brilho de magia animador surgiu e o demônio uivou quando a arma atravessou a carapaça e perfurou a carne.

Arlen esperava o revide da cauda do demônio, que veio mais rápido do que esperava. Atirou-se ao chão quando a cauda riscou o ar, os espinhos a centímetros da cabeça. Num estalo, ficou em pé outra vez, mas Maneta já se virava, usando o impulso da cauda para acelerar o giro. Mesmo com todo o seu tamanho, o terraíta era ágil.

Maneta golpeou de novo e Arlen não conseguiu desviar a tempo. Ergueu o cabo da lança perpendicularmente para segurar o golpe, mas sabia que o demônio era poderoso demais para ser bloqueado. Deixou que suas emoções levassem a melhor sobre ele; mergulhou nessa disputa cedo demais. Praguejou por sua estupidez.

Porém, quando as garras do demônio atingiram o metal da lança, as proteções talhadas ao longo dela reluziram. Arlen mal sentiu o golpe, mas Maneta foi atirado para trás como se tivesse atingido um círculo protegido. O demônio foi defletido quando sua força ricocheteou, mas se recuperou rápido, sem ferimentos.

Arlen forçou-se a superar o choque e moveu-se, compreendendo a bênção que era a arma em suas mãos e valendo-se da determinação para aproveitá-la ao máximo. O Maneta atacou-o enlouquecidamente, resoluto a atravessar esse novo obstáculo.

Espalhando areia enquanto corria, Arlen saltou sobre as ruínas de um alentado pilar de pedra, encontrando abrigo embaixo dele e preparando-se para desviar à esquerda ou à direita, dependendo de como o demônio se aproximasse.

O Maneta atingiu com força o pilar com quase um metro e vinte de diâmetro, partindo-o e lançando um bocado dos fragmentos para fora do caminho com um esticar de seu braço vigoroso. A mera exibição de força era aterradora e Arlen retornou para o seu círculo, precisando de um momento para se recuperar.

Porém, o demônio antecipou sua reação e suas pernas contraíram-se, atirando-o no ar. Ele aterrissou entre Arlen e seu abrigo.

Arlen parou por um momento e Maneta urrou novamente, triunfal. Testara a resistência de Arlen, descobrindo-a precária. Respeitava o ferimento da lança, mas não havia medo nos olhos do terraíta enquanto ele avançava. Arlen abriu

espaço lentamente, de forma deliberada, sem querer provocar a criatura com um movimento brusco. Recuou o máximo que pôde antes de cruzar suas pedras protetoras externas, chegando ao alcance dos demônios da areia reunidos para assistir à batalha.

Maneta percebeu a situação difícil de Arlen e rugiu, seu ataque estrondoso terrível de encarar. Arlen se pôs firme, joelhos dobrados. Não se incomodou em erguer a lança para bloquear. Em vez disso, tombou-a para trás, pronto para golpear.

O golpe do demônio da rocha era poderoso o bastante para esmagar o crânio de um leão, mas não atingiu o alvo. Arlen permitiu que o demônio o fizesse recuar para dentro de seu círculo portátil sobressalente, despercebido na areia. As proteções brilharam, deixando o ataque do demônio para trás, e Arlen se preparou, saltando para a frente, espetando o demônio na barriga com sua lança protegida.

O berro do Maneta atravessou a noite, um som horrível, ensurdecedor. Para Arlen, era música. Ele puxou a lança de volta, mas ela manteve-se firme, presa na carapaça preta e grossa do demônio da rocha. Puxou outra vez, o que quase lhe custou a vida, pois Maneta golpeou-o de lado, suas garras enterrando-se fundo no ombro e no peito de seu oponente.

Arlen foi arremessado, girando, mas rolou na direção do círculo sobressalente, caindo dentro do anel protetor. Quando pôs as mãos nos ferimentos, viu que o gigante de rocha cambaleou. Repetidamente, o Maneta tentou agarrar a lança e arrancá-la do ferimento, mas as proteções em todo o comprimento da arma impediam-no. E o tempo todo a magia continuou seu trabalho, faiscando na ferida e fazendo ondas mortais percorrerem o corpo do terraíta.

Arlen abriu um leve sorriso quando o Maneta foi ao chão, debatendo-se. Mas, quando observou o demônio retorcendo-se lentamente até sobrarem apenas espasmos, sentiu um grande vazio por dentro. Sonhara com esse momento inúmeras vezes, em como se sentiria, o que diria, mas não foi como imaginava. Em vez de euforia, sentiu-se oprimido e perdido.

— Foi por você, mãe — sussurrou quando o grande demônio parou de se mexer. Tentou imaginá-la, desesperado para sentir sua aprovação, e ficou espantado e envergonhado quando não conseguiu lembrar-se de seu rosto. Gritou, sentindo-se desprezível e pequeno sob as estrelas.

Contornando o corpo do demônio, ao largo, Arlen voltou aos suprimentos e cuidou das feridas. Os pontos que aplicara em si mesmo ficaram tortos, mas mantinham os ferimentos fechados, e o unguento de raiz porcina queimava, a dor mostrando por que era necessária. As feridas já estavam infeccionando.

Não conseguiu dormir naquela noite. Se a dor dos ferimentos e o incômodo do coração não fossem suficientes para impedir que ele adormecesse, um capítulo de sua vida logo terminaria e ele estava determinado a acompanhá-lo até o fim.

O sol despontou atrás das dunas e banhou o acampamento de Arlen com uma velocidade que somente podia ser vista no deserto. Os demônios da areia já haviam se desintegrado, fugindo ao primeiro laivo da aurora. Arlen encolheu-se ao se levantar, caminhando até o círculo para ficar sobre o Maneta, recuperando sua lança.

Onde a luz do sol tocava, a carapaça preta logo desprendia fumaça, em seguida faiscava e então entrava em combustão. Logo, o corpo do demônio era uma pira funerária. Arlen a observou, hipnotizado. Quando o demônio da rocha virou cinzas, logo carregadas pelo vento da manhã, ele viu esperança para a raça humana.

19

O PRIMEIRO GUERREIRO DE KRASIA

– 328 DR –

A ESTRADA DO DESERTO não era uma estrada de verdade, simplesmente consistia em uma fileira de postes sinalizadores antigos, alguns arranhados e denteados, outros meio enterrados na areia, que impediam um viajante de se perder. Não era tudo areia, como Ragen dizia no passado, embora houvesse o bastante dela para se caminhar por dias sem se ver outra coisa. Nas cercanias, corriam centenas de quilômetros de planícies de terra batida, cheias de poeira, com pedaços esparsos de vegetação morta presos à argila rachada, secos demais para apodrecer. Além das sombras lançadas pelas dunas no mar de areia, não havia abrigo contra o sol impiedoso, tão quente que Arlen não conseguia imaginar que fosse o mesmo astro que levava aquela luz fria ao Forte Miln. O vento soprava o tempo todo e ele precisava cobrir o rosto para não inalar areia. Sua garganta estava ferida e seca.

As noites eram piores, o calor adentrando o chão momentos depois que o sol se punha além do horizonte; elas recebiam os terraítas num lugar frio e desolado.

Mas, mesmo ali, havia vida. Serpentes e lagartos caçavam pequenos roedores.

Aves carniceiras buscavam cadáveres de criaturas massacradas por terraítas ou que se perdiam no deserto e não conseguiam caminho de volta. Havia no mínimo dois grandes oásis, um onde um grande espelho d'água fazia crescer vegetação densa e comestível e outro onde um gotejar da rocha ou de uma poça do tamanho do passo de um homem sustentava um amontoado de plantas mirradas e pequenas criaturas. Arlen avistava esses habitantes do deserto enterrando-se na areia à noite, resistindo ao frio com o calor conservado e escondendo-se dos demônios que cruzavam as areias.

Não havia demônios da rocha no deserto, pois não havia o bastante para caçar. Nem demônios da chama, pois havia pouco a queimar. Demônios da madeira não tinham cascas para se camuflar, nem galhos para se pendurar. Demônios da água não conseguiam nadar na areia e os demônios do vento não conseguiam um lugar para se empoleirar. As dunas e os terrenos desérticos pertenciam apenas aos demônios da areia. E mesmo eles eram esparsos no meio do deserto, concentrando-se em grande parte ao redor dos oásis, mas qualquer sinal de fogueira os fazia percorrer quilômetros.

Cinco semanas do Forte Rizon até Krasia, mais da metade delas em meio ao deserto. Isso ultrapassava o que muitos dos mensageiros mais durões costumavam aguentar ou mesmo cogitar. Apesar de os mercadores do norte oferecerem somas exorbitantes pela seda e pelas especiarias krasianas, poucos ficavam desesperados — ou malucos — o bastante para se aventurar.

Para Arlen, a viagem era tranquila. Dormia na sela durante os períodos mais quentes do dia, cuidadosamente enrolado em tecidos brancos folgados. Dava de beber com frequência ao cavalo e estendia lonas sobre os círculos portáteis à noite para impedir que as proteções fossem cobertas pela areia. Ficava tentado a atacar os demônios da areia que o circundavam, mas seu ferimento deixara suas mãos fracas e ele sabia que, caso lhe puxassem a lança, um vento comum poderia cobri-la de areia com mais facilidade que centenas de anos enterrada numa tumba.

Apesar dos gritos de demônios da areia, as noites pareciam silenciosas para Arlen, acostumado aos imensos rugidos do Maneta. Dormia mais em paz do que naquelas noites do que em qualquer outra passada ao léu antes.

Pela primeira vez na vida, Arlen viu seu caminho estender-se para além de ser um admirado garoto de recados. Sempre soubera que estava destinado a ser mais que um mensageiro; seu destino era ser um combatente. No entanto, percebia que era mais que isso: sua missão era fazer com que *outros* lutassem.

Tinha certeza de que poderia replicar a lança protegida e já estava pensando em maneiras de adaptar suas proteções a outras armas; flechas, cajados, fundas — as possibilidades eram infinitas.

Em todos os lugares que vira, apenas os krasianos recusavam-se a viver à mercê do terror dos terraítas. Por esse motivo, Arlen os respeitava acima de

tudo. Não havia povo que mais merecesse aquele presente. Mostraria-lhes a lança e eles lhe dariam tudo que precisasse para construir armas e virar o jogo na guerra noturna.

Os pensamentos afastaram-se quando Arlen viu o oásis. A areia podia refletir o céu azul e enganar um homem, fazendo-o sair correndo da estrada até a água que não existia, mas quando seu cavalo acelerou o ritmo Arlen soube que era real. O Corredor da Alvorada conseguia sentir o cheiro da água.

A água deles havia terminado no dia anterior e, quando chegaram ao pequeno lago, Arlen e seu cavalo estavam morrendo de sede. Juntos mergulharam a cabeça na água fria, bebendo-a com sofreguidão.

Depois de se saciarem, Arlen encheu os odres e deixou-os à sombra, embaixo de um dos monólitos de arenito que, em silêncio, guardavam o oásis. Examinou as proteções talhadas na pedra, descobrindo que estavam intactas, mas com alguns sinais de desgaste. A areia, que soprava ato contínuo, gastava-os pouco a pouco, apagando os contornos. Ele pegou as ferramentas de talhar, aprofundando-os e deixando-os mais nítidos para manter a rede.

Enquanto o Corredor da Alvorada pastava na grama e comia folhas de arbustos atrofiados, Arlen colhia tâmaras, figos e outras frutas das árvores do oásis. Ele as comeu até se fartar e deixou o restante para secar ao sol.

Um rio subterrâneo alimentava o oásis. Anos e anos além das lembranças, os homens haviam escavado a areia e aberto a pedra, chegando finalmente à água corrente. Arlen desceu os degraus de pedra até uma câmara subterrânea fria e recolheu as redes armazenadas lá, jogando-as na água. Quando saiu, carregava uma quantidade boa de peixes. Separou alguns para si e limpou os outros, salgando-os e deixando-os com as frutas para secar.

Com uma ferramenta bifurcada guardada no oásis, procurou pelas pedras, por fim encontrando os sulcos reveladores na areia. Logo estava com uma serpente presa à vareta bifurcada e agarrou-a pelo rabo, estalando-o como um chicote para matá-la. Provavelmente haveria um ninho de ovos por perto, mas não o procurou. Seria desonesto explorar o oásis mais que o necessário. Novamente, separou parte da serpente para seu uso, deixando o restante para secar.

Em um nicho talhado numa das grandes pedras de arenito, marcado com o brasão de muitos mensageiros, Arlen encontrou um depósito de frutas secas e duras, além de peixe e carne deixados pelo mensageiro anterior, e encheu seus alforjes. Assim que a coleta secasse, encheria o nicho para o próximo mensageiro que buscasse refúgio ali.

Era impossível cruzar o deserto sem parar no Oásis da Aurora. A única fonte de água em mais de cento e cinquenta quilômetros era o destino de todo viajante do deserto em qualquer direção. A maioria deles era de mensageiros e, portanto, de protetores, e durante anos essa sociedade exclusiva marcou sua passagem no arenito abundante. Dúzias de nomes foram talhados nas pedras; alguns eram

apenas rabiscos, enquanto outros eram obras-primas da caligrafia. Muitos mensageiros incluíam mais do que apenas seus nomes, relacionando cidades que haviam visitado ou o número de vezes que tinham se abrigado no Oásis da Aurora.

Na sua décima primeira viagem pelo oásis, Arlen já havia terminado de talhar seu nome e o das cidades e vilarejos vivos que visitara, mas nunca parara para explorar, e sempre tinha algo para acrescentar. Lentamente, usando belas letras cursivas, Arlen respeitosamente inscreveu "Sol de Anoch" na lista de ruínas que visitara. Nenhuma outra marca de mensageiro no oásis fazia tal referência e aquilo o enchia de orgulho.

No dia seguinte, Arlen continuou a aumentar as provisões do oásis. Era uma questão de honra entre os mensageiros deixar o oásis mais bem abastecido do que encontraria, pensando no dia em que um deles chegasse ali ferido demais ou com uma insolação grave a ponto de não conseguir buscar alimentos.

Naquela noite, redigiu uma carta para Cob. Escrevera muitas delas, que ficavam no alforje, sem serem enviadas. Suas palavras sempre pareciam impróprias para compensar o abandono de suas obrigações, mas a novidade era boa demais para não compartilhar. Ele ilustrou as proteções na ponta da lança com precisão, sabendo que Cob poderia disseminar rapidamente o conhecimento para cada protetor em Miln.

No início da manhã seguinte, ele partiu do Oásis da Aurora, seguindo para o sudoeste. Por cinco dias, viu pouco mais que dunas amarelas e demônios da areia, mas no início do sexto dia surgiu o Forte Krasia, a Lança do Deserto, cercado pelas montanhas distantes.

De longe, parecia apenas outra duna, muralhas de arenito confundiam-se com os arredores. Era construída ao redor de um oásis muito maior que o Oásis da Aurora, alimentado, segundo os mapas antigos, pelo mesmo rio subterrâneo. Suas muralhas protegidas, talhadas em vez de pintadas, erguiam-se orgulhosas ao sol. Bem acima da cidade, tremulava a flâmula de Krasia, lanças cruzadas sobre o sol nascente.

Os guardas no portão usavam túnicas pretas dos *dal'Sharum*, a casta de guerreiros krasianos, e véus contra a areia impiedosa. Embora não fossem altos como os milneses, os krasianos eram uma cabeça mais altos que a maioria dos angierianos e laktonianos, fortes com musculatura enxuta. Arlen assentiu para eles quando passou.

Os guardas ergueram as lanças como resposta. Entre os homens krasianos, esta era a cortesia mais elementar, mas Arlen esforçou-se muito para merecer o gesto. Em Krasia, um homem era julgado pelo número de cicatrizes que carregava e *alagai* — terraítas — que matara. Estrangeiros, ou *chin*, como os krasianos os chamavam, até mesmo os mensageiros, eram considerados covardes que haviam desistido da luta e não mereciam qualquer cortesia dos

dal'Sharum. Na verdade, a palavra "*chin*" era um insulto.

Contudo, Arlen havia surpreendido os krasianos com seus pedidos para lutar com eles e, depois que ensinara novas proteções aos guerreiros e auxiliou em muitas mortes, passaram a chamá-lo de *Par'chin*, ou "estrangeiro corajoso". Ele nunca seria considerado um igual, mas os *dal'Sharum* haviam parado de cuspir nos seus pés e ele fizera até mesmo alguns amigos verdadeiros.

Através do portão, Arlen entrou no Labirinto, um grande pátio interno antes da muralha da cidade propriamente dita, cheio de paredes, trincheiras e fossos. Toda noite, com as famílias trancadas atrás das muralhas internas, os *dal'Sharum* dedicavam-se à *alagai'sharak*, à Guerra Santa contra os demônios. Eles atraíam os terraítas para o Labirinto, emboscando-os e empurrando-os para fossos protegidos para esperar o sol. Os acidentes eram muitos, mas os krasianos acreditavam que morrer em *alagai'sharak* garantia um lugar ao lado de Everam, o Criador, e eles partiam com felicidade para a zona de morte.

Em breve, pensou Arlen, *serão apenas os terraítas que morrerão aqui.*

Logo após o portão principal ficava o Grande Bazar, onde os mercadores apregoavam sobre centenas de carroças cheias, o ar denso com as quentes especiarias krasianas, incenso e perfumes exóticos. Tapetes, rolos de tecido fino e bela cerâmica pintada ficavam ao lado de montes de frutas e animais barulhentos. Era um lugar ruidoso e repleto de barganhas oferecidas aos berros.

Todos os outros mercados que Arlen já tinha visto fervilhavam de homens, mas o Grande Bazar de Krasia era quase totalmente tomado por mulheres, cobertas da cabeça aos pés em panos pretos grossos. Elas corriam de um lado para o outro, vendendo e comprando, gritando umas para as outras com vigor e entregando suas gastas moedas de ouro muito a contragosto.

Joias e tecidos brilhantes eram vendidos em abundância no bazar, mas Arlen nunca os vira nos trajes. Os homens diziam que as mulheres usavam os adornos sob as túnicas pretas, mas apenas os maridos podiam ter certeza.

Os krasianos com mais de dezesseis anos eram quase todos guerreiros. Alguns poucos eram *dama*, homens santos que também eram líderes krasianos seculares. Nenhuma outra vocação era considerada respeitável. Aqueles que aprendiam um ofício eram chamados de *khaffit* e considerados insignificantes, mal figuravam acima das mulheres na sociedade krasiana. As mulheres faziam o trabalho do dia a dia na cidade, plantando, cozinhando e cuidando das crianças. Coletavam argila e faziam cerâmica, compravam e reparavam as casas, treinavam e matavam animais e pechinchavam no mercado. Em suma, faziam de tudo, menos combater.

Ainda assim, apesar de seu trabalho interminável, eram extremamente subservientes aos homens. A mulher e as filhas solteiras de um homem eram de sua propriedade e ele podia fazer com elas o que quisesse, inclusive matá-las. Um homem podia ter muitas esposas, mas se uma mulher deixasse um homem,

que não o seu marido, olhar para ela sem véu, poderia ser — e não raro era — condenada à morte. As krasianas eram consideradas dispensáveis. Os krasianos não.

Sem as mulheres, Arlen sabia, os krasianos ficariam perdidos, mas as mulheres tratavam os homens em geral com reverência e seus maridos quase com adoração. Apareciam a cada manhã para encontrar os mortos do *alagai'sharak* da noite e choravam sobre os corpos de seus homens, guardando as lágrimas preciosas em pequenos frascos. A água era moeda em Krasia e a importância de um guerreiro em vida podia ser medida pelo número de garrafas cheias de lágrimas após sua morte.

Quando um homem morria, esperava-se que irmãos e amigos assumissem as mulheres, para que sempre tivessem um homem para servir. Tempos antes, dentro do Labirinto, Arlen segurou um guerreiro agonizante que lhe ofereceu três mulheres. "Elas são bonitas, *Par'chin*", ele garantiu, "e férteis. Darão muitos filhos a você. Promete que vai assumi-las?"

Arlen prometeu que cuidaria delas e depois encontrou outro homem disposto a assumi-las. Ficou curioso sobre o que havia embaixo das túnicas das mulheres krasianas, mas não o bastante para trocar seu círculo portátil por uma casa de barro, sua liberdade por uma família.

Atrás de quase toda mulher havia muitas crianças com roupas marrons; as meninas traziam os cabelos presos por véus e os garotos, toucas. Assim que completavam onze verões, as garotas começavam a se casar e a usar as roupas pretas das mulheres, e os garotos eram levados para o treinamento de campo com menos idade ainda. A maioria usava as túnicas pretas dos *dal'Sharum*. Poucos usavam a túnica branca dos *dama* e devotavam a vida a servir Everam. Aqueles que não se dessem bem nas duas profissões viravam *khaffit* e usavam as vergonhosas roupas marrons até a morte.

As mulheres viram Arlen quando ele atravessou o mercado e começaram a sussurrar umas para as outras, entusiasmadas. Ele as observava, divertindo-se, pois nenhuma o olhava nos olhos ou se aproximava dele. Ansiavam pelas mercadorias em seus alforjes — fino algodão rizonano, joias milnesas, papel angieriano e outros tesouros do norte —, mas era um homem e, pior, um *chin*, por isso não ousavam se aproximar. Os olhos dos *dama* estavam em todos os lugares.

— *Par'chin*! — chamou uma voz familiar, e Arlen virou-se para ver seu amigo Abban chegando, o gordo mercador mancando e apoiando-se pesadamente em sua muleta.

Coxo desde a infância, Abban era *khaffit*, incapaz de ficar entre os guerreiros e indigno de ser um homem santo. Porém, saiu-se muito bem, fazendo negócios com mensageiros do norte. Não tinha barba e usava o barrete e a camisa marrons dos *khaffit*, mas sobre eles vestia um turbante refinado, colete e calças

de boca larga de seda brilhante, tramados em muitas cores. Ele afirmava que suas esposas eram tão belas quanto as de qualquer *dal'Sharum*.

— Por Everam, é bom ver você, filho de Jeph! — falou Abban em seu thesano impecável, dando tapinhas no ombro de Arlen. — O sol sempre fica mais brilhante quando você dá o ar da graça em nossa cidade!

Arlen desejou nunca ter dito o nome do pai ao mercador. Em Krasia, o nome do pai de um homem era mais importante que o próprio nome. Ele imaginou o que pensariam se soubessem que o pai era um covarde, mas devolveu os tapinhas no ombro de Abban com um sorriso genuíno.

— É bom ver você também, meu amigo — disse Arlen. Nunca teria dominado a língua krasiana ou aprendido a navegar naquela cultura não raro perigosa sem a ajuda do mercador coxo.

— Venha, venha! — disse Abban. — Descanse os pés sob a minha tenda e lave a poeira da garganta com minha água!

Levou Arlen até uma tenda brilhante e colorida montada atrás de sua carroça no bazar. Bateu palmas e suas mulheres e filhas — Arlen nunca conseguia diferenciar — correram para abrir as abas e cuidar do Corredor da Alvorada. Arlen precisava se segurar para não ajudar enquanto elas pegavam os alforjes pesados e carregavam-nos para a tenda, sabendo que os krasianos consideravam a imagem de um homem trabalhando inadequada. Uma das mulheres estendeu a mão para pegar a lança protegida, enrolada em tecidos e pendurada no pito da sela, mas Arlen puxou-a antes que ela pudesse tocar. Ela fez uma grande reverência, temendo que o tivesse insultado.

A parte de dentro da tenda era repleta de almofadas de seda coloridas e tapetes com tramas intrincadas. Arlen deixou as botas empoeiradas do lado de fora e inalou profundamente o ar fresco, perfumado. Ele se sentou nas almofadas do chão enquanto as mulheres de Abban ajoelhavam-se diante dele com água e frutas.

Quando estava refrescado, Abban bateu palmas e as mulheres apareceram com chá e bolinhos com mel.

— Foi boa sua viagem pelo deserto? — perguntou Abban.

— Ah, sim. — sorriu Arlen. — Muito, muito boa.

Conversaram por um tempo depois disso. Abban nunca deixava de lado a formalidade, mas seus olhos pairavam o tempo todo sobre os alforjes de Arlen, que esfregava as mãos distraidamente.

— Então, vamos aos negócios? — perguntou Arlen assim que julgou adequado.

— Claro, o *Par'chin* é um homem ocupado — concordou Abban, estalando os dedos. As mulheres trouxeram rapidamente uma porção de especiarias, perfumes, sedas, joias, tapetes e outras mercadorias krasianas.

Abban examinou os produtos do norte vindos dos clientes de Arlen, enquanto Arlen examinava os itens oferecidos para troca. Abban não gostou de nada,

fechando a cara.

— Cruzou o deserto para negociar essas coisas? — perguntou, desgostoso, quando terminou. — Parece que a viagem não valeu a pena.

Arlen escondeu um sorrisinho quando se sentaram e lhes era servido chá fresco. Os negócios sempre começavam dessa forma.

— Bobagem. Até um cego conseguiria ver que trouxe alguns dos tesouros mais finos que Thesa tem a oferecer. Muito melhor que os produtos lastimáveis que suas mulheres trouxeram. Espero que tenha mais coisas escondidas. — Ele apontou um tapete, uma obra-prima da tapeçaria. — Já vi tapetes melhores apodrecendo em ruínas.

— Assim você me ofende! — gritou Abban. — Eu, que lhe dei água e sombra! Ai de mim que tenho um convidado na minha tenda que me trata desse jeito! Minhas mulheres trabalham no tear dia e noite para fazê-los, usando apenas lã da melhor qualidade! Nunca verá um tapete melhor que este!

Depois disso, era apenas uma questão de regatear e Arlen não esquecera as lições aprendidas quando observava o velho Leitão e Ragen uma vida atrás. Como sempre, a sessão terminava com os dois homens agindo como se tivessem sido roubados, mas no fundo sentiam que tinham tirado o melhor do outro.

— Minhas filhas embalarão seus produtos e guardarão até sua partida — disse Abban por fim. — Fica para jantar conosco esta noite? Minhas mulheres prepararão uma mesa que ninguém no seu norte poderia preparar igual!

Arlen sacudiu a cabeça em desagrado.

— Vou lutar hoje à noite.

Abban abanou a cabeça.

— Temo que tenha aprendido nossos costumes bem demais, *Par'chin*. Busca a mesma morte.

Arlen meneou a cabeça.

— Não tenho a intenção de morrer e não espero encontrar um paraíso na próxima vida.

— Ah, meu amigo, ninguém pretende ir até Everam na flor da juventude, mas é o destino que espera aqueles que vão ao *alagai'sharak*. Lembro de um tempo quando havia tantos de nós quanto grãos de areia no deserto, mas agora… — Ele sacudiu a cabeça com tristeza. — A cidade está praticamente vazia. Mantemos a barriga de nossas mulheres cheia de crianças, mas ainda morrem mais à noite do que nascem de dia. Se não mudarmos nossos costumes, em uma década Krasia será consumida pela areia.

— E se eu lhe disser que vim para mudar isso? — perguntou Arlen.

— O coração do filho de Jeph é verdadeiro — falou Abban —, mas os *Damaji* não lhe darão ouvidos.

Os *Damaji* eram o conselho governante da cidade, formado pelos *dama* mais importantes de cada uma das doze tribos krasianas. Eles serviam a Andrah, o

dama favorito de Everam, cuja palavra era absoluta.

Arlen sorriu.

— Não posso dissuadi-los do *alagai'sharak*, mas posso ajudá-los a vencer as batalhas.

Ele desenrolou sua lança e estendeu-a para Abban.

Os olhos de Abban arregalaram-se um pouco ao ver a arma magnífica, mas ergueu a palma e sacudiu a cabeça.

— Sou *khaffit*, *Par'chin*. Lanças são proibidas para o meu toque impuro.

Arlen recuou com a arma e fez uma reverência para se desculpar.

— Não quis ofender.

— Hahaha! — riu Abban. — Talvez seja o único homem que faz reverências para mim! Nem o *Par'chin* precisa temer ofender os *khaffit*.

Arlen fez uma cara feia.

— É um homem como qualquer outro.

— Com essa atitude, sempre será *chin* — falou Abban, mas sorriu. — Não é o primeiro homem a fazer proteções numa lança. Sem as proteções de combate de antigamente, não fará diferença.

— Estas *são* proteções de antigamente — disse Arlen. — Encontrei nas ruínas do Sol de Anoch.

Abban empalideceu e questionou:

— Encontrou a cidade perdida? O mapa estava correto?

— Por que parece tão surpreso? Pensei que que era garantido!

Abban tossiu.

— Sim. Bem, confiei em nossa fonte, claro, mas ninguém esteve lá por mais de trezentos anos. Quem poderia dizer o quanto este mapa era preciso? — Ele sorriu. — Além disso, provavelmente não voltaria para pedir devolução se eu estivesse errado.

Os dois riram.

— Por Everam, é uma história ótima, *Par'chin* — disse Abban quando Arlen terminou de descrever sua aventura na cidade perdida —, mas, se valoriza sua vida, não dirá aos *Damaji* que saqueou a cidade sagrada do Sol de Anoch.

— Não mesmo — prometeu Arlen —, mas é certo que verão poder e o valor da lança.

Abban balançou a cabeça.

— Mesmo se concordarem em lhe conceder uma audiência, *Par'chin*, e duvido que concederão, se recusarão em ver valor em qualquer coisa que um *chin* lhes apresentar.

— Talvez esteja certo — assentiu Arlen —, mas devo ao menos tentar. De qualquer forma, tenho mensagens a entregar no palácio de Andrah. Venha comigo.

Abban ergueu sua muleta.

— É um longo caminho até o palácio, *Par'chin*.

— Eu caminho devagar — falou Arlen, sabendo que a muleta não tinha nada a ver com a recusa.

— Não quero que seja visto comigo fora do mercado, meu amigo — alertou Abban. — Apenas isso poderia custar o respeito que ganhara no Labirinto.

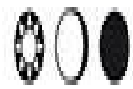
— Então vou ganhar mais. Do que vale o respeito, se não posso caminhar com meu amigo?

Abban fez uma grande mesura.

— Um dia, desejo ver a terra com homens nobres como o filho de Jeph.

Arlen sorriu.

— Quando esse dia chegar, Abban, eu mesmo o levarei pelo deserto.



Abban agarrou o braço de Arlen e ordenou:

— Pare de andar.

Arlen obedeceu, confiando em seu amigo, embora não tivesse dito nada impróprio. As mulheres passavam na rua carregando cargas pesadas e um grupo de *dal'Sharum* caminhava à frente delas. Outro grupo aproximava-se de outra direção. Cada um era liderado por um *dama* com túnica branca.

— Tribo kaji — falou Abban, apontando com o queixo para os guerreiros diante deles. — Os outros são majah. Seria melhor esperarmos um pouco aqui.

Arlen observou os dois grupos com olhos apertados. Os dois estavam vestidos com o mesmo preto e suas lanças eram simples, sem adornos.

— Como posso saber a diferença?

Abban deu de ombros.

— Como pode *não* saber?

Enquanto observavam, um dos *dama* falou algo para o outro. Eles se encararam e começaram a discutir.

— Sobre o que estão discutindo? — quis saber Arlen.

— Sempre a mesma coisa. Os *dama* kaji acreditam que os demônios da areia residem no terceiro nível do inferno e os demônios do vento no quarto. Os majah dizem o contrário. O Evejah é vago nesse sentido — acrescentou Abban, referindo-se ao livro sagrado krasiano.

— Que diferença isso faz? — perguntou Arlen.

— Aqueles que estão nos níveis mais baixos são os mais distantes da visão de Everam e devem ser mortos primeiro — explicou Abban.

Naquele instante, os *dama* estavam gritando e os *dal'Sharum* de cada lado apertavam as lanças com ódio, prontos para defender os líderes.

— Vão brigar sobre quais demônios matar primeiro? — perguntou Arlen, incrédulo.

Abban cuspiu na areia.

— Os kaji brigariam com os majah por muito menos, *Par'chin*.

— Mas existem inimigos reais para combater assim que o sol se põe! — contestou Arlen.

Abban meneou a cabeça e disse:

— Quando anoitece, os kaji e os majah se unem. Como dizemos, "À noite, o inimigo se transforma em amigo". Mas o pôr do sol ainda está longe.

Um dos *dal'Sharum* kaji atingiu um guerreiro majah no rosto com o cabo da lança, derrubando o homem. Em segundos, todos os guerreiros de cada lado estavam se digladiando. Seus *dama* ficaram apartados, despreocupados e afastados da violência, mas ainda gritando um com o outro.

— Por que toleram isso? — perguntou Arlen. — Andrah não pode proibir?

Abban sacudiu a cabeça.

— O Andrah deve ser de todas as tribos e de nenhuma, mas, na verdade, ele sempre ficará do lado da tribo pela qual foi criado. E, mesmo se não fosse, nem mesmo ele pode dar cabo das brigas encarniçadas em Krasia. Não pode proibir homens de serem homens.

— Estão agindo mais como crianças — retrucou Arlen.

— Os *dal'Sharum* conhecem apenas a lança e os *dama* o Evejah — concordou Abban com tristeza.

Os homens não usavam as pontas das armas… mas, ainda assim, a violência crescia com rapidez. Se alguém não tomasse providências, com certeza se matariam.

— Nem pense nisso — advertiu Abban, agarrando o braço de Arlen quando ele avançou.

Arlen virou-se para argumentar, mas o amigo, olhando sobre seu ombro, arfou e ficou de joelhos. Puxou o braço de Arlen para que ele fizesse o mesmo.

— Ajoelhe-se se dá valor à sua pele — chiou Abban.

Arlen olhou ao redor, encontrando a fonte do medo de Abban. Uma mulher caminhava pela rua, envolta no branco sagrado.

— *Dama'ting* — murmurou. As misteriosas ervanárias de Krasia raramente eram vistas.

Ele baixou os olhos quando ela passou, mas não se ajoelhou. Não fazia diferença, pois ela não se deu conta deles, caminhando calmamente até a balbúrdia, despercebida até quase estar em cima dos homens. Os *dama* empalideceram quando a viram, gritando algo para os homens. Num repente, a briga parou e os guerreiros caíram uns sobre os outros e abriram caminho para a *dama'ting*. Os guerreiros e os *dama* rapidamente dispersaram-se no rastro dela e o tráfego da via voltou como se nada de extraordinário tivesse acontecido.

— Você é corajoso ou maluco, *Par'chin*? — perguntou Abban quando ela desapareceu.

— Desde quando homens se ajoelham para mulheres? — devolveu a pergunta Arlen, perplexo.

— Homens não se ajoelham para *dama'ting*, mas *khaffit* e *chin* sim, se forem espertos — explicou Abban. — Até os *dama* e os *dal'Sharum* temem essas mulheres. Dizem que preveem o futuro, sabendo quais homens sobreviverão à noite e quais morrerão.

Arlen deu de ombros.

— E se for verdade? — questionou, obviamente desconfiado. Uma *dama'ting* previra seu destino na primeira noite em que ele entrou no Labirinto, mas não havia nada naquela experiência que o fizesse acreditar que de fato ela poderia prever o futuro.

— Ofender uma *dama'ting* é ofender o destino — comentou Abban, como se Arlen fosse um tolo.

Arlen balançou a cabeça.

— Fazemos nosso próprio destino, mesmo se as *dama'ting* conseguirem enxergar seus ossos e vê-los com antecedência.

— Bem, não invejo o destino que terá se ofender uma delas — retorquiu Abban.

Eles voltaram a caminhar e logo chegaram ao palácio de Andrah, uma estrutura enorme com cúpula de pedra branca que parecia tão velha quanto a cidade. Suas proteções eram pintadas em ouro e reluziam à luz do sol que caía sobre seus grandes pináculos.

Porém, mal botaram os pés nos degraus do palácio e um *dama* foi apressado até eles.

— Saia, *khaffit*! — gritou ele.

— Perdão — desculpou-se Abban, fazendo uma grande mesura com olhos no chão, e se afastou. Arlen ficou no mesmo lugar.

— Sou Arlen, filho de Jeph, mensageiro do norte, conhecido como *Par'chin* — disse ele em krasiano. Plantou a lança no chão e, mesmo enrolada, era claro do que se tratava. Arlen continuou, erguendo a bolsa. — Trouxe cartas e presentes para Andrah e seus ministros.

— Está em má companhia para alguém que fala nossa língua, homem do norte — retrucou o *dama*, ainda olhando feio para Abban, que se prostrava na areia.

Uma resposta furiosa tocou os lábios de Arlen, mas ele a conteve.

— O *Par'chin* precisava de ajuda — falou Abban para a terra —, eu apenas procurei guiá-lo…

— Não pedi para você falar, *khaffit*! — gritou o *dama*, chutando Abban com força. Os músculos de Arlen retesaram-se, mas um olhar de alerta do amigo o manteve no lugar.

O *dama* virou-se como se nada tivesse acontecido e disse:

— Eu entrego suas mensagens.

— O duque de Rizon pediu para que eu entregasse um presente ao *Damaji* pessoalmente — exigiu Arlen, ousado.

— Não será nesta vida que permitirei que um *chin* e um *khaffit* entrem no palácio — escarneceu o *dama*.

A resposta era decepcionante, mas não inesperada. Arlen nunca havia conseguido ver um *Damaji*. Entregou as cartas e pacotes, olhando enraivecido enquanto o *dama* subia os degraus.

— Sinto muito em dizer que avisei, meu amigo — disse Abban. — Não ajudou muito eu estar com você, mas, para ser sincero, os *Damaji* não tolerariam um estrangeiro na sua presença, mesmo que fosse o próprio duque de Rizon. Educadamente pediriam que esperasse e ele seria esquecido numa almofada de seda para perceber que não era bem-vindo.

Arlen cerrou os dentes. Imaginou o que Ragen fazia quando visitava a Lança do Deserto. Seu mentor tolerava tal tratamento?

— Agora janta comigo? — perguntou Abba. — Tenho uma filha, com apenas quinze anos e linda. Ela seria uma boa esposa no norte, cuidando de sua casa enquanto viaja.

Que casa?, perguntou-se Arlen, pensando no pequeno alojamento cheio de livros no Forte Angiers onde não aparecia havia mais de ano. Olhou para Abban, sabendo que, de qualquer forma, seu amigo calculista estava mais interessado nos contatos comerciais que poderia fazer com a filha no norte do que na felicidade dela ou na manutenção da casa de Arlen.

— Que honra, meu amigo — respondeu —, mas ainda não estou preparado para desistir.

— Não, pensei que não estaria. — suspirou Abban. — Acredito que vá vê-*lo*, certo?

— Sim — respondeu Arlen.

— Ele não é mais tolerante na minha presença que os *dama* — alertou Abban.

— Ele conhece seu valor — discordou Arlen.

Abban sacudiu a cabeça.

— Ele tolera minha existência por você. O Sharum Ka queria lições da língua do norte desde que você foi autorizado a entrar no Labirinto pela primeira vez.

— E Abban é o único homem em Krasia que a fala — disse Arlen —, fazendo com que seja valioso para o Primeiro Guerreiro, apesar de ser *khaffit*.

Abban fez uma mesura, mas não parecia convencido.

Seguiram para o campo de treinamento localizado perto do palácio. O centro da cidade era território neutro para todas as tribos, onde se reuniam para orar e preparar-se para o *alagai'sharak*.

A tarde já seguia avançada e o campo fervilhava. Arlen e Abban passaram primeiro pelas oficinas dos armeiros e protetores, cujas artes eram os únicos

ofícios dignos dos *dal'Sharum*. Além delas ficavam as arenas abertas, onde os mestres treinadores gritavam e os homens treinavam.

Ao fundo, ficava o palácio do Sharum Ka e seus tenentes, os *kai'Sharum*. Menor apenas que o imenso palácio do Andrah, a grande cúpula abrigava os mais honrados de todos, homens que provaram seu valor no campo de batalha várias vezes. Lá embaixo, diziam que o palácio era um grande harém, onde podiam passar seu sangue valente para as futuras gerações.

Quando Abban entrou mancando com sua muleta, viram encaradas e ouviram xingamentos murmurados, mas ninguém ousou impedir sua entrada. Abban era um protegido de Sharum Ka.

Passaram pelas fileiras de homens em exercício com lanças e outros praticando movimentos brutais e eficientes de *sharusahk*, a arte marcial krasiana. Guerreiros praticavam tiro ao alvo ou lançavam redes sobre rapazes que corriam, aprimorando suas habilidades para a batalha da noite. Bem no meio ficava um grande pavilhão, onde encontraram Jardir repassando os planos com um de seus homens.

Ahmann asu Hoshkamin am'Jadir era o Sharum Ka de Krasia, um título que, se traduzido para thesano, significava "Primeiro Guerreiro". Era um homem alto, com mais de um metro e oitenta, envolvido em tecidos pretos e vestindo um turbante branco. De alguma forma, Arlen não entendia muito bem, o título de Sharum Ka também era religioso, o que era indicado pelo turbante.

Sua pele tinha a coloração forte de cobre, os olhos pretos como os cabelos untados para trás e longos até o pescoço. A barba preta era bifurcada e impecavelmente aparada, mas não havia nada de suave no homem. Movia-se como uma ave de rapina, rápido e seguro, e suas mangas largas enroladas revelavam braços rijos, musculosos, coalhados de cicatrizes. Não tinha muito mais que trinta verões.

Um dos guardas do pavilhão avistou Arlen e Abban enquanto se aproximavam e curvou-se para sussurrar no ouvido de Jardir. O Primeiro Guerreiro tirou os olhos de uma lousa riscada que estudava.

— *Par'chin*! — saudou ele, abrindo os braços com um sorriso e erguendo-se para encontrá-los. — Bem-vindo de volta à Lança do Deserto! — Ele falou em thesano, seu vocabulário e sotaque muito melhores desde a última visita de Arlen. Ele pegou Arlen num firme abraço e beijou suas bochechas. — Não sabia que retornara. Os *alagai* tremerão de medo hoje à noite!

Quando de sua primeira visita a Krasia, o Primeiro Guerreiro ficou interessado em Arlen por ser uma excentricidade, se muito, mas eles sangraram um pelo outro no Labirinto e em Krasia isso significava tudo.

Jardir virou-se para Abban.

— O que está fazendo aqui entre os meus homens, *khaffit*? — perguntou-lhe com desagrado. — Não o chamei.

— Está comigo — disse Arlen.

— Ele *estava* com você — disse Jardir, enfático. Abban fez uma grande reverência e saiu o mais rápido que sua perna manca permitiu.

— Não sei por que perde seu tempo com esse *khaffit*, *Par'chin* — disse Jardir, cuspindo.

— De onde venho, o valor do homem não depende de erguer uma lança ou não — falou Arlen.

Jardir riu.

— De onde você vem, *Par'chin*, eles não levantam lança nenhuma!

— Seu thesano está muito melhor — observou Arlen.

Jardir resmungou.

— Sua língua de *chin* não é fácil e duas vezes mais difícil por precisar praticar com um *khaffit* quando você está longe. — Ele observou Abban manquitolando para longe, desdenhando de suas sedas brilhantes. — Olhe para ele. Veste-se como uma mulher.

Arlen viu uma mulher no pátio, toda de preto e carregando água.

— Nunca vi uma mulher vestida assim.

— Apenas porque você não me deixa encontrar uma esposa para erguer os véus — comentou Jardir, abrindo um sorriso malicioso.

— Duvido que os *dama* permitiriam que uma de suas mulheres casasse com um *chin* sem tribo.

Jardir fez um gesto de desdém.

— Bobagem. Derramamos sangue juntos no Labirinto, meu irmão. Se eu assumi-lo na minha tribo, nem o próprio Andrah ousaria contestar!

Arlen não tinha tanta certeza, mas não arriscou argumentar. Os krasianos costumavam ficar violentos se sua ostentação fosse desafiada e talvez aquele fosse o caso. Jardir parecia se igualar a um *Damaji*, no mínimo. Guerreiros obedeciam-no sem questionar, mesmo contra o seu *dama*.

No entanto, Arlen não queria se juntar à tribo de Jardir ou a qualquer outra. Ele deixava os krasianos desconfortáveis; um *chin* que praticava *alagai'sharak* e, ainda assim, mantinha a companhia de um *khaffit*. Juntar-se à tribo aliviaria esse desconforto, mas, no momento em que o fizesse, estaria sujeito ao *Damaji* da tribo, envolvido em suas escaramuças sangrentas, e nunca mais poderia sair da cidade.

— Não acho que estou pronto para ter uma mulher — disse ele.

— Bem, não espere muito tempo ou os homens pensarão que você é um *push'ting* — falou Jardir, gargalhando e dando um soco de leve no ombro de Arlen. O thesano não sabia o que significava a palavra, mas assentiu com a cabeça do mesmo jeito.

— Faz tempo que chegou à cidade, meu amigo? — perguntou Jardir.

— Há poucas horas — respondeu Arlen. — Acabei de entregar minhas

mensagens no palácio.

— E já veio até mim colocar sua lança à minha disposição! Por Everam — gritou Jardir aos amigos —, o *Par'chin* deve ter sangue krasiano nas veias!

Seus homens juntaram-se a ele na gargalhada.

— Vamos caminhar um pouco — falou Jardir, passando o braço sobre os ombros de Arlen e afastando-se dos outros. Arlen sabia que Jardir já estava tentando decidir onde seria o melhor lugar para ele na batalha da noite. — O Bajin perdeu um protetor de fosso noite passada — completou ele. — Você poderia ocupar seu lugar.

Os protetores de fosso estavam entre os soldados mais importantes entre os krasianos, desenhando proteções nos fossos das trevas usados para emboscar os terraítas e garantindo que as proteções ficassem ativadas após os demônios caírem nelas. Era um trabalho arriscado, pois se a lona usada para disfarçar os fossos não caísse e revelasse totalmente as proteções, não havia muito como impedir um demônio da areia de pular para fora do fosso e matar o protetor enquanto ele tentasse descobri-las. Havia apenas uma posição com uma taxa de mortalidade mais alta.

— Preferiria ser empurrador — respondeu Arlen.

Jardir sacudiu a cabeça, mas sorria.

— Sempre a tarefa mais perigosa para você — repreendeu. — Se morrer, quem carregará suas cartas?

Arlen entendeu o sarcasmo, mesmo com o forte sotaque de Jardir. As cartas pouco significavam para ele. Poucos *dal'Sharum* sabiam ler.

— Nada muito perigoso esta noite — disse Arlen. Incapaz de conter sua empolgação, desenrolou sua nova lança, erguendo-a orgulhosamente para o Primeiro Guerreiro.

— Uma arma de rei — concordou Jardir —, mas, no final, é o guerreiro que vence a noite, *Par'chin*, e não a lança. — Ele pousou a mão no ombro de Arlen e fitou seus olhos. — Não ponha tanta fé em sua arma. Já vi guerreiros mais experientes que você pintarem as lanças e se depararem com um fim amargo.

— Não fui eu que fiz — disse Arlen. — Encontrei nas ruínas do Sol de Anoch.

— O local de nascimento do Salvador? — Jardir gargalhou. — A Lança de Kaji é um mito, *Par'chin*, e a cidade perdida foi engolida pela areia.

Arlen sacudiu a cabeça.

— Eu estive nela. Posso te levar até lá.

— Eu sou o Sharum Ka da Lança do Deserto, *Par'chin* — retrucou Jardir. — Não posso simplesmente preparar um camelo e partir pelo deserto procurando uma cidade que existe apenas em textos ancestrais.

— Acho que o convencerei quando a noite cair — disse Arlen.

Jardir sorriu, paciente, e exigiu:

— Prometa-me que não vai tentar nenhuma tolice. Com lança protegida ou

não, você não é o Salvador. Seria triste ter de enterrá-lo.

— Eu prometo.

— Muito bem, então! — Jardir deu tapinhas no ombro de Arlen. — Venha, meu amigo, a hora já avança. Jantará no meu palácio hoje à noite antes de nos reunirmos diante do Sharik Hora!

Havia carnes temperadas, purê de ervilha e camadas de pão fino como papel que as krasianas faziam espalhando farinha úmida em pedras quentes e polidas. Arlen tomou o lugar de honra ao lado de Jardir, cercado pelos *kai'Sharum* e servido pelas mulheres de Jardir. Arlen nunca entendera por que Jardir o respeitava tanto, mas depois do tratamento no palácio de Andrah tudo aquilo era mais que bem-vindo.

Os homens imploravam para que lhes contasse suas histórias, principalmente a da mutilação do Maneta, embora tivessem ouvido tantas vezes. Sempre eram as histórias do Maneta, ou Alagai Ka, como o chamavam. Os demônios da rocha eram raros em Krasia e, quando Arlen cedia aos pedidos, seu público ficava fascinado com a narração.

— Construímos um novo escorpião depois de sua última visita, *Par'chin* — disse-lhe um dos *kai'Sharum* enquanto bebiam néctar após a refeição. — É capaz de atravessar um muro de arenito. Ainda encontraremos um jeito de perfurar a pele de Alagai Ka.

Arlen soltou uma risadinha e sacudiu a cabeça, dizendo:

— Temo que não verão o Maneta esta noite ou em qualquer outra. Ele viu o sol.

Os olhos dos *kai'Sharum* arregalaram-se.

— Alagai Ka está morto? — perguntou um deles. — Como conseguiu?

Arlen sorriu.

— Contarei a história depois da vitória de hoje — disse ele, alisando a lança ao seu lado com gentileza, um gesto que não passou despercebido ao Primeiro Guerreiro.

20
ALAGAI'SHARAK
– 328 DR –

— GRANDE KAJI, LANÇA DE EVERAM, conceda força aos braços de seus guerreiros e coragem ao seu coração nesta noite para que cumpram seu santo trabalho.

Arlen movia-se com inquietude enquanto o *Damaji* proferia as bênçãos de Kaji, o primeiro Salvador, sobre os *dal'Sharum*. No norte, dizer que o Salvador era apenas um mortal talvez causasse uma briga de socos e pontapés, mas não era crime. Em Krasia, tal heresia era passível de punição com a morte. Kaji era o mensageiro de Everam, viera para unir toda a humanidade contra os *alagai*. Chamavam-no de *Shar'Dama Ka*, o Primeiro Sacerdote Guerreiro, e diziam que um dia ele voltaria para reunir os homens, quando fossem dignos da *Sharak Ka*, a Primeira Guerra. Qualquer um que sugerisse outra história encontraria um fim rápido e brutal.

Arlen não era tolo de expressar suas dúvidas quanto à divindade de Kaji, mas os homens santos ainda o deixavam irritado. Sempre pareciam estar buscando uma desculpa para se ofenderem com ele, o estrangeiro, e ofender em Krasia

em geral significava a morte de quem ofendia.

Contudo, fosse lá o desconforto que Arlen sentisse perto dos *Damaji*, sempre sentia-se pleno ao ver Sharik Hora, o imenso templo com cúpula de Everam. Literalmente "Ossos dos Heróis", Sharik Hora era uma lembrança do que a humanidade era capaz, um prédio que fazia qualquer estrutura já vista por Arlen parecer pequena. A Biblioteca do Duque, em Miln, era minúscula em comparação.

No entanto, Sharik Hora era impressionante não apenas pelo tamanho. Era um símbolo de coragem além da morte, pois fora decorado com os ossos branqueados de cada guerreiro que morrera em *alagai'sharak*. Revestiam as vigas de suporte e adornavam as janelas. O grande altar era inteiramente feito de crânios, os bancos de ossos da perna. O cálice no qual os sacerdotes bebiam água era feito de um crânio esvaziado que descansava sobre duas mãos esqueléticas; sua haste eram antebraços e a base um par de pés. Cada candelabro gigantesco era feito de dúzias de crânios e centenas de costelas, e o grande teto abobadado, a sessenta metros de altura, era recoberto com os crânios dos guerreiros ancestrais dos krasianos, olhando para baixo, julgando, exigindo que fossem honrados.

Certa vez, Arlen tentou calcular quantos guerreiros decoravam o salão, mas a tarefa o venceu. Todas as cidades e lugarejos em Thesa, talvez duzentas e cinquenta mil almas, não teriam conseguido adornar uma fração de Sharik Hora. Havia um sem-número de krasianos no passado.

Naquele momento, todos os guerreiros krasianos, talvez quatro mil ao todo, cabiam em Sharik Hora com folga. Reuniam-se duas vezes ao dia, na aurora e no crepúsculo, para honrar Everam, agradecer pelos terraítas mortos na noite anterior e implorar força para matá-los na noite vindoura. No entanto, a maioria deles rezava para o Shar'Dama Ka voltar e começar a *Sharak Ka*. Por ela, o seguiriam até as Profundas.

Gritos trazidos pelo vento desértico chegaram a Arlen no bolsão de emboscada, onde esperavam ansiosamente pelos terraítas. Os guerreiros ao redor dele estavam agitados e faziam orações a Everam. Em outra parte do Labirinto, *alagai'sharak* havia começado.

Ouviram relatos de quando a tribo mehnding se posicionou nas muralhas da cidade e disparou suas armas, atirando pedras pesadas e lanças gigantes contra as fileiras demoníacas. Algumas atingiram os demônios da areia, matando ou ferindo-os o bastante para que seus iguais se voltassem contra eles, mas o verdadeiro objetivo de atacar era enfurecer os terraítas, agitando-os até ficarem frenéticos. Era fácil enraivecer demônios e, depois disso, podiam ser conduzidos como ovelhas ao menor sinal de uma presa.

Quando os terraítas já estavam fervendo, os portões externos da cidade se abriam e era derrubada a rede protetora externa. Demônios da areia e da chama atacaram, demônios do vento pairavam sobre eles. Em geral, deixavam várias dúzias entrarem antes de fecharem os portões e a rede ser reestabelecida.

Dentro dos portões ficava um grupo de guerreiros batendo lanças contra escudos. Esses homens, conhecidos como iscas, eram os mais velhos e fracos, descartáveis, mas sua honra era infinita. Com gritos e provocações, espalhavam-se com o ataque dos demônios, dividindo-se de forma predefinida para dividir os demônios e levá-los para dentro do Labirinto.

Vigias no topo das muralhas do Labirinto derrubavam demônios do vento com boleadeiras e redes com peso. Quando despencavam, estacadores surgiam de pequenas alcovas protegidas para prendê-los antes que pudessem se libertar, espetando seus membros com estacas com proteções que eram marteladas no chão, impedindo que fugissem pela manhã, voltando às Profundas.

Enquanto isso, os iscas continuavam a correr, conduzindo os demônios da areia e ocasionais demônios da chama ao seu fim. Os demônios conseguiam correr mais rápido, mas não transpunham as viradas bruscas do Labirinto tão facilmente quanto os homens que conheciam cada curva. Quando um demônio se aproximava demais, os vigias tentavam reduzir sua velocidade com redes. Muitas dessas tentativas eram bem-sucedidas. Muitas não.

Arlen e outros da guarda de empurradores ficaram tensos, ouvindo os gritos quando os iscas se aproximaram.

— Atenção! — gritou um observador lá de cima. — Conto nove!

Nove demônios da areia eram muito mais que os costumeiros dois ou três que chegavam ao ponto de emboscada. Iscas tentavam reduzir a quantidade quando se dividiam para que uma emboscada não enfrentasse mais que cinco. Arlen apertou as mãos na lança protegida e os olhos dos *dal'Sharum* ficaram insanos com o entusiasmo. Morrer em *alagai'sharak* era ganhar um ingresso para o paraíso.

Veio um grito da muralha.

— Luzes!

Quando os iscas levaram os demônios para dentro do ponto de emboscada, os vigias acendiam fogueiras chamejantes com óleo diante de espelhos angulados, inundando a área com luz.

Pegos de surpresa, os terraítas berraram e encolheram-se. A luz não os feria, mas dava tempo para os iscas exaustos fugirem. Amparados pela luz, correram com hábil precisão ao redor dos fossos das trevas, caindo em trincheiras rasas e protegidas.

Os demônios da areia recuperaram-se rapidamente e retomaram o ataque, sem saber o caminho que os iscas haviam tomado. Três deles correram direto para as lonas cor de areia que cobriam dois largos fossos das trevas, berrando ao

caírem nos buracos de seis metros.

As armadilhas apareceram e a guarda de empurradores gritou e atacou de seus bolsões de emboscada, lanças erguidas entre escudos circulares com proteções para conduzir os terraítas remanescentes para os fossos.

Arlen urrou, deixando o medo de lado, quando atacou com os outros, enlevado pela bela loucura de Krasia. Era como ele imaginava os guerreiros de antigamente, gritando contra o instinto de fugir e se esconder enquanto saltavam para dentro da batalha. Por um momento, esquecia quem era e onde estava.

Mas, naquele momento, sua lança atingiu um demônio da areia e suas proteções avivaram-se, cobrindo a criatura com a luz prateada. Ela berrou agonizante, mas foi varrida para longe por lanças mais compridas que fustigavam a cada lado de Arlen. Zonzos pelo luzir das proteções defensivas, nenhum dos homens sequer percebeu.

O grupo de Arlen levou os dois demônios restantes que encararam para o fosso aberto do seu lado do ponto de emboscada. As proteções do fosso eram do tipo unidirecional, conhecidas apenas em Krasia. Terraítas conseguiam entrar no círculo, mas não sair. Sob a terra batida no fundo do fosso ficavam pedras talhadas, interrompendo seu caminho para as Profundas e prendendo-os nos fossos até a aurora alcançá-los.

Erguendo os olhos, Arlen viu que o outro lado não estava se saindo tão bem. A lona havia se enrolado quando caiu no fosso, deixando algumas proteções cobertas. Antes que o protetor do fosso pudesse limpar o bloqueio, dois terraítas que haviam caído escalaram o fosso, matando-o.

A guarda de empurradores do outro lado do ponto de emboscada irrompera em caos, encarando cinco demônios da areia sem um fosso das trevas funcionando para jogá-los lá dentro. Havia apenas dez homens naquela unidade e os demônios estavam no meio, golpeando e mordendo.

— Retirada para o bolsão! — ordenou o *kai'Sharum* ao lado de Arlen.

— Às Profundas que vou! — berrou Arlen, avançando para ajudar o outro grupo. Ver um estrangeiro dar tal amostra de coragem fez os *dal'Sharum* seguirem-no, o comandante gritando às suas costas.

Arlen parou tempo suficiente para chutar a lona para longe do fosso das trevas e ativar o círculo. Sem perder uma batida, saltou no meio da batalha, a lança protegida viva nas mãos.

Ele atingiu o primeiro demônio na lateral e desta vez os outros não deixaram de ver o brilho de magia quando a arma acertou a criatura. O demônio da areia foi ao chão, fatalmente ferido, e Arlen sentiu uma onda de energia gigantesca fluir através dele.

Percebendo o movimento de canto de olho, ele girou a lança na horizontal e bloqueou os dentes afiadíssimos de outro demônio da areia. As proteções defensivas ao longo da lança ativaram-se antes que o terraíta pudesse morder,

travando a boca aberta. Arlen deu um giro brusco na lança e a magia avivou-se, arrancando a mandíbula da criatura.

Um terceiro demônio atacou, mas os membros de Arlen moveram-se com força. Ele golpeou com o cabo da lança, e as proteções ali arrancaram metade da cara do terraíta. Quando caiu, soltou o escudo e rodou a lança nas mãos, fincando-a com força no peito do demônio.

Arlen urrou e olhou ao redor, procurando outro demônio para combater, mas os outros tinham sido levados para o fosso. O que encontrou foram homens encarando-o, espantados.

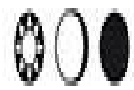
— O que estão esperando? — ele gritou, avançando para o Labirinto. — Temos *alagai* para caçar!

Os *dal'Sharum* seguiram-no, entoando "*Par'chin*! *Par'chin*!".

O primeiro encontro foi com um demônio do vento que investiu contra eles, rasgando a garganta de um dos seguidores de Arlen. Antes que a criatura pudesse arremeter novamente, Arlen jogou sua lança, atravessando a cabeça do terraíta com uma chuva de centelhas, e lançou-o ao chão.

Arlen recuperou a arma e continuou a correr, a magia fantástica da lança cobrindo-o como se fosse um guerreiro lendário. Enquanto o bando varria o Labirinto, seu número cresceu, e enquanto Arlen derrubava demônio atrás de demônio, mais e mais entravam no coro: "*Par'chin*! *Par'chin*!"

Os bolsões de emboscada e fossos de escape protegidos foram esquecidos. Desapareceram o medo e as reservas perante a noite. Com sua lança metálica, Arlen parecia invulnerável, e a confiança que exalava era como uma droga para os krasianos.



Afogueado pela emoção da vitória, Arlen sentia como se tivesse rompido um casulo, se renovado com a arma antiga. Não sentia cansaço, embora tivesse corrido e lutado por horas. Não sentia dor, embora carregasse muitos arranhões e cortes. Seus pensamentos estavam concentrados apenas no próximo encontro, no próximo demônio a matar. Cada vez que sentia a onda de magia atravessando a carapaça de um terraíta, o mesmo pensamento soava em sua cabeça. *Todo homem precisa ter uma desta.*

Jardir apareceu diante dele e Arlen, coberto pelo sangue das trevas, ergueu a lança para saudar o Primeiro Guerreiro e gritou:

— *Sharum Ka!* Nenhum demônio escapará vivo de seu Labirinto hoje!

Jardir gargalhava, erguendo sua lança no ar também. Ele veio e abraçou Arlen como um irmão:

— Subestimei você, *Par'chin*. Não repetirei esse erro.

Arlen sorriu e respondeu:

— Você sempre diz isso.

Jardir meneou a cabeça para dois demônios da areia que Arlen acabara de assassinar.

— Desta vez é de verdade — prometeu, voltando a sorrir. Em seguida, virou-se para os homens que seguiam Arlen e gritou, apontando para os terraítas mortos:

— *Dal'Sharum!* Recolham essas coisas nojentas e levem-nas para cima da muralha externa! Nossos fundeiros precisam praticar tiro ao alvo! Deixem que os terraítas além das muralhas vejam a estupidez que é atacar o Forte Krasia!

Um alarido ergueu-se dos homens e eles se apressaram para atender a ordem. Em seguida, Jardir virou-se para Arlen e disse:

— Os vigias relataram que ainda há batalha em um dos pontos de emboscada a leste. Ainda resta luta dentro de você, *Par'chin*?

O sorriso de Arlen era feroz.

— Leve-me até lá — respondeu ele, e os dois homens partiram, deixando os outros com seu trabalho.

Correram por um tempo até uma das pontas do Labirinto.

— Bem adiante — gritou Jardir quando fizeram uma curva fechada até um ponto de emboscada. Arlen nem notou o silêncio, sua mente repleta com as batidas dos pés e o pulsar do sangue.

No entanto, quando virou, uma perna estendeu-se de lado, prendendo seu pé e derrubando-o de uma vez ao chão. Rolou ao cair, mantendo nas mãos a arma preciosa, mas quando ficou novamente em pé, homens bloqueavam a única saída que tinha.

Arlen olhou ao redor, confuso, sem ver sinal de demônios ou luta. Encontrou a emboscada, mas aquela não era para terraítas.

21
APENAS UM CHIN
– 328 DR –

SHARUM MOVEU-SE AO REDOR DE ARLEN: a elite de Jardir. Arlen conhecia todos, homens com quem jantava e gargalhava toda noite, e com quem lutara lado a lado muitas vezes antes.

— O que é isso? — perguntou Arlen, embora seu coração soubesse muito bem.

— A Lança de Kaji pertence às mãos do Shar'Dama Ka — respondeu Jardir quando se aproximou. — E você não é ele.

Arlen agarrou a lança como se tivesse medo de que ela voasse das mãos. Os homens que se aproximavam dele eram os mesmos guerreiros com os quais partilhara uma refeição poucas horas antes, mas não havia amizade em seus olhares. Jardir tinha tramado bem a separação dos seguidores do *Par'chin*.

— Não precisa ser desse jeito — disse Arlen, afastando-se até o fosso das trevas no centro do ponto de emboscada estar aos seus calcanhares. Distante, ele notou o chiado de um demônio da areia preso lá dentro. — Eu posso fazer mais dessas. Uma para cada *dal'Sharum*. Foi por isso que vim.

— Somos capazes de fazer sozinhos. — Jardir sorriu, uma fenda fria no rosto

barbado. Seus dentes brilhavam à luz da lua. — Você não pode ser nosso salvador. É apenas um *chin*.

— Não quero lutar com vocês — disse Arlen.

— Então não lute, meu amigo — falou Jardir com suavidade. — Dê-me a arma, pegue seu cavalo e parta com a aurora para nunca mais voltar.

Arlen hesitou. Não tinha dúvida que os protetores de Krasia poderiam replicar a lança tão bem quanto ele. Num estalo, os krasianos poderiam virar o jogo de sua Guerra Santa. Milhares de vidas salvas, milhares de demônios mortos. Importava quem receberia o reconhecimento?

No entanto, havia mais em jogo que apenas reconhecimento. A lança não foi um presente para Krasia, mas para *todos os homens*. Os krasianos dividiriam esse conhecimento com outros? Se dependesse daquela cena, Arlen pensou que não.

— Não — disse ele. — Acho que vou ficar com ela um pouco mais. Deixe-me fazer uma para você e eu parto. Nunca mais me verá e terá o que deseja.

Jardir estalou os dedos e os homens aproximaram-se de Arlen.

— Por favor — implorou Arlen. — Não quero machucar nenhum de vocês.

Os guerreiros de elite de Jardir riram. Todos haviam dedicado a vida às lanças.

Como Arlen.

— Os terraítas são os inimigos! — gritou ele quando avançaram. — Não eu!

Enquanto protestava, ele se virou, desviando duas pontas de lança com um giro da arma e chutando as costelas de um dos homens, empurrando-o para cima de outro. Mergulhou no meio da confusão, surgindo no meio deles, girando a lança como um bastão sem usar a ponta.

Ele bateu o cabo no rosto de um guerreiro e sentiu o maxilar dele se quebrar, agachou-se enquanto avançava e bateu a lança de metal no joelho de outro. Uma fustigada de lança cortou o ar bem acima dele quando o guerreiro foi ao chão aos berros.

Mas, diferente da luta com os terraítas, a arma agora parecia pesada nas mãos de Arlen, a energia infinita que o impulsionara através do Labirinto se extinguiu. Contra homens, era apenas uma lança. Arlen firmou-a no chão e saltou com os dois pés no pescoço de um guerreiro. A extremidade do cabo da lança atingiu a barriga de outro, fazendo-o se dobrar. A ponta rasgou a coxa de um terceiro, e este largou a arma para amparar a ferida com as mãos. Arlen recuou da pressão que se seguiu, deixando o fosso das trevas às suas costas para que não pudessem cercá-lo.

— Novamente eu subestimei você, embora tenha prometido que não subestimaria — falou Jardir. Ele acenou e outros homens avançaram para pressioná-lo ainda mais.

Arlen lutou com fúria, mas o resultado já era esperado. Um bastão atingiu-o na lateral da cabeça, derrubando-o, e os guerreiros caíram por cima dele com selvageria com uma chuva de golpes até ele soltar a lança que cobria a cabeça

com os braços.

Tão rápido quanto começou, o espancamento foi interrompido. Arlen foi arrastado pelos pés, as mãos presas atrás dele por dois guerreiros musculosos, enquanto observava Jardir se curvar e pegar sua lança. O Primeiro Guerreiro agarrou o prêmio com força e fitou os olhos de Arlen.

— Sinto muito, de verdade, meu amigo — disse ele. — Queria que pudesse ser de outro jeito.

Arlen cuspiu no rosto de Jardir e gritou:

— Everam está assistindo à sua traição!

Jardir apenas sorriu, limpando o cuspe.

— Não fale de Everam, *chin*. Eu sou Sharum Ka, não você. Sem mim, Krasia desmorona. Quem vai sentir sua falta, *Par'chin*? Não encherá nem uma única garrafa de lágrimas.

Ele olhou para os homens que seguravam Arlen.

— Joguem-no no fosso.

Arlen não havia se recuperado do choque do impacto quando a fina lança de Jardir caiu e fincou-se trêmula na terra diante dele. Erguendo os olhos para as paredes lisas com seis metros de altura do fosso, viu o Primeiro Guerreiro olhando para ele.

— Viveu com honra, *Par'chin* — falou Jardir —, e assim poderá mantê-la na morte. Morra lutando e despertará no paraíso.

Arlen rosnou, olhando para o demônio da areia do outro lado do fosso, quando ele se agachou. Emitiu um grunhido baixo pelo focinho quando arreganhou os dentes afiados como lâminas.

Arlen levantou-se, ignorando as dores dos músculos escoriados. Pegou lentamente a lança, mantendo os olhos fixos nos do demônio. Sua posição, nem ameaçadora, tampouco temerosa, confundiu a criatura, que avançava e recuava sobre as quatro patas, insegura.

Era possível matar um demônio da areia com uma lança sem proteções. Seus pequenos olhos sem pálpebras, normalmente protegidos por ossos protuberantes da testa, arregalavam-se quando atacavam. Uma estocada precisa naquele ponto vulnerável, forte o bastante para chegar ao cérebro, poderia matar a criatura instantaneamente. Mas os demônios recuperavam-se com velocidade mágica e um golpe impreciso ou um que não o atravessasse por inteiro apenas o enfureceria mais. Sem escudo, à luz turva da lua e dos lampiões a óleo lá em cima, era uma tarefa quase impossível.

Enquanto o demônio permanecia surpreso com seu comportamento, Arlen começou a riscar lentamente a terra com a ponta da lança, traçando linhas de

proteção bem diante dele, no caminho mais provável do terraíta. A criatura descobriria rapidamente como contorná-las, mas daria a Arlen algum tempo. Risca após risca, ele escavou os símbolos na terra.

O demônio da terra afastou-se até as paredes do fosso, onde as sombras lançadas pelas luzes de lampião eram maiores. Suas escamas escuras fundiam-se com a terra, deixando-o quase invisível. Apenas seus olhos grandes e pretos sobressaíam-se, refletindo a luz escassa.

Arlen viu o ataque antes que ele avançasse. Os músculos fortes do demônio incharam e se retorceram quando ele se agachou nas duas pernas traseiras. Arlen posicionou-se cuidadosamente atrás das proteções completas e rompeu o contato visual, como se ficasse submisso.

Com um rosnado que irrompeu como grunhido, o terraíta lançou-se sobre ele, quase cinquenta quilos de garras, presas e músculos encouraçados. Arlen esperou até que o demônio atingisse as proteções e, assim que elas brilharam, ele atingiu com força os olhos expostos. O impulso do terraíta acrescentou força ao golpe.

Observando de cima, os krasianos comemoraram.

Arlen sentiu a ponta da lança afundar, mas não o suficiente antes que o impacto e a luz da magia lançassem a criatura através do fosso, berrando de dor. Arlen olhou para a lança e viu que a ponta havia quebrado. Percebeu-a reluzindo a luz da lua no olho de demônio, enquanto este se sacudia para espantar a dor e erguia-se. Arranhou o rosto para arrancar a ponta da lança. O sangramento já havia parado.

O terraíta rosnou baixo e começou a rastejar na direção dele, arrastando a barriga no fundo do fosso. Arlen deixou-o avançar, correndo para concluir seu semicírculo. O demônio atacou novamente e mais uma vez as proteções improvisadas avivaram-se, parando-o. Arlen o fustigou de novo, desta vez tentando cravar a ponta quebrada da lança dentro da bocarra, na carne mais vulnerável da garganta. O terraítas foi muito rápido, agarrando a lança de Arlen entre os dentes e puxando-a das mãos do rapaz para depois recuar outra vez.

— Pela Noite! — praguejou Arlen. Seu círculo estava longe de estar completo e sem a lança não tinha esperança de terminá-lo.

Recuperando-se do golpe, o demônio da areia estava totalmente despreparado quando Arlen saltou de trás das proteções e agarrou-o. Lá em cima, os espectadores se alvoraçaram.

O terraíta arranhou e mordeu, mas Arlen foi mais rápido, conseguindo ficar atrás dele e encaixar os antebraços sob os braços da criatura, prendendo os dedos atrás da cabeça. Ele lançou o peso todo para trás, erguendo o demônio do chão.

Arlen era muito maior e mais pesado que o demônio da areia, mas ele não podia equiparar-se com a força nervosa do terraíta enquanto ele se debatia. Seus músculos pareciam os cabos usados nas pedreiras de Miln e as garras ameaçavam rasgar as pernas de Arlen em pedaços. Ele sacudiu a criatura,

batendo-a na parede do fosso. Antes que pudesse se recuperar do impacto, ele recuou e bateu outra vez. Suas mãos estavam ficando fracas contra o ataque da criatura poderosa, então jogou o peso mais uma vez, lançando-a para dentro das proteções. A magia iluminou o fosso, arremessando o demônio para trás com o impacto, e Arlen agarrou a lança e correu para trás das proteções antes que a criatura pudesse se recuperar.

Enfurecido, o demônio atirou-se nas proteções várias vezes, mas Arlen rapidamente completou o semicírculo improvisado com a parede do fosso às costas. Havia buracos na rede, mas ele esperava que fossem pequenos demais para o demônio encontrá-los e atravessá-los.

Mas a esperança esvaiu-se um momento mais tarde, quando o terraíta saltou na parede da muralha, suas garras enterrando-se na argila. Moveu-se pendurado na parede, avançando na direção de Arlen, presas à mostra, úmidas com baba.

As proteções apressadas de Arlen eram fracas, com um raio de proteção pequeno, não muito mais alto do que um demônio poderia saltar. Não levou muito tempo para o terraíta perceber que poderia escalar.

Preparando-se, Arlen deixou um pé sobre a proteção mais próxima da parede, interrompendo a magia. Manteve o pé a poucos centímetros do chão para não borrar a marcação. Ele esperou até o demônio saltar, em seguida recuou, descobrindo a proteção.

O demônio estava na metade do caminho quando a rede foi reativada, cortando a carne do demônio. Metade da criatura caiu no círculo com Arlen, metade caiu com um baque surdo fora dele.

Mesmo separada da parte traseira, a parte dianteira do terraíta arranhou e mordeu enquanto se debatia, mas Arlen a mantinha afastada com a lança. Ele cruzou as proteções, prendendo o torso do demônio da areia no semicírculo que ainda se retorcia e vazava sangue preto na terra.

Arlen ergueu os olhos, vendo os krasianos encará-lo boquiabertos. Ele fechou a cara e quebrou a lança no joelho. Inspirado pelo demônio, enterrou a parte quebrada na terra macia da parede do fosso. Puxou com força, os bíceps ficando salientes, e, quando começou a subir, ergueu o outro braço, espetando a ponta quebrada da lança mais acima na parede.

Arlen escalou a parede de seis metros do fosso. Ele não pensou no que ficou para trás ou no que o esperava acima. Concentrou-se na tarefa em mãos, ignorando o esforço que o fazia sentir os músculos arderem, a carne se partir. Quando trepou na beirada do fosso, os krasianos recuaram, seus olhos arregalados. Muitos deles evocaram Everam e tocaram a testa e o coração, enquanto outros desenhavam proteções no ar para protegê-los como se ele fosse um demônio.

Seus membros pareciam de gelatina, Arlen lutava para ficar em pé. Encarou o Primeiro Guerreiro com olhos turvos.

— Se quiser me ver morto — rosnou ele —, você mesmo terá de me assassinar. Não há mais terraítas no Labirinto para fazer o serviço.

Jardir deu um passo adiante, mas hesitou num murmúrio de desaprovação de alguns de seus homens. Arlen provou ser um guerreiro. Matá-lo naquele momento não seria honrado.

Arlen contava com aquilo. No entanto, antes que os homens tivessem de pensar, Jardir o golpeou, acertando-o na têmpora com o cabo da lança protegida.

Arlen foi lançado ao chão, a cabeça zunindo e o mundo girando, mas ele cuspiu e amparou-se com as mãos, fazendo força contra o chão para ficar em pé. Ergueu os olhos apenas para ver Jardir mover-se novamente. Sentiu a lança de metal atingir seu rosto e então não viu mais nada.

22
PALCOS NOS LUGAREJOS
– 329 DR –

ROJER DANÇAVA DURANTE A CAMINHADA, quatro bolinhas de madeira pintadas e brilhantes orbitando sobre a cabeça. O malabarismo ainda estava além de suas capacidades, mas Rojer Faltadedo tinha uma reputação a zelar e também havia aprendido a trabalhar com sua limitação, movimentando-se com graça fluida para manter sua mão mutilada na posição de pegar e lançar as bolas.

Apesar dos catorze verões, era pequeno, mal chegando a um metro e meio, com cabelos ruivos, claros, olhos verdes e rosto redondo, claro e sardento. Ele se desviava, esticava-se e dava piruetas completas, os pés movendo-se no ritmo das bolinhas. Suas botas macias com bico fendido estavam cobertas de poeira da estrada e a nuvem que ele chutava para o alto ao redor fazia cada respiração ter gosto de poeira seca.

— Vale mesmo a pena, se não consegue ficar parado? — perguntou Arrick, irritado. — Parece um amador e seu público não vai querer inalar poeira mais do que eu.

— Não vou me apresentar na estrada — retrucou Rojer.

— Nos lugarejos talvez não haja nem tábuas nas ruas — disse Arrick.

Rojer falhou um compasso e Arrick parou quando o rapaz tentou freneticamente recuperar-se. No fim, conseguiu controlar as bolas outra vez, mas Arrick ainda assim deu um muxoxo.

— Sem tábuas no chão, como impedem que os demônios se ergam dentro das muralhas? — quis saber Rojer.

— Também não têm muralhas — respondeu Arrick. — Manter uma rede ao redor de um lugarejo, por menor que seja, custaria uma dúzia de protetores. Se a vila tiver dois e um aprendiz, podem se considerar sortudos.

Rojer engoliu o gosto de bile na boca, sentindo-se fraco. Os gritos de mais de uma década de idade ressoaram na cabeça e ele cambaleou, caindo com o traseiro no chão enquanto as bolinhas choviam sobre ele. Então bateu a mão mutilada contra a terra, nervosamente.

— Melhor deixar o malabarismo para mim e se concentrar em outras habilidades — comentou Arrick. — Se passar metade do tempo praticando canto em vez do que gasta com malabarismo, talvez dure três notas antes de a voz falhar.

— Você sempre disse que "Um menestrel que não consegue fazer malabarismo não é menestrel" — retrucou Rojer.

— Não importa o que eu disse! — disse Arrick, nervoso. — Acha que o maldito Jasin Voz Dourada faz malabarismos? Você tem talento. Assim que construirmos sua fama, terá aprendizes para fazer malabares por você.

— Por que você quer alguém para fazer meus truques para mim? — perguntou Rojer, pegando as bolinhas do chão e deslizando-as na bolsa em sua cintura. Quando o fez, acariciou o volume tranquilizador do talismã, encaixado em segurança no bolso secreto, tirando força dele.

— Porque truques pequenos não trazem dinheiro, garoto — falou Arrick, puxando seu odre de vinho sempre presente. — Menestréis fazem klats. Faça fama e ganhará o suave ouro milnês, como eu costumava faturar. — Ele bebeu novamente, goladas maiores desta vez. — Mas, para construir um nome, precisa se apresentar nos lugarejos.

— Voz Dourada nunca tocou em lugarejos — disse Rojer.

— Mas é exatamente esse o meu ponto! — gritou Arrick, gesticulando loucamente. — Seu tio talvez seja capaz de dedilhar cordas em Angiers, mas não tem domínio nos lugarejos. Quando fizer sua fama, vamos enterrá-lo!

— Ele não é páreo para Cantadoce e Faltadedo — disse Rojer com rapidez, deixando o nome do mestre antes, embora o burburinho que pairava nas ruas de Angiers os invertessem.

— Sim! — gritou Arrick, batendo os calcanhares e fazendo alguns passos de dança.

Rojer rebateu a irritação de Arrick a tempo. Seu mestre havia se tornado cada

vez mais inclinado a ataques de fúria nos últimos anos, bebendo mais e mais enquanto a lua de Rojer crescia e a sua minguava. Seu cantar não era mais tão doce e ele sabia disso.

— Estamos longe das Corredeiras do Grilo? — perguntou Rojer.

— Se tudo correr como o planejado, chegaremos lá na hora do almoço de amanhã — respondeu Arrick.

— Pensei que os lugarejos ficassem apenas a um dia de distância.

Arrick resmungou e disse:

— O decreto do duque era que as vilas não ficassem mais distantes que um dia de cavalgada *no lombo de um bom cavalo*. Ir a pé custa um pouco mais.

As esperanças de Rojer despedaçaram-se. Arrick realmente queria passar uma noite na estrada sem nada entre eles e os terraítas além do velho círculo portátil de Geral, que não fora usado durante uma década.

Mas Angiers não era mais um lugar totalmente seguro para eles. Ao passo que sua popularidade crescia, o mestre Jasin adquiriu um interesse especial em dificultar a vida deles. Seus aprendizes quebraram o braço de Arrick no ano anterior e roubaram as doações mais de uma vez após um grande espetáculo. Com isso e a tendência de Arrick para bebidas e prostíbulos, ele e Rojer raramente tinham ao menos dois klats para se fazer companhia. Talvez os lugarejos pudessem lhes proporcionar uma sina melhor.

Fazer fama nos lugarejos era um rito de passagem para os menestréis e parecia uma grande aventura enquanto estavam seguros em Angiers. Agora, Rojer olhava para o céu e engolia seco.

Rojer sentou-se numa pedra, costurando um retalho brilhante na capa. Como suas outras roupas, a original já havia se desgastado tempos atrás e ele substituiria um retalho por vez até sobrarem apenas retalhos.

— Arme o círculo quando acabar aí, garoto — disse Arrick, cambaleando um pouco. Seu odre de vinho estava quase vazio. Rojer olhou para o pôr do sol e se encolheu, indo rapidamente obedecer a ordem de seu mestre.

O círculo era pequeno, com apenas três metros de diâmetro. O suficiente para dois homens deitarem com uma fogueira entre eles. Rojer bateu uma estaca no centro do acampamento e usou um cordão de um metro e meio para traçar um círculo suave na terra. Deitou o círculo portátil em seu perímetro, usando uma vareta para garantir que as placas protetoras ficassem alinhadas adequadamente, mas ele não era protetor e não conseguia saber se tinha feito certo.

Quando ele terminou, Arrick foi aos tropeços inspecionar o trabalho.

— Pareeece certo — balbuciou o mestre, mal olhando para o círculo. Rojer sentiu um arrepio na espinha e repassou tudo outra vez para ter certeza, e uma

terceira vez para garantir. Ainda assim, ficou inquieto enquanto fazia fogueira e preparava o jantar, o sol cada vez mais baixo no horizonte.

Rojer nunca tinha visto um demônio. Ao menos não que ele se lembrasse com clareza. A pata com garras que irrompeu pelas portas da casa dos pais ficou talhada para sempre na mente, mas o restante, até mesmo o terraíta que mutilou sua mão, era apenas uma bruma fumacenta com dentes e chifres.

Seu sangue gelou quando as florestas começaram a lançar longas sombras na estrada. Não demorou muito para uma forma fantasmagórica erguer-se do chão perto da fogueira. O demônio da floresta não era maior que um homem médio, com pele nodosa e parecida com casca de árvore que se estendia sobre músculos magros. A criatura viu a fogueira e rugiu, lançando para trás a cabeça com chifres e revelando fileiras de dentes afiados. Flexionou as garras, preparando-as para matar. Outras formas surgiram ao redor da fogueira, lentamente cercando-os.

Os olhos de Rojer voltaram-se para Arrick, que bebia com avidez do odre de vinho. Esperava que o mestre, que já havia dormido em círculos portáteis, pudesse estar calmo, mas o medo nos olhos de Arrick dizia o contrário. Com mão trêmula, Rojer enfiou a mão no bolso secreto, tirou o talismã e segurou-o com firmeza.

O demônio da madeira baixou os chifres e avançou. Algo então emergiu na mente de Rojer, uma lembrança suprimida havia muito. De repente, ele estava com três verões, olhando sobre o ombro da mãe quando a morte se aproximou.

Tudo aquilo o acometeu naquele instante. Seu pai erguendo o atiçador e ficando ao lado de Geral a fim de ganhar tempo para sua mãe e Arrick escaparem com ele. Arrick empurrando-os para o lado enquanto corriam para o alçapão. A mordida que arrancou seus dedos. O sacrifício da mãe.

Eu te amo!

Rojer agarrou o talismã e sentiu o espírito da mãe ao seu redor como uma presença física. Ele confiou mais nele do que nas proteções para ampará-lo quando o terraíta continuou a atacá-los.

O demônio atingia as proteções com força. Rojer e Arrick saltavam quando a magia se avivava. A rede de Geral ficou talhada em fogo prateado no ar por um breve instante e o terraíta foi lançado para trás, surpreso.

O alívio foi breve. O som e a luz chamaram atenção de outros demônios da madeira e eles atacaram em revezamento, testando a rede de todos os lados.

Contudo, as proteções envernizadas de Geral aguentaram bem. Um a um, ou em grupos, os demônios da madeira foram lançados para trás, forçando o círculo com fúria em busca de falhas, em vão.

Porém, embora os terraítas continuassem a se jogar sobre ele, a mente de Rojer estava em outro lugar. Repetidamente, ele via os pais morrerem, o pai queimando e a mãe imersa nas chamas das trevas antes de empurrá-lo para o

alçapão. E, uma e outra vez, ele via Arrick empurrá-los para longe.

Arrick matara sua mãe. Tão certo como se ele o tivesse feito. Rojer levou o talismã aos lábios, beijando os cabelos ruivos.

— O que você está segurando? — perguntou Arrick suavemente, quando percebeu claramente que os demônios não poderiam atravessar o círculo.

Em qualquer outro momento, Rojer teria sentido uma pontada de pânico com a descoberta do talismã, mas estava num lugar diferente naquele momento, revivendo um pesadelo e tentando entender de forma desesperada o que ele significava. Arrick fora como um pai para ele por mais de dez anos. Essas memórias poderiam ser verdadeiras?

Ele abriu a mão, deixando Arrick ver o pequeno boneco de madeira com cabelos ruivos brilhantes, e respondeu:

— Minha mãe.

Arrick olhou para o boneco com tristeza e algo na expressão dele revelou a Rojer tudo que precisava saber. Suas lembranças estavam corretas. Palavras furiosas brotaram nos lábios de Rojer e ele ficou tenso, pronto para atacar o mestre, jogá-lo para fora do círculo e deixar os terraítas consumi-lo.

Arrick baixou os olhos e limpou a garganta, começando a cantar. Sua voz, arranhada por anos de bebida, assumiu um quê de sua antiga doçura enquanto ele entoava uma suave canção de ninar, uma que dedilhou as memórias de Rojer como a visão do demônio da madeira. De repente, lembrou-se de como Arrick o abraçou no mesmo círculo em que estavam, cantando a mesma canção enquanto Pontefluente queimava.

Como o talismã, a canção envolveu Rojer, fazendo com que se recordasse como ela o deixara seguro naquela noite. Arrick fora um covarde, era verdade, mas honrou o pedido de Kally de cuidar dele, embora tivesse custado sua delegação real e arruinado sua carreira.

Ele recolocou o talismã no bolso secreto e encarou o vazio da noite. As imagens de mais de uma década passavam pela mente e ele tentou desesperadamente dar sentido a elas.

Por fim, a canção de Arrick terminou e Rojer saiu de sua contemplação e pegou os utensílios de cozinha. Fritaram salsichas e tomates em uma pequena frigideira, comendo com pão duro. Depois do jantar, treinaram. Rojer pegou sua rabeca e Arrick molhou os lábios com as últimas gostas do odre de vinho. Ficaram frente a frente, fazendo o melhor para ignorar os terraítas que rondavam o círculo.

Rojer começou a tocar e todas as dúvidas e medos desapareceram quando a vibração das cordas tornou-se seu mundo. Ele estendeu a melodia numa carícia e meneou a cabeça quando estava pronto. Arrick juntou-se a ele com um murmurar suave, esperando um sinal para começar a cantar. Assim, tocaram e cantaram por algum tempo, entrando numa harmonia confortável afinada por

anos de prática e apresentações. Mais tarde, Arrick parou de repente, olhando ao redor.

— Que foi? — perguntou Rojer.

— Acho que os demônios pararam de bater nas proteções desde que começamos — disse Arrick.

Rojer parou de tocar, olhando ao redor. Era verdade, ele percebeu, imaginando como não percebera isso antes. Os demônios da madeira estavam agachados ao redor do círculo, imóveis, mas, quando Rojer fitou os olhos de um deles, ele saltou sobre o menino.

Rojer gritou e caiu para trás quando o terraíta atingiu as proteções e foi repelido. Ao redor deles, a magia avivou-se quando o restante das criaturas saiu do torpor e atacou.

— Foi a música! — disse Arrick. — A música os manteve quietos!

Vendo o olhar confuso no rosto do rapaz, Arrick pigarreou e começou a cantar.

Sua voz era forte e chegou até longe na estrada, abafando os rugidos dos demônios com seu belo som, mas ela não fez nada para controlá-los. Ao contrário, os terraítas berraram mais alto e arranharam a barreira, como se desesperados para silenciá-lo.

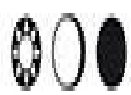
As grossas sobrancelhas de Arrick se franziram e ele mudou o tom, cantando a última música que ele e Rojer estavam praticando, mas os terraítas ainda atacavam as proteções. Rojer sentiu uma pontada de medo. E se os demônios encontrassem uma falha nas proteções, como fizeram…

— A rabeca, garoto! — gritou Arrick. Entorpecido, Rojer olhou para ela e o arco ainda presos às mãos. Arrick então ordenou: — Toque, seu tolo!

Mas a mão mutilada de Rojer tremia e o arco tocou as cordas com um gemido agudo, como unhas arranhando uma lousa. Os terraítas gritaram e deram um passo para trás. Encorajado, Rojer tocou mais notas desafinadas e irritantes, afastando cada vez mais os demônios. Eles uivavam e levavam as garras até a cabeça, como se estivesse doendo.

Mas não fugiram. Os demônios afastaram-se do círculo lentamente até encontrarem uma distância tolerável. Esperaram com olhos pretos refletindo a luz da fogueira.

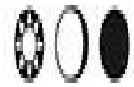
A visão fez o coração de Rojer congelar. Sabia que não poderia tocar para sempre.



Arrick não estava exagerando quando disse que seriam tratados como heróis nos lugarejos. O povo das Corredeiras do Grilo não tinha menestréis e muitos lembravam-se de Arrick do seu tempo de arauto do duque, uma década atrás.

Havia uma pequena estalagem para abrigar vaqueiros e agricultores que

seguiam de e para a Ponta da Floresta e o Vale do Pastor, e eles foram bem recebidos lá, com estadia e alimentação por conta da casa. A cidade inteira apareceu para assistir ao espetáculo, bebendo cerveja suficiente para custear a estadia e ainda sobrar dinheiro. De fato, tudo correu à perfeição até chegar o momento de passar o chapéu.



— Uma espiga de milho! — gritou Arrick, sacudindo-a diante do rosto de Rojer. — O que vamos fazer com isso?

— Ora, vamos comê-la — sugeriu Rojer. O mestre lançou um olhar furioso para ele e continuou a andar.

Rojer havia gostado das Corredeiras do Grilo. As pessoas lá eram simples, amáveis e sabiam aproveitar a vida. Em Angiers, as multidões apinhavam-se para ouvir sua rabeca, meneando a cabeça e batendo palmas, mas nunca vira um povo dançando com tamanha rapidez como nas Corredeiras do Grilo. Antes de a rabeca sair do estojo, eles já se afastaram, abrindo espaço. Logo estavam pulando, girando e rindo numa balbúrdia, abraçando a música com força e rodopiando para onde ela os levasse.

Choraram sem pejo com as baladas tristes de Arrick e riram histericamente das piadas desbocadas e das imitações. Na opinião de Rojer, era tudo que alguém podia pedir de uma plateia.

Quando a apresentação terminou, os gritos de "Cantadoce e Faltadedo!" foram ensurdecedores. Receberam uma porção de ofertas de estadia, com fartura de vinho e comida. Rojer foi arrastado para trás de uma pilha de feno por duas garotas de olhos pretos retintos, trocando beijos até a cabeça girar.

Mas Arrick não apreciou muito a estadia e se lamentou:

— Como eu pude me esquecer que era assim?

Claro, estava se referindo ao chapéu de coleta. Não havia moedas nos lugarejos; caso contrário, então deviam ser poucas. O que havia servia para as necessidades, sementes, ferramentas e postes protetores. Alguns klats de madeira jaziam no fundo do chapéu, mas não era o bastante para pagar o vinho que Arrick bebia na viagem desde Angiers. Em grande parte, os corredeiros pagavam em grãos, com um saco de sal ou especiarias ocasionais.

— Escambo! — disse Arrick, como se fosse um xingamento. — Nenhuma bodega de vinhos em Angiers vai aceitar um saco de cevada como pagamento!

Os corredeiros pagavam mais do que apenas grãos. Davam de presente carne curada e pão fresco, potes de creme batido e cestos de frutas. Colchas quentinhas. Retalhos novos para as botas. Qualquer produto ou serviço do qual pudessem despender era oferecido com gratidão. Rojer não comia tão bem desde que frequentavam o palácio do duque e não conseguia entender a agonia

do mestre. Para que serviam as moedas se não para comprar todas as coisas que os corredeiros deram em abundância?

— Ao menos… tinham vinho — resmungou Arrick. Rojer olhou o odre nervosamente quando o mestre tomou um grande gole, sabendo que apenas aumentaria o sofrimento de Arrick, mas não disse nada. A sugestão de que Arrick estava bebendo demais o deixava mais insuportável que qualquer quantidade de vinho que pudesse beber.

— Gostei de lá — arriscou-se a dizer Rojer. — Queria que a gente tivesse ficado mais.

— Você não sabe de nada! — disse Arrick, irritado. — É apenas um garoto besta. — Ele gemeu, como se sentisse dor. — Ponta da Floresta será igual — disse ele, lamentando-se e olhando a estrada — e o Vale do Pastor… será o pior de todos! Que ideia estúpida ficar com esse círculo idiota!

Ele chutou as placas preciosas do círculo portátil, entortando as proteções, mas pareceu não perceber ou se importar, tombando bêbado ao lado da fogueira.

Rojer arfou. O pôr do sol aconteceria em poucos momentos, mas ele não disse nada, correndo até o lugar e corrigindo freneticamente o dano, olhando com temor para o horizonte.

Terminou no momento exato. Os terraítas ergueram-se quando ele ainda estava esticando a corda. Caiu para trás quando o primeiro terraíta saltou sobre ele, berrando quando as proteções faiscaram.

— Maldição! — gritou Arrick para o demônio quando ele o atacou. O menestrel bêbado esticou o pescoço, desafiador, e riu quando o terraíta bateu contra a rede protetora.

— Mestre, por favor — implorou Rojer, pegando o braço de Arrick e puxando-o para o centro do círculo.

— Ah, Faltadedo é espertinho agora? — desdenhou Arrick, puxando o braço e quase caindo em seguida. — O pobre… e bêbado… Cantadoce não sabe se manter longe das garras do… terraíta?

— Não é isso — protestou Rojer.

— Então, o que é? — questionou Arrick. — Só porque as multidões gritam seu nome… acha que vai ser alguma coisa sem mim?

— Não!

— Muito bem! — Arrick resmungou e pegou o odre novamente, afastando-se aos tropeções.

A garganta de Rojer estreitou-se e ele pegou o talismã no bolso secreto. Esfregou a madeira suave e o cabelo sedoso com o dedão para invocar seus poderes.

— Isso mesmo, chame sua mãe! — gritou Arrick, virando-se e apontando para o bonequinho. — Esqueça quem o criou… quem ensinou tudo que você sabe! Eu dei minha vida por você!

Rojer segurou o talismã com mais força, sentindo a presença da mãe, ouvindo suas últimas palavras. Pensou novamente em como Arrick a empurrou para o chão e um nó de raiva formou-se em sua garganta.

— Não. Você foi o único que não fez isso.

Arrick olhou o garoto com ódio e avançou sobre ele. Rojer encolheu-se, mas o círculo era pequeno e não havia aonde ir. Lá fora do círculo, os demônios caminhavam, ávidos.

— Me dê isso! — vociferou Arrick, agarrando as mãos de Rojer.

— Isso me pertence! — gritou Rojer. Lutaram por um momento, mas Arrick era maior e mais forte, e tinha duas mãos perfeitas. Arrancou o talismã do menino e lançou-o ao fogo.

— Não! — gritou Rojer, jogando-se nas chamas, mas era tarde demais. Os cabelos ruivos queimaram de pronto e, antes que ele pudesse encontrar um galho para puxar o talismã, a madeira virou brasa. Rojer ajoelhou-se na terra e observou-o queimar. Suas mãos começaram a tremer.

Arrick ignorou-o e cambaleou até ficar de frente para um demônio da madeira que estava agachado à beira do círculo, arranhando as proteções.

— A culpa é sua por isso ter acontecido comigo! — gritou. — Culpa sua eu ter ficado preso a um garoto ingrato e perdido meu posto! Sua!

O terraíta gritou para ele, revelando dentes afiados. Arrick urrou de volta, batendo com o odre de vinho na cabeça da criatura. O odre estourou, espirrando nos dois vinho tinto e couro curtido.

— Meu vinho! — gritou Arrick, percebendo de repente o que fizera. Ele atravessou as proteções como se pudesse de alguma forma desfazer o dano.

— Mestre, não! — gritou Rojer. Ele saiu aos tropeços, pegando com a mão boa o rabo de cavalo desgrenhado de Arrick, enquanto chutava os joelhos do mestre por trás. Arrick foi puxado de volta para as proteções e aterrissou com tudo sobre o aprendiz.

— Tire as mãos de mim! — berrou Arrick sem notar que Rojer acabara de salvar sua vida. Agarrou a camisa do garoto quando se ergueu, lançando-o para fora do círculo.

Terraítas e seres humanos congelaram naquele momento. A consciência tomou conta do rosto de Arrick quando um demônio da madeira urrou em triunfo e avançou, jogando-se para cima do garoto.

Rojer gritou e caiu para trás, sem esperança de voltar a cruzar as proteções a tempo. Ele ergueu aos mãos numa tentativa impotente de afastar a criatura, mas, antes que o terraíta pudesse golpeá-lo, ouviu um grito e Arrick atacou o demônio, mandando-o para longe.

— Volte para o círculo! — berrou Arrick. O demônio rugiu e revidou com força, fazendo o menestrel voar. Ele rolou quando atingiu o chão, um corpo amolecido amarfanhando a corda do círculo portátil e tirando as placas do

alinhamento.

Ao redor da clareira, outros terraítas começaram a correr na direção da falha. Rojer entendeu que os dois morreriam. O primeiro demônio preparou-se para atacá-lo de novo, mas outra vez Arrick agarrou-o, jogando-o para o lado.

— Arabeca! — gritou. — Afaste os demônios com ela!

Porém, quando as palavras saíram dos lábios, as garras do terraíta enterraram-se fundo no peito do menestrel, que cuspiu uma jorro grosso de sangue.

— Mestre! — gritou Rojer. Olhou para a rabeca, em dúvida.

— Salve-se! — arfou Arrick antes de o demônio rasgar sua garganta.

Quando a aurora baniu os demônios de volta para as Profundas, os dedos da mão boa de Rojer estavam cortados, sangrando. Custou um grande esforço para endireitá-los e soltar a rabeca.

Tocou durante a longa noite, agachado no meio da escuridão até o fogo se apagar, mandando notas desafinadas pelo ar para controlar os terraítas, pois sabia que eles esperavam nas trevas.

Não havia beleza, nem melodia para se embrenhar enquanto tocava, apenas arranhões e dissonâncias; nada para tirar seus pensamentos do horror ao redor. Porém, naquele momento, olhando os pedaços espalhados de carne e trapos ensanguentados, os restos mortais do seu mestre, um novo horror o acometeu e ele caiu de joelhos com ânsia de vômito.

Depois de um tempo, quando o enjoo melhorou, ele encarou suas mãos tortas e ensanguentadas, desejando que parassem de tremer. Sentia-se enrubescido, mas o rosto estava frio no ar matutino, pálido. O estômago continuava a se revolver, mas não havia nada mais a expelir. Limpou a boca com a manga do uniforme e levantou-se com dificuldade.

Tentou recolher o máximo de Arrick para enterrar, mas não havia quase nada. Um pouco de cabelo. Uma bota rasgada para alcançar a carne lá de dentro. Sangue. Terraítas não desdenhavam nem o osso, tampouco as sobras, e tinham se alimentado com avidez.

Os protetores ensinavam que os terraítas comiam o corpo e a alma de suas vítimas, mas Arrick sempre dizia que os homens santos eram mais mentirosos que os menestréis, e seu mestre conseguia ser um mentiroso de primeira. Rojer pensou no talismã e na sensação de presença do espírito da mãe que trazia. Como ele a sentiria se sua alma tivesse sido consumida?

Ele olhou para as cinzas frias da fogueira. O pequeno boneco estava lá, escurecido e partido ao meio, e se desfez nas mãos do garoto. Não muito longe, caído na terra, estavam os restos do rabo de cavalo de Arrick. Rojer pegou os cabelos, mais grisalhos que dourados, e deixou-o no bolso.

Faria um novo talismã.

Ponta da Floresta surgiu na paisagem bem antes do crepúsculo para grande alívio de Rojer. Não pensou que tivesse forças para aguentar outra noite ao relento.

Havia pensado em voltar para as Corredeiras do Grilo e implorar para que um mensageiro o levasse de volta a Angiers, mas teria de explicar o que aconteceu e Rojer não estava pronto. Além disso, o que havia para ele em Angiers? Sem uma licença não poderia se apresentar e Arrick transformara em inimigos aqueles que poderiam concluir seu aprendizado. Melhor se manter nos confins do mundo, onde ninguém o conhecia e a Guilda não o alcançava.

Como nas Corredeiras do Grilo, Ponta da Floresta era cheia de mercadorias, povo forte que recebia um menestrel de braços abertos, feliz demais para questionar a sina que trazia um artista para a aldeia.

Rojer aceitou a hospitalidade com gratidão. Sentiu-se uma fraude, afirmando ser um menestrel quando era apenas um aprendiz não licenciado, mas duvidava que os ponteiros se importassem muito se soubessem. Recusariam a dançar ao som de sua rabeca ou ririam menos de suas imitações?

Mas Rojer não ousou tocar nas bolinhas coloridas de malabares que levava na bolsa das maravilhas e declinou os pedidos de canções. Em vez disso, deu cambalhotas, piruetas e andou de cabeça para baixo, usando todo o seu repertório para esconder as incapacidades.

Os ponteiros não o pressionaram e aquilo era o bastante por ora.

23
RENASCIMENTO
– 328 DR –

O BRILHO DO SOL fez Arlen recobrar a consciência. A areia bateu no rosto quando ergueu a cabeça e cuspiu grãos. Esforçando-se para ficar de joelhos, olhou ao redor, mas tudo que via era areia.

Eles o carregaram para as dunas e o deixaram ali para morrer.

— Covardes! — gritou Arlen. — Deixar o deserto fazer seu trabalho não os absolverá!

Ele tremeu sobre os joelhos e tentou encontrar forças para se levantar enquanto o corpo gritava para se deitar ali mesmo e morrer. A cabeça girava.

Ele fora ajudar os krasianos. Como puderam traí-lo desse jeito?

Não se engane, disse uma voz em sua cabeça. *Teve sua parcela de traição. Fugiu do seu pai quando ele mais precisava de você. Abandonou Cob antes de terminar o aprendizado. Deixou Ragen e Elissa sem nem um abraço. E Mery…*

"Quem vai sentir sua falta, *Par'chin*?", havia perguntado Jardir. "Não encherá nem uma única garrafa de lágrimas." E ele estava certo.

Se fosse morrer ali, Arlen sabia, os únicos que provavelmente perceberiam

seriam os mercadores, mais preocupados com os lucros perdidos do que com sua vida. Talvez fosse o que merecia por abandonar todos que o amaram. Talvez ele *devesse* simplesmente deitar ali e morrer.

Os joelhos vacilaram. A areia parecia puxá-lo para baixo, chamando-o para um abraço. Estava a ponto de desistir quando seus olhos perceberam algo.

A poucos metros, um odre de água esquecido na areia. Teria a consciência de Jardir falado mais alto ou um dos seus homens olhou para trás e teve pena do mensageiro traído?

Arlen arrastou-se até o odre, agarrando-se como a corda da salvação. Talvez alguém sofresse por ele, no fim das contas.

Aquilo, no entanto, fazia pouca diferença. Mesmo se voltasse para Krasia, ninguém acreditaria num *chin* contra o Sharum Ka. Com uma ordem de Jardir, os *dal'Sharum* matariam Arlen sem nem pensar.

Então vai deixá-los com a lança pela qual arriscou a vida?, perguntou-se. *Deixá-los com o Corredor da Alvorada, seus círculos portáteis e tudo mais que lhe pertence?*

O pensamento fez Arlen levar a mão à cintura e perceber, com alívio, que não havia perdido tudo. Ainda em segurança, lá estava uma bolsa de couro simples que carregara ao lutar no Labirinto. Nela estavam um pequeno estojo de proteções, sua bolsinha de ervas… e seu caderno.

O caderno mudou tudo. Arlen perdera os outros livros, mas todos eles juntos não valiam aquele caderno. Desde o dia que deixara Miln, Arlen copiava cada nova proteção que aprendia naquele caderno.

Inclusive aquelas da lança.

Deixe-os ficar com aquela coisa maldita, se a querem tanto, pensou Arlen. *Posso fazer outra.*

Com um impulso, ele se pôs de pé. Pegou o odre quente de água e se permitiu um pequeno gole, em seguida encaixou-o no ombro e subiu ao topo da duna mais próxima.

Cobrindo os olhos, conseguiu ver Krasia como uma miragem a distância, uma orientação para seguir até o Oásis da Aurora. Sem o cavalo, a viagem significaria uma semana dormindo desprotegido no deserto. Sua água acabaria bem antes disso, mas duvidava que isso importasse. Os demônios da areia o pegariam antes de ele morrer de sede.

Arlen mastigava erva porcina enquanto caminhava. Era amarga e fazia o estômago queimar, mas ele estava coberto de arranhões do demônio e a ajudava a impedir que infeccionassem. Além disso, sem comida, até mesmo a náusea era melhor que pontadas de fome.

Bebia a água aos poucos, mesmo com garganta seca e inchada. A camisa, amarrada ao redor da cabeça para protegê-la do sol, deixou as costas vulneráveis. A pele tinha manchas amarelas e azuis da surra que levara, mas a vermelhidão do calor as acobertava. Cada passo era uma agonia.

Arlen manteve-se em movimento até o sol quase desaparecer. Sentia como se não tivesse avançado, mas a longa linha de pegadas sopradas atrás dele mostrava uma distância impressionante percorrida.

A noite chegou, trazendo os terraítas e o frio amargo. Qualquer uma dessas coisas era suficiente para matá-lo, então Arlen escondeu-se dos dois, enterrando-se na areia para preservar o calor do corpo e esconder-se dos demônios. Rasgou uma folha do caderno, enrolando o papel num tubo fino para respirar, mas ainda sentia como se fosse sufocar quando se deitou, aterrorizado com a possibilidade de os terraítas o encontrarem. Quando o sol nasceu e aqueceu a areia, ele se levantou da tumba arenosa e saiu aos tropeços, com a sensação de que não havia descansado um momento sequer.

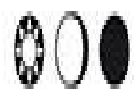
Então continuou, dia após dia. Ficava cada vez mais fraco conforme eles passavam, sem comida, descanso ou mesmo um pouco d'água para jogar no rosto. Sua pele rachava e sangrava, mas ele ignorava e seguia em frente. O sol pesava e o horizonte plano nunca chegava.

Em algum momento, perdera as botas. Não sabia como ou quando. Seus pés ficaram arranhados com a areia quente, sangraram e bolhas cresciam neles. Rasgou as mangas da camisa para cobri-los.

Com uma frequência cada vez maior ele caía, às vezes erguendo-se rapidamente, outras vezes desmaiando e erguendo-se minutos ou horas depois. Às vezes, caía e continuava a rastejar duna abaixo. Exausto, considerava aquilo uma bênção, pois lhe poupava alguns passos dolorosos.

Quando a água terminou, ele perdeu a conta dos dias. Ainda estava no caminho do deserto, mas não tinha ideia da distância que ainda precisava percorrer. Os lábios estavam cortados e secos, como se todo o líquido do corpo houvesse evaporado.

Caiu outra vez e esforçou-se para encontrar motivos para levantar.



Arlen acordou assustado, o rosto úmido. Era noite e aquilo deveria tê-lo deixado apavorado, mas lhe faltavam forças para sentir medo.

Baixou os olhos e viu que o rosto descansava às margens da lagoa no Oásis da Aurora, as mãos dentro d'água.

Ele se perguntou como conseguira chegar até lá. Sua última lembrança… não tinha ideia de qual era sua última lembrança. A viagem através do deserto virou uma recordação borrada, mas ele não se importava. Conseguira. Era tudo que

importava. Dentro dos obeliscos protegidos do oásis, estava seguro.

Ávido, Arlen bebeu água do lago. Um momento depois, vomitou tudo e forçou-se a beber lentamente depois disso. Quando a sede terminou, fechou os olhos de novo e dormiu profundamente pela primeira vez em mais de uma semana.

Quando acordou, Arlen buscou os estoques do oásis. Havia suprimentos além da comida: cobertores, ervas, um estojo de proteções sobressalente. Fraco demais para buscar alimento, passou vários dias comendo a comida seca e cuidando dos ferimentos. Depois, conseguiu colher frutas frescas. Depois de uma semana, encontrou forças para pescar. Após duas semanas, conseguiu se levantar e esticar-se sem dor.

O oásis tinha suprimentos suficientes para tirá-lo do deserto. Talvez ficasse meio morto quando saísse da planície de terra batida e queimada do deserto, mas também estaria meio vivo.

Havia um punhado de lanças nos suprimentos do oásis, mas, em comparação à magnífica arma de metal que perdera, a madeira afiada parecia lamentavelmente inadequada. Sem verniz para fortalecer os símbolos, as proteções esculpidas borrariam com a primeira investida contra as escamas duras dos terraítas.

E daí? Havia proteções que podiam arrancar a vida dos demônios. Mas do que adiantava se não havia uma arma para afixá-las?

Considerou as pedras pintadas com as proteções de ataque. Poderia atirá-las ou até mesmo apertá-las contra os terraítas com a mão…

Arlen gargalhou. Se fosse chegar tão perto de um demônio, poderia até mesmo pintar as proteções direto nas mãos.

A risada definhou quando o pensamento floresceu. Funcionaria? Se sim, teria uma arma que ninguém poderia roubar, uma que nenhum terraíta poderia arrancar de suas mãos ou surpreendê-lo sem ela.

Arlen pegou o caderno, estudando as proteções na ponta da lança e aquelas na outra extremidade. As primeiras eram proteções de ataque, aquelas do cabo eram de defesa. Observou que as proteções no cabo não formavam uma linha para se conectar às outras, como faziam aquelas ao longo da lâmina da ponta. Elas ficavam separadas, o mesmo símbolo repetido ao redor da circunferência da lança, e na parte lisa da extremidade. Talvez a diferença fosse do corte contra o bloqueio.

Quando o sol baixou ainda mais, Arlen copiou a proteção de bloqueio na terra, várias vezes, até sentir-se confiante. Pegou um pincel e uma tigela de tinta do estojo de proteções, cuidadosamente pintando a proteção na palma da mão esquerda. Soprou-a suavemente até secar.

Pintar a mão direita foi mais difícil, mas Arlen sabia por experiência que, com concentração, poderia desenhar proteções igualmente bem com a mão esquerda,

embora levasse mais tempo.

Quando a escuridão chegou, Arlen flexionou as mãos gentilmente, garantindo que o movimento não racharia ou descascaria a pintura. Satisfeito, foi até os obeliscos de pedra que protegiam o oásis, observando os demônios circularem a barreira, farejando a próxima presa.

O primeiro terraíta que o viu era uma espécie sem nenhuma particularidade: um demônio da areia com um metro e vinte de altura, com braços longos e pernas musculosas, inchadas. Sua cauda espinhosa sacudiu-se para lá e para cá quando seus olhos encontraram os de Arlen.

Um momento depois, lançou-se na rede protetora. Quando saltou, Arlen deu um passo para o lado e estendeu a mão, cobrindo parcialmente duas proteções. A rede rompeu-se e o terraíta caiu além dele, confuso pela falta de resistência. Rapidamente ele puxou a mão para trás, restabelecendo a rede.

Fosse lá o que acontecesse, o demônio não sobreviveria. Ou pereceria na luta com Arlen, ou ele o mataria e morreria quando o sol se erguesse e ele não pudesse escapar do oásis bem-protegido.

O demônio ergueu-se e se virou para trás, chiando e mostrando os dentes. Ele circulou Arlen e chicoteou com a cauda. Em seguida, com um rugido felino, atacou novamente.

Arlen enfrentou-o, estendendo as mãos para a frente, os braços mais longos que os do demônio. O peito escamoso da criatura bateu nas proteções e, com um lampejo e um uivo de agonia, o terraíta foi lançado para trás. Ele bateu com tudo no chão e Arlen conseguiu ver filetes de fumaça subindo do ponto de contato. Ele sorriu.

O demônio voltou a se erguer e começou a rondar novamente, desta vez com mais cuidado. Estava desacostumado com presas que revidavam, mas logo retomou a coragem, saltando para atacar de novo.

Arlen agarrou os pulsos do terraíta e caiu para trás, chutando-o na barriga e girando-o sobre ele. Quando encostou na criatura, as proteções avivaram-se e ele conseguiu sentir a magia funcionar. Não o queimou, embora a carne do terraíta chiasse com o toque, mas um latejar de energia perpassava as mãos, como se tivessem perdido a circulação e ficado dormentes. A sensação subiu pelos braços como um arrepio.

Os dois ergueram-se rapidamente e Arlen devolveu o grunhido do terraíta com seu rosnado. O demônio lambia os pulsos queimados, tentando aliviá-los, e Arlen conseguiu ver o respeito rancoroso em seus olhos. Respeito e medo. Desta vez, *ele* era o predador.

Sua confiança quase lhe trouxe a morte. O demônio berrou e avançou, e desta vez Arlen foi lento demais. As garras pretas cortaram seu peito quando tentou se esquivar.

Em desespero, ele soltou um murro, esquecendo que as proteções estavam na

palma das mãos. Os nós dos dedos rasparam contra as escamas arenosas do terraíta, fendendo a pele, mas o golpe teve pouco efeito. Com um simples tapa o demônio da areia esparramou Arlen no chão.

Os momentos seguintes foram desesperadores. Arlen debateu-se para evitar garras cortantes, dentes de lâmina e uma cauda espinhosa chicoteante. Começou a se levantar, mas o demônio agachou-se e pulou sobre ele, mantendo-o de costas no chão. Arlen conseguiu erguer o joelho que segurou a criatura para trás, mas seu hálito pútrido cobriu o rosto do rapaz enquanto suas presas fecharam-se a poucos centímetros da sua face.

Arlen arreganhou os dentes quando cobriu as orelhas do demônios. O terraíta gritou de dor quando as proteções brilharam, mas Arlen segurou-o com força. A fumaça começou a subir das mãos quando a luz aumentou. O demônio debateu-se com fúria, as garras rasgando-o numa tentativa desesperada de escapar.

Mas Arlen o segurara e não o deixaria partir. A cada momento que aguentava, a dormência nas palmas crescia em intensidade, como se ganhasse impulso. Ele apertou as mãos e foi incrível quando aproximaram-se mais, como se o crânio da criatura estivesse se liquefazendo.

Os ataques do terraíta diminuíram e Arlen rolou para o lado, revertendo aposição. As garras do demônio fechavam-se com frouxidão ao redor dos braços do homem, mas em vão.

Com um apertão final dos músculos, Arlen juntou as mãos, esmagando a cabeça do terraíta numa explosão de carne e sangue.

24

AGULHA E TINTA

– 328 DR –

ARLEN NÃO CONSEGUIU DORMIR NAQUELA NOITE, embora não fosse pelo latejar das feridas. Durante toda a sua vida sonhara com os heróis das histórias dos menestréis, vestindo armaduras e combatendo terraítas com armas protegidas. Quando descobriu aquela lança, pensou que o sonho estava ao alcance, mas quando estendeu o braço para agarrá-lo, deslizou por entre seus dedos mas ele tropeçou em algo novo.

Nada, nem mesmo aquela noite no Labirinto, quando se sentiu invencível, poderia se comparar à sensação de encarar o terraíta com as próprias mãos e sentir o formigar na carne quando a magia arrancava a vida da criatura. Ansiava por aquela sensação novamente e essa ânsia lançou uma nova luz sobre seus antigos desejos.

Rememorando sua visita à Krasia, Arlen percebeu que não foi tão magnânima quanto ele acreditava. Fosse o que tivesse dito a si mesmo, queria ser mais que um armeiro ou um guerreiro entre muitos. Queria glória. Fama. Queria ser lembrado como aquele que fez os homens voltarem à luta.

Como o Salvador?

O pensamento perturbou-o. Para a salvação da humanidade significar alguma coisa, precisava vir de todos, não de apenas um homem.

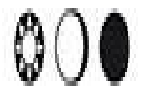
Mas a humanidade *queria* mesmo ser salva? Merecia ser salva? Arlen não sabia mais. Homens como seu pai tinham perdido o desejo de lutar, contentes em se esconder atrás das proteções, e o que vira em Krasia, o que viu agora em si mesmo, fez Arlen imaginar aqueles que não mereciam.

Nunca poderia haver paz entre Arlen e os terraítas. Ele sabia, no fundo do coração, que nunca poderia estar seguro atrás de proteções e deixá-los dançar em paz, agora que tinha escolha. Mas quem ficaria ao seu lado para lutar? Jeph bateu nele pela ideia. Elissa censurou-o. Mery o rejeitara. Os krasianos tentaram matá-lo.

Desde a noite em que vira Jeph assistir à morte de sua mulher na segurança das proteções de seu alpendre, Arlen sabia que a maior arma dos terraítas era o medo. O que não entendia era que o medo assumia muitas formas. Em todas as suas tentativas de provar o contrário, Arlen ficara aterrorizado com a solidão. Queria alguém, qualquer um, que acreditasse naquilo que estava fazendo. Alguém para lutar com e por ele.

Mas não havia ninguém. Era o que percebia agora. Se quisesse companhia, teria que se esgueirar de volta para as cidades e aceitá-las em seus termos. Se quisesse lutar, teria que fazê-lo sozinho.

A sensação de poder e euforia, tão fresca na mente, arrefeceu. Lentamente ele se curvou, agarrando os joelhos, e encarou o deserto, olhando a estrada onde não havia ninguém.



Arlen ergueu-se com o sol e entrou na lagoa para limpar os ferimentos. Dera pontos e untou-os antes de se deitar, mas não podia abusar com ferimentos feitos por terraítas. Quando jogou água no rosto, a tatuagem chamou sua atenção.

Todos os mensageiros tinham tatuagens que marcavam sua cidade de origem. Era um símbolo das grandes distâncias que viajavam. Arlen lembrou-se do primeiro dia quando Ragen lhe mostrou a dele, a cidade nas montanhas que adornava a bandeira de Miln. Arlen queria ter aquela mesma tatuagem quando terminasse seu primeiro trabalho. Foi a um tatuador, pronto para ser marcado para sempre como mensageiro, mas hesitou. Forte Miln era um lar para ele de muitas formas, mas não fora lá que nascera.

O Riacho de Tibbet não tinha bandeira, então Arlen assumiu a insígnia do conde de Tibbet, campos verdejantes divididos por um riacho que alimentava um pequeno lago. O tatuador imprimiu aquela lembrança de casa no ombro de Arlen para todo o sempre.

Para todo o sempre. A noção permaneceu na mente de Arlen. Ele observou o tatuador com atenção. A arte do homem não era tão diferente daquela de um protetor: marcações precisas, colocadas meticulosamente, sem espaço para erro. Havia agulhas na bolsa de ervas de Arlen e tinta em seu estojo de proteção.

Arlen acendeu uma pequena fogueira, lembrando de cada momento passado com o tatuador. Passou as agulhas sobre as chamas e derramou um pouco da tinta grossa, viscosa, numa tigelinha. Enrolou uma linha nas agulhas, para evitar que perfurassem muito fundo, e cuidadosamente estudou os contornos da mão esquerda, observando cada vinco e alteração enquanto a flexionava. Quando estava pronto, pegou uma agulha, mergulhou-a na tinta e se pôs a trabalhar.

Era um processo lento. Ele era forçado a parar com frequência para limpar o sangue e o excesso de tinta da palma da mão. Mas tinha tempo de sobra, então trabalhou com cuidado, a mão firme. No meio da manhã, ficou satisfeito com a proteção. Cobriu a mão com unguento e enrolou-a com cuidado, em seguida saiu para reabastecer os estoques do oásis. Trabalhou duro o restante do dia e no dia seguinte, sabendo que precisaria de mais do que poderia carregar antes que partisse.

Arlen permaneceu no oásis mais uma semana, riscando proteções na pele pela manhã e juntando comida à tarde. As tatuagens na palma das mãos curaram-se rapidamente, mas Arlen não parou por aí. Lembrando-se dos nós esfolados dos dedos quando socou o demônio da areia, fez proteções nos da mão esquerda e esperou apenas caírem as cascas da direita para protegê-la também. Nenhum terraíta defenderia um de seus socos outra vez.

Enquanto trabalhava, repassava a luta com o demônio da areia repetidamente, lembrando-se de como ele se moveu, sua força e velocidade, a natureza dos ataques e os sinais que os anunciavam. Fez anotações cuidadosas das recordações, examinou-as e considerou como suas reações poderiam ter sido melhores. Não poderia mais se dar ao luxo de tombar.

Os krasianos aprimoraram os movimentos brutais e precisos do *sharusahk* numa forma de arte. Ele começou a adaptar os movimentos e a localização das tatuagens para que os dois agissem como apenas um.

Quando Arlen finalmente partiu do Oásis da Aurora, ignorou totalmente o caminho, cortando diretamente pela areia na direção da cidade perdida do Sol de Anoch. Ele pegou o máximo de comida seca que pôde carregar. O Sol de Anoch tinha um poço, mas não comida, e ele planejava ficar lá por algum tempo.

Mesmo quando partiu, Arlen sabia que sua água não duraria todo o caminho até a cidade perdida. Os odres sobressalentes no oásis eram poucos e talvez levasse mais de duas semanas até chegar à cidade a pé. A água não duraria uma

semana.

Porém, não olhou para trás nenhuma vez. *Não há nada atrás de mim*, pensou. *Posso apenas seguir em frente.*

Quando o crepúsculo espalhou a escuridão sobre a areia, Arlen deu um suspiro profundo e continuou, sem se importar em montar acampamento. As estrelas estavam claras sobre o deserto sem nuvens e era fácil manter o senso de direção; mais fácil, na verdade, que durante o dia.

Havia poucos terraítas naqueles confins de deserto. Tendiam a reunir-se onde havia presas, e as presas eram escassas nas areias inférteis. Arlen caminhou por horas sob a luz fria da lua antes de um demônio sentir seu cheiro. Ouviu os gritos muito antes de a criatura aparecer, mas não fugiu, pois sabia que a criatura poderia rastreá-lo, tampouco tentou esconder-se, pois precisava avançar muito naquela noite. Esperou enquanto o demônio da areia avançava pelas dunas.

Quando Arlen fitou calmamente o olhar da criatura, o terraíta parou, confuso. Resmungou, arranhando a areia, mas Arlen apenas sorriu. Rugiu, desafiante, mas Arlen não reagiu. Em vez disso, concentrou-se nos arredores: os lampejos de movimento onde a visão alcançava, o sussurro do vento e o rascar da areia, o cheiro pairando no ar frio da noite.

Os demônios da areia caçavam em bandos. Arlen nunca tinha visto um deles sozinho antes e duvidava que aquele que o acompanhava estaria. Claro, enquanto sua atenção estava fixa na ruidosa criatura que rosnava diante dele, dois outros demônios, silenciosos como a morte, cercaram-no, ficando um de cada lado, quase invisíveis na escuridão. Arlen fingiu não percebê-los, mantendo contato visual com o terraíta adiante enquanto ele se aproximava cada vez mais.

O ataque irrompeu conforme esperado, não do demônio da areia em pé diante dele, mas daqueles que se esgueiravam pelas laterais. Arlen ficou impressionado com a astúcia que os terraítas demonstraram. Na imensidão das areias, ele supôs, onde se podia ver longe em todas as direções e o mínimo som podia ser carregado por quilômetros pelo vento, era necessário desenvolver instintos de desorientação durante a caça.

Porém, como Arlen ainda não havia se tornado o caçador, nenhum deles era presa fácil. Quando os dois demônios da areia saltaram sobre ele, um de cada lado, garras dianteiras estendidas, ele avançou, na direção do demônio que estava servindo de distração.

Os dois demônios no ataque desviaram, mal evitando a colisão, enquanto o outro recuou, surpreso. Era rápido, mas não mais rápido que o gancho de esquerda de Arlen. As proteções nos nós dos dedos avivaram-se e o golpe ardente lançou o demônio para trás, mas Arlen não parou por aí. Ele soltou o punho direito no rosto do terraíta e a criatura gritou e se debateu cegamente.

Prevendo o movimento, Arlen lançou-se para trás. Rolou ao atingir o chão e recuou alguns metros da criatura cega, encarando os outros dois terraítas

enquanto corriam para cima dele.

Outra vez, Arlen ficou impressionado. Para não serem enganados de novo, os terraítas não saltaram juntos, mas alternaram os ataques para que ele não pudesse jogar um contra o outro.

No entanto, a tática funcionou contra os próprios demônios, pois permitiu que Arlen se concentrasse neles um de cada vez. Quando o primeiro avançou, ele foi ao encontro da criatura e agarrou-lhe as orelhas. A explosão de magia derrubou o demônio na areia, onde ele gritou e se retorceu em agonia, levando as mãos à cabeça.

O segundo demônio estava bem atrás do primeiro e Arlen não teve tempo de desviar ou atacar. Em vez disso, lembrando-se de outro truque do último encontro, agarrou os punhos da criatura e lançou-se de costas, chutando para cima. As escamas afiadas do abdome do demônio da areia cortaram o tecido que envolvia seus pés e a carne embaixo dele, mas isso não impediu Arlen de usar o impulso da criatura para arremessá-lo longe. Aquele que ele cegara continuava a golpear a esmo, mas pouco o ameaçava.

Antes que o demônio arremessado pudesse se recuperar, Arlen atacou aquele que se retorcia no chão, enterrando os joelhos nas costas dele e ignorando a dor quando as escamas o cortaram. Ele agarrou o terraíta pela garganta com uma das mãos e pressionou a outra com força atrás da cabeça. Sentiu a magia começar a crescer, mas foi forçado a soltá-lo logo para rolar para fora do caminho quando o terraíta que havia arremessado retomou o ataque.

Arlen levantou-se de novo e ele e o demônio espreitaram um ao outro, desconfiados. A criatura atacou e Arlen dobrou os joelhos, pronto para esquivar-se das garras cortantes, mas o demônio parou um pouco antes, girando seu corpo pesado e poderoso como um chicote. A cauda grossa bateu na lateral de Arlen, arremessando-o na areia.

Ele atingiu o chão e rolou para o lado a tempo quando a ponta pesada e espinhosa da cauda bateu com tudo onde estava sua cabeça. Rolou de volta, evitando por pouco o golpe seguinte. Quando o demônio da areia puxou a cauda para outra investida, Arlen conseguiu agarrá-la. Apertou-a, sentindo a proteção formigar a palma da mão, em seguida ficou cada vez mais quente quando a magia se concentrou. O demônio uivou e retorceu-se, mas Arlen segurou firme, prendendo a outra mão bem abaixo da primeira. Afastou-se para manter distância quando a magia se intensificou, finalmente queimando a cauda, arrancando a ponta espinhosa com um jorrar sangrento.

Arlen foi arremessado pela cisão e o terraíta, livre novamente, girou sobre ele e atacou. Arlen agarrou um dos seus pulsos com a mão esquerda e socou com o cotovelo direito a garganta da criatura, mas o ombro sem proteção teve pouco efeito. O demônio dobrou os braços musculosos e Arlen voou novamente pelo ar.

Quando a criatura investiu, Arlen reuniu suas últimas reservas de força e a

enfrentou, prendendo a mão ao redor da garganta do terraíta e tombando-o para trás. As garras da criatura rasgaram os braços de Arlen, mas seus membros eram mais longos e a besta não conseguiu alcançar o corpo do rapaz. Eles foram ao chão de uma vez e Arlen prendeu as juntas dos braços do terraíta com os joelhos, forçando seu peso sobre ele enquanto continuava a esganá-lo, sentindo a magia crescer a cada segundo que passava.

O terraíta contorcia-se, mas Arlen apenas apertou com mais força, queimando as escamas e a carne vulnerável embaixo delas. Ossos estalaram e seus punhos fecharam-se.

Ergueu-se, afastou-se do demônio decapitado e olhou para os outros. Enfraquecido, aquele com as orelhas queimadas já rastejava para longe, sem vontade de lutar. O demônio cego sumira, mas isto deixou Arlen sossegado. Não invejava a viagem da criatura debilitada de volta às Profundas. Muito provavelmente seus companheiros o rasgariam em pedaços.

Arlen acabou com o demônio que rastejava pateticamente na areia, cuidou de suas feridas com bandagens e, em seguida, após um curto descanso, pegou sua bolsa de provisões e seguiu para o Sol de Anoch.

Arlen viajou noite e dia, dormindo à sombra das dunas quando o sol estava a pino. Apenas em duas outras noites foi forçado a lutar; uma vez contra mais um bando de demônios da areia, e outra contra um demônio do vento solitário. Passou incólume pelas demais noites.

Sem o peso do sol sobre ele, percorria mais distâncias à noite que durante o dia. A pele estava inflamada pelo vento e curtida no seu sétimo dia fora do oásis, os pés juntavam bolhas e sangravam, e a água havia acabado, mas novas forças fluíram dentro dele quando avistou o Sol de Anoch.

Arlen tornou a encher os odres em um dos poucos poços que funcionavam, bebendo com avidez. Depois disso, pôs-se a desenhar proteções no prédio que levava às catacumbas onde havia encontrado a lança. Em alguns dos prédios próximos em ruínas, vigas de madeira estavam expostas e, na secura do deserto, permaneceram intactas. Arlen recolheu-as, junto com arbustos esparsos, para fazer fogueiras. As três tochas deixadas no oásis e o punhado de velas em seu estojo de proteção não durariam muito e não havia luz natural lá embaixo.

Ele racionou seu suprimento de comida com cuidado. As margens do deserto e a esperança mais próxima de mais comida ficavam no mínimo a cinco dias do Sol de Anoch a pé, talvez três se viajasse noite e dia. Aquilo não lhe dava muito tempo e havia muito a fazer.

Na semana seguinte, Arlen explorou as catacumbas, copiando cuidadosamente novas proteções sempre que as encontrava. Descobriu mais tumbas de pedras,

mas nenhuma continha armas como a primeira que encontrou. Ainda assim, havia uma abundância de proteções talhadas nos caixões e pilares, e mais haviam sido pintadas nas histórias das paredes. Arlen não conseguia ler os pictogramas, mas entendia bastante de linguagem corporal e expressões nas imagens sequenciais. As obras eram tão intrincadas que ele conseguia identificar algumas das proteções nas armas que os guerreiros carregavam.

Havia novas espécies de terraítas nas pinturas também. Uma série de imagens mostrava homens mortos por demônios que pareciam seres humanos, exceto pelos dentes e garras. Uma imagem central mostrava um terraíta magro com membros finos e um peito esquelético, sua cabeça enorme para o corpo, em pé diante de uma horda de demônios. Os terraítas estavam de frente para um homem de túnica que ficava diante de um número parecido de guerreiros humanos. O rosto dos dois estava contorcido, como se numa disputa de determinação, mas estavam bem distantes. Um halo de luz os circundava, enquanto os respectivos exércitos observavam.

Talvez o mais surpreendente na imagem era que o homem não tinha armas. A luz que emanava dele parecia ser de uma proteção pintada — tatuada? — em sua testa. Arlen olhou a imagem seguinte e viu o demônio e seu séquito fugirem, e os seres humanos de lanças erguidas triunfantes.

Arlen copiou a proteção da testa do homem em seu caderno.

Dias se passaram, a comida diminuiu. Se ficasse mais tempo no Sol de Anoch, morreria de fome antes de encontrar mais. Decidiu sair à primeira luz para o Forte Rizon. Assim que chegasse à cidade, poderia conseguir uma promissória com suas posses para cobrir o valor de um cavalo e de suprimentos para retornar.

Porém, irritou-se por ter que partir sem mal tocar a superfície dos mistérios que existiam no Sol de Anoch. Muitos túneis haviam desmoronado, exigindo tempo para escavá-los, e havia muitos outros edifícios que poderiam ter entradas para câmaras subterrâneas. As ruínas continham a chave para destruir os demônios e era a segunda vez que seu estômago o forçava a abandoná-las.

Os terraítas ergueram-se enquanto ele estava perdido em pensamentos. Chegavam aos montes ao Sol de Anoch, apesar da ausência de presas. Talvez pensassem que os prédios pudessem atrair mais homens algum dia ou talvez tinham prazer em dominar um lugar que, no passado, resistira em desafio à sua espécie.

Arlen ergueu-se e caminhou até as margens de suas proteções, observando os terraítas dançarem à luz da lua. Seu estômago roncou e ele pensou, não pela primeira vez, na natureza dos demônios. Eram criaturas mágicas, imortais e inumanas. Destruíam, mas não criavam. Mesmo seus cadáveres queimavam em vez de apodrecerem para alimentar o solo. Mas vira como se alimentavam, defecavam e urinavam. Sua natureza era totalmente alheia à ordem natural?

Um demônio da areia sibilou para ele.

— O que é você? — perguntou Arlen, mas a criatura apenas golpeou as proteções, rosnado em frustração e afastando-se quando elas se iluminaram.

Arlen observou-o, seus pensamentos ficaram sombrios.

— Às Profundas com tudo isso — murmurou, saltando para fora das proteções. O terraíta virou-se a tempo de receber um golpe dos punhos protegidos de Arlen. Seus socos atingiram a criatura desatenta como raios. Antes de saber o que havia lhe atingido, o demônio estava morto.

Outros terraítas aproximaram-se com o som, mas avançavam desconfiados, e Arlen conseguiu correr de volta para o prédio e cobrir suas proteções a tempo de puxar sua vítima para dentro delas.

— Vamos ver se você não pode mesmo dar algo em troca — falou Arlen para a criatura morta. Usando as proteções cortantes pintadas em um pedaço afiado de obsidiana, abriu o demônio da areia, surpreso em descobrir que, embaixo da dura carapaça, sua carne era tão vulnerável quanto a dele. O músculo e os tendões eram duros, mas não mais que de qualquer animal.

O fedor da criatura era horrível. O líquido preto que fazia as vezes de sangue fedia tanto que os olhos de Arlen lacrimejaram e ele teve ânsias. Segurando o fôlego, cortou a carne da criatura e sacudiu-a vigorosamente para remover o excesso de fluidos antes de colocá-la sobre a pequena fogueira. O líquido escuro esfumaçou e, no fim, evaporou, deixando o cheiro da carne em cozimento tolerável.

Quando estava totalmente cozida, Arlen ergueu a carne escura, asquerosa, e os anos desfizeram-se, mandando-o de volta para o Riacho de Tibbet, e às palavras de Coline Trigg. Certa vez, ele pegara um peixe, mas suas escamas estavam amarronzadas e nojentas, e a ervanária fez com que ele jogasse de volta na água.

“Nunca coma algo que pareça doente”, dissera Coline. “O que você põe na boca se torna parte de você.”

Isso vai se tornar parte de mim também?, perguntou-se. Olhou para a carne, encheu-se de coragem e levou-a à boca.

PARTE IV
CLAREIRA DO LENHADOR
331-332 DR
depois do retorno
IV

25

REESTREIA

– 331 DR –

A CHUVA AUMENTOU até virar uma torrente contínua e Rojer apertou o passo, amaldiçoando sua sorte. Estava planejando sair do Vale do Pastor havia um tempo, mas não esperava que fosse em circunstâncias tão apressadas e desagradáveis.

Achou que não poderia culpar o pastor. Verdade que o homem passava mais tempo cuidando do rebanho que da mulher, e foi ela quem havia avançado, mas chegar em casa cedo para fugir da chuva e encontrar um garoto na cama com sua mulher não deixa homem nenhum com humor razoável.

De certa forma, ele agradeceu a chuva. Sem ela, o homem talvez tivesse convocado metade dos aldeões do Vale para empreender uma caçada. Os homens do vale eram uma turma possessiva; provavelmente porque as mulheres eram deixadas sozinhas com frequência enquanto levavam seus preciosos rebanhos para pastar. Os pastores eram um povo sério quando o assunto eram rebanhos e esposas. Mexer com qualquer um deles…

Após uma perseguição frenética ao redor da sala, a mulher do pastor pulou nas

costas do marido, segurando-o tempo suficiente para Rojer pegar suas bolsas e partir porta afora. A bagagem de Rojer já estava pronta. Arrick o ensinara assim.

— Pela Noite — murmurou ele quando sua bota mergulhou numa poça de lama espessa. O frio e a umidade infiltraram-se direto no couro suave, mas ele não ousou parar para fazer uma fogueira.

Puxou sua capa de retalhos mais junto ao corpo, imaginando por que sempre parecia estar fugindo de algo. Nos últimos dois anos, ele se mudou em quase toda estação, vivendo nas Corredeiras do Grilo, na Ponta da Floresta e no Vale do Pastor três vezes cada, no mínimo, mas ainda se sentia um forasteiro. A maioria das pessoas passava a vida inteira sem nem mesmo sair de sua aldeia, e sempre tentavam persuadir Rojer a fazer o mesmo.

Case-se comigo. Case-se com minha filha. Fique na minha estalagem e pintaremos seu nome na porta para atrair clientes. Aqueça-me enquanto meu marido está fora. Ajude na colheita e fique durante o inverno.

Diziam essas coisas de cem maneiras diferentes, mas no fundo todos queriam dizer: "Desista da estrada e plante raízes aqui".

Toda vez que lhe diziam algo parecido, Rojer já estava de partida. Era ótimo ser querido, mas de que forma? Como marido? Pai? Ajudante de fazenda? Rojer era um menestrel, não conseguia imaginar-se outra coisa. Na primeira vez que erguesse um dedo na colheita ou ajudasse a reencontrar uma ovelha perdida, saberia que estava entrando numa senda que rapidamente o mudaria.

Ele tocou o talismã de cabelos dourados no bolso secreto, sentindo o espírito de Arrick observá-lo. Sabia que sentiria a decepção do mestre com mais intensidade se algum dia deixasse de lado suas roupas de menestrel. Arrick morreu menestrel e com Rojer também seria assim.

Segundo as palavras de Arrick, os lugarejos afiaram as habilidades de Rojer. Dois anos de apresentações constantes fizeram dele mais que um tocador de rabeca e acrobata. Sem Arrick para liderar, Rojer fora forçado a crescer, encontrando maneiras inovadoras de entreter o público sozinho. Aperfeiçoava constantemente algum novo truque de mágica ou partes de uma música, mas tanto quanto por seus truques e canções, ficou conhecido por suas narrativas.

Todos nos lugarejos amavam uma boa história, especialmente aquelas que descreviam lugares distantes. Rojer atendia a pedidos, contando histórias de lugares que vira e lugares que não vira, cidades que ficavam sobre a próxima colina e outras que existiam apenas em sua imaginação. As histórias cresciam a cada narração, os personagens tomavam vida na mente das pessoas quando entravam em suas aventuras. Jak Língua Escamada, que conseguia falar com terraítas e sempre enganava as feras estúpidas com falsas promessas. Marko Desbravador, que cruzou as montanhas milnesas e encontrou uma terra rica do outro lado, onde os terraítas eram adorados como deuses. E, claro, o Protegido.

Os menestréis do duque passavam pelos lugarejos para anunciar decretos toda

primavera e o último contou histórias de um homem feroz que deambulava por terras inóspitas, matando demônios e banqueteando-se com sua carne. Ele afirmava que eram histórias verdadeiras de um tatuador que aplicou proteções nas costas do homem e que outros confirmavam a história. Prendia a atenção do público e, quando pediam para Rojer recontar a história numa outra noite, ele cedia, acrescentando embelezamentos de sua própria lavra.

Os espectadores amavam fazer perguntas e tentar flagrá-lo em contradição, mas Rojer se deliciava na dança das palavras, mantendo os camponeses convencidos de suas histórias bizarras.

Ironicamente, a gabolice mais difícil de vender era que ele podia fazer os terraítas dançarem com sua rabeca. Poderia ter provado o fato a qualquer momento, mas era como Arrick dizia: "No momento em que você se põe a provar uma coisa, todos vão esperar que você prove todas".

Rojer ergueu os olhos para o céu. *Logo estarei tocando para os terraítas*, ele pensou. O tempo ficou encoberto o dia todo e estava ficando mais escuro com o passar das horas. Nas cidades, onde as altas muralhas possibilitavam que a maioria das pessoas nunca visse um terraíta de verdade, acreditava-se ser uma história de erva-tampão que os demônios podiam se erguer sob as nuvens escuras, mas viver fora das muralhas, nos lugarejos por dois anos ensinou a verdade para Rojer. A maioria esperaria o pôr do sol completo para se levantar, mas se as nuvens ficassem fechadas demais alguns demônios ousados testavam a falsa noite.

Com frio, molhado e sem ânimo para assumir o risco, ele saiu em busca de um lugar adequado para acampar. Teria sorte se chegasse à Ponta da Floresta no dia seguinte. Mais provável que ficasse duas noites na estrada. O pensamento fazia seu estômago revirar.

E Ponta da Floresta não seria melhor que o Vale. Ou que as Corredeiras do Grilo, nesse sentido. Mais cedo ou mais tarde, ele faria um filho numa dessas mulheres — ou pior, se apaixonaria. E, antes que se desse conta, estaria tirando sua rabeca do estojo apenas em dias de festival. Até precisar trocá-la para arrumar o arado ou comprar semente, seria assim. Então seria igual a todo o mundo.

Ou poderia ir para casa.

Rojer não raro pensava em voltar a Angiers, mas sempre arranjava motivos para postergar para a próxima temporada. No fim das contas, o que a cidade tinha a oferecer? Ruas estreitas, apinhadas de pessoas e animais, tábuas impregnadas com o fedor do esterco e do lixo. Mendigos, ladrões e a eterna preocupação com dinheiro. Pessoas que dominavam a arte de ignorar umas às outras.

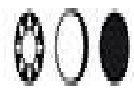
Pessoas normais, Rojer pensou e suspirou. Aldeões sempre buscavam saber tudo sobre os vizinhos e abriam as casas para estrangeiros sem pensar duas vezes.

Era louvável, mas Rojer, no fundo, era um rapaz urbano.

Voltar a Angiers significaria lidar com a Guilda outra vez. Um menestrel não licenciado teria os dias contados, mas um associado da Guilda com negócios de vento em popa estava garantido. Sua experiência nos lugarejos seria o bastante para lhe conceder uma licença, especialmente se encontrasse um associado para lhe dar um aval. Arrick brigara com a maioria deles, mas Rojer poderia encontrar um que tivesse piedade dele ao ouvir a sina do seu mestre.

Encontrou uma árvore que lhe daria proteção contra a chuva e, depois de montar seu círculo, conseguiu coletar madeira suficiente embaixo de sua copa para fazer uma pequena fogueira. Ele a alimentou com cuidado, mas o vento e a umidade a apagaram em pouco tempo.

— Malditos lugarejos — disse Rojer quando a escuridão o envolveu, rompida apenas pelo brilho ocasional da magia quando um demônio testou as proteções. — Malditos sejam todos.



Angiers não mudara desde que ele partira. Parecia menor, mas Rojer vivera em lugares abertos por algum tempo e ele crescera alguns centímetros desde que estivera lá pela última. Estava com dezesseis verões, um homem perante qualquer um. Ficou do lado de fora da cidade por algum tempo, encarando o portão e se perguntando se estava cometendo um erro.

Tinha poucas moedas, separadas cuidadosamente do chapéu de coleta durante anos e poupadas até seu retorno, e um pouco de comida na bagagem. Não era muito, mas ao menos isso o manteria fora dos abrigos por algumas noites.

Se tudo que eu quero é barriga cheia e um teto, sempre poderei voltar aos lugarejos, pensou. Podia seguir para o sul, para o Tronco do Fazendeiro ou a Clareira do Lenhador, ou para o norte, onde o duque reconstruíra Pontefluente, no lado angieriano do rio.

Se, repetiu para si mesmo, reunindo coragem e atravessando o portão.

Achou uma estalagem bem barata e desembalou seu melhor uniforme, saindo logo depois de se trocar. A Guilda dos Menestréis ficava perto do centro da cidade, onde seus residentes podiam fazer apresentações em qualquer parte. Qualquer menestrel licenciado podia viver na Guilda, desde que assumisse os trabalhos designados a eles sem reclamar e pagasse metade dos ganhos à associação.

“Tolos”, Arrick assim os chamava. “Qualquer menestrel que estiver disposto a entregar metade de seus ganhos por um teto e três porções de mingau não merece ser chamado assim.”

Era verdade. Apenas os mais velhos e menos habilidosos viviam lá, prontos para assumir trabalhos que outros rejeitavam. Ainda assim, era melhor que a

indigência e mais seguro que os abrigos públicos. As proteções na Guilda eram fortes e seus residentes, menos aptos a roubarem uns aos outros.

Rojer seguiu para a Guilda e, depois de algumas perguntas, estava batendo numa porta específica.

— Pois não? — perguntou o velho, apertando os olhos para o corredor quando abriu a porta. — Quem é?

— Rojer Faltadedo, senhor — respondeu. Vendo que os olhos baços não o reconheceram, acrescentou: — Eu era aprendiz de Arrick.

O olhar confuso logo o irritou num instante e o homem começou a fechar a porta.

— Mestre Jaycob, por favor — falou Rojer, apoiando a mão na porta.

O velho suspirou, mas não fez esforço para fechar a porta enquanto se movia para dentro da pequena câmara e sentou-se pesadamente. Rojer entrou e fechou a porta.

— O que você quer? — perguntou Jaycob. — Sou um senhor de idade e não tenho tempo para brincadeiras.

— Preciso de um padrinho para pedir licença da Guilda — falou Rojer.

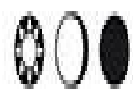
Jaycob cuspiu no chão e resmungou:

— Arrick transformou-se num peso morto? As bebedeiras dele impediram seu sucesso, então vai deixá-lo apodrecer e sair por aí sozinho? Bem-feito. Foi o que fez comigo, vinte e cinco anos atrás.

Ele ergueu os olhos para Rojer.

— Bem-feito ou não, se acha que vou ajudar em sua traição…

— Mestre Jaycob — interrompeu-o Rojer, erguendo a mão para evitar a bronca vindoura. — Arrick está morto. Pego por terraítas na estrada para a Ponta da Floresta há dois anos.



— Endireite essas costas, rapaz — disse Jaycob enquanto caminhavam pelo corredor. — Lembre-se de olhar o mestre da Guilda nos olhos, e não fale até que ele peça.

Ele já dissera essas coisas uma dúzia de vezes, mas Rojer apenas assentiu. Era jovem para ter uma licença, mas Jaycob disse que houve alguns na história da Guilda que eram ainda mais jovens. Talento e habilidade concediam licença, não idade.

Não era fácil conseguir uma reunião com o mestre da Guilda, mesmo como um padrinho. Jaycob não tinha mais força para se apresentar e, embora os associados da Guilda fossem educadamente respeitosos por seus anos avançados, ele era mais ignorado que venerado na ala de gabinetes da Guilda.

O secretário do mestre da Guilda deixou-os esperando fora do gabinete por

muitas horas, observando em desespero outras reuniões que começavam e terminavam. Rojer estava sentado com as costas retas, resistindo à tentação de se mexer ou encurvar-se, enquanto a luz da janela lentamente cruzava a sala.

— O mestre da Guilda Cholls atenderá vocês agora — disse o funcionário, por fim, e a atenção de Rojer voltou. Levantou-se rapidamente e estendeu a mão para ajudar o velho Jaycob a se erguer.

O gabinete do mestre da Guilda não era parecido com nada que Rojer vira desde a época em que frequentava o palácio do duque. O tapete alto e morno cobria o assoalho com sua padronagem e brilho, e sofisticados lampiões a óleo com vidro colorido pendiam das paredes de carvalho, entre pinturas de grandes batalhas, mulheres belas e vidas bucólicas. Sua mesa era de nogueira preta polida, com estatuetas e intrincadas miniaturas servindo como peso de papel, espelhando as estátuas maiores em pedestais ao redor da sala. Atrás da mesa ficava o símbolo da Guilda dos Menestréis, três bolas coloridas num grande brasão na parede.

— Não tenho muito tempo, mestre Jaycob — disse o mestre da Guilda Cholls, sem mesmo tirar os olhos da pilha de papéis na mesa. Era um homem pesado, com no mínimo cinquenta verões, vestido com roupas adornadas de mercador ou nobre em vez das vestes coloridas de menestrel.

— Este aqui vai merecer seu tempo — disse Jaycob. — Ele é aprendiz de Arrick Cantadoce.

Por fim, Cholls ergueu os olhos, mesmo que apenas para lançar um olhar de soslaio para Jaycob.

— Não sabia que você e Arrick ainda mantinham contato — disse ele, ignorando Rojer totalmente. — Ouvi dizer que haviam rompido.

— Os anos têm sua maneira de suavizar as coisas — disse Jaycob, tenso, mais perto de uma mentira do que ele desejaria estar. — Fiz as pazes com Arrick.

— Parece que você é o único — disse Cholls com uma risadinha. — A maioria dos homens neste prédio esganaria o sujeito assim que olhasse para ele.

— Acho que é tarde demais — disse Jaycob. — Arrick está morto.

Cholls ficou sério e falou:

— Fico triste de saber. Cada um de nós é especial. Foi a bebida, afinal?

Jaycob sacudiu a cabeça negativamente.

— Terraítas.

O mestre da Guilda fechou a cara e cuspiu num balde de latão ao lado da mesa, que parecia estar lá apenas para isso, e perguntou:

— Quando e onde?

— Dois anos atrás, na estrada para a Ponta da Floresta.

Chools balançou a cabeça com tristeza.

— Lembro que o aprendiz era um belo tocador de rabeca — disse ele por fim, olhando para Rojer.

— Verdade — concordou Jaycob. — Isso e muito mais. Apresento-lhe Rojer Faltadedo.

Rojer curvou-se.

— Faltadedo? — perguntou o mestre da Guilda, com repentino interesse. — Ouvi histórias sobre um Faltadedo apresentando-se nos lugarejos a oeste. É você, garoto?

Rojer arregalou os olhos, mas ele confirmou. Arrick lhe dissera que a reputação corria rapidamente pelos lugarejos, mas ainda assim foi um choque. Imaginou se sua reputação era boa ou ruim.

— Não deixe que isso suba à cabeça — comentou Cholls, como se lesse a mente de Rojer. — Camponeses exageram.

Rojer assentiu, mantendo contato visual com o mestre da Guilda.

— Sim, senhor. Eu entendo.

— Bem então, vamos lá — disse Cholls. — Mostre-me o que tem aí.

— Aqui? — perguntou Rojer, desconfiado. O gabinete era grande e fechado, mas, com os tapetes grossos e mobília cara, parecia pouco adequado para acrobacias e lançamento de facas.

Cholls acenou para ele, impaciente.

— Apresentou-se com Arrick por anos, então parto do princípio de que consegue fazer malabarismos e cantar — disse ele. Rojer engoliu seco. — Ganhar a licença significa mostrar uma habilidade diferente, além das básicas — completou o mestre da Guilda.

— Toque para ele, rapaz, como fez comigo — disse Jaycob, confiante. Rojer assentiu. As mãos tremiam um pouco quando pegou a rabeca do estojo, mas quando seus dedos se fecharam ao redor da madeira suave o medo desapareceu como a poeira num banho. Ele começou a tocar, esquecendo o mestre da Guilda quando mergulhou na música.

Tocou um pouco, até um grito romper o encantamento da música. O arco escorreu das cordas e, no silêncio que pairou, uma voz retumbou fora do gabinete.

— Não, não vou esperar um aprendiz inútil terminar teste nenhum! Saia da frente!

Ouviram novos sons de uma briga até que a porta se abriu de uma vez e mestre Jasin irrompeu na sala.

— Desculpe, mestre da Guilda — disse o funcionário —, mas ele se recusou a esperar.

Cholls dispensou o funcionário com um aceno quando Jasin avançou para cima dele.

— Você deu o Baile do Duque para Edum? Faz dez anos que essa apresentação é minha! Meu tio ficará sabendo disso!

Cholls ergueu-se e cruzou os braços.

— O próprio duque pediu a mudança — disse ele. — Se seu tio tiver algum problema, sugiro que ele fale com sua excelência.

Jasin olhou feio. Dificilmente o primeiro-ministro Janson intercederia junto ao duque sobre uma apresentação de seu sobrinho.

— Se é tudo que veio discutir, Jasin, peço que nos dê licença — continuou Cholls. — O jovem Rojer aqui está fazendo teste para sua licença.

Os olhos de Jasin voltaram-se com tudo para Rojer, avivando-se com o reconhecimento.

— Então você chutou aquele bêbado — desdenhou. — Espero que não tenha trocado Arrick por essa relíquia aí. — Ele estendeu o queixo para Jaycob. — A oferta ainda está de pé, se quiser trabalhar para mim. Deixe Arrick implorar pela *suas* migalhas para variar, hein?

— Mestre Arrick foi morto por terraítas na estrada dois anos atrás — informou Cholls.

Jasin olhou de volta para o mestre da Guilda, então soltou uma gargalhada e gritou:

— Fabuloso! Essas notícias compensam a perda do Baile do Duque!

Nesse instante, Rojer esmurrou Jasin.

Ele não percebeu o que fizera até estar sobre o mestre, os nós dos dedos dormentes e úmidos. Sentiu o estalo alto quando o punho atingiu o nariz de Jasin e sabia que suas chances de ganhar uma licença acabariam, mas naquele momento não se importou.

Jaycob agarrou-o e puxou-o para trás enquanto Jasin se erguia.

— Mato bocê bor izo, zeu…!

Num instante, Cholls ficou entre eles. Jasin debateu-se nas mãos dele, mas o tamanho do mestre da Guilda era mais que suficiente para segurá-lo.

— Basta, Jasin! — berrou ele. — Não vai matar ninguém!

— Bocê biu o que ele vez! — gritou Jasin com o nariz sangrando.

— E eu ouvi o que você disse! — gritou Cholls de volta. — Eu mesmo fiquei tentado a lhe dar uma surra!

— E como bou candar hoze à noide? — questionou Jasin. O nariz já havia começado a inchar e as palavras ficavam cada vez mais incompreensíveis a cada momento.

Cholls fechou a cara e respondeu:

— Vou arranjar alguém para se apresentar no seu lugar. A Guilda vai cobrir o prejuízo. Daved! — O funcionário pôs a cabeça no vão da porta. — Escolte o mestre Jasin até uma ervanária e peça para enviarem a conta para cá.

Daved aproximando-se para ajudar Jasin. O mestre o empurrou.

— Izo dão bai acabar azim — disse para Rojer antes de partir.

Cholls soltou um longo suspiro quando a porta se fechou.

— Bem, garoto, você entrou numa bela confusão agora. É um inimigo que eu

não desejaria a ninguém.

— Ele já era meu inimigo há muito tempo — falou Rojer. — O senhor ouviu o que ele disse.

Cholls assentiu com a cabeça.

— Está certo — disse ele—, mas deveria ter se contido. O que acontecerá se um freguês insultá-lo? Ou o próprio duque? Associados da Guilda não podem sair por aí esmurrando qualquer um que os irrite.

Rojer abaixou a cabeça.

— Entendo.

— Porém, já está me custando uma quantia razoável — falou Cholls. — Vou precisar dar dinheiro e apresentações de primeira para Jasin por semanas para mantê-lo tranquilo e com essa sua rabeca eu seria um tolo se não fizesse você me devolver esse dinheiro.

Rojer ergueu os olhos, esperançoso.

— Licença temporária — disse Cholls, pegando uma folha de papel e uma pena. — Deve se apresentar apenas sob a supervisão de um mestre de Guilda, pago de sua coleta, e metade dos ganhos brutos virão para este gabinete até eu considerar sua dívida paga. Entendido?

— Claro, senhor! — disse Rojer, ansioso.

— E contenha seu temperamento — alertou Cholls — ou eu rasgo esta licença e você nunca mais se apresentará em Angiers.

Rojer tocava sua rabeca, mas de canto de olho observava Abrum, o aprendiz troncudo de Jasin. Em geral, Jasin punha um dos aprendizes para assistir às apresentações de Rojer. Aquilo o deixava perturbado, sabendo que estavam de olho nele para o seu mestre, que queria apenas o seu mal, mas meses haviam se passado desde o incidente no gabinete do mestre da Guilda, que pareceu dar em nada. Mestre Jasin recuperou-se rapidamente e logo voltou a se apresentar, recebendo elogios em todo evento da alta sociedade de Angiers.

Rojer poderia até imaginar que o episódio tivesse ficado para trás, se os aprendizes não aparecessem quase todos os dias. Às vezes, era Abrum, o demônio da madeira, espreitando na multidão, e em outras era Sali, o demônio da rocha, bebericando algo no fundo de uma taverna, mas, por mais inofensivo que pudesse parecer, não era coincidência.

Rojer terminou sua apresentação com um movimento floreado, chicoteando o arco da rabeca no ar. Fez sua reverência com calma, erguendo-se a tempo de pegá-lo. A plateia irrompeu em aplausos e os ouvidos afiados de Rojer perceberam o tilintar de moedas de metal no chapéu quando Jaycob o passou pela multidão. Rojer não conseguiu evitar um sorriso. O velho parecia quase

lépido.

Ele examinou a multidão que se dispersava enquanto recolhiam o equipamento, mas Abrum havia desaparecido. Ainda assim, juntaram as coisas com agilidade e tomaram um caminho alternativo até a estalagem para garantir que não poderiam ser seguidos facilmente. O sol logo se poria e as ruas estavam se esvaziando rapidamente. O inverno estava chegando ao fim, mas as tábuas no chão ainda tinham partes com gelo e neve, e poucas pessoas ficavam fora de casa, a menos que tivessem negócios a tratar.

— Mesmo sem o desconto de Cholls, o aluguel estará pago dias antes — disse Jaycob, sacudindo a bolsa com seus ganhos. — Quando a dívida estiver paga, você ficará rico!

— *Ficaremos* ricos — corrigiu Rojer, e Jaycob riu, dando um saltinho para bater os calcanhares um no outro e dando tapinhas nas costas de Rojer.

— Olha só — disse Rojer, balançando a cabeça. — O que aconteceu com o velhote meio cego que arrastava os pés e me abriu a porta poucos meses atrás?

— Apresentar-se de novo causou isso — disse Jaycob, dando a Rojer um sorriso desdentado. — Sei que não estou cantando ou jogando facas, mas até passar o chapéu faz meu sangue empoeirado bombear como não fazia há vinte anos. Eu senti que podia até… — Ele virou o rosto.

— O quê? — perguntou Rojer.

— É… — disse Jaycob — Não sei... Contar histórias, talvez? Ou me fazer de bobo para você contar piadas comigo? Nada que tire o seu brilho…

— Claro. Eu teria pedido, mas senti que já estava dando muito trabalho, arrastando o senhor pela cidade toda para supervisionar minhas apresentações — falou Rojer.

— Garoto, não lembro da última vez em que estive tão feliz.

Eles estavam sorrindo quando viraram numa esquina e deram de cara com Abrum e Sali. Atrás dele, Jasin tinha um sorriso largo.

— Bom ver você, meu amigo! — Jasin havia começado a falar enquanto Abrum dava tapinhas no ombro de Rojer. O ar de repente desapareceu do pulmão do rapaz, o soco dobrando-o e lançando-o ao chão frio de tábuas. Antes que pudesse se erguer, Sali lhe desferiu um chute violento na boca.

— Deixem-no em paz! — gritou Jaycob, jogando-se para cima de Sali. A soprano grandalhona apenas riu, agarrou-o e o jogou com força contra a parede de um prédio.

— Ah, tem bastante para você também, velho! — escarneceu Jasin quando Sali soltou golpes certeiros nele. Rojer conseguia ouvir o quebrar de ossos frágeis, e a respiração fraca e rouca que escapava dos lábios do mestre. Apenas a parede o mantinha em pé.

As tábuas de madeira giravam, mas Rojer cambaleou até ficar em pé, segurando a rabeca pelo braço com as duas mãos, sacudindo o bastão

improvisado com violência.

— Não vão se livrar tão fácil disso! — gritou ele.

Jasin riu.

— Quem vai procurar? — perguntou ele. — Os magistrados da cidade vão aceitar as acusações obviamente falsas de um artista de rua mequetrefe contra a palavra do sobrinho do primeiro-ministro? Vá até a guarda e eles vão te enforcar.

Abrum pegou facilmente a rabeca, girando o braço de Rojer com tudo enquanto dava uma joelhada no meio de suas pernas. Rojer sentiu o braço se quebrar ao mesmo tempo que as partes baixas queimavam, e a rabeca arrebentou-se, com tudo, na sua nuca, mandando-o novamente para o assoalho.

Mesmo com o zumbido nos ouvidos, Rojer ouviu os grunhidos de dor de Jaycob, que não paravam. Abrum ficou em pé diante dele, sorrindo, enquanto levantava um pesado bastão.

CICLO DAS TREVAS

O PROTEGIDO

26

HOSPITAL

– 332 DR –

— AH, JIZELL! — gritou Skot quando a velha ervanária chegou até ele com sua tigela. — Por que não deixa sua aprendiz assumir a tarefa para variar? — Ele meneou a cabeça para Leesha, que trocava o curativo de outro homem.

— Ah! — berrou Jizell. Era uma mulher robusta, com cabelos grisalhos curtos e uma voz forte. — Se eu deixasse ela cuidar dos banhos, teria metade de Angiers reclamando de doenças em uma semana.

Leesha balançou a cabeça negativamente quando os outros na sala riram, mas sorriu. Skot era inofensivo. Era um mensageiro cujo cavalo o havia jogado na estrada. Com sorte por estar vivo, especialmente com dois braços quebrados, conseguiu de algum jeito encontrar o cavalo e subir na sela. Não tinha mulher para cuidar dele, então a Guilda de Mensageiros pagou alguns klats para interná-lo no hospital de Jizell até que pudesse se virar sozinho.

Jizell mergulhou o pano na tigela de água quente com sabão e ergueu o lençol do homem, a mão trabalhando com eficiência firme. O mensageiro deu um grito quando ela já estava no fim e Jizell riu.

— Que bom que sou eu a te dar os banhos — disse ela em voz alta, olhando para baixo. — Não queremos decepcionar a pobre Leesha.

Todos os outros nos leitos gargalharam à custa do homem. A sala estava cheia, e todos estavam um pouco cansados de ficar acamados.

— Provável que encontrasse de um jeito diferente — resmungou Skot, enrubescendo furiosamente, mas Jizell apenas voltou a rir.

— Skot, pobrezinho, tem uma queda por você — disse Jizell para Leesha mais tarde, quando estavam na farmácia, macerando ervas.

— Queda? — perguntou Kadie, uma das aprendizes mais jovens. — Não tem queda, está apaixonaaaaaado!

As outras aprendizes por perto irromperam em risadinhas.

— Acho ele uma graça — disse Roni, voluntariosa.

— Você acha todo o mundo uma graça — retrucou Leesha. Roni estava florescendo e era louca por garotos. — Mas espero que tenha um gosto melhor para não se apaixonar por um homem asqueroso.

— Não lhe dê ideias — disse Jizell. — Se dependesse de Roni, daria banhos em todos os homens no hospital.

Todas as garotas riram. Nem Roni discordou.

— Tenha ao menos a decência de corar — disse-lhe Leesha, e as garotas riram de novo.

— Basta! Podem sair, caixinhas de risada! — gargalhou Jizell. — Quero conversar com Leesha.

— A maioria dos homens que vem aqui se apaixona por você — disse Jizell quando as garotas saíram. — Não mataria conversar com eles além das perguntas sobre a saúde.

— Parece a minha mãe falando — disse Leesha.

Jizell bateu o pilão com tudo no balcão.

— Não pareço em nada com essa daí — respondeu, pois ouvira tudo sobre Elona durante aqueles anos. — Só não quero que morra uma velha solteirona só para enfrentá-la. Não é crime gostar dos homens.

— Eu gosto dos homens — protestou Leesha.

— Não é o que eu tenho visto — disse Jizell.

— Então eu devia ter pulado para oferecer um banho a Skot? — perguntou Leesha.

— Claro que não — disse Jizell. — Ao menos não na frente de todo o mundo — acrescentou com uma piscadela.

— Agora está parecendo a Bruna — resmungou Leesha. — Vai precisar de mais que comentários grosseiros para ganhar meu coração.

Pedidos como os de Skot não eram novidade para Leesha. Ela estava com o corpo da mãe, e chamava a atenção dos homens, querendo ou não.

— Então o que precisa? — perguntou Jizell. — Como deve ser um homem

para atravessar as proteções do seu coração?

— Um homem em quem eu possa confiar — disse Leesha. — Um que eu possa beijar no rosto sem ele se gabar para os amigos no dia seguinte que se deitou comigo atrás do celeiro.

Jizell bufou.

— É mais fácil encontrar um terraíta amigável.

Leesha deu de ombros.

— Acho que você está assustada — acusou Jizell. — Esperou tanto tempo para perder sua flor que transformou uma coisa simples, natural para toda garota, em uma muralha intransponível.

— Isso é ridículo.

— É? — perguntou Jizell. — Eu já te vi quando as senhoras vêm pedir conselhos em assuntos de alcova, entendendo e dando palpites enquanto fica muito vermelha. Como pode dar conselhos sobre o corpo alheio se mal conhece o seu?

— Sei muito bem o que vai aonde — respondeu Leesha, irônica.

— Você sabe o que eu quero dizer — disse Jizell.

— O que sugere que eu faça? — questionou Leesha. — Pegue um homem qualquer apenas para acabar com isso?

— Se for preciso — respondeu Jizell.

Leesha lançou-lhe um olhar raivoso, mas Jizell enfrentou o olhar.

— Você guardou essa flor tanto tempo que, aos seus olhos, nenhum homem será digno de colhê-la — disse ela. — De que adianta uma flor escondida que ninguém pode admirar? Quem lembrará de sua beleza quando ela murchar?

Leesha deixou um soluço engasgado escapar e Jizell a abraçou com força enquanto ela chorava.

— Calma, calma, menina — tranquilizou-a e acariciou os cabelos de Leesha —, não é tão ruim assim.

Depois do jantar, quando as proteções já haviam sido verificadas e as aprendizes estavam em seus quartos para estudar, Leesha e Jizell finalmente tiveram tempo de preparar um bule de chá de ervas e abrir a bolsa do mensageiro matutino. Um lampião estava sobre a mesa, cheio e com pavio a postos para uso prolongado.

— Pacientes o dia todo e cartas a noite toda — suspirou Jizell. — Graças às luzes, as ervanárias não precisam dormir, não é?

Ela suspendeu a bolsa, despejando a correspondência sobre a mesa.

Rapidamente separaram as cartas para os pacientes e em seguida Jizell pegou um pacote ao acaso, olhando a procedência.

— É para você — disse ela, passando o pacote para Leesha e pegando outra

carta da pilha, que abriu e começou a ler.

— Esta aqui é de Kimber — falou ela depois de um momento. Kimber era outra das aprendizes de Jizell mandada para outra cidade, ao Tronco do Fazendeiro, a um dia de cavalgada para o sul. — A alergia do tanoeiro piorou e se espalhou outra vez.

— Ela está preparando o chá errado, eu sabia — reclamou Leesha. — Ela nunca deixa fazer a infusão direito e se pergunta por que suas curas são fracas. Se eu tiver que ir ao Tronco do Fazendeiro prepará-lo para ela, aproveito para lhe dar uns cascudos!

— Ela sabe disso — riu Jizell. — Por isso escreveu para mim desta vez!

A gargalhada foi contagiante e logo Leesha também riu. Ela amava Jizell. Conseguia ser mais dura que Bruna quando a ocasião pedia, mas tinha um riso fácil também.

Leesha sentia muita falta de Bruna e o pensamento levou-a de volta ao pacote. Estavam no quarto-dia, quando o mensageiro semanal chegava do Tronco do Fazendeiro, passava pela Clareira do Lenhador e seguia para o sul. Com certeza, o remetente da primeira carta na pilha vinha na letra bonita do seu pai.

Havia uma carta de Vika também, que Leesha leu primeiro, as mãos apertadas como sempre até ter certeza de que Bruna, mais velha que uma anciã, ainda estava bem.

— Vika teve o bebê — comentou ela. — Um garoto, Jame. Três quilos e um pouquinho.

— Já é o terceiro? — perguntou Jizell.

— Quarto — respondeu Leesha.

Vika casara-se com o discípulo Jona (agora sacerdote Jona) pouco depois de chegar à Clareira do Lenhador e rapidamente lhe deu filhos.

— Então não há muitas chances de ela voltar para Angiers — lamentou Jizell.

Leesha riu.

— Pensei que isso já estava claro quando teve o primeiro.

Era difícil acreditar que sete anos haviam se passado desde que ela e Vika trocaram de lugar. O acordo temporário mostrara-se permanente, o que não desagradava totalmente Leesha.

Independentemente do que fizesse, Vika ficaria na Clareira do Lenhador e parecia que gostavam mais dela lá do que de Bruna, Leesha e Darsy juntas. O pensamento dava a Leesha uma sensação de liberdade que nunca sonhara existir. Prometera voltar um dia para garantir que a Clareira tivesse a ervanária que precisava, mas o Criador já providenciara aquilo por ela. O futuro era seu para decidir o que quisesse.

O pai lhe escreveu dizendo que pegara uma friagem, mas Vika estava cuidando dele e esperava se recuperar logo. A próxima carta foi de Mairy; a filha mais velha já florescera e estava prometida, e Mairy provavelmente seria

avó em breve. Leesha suspirou.

Havia mais duas cartas no pacote. Leesha correspondia-se com Mairy, Vika e seu pai quase toda semana, mas a mãe escrevia com menos frequência e, na maioria das vezes, com ressentimento.

— Tudo bem? — perguntou Jizell, erguendo os olhos da leitura para ver o rosto de Leesha ficar sombrio.

— Só a minha mãe — respondeu Leesha. — O tom muda com seus humores, mas a mensagem é a mesma, veja só: "Venha para casa e tenha filhos antes que fique velha demais e o Criador tire essa oportunidade de você".

Jizell resmungou e balançou negativamente a cabeça.

Junto com a carta de Elona havia outra folha, provavelmente de Gared, embora a carta estivesse com a caligrafia da mãe, pois Gared não sabia as letras. No entanto, por mais que ela se esforçasse para fazê-las parecerem ditadas, Leesha tinha certeza de que metade das palavras eram mesmo da sua mãe e possivelmente a outra metade também. O conteúdo, como nas cartas da mãe, nunca mudava. Gared estava bem. Gared sentia sua falta. Gared estava esperando por ela. Gared a amava.

— Minha mãe deve achar que sou muito estúpida — disse Leesha, cáustica, enquanto lia — para acreditar que Gared sequer tentaria um poema, muito menos um que não rimasse.

Jizell riu, mas o riso definhou assim que Leesha não a acompanhou.

— E se ela estiver certa? — perguntou Leesha de repente. — Que horrível pensar que Elona está certa sobre qualquer coisa, mas quero filhos um dia e não é preciso ser uma ervanária para saber que meus dias para tê-los estão se esgotando. Você mesma disse que eu desperdicei meus melhores anos.

— Não foi isso que eu disse — retrucou Jizell.

— Mas é verdade — falou Leesha com tristeza. — Nunca me dei ao trabalho de olhar para os homens; sempre tiveram uma maneira de me encontrar, quisesse eu ou não. Sempre pensei que um dia algum me encontraria, um que se encaixasse na minha vida em vez de esperar que eu me encaixasse na dele.

— Todas nós sonhamos com isso às vezes, querida — disse Jizell—, e é muito bom fantasiar de vez em quando, quando estiver sozinha, olhando para uma parede, mas não pode apostar suas esperanças nisso.

Leesha apertou a carta na mão, amassando-a um pouco.

— Então está pensando em voltar e se casar com esse Gared? — perguntou Jizell.

— Ah, pelo Criador, não! — gritou Leesha. — Claro que não!

Jizell grunhiu.

— Ótimo. Poupou-me a chateação de te dar uma pancada na cabeça.

— Por mais que minha barriga anseie por uma criança, prefiro morrer virgem a deixar Gared me dar um filho. O problema é que atacaria qualquer outro

homem na Clareira que tentasse.

— Fácil de resolver — comentou Jizell. — Tenha filhos aqui.

— O quê?

— A Clareira do Lenhador está em boas mãos com Vika — respondeu Jizell. — Eu mesma treinei a garota e o coração dela ficará lá, de qualquer forma. — Ela se inclinou para a frente, pousando a mão rechonchuda sobre a de Leesha. — Fique. Faça de Angiers seu lar e assuma o hospital quando eu me aposentar.

Leesha arregalou os olhos. Ela abriu a boca, mas não emitiu nenhum som sequer.

— Você me ensinou tanto quanto eu te ensinei durante esses anos — continuou Jizell. — Não há ninguém mais em quem eu confie para administrar meu hospital, mesmo que Vika volte amanhã.

— Não sei o que dizer — soltou Leesha.

— Não tenha pressa — falou Jizell, dando tapinhas na mão de Leesha. — Posso dizer que não planejo me aposentar tão cedo. Apenas pense no caso.

Leesha assentiu. Jizell a abraçou com força. Quando se separaram, um grito vindo do lado de fora causou um sobressalto nas duas.

— Socorro! Socorro! — gritou alguém. As duas olharam pela janela. Já estava escuro.

Abrir as janelas à noite em Angiers era crime passível de chicotadas, mas Leesha e Jizell não pensaram nisso quando tiraram a barra da tranca e viram um trio de guardas da cidade correr pelo chão assoalhado, dois deles carregando outro homem.

— Ali, o hospital! — gritou o líder da guarda, vendo as janelas abertas na sala iluminada. — Abram as portas. Abrigo. Abrigo e ajuda!

Juntas, Leesha e Jizell partiram escada abaixo, quase rolando com a pressa de chegar até a porta. Era inverno e, embora os protetores da cidade trabalhassem com zelo para manter a rede protetora limpa de neve, gelo e folhas mortas, alguns demônios do vento invariavelmente encontravam um jeito de cruzá-la toda noite, caçando mendigos e esperando um tolo ocasional ousar desafiar o toque de recolher e a lei. Um demônio do vento poderia cair como uma pedra silenciosa e, em seguida, abrir suas asas com garras num movimento repentino, eviscerando a vítima antes de agarrar o corpo com as garras traseiras e levá-lo consigo.

Chegaram ao patamar e abriram a porta com tudo, observando os homens se aproximarem. As vergas das portas eram protegidas; elas e os pacientes estavam seguros mesmo com a porta aberta.

— O que está acontecendo? — gritou Kadie, esticando a cabeça na balaustrada no topo da escada. Atrás dela, outras aprendizes saíram às pressas dos quartos.

— Ponham seus aventais e desçam aqui! — ordenou Leesha, e as garotas mais jovens correram para obedecer.

Os homens estavam distantes ainda, mas seguiam com rapidez. O estômago de Leesha apertou-se quando ouviu gritos no céu. Havia demônios do vento por perto, atraídos pela luz e pela agitação.

Mas os guardas estavam percorrendo a distância a toda velocidade. Leesha esperava que conseguissem chegar ilesos até que um dos homens escorregou num pedaço de gelo e caiu com tudo. Ele gritou e o homem que ele carregava foi ao chão.

O guarda, ainda com um homem sobre o ombro, gritou algo para o outro e baixou a cabeça, tomando velocidade. O homem com as mãos livres correu até o camarada caído.

Um lufar repentino de asas de couro foi o único aviso antes que a cabeça do guarda desafortunado voasse para longe do corpo, rolando pelo passadiço. Kadie gritou. Antes que o sangue começasse a jorrar do ferimento, o demônio do vento deu um grito e alçou voo, carregando o cadáver consigo.

O guarda carregador passou as proteções, trazendo o outro homem em segurança. Leesha olhou para o homem que restava, lutando para se erguer, e sua testa se franziu.

— Leesha, não! — gritou Jizell, agarrando-a, mas Leesha desviou, entorpecida, e correu para a rua.

Correu em zigue-zague enquanto os gritos dos demônios do vento voavam no ar frio lá em cima. Um terraíta tentou um mergulho de ataque e errou totalmente o alvo, mas apenas por alguns centímetros. Bateu com tudo no chão assoalhado, mas rapidamente se ergueu, sua pele grossa incólume pelo impacto. Leesha girou numa esquiva, lançando um punhado do pó cegante de Bruna nos olhos da criatura. O demônio gania de dor e Leesha continuou a correr.

— Salve-o, não a mim! — gritou o guarda quando ela se aproximou, apontando para a forma imóvel que jazia no chão. O tornozelo do guarda estava num ângulo estranho, obviamente quebrado. Leesha olhou para o outro, de bruços no chão. Não conseguiria carregar os dois.

— A mim não! — gritou o guarda novamente.

Leesha balançou a cabeça.

— Tenho uma chance melhor de levar você em segurança — falou num tom que não permitia debates. Ela se encaixou sob o braço dele e o ergueu.

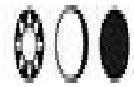
— Fique abaixada — arfou o guarda. — Os ventosos não costumam mergulhar sobre presas próximas ao chão.

Ela se encurvou o máximo que pôde, vacilando sob o peso do homem grande, e sabia que não conseguiriam chegar lá se fossem arrastando os pés, abaixados ou não.

— Agora! — gritou Jizell, e Leesha ergueu os olhos para ver Kadie e as outras aprendizes correrem pela rua, segurando as pontas de lençóis brancos sobre a cabeça. Os panos tremulantes estavam por quase todo o lugar, impossibilitando os

demônios do vento de escolherem um alvo.

Sob essa cobertura, a mestra Jizell e o primeiro guarda correram até eles. Jizell ajudou Leesha, enquanto o guarda ergueu o homem inconsciente. O medo lhes dera força e percorreram a distância que restava rapidamente, entrando no hospital e trancando a porta.



— Este aqui está morto — disse Jizell, a voz fria. — Acho que há mais de uma hora.

— Quase sacrifiquei minha vida por um morto? — exclamou o guarda com o tornozelo quebrado. Leesha ignorou-o e foi até o outro homem ferido.

Com o rosto redondo e sardento, o corpo magro, parecia mais garoto que homem. Sofrera a violência de um espancamento, mas respirava e o coração era forte. Leesha examinou-o rapidamente, cortando as roupas de retalhos enquanto procurava ossos quebrados e a origem do sangue que manchava suas vestes.

— O que aconteceu? — perguntou Jizell ao guarda ferido, enquanto inspecionava o tornozelo fraturado.

— Estávamos voltando da última patrulha — falou o guarda entredentes. — Encontramos esses dois, provavelmente menestréis, deitados na calçada. Devem ter sido roubados depois de uma apresentação. Os dois estavam vivos, mas em péssimo estado. Estava escuro na hora, mas nenhum dos dois sobreviveria à noite sem uma ervanária para cuidar deles. Eu me lembrei do hospital e corremos o máximo que pudemos, tentando ficar sob as calhas, fora da vista dos ventosos.

Jizell assentiu e falou:

— Fizeram a coisa certa.

— Diga isso para o pobre Jonsin. Pelo Criador, o que direi para a mulher dele?

— Essa é uma preocupação para amanhã — disse Jizell, levando um frasco até os lábios do homem. — Beba isto.

O guarda olhou para ela, desconfiado.

— O que é?

— Vou pôr você para dormir. Preciso dar um jeito no seu tornozelo e garanto que você não vai querer estar acordado quando eu fizer isso.

O guarda engoliu avidamente a poção.

Leesha estava limpando os ferimentos do mais jovem quando ele começou a acordar, engasgado, e sentou-se. Um dos olhos estava fechado pelo inchaço, mas o outro era verde e brilhante, e girou ao redor como louco.

— Jaycob! — gritou ele.

Ele se debateu com violência e foram necessários os braços de Leesha, de Kadie e do último guarda para refreá-lo. Ele voltou um olho penetrante para

Leesha.

— Onde está Jaycob? Ele está bem?

— O homem mais velho que encontramos com você? — perguntou Leesha, e ele assentiu com a cabeça.

Leesha hesitou, escolhendo as palavras, mas a pausa foi suficiente. Ele gritou, retorcendo-se de novo. O guarda prendeu-o com força, fitando seus olhos.

— Viu quem fez isso com vocês? — perguntou ele.

— Ele não está em condições… — falou Leesha, mas o homem a interrompeu com um olhar raivoso.

— Perdi um homem esta noite, não tenho tempo para esperar. — Ele se voltou para o garoto. — E então?

O garoto fitou-o com olhos marejados. Por fim, ele negou com a cabeça, mas o guarda não o deixou se levantar.

— Deve ter visto *alguma coisa* — insistiu.

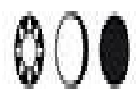
— Chega — falou Leesha, agarrando os pulsos do homem e puxando-os com força. Ele resistiu por um momento e depois soltou. — Espere no outro quarto — ordenou ela. De cara feia, ele obedeceu.

Quando Leesha se virou, o garoto estava chorando desbragadamente.

— Só me coloque de volta na noite — disse ele, erguendo a mão mutilada. — Eu já devia ter morrido há muito tempo e todos que tentam me salvar acabam mortos.

Leesha pegou a mão defeituosa do garoto e encarou-o.

— Vou arriscar — disse ela, apertando um pouco a mão dele. — Nós, sobreviventes, precisamos cuidar uns dos outros. — Ela pôs um frasco de poção para dormir nos lábios dele e continuou segurando sua mão, emprestando-lhe força até os olhos do rapaz se fecharem.



O som da rabeca encheu o hospital. Pacientes batiam palmas e as aprendizes dançavam enquanto cumpriam suas tarefas. Até Leesha e Jizell davam pulinhos ao andar.

— E pensar que o jovem Rojer estava preocupado porque não teria como nos pagar — disse Jizell enquanto preparavam o almoço. — Estou quase querendo pagar para ele vir entreter os pacientes depois que estiver bom.

— Os pacientes e as garotas adoram o rapaz — concordou Leesha.

— Eu vi você dançando quando achou que ninguém olhava — confessou Jizell.

Leesha sorriu. Quando não estava tocando rabeca, Rojer contava histórias que faziam as aprendizes amontoarem-se aos pés do leito ou as ensinava truques de maquiagem que ele afirmava virem das cortesãs do duque. Jizell muitas vezes o mimava como uma mãe, e todas as aprendizes tinham uma queda e eram loucas

por ele.

— Então, uma fatia mais grossa de bife para ele — falou Leesha, cortando a carne e deixando-a num prato já cheio de batatas e frutas.

Jizell sacudiu a cabeça.

— Não sei onde cabe tudo isso no garoto. Você e as outras estão entupindo o rapaz faz mais de uma lua cheia e ele ainda está magro como um caniço. Almoço! — berrou Jizell, e as garotas entraram para pegar as bandejas.

Roni seguiu para a mais cheia, mas Leesha tirou do alcance dela.

— Esta eu mesmo levo — falou ela, sorrindo para os olhares de decepção na cozinha.

— Rojer precisa descansar e comer alguma coisa, não ficar contando histórias particulares enquanto vocês cortam a carne para ele — disse Jizell. — Podem mimá-lo à vontade depois.

— Descanso! — gritou Leesha quando entrou na sala, mas não precisava ter se incomodado.

O garoto escorregou o arco nas cordas da rabeca no momento em que ela apareceu. Rojer sorriu e acenou, derrubando um copo de madeira quando tentou deixar a rabeca de lado. Os dedos e o braço quebrados tinham se curado bem, mas as pernas engessadas continuavam fracas e ele não conseguia chegar ao criado-mudo com facilidade.

— Deve estar faminto hoje — riu ela, deixando a bandeja no colo do garoto e pegando a rabeca. Rojer olhou para a bandeja, desconfiado, e sorriu para ela.

— Você me ajuda a cortar? — pediu ele, erguendo a mão mutilada.

Leesha ergueu as sobrancelhas para ele.

— Seus dedos parecem ágeis o bastante quando toca a rabeca. Por que são deficientes agora?

— Porque eu odeio comer sozinho — disse Rojer, rindo.

Leesha sorriu, sentando-se na ponta da cama e pegando a faca e o garfo. Cortou um pedaço grosso de carne, lambuzou no molho e nas batatas antes de levar até a boca de Rojer. Ele sorriu para ela e um pouco de molho vazou da boca, fazendo Leesha conter o riso. Rojer enrubesceu, as bochechas brancas ficando rubras como o cabelo.

— Eu consigo erguer o garfo — disse ele.

— Quer que eu corte a carne e saia? — perguntou Leesha, e Rojer sacudiu a cabeça com vigor, negativamente. — Então rápido — disse ela, levando outra garfada até a boca do garoto.

— Sabe, não é minha rabeca — falou Rojer, olhando para o instrumento depois de um silêncio. — É de Jaycob. A minha quebrou quando…

Leesha franziu o cenho quando ele parou de falar. Após mais de um mês, ainda se recusava a falar sobre o ataque, mesmo quando pressionado por um guarda. Pediu para buscarem suas poucas posses, mas, pelo que ela sabia, não

tivera contato com a Guilda dos Menestréis para dizer o que havia acontecido.

— Não foi culpa sua — falou Leesha quando viu os olhos distantes do garoto. — Você não o atacou.

— Talvez tenha sido — disse Rojer.

— Como assim?

Rojer virou o rosto.

— Digo… quando o tirei da aposentadoria. Ele ainda estaria vivo se…

— Você contou que ele lhe disse que sair da aposentadoria foi a melhor coisa que já havia lhe acontecido em vinte anos — contestou Leesha. — Parece que viveu mais naquele curto período do que nos anos que passou naquela cela, na Guilda.

Rojer assentiu com a cabeça, mas seus olhos marejaram. Leesha apertou a mão dele.

— Ervanárias veem a morte sempre — disse-lhe. — Ninguém, ninguém encontra o Criador com todos os seus assuntos resolvidos. Todos recebemos um tempo diferente de vida, mas esse tempo precisa bastar, de um jeito ou de outro.

— É que… parece que acaba cedo para as pessoas que cruzam o meu caminho — suspirou Rojer.

— Eu já vi acabar cedo para muitos que nunca ouviram falar de Rojer Faltadedo — comentou Leesha. — Quer carregar a morte deles nas costas também?

Rojer olhou para a mulher e ela enfiou outra garfada na boca do rapaz.

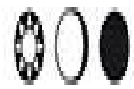
— Não vai mudar nada para os mortos se, por culpa, você parar de viver — disse ela.

Leesha estava com a mão cheia de roupas de cama quando o mensageiro chegou. Ela enfiou a carta de Vika no avental e deixou o restante para mais tarde. Terminou de arrumar a roupa lavada, mas em seguida uma garota correu para dizer que um paciente estava tossindo sangue. Depois disso, teve de consertar um braço quebrado e dar aula para as aprendizes. Antes que percebesse, o sol havia se posto e as aprendizes todas estavam na cama. Diminuiu a luz dos lampiões até assumirem um tom laranja turvo e fez a última ronda pelas fileiras de leitos, garantindo que os pacientes estavam confortáveis antes de subir as escadas para dormir. Ela viu os olhos de Rojer quando passou, e ele acenou, mas ela sorriu e sacudiu a cabeça. Ela apontou para ele, em seguida juntou as mãos como se estivesse rezando, tombou o rosto sobre elas e fechou os olhos.

Rojer franziu a testa, mas ela piscou para ele e continuou a andar, sabendo que ele não a seguiria. Os gessos já tinham sido tirados, mas Rojer reclamava de dor e fraqueza, apesar de as fraturas estarem curadas.

No fim da sala, ela parou para pegar um copo d'água. Era uma noite quente de primavera e as jarras estavam úmidas com a condensação. Distraída, esfregou a mão no avental para secá-la e sentiu o estalar de um papel. Lembrou-se da carta de Vika e puxou-a, rompendo o selo com o dedão e inclinando a folha para um lampião enquanto bebia a água.

Um momento depois, ela soltou o copo. Não percebeu a cerâmica se estilhaçar. Agarrou o papel com força e saiu correndo do quarto.



Leesha soluçava em silêncio na cozinha quando Rojer a encontrou.

— Você está bem? —perguntou baixinho, apoiando-se na bengala.

— Rojer? — disse ela, fungando. — Por que não está na cama?

Ele não respondeu e sentou-se ao lado dela.

— Notícias ruins de casa?

Leesha olhou para ele um momento, em seguida assentiu com a cabeça.

— Sabe aquela friagem que meu pai pegou? — perguntou, esperando a confirmação de que Rojer se lembrava antes de continuar. — Ele parecia melhor, mas teve uma recaída. No fim das contas, foi uma epidemia que varreu a Clareira de ponta a ponta. A maioria parece ter se curado, mas os mais fracos… — Ela começou a chorar outra vez.

— Alguém que conhece? — Rojer perguntou, maldizendo sua boca grande em seguida. Claro que era alguém que ela conhecia. Todos se conheciam nos lugarejos.

Leesha pareceu não perceber o deslize.

— Minha mentora, Bruna — respondeu, e grossas lágrimas rolaram e caíram sobre seu avental. — Alguns outros também, e duas crianças que nunca tive a chance de conhecer. Mais de uma dúzia. Metade da cidade ainda está acamada. Meu pai é o que está pior.

— Sinto muito.

— Não sinta por mim, é minha culpa — disse Leesha.

— Por quê?

— Eu deveria estar lá — falou Leesha. — Faz anos que não sou aprendiz de Jizell. Prometi voltar à Clareira do Lenhador quando meus estudos terminassem. Se tivesse mantido minha promessa, estaria lá, e talvez…

— Eu vi uma epidemia matar algumas pessoas na Ponta da Floresta uma vez — Rojer falou. — Quer adicioná-las à sua consciência também? Ou aqueles que morreram nesta cidade porque você não conseguiu atender todo o mundo?

— Não é a mesma coisa e você sabe disso — retrucou Leesha.

— Não? — perguntou Rojer. — Você mesma disse que não adianta nada aos mortos parar de viver por conta da culpa.

Leesha olhou para ele, os olhos inchados e úmidos.

— Então o que quer fazer? — perguntou Rojer. — Passar a noite chorando ou começar a fazer as malas?

— Fazer as malas? — questionou Leesha.

— Tenho um círculo portátil de mensageiro — respondeu Rojer. — Podemos sair para a Clareira do Lenhador pela manhã.

— Rojer, você mal pode andar! — retrucou Leesha.

Rojer ergueu a bengala, deixou-a no balcão e ficou em pé. Caminhou com um pouco de dificuldade, mas sem ajuda.

— Estava fingindo para manter a cama quentinha e as mulheres apaixonadas um pouco mais? — perguntou Leesha.

— Não, nunca! — Rojer enrubesceu. — É que… ainda não estou pronto para fazer apresentações.

— Mas está bem para caminhar até a Clareira do Lenhador? Levaria uma semana sem um cavalo.

— Duvido que precise dar saltos mortais no caminho — falou Rojer. — Eu consigo.

Leesha cruzou os braços e sacudiu a cabeça.

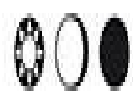
— Não. Proíbo terminantemente.

— Não sou uma de suas aprendizes para me proibir.

— Você é meu paciente — retorquiu Leesha— e eu o proíbo de fazer qualquer coisa que ponha sua saúde em perigo. Vou contratar um mensageiro para me levar.

— Boa sorte para encontrar um — disse Rojer. — O homem da semana terá partido hoje e, nesta época do ano, a maioria estará ocupada. Vai custar uma fortuna convencer um deles a deixar tudo e levar você até a Clareira do Lenhador. Além disso, posso afastar terraítas com minha rabeca. Nenhum mensageiro pode lhe oferecer isso.

— Claro que pode — falou Leesha, deixando claro que não acreditava naquela história —, mas o que preciso é de um cavalo rápido de mensageiro, não de uma rabeca mágica. — Ela ignorou os protestos dele, levando-o para a cama, e em seguida subiu para preparar a viagem.



— Tem certeza de que você quer fazer isso? — Jizell perguntou na manhã seguinte.

— Tenho de ir — respondeu Leesha. — É coisa demais para Vika e Darsy darem conta sozinhas.

Jizell meneou a cabeça.

— Rojer parece pensar que vai te levar.

— Bem, ele não vai — decidiu Leesha. — Vou ser obrigada contratar um mensageiro.

— Ele estava arrumando as coisas dele pela manhã — avisou Jizell.

— Ele mal está curado — disse Leesha.

— Bobagem! — falou Jizell. — Já faz quase três luas. Eu não o vi usando a bengala a manhã toda. Acho que não foi nada além de um pretexto para ficar por aqui um tempo a mais.

Leesha arregalou os olhos.

— Acha que Rojer…?

Jizell deu de ombros.

— Estou apenas dizendo que não é todo dia que aparece um homem que enfrente terraítas por você.

— Jizell, tenho idade para ser mãe dele!

— Bah! — zombou Jizell. — Você tem apenas vinte e sete e Rojer diz ter vinte.

— Rojer diz um monte de mentira — rebateu Leesha.

Jizell ergueu os ombros novamente.

— Você diz que não parece minha mãe, mas as duas transformam toda tragédia numa discussão sobre minha vida amorosa.

Jizell tentou responder, mas Leesha ergueu a mão para impedi-la.

— Se você me dá licença, tenho que contratar um mensageiro.

Ela saiu da cozinha alvoraçada e Rojer, ouvindo da porta, mal conseguiu sair do caminho e das vistas.

Entre os presentes do pai e seus rendimentos de Jizell, Leesha foi capaz de conseguir uma nota promissória no Banco do Duque por cento e cinquenta sóis milneses. Era uma soma muito acima do sonho do campesinato angieriano, mas os mensageiros não arriscavam a vida por klats. Ela esperava que fosse o bastante, mas as palavras de Rojer provaram ser uma profecia ou uma maldição.

Os negócios da primavera já estavam em polvorosa e até os piores mensageiros tinham missões. Skot estava fora da cidade e o secretário da Guilda dos Mensageiros recusou-se de pronto a ajudá-la. O melhor que podia oferecer era um homem na próxima semana para o sul.

— Nesse tempo eu posso chegar lá andando! — gritou com o secretário.

— Então sugiro que comece já — disse o homem, seco.

Leesha mordeu o lábio e saiu batendo o pé. Ela pensou que ficaria louca se precisasse esperar uma semana para partir. Se o pai morresse naquela semana…

— Leesha? — chamou uma voz.

Ela parou, virando-se lentamente.

— É você! — gritou Marick, caminhando a passos largos até ela com os braços abertos. — Não achei que ainda estivesse na cidade!

Em choque, Leesha deixou-se abraçar.

— O que está fazendo na Guilda? — perguntou Marick, afastando-se para apreciá-la. Ainda era bonito, com os olhos lupinos.

— Preciso de uma escolta para me levar até a Clareira do Lenhador — disse ela. — Tem uma epidemia varrendo a cidade e precisam da minha ajuda.

— Acho que poderia levá-la — falou Marick. — Precisarei cobrar um favor para pagar minha ida até Pontefluente amanhã.

— Tenho dinheiro — disse Leesha.

— Sabe que não aceito dinheiro para trabalhos de escolta — disse Marick, encarando-a com malícia enquanto se aproximava. — Tem apenas um pagamento que me interessa. — A mão dele estendeu-se para apertar o traseiro dela e Leesha resistiu à pulsão de se afastar. Pensou nas pessoas que precisavam dela, pensou no que Jizell dissera sobre flores que ninguém via. Talvez fosse um plano do Criador que ela encontrasse Marick naquele dia. Engoliu seco e assentiu com a cabeça.

Marick levou Leesha para uma alcova sombria longe do saguão principal. Empurrou-a contra a parede atrás de uma estátua de madeira e beijou-a com afã. Depois de um momento, ela reagiu ao beijo, encaixando os braços ao redor dos ombros do mensageiro, a língua dele morna em sua boca.

— Não terei aquele problema desta vez — prometeu Marick e levou a mão dela até sua virilidade rígida.

Leesha sorriu, tímida.

— Eu poderia passar na sua estalagem antes de anoitecer — falou ela. — Poderíamos… passar a noite juntos e sair pela manhã.

Marick olhou de um lado para o outro. Ele a empurrou contra a parede outra vez, abaixando a mão para desafivelar o cinto.

— Esperei demais por isso — resmungou. — Estou pronto agora e não vou deixar a oportunidade escapar!

— Não vou fazer isso no corredor! — sibilou Leesha, empurrando-o para trás. — Alguém pode ver!

— Ninguém vai ver — falou Marick, insistindo e beijando-a de novo. Ele tirou o membro rijo e começou a levantar as saias dela. — Você está aqui, como mágica, e desta vez eu também estou. O que mais você pode querer?

— Privacidade? — perguntou Leesha. — Uma cama? Algumas velas? Qualquer coisa!

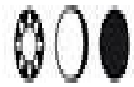
— Um menestrel cantando embaixo da janela? — zombou Marick, seus dedos tateando entre as pernas de Leesha para encontrar sua flor. — Parece virgem.

— Eu *sou* virgem! — chiou Leesha.

Marick afastou-se, sua ereção ainda na mão, e olhou para ela, irônico.

— Todo o mundo na Clareira do Lenhador sabe que você se deitou com aquele gorila do Gared uma dúzia de vezes — falou ele. — Continua mentindo sobre isso depois de todo esse tempo?

Leesha lançou-lhe um olhar furioso e deu uma joelhada no meio das pernas de Marick, saindo às pressas da Guilda, enquanto ele ainda gemia no chão.



— Ninguém vai levá-la? — perguntou Rojer naquela noite.

— Ninguém que não aceitasse me possuir em troca — resmungou Leesha, omitindo que estaria disposta a ceder. Mesmo naquele momento, preocupava-se em ter cometido um imenso erro. Parte dela desejava simplesmente deixar Marick satisfeito, mas, mesmo se Jizell tivesse razão e sua virgindade não fosse a coisa mais preciosa do mundo, certamente valia mais que isso.

Ela fechou os olhos tarde demais, apenas para deixar escorrer as lágrimas que procurava impedir. Rojer tocou seu rosto e ela o encarou. Ele sorriu e estendeu a mão, tirando um lenço brilhante e colorido, como se fosse da orelha de Leesha. Apesar da tristeza, ela sorriu e pegou o lenço para secar os olhos.

— Eu ainda posso levá-la — disse Rojer. — Caminhei daqui até o Vale do Pastor. Se posso fazer isso, posso levar você à Clareira do Lenhador.

— Sério? — perguntou Leesha, fungando. — Não é uma de suas histórias do Jak Língua Escamada, como ser capaz de encantar terraítas com sua rabeca?

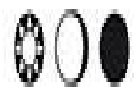
— Sério — prometeu Rojer.

— Por que faria isso por mim? — quis saber Leesha.

Rojer sorriu, com sua mão mutilada tomando a da mulher.

— Somos sobreviventes, não somos? Alguém me disse que os sobreviventes precisam cuidar uns dos outros.

Leesha soluçou e o abraçou.



Estou ficando maluco?, perguntou Rojer a si mesmo quando deixaram os portões de Angiers para trás. Leesha comprara um cavalo para a viagem, mas Rojer não tinha experiência em cavalgada, ela muito menos. Ele se sentou atrás de Leesha, enquanto ela guiava o animal a um passo quase tão rápido quanto dariam se estivessem a pé.

Mesmo assim, o cavalo fazia suas pernas doerem, mas Rojer não reclamava. Se dissesse qualquer coisa antes de perderem a cidade de vista, Leesha faria o caminho de volta.

Que é o que deveria fazer mesmo, pensou. *Você é um menestrel, não um mensageiro.*

Porém, Leesha precisava dele, e ele sabia desde a primeira vez que a vira que nunca poderia recusar nada a ela. Sabia que ela o via como uma criança, mas aquilo mudaria quando a levasse para casa. Veria que havia mais nele, que podia cuidar de si mesmo e dela também.

E o que havia para ele em Angiers? Jaycob partira e a Guilda possivelmente pensava que ele também estivesse morto, o que provavelmente foi o melhor. "Se for até a guarda, eles vão enforcá-lo", disse Jasin, mas Rojer era esperto o bastante para saber que, se Voz Dourada soubesse que estava vivo, não teria chance de contar sua história.

No entanto, olhou para a estrada adiante e seu estômago revirou-se. Como as Corredeiras do Grilo, o Tronco do Fazendeiro ficava apenas a um dia de cavalgada, mas a Clareira do Lenhador era muito mais longe, talvez quatro noites, mesmo a cavalo. Rojer nunca passara mais de duas noites ao relento, e assim mesmo isso só aconteceu uma vez. A morte de Arrick relampejou em sua mente. Conseguiria aguentar se perdesse Leesha também?

— Tudo bem? — perguntou Leesha.

— Por que a pergunta?

— Suas mãos estão trêmulas — disse Leesha.

Ele olhou para as mãos na cintura dela e viu que estava certa.

— Não é nada — conseguiu responder. — Senti um arrepio de repente.

— Odeio isso — falou Leesha, mas Rojer mal ouviu. Encarava as mãos, tentando fazê-las parar.

Você é ator!, bronqueou consigo mesmo. *Finja coragem!*

Ele pensou em Marko Desbravador, o bravo explorador de suas histórias. Rojer descrevia o homem e representou suas aventuras tantas vezes que cada traço e maneirismo era natural para ele. Suas costas endireitaram-se e as mãos pararam de tremer.

— Me avise quando estiver cansada — disse ele— e eu assumo as rédeas.

— Pensei que nunca havia cavalgado antes.

— A gente aprende fazendo — disse Rojer, citando a frase que Marko Desbravador usava sempre que encontrava algo novo.

Marko nunca teve medo de fazer coisas que nunca fizera antes.

Com Rojer nas rédeas, eles aceleraram, mas, mesmo assim, mal chegaram ao Tronco do Fazendeiro antes do crepúsculo. Deixaram o cavalo num estábulo e seguiram para a estalagem.

— Você é menestrel? — perguntou o estalajadeiro, percebendo a roupa de retalhos de Rojer.

— Rojer Faltadedo — disse Rojer —, de Angiers, seguindo para o oeste.

— Nunca ouvi falar — resmungou o estalajadeiro—, mas o quarto é por conta se fizer uma apresentação.

Rojer olhou para Leesha e, quando ela deu de ombros e assentiu, ele sorriu, puxando sua bolsa das maravilhas.

Tronco do Fazendeiro era um pequeno punhado de prédios e casas, todos ligados por um passadiço com proteções. Diferente de qualquer outro vilarejo que Rojer já vira, os tronqueiros saíam à noite e caminhavam com liberdade — mesmo que rapidamente — de um prédio para o outro.

Essa liberdade fez a taverna encher, o que deixou Rojer bem feliz. Ele se apresentava pela primeira vez em meses, mas agia naturalmente, e logo fez o salão inteiro bater palmas e rir das histórias de Jak Língua Escamada e do Protegido.

Quando voltou à cadeira, o rosto de Leesha estava um pouco vermelho pelo vinho.

— Você foi maravilhoso. Eu sabia que seria.

Rojer abriu um sorriso imenso e estava prestes a falar quando dois homens aproximaram-se, carregando alguns jarros. Entregaram um para Rojer e outro para Leesha.

— Apenas para agradecer pelo espetáculo — disse o homem que veio à frente. — Sei que não é muito…

— É fantástico, obrigado — disse Rojer. — Por favor, juntem-se a nós.

Ele apontou para os assentos vazios na mesa. Os dois homens sentaram-se.

— O que traz vocês ao Tronco? — perguntou o primeiro homem. Era baixo, com uma barba preta espessa. Seu companheiro era mais alto, mais forte e mudo.

— Estamos indo para a Clareira do Lenhador — disse Rojer. — Leesha é ervanária, vai para lá combater uma epidemia.

— Uma viagem e tanto até a Clareira — disse o homem barbado. — Como vão aguentar as noites?

— Não temam por nós. Temos um círculo de mensageiro.

— Círculo portátil? — perguntou o homem, surpreso. — Deve custar um bom dinheiro.

Rojer assentiu.

— Mais do que imagina — disse ele.

— Bem, não vamos atrapalhar mais sua ida para a cama — falou o homem. Ele e o companheiro levantaram-se da mesa. — Vão querer sair cedo.

Eles se afastaram, indo se juntar a um terceiro homem em outra mesa, enquanto Rojer e Leesha terminavam suas bebidas e seguiam para o quarto.

27
AO CAIR DA NOITE
– 332 DR –

— OLHEM PARA MIM! Sou um menestrel! — disse um dos homens, jogando a capa de retalhos com guizos e correndo pela estrada. O homem de barba preta deu uma gargalhada, mas o terceiro comparsa, maior que os dois juntos, não disse nada. Todos estavam sorrindo.

— Eu queria saber o que aquela bruxa jogou em mim — disse o homem de barba preta. — Enfiei a cabeça inteira no riacho e ainda parece que meus olhos estão queimando.

Ele ergueu o círculo e as rédeas do cavalo, rindo.

— Ainda assim, uma presa fácil como essa acontece apenas uma vez na vida.

— Vai levar meses até que a gente precise trabalhar de novo — concordou o homem de capa de retalhos, sacudindo a bolsa de moedas —, e nem um arranhãozinho! — Ele saltou e bateu os calcanhares.

— Talvez nenhum arranhão em *você* — disse o de barba preta, rindo —, mas eu recebi alguns nas costas! Aquele traseiro valia quase tanto quanto este círculo, mesmo que a poeira que ela me jogou nos olhos tenha dificultado para ver o que

entrou onde. — O homem com a capa de retalhos riu e o gigante mudo bateu palmas, esgarçando os dentes num sorriso.

— Devíamos ter trazido a mulher conosco — disse o homem de capa. — Aquela gruta maldita é fria.

— Não seja estúpido — disse o de barba preta. — Conseguimos um cavalo e um círculo de mensageiro. Não precisamos mais ficar na caverna, isso é o melhor. Corre um boato no Tronco que o duque já sabe que quem sai da aldeia é atacado. Vamos para o sul assim que amanhecer, antes que os guardas de Rhinebeck grudem nos nossos calcanhares.

Os três estavam tão ocupados com a discussão que não perceberam o homem cavalgando pela estrada na direção deles até ficar apenas a algumas dezenas de metros de distância. No lusco-fusco, era como uma aparição, envolvido em túnicas esvoaçantes e montado num cavalo preto, movendo-se pelas sombras das árvores que margeavam a estrada.

Quando se deram conta dele, a alegria no rosto desapareceu, substituída por olhares desafiadores. O de barba preta soltou o círculo portátil no chão e puxou uma clava pesada do cavalo, avançando na direção do estranho. Ele era atarracado e robusto, com cabelos ralos sobre a barba longa e desgrenhada. Atrás dele, o mudo ergueu um bastão do tamanho de uma pequena árvore e o homem de capa de retalho brandia uma lança lascada e gasta.

— Esta aqui é nossa estrada — explicou o de barba preta para o estranho. — Tudo bem dividir, mas tem pedágio.

Como resposta, o estranho parou seu cavalo nas sombras.

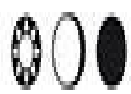
Uma aljava de flechas pesadas pendia da sela, o arco enganchado e ao alcance. Uma lança, tão longa como um arpão, descansava numa bainha do outro lado, um escudo redondo ao lado dele. Presos atrás da sela, várias lanças menores com as pontas reluzindo contra o sol poente.

Mas o estranho não sacou arma alguma, simplesmente deixando o capuz deslizar um pouco para trás. Os olhos dos homens arregalaram-se e seu líder recuou, agarrando o círculo portátil.

— Vamos deixá-lo passar desta vez — assentiu, olhando para os outros. Mesmo o gigante ficou pálido de medo. Mantiveram as armas a postos, mas cuidadosamente rodearam o cavalo do gigante e voltaram pela estrada.

— É melhor que a gente não te veja nesta estrada de novo! — gritou o de barba preta quando estavam a uma distância segura.

O estranho continuou a cavalgar, imperturbável.



Rojer combateu o terror quando as vozes se afastaram. Disseram que o matariam se tentasse se levantar outra vez. Ele botou a mão no bolso secreto para

segurar o talismã, mas tudo que encontrou foram alguns pedaços de madeira e um punhado de cabelos cinza meio amarelados. Devia ter quebrado quando o mudo o chutou na barriga. Deixou os restos caírem dos dedos dormentes na terra.

O som dos soluços de Leesha o feria, fazendo-o ter medo de erguer os olhos. Cometera aquele erro antes, quando o gigante saíra de suas costas para aproveitar sua vez com Leesha. Um dos outros tinha rapidamente assumido o seu lugar, usando as costas de Rojer como banco para assistir à diversão.

Havia pouca inteligência nos olhos do gigante, mas se lhe faltava o sadismo de seus comparsas, a áspera luxúria era um terror em si; os impulsos de um animal no corpo de um demônio da rocha. Se Rojer pudesse apagar da mente a imagem dele sobre Leesha arrancando os próprios olhos, não hesitaria.

Fora um tolo, gabando-se de seu destino e de suas posses daquele jeito. Tempo demais nos lugarejos do Ocidente havia embotado sua desconfiança natural de garoto criado na cidade.

Marko Desbravador nunca teria confiado neles, pensou.

Mas não era totalmente verdade. Marko sempre era enganado ou tomava porretadas na cabeça e era abandonado para morrer. Sobrevivia ao manter sua perspicácia depois do acontecido.

Ele sobrevive porque é uma história e você controla o final, pensou Rojer, fazendo para si mesmo uma ressalva.

Mas a imagem de Marko Desbravador erguendo-se e limpando a poeira ficou em sua mente e, no fim, Rojer reuniu forças e coragem, esfalfando-se para ficar de joelhos. A dor atravessou-o, mas não pensou que tivesse quebrado nenhum osso. Seu olho esquerdo estava tão inchado que mal conseguia enxergar com ele e sentia o gosto do sangue no lábio dilatado. Estava coberto de escoriações, mas Abrum fizera pior.

No entanto, não havia guardas desta vez para deixá-lo em segurança. Nem mãe nem mestre para se pôr na frente de um demônio.

Leesha gemeu de novo e a culpa o sacudiu. Ele lutou para salvar a honra da mulher, mas eram três, todos armados e mais fortes que ele. O que poderia ter feito?

Queria que tivessem me matado, pensou Rojer, desmoronando. *Melhor morto do que ter visto...*

Covarde, rosnou a voz em sua cabeça. *Levante-se. Ela precisa de você.*

Rojer ergueu-se cambaleando e olhou ao redor. Leesha estava enrodilhada na terra da estrada, soluçando, sem forças para cobrir sua vergonha. Não havia sinal dos bandidos.

Claro, isso mal importava. Tinham levado o círculo portátil e, sem essa proteção, ele e Leesha estariam mortos em breve. O Tronco do Fazendeiro havia ficado quase um dia inteiro para trás e não havia nada adiante na estrada por muitos dias de caminhada. Em pouco mais de uma hora, escureceria.

Rojer correu até Leesha, caindo de joelhos ao lado dela.

— Leesha, você está bem? — perguntou ele, maldizendo sua voz esganiçada. Ela precisava dele para ser forte. — Responda, Leesha, por favor — ele implorou, apertando seu ombro.

Leesha ignorou-o, toda encolhida, tremendo ao chorar. Rojer acariciou suas costas e sussurrou palavras tranquilizadoras, sutilmente puxando o vestido para baixo. Fosse qual fosse o lugar da mente ao qual ela se retraíra para suportar o suplício, relutou em deixá-lo. Ele tentou tomá-la nos braços, mas ela o empurrou violentamente para longe, encolhendo-se outra vez, chorando sem parar.

Saindo do lado dela, Rojer procurou as poucas coisas que haviam sido deixadas. Os bandidos fuçaram as bolsas, levando o que queriam e jogando o restante, zombando e destruindo os objetos pessoais deles. As roupas de Leesha estavam espalhadas na estrada e Rojer encontrou a bolsa das maravilhas de Arrick virada na lama. Muito do que continha fora levado ou quebrado. As bolinhas de madeira estavam enterradas na lama e Rojer as deixou ali mesmo.

Às margens da estrada, onde o mudo o chutara, ele avistou o estojo da rabeca e teve esperanças de que talvez pudessem sobreviver. Correu e viu que o estojo estava quebrado. A rabeca em si seria aproveitável com um pequeno ajuste e algumas cordas novas, mas não via o arco em lugar nenhum.

Rojer procurou o máximo que pôde, jogando folhas e arbustos em todas as direções, com pânico crescente, mas sem sucesso. Perdera-se. Devolveu a rabeca para o estojo e estendeu uma das longas saias de Leesha, juntando dentro dela alguns itens aproveitáveis.

Uma longa brisa quebrou o silêncio, farfalhando as folhas das árvores. Rojer ergueu os olhos para o sol poente e percebeu, de repente, de um jeito que não havia entendido antes, que os dois morreriam. O que importava se tivesse uma rabeca sem arco e algumas roupas com ele quando acontecesse?

Sacudiu a cabeça. Não estavam mortos ainda e era possível evitar os terraítas por uma noite, se mantivesse a astúcia. Apertou o estojo da rabeca para se tranquilizar. Se vivessem aquela noite, poderia cortar um cacho dos cabelos de Leesha e fazer um novo arco. Os terraítas não poderiam machucá-los se estivesse com a rabeca.

Em cada lado da estrada, a floresta erguia-se escura e perigosa, e Rojer sabia que os terraítas caçavam homens antes de quaisquer outras criaturas. Eles caminhariam pela estrada. A floresta era sua maior esperança de encontrar um esconderijo ou um lugar fechado para preparar um círculo.

Como?, perguntou aquela voz odiosa. *Nunca se importou em aprender.*

Ele se aproximou de novo de Leesha, ajoelhando-se com cuidado ao seu lado. Ainda tremia, chorando em silêncio.

— Leesha — disse em voz baixa —, precisamos sair da estrada.

Ela o ignorou.

— Leesha, precisamos encontrar um esconderijo. — Ele a sacudiu. Sem resposta. — Leesha, o sol está se pondo!

O soluço parou e Leesha ergueu os olhos arregalados, assustados. Ela o encarou, preocupada, o rosto escoriado e, de novo, retorcido quando o choro voltou com força.

Porém, Rojer sabia que ele havia chamado sua atenção por um momento e recusou-se a deixá-la se fechar outra vez. Conseguia pensar em poucas coisas piores que aconteceram com ela, mas ser estraçalhada por terraítas era uma delas. Ele agarrou os ombros dela e a sacudiu com violência.

— Leesha, você precisa reagir! — gritou com ela. — Se não encontrarmos um lugar para nos escondermos logo, o sol vai nos encontrar estraçalhados pela estrada inteira de manhã!

Era uma imagem forte, intencional, e surtiu o efeito desejado quando Leesha respirou fundo, arfando, mas sem chorar. Rojer secou as lágrimas dela com a manga da camisa.

— O que faremos? — gritou Leesha, agarrando os braços dele.

Rojer novamente invocou a imagem de Marko Desbravador e desta vez ela logo veio.

— Primeiro, vamos sair da estrada — disse ele, soando confiante, mesmo sem estar. Soando como se tivesse um plano, que não existia. Leesha assentiu e ele a ajudou a levantar-se. Ela se encolheu de dor e aquilo doeu nele também.

Rojer apoiou Leesha e eles cambalearam para fora da estrada, para dentro da floresta. A luz que restava desapareceu drasticamente sob as copas das árvores e o chão estalava sob os pés com galhos e folhas secas. O lugar tinha um cheiro adocicado e enjoativo de vegetação apodrecendo. Rojer odiava florestas.

Ele varreu a mente em busca de histórias de pessoas que sobreviveram à noite ao léu, procurando palavras que soassem verdadeiras, caçando algo, qualquer coisa, que pudesse ajudá-los.

Cavernas eram a melhor saída, todas as histórias diziam. Terraítas preferiam caçar ao ar livre e uma caverna com proteções simples na entrada era mais segura que tentar se esconder. Rojer conseguia lembrar ao menos de três proteções seguidas do seu círculo. Talvez o suficiente para proteger uma entrada de caverna.

Mas Rojer não conhecia nenhuma caverna por perto nem tinha ideia de como procurar. Desesperado, olhou ao redor e percebeu o som de água corrente. De pronto, puxou Leesha naquela direção. Terraítas rastreavam pela visão, audição e olfato. Na falta de um abrigo verdadeiro, a melhor maneira de evitá-los era mascarar os sentidos. Talvez pudessem se enterrar na lama às margens do riacho.

Mas quando encontrou a fonte do som, era apenas um regato mirrado sem uma margem propriamente dita. Rojer pegou uma pedrinha e a arremessou na

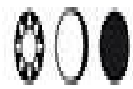
água, rosnando frustrado.

Voltou para encontrar Leesha agachada na água, que batia no tornozelo, chorando novamente enquanto se lavava. O rosto. Os seios. Entre as pernas.

— Leesha, precisamos ir… — disse ele, estendendo a mão para pegar seu braço, mas ela gritou e o empurrou, curvando-se para pegar mais água.

— Leesha, não temos tempo! — berrou ele, agarrando-a e fazendo com que ficasse em pé. Ele a arrastou de volta para a floresta, sem ideia do que buscar.

Finalmente, ele desistiu ao avistar uma pequena clareira. Não havia lugar para se esconder, então a única esperança era desenhar um círculo de proteções. Soltou Leesha e caminhou rapidamente até a clareira, tirando a camada de folhas apodrecendo para encontrar lá embaixo a terra fofa e úmida.



Os olhos baços de Leesha lentamente concentraram-se quando observou Rojer tirando folhas do chão da floresta. Recostou-se numa árvore com as pernas ainda fracas.

Poucos minutos antes, ela pensou que nunca se recuperaria do suplício, mas os terraítas prestes a se erguer eram uma ameaça tão imediata que descobriu, quase com felicidade, que eles impediam a mente de repetir à exaustão a violência sofrida anteriormente, como estava fazendo desde que os homens levaram seus pertences e partiram.

Suas bochechas pálidas estavam sujas de lama e riscadas com lágrimas. Tentou alisar o vestido rasgado, reaver um pouco da dignidade, mas a dor entre as pernas era uma lembrança constante de que sua dignidade fora violada para sempre.

— Está quase escuro! — gemeu Leesha. — O que faremos?

— Vou desenhar um círculo na terra — respondeu Rojer. — Ficará tudo bem. Vou consertar tudo — prometeu ele.

— Sabe ao menos como? — perguntou Leesha.

— Claro… eu acho — disse Rojer, sem convencer. — Fiquei com aquele círculo portátil por anos. Posso lembrar os símbolos. — Ele pegou uma vareta e começou a riscar linhas no chão, erguendo os olhos para o céu que escurecia cada vez mais enquanto ele trabalhava.

Estava sendo corajoso por ela. Leesha olhou para Rojer e sentiu uma pontada de culpa por metê-lo nessa confusão. Ele disse que tinha vinte verões, mas ela sabia que mentia em alguns anos a mais. Nunca deveria tê-lo trazido para uma jornada tão perigosa.

Sua aparência era a de quando o vira pela primeira vez, o rosto inchado e machucado, o sangue vazando do nariz e da boca. Ele limpava com a manga e fingia que não o afetava. Leesha via facilmente o fingimento, sabia que estava

tão desesperado quanto ela, mas de qualquer forma seu esforço era reconfortante.

— Acho que você não está fazendo certo — falou ela, olhando por sobre o ombro do rapaz.

— Vai ficar bom — retrucou Rojer, irritado.

— Tenho certeza de que os terraítas vão adorar — retorquiu ela, chateada pelo tom indiferente dele —, pois no fim das contas não terão bloqueio nenhum. — Ela olhou ao redor. — Poderíamos escalar uma árvore — sugeriu.

— Terraítas sobem em árvores melhor que nós.

— Que tal encontrarmos um lugar para nos escondermos?

— Procuramos o máximo que pudemos — respondeu Rojer. — Mal teremos tempo de terminar este círculo, mas ele vai nos ajudar.

— Duvido — falou Leesha, olhando para as linhas trêmulas na terra.

— Se eu estivesse com a minha rabeca… — começou Rojer.

— Não comece com essa besteira de novo — repreendeu-o Leesha, a irritação crescendo para rechaçar a humilhação e o medo. — Uma coisa é se gabar para as aprendizes, à luz do dia, que pode encantar demônios com sua rabeca, mas do que adianta levar uma mentira para o túmulo?

— Não estou mentindo! — insistiu Rojer.

— Como quiser — suspirou Leesha, cruzando os braços.

— Vai ficar tudo bem — repetiu Rojer.

— Pelo Criador, não consegue parar de mentir por um minuto? — gritou Leesha. — Não vai ficar tudo bem e você sabe disso. Terraítas não são bandoleiros, Rojer. Não vão ficar satisfeitos só com… — Ela baixou os olhos para suas saias rasgadas e a voz falhou.

O rosto de Rojer retorceu-se de dor e Leesha sabia que estava sendo dura demais. Queria atacar alguma coisa, e era fácil culpar Rojer e suas promessas exageradas pelo que aconteceu. Mas, no fundo, ela sabia que era mais culpa dela do que dele. Ele saiu de Angiers por *ela*.

Leesha olhou para o céu que escurecia e imaginou se teria tempo de pedir desculpas antes que fossem estraçalhados.

Um movimento nas árvores e nos arbustos atrás deles fez com que se virassem, apavorados. Um homem, envolto em uma túnica cinzenta, entrou na clareira. Seu rosto estava escondido nas sombras do capuz e, embora não carregasse armas, Leesha conseguia dizer por sua postura que era perigoso. Se Marick era um lobo, esse homem era um leão.

Ela se preparou, tendo a violência fresca na mente, e com honestidade imaginou, o que seria pior: outro estupro ou os demônios.

Rojer ergueu-se num instante, agarrando o braço dela e empurrando-a para trás. Ele brandiu a vareta diante de si como uma lança.

O homem ignorou os dois, partindo para ver o círculo de Rojer.

— Tem buracos na rede aqui, aqui e ali — disse ele, apontando — e isto aqui nem é uma proteção. — Ele chutou a terra ao lado de um dos símbolos grotescos.

— Pode arrumá-lo? — pediu Leesha, esperançosa, livrando-se das mãos de Rojer e aproximando-se do homem.

— Leesha, não — sussurrou Rojer em desespero, mas ela o ignorou.

O homem nem sequer olhou para ela.

— Não há tempo — respondeu ele, apontando os terraítas que já começavam a se erguer às margens da clareira.

— Ah, não — gemeu Leesha, seu rosto empalidecido.

O primeiro a se solidificar foi um demônio do vento. Ele sibilou quando os viu e agachou-se como se fosse pular, mas o homem não lhe deu tempo. Enquanto Leesha observava aterrorizada, ele saltou direto para cima do terraíta, agarrando seus braços para impedir que ele abrisse as asas. A pele do demônio chiou e esfumaçou ao seu toque.

O demônio do vento berrou e abriu sua bocarra cheia de dentes afiados como agulhas. O homem lançou a cabeça para trás, tirando o capuz, em seguida jogou-a para a frente, batendo o topo da cabeça lisa no focinho do terraíta. Uma explosão de energia e o demônio foi arremessado para trás. Ele caiu no chão, assustado. O homem estendeu os dedos, batendo com tudo na garganta do terraíta. Mais uma explosão e o sangue preto jorrou.

O homem virou-se rápido, limpando o sangue dos dedos enquanto passava a passos largos por Rojer e Leesha. Ela conseguiu ver seu rosto, embora tivesse pouco de humano nele. A cabeça era completamente raspada, até as sobrancelhas, e no lugar do cabelo havia tatuagens. Circulavam os olhos e subiam para o topo da cabeça, alinhando-se com as orelhas e cobrindo as bochechas, percorrendo inclusive a mandíbula e ao redor dos lábios.

— Meu acampamento está perto daqui — disse ele, ignorando os olhares. — Venham comigo se quiserem ver o amanhecer.

— E os demônios? — perguntou Leesha quando correram atrás dele. Como se para enfatizar a questão, um par de demônios da madeira nodosos ergueram-se para bloquear o caminho.

O homem tirou a túnica, ficando apenas com uma tanga, e Leesha viu que as tatuagens não se limitavam à cabeça. Proteções corriam pelos braços e pernas fortes em padrões intrincados, as maiores nos cotovelos e joelhos. Um círculo de proteção cobria as costas e outro no centro do peito musculoso. Cada centímetro dele tinha uma proteção.

— O Protegido — ofegou Rojer. Leesha achou o nome familiar.

— Eu cuido dos demônios — disse o homem. — Leve isto — ele ordenou, entregando a túnica para Leesha.

Ele avançou nos terraítas, virando num salto mortal e encolhendo-se para atingir os dois demônios no peito com os calcanhares. A magia explodiu com o

choque, tirando os demônios da madeira do caminho.

A corrida através das árvores foi insana. O Protegido avançava num ritmo brutal, desimpedido pelos terraítas que saltavam nele de todos os lados. Um demônio da madeira pulou sobre Leesha de uma das árvores, mas o homem estava lá para bater o cotovelo com proteções no crânio da criatura com força explosiva. Um demônio do vento mergulhou para cravar as garras em Rojer, mas o Protegido cuidou dele, dando um soco em uma das asas para esmigalhá-la.

Antes que Rojer pudesse agradecer, o Protegido já estava longe, abrindo caminho através das árvores. Rojer ajudou Leesha a manter o passo, desembaraçando a saia quando a enroscava nos arbustos.

Saíram do meio das árvores e Leesha conseguiu ver uma fogueira do outro lado da estrada: o acampamento do Protegido. Em pé, entre eles e o abrigo, havia um grupo de terraítas, inclusive um demônio da rocha gigantesco, com dois metros e meio de altura.

O demônio da rocha rugiu e bateu no peito encouraçado com punhos gigantes, sua cauda espinhosa balançando para lá e para cá. Ele derrubou outro terraítas, reivindicando a presa apenas para si.

O Protegido não demonstrou medo ao se aproximar do monstro. Deu um assovio agudo e firmou os pés, pronto para saltar quando o demônio atacasse.

Mas antes que o demônio da rocha pudesse golpear, duas pontas imensas brotaram do peito, chiando e estalando com a magia. O Protegido atacou com rapidez, batendo o calcanhar no joelho do terraíta e derrubando o monstro.

Quando o demônio despencou, Leesha viu uma forma preta monstruosa atrás dele. O animal deu um coice, libertando os chifres, em seguida recuou com um relincho, pisando com os cascos nas costas do terraíta com um estalo estrondoso de magia.

O Protegido avançou nos demônios restantes, mas os terraítas espalharam-se quando o homem se aproximou. Um demônio da chama cuspiu fogo nele, mas o homem estendeu as mãos e a rajada transformou-se numa brisa fria que passou por entre os dedos protegidos. Trêmulos de medo, Rojer e Leesha seguiram-no até o acampamento, entrando no círculo de proteção com enorme alívio.

— Dançarino das Sombras! — chamou o Protegido, assoviando novamente. O grande cavalo parou seu ataque ao demônio caído e galopou atrás deles, saltando para dentro do círculo.

Como o mestre, o Dançarino das Sombras parecia saído de um pesadelo. O garanhão era enorme, muito maior que os cavalos que Leesha já tinha visto. Sua pelagem era grossa e brilhante como o ébano, e o corpo tinha uma armadura de metal com proteções. O capacete tinha um longo par de chifres metálicos, talhados com proteções, e até mesmo os cascos pretos tinham símbolos mágicos talhados e pintados de prata. O animal gigante parecia mais um demônio que um

cavalo.

Pendurados em sua sela de couro preto havia vários suportes para armas, inclusive um arco de madeira de teixo e uma aljava de flechas, facas longas, uma boleadeira e lanças de vários tamanhos. Um escudo de metal polido, circular e convexo, ficava enganchado sobre o pito da sela, pronto para ser retirado num instante. Sua borda era talhada com proteções intrincadas.

O Dançarino das Sombras ficou parado enquanto o Protegido verificava se havia ferimentos, aparentemente despreocupado com os demônios que espreitavam a poucos metros de distância. Quando viu que sua montaria estava ilesa, o Protegido virou-se para Leesha e Rojer, que estavam nervosos no centro do círculo, ainda zonzos pelos acontecimentos dos últimos minutos.

— Atice o fogo — disse o homem para Rojer. — Tenho um pouco de carne que podemos assar e um filão de pão. — Ele seguiu até os suprimentos, esfregando o ombro.

— O senhor se machucou — disse Leesha, saindo do torpor e correndo para examinar os ferimentos. Havia um arranhão no ombro e um corte mais profundo na coxa. A pele era rija e riscada com cicatrizes, conferindo uma textura grosseira, mas nada desagradável ao toque. Ela sentiu um frêmito leve nas pontas dos dedos quando o tocou.

— Não é nada — disse o Protegido. — Às vezes, um terraíta tem sorte e risca a garra na pele antes das proteções o repelirem. — Ele tentou se afastar, pegando a túnica, mas ela não cedeu.

— Nenhum ferimento causado pelos demônios é “nada” — disse Leesha. — Sente-se e eu cuido disso — ordenou ela, empurrando-o para se sentar numa pedra. Na verdade, tinha quase tanto pavor do homem quanto dos terraítas, mas dedicara a vida a ajudar os feridos e o trabalho costumeiro tirava sua mente da dor que ainda ameaçava consumi-la.

— Tenho uma bolsa de ervas naquele alforje — comentou o homem, apontando. Leesha abriu o alforje e encontrou a bolsinha. Ela se curvou à luz da fogueira enquanto examinava o conteúdo.

— Você não teria folhas de pomo, não é? — perguntou Leesha.

O homem olhou para ela.

— Não — disse ele. — Por quê? Tem bastante raiz porcina.

— Por nada — murmurou Leesha. — Vocês, mensageiros, parecem pensar que raiz porcina é a cura para tudo. — Ela pegou a bolsa com um pilão e um pouco de água e se ajoelhou diante do homem, macerando a raiz porcina e algumas outras ervas até virarem uma pasta.

— O que faz você acreditar que sou um mensageiro? — perguntou o Protegido.

— Quem mais estaria sozinho na estrada? — devolveu a pergunta Leesha.

— Fui mensageiro anos atrás — disse o homem, sem se encolher quando ela

limpou as feridas e aplicou a pasta ardente.

Rojer apertou os olhos quando a observou espalhar o remédio nos músculos fortes.

— Você é ervanária? — perguntou ele, enquanto ela punha uma agulha no fogo e, em seguida, passava linha.

Leesha assentiu com a cabeça, mas manteve os olhos no trabalho, encaixando uma mecha grande de cabelos atrás da orelha quando se pôs a costurar o corte na coxa. Como o Protegido não fez nenhum comentário, ela ergueu os olhos para encontrar os dele. Eram escuros, as proteções ao redor faziam seus olhos parecerem tristes, fundos.

— Meu nome é Leesha e aquele fazendo o jantar é Rojer. É menestrel.

O homem meneou a cabeça para Rojer, mas, como Leesha, Rojer não conseguia manter os olhos sobre ele por muito tempo.

— Obrigada por salvar nossas vidas — falou Leesha. O homem apenas resmungou em resposta. Ela fez uma pausa breve, esperando que se apresentasse, mas ele não fez questão.

— O senhor não tem um nome? — perguntou Leesha, por fim.

— Nenhum que eu tenha usado nos últimos tempos.

— Mas tem um — insistiu Leesha. O homem apenas deu de ombros.

— Bem, então como devemos chamá-lo? — quis saber ela.

— Não vejo necessidade de me chamarem de coisa alguma — retrucou o homem. Ele percebeu que ela havia terminado seu trabalho e afastou-se do toque da ervanária, cobrindo-se novamente dos pés à cabeça com a túnica cinzenta. — Não me devem nada. Eu teria ajudado qualquer um no lugar de vocês. Amanhã levo-os em segurança até o Tronco do Fazendeiro.

Leesha olhou para Rojer ao lado do fogo, em seguida se voltou para o Protegido.

— Acabamos de sair do Tronco — disse ela. — Precisamos chegar à Clareira do Lenhador. Pode nos levar até lá?

O capuz cinzento negou com a cabeça.

— Mas voltar ao Tronco vai nos custar uma semana, no mínimo! — gritou Leesha.

O Protegido ergueu os ombros.

— Não é problema meu.

— Podemos pagar — deixou escapar Leesha. O homem olhou para ela e Leesha desviou o olhar, sentindo-se culpada. — Não agora, claro — consertou. — Fomos atacados por bandoleiros na estrada. Levaram nosso cavalo, círculo, dinheiro, até nossa comida. — A voz dela suavizou-se. — Levaram… tudo. — Ela ergueu os olhos. — Mas assim que chegarmos à Clareira do Lenhador poderei pagar.

— Não preciso de dinheiro — disse o Protegido.

— Por favor! — implorou Leesha. — É urgente!

— Sinto muito — disse o Protegido.

Rojer aproximou-se deles, fechando a cara.

— Tudo bem, Leesha. Se esse coração de pedra não vai nos ajudar, daremos um jeito.

— Que jeito? — perguntou Leesha, irritada. — Sermos mortos enquanto você tenta segurar os demônios com sua rabeca estúpida?

Rojer afastou-se, magoado, mas Leesha ignorou-o, voltando-se para o homem.

— Por favor — implorou ela, agarrando os braços quando ele também se afastou. — Um mensageiro veio até Angiers três dias atrás com a notícia de uma epidemia que se espalhou pela Clareira. Já matou uma dúzia de pessoas, inclusive a maior ervanária que já existiu. As ervanárias que ficaram na aldeia não darão conta de tratar todos. Precisam de minha ajuda.

— Então não quer apenas que eu saia da minha rota, quer que eu vá para uma vila *enfestada* com uma epidemia? — perguntou o Protegido, sem um pingo de disposição na voz.

Leesha começou a chorar, caindo de joelhos enquanto agarrava a túnica do homem.

— Meu pai está muito doente — sussurrou ela. — Se eu não chegar logo, ele pode morrer.

O Protegido estendeu a mão, hesitante, e pousou-a no ombro dela. Leesha não sabia como tocá-lo, mas sentia que havia mexido com ele.

— Por favor — repetiu ela.

O Protegido olhou para ela por um bom tempo. Por fim, ele disse:

— Está bem.

A Clareira do Lenhador ficava a seis dias de cavalgada saindo do Forte Angiers, na margem sul da floresta angieriana. O Protegido disse-lhes que levaria quatro noites para chegar à aldeia. Três, se apressassem o passo e avançassem bem. Ele cavalgava ao lado dos dois, reduzindo o grande garanhão ao passo deles a pé.

— Vou sondar a estrada — disse ele após um tempo. — Volto em uma hora mais ou menos.

Leesha sentiu uma pontada de medo gélido quando ele bateu os calcanhares nos flancos do garanhão e galopou para fora da estrada. O Protegido assustava quase tanto quanto bandoleiros e terraítas, mas ao menos na sua presença ela ficava segura contra essas outras ameaças.

Ela não dormira e seus lábios latejavam por todas as vezes que os havia mordido para impedir o choro. Havia esfregado cada centímetro do corpo após

eles dormirem, mas ainda se sentia suja.

— Ouvi histórias sobre esse homem — falou Rojer. — Eu mesmo criei algumas. Pensei que fosse apenas um mito, mas não há como ter dois homens com o corpo marcado desse jeito, que matam terraítas com as mãos limpas.

— Você o chamou de Protegido — comentou Leesha, lembrando-se. Rojer assentiu.

— É assim que o chamam nas histórias. Ninguém sabe seu nome — explicou. — Ouvi falar dele há mais de um ano, quando um dos menestréis do duque passou pelos lugarejos ocidentais. Pensei que era apenas uma história de bebedeira, mas parece que o homem do duque falou a verdade.

— O que ele disse? — quis saber Leesha.

— Que o Protegido vagava nu pela noite, caçando demônios — respondeu Rojer. — Ele evita contato com seres humanos, aparecendo apenas quando precisa de suprimentos e paga tudo com ouro antigo. Às vezes, surgem histórias de resgate de pessoas na estrada.

— Bem, somos testemunhas vivas — disse Leesha. — Mas, se pode matar demônios, por que ninguém tentou aprender seus segredos?

Rojer deu de ombros.

— Segundo as lendas, ninguém ousa. Mesmos os duques têm pavor dele, especialmente depois do que aconteceu em Lakton.

— O que aconteceu? — perguntou Leesha.

— Diz a história que os mestres de doca de Lakton mandaram espiões para roubar suas proteções de combate. Uma dúzia de homens, todos armados e de armadura. Os que não morreram por suas mãos ficaram aleijados para sempre.

— Pelo Criador! — arfou Leesha, cobrindo a boca. — Com que tipo de monstro estamos viajando?

— Alguns dizem que ele é parte demônio — concordou Rojer —, resultado de uma mulher estuprada por um terraíta na estrada.

Ele teve um sobressalto, o rosto corando quando percebeu o que havia dito, mas suas palavras impensadas tiveram o efeito oposto, quebrando o feitiço do medo.

— Isso é ridículo — falou ela, sacudindo negativamente a cabeça.

— Outros dizem que ele não é demônio — continuou Rojer —, mas o próprio Salvador que veio exterminar a Praga. Sacerdotes têm rezado para ele e implorado por sua bênção.

— Prefiro acreditar que seja metade terraíta — comentou Leesha, embora soasse pouco segura.

Continuaram a viagem num silêncio desconfortável. Um dia antes, Leesha não era capaz de ter um momento de paz com Rojer, o menestrel tentando o tempo todo impressioná-la com suas histórias e músicas, mas agora mantinha os olhos baixos, taciturno. Leesha sabia que estava ferido e parte dela queria oferecer

conforto, mas uma parte maior precisava ser reconfortada. Ela não tinha nada a oferecer.

Pouco depois, o Protegido cavalgou de volta.

— Vocês caminham muito devagar — disse ele, apeando. — Se quiserem se poupar de uma quarta noite na estrada, precisaremos percorrer cinquenta quilômetros hoje. Vocês dois cavalgam, eu acompanho correndo.

— Não deveria correr — disse Leesha. — Vai abrir os pontos que dei na sua coxa.

— Está tudo curado — afirmou o Protegido. — Precisei apenas de uma noite de descanso.

— Bobagem — falou Leesha. — Aquele corte tinha uns três dedos de profundidade.

Como se para provar seu ponto de vista, ela foi até o Protegido e ajoelhou-se, erguendo a túnica solta sobre a perna musculosa e coberta por runas.

Porém, quando retirou a bandagem para examinar o ferimento, seus olhos arregalaram-se, perplexos. Pele nova, rosada, havia crescido para fechar o ferimento, seus pontos projetando-se da pele curada.

— É impossível — disse ela.

— Foi só um arranhão — confirmou o Protegido, deslizando uma lâmina afiada pelos pontos e puxando-os um a um. Leesha abriu a boca, mas o Protegido levantou-se e voltou ao Dançarino das Sombras, tomando as rédeas e entregando-as para ela.

— Obrigada — disse ela, entorpecida, e pegou as rédeas. Num instante, tudo que sabia sobre cura foi desafiado. Quem era esse homem? *O que* era ele?

O Dançarino das Sombras seguiu a meio-galope pela estrada e o Protegido andava ao lado em passos largos, incansáveis, facilmente acompanhando o cavalo enquanto os quilômetros dissolviam-se sob os pés protegidos. Quando descansaram, foi por desejo de Rojer e Leesha, não por ele. Leesha o observava com sutileza, buscando sinais de fadiga, sem sucesso. Quando finalmente montaram acampamento, seu fôlego era suave e regular enquanto alimentava e dava água para o cavalo, e ela e Rojer gemiam e esfregavam as partes doloridas dos membros.

Um silêncio desconfortável parou em volta da fogueira. Era quase noite, mas o Protegido caminhava tranquilamente ao redor, coletando lenha e retirando o capacete do Dançarino das Sombras, escovando o grande garanhão. Ele saiu do círculo do cavalo para o deles sem pensar nos demônios da madeira que o espreitavam. Um saltou sobre ele detrás de um arbusto, mas o Protegido nem se abalou quando a besta bateu nas proteções a poucos centímetros de suas costas.

Enquanto Leesha preparava o jantar, Rojer manquitolava pelo círculo, tentando aliviar a tensão de um dia de cavalgada forte.

— Acho que minhas bolas estouraram com todo aquele balanço —

resmungou.

— Se quiser, eu dou uma olhada — comentou Leesha. O Protegido bufou.

Rojer olhou para ela, tristonho.

— Vai ficar tudo bem — garantiu ele, continuando a caminhar. Parou de repente um momento depois, encarando a estrada.

Todos olharam para cima, vendo a luz laranja assustadora da boca do demônio da chama e seus olhos muito antes de o terraíta ser visto por inteiro, gritando e correndo a toda velocidade com as quatro patas.

— Como é que os demônios da chama não queimam a floresta inteira? — pensou Rojer em voz alta, observando os filetes de fogo atrás da criatura.

— Vai descobrir daqui a pouco — disse o Protegido. Rojer discerniu um tom divertido na voz, ainda mais perturbador que os sons monótonos de costume.

Mal aquelas palavras foram pronunciadas e uivos anunciaram a aproximação de um bando de demônios da madeira, três dos fortes, correndo pela estrada atrás do demônio da chama. Um deles tinha outro demônio da chama pendurado na bocarra, que pingava sangue preto.

Tão ocupado estava o demônio da chama em ultrapassar seus perseguidores que deixou de notar os outros demônios da madeira reunindo-se nos arbustos, às margens da estrada, até um atacar, prendendo a criatura infeliz e eviscerando-a com suas garras traseiras. Ela urrava de um jeito horripilante e Leesha cobriu os ouvidos.

— Os da madeira odeiam demônios da chama — explicou o Protegido quando tudo acabou, seus olhos reluzindo de prazer com a matança.

— Por quê? — questionou Rojer.

— Porque os demônios da madeira são vulneráveis à lava das trevas — comentou Leesha. O Protegido olhou para ela, surpreso, em seguida assentiu.

— Então por que os demônios da chama não botam fogo neles? — quis saber Rojer.

O Protegido riu e disse:

— Às vezes acontece, mas, inflamáveis ou não, não há demônio da chama vivo que se iguale numa luta com um demônio da madeira. Os da madeira só perdem em força para os demônios da rocha e são quase invisíveis às margens da floresta.

— O Grande Plano do Criador. Pesos e medidas — concluiu Leesha.

— Besteira — contestou o Protegido. — Se o demônio da chama queimasse tudo, não restaria nada para caçarem. A natureza encontrou uma maneira de resolver o problema.

— Não acredita no Criador? — perguntou Rojer.

— Já temos problemas suficientes — respondeu o Protegido e sua carranca deixou claro que não tinha desejo de dar continuidade ao assunto.

— Algumas pessoas chamam o senhor de Salvador — arriscou a dizer Rojer.

O Protegido bufou mais uma vez.

— Não há Salvador vindo nos resgatar, menestrel. Se quiser demônios mortos neste mundo, terá de matá-los.

Como se numa reação, o demônio do vento despencou sobre a rede protetora do Dançarino das Sombras, enchendo a área com um breve estouro de luz. O garanhão raspava a terra com os cascos, como se estivesse ávido para saltar do círculo e combater, mas ficou no lugar, esperando o comando do mestre.

— Como o cavalo fica tão tranquilo? — perguntou Leesha. — Até os mensageiros prendem os cavalos à noite para impedir que fujam, mas o seu parece *querer* lutar.

— Treinei o Dançarino das Sombras desde que era um potro. Sempre foi protegido, então nunca temeu os terraítas. Seu pai era a maior e mais agressiva fera que eu encontrei, assim como a mãe.

— Mas pareceu tão gentil quando o cavalgamos — comentou Leesha.

— Ensinei a canalizar suas pulsões agressivas — comentou o Protegido, o orgulho evidente em seu tom normalmente indiferente. — Ele retribui gentileza, mas se é ameaçado, ou se alguém me ameaça, ataca sem hesitar. Uma vez esmagou o crânio de um javali que com certeza teria me destroçado.

Quando terminaram com os demônios da chama, os demônios da madeira começaram a rondar as proteções, aproximando-se cada vez mais. O Protegido encordoou o arco de teixo e tirou sua aljava de flechas com pontas fortes, mas ignorou as criaturas quando elas se lançaram contra a barreira e foram jogadas para trás. Quando acabaram a refeição, ele escolheu uma flecha não marcada e pegou uma ferramenta de entalhe do estojo de proteção, inscrevendo proteções lentamente no cabo.

— Se não estivéssemos aqui… — perguntou Leesha.

— Eu estaria lá fora — comentou o Protegido, sem erguer os olhos. — Caçando.

Leesha assentiu e ficou quieta por um tempo, observando-o. Rojer mexeu-se desconfortavelmente por conta da óbvia fascinação dela.

— Já passou pela minha terra? — perguntou Leesha suavemente.

O Protegido olhou para ela, curioso, mas não respondeu.

— Se veio do sul, deve ter passado pela Clareira — disse Leesha.

O Protegido balançou a cabeça negativamente.

— Contornei os vilarejos — disse ele. — A primeira pessoa que me visse correria e logo eu encontraria um monte de homens irritados com forcados nas mãos.

Leesha quis protestar, mas sabia que o povo da Clareira do Lenhador agiria do jeito que ele descreveu.

— Eles só têm medo — disse, não muito convencida.

— Eu sei. E por isso eu os deixo em paz. Existem mais coisas no mundo que

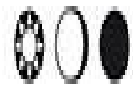
lugarejos e cidades, e se o preço de uma coisa é perder a outra… — Ele deu de ombros. — Deixe as pessoas esconderem-se em suas casas, engaioladas como frangos. Covardes não merecem coisa melhor.

— Então por que nos salvou dos demônios? — questionou Rojer.

— Porque vocês são seres humanos e eles abominações — disse o Protegido. — E porque vocês lutaram para sobreviver até o último minuto.

— O que mais poderíamos ter feito? — perguntou Rojer.

— Ficariam espantados em quantas pessoas simplesmente se deitam e esperam o fim — respondeu o Protegido.



Percorreram em bom ritmo o quarto dia fora de Angiers. Nem o Protegido tampouco seu cavalo pareciam sentir a fadiga, o Dançarino das Sombras alcançando facilmente a corrida galopante do mestre.

Quando finalmente montaram acampamento, Leesha fez uma sopa rala com os suprimentos restantes do Protegido, mas a refeição mal encheu a barriga deles.

— O que vamos fazer sobre a comida? — perguntou ela quando o restante desapareceu pela garganta de Rojer.

O Protegido deu de ombros.

— Não planejava companhia — disse ele, recostando-se cuidadosamente para pintar proteções nas unhas.

— Mais dois dias de viagem é muito para percorrer sem comida — lamentou-se Rojer.

— Se quiser cortar a viagem pela metade — disse o Protegido, soprando a unha para secá-la —, teremos de viajar à noite também. O Dançarino das Sombras consegue ultrapassar a maior parte dos terraítas e eu posso matar o restante.

— Perigoso demais — falou Leesha. — Não adiantará nada para a Clareira do Lenhador se formos todos mortos. Teremos que viajar com fome.

— Não vou sair das proteções à noite — concordou Rojer, esfregando o estômago com amargura.

O Protegido apontou para o terraíta cercando o acampamento.

— Poderíamos comer aquilo ali.

— Não pode estar falando sério! — gritou Rojer, enojado.

— Só de *pensar* fico enjoada — concordou Leesha.

— Na verdade, não é tão ruim — comentou o homem.

— Você já *comeu* mesmo um demônio? — perguntou Rojer.

— Faço o que preciso para sobreviver.

— Bem, eu não vou comer carne de demônio de jeito nenhum — afirmou

Leesha.

— Nem eu — concordou Rojer.

— Muito bem. — O Protegido suspirou, levantando-se para pegar seu arco, uma aljava de flechas e uma longa lança. Ele tirou a túnica, revelando a pele com proteções, e foi até a beirada do círculo. — Vamos ver o que consigo caçar.

— Não precisa…! — gritou Leesha, mas o homem a ignorou. Um momento depois, ele desapareceu na noite.

Levou uma hora para voltar, carregando um par gorducho de coelhos pelas orelhas. Entregou a caça para Leesha e voltou a se sentar, pegando o pincelzinho de proteção.

— Você toca música? — perguntou a Rojer, que acabara de encordoar outra vez a rabeca e estava dedilhando as cordas, ajustando a tensão.

Rojer teve um sobressalto com a pergunta.

— S-sim — disse ele.

— Vai tocar alguma coisa? — perguntou o Protegido. — Não consigo me lembrar da última vez que ouvi música.

— Tocaria, mas os bandidos chutaram meu arco para dentro da floresta — comentou Rojer com tristeza.

O homem assentiu com a cabeça e ficou pensativo por um instante. Em seguida, ergueu-se, de repente, pegando uma faca grande. Rojer afastou-se, mas o homem apenas saiu do círculo. Um demônio da madeira chiou para ele, mas o Protegido sibilou de volta e o demônio afastou-se.

Ele voltou logo em seguida com um galho flexível, raspando as cascas com a lâmina afiada.

— De que tamanho era? — perguntou.

— Vi-vinte centímetros — gaguejou Rojer.

O Protegido assentiu, cortando o ramo no tamanho adequado e caminhando até o Dançarino das Sombras. O garanhão não reagiu quando ele cortou uns fios de cabelo da cauda. Ele talhou a madeira e amarrou o pelo do cavalo com força num dos lados. Ajoelhou-se ao lado de Rojer, curvando o galho.

— Diga quando a tensão estiver boa — pediu o Protegido, e Rojer pousou os dedos da mão mutilada no pelo. Quando ficou satisfeito, amarrou a outra ponta e entregou para o menestrel.

Rojer abriu um largo sorriso com o presente, tratando-o com resina antes de pegar a rabeca. Encaixou o instrumento no queixo e tirou alguns acordes com o novo arco. Não era ideal, mas sua confiança cresceu, parando para afinar mais uma vez antes de começar a tocar.

Seus dedos habilidosos encheram o ar com uma melodia melancólica que levou os pensamentos de Leesha para a Clareira do Lenhador, imaginando seu destino. A carta de Vika tinha quase uma semana. O que encontraria quando chegasse? Talvez a epidemia já tivesse passado e esse martírio desesperado não

teria servido de nada.

Ou talvez precisassem dela mais que nunca.

A música tocou o Protegido também, ela percebeu, pois as mãos dele pararam seu trabalho cuidadoso e ele encarou o vazio da noite. Sombras cobriram seu rosto, obscurecendo as tatuagens, e ela viu naquele semblante que fora belo no passado. Que dores o impulsionaram àquela existência, marcando-se e afastando-se de sua espécie, preferindo a companhia de terraítas? Flagrou-se ansiosa para curá-lo, embora ele não apresentasse ferimento algum.

De repente, o homem sacudiu a cabeça como se para desanuviá-la, tirando Leesha de seus devaneios. Apontou para escuridão.

— Olhe — sussurrou ele. — Estão dançando.

Leesha olhou espantada, pois, de fato, os terraítas tinham parado de testar as proteções, parado até mesmo de chiar e gritar. Circundaram o acampamento, balançando no ritmo da música. Os demônios da chama saltavam e giravam, soltando trilhas de fogo que espiralavam de seus membros nodosos, e os demônios do vento piruetavam e pairavam pelo ar. Os demônios da madeira saíam dos esconderijos na floresta, mas ignoravam os demônios da chama, atraídos pela música.

O Protegido olhou para Rojer.

— Como faz isso? — perguntou ele com espanto na voz.

Rojer sorriu e respondeu:

— Os terraítas têm ouvido musical. — Ergueu-se, caminhando até a beirada do círculo. Os demônios reuniram-se ali, observando-o com atenção. Rojer começou a caminhar pelo perímetro do círculo e eles o seguiram, hipnotizados. Parou e caminhou de um lado para o outro enquanto tocava e os terraítas imitavam seus movimentos quase exatamente.

— Não acreditei em você — disse Leesha, em silêncio. — Você pode *mesmo* encantá-los.

— E não é tudo — gabou-se Rojer. Com uma virada e uma série de notas agudas com o arco, ele azedou a melodia; apenas notas puras, mas dissonantes e corrompidas. De repente, os terraítas estavam gritando de novo, cobrindo os ouvidos com as garras e afastando-se aos tropeços de Rojer. Afastavam-se cada vez mais enquanto o ataque musical continuava, desaparecendo nas sombras além da luz da fogueira. — Eles não vão longe. Assim que eu parar estarão de volta.

— Que mais consegue fazer? — perguntou o Protegido.

Rojer sorriu, tão contente em tocar para duas pessoas quanto ficava diante de uma multidão esfuziante. Ele suavizou a música novamente, as notas caóticas naturalmente voltando à melodia melancólica. Os terraítas reapareceram, atraídos pelas música outra vez.

— Vejam isso. — Rojer mudou novamente o som, as notas chegando às

alturas, ásperas, fazendo com que até Leesha e o Protegido cerrassem os dentes e se afastassem.

A reação dos terraítas foi mais pronunciada. Ficaram cada vez mais enfurecidos, berrando e rugindo ao se lançarem na barreira com violência. Cada vez mais as proteções avivavam-se e lançavam-nos para trás, mas os demônios não cediam, debatendo-se contra a rede protetora numa tentativa insana de alcançar Rojer e silenciá-lo para sempre.

Dois demônios da rocha juntaram-se ao apinhamento, abrindo caminho entre eles e espancando as proteções, enquanto mais chegavam para ameaçar. O Protegido ergueu-se em silêncio atrás de Rojer e ergueu o arco.

A corda zuniu e uma das flechas de ponta grossa explodiu no peito do demônio da rocha mais próximo como um raio de luz, iluminando a área por um momento. Repetidamente, o Protegido alvejou a horda. Os tiros com proteções jogavam os terraítas para trás e os poucos que voltavam a se erguer eram rapidamente estraçalhados pelos seus iguais.

Rojer e Leesha ficaram horrorizados com o massacre. O arco do menestrel deslizou das cordas da rabeca, pendendo esquecido na mão mutilada, e ele observou o Protegido trabalhar.

Os demônios ainda gritavam, mas agora de dor e medo; seu desejo de atacar as proteções desapareceu com a música. Ainda assim, o Protegido atirava, sem parar, até suas flechas acabarem. Ele agarrou uma lança, arremessou-a e atingiu um demônio da madeira nas costas.

Era o caos, os poucos terraítas restantes desesperados para escapar. O Protegido arrancou a túnica, pronto para saltar do círculo e matar demônios com as mãos.

— Não, por favor! — gritou Leesha, jogando-se para cima dele. — Eles estão fugindo!

— Quer poupá-los? — vociferou o Protegido, olhando-a com ódio, seu rosto medonho com a ira. Ela caiu para trás de medo, mas manteve os olhos nele.

— Por favor — implorou Leesha. — Não vá lá fora.

Leesha temeu que pudesse agredi-la, mas apenas a encarou com a respiração ofegante. Por fim, depois do que pareceu uma eternidade, ele se acalmou e pegou a túnica, cobrindo novamente as suas proteções.

— Era necessário? — perguntou ela, rompendo o silêncio.

— O círculo não foi projetado para segurar tantos terraítas de uma vez — disse o Protegido, a voz fria e monocórdica outra vez. — Não sei se teria aguentado.

— Era só ter me pedido para parar de tocar — falou Rojer.

— Sim — concordou o Protegido. — Tem razão.

— Então por que não pediu? — questionou Leesha.

O Protegido não respondeu. Saiu do círculo e começou a arrancar as flechas dos cadáveres das trevas.

Leesha estava quase dormindo, tarde da noite, quando o Protegido aproximou-se de Rojer. O menestrel, encarando os demônios caídos, saltou assustado quando o homem se agachou perto dele.

— Você tem poderes sobre os terraítas — falou ele.

Rojer deu de ombros e respondeu:

— O senhor também. Mais do que eu jamais imaginei ter.

— Pode me ensinar? — perguntou o Protegido.

Rojer virou-se para ele, fitando os olhos penetrantes do homem.

— Por quê? O senhor mata demônios aos montes. Meu truque não é nada comparado a isso.

— Pensei que conhecia meus inimigos — disse o Protegido. — Mas você me mostrou que não.

— Acha que talvez não sejam de todo ruins, já que conseguem apreciar música? — questionou Rojer.

O Protegido sacudiu a cabeça e respondeu:

— Não são defensores das artes, menestrel. No momento que parasse de tocar, eles o matariam sem hesitar.

Rojer concordou com ele.

— Então, para que se incomodar? Aprender a tocar rabeca dá trabalho até conseguir encantar as feras que o senhor mata com facilidade.

O semblante do Protegido ficou sério.

— Vai me ensinar ou não? — questionou ele.

— Vou… — disse Rojer, refletindo. — Mas quero algo em troca.

— Tenho muito dinheiro — garantiu o Protegido.

Rojer acenou, com desdém, e falou:

— Posso conseguir dinheiro sempre que precisar. O que quero é mais valioso.

O Protegido não disse palavra.

— Quero viajar com o senhor — disse Rojer.

O Protegido negou com a cabeça.

— Nem pensar.

— Não se aprende rabeca do dia para a noite — argumentou Rojer. — Levará semanas para ficar razoável e vai precisar de mais habilidade que isso para encantar o terraíta menos exigente.

— E o que você ganha com isso? — perguntou o Protegido.

— Material para histórias que vão encher o anfiteatro do duque noite após noite — confessou Rojer.

— E quanto a ela? — quis saber o Protegido, meneando a cabeça na direção de Leesha. Rojer olhou para a ervanária, seu peito subindo e descendo levemente

enquanto dormia, e o Protegido não se furtou ao significado daquele olhar.

— Ela me pediu para escoltá-la até em casa, nada mais — falou Rojer por fim.

— E se ela pedir para você ficar?

— Não vai — comentou Rojer em voz baixa.

— Minha estrada não é uma história de Marko Desbravador, garoto — disse o Protegido. — Não posso perder tempo com alguém que se esconde à noite.

— Tenho minha rabeca agora — disse Rojer com mais valentia do que realmente sentia. — Não tenho medo.

— Vai precisar de mais do que coragem — retrucou o Protegido. — Na vida selvagem, você mata ou morre, e não falo apenas dos demônios.

Rojer endireitou-se, engolindo seco.

— Todo o mundo que tenta me proteger acaba morto — disse ele. — Chegou a hora de eu aprender a me proteger.

O Protegido recostou-se, observando o jovem menestrel.

— Venha comigo — disse ele, por fim, erguendo-se.

— Fora do círculo? — questionou Rojer.

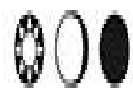
— Se não conseguir, não terá serventia para mim — retorquiu o Protegido. Quando Rojer olhou ao redor, desconfiado, ele acrescentou: — Cada terraíta em quilômetros já soube o que fiz com os outros. Duvido que veremos mais deles hoje à noite.

— E Leesha? — perguntou Rojer, erguendo-se com vagar.

— O Dançarino das Sombras vai protegê-la, se for necessário. Agora venha.

Ele saiu do círculo e desapareceu dentro da noite.

Rojer praguejou, mas agarrou sua rabeca e seguiu o homem pela estrada.



Rojer agarrou com firmeza o estojo da rabeca enquanto se moviam através das árvores. Ele fez que tiraria o instrumento, mas o Protegido acenou para não fazê-lo.

— Vai atrair atenção que não queremos — sussurrou ele.

— Pensei que tinha dito que não veríamos mais terraítas hoje à noite — chiou Rojer de volta, mas o Protegido ignorou-o, atravessando a escuridão como se fosse dia claro.

— Aonde estamos indo? — perguntou Rojer pela centésima vez.

Escalaram o morro e o Protegido deitou-se, apontando para baixo.

— Olhe lá — disse ele para Rojer. Lá embaixo, Rojer conseguiu ver três homens muito familiares dormindo e um cavalo dentro do confinamento estreito de um círculo portátil ainda mais familiar.

— Os bandoleiros — murmurou Rojer. Uma torrente de emoções inundou-o;

medo, ódio e desespero. E, na sua mente, reviveu o martírio que ele e Leesha sofreram. O silêncio e o p ânico imperavam em seu sono.

— Estou rastreando esses homens desde que encontrei vocês — disse o Protegido. — Avistei a fogueira enquanto caçava hoje mais cedo.

— Por que me trouxe até aqui? — perguntou Rojer.

— Pensei que talvez gostasse de ter uma chance de recuperar seu círculo — respondeu o Protegido.

Rojer baixou os olhos para ele.

— Se roubarmos o círculo enquanto estiverem dormindo, os terraítas os matarão antes que saibam o que está acontecendo.

— Há poucos demônios — disse o Protegido. — Terão chances melhores.

— Mesmo assim, você acha que eu iria arriscar? — perguntou Rojer.

— Eu observo e ouço — comentou o homem. — Sei o que fizeram com você… e com Leesha.

Rojer ficou em silêncio por um bom tempo.

— São três lá embaixo — falou por fim.

— E aqui é a floresta. Se quiser viver em segurança, volte para a cidade — falou o Protegido, cuspindo a última palavra como um insulto.

Mas Rojer sabia que também não havia segurança na civilização. Sem querer, viu Jaycob escangalhado no chão e ouviu a gargalhada de Jasin. Podia ter procurado justiça depois do ataque, mas escolheu fugir. Estava sempre fugindo e deixando os outros morrerem no seu lugar. A mão buscou o talismã que já não estava mais lá e ele encarou a fogueira.

— Fiz mal? — perguntou o Protegido. — Vamos voltar?

Rojer engoliu seco.

— Voltaremos ao acampamento assim que tivermos de volta o que me pertence — decidiu ele.

28
SEGREDOS
– 332 DR –

LEESHA ACORDOU AO SOM DE UM LEVE RELINCHAR. Abriu os olhos para ver Rojer escovando a égua castanha que tinham comprado em Angiers e, por um momento, ousou pensar que os dois últimos dias não haviam passado de sonho.

Mas o Dançarino das Sombras apareceu, um garanhão gigante ao lado da égua, e tudo voltou à sua mente.

— Rojer — chamou Leesha baixinho —, como minha égua chegou aqui?

Rojer abriu a boca para responder, mas o Protegido chegou a passos largos no acampamento, com dois pequenos coelhos e um punhado de maçãs.

— Vi a fogueira dos seus amigos na noite passada — explicou ele — e pensei que viajaríamos mais rápido se estivéssemos todos a cavalo.

Leesha ficou em silêncio por um bom tempo, digerindo as notícias. Dezenas de emoções correram por sua cabeça, muitas delas vergonhosas e desagradáveis. Rojer e o Protegido deram-lhe tempo e ela ficou feliz com aquilo.

— Vocês os mataram? — ela perguntou, por fim. Uma parte fria dela queria

que ele confirmasse, embora fosse contra tudo o que acreditava; tudo que Bruna lhe ensinara.

O Protegido olhou-a nos olhos e disse:

— Não. — Um alívio imenso invadiu a mulher. — Eu os espantei tempo o bastante para roubarmos o cavalo, só isso.

Leesha assentiu.

— Mandaremos notícias deles ao magistrado do duque com o próximo mensageiro que passar pela Clareira.

Sua capa de ervas estava mal-enrolada e amarrada à sela. Ela a abriu e examinou, e ficou mais tranquila ao ver todos os frascos e bolsas intactos. Tinham fumado toda a erva-tampão, mas era algo fácil de repor.

Após o desjejum, Rojer cavalgou a égua, enquanto Leesha montou o Dançarino das Sombras atrás do Protegido. Viajaram com rapidez, pois as nuvens acumulavam-se e ameaçavam uma chuva.

Leesha sentiu como se tivesse o que temer. Os bandidos estavam vivos e seguiam à frente. Lembrou-se do rosto malicioso do barba preta e da risada estridente do companheiro. Pior de tudo, lembrava-se do peso terrível e do desejo silencioso e violento do mudo.

Devia ter medo, mas não teve. Ainda mais que Bruna, o Protegido a fazia se sentir segura. Ele não se fatigava, não temia. Ela sabia, sem dúvida, que nenhum mal poderia lhe acontecer enquanto estivesse sob sua proteção.

Proteção. Era uma sensação estranha essa de precisar de proteção, como algo vindo de outra vida. Protegeu por tanto tempo que se esquecera de como era. Suas habilidades e astúcia foram o bastante para mantê-la em segurança nos lugares civilizados, mas tudo isso tinha pouco valor fora da civilização.

O Protegido se mexeu e ela percebeu que apertara as mãos ao redor da cintura do homem, chegando perto com a cabeça descansada sobre o ombro dele. Ela se afastou, tão surpresa em seu embaraço que quase não viu a mão caída no arbusto, ao lado da estrada.

Quando viu, ela gritou.

O Protegido parou e Leesha praticamente caiu do cavalo, correndo até o local. Ela abriu os arbustos, arfando, quando percebeu que a mão não estava grudada em nada; fora arrancada por uma mordida.

— Leesha, o que foi? — gritou Rojer quando ele e o Protegido correram até ela.

— Estavam acampados perto daqui? — perguntou Leesha, segurando a mão solta. O Protegido assentiu e ela ordenou: — Me levem até lá.

— Leesha, do que adianta… — começou Rojer, mas ela o ignorou com os olhos fixos no Protegido.

— Me. Levem. Até. Lá — repetiu ela, enfática. O Protegido meneou a cabeça, batendo a estaca e prendendo as rédeas da égua.

— Guarda — disse ele para o Dançarino das Sombras, e o garanhão relinchou.

Encontraram o acampamento pouco depois, lavado de sangue e com corpos comidos pela metade. Leesha ergueu o avental para cobrir a boca e evitar o fedor. Rojer teve ânsia e correu da clareira.

Mas Leesha não estranhava o sangue.

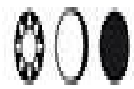
— Apenas dois — disse ela, examinando os restos com os sentimentos confusos demais para começar a identificá-los.

O Protegido assentiu.

— Falta o mudo. O gigante.

— Sim. E o círculo também.

— O círculo também — concordou o Protegido depois de um instante.



As nuvens pesadas continuavam a se juntar quando voltaram aos cavalos.

— Tem uma caverna de mensageiros a uns quinze quilômetros daqui — disse o Protegido. — Se acelerarmos o passo e não almoçarmos, conseguiremos chegar lá antes da chuva. Teremos que nos abrigar até que a tempestade passe.

— O homem que mata terraítas com as próprias mãos tem medo de uma chuvinha? — questionou Leesha.

— Se as nuvens fecharem o céu, talvez os terraítas surjam mais cedo — o Protegido alertou.

— Desde quando tem medo de terraítas? — insistiu Leesha.

— É estúpido e perigoso lutar na chuva. A chuva forma lama, e a lama tampa proteções e deixa tudo escorregadio.

Mal chegaram à caverna e a tempestade despencou. Torrentes de chuva enlamearam a estrada e o céu escureceu, exceto pelos relâmpagos ocasionais. O vento uivava contra eles, enfatizado pelo trovão estrondoso.

Grande parte da entrada da caverna já estava com proteções, símbolos de poder talhados na rocha, e o Protegido rapidamente protegeu o restante com um punhado de pedras protetoras deixadas lá dentro.

Como o Protegido previra, alguns demônios ergueram-se mais cedo na falsa escuridão. Ele observou, sombrio, enquanto saíam das partes mais escuras da floresta, saboreando sua evasão precoce das Profundas. Os breves brilhos dos relâmpagos delineavam as formas sinuosas que festejavam sob a chuva.

Tentaram invadir a caverna, mas as proteções seguraram-nos bem. Aqueles que se aventuravam a chegar perto demais se arrependiam porque eram recebidos com uma fustigada da lança de um irritado Protegido.

— Por que está tão nervoso? — perguntou Leesha ao puxar tigelas e colheres da bolsa, enquanto Rojer trabalhava para acender uma pequena fogueira.

— Já é ruim eles virem à noite — disse o Protegido, cuspindo. — Não têm

direito de chegar de dia.

Leesha sacudiu a cabeça e aconselhou:

— Seria mais feliz se simplesmente aceitasse o fato.

— Não quero ser feliz — retrucou ele.

— Todo o mundo quer ser feliz — repreendeu Leesha. — Onde está o caldeirão?

— Na minha bolsa. Eu pego — respondeu Rojer. — Não! — gritou ele, mas, quando ficou em pé às pressas, viu que era tarde demais. Leesha puxou o círculo portátil com um arfar.

— Mas… — gaguejou ela— … eles levaram isso!

Ela olhou para Rojer e viu os olhos voltarem-se para o Protegido. Ela se virou para ele, mas não viu nada sob as sombras do seu capuz.

— Alguém pode me explicar? — exigiu.

— Nós… pegamos de volta — disse Rojer, envergonhado.

— Sei que vocês pegaram de volta! — gritou Leesha, batendo a espiral de corda e as placas de madeira no chão da caverna. — Como?

— Peguei junto com o cavalo — disse o Protegido de repente. — Não queria isso pesando em sua consciência, então escondi de você.

— Você roubou?

— *Eles* roubaram — corrigiu o Protegido. — Peguei de volta.

Leesha olhou para ele por um bom tempo.

— Roubaram à noite — disse ela. O Protegido não comentou.

— Eles estavam usando? — questionou Leesha entredentes.

— A estrada é extremamente perigosa sem esses homens — retrucou o Protegido.

— Você os assassinou — falou Leesha, surpresa por ter os olhos marejados. *Encontre o pior ser humano que puder e ainda encontrará algo pior ao olhar pela janela à noite*, dissera-lhe seu pai. Ninguém merece servir de alimento para um terraíta. Nem mesmo eles. — Como pôde?

— Eu não assassinei ninguém — respondeu o Protegido.

— É como se tivesse!

O homem deu de ombros.

— Fizeram o mesmo com você.

— E isso é certo? — gritou Leesha. — Veja você! Nem se importa! Dois homens mortos, no mínimo, e você dormiu tranquilo! Você é um monstro! — Ela pulou para cima dele, tentando acertá-lo com os punhos, mas o Protegido pegou seus pulsos e observou, impassível, enquanto ela lutava com ele.

— Por que eu me importaria?

— Sou ervanária! — berrou ela. — Fiz um juramento! Jurei curar, mas você — ela o examinou com frieza —, tudo que você jurou fazer foi matar.

Depois de um momento, a fúria a abandonou e ela se afastou.

— Por isso você escarnece do que sou — disse Leesha, caindo sentada, e encarou o chão da caverna por vários minutos. Em seguida, ergueu os olhos para Rojer.

— Você disse "nós" — acusou ela.

— O quê? — disse o menestrel, tentando parecer confuso.

— Lá atrás você disse "*nós* pegamos de volta". E o círculo estava na sua bolsa. Você foi com ele?

— Eu… — Rojer se viu num impasse.

— Não minta para mim, Rojer! — rosnou Leesha.

Os olhos de Rojer foram ao chão. Depois de um instante, ele assentiu.

— Ele disse a verdade — admitiu Rojer. — Tudo o que pegou foi o cavalo. Enquanto estavam distraídos, eu peguei o círculo e suas ervas.

— Por quê? — perguntou Leesha, sua voz levemente falhada. A decepção no tom cortou o coração do jovem menestrel como uma faca.

— Você sabe por quê — respondeu Rojer com tristeza.

— Por quê? — repetiu a pergunta Leesha. — Por mim? Pela minha honra? Diga, Rojer. Diga que matou em meu nome!

— Eles tinham de pagar — falou Rojer com firmeza. — Tinham de pagar pelo que fizeram. Aquilo foi imperdoável.

Leesha riu alto demais, embora não houvesse humor na risada.

— Acha que eu não sei? Acha que me guardei por vinte e sete anos anos para entregar minha flor para um bando de brutamontes?

O silêncio pairou na caverna por um bom tempo. O estrondo de um trovão cortou o ar.

— Se guardou… — ecoou Rojer.

— Sim, às Profundas com você! — berrou Leesha, lágrimas enfurecidas riscando seu rosto. — Eu era virgem! Isso justifica entregar aqueles homens aos terraítas?

— Entregar? — repetiu o Protegido em tom de pergunta.

Leesha virou-se para ele.

— Claro que entregou! — gritou ela. — Tenho certeza que seus amiguinhos das trevas ficaram mais que felizes com seus presentinhos. Ninguém fica mais contente tendo seres humanos para matar. Com tão poucos de nós, somos uma iguaria rara!

O Protegido arregalou os olhos, refletindo a luz da fogueira. Foi a expressão mais humana que Leesha tinha visto em seu rosto e a visão a fez esquecer por um momento sua raiva. Ele parecia extremamente aterrorizado e afastou-se deles, caminhando em direção à entrada da caverna.

Apenas nesse momento um terraíta lançou-se contra a rede protetora, enchendo a caverna com uma luz prateada. O Protegido virou-se e gritou para o demônio, um som diferente de tudo que Leesha já ouvira, mas que ao mesmo

tempo reconheceu. Era a vocalização daquilo que ela sentiu quando foi currada na estrada, naquela noite terrível.

O Protegido agarrou uma de suas lanças e arremeçou-a para dentro da chuva. Houve uma explosão de magia quando ela atingiu o demônio, estourando-o na lama.

— Malditos! — urrou o Protegido, arrancando a túnica e saltando para a tempestade. — Eu jurei que nunca daria nada a vocês! Nada! — Ele atacou um demônio da madeira por trás, esmagando-o contra si. A proteção gigante no peito avivou-se e o terraíta entrou em combustão apesar da chuva torrencial. Ele chutou a criatura amolecida.

— Venham lutar! — ordenou o Protegido, plantando os pés na lama. Os terraítas saltaram para obedecê-lo, golpeando e mordendo, mas o homem lutava como um demônio também e eles eram jogados para longe como folhas de outono contra o vento.

Do fundo da caverna, o Dançarino das Sombras fungava e puxava as amarras, pois era treinado para lutar ao lado do mestre. Rojer aproximou-se para acalmar o animal, olhando para Leesha, confuso.

— Ele não pode lutar contra todos os demônios — falou Leesha. — Não na lama.

Muitas das proteções do homem já estavam cheias de lama.

— Ele quer morrer — disse ela.

— O que vamos fazer? — perguntou Rojer.

— A rabeca! Mande-os embora! — gritou Leesha.

Rojer sacudiu a cabeça.

— O vento e o trovão vão abafar o som.

— Não podemos deixar ele se matar! — gritou Leesha para o rapaz.

— Tem razão — concordou Rojer. Foi até as armas do Protegido e pegou uma lança leve e o escudo com proteções. Percebendo o que ele pretendia fazer, Leesha foi até ele para pará-lo, mas ele saiu da caverna antes que pudesse ser alcançado, correndo até o lado do Protegido.

Um demônio da chama cuspiu fogo em Rojer, mas ele chiou até se apagar sob a chuva. O terraíta saltou sobre ele, mas o rapaz ergueu o escudo protegido e a criatura foi repelida. Concentrado com a frente, não viu outro demônio da chama vindo de trás até ser tarde. O terraíta pulou, mas o Protegido agarrou o demônio de um metro no ar, jogando-o longe, a pele da criatura chiando ao toque do homem.

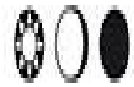
— Vá para dentro! — ordenou o homem.

— Não sem você! — retrucou Rojer. Os cabelos ruivos estavam ensopados e grudados no rosto, e ele apertava os olhos para protegê-los do vento e da chuva chicoteante, mas encarou o Protegido sem se encolher um milímetro.

Dois demônios da madeira pularam neles, mas o Protegido agachou-se na

lama, puxando as pernas de Rojer. As garras pontudas erraram o alvo quando o menestrel caiu e os punhos dos Protegido lançaram as criaturas para trás. Outros terraítas estavam se reunindo, atraídos pelos lampejos de luz e os sons da batalha. Terraítas demais para combater.

O Protegido olhou para Rojer, deitado na lama, e a loucura abandonou seus olhos. Ele estendeu a mão e o menestrel a pegou. Os dois correram para dentro da caverna.



— O que deu na sua cabeça? — questionou Leesha, aplicando a última bandagem. — Na cabeça dos dois!

Rojer e o Protegido, enrolados em cobertores ao lado da fogueira, não disseram nada enquanto ela os repreendia. Depois de um tempo, ela se calou, preparou um caldo quente com ervas e vegetais e entregou para eles sem dizer palavra.

— Obrigado — falou Rojer, baixinho, as primeiras palavras desde que voltara à caverna.

— Ainda estou brava com você — disse Leesha, sem olhar para ele. — Mentiu para mim.

— Não menti — protestou Rojer.

— Escondeu as coisas de mim — continuou Leesha. — Dá no mesmo.

Rojer olhou para ela por um tempo.

— Por que foi embora da Clareira do Lenhador? — perguntou ele.

— O quê? — perguntou Leesha. — Não mude de assunto.

— Se essas pessoas significam tanto para você arriscar tudo, por que partiu? — insistiu Rojer.

— Meus estudos… — começou Leesha.

Rojer sacudiu a cabeça.

— Eu sei bem o que é fugir dos problemas, Leesha — disse disse. — Não foi só por isso.

— Não sei por que isso seria da sua conta — falou Leesha.

— Por que estou esperando uma tempestade passar numa caverna cercada de terraítas no meio do nada? — perguntou Rojer.

Leesha olhou para ele por um tempo e sua raiva diminuiu.

— Acho que vão ouvir essa história em breve. O povo da Clareira do Lenhador nunca foi muito bom em guardar segredos.

Ela lhes contou tudo. Não queria, mas a caverna fria e úmida transformou-se em uma espécie de confessionário de sacerdote e, uma vez que começou a falar, as palavras transbordaram; sua mãe, Gared, os rumores, sua fuga até Bruna, sua vida como pária. O Protegido inclinou-se para a frente e ficou boquiaberto com a

menção da lava das trevas de Bruna, mas fechou a boca e recostou-se, preferindo não interromper.

— Então foi isso. Esperava ficar em Angiers, mas parece que o Criador tem outro plano.

— Merecia um melhor — comentou o Protegido.

Leesha assentiu com a cabeça, olhando para ele.

— Por que foi lá fora? — perguntou ela em voz baixa, apontando com o queixo para a entrada da caverna.

O Protegido encurvou-se, encarando os joelhos.

— Quebrei uma promessa.

— É isso?

Ele ergueu os olhos para ela e desta vez Leesha não viu as tatuagens riscando seu rosto, apenas os olhos que a encaravam.

— Prometi que nunca daria nada a eles — falou ele. — Nem mesmo para salvar a minha vida. Mas, em vez disso, dei tudo que me tornava um ser humano.

— Você não deu nada — falou Rojer. — Fui eu que peguei o círculo.

As mãos de Leesha apertaram-se ao redor da tigela, mas ela não disse nada.

O Protegido balançou a cabeça.

— Eu facilitei. Sabia como você estava se sentindo. Entregá-los a você foi o mesmo que dá-los aos terraítas.

— Eles teriam continuado a fazer vítimas na estrada — falou Rojer. — O mundo ficará melhor sem eles.

O Protegido assentiu.

— Mas isso não é desculpa para entregá-los aos demônios. Eu poderia facilmente ter tirado o círculo deles, até matá-los à luz do dia.

— Então, hoje à noite, você foi lá fora por culpa. E todas as vezes antes disso? Por que a guerra contra os terraítas?

— Se não percebeu — retrucou o Protegido—, os terraítas estão em guerra conosco há séculos. É tão errado assim levantar-se contra eles?

— Você se acha o Salvador, então? — perguntou Leesha.

O Protegido fechou a cara.

— Esperar pelo Salvador deixou a humanidade à mercê deles por trezentos anos. É um mito. Ele não virá. Já é hora de as pessoas verem isso e começarem a se defender.

— Mitos têm poder — falou Rojer. — Não tenha tanta pressa em deixá-los de lado.

— Desde quando você é um homem de fé? — questionou Leesha.

— Acredito na esperança. Durante toda a minha vida fui menestrel e se aprendi alguma coisa nesses vinte e três anos é que as histórias que fazem as pessoas chorarem, aquelas que ficam dentro delas, são as que dão esperança.

— Vinte — falou Leesha, de repente.

— Quê?

— Você me disse que tinha vinte.

— Disse?

— Não tem nem isso, não é? — questionou ela. — Não sou burra, Rojer. Não faz nem três meses que te conheço e você já cresceu três centímetros nesse tempo. Nenhum homem com vinte e um anos cresce mais. Quantos anos tem? Dezesseis?

— Dezessete — rosnou Rojer. Jogou a tigela no chão, derramando o caldo restante. — Está feliz? Você estava certa quando disse para Jizell que tem quase idade para ser minha mãe.

Leesha o encarou. Abriu a boca para dizer algo ferino, mas fechou-a novamente. Em vez disso, ela falou:

— Desculpe.

— E você, Protegido? — perguntou Rojer, virando-se para ele. — Vai acrescentar "jovem demais" à sua lista de motivos para eu não viajar com você?

— Comecei como mensageiro aos dezessete e já viajava com menos idade que isso.

— E quantos anos tem o Protegido? — questionou Rojer.

— O Protegido nasceu no deserto krasiano, há quatro verões — respondeu ele.

— E o homem embaixo das proteções? Quantos anos tinha quando morreu? — Leesha perguntou.

— Não importa quantos verões eu tinha. Eu era uma criança ingênua, com sonhos grandes demais para serem bons para ela.

— Foi por isso que teve de morrer? — perguntou Leesha.

— Ele foi assassinado. E, sim.

— Qual era o nome dele? — voltou a perguntar Leesha, baixinho.

O Protegido ficou em silêncio por um bom tempo.

— Arlen — disse ele, por fim. — Seu nome era Arlen.

29
À LUZ DO CREPÚSCULO
– 332 DR –

QUANDO O PROTEGIDO ACORDOU, a tempestade havia parado temporariamente, mas as nuvens cinzentas pendiam pesadas no céu, prometendo mais chuva. Ele olhou para a caverna, seus olhos com proteções facilmente atravessaram a escuridão, e viu dois cavalos e o menestrel dormindo. Leesha, no entanto, não estava lá.

Era cedo ainda; a luz falsa antes do verdadeiro nascer do sol. A maioria dos terraítas provavelmente havia fugido para as Profundas muito tempo antes, mas, com as nuvens pesadas, era impossível ter certeza. Ele se ergueu, tirando as bandagens que Leesha fizera na noite anterior. As feridas estavam todas curadas.

Foi fácil seguir os passos da ervanária na lama espessa e ele a encontrou não muito longe, ajoelhada no chão colhendo ervas. As saias estavam erguidas acima dos joelhos para não se sujarem na lama e a visão das coxas brancas e lisas o fez corar. Estava linda à luz do crepúsculo.

— Não devia estar aqui fora — disse ele. — O sol ainda não raiou. Não é seguro.

Leesha olhou para ele e sorriu.

— Você lá pode me *repreender* por me arriscar? — perguntou ela com a sobrancelha erguida. — Além disso — continuou quando ele não respondeu —, que demônio me machucaria com você aqui?

O Protegido deu de ombros, agachando-se ao lado dela.

— Erva-tampão? — perguntou ele.

Leesha assentiu, levantando a planta de folhas ásperas com botões grandes e apinhados.

— Se fumada com um cachimbo, relaxa os músculos, induzindo a um estado de euforia. Combinada com flor celeste, posso usar para fazer uma poção do sono forte o bastante para derrubar um leão raivoso.

— Funcionaria com um demônio? — perguntou o Protegido.

Leesha franziu a testa.

— Não pensa em outra coisa?

O Protegido pareceu ofendido.

— Não pense que me conhece, moça. Mato terraítas, sim, e por conta disso vi lugares que nenhum homem tem lembrança. Posso recitar poemas que traduzi do ruske antigo? Pintar para você os murais do Sol de Anoch? Contar sobre as máquinas do mundo antigo que podiam fazer o trabalho de vinte homens?

Leesha pousou a mão no braço do homem e ele ficou em silêncio.

— Desculpe. Não fiz bem em te julgar. Sei um pouco como é o peso de guardar conhecimentos do mundo antigo.

— Nem me ofendeu — disse o Protegido.

— Mesmo assim, não é correto — comentou Leesha. — Para responder a sua pergunta, honestamente não sei. Terraítas comem e defecam, então talvez possam ser drogados. Minha mentora disse que as ervanárias do passado causaram grande estrago na Guerra das Trevas. Tenho um pouco de flor celeste. Posso fazer a poção quando chegarmos à Clareira do Lenhador, se quiser.

O Protegido assentiu com avidez e perguntou:

— Pode me preparar alguma coisa mais também?

Leesha suspirou e falou:

— Imaginei quando você me pediria isso. Não farei lava das trevas para você.

— Por que não? — perguntou o homem.

— Porque não se pode confiar aos homens os segredos do fogo — falou Leesha, virando-se para encará-lo. — Se eu lhe der, você vai usá-lo, mesmo que isso signifique botar fogo em metade do mundo.

O Protegido olhou para ela e não retrucou.

— E para que precisa disso? Já tem poderes que vão além de qualquer coisa que algumas ervas e produtos químicos podem criar.

— Sou apenas um homem… — começou ele, mas Leesha o interrompeu.

— Bosta de demônio nenhuma — disse ela. — Seus ferimentos se curam em

minutos e você pode correr com a rapidez de um cavalo o dia todo sem nem ofegar. Bate em demônios da madeira como se fossem crianças e enxerga no escuro como se fosse dia claro. Você não é "apenas" coisa nenhuma…

O Protegido sorriu.

— Não há como esconder nada dos seus olhos.

Algo no jeito que ele disse aquilo fez Leesha se arrepiar.

— Sempre foi assim? — perguntou ela.

Ele sacudiu a cabeça.

— São as proteções. As proteções trabalham com realimentação. Conhece essa palavra?

Leesha assentiu.

— Já vi em livros da ciência do velho mundo.

O Protegido resmungou.

— Os terraítas são criaturas de magia. As proteções defensivas drenam um pouco dessa magia e a usam para formar a barreira. Quanto mais forte o demônio, maior a força que o repele. Proteções ofensivas trabalham da mesma forma, enfraquecendo a carapaça dos terraítas ao mesmo tempo que fortalecem o impacto. Objetos inanimados não conseguem manter a carga por muito tempo e ela se dissipa. Mas, de alguma forma, cada vez que atinjo um demônio ou um deles me atinge, absorvo um pouco de sua força.

— Senti um adormecimento naquela primeira noite, quando toquei sua pele — disse Leesha.

O Protegido meneou a cabeça.

— Quando marquei minha pele com proteções, não foi apenas minha aparência que ficou… inumana.

Leesha sacudiu a cabeça, tomando o rosto dele entre as mãos.

— Não é o nosso corpo que nos torna humanos — sussurrou ela. — Pode ter sua humanidade de volta, é só querer. — Ela se inclinou mais perto e beijou-o suavemente.

Em primeiro lugar, ele se sentiu entorpecido, mas espantou o susto e, de repente, retribuiu o beijo. Ela fechou os olhos e entreabriu os lábios, as mãos acariciando a maciez da cabeça raspada do Protegido. Não conseguia sentir as proteções, apenas o calor e as cicatrizes.

Nós dois temos cicatrizes, pensou ela. *A diferença é que as deles são visíveis para o mundo*.

Ela se recostou, puxando-o com ela.

— Vamos ficar enlameados — alertou ele.

— Já estamos — disse ela, caindo de costas com ele por cima.

O sangue palpitava em seus ouvidos quando o Protegido a beijou. Ela correu as mãos pelos músculos rijos dele e abriu as pernas, encaixando os quadris nos dele.

Que seja minha primeira vez, pensou Leesha. *Aqueles homens estão mortos e enterrados, e ele poderá apagar a marca deles em mim também. Faço porque escolhi.*

Porém, estava com medo. *Jizell tinha razão. Nunca devia ter esperado tanto. Não sei o que fazer. Todo o mundo pensa que sei o que fazer e eu não sei, e ele vai esperar que eu saiba, porque sou ervanária...*

Ah, Criador, e se eu não o agradar? E se ele disser para alguém?

Ela arrancou aquele pensamento da cabeça. *Ele nunca dirá. É por isso que tem de ser ele. Tinha de ser. É como eu. Um forasteiro. Percorreu a mesma estrada.*

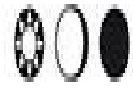
Ela se atrapalhou com a túnica, desamarrando a tanga que vestia por baixo e soltando-a. Ele resmungou quando ela o pegou na mão e puxou.

Ele sabe que eu era virgem, lembrou-se, erguendo a saia. *Ele está rígido e eu estou úmida, o que mais é preciso saber?*

— E se você tiver um filho? — sussurrou o Protegido.

— É o que espero — sussurrou Leesha de volta, tomando-o nas mãos e encaixando-o dentro de si.

O que mais é preciso saber?, pensou ela novamente, e suas costas arquearam-se de prazer.



O espanto atingiu o Protegido quando Leesha o beijou. Apenas alguns momentos antes, ele admirava suas coxas, mas nunca sonhara que também pudesse estar atraída por ele. Que qualquer mulher pudesse.

Ficou momentaneamente entorpecido, paralisado, mas, como sempre quando estava em perigo, seu corpo assumia o comando e ele a envolveu num abraço e voltou para beijá-la com avidez.

Quanto tempo desde que fora beijado pela última vez? Quanto tempo desde a noite em que ele levara Mery para casa e recebeu a notícia de que ela nunca seria mulher de um mensageiro?

Leesha atrapalhou-se com a túnica e ele sabia que ela queria levar as coisas para além do que ele já tinha ido. O medo arrebatou-o, um sentimento nada familiar. Não tinha ideia do que fazer, de como dar prazer a uma mulher. Ela esperava que ele lhe desse a experiência que faltava? Estava contando que sua habilidade na batalha se traduzisse ali também?

Mas talvez deveria, pois mesmo enquanto os pensamentos voavam o corpo continuava em seu próprio ritmo, agindo pelos instintos arraigados em cada coisa viva desde a aurora dos tempos. Os mesmos instintos que o convocavam a lutar.

Porém, aquilo não era uma batalha. Era algo mais.

É ela?, o pensamento ecoou em sua cabeça.

Por que ela e não Renna? Se fosse qualquer um, outra pessoa, teria se casado quinze anos antes e criado um batalhão de filhos. Não pela primeira vez, a imagem de como Renna estaria agora brilhou na sua mente, no pleno florescer de sua feminilidade, sua e apenas sua.

Por que ela e não Mery? Mery, com quem teria se casado se ela tivesse aceitado ser mulher de um mensageiro. Teria se prendido a Miln por amor, como Ragen fizera. Teria sido muito melhor se tivesse se casado com Mery. Enxergava aquele fato agora. Ragen tinha razão. Tinha Elissa…

A imagem de Elissa veio à sua mente quando ele puxou para baixo a parte de cima do vestido de Leesha, expondo os seios macios. Quando viu Elissa expor o seio para amamentar Marya e desejou apenas por um instante poder sugá-lo no lugar da criança. Quase se sentiu envergonhado depois, mas aquela imagem sempre permaneceu fresca na cabeça.

Leesha era a predestinada a ele? Esse tipo de coisa existia? Teria escarnecido da ideia uma hora atrás, mas olhou para Leesha, tão bela e desejosa, tão compreensiva sobre quem ele era. Entenderia se ele fosse desajeitado, se não soubesse bem onde tocar ou como acariciar. O trecho enlameado de terra à luz que antecede a aurora não era o leito nupcial perfeito, mas naquele momento parecia melhor do que o colchão de penas da mansão de Ragen.

Contudo, a dúvida o fustigava.

Uma coisa era arriscar-se à noite; não tinha nada a perder, ninguém para chorar por ele. Se morresse, não encheria sequer uma única garrafa de lágrimas. Mas poderia assumir esses riscos, se Leesha estivesse esperando por ele num abrigo seguro? Ele desistiria da luta, tornando-se o que foi o pai? Tão acostumado a se esconder que não poderia se defender?

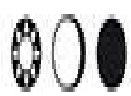
Crianças precisam de um pai, ouviu Elissa dizer.

— E se você tiver um filho? — sussurrou o Protegido entre beijos, sem saber o que queria ouvir.

— É o que espero — sussurrou Leesha de volta.

Ela o puxou, ameaçando arrancar seu mundo inteiro, mas oferecia algo mais, e ele agarrou.

E, em seguida, ele se viu dentro dela e sentiu-se inteiro.



Por um momento, não havia nada no mundo além do sangue pulsando e o deslizar de pele contra pele; os corpos facilmente deram conta da tarefa assim que as mentes permitiram. A túnica foi lançada para o lado. O vestido estava amarfanhado ao redor da cintura dela. Eles apertavam os olhos e grunhiam na lama, sem pensar em nada além de um no outro. Até o demônio da madeira

golpear.

O terraíta seguiu-os em silêncio, atraído pelos sons animalescos. Sabia que a aurora estava próxima e o sol odioso logo se ergueria, mas a visão de tanta pele nua atiçou sua fome e ele saltou, buscando voltar às Profundas com sangue quente nas garras e carne fresca na bocarra.

O demônio bateu com força nas costas expostas do Protegido. As proteções avivaram-se, lançando o terraíta para trás e fazendo a cabeça dos amantes chocarem-se.

Ágil e incansável, o demônio da madeira recuperou-se rapidamente, agachando-se quando bateu no chão e saltando novamente. Leesha berrou e o Protegido virou-se, prendendo nas mãos as garras pontudas. Girou, usando o impulso da criatura para lançá-la na lama.

Não hesitou e afastou-se de Leesha, aproveitando a posição de vantagem. Estava nu, mas isso não significava nada. Vinha lutando nu desde que fora marcado com as proteções na pele.

Deu um giro completo e acertou a boca do terraíta com o calcanhar. A magia não se avivou, pois as proteções estavam cobertas de lama, mas com força aumentada, o demônio recebeu o mesmo impacto de um coice do Dançarino das Sombras. Tombou para trás e o Protegido rugiu e avançou, sabendo muito bem do dano que a criatura poderia causar se tivesse um instante para se recuperar.

O terraíta era grande para sua espécie, com quase dois metros e meio de altura, e no embate de forças o Protegido perderia. Esmurrou, chutou e deu cotoveladas, mas havia lama por todo lado e quase todas as suas proteções estavam manchadas. A carapaça feito casca de árvore lanhou a pele e os golpes pareciam não ter efeito duradouro.

O terraíta rodopiou, batendo a cauda na barriga do Protegido, arrancando o ar dos pulmões e derrubando-o. Leesha gritou outra vez, e o som chamou atenção do demônio. Com um berro, ele se lançou para cima dela.

O Protegido cambaleou atrás da fera e agarrou o calcanhar pouco antes de ele alcançá-la. Puxou com força, fazendo o demônio tropeçar, e eles lutaram freneticamente na lama. Por fim, conseguiu enganchar a perna sob o braço da criatura e ao redor da garganta, fazendo uma trava com a outra perna para apertá-lo. Com as duas mãos, manteve uma das pernas curvada e impediu que o demônio se levantasse.

O terraíta debateu-se e arranhou-o, mas o Protegido foi feliz nessa manobra e a criatura não conseguia escapar. Rolaram por longos momentos, presos, antes de o sol finalmente se erguer no horizonte e descobrir uma fenda nas nuvens. A pele de casca de árvore começou a esfumaçar e o demônio debateu-se com mais força. O Protegido fortaleceu sua contenção.

Só mais alguns momentos...

Contudo, algo inesperado aconteceu. O mundo ao redor dele pareceu ficar

brumoso, insubstancial. Sentiu um puxão do fundo da terra, e ele e o demônio começaram a afundar.

Um caminho abriu-se em seus sentidos e as Profundas o chamaram.

Encheu-se de horror e repulsa enquanto o terraíta o puxava para baixo. O demônio ainda estava sólido em suas mãos e o resto do mundo se transformou em sombras. Ele ergueu os olhos e viu o sol precioso dissolver-se.

Agarrou-se à visão como a uma corda, soltando a perna presa e empurrando com força a perna do demônio, ao passo que o arrastava de volta para a luz. O terraíta lutava enlouquecidamente, mas o terror deu ao Protegido novas forças e, com um grito inaudível de determinação, empurrou a criatura de volta à superfície.

O sol estava lá para saudá-los, brilhante e abençoado, e o Protegido sentiu como se solidificava outra vez, e a criatura explodia em chamas. O terraíta arranhava o chão, mas o Protegido segurou firme o demônio.

Quando finalmente soltou as cascas torradas, estava vazando sangue por todo lado. Leesha correu até ele, mas o Protegido a empurrou, ainda cambaleando, horrorizado. O que era ele, já que podia abrir caminho até as Profundas? Havia se transformado num terraíta? Que tipo de monstro se transformaria uma criança originada de sua semente maculada?

— Você está ferido. — Leesha estava preocupada e se aproximou dele novamente.

— Vou me curar — respondeu ele, empurrando-a de novo. A voz gentil e amável que usara poucos minutos antes havia desaparecido e o tom frio e monocórdico do Protegido voltara. De fato, muitos dos cortes e arranhões menores já estavam criando uma casca.

— Mas… — insistiu Leesha — … que tal…?

— Fiz uma escolha muito tempo atrás. Eu escolhi a Noite — falou o Protegido. — Por um momento, pensei que poderia me arrepender, mas… — Ele sacudiu a cabeça. — Não há volta agora.

Ele pegou a túnica e seguiu para um pequeno rio gélido ali perto a fim de lavar os ferimentos.

— Vá para as Profundas! — gritou Leesha às costas dele. — Você e sua obsessão maluca!

30

A PRAGA

– 332 DR –

ROJER AINDA DORMIA quando voltaram. Trocaram as roupas enlameadas em silêncio, de costas um para o outro, e em seguida Leesha sacudiu Rojer para acordá-lo enquanto o Protegido selava os cavalos. Tomaram o desjejum frio em silêncio e partiram bem antes do sol se erguer. Rojer cavalgava a égua, com Leesha à sua frente, o Protegido sozinho em seu grande garanhão. O céu estava coalhado de nuvens com a promessa de chuva vindoura.

— Não deveríamos ter passado por um mensageiro seguindo para o norte agora? — perguntou Rojer.

— Tem razão — comentou Leesha. Ela olhou para os dois lados na estrada, preocupada.

O Protegido deu de ombros.

— Chegaremos à Clareira do Lenhador com o sol alto. Levarei vocês até lá e sigo meu caminho.

Leesha assentiu com a cabeça.

— Acho que é o melhor.

— Simples assim? — perguntou Rojer.

O Protegido inclinou a cabeça.

— Esperava mais, menestrel?

— Depois de tudo que passamos? Pela noite, sim! — gritou Rojer.

— Desculpe decepcioná-lo — retrucou o Protegido—, mas tenho assuntos a resolver.

— O Criador proibiu que você saísse uma noite sem matar alguma coisa — Leesha murmurou.

— Mas e o que discutimos? — insistiu Rojer. — Nossa viagem?

— Rojer! — gritou Leesha.

— Concluí que é má ideia — disse-lhe o Protegido, e olhou para Leesha. — Se sua música não puder matar os demônios, não me serve. Melhor eu seguir sozinho.

— Não poderia concordar mais — interviu Leesha. Rojer olhou-a com raiva e o rosto dela queimou. Ele merecia coisa melhor, ela sabia, mas não conseguiria oferecer consolo ou uma explicação enquanto reunia todas as suas forças para impedir as lágrimas.

Ela conhecia a natureza do Protegido. Por mais que esperasse que fosse diferente, sabia que seu coração não estaria disponível por muito tempo, que tudo que podiam ter era um momento. Mas, ai, ela quis aquele momento! Quis se sentir segura nos braços dele e senti-lo dentro de si. Acariciou o ventre, distraída. Se tivesse semeado sua semente nela e ela tivesse um filho, ela o amaria sem questionar quem seria o pai. Mas agora… havia folhas de pomo o bastante em seus suprimentos para o que precisava ser feito.

Cavalgaram em silêncio, a frieza entre eles era palpável. Em pouco tempo, tiveram o primeiro vislumbre da Clareira do Lenhador.

Mesmo a distância, puderam ver que a vila havia se transformado numa ruína fumegante.

Rojer segurou firme enquanto corriam pela estrada. Leesha fez a égua galopar ao ver a fumaça e o Protegido seguiu o passo. Mesmo com a umidade, as fogueiras ainda queimavam ávidas na Clareira do Lenhador, lançando colunas de fumaça preta e oleosa no ar. A aldeia estava devastada e outra vez Rojer se flagrou revivendo a destruição de Pontefluente. Tomando fôlego, apertou o bolso secreto antes de se lembrar que o talismã havia se quebrado e perdido. O cavalo sacudia e ele agarrou a cintura de Leesha para impedir que ela fosse arremessada.

Os sobreviventes eram vistos vagando como formigas a distância.

— Por que não estão combatendo o incêndio? — perguntou Leesha, mas Rojer

apenas segurou com firmeza, sem resposta.

Diminuíram o passo quando chegaram à aldeia, encarando a devastação com espanto.

— Algumas dessas estão queimando há dias — observou o Protegido e meneou a cabeça para os restantes dos lares, antes confortáveis. De fato, muitos dos prédios eram ruínas chamuscadas, mal soltavam fumaça, outros ainda eram cinzas frias. A taverna de Smitt, o único prédio da aldeia com dois andares, havia desmoronado, com algumas vigas ainda em brasas e os outros prédios jaziam sem telhado nem paredes inteiras.

Leesha observou os rostos sujos e riscados de lágrimas quando seguiu para dentro da aldeia, reconhecendo todos. Estavam ocupados demais com sua própria dor para perceber o pequeno grupo quando passaram. Ela mordeu o lábio para não chorar.

No centro da aldeia, os aldeões haviam reunido os mortos. O coração de Leesha apertou-se ao vê-los: ao menos cem corpos, sem nenhum cobertor para cobri-los. Pobre Niklas. Saira e sua mãe. Sacerdote Michel. Steave. Crianças que nem sequer conhecera e idosos que a acompanharam toda a vida. Alguns estavam queimados, outros mortos por terraítas, mas a maioria não tinha marcas. Vítimas da epidemia.

Mairy estava ajoelhada ao lado da pilha, chorando sobre um montinho embrulhado. Leesha sentiu a garganta fechar-se, mas de algum jeito conseguiu apear do cavalo e aproximar-se, pousando a mão no ombro de Mairy.

— Leesha? — perguntou Mairy, desacreditada. Um momento depois, ergueu-se de uma vez, envolvendo a ervanária com um abraço forte entre soluços descontrolados.

— É Elga — gritou Mairy, falando de sua mais nova, uma garota que mal tinha dois verões. — Ela… ela se foi!

Leesha a apertou com força e murmurou sons tranquilizadores quando as palavras faltaram. Outros começaram a notar sua presença, mas mantiveram uma distância respeitosa enquanto Mairy transbordava sua tristeza.

— Leesha — sussurraram eles. — Leesha veio. Graças ao Criador.

Por fim, Mairy conseguiu se recompor, afastando-se e erguendo o avental sujo para limpar as lágrimas.

— O que houve? — perguntou Leesha com suavidade. Mairy olhou para ela, olhos arregalados, e as lágrimas brotaram de novo. Ela tremia, incapaz de falar.

— Praga — disse uma voz familiar, e Leesha virou-se para encontrar Jona aproximando-se, recostando-se pesadamente numa bengala. Sua túnica de sacerdote estava cortada ao lado de uma das pernas, e do joelho para baixo ela estava imobilizada e enrolada com firmeza em bandagens manchadas de sangue. Leesha abraçou-o, sem desviar os olhos da perna.

— Tíbia quebrada — disse ele, acenando, indiferente. — Vika já cuidou dela.

— O rosto dele ficou sombrio. — Uma das últimas coisas que fez antes de sucumbir.

Os olhos de Leesha arregalaram-se.

— Vika morreu? — perguntou ela, chocada.

Jona balançou a cabeça negativamente

— Ainda não, mas a epidemia a pegou e a febre estava lhe causando delírios. Não vai durar muito. — Ele olhou ao redor. — Talvez a maioria de nós também não dure muito — ele falou em voz baixa, apenas para Leesha. — Temo que escolheu uma época ruim para voltar para casa, Leesha, mas talvez também esteja nos planos do Criador. Se tivesse esperado mais um dia, talvez não houvesse um lar para você voltar.

Os olhos de Leesha ficaram sérios.

— Não quero ouvir mais nenhuma bobagem como esta! Onde está Vika? — Ela olhou ao redor, vendo a pequena multidão. — Pelo Criador, onde está *todo o mundo*?

— Na Casa Sacra — respondeu Jona. — Os doentes estão todos lá. Aqueles que se recuperaram, ou foram abençoados e não viraram presa, estão recolhendo os mortos ou chorando suas perdas.

— Então é para onde vamos — falou Leesha, encaixando-se embaixo do braço de Jona para apoiá-lo enquanto caminhava. — Agora me diga o que aconteceu. Tudo.

Jona assentiu com a cabeça. Seu rosto estava pálido, os olhos encovados. Estava úmido de suor e obviamente perdera muito sangue, contendo a dor apenas com grande concentração. Atrás deles, Rojer e o Protegido seguiram-nos em silêncio, junto com a maioria dos aldeões que viram a chegada de Leesha.

— A praga começou meses atrás — começou Jona —, mas Vika e Darsy disseram que era apenas uma friagem e fizeram pouco dela. Alguns dos que a pegaram, os jovens e fortes, em sua maioria, recuperaram-se rapidamente, mas outros ficaram acamados por semanas e alguns acabaram morrendo. Ainda assim, parecia um simples surto, até começar a se fortalecer. Pessoas saudáveis começaram a pegar a doença com rapidez, reduzidos do dia para a noite à fraqueza e ao delírio.

— Foi quando os incêndios começaram. As pessoas caindo pela casa com velas e lampiões na mão, ou doentes demais para cuidar das proteções. Com seu pai e a maioria dos protetores acamados, as redes começaram a falhar por toda a aldeia, especialmente com toda a fumaça e as cinzas no ar borrando as proteções visíveis. Combatemos os incêndios o melhor que pudemos, mas cada vez mais pessoas caíam doentes e não havia mãos que bastassem.

— Smitt juntou os sobreviventes em alguns dos poucos prédios protegidos, o mais longe possível dos incêndios, esperando uma maior segurança, mas apenas espalhou a praga com mais velocidade. Saira caiu a noite passada durante a

tempestade, derrubando um lampião a óleo e começando um incêndio que logo pôs em chamas a taverna inteira. As pessoas tiveram de fugir para dentro da noite…

Ele se engasgou e Leesha acariciou suas costas, sem precisar ouvir mais. Podia imaginar o que acontecera em seguida.

A Casa Sacra era o único prédio na Clareira do Lenhador feita totalmente de pedra, e resistira às fagulhas no ar e desafiara com orgulho as ruínas. Leesha passou pelas grandes portas e arfou, apavorada. Os bancos haviam sido retirados e quase cada centímetro do chão fora coberto com colchões de palha com o mínimo de espaço entre eles. Duzentas pessoas jaziam ali, gemendo, muitas banhadas de suor e se debatendo, enquanto outras, fracas pela doença, tentavam segurá-las. Viu Smitt desmaiado num colchão e Vika quase ao lado. Mais dois filhos de Mairy, e outros, muitos outros. Mas não havia sinal de seu pai.

Uma mulher ergueu os olhos quando entraram. Uma grisalha prematura que parecia emaciada e exausta, mas Leesha reconheceu sua estrutura robusta num instante.

— Graças ao Criador — disse Darsy quando a viu. Leesha soltou Jona e foi rapidamente falar com ela. Depois voltou para Jona.

— A cabana de Bruna ainda está em pé?

Jona deu de ombros.

— Não que eu sabia — disse ele. — Ninguém foi até lá desde que ela faleceu. Faz quase duas semanas.

Leesha assentiu. A cabana de Bruna ficava longe da aldeia, protegida por fileiras de árvores. Provavelmente a fuligem não havia rompido as proteções.

— Preciso ir até lá buscar provisões — disse ela, saindo da Casa Sacra. Havia começado a chover outra vez, o céu cinzento e desprovido de esperança.

Rojer e o Protegido estavam lá com um punhado de aldeões.

— É *você* — disse Brianne, correndo para abraçar Leesha. Evin não estava longe, segurando uma menina nos braços com Callen ao seu lado, um rapaz alto, embora não tivesse dez verões ainda.

Leesha devolveu o abraço calorosamente e perguntou:

— Alguém viu o meu pai?

— Está em casa, onde você deveria estar. — Veio uma voz e Leesha virou-se para ver a mãe se aproximar, Gared nos calcanhares dela. Leesha não sabia se sentia alívio ou pavor com a visão.

— Veio ver todo o mundo, menos sua família? — questionou Elona.

— Mãe, eu só… — começou Leesha, mas a mãe a interrompeu.

— Só isso e só aquilo! — gritou Elona. — Sempre um motivo para virar as costas para o seu sangue quando lhe convém! Seu pobre pai está à beira da morte e você aqui…!

— Quem está com ele? — interrompeu Leesha.

— Os aprendizes — respondeu Elona.

Leesha assentiu com a cabeça e pediu:

— Peça para trazerem-no para cá com os outros.

— Não vou fazer isso! — berrou Elona. — Tirá-lo do conforto de uma cama macia para um colchão de palha infestado num salão cheio de praga? — Ela agarrou o braço de Leesha. — Vá vê-lo agora! Você é filha dele!

— Acha que não sei disso? — retorquiu Leesha, empurrando o braço dela para longe. Lágrimas rolavam pelo seu rosto, e ela não se importou em limpá-las. — Acha que não pensei em nada quando larguei tudo e parti de Angiers? Mas ele não é a única pessoa na aldeia, mãe! Não posso abandonar todo o mundo para cuidar de um único homem, mesmo que seja o meu pai!

— É uma estúpida se acha que essas pessoas já não estão mortas — falou Elona, causando reações da multidão. Ela apontou para as paredes de pedra da Casa Sacra. — Aquelas proteções vão segurar os terraítas à noite? — perguntou ela, atraindo atenção de todos para a pedra escurecida por fumaça e cinzas. De fato, mal havia uma proteção visível.

Ela se aproximou de Leesha, a voz abaixando, e sussurrou:

— Nossa casa fica longe das outras. Talvez seja a última casa com proteções em toda a Clareira do Lenhador. Não cabe todo o mundo, mas pode *nos* salvar, se você vier para casa!

Leesha lhe deu um tapa. Em cheio. No rosto. Elona foi lançada à lama e ficou lá, aparvalhada, pressionando a mão no rosto dolorido. Gared parecia pronto para correr para cima de Leesha e atacá-la, mas ela o controlou com um olhar frio e gritou:

— Não vou me esconder e deixar meus amigos entregues aos terraítas! Vamos encontrar um jeito de proteger a Casa Sacra e nos defender aqui. Juntos! E se os demônios ousarem vir e tentar pegar meus filhos, tenho segredos de fogo que vão queimá-los até que desapareçam do mundo!

Meus filhos, pensou Leesha, no silêncio repentino que se seguiu. *Virei Bruna agora para pensar neles assim?* Ela olhou ao redor, vendo os rostos assustados e sujos de fuligem, sem alguém para tomar a dianteira, e percebeu pela primeira vez o que todos já sabiam: que ela *era* Bruna. Era a ervanária da Clareira do Lenhador agora. Às vezes, isso significava trazer a cura, mas às vezes…

Às vezes, significava lançar pimenta nos olhos ou queimar um demônio da madeira no quintal. O Protegido avançou. As pessoas sussurraram quando o viram, um espectro de túnica e capuz que mal foi notado um momento antes.

— Demônios da madeira não serão tudo que terão de enfrentar — disse ele. — Demônios da chama vão se deliciar com seu fogo e os demônios do vento voarão sobre ele. A destruição de sua aldeia talvez tenha atraído demônios da rocha das colinas. Estarão esperando o sol se pôr.

— Vamos todos morrer! — gritou Ande, e Leesha sentiu o pânico aumentar na

multidão.

— Isso não é da sua conta — falou Leesha para o Protegido. — Cumpriu sua promessa de nos trazer até aqui! Pegue seu maldito cavalo assustador e tome seu rumo! Deixe-nos com nossa sina!

Mas o Protegido se negou.

— Fiz um juramento de não dar nada aos terraítas e não vou quebrá-lo outra vez. Que as Profundas me carreguem antes de eu entregar a eles a Clareira do Lenhador.

Ele se voltou para a multidão e tirou o capuz. Suspiros de choque e medo pairaram entre a turba e, por um instante, o pânico crescente foi detido. O Protegido aproveitou aquele momento e declarou:

— Quando os terraítas alcançarem a Casa Sacra, esta noite, resistiremos e lutaremos! — Um arfar coletivo surgiu, bem como uma fagulha de reconhecimento nos olhos de muitos aldeões. Mesmo ali, tinham ouvido histórias do homem com o corpo coberto de símbolos que matava demônios. — Vão resistir ao meu lado?

Os homens se entreolharam, desconfiados. As mulheres pegaram seus braços, implorando para que não dissessem nada estúpido.

— Que podemos fazer, além de sermos mortos pelos demônios? — perguntou Ande. — Não tem nada que possa matar um demônio!

— Você está errado — disse o Protegido, caminhando até o Dançarino das Sombras e pegando um fardo enrolado. — Até um demônio da rocha pode ser morto — disse ele, desenrolando um objeto longo, curvado, e jogando-o na lama na frente dos aldeões.

Tinha um metro de comprimento de sua base larga quebrada até a ponta afiada, liso e com uma cor feia, um amarelo amarronzado, como um dente apodrecido. Enquanto os aldeões encaravam aquilo boquiabertos, um fraco raio de sol rompeu o céu plúmbeo, atingindo-o. Mesmo na lama, ele começou a soltar fumaça, fazendo chiar as gotas frescas de garoa que o salpicavam.

Num momento seguinte, o chifre do demônio da rocha entrou em combustão.

— Todo demônio pode ser morto! — gritou o Protegido, puxando uma lança com proteções do Dançarino das Sombras e lançando-a para espetar no chifre que ardia. Uma luz brilhou e o chifre explodiu numa estouro de fagulhas, como um festival de fogos.

— Criador misericordioso — falou Jona, desenhando uma proteção no ar. Muitos dos aldeões fizeram o mesmo.

O Protegido cruzou os braços.

— Posso fazer armas que atingem os terraítas — disse ele—, mas são inúteis sem braços para carregá-las, então pergunto outra vez: quem resistirá ao meu lado?

Depois de um longo momento de silêncio, uma voz se ergueu:

— Eu vou.

O Protegido virou-se, olhando surpreso para Rojer, que ia em sua direção para se postar ao seu lado.

— E eu — falou Yon Grisalho, dando um passo para a frente. Ele se apoiava na bengala, mas havia uma determinação férrea nos olhos. — Há mais de setenta anos eu assisto aos terraítas chegarem das Profundas para nos carregar, um a um. Se hoje a noite for minha última, vou cuspir no olho de um desses demônios antes do fim.

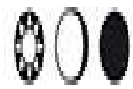
Os outros clareiros ficaram parvos, mas Gared deu um passo à frente.

— Gared, seu idiota, o que está fazendo? — questionou Elona, agarrando seu braço, mas o lenhador gigante afastou as mãos dela. Ele estendeu a mão, hesitante, e arrancou a lança da terra. Olhou com seriedade para as proteções ao longo da superfície da arma.

— Meu pai foi morto pelos terraítas ontem à noite — falou Gared num tom baixo, raivoso. Agarrou a arma e ergueu os olhos para o Protegido, mostrando os dentes. — Vou vingá-lo.

As palavras dele incentivaram os outros. Um a um, e em grupos, alguns deles temerosos, outros furiosos, e muitos mais em desespero, o povo da Clareira do Lenhador levantou-se para enfrentar a noite vindoura.

— Idiotas! — Elona cuspiu e saiu às pressas.



— Não precisa fazer isso — disse Leesha, os braços ao redor da cintura do Protegido enquanto o Dançarino das Sombras avançava pela estrada até a cabana de Bruna.

— Do que adianta a obsessão de um homem, se não para ajudar o povo? — retrucou.

— Eu estava brava hoje da manhã — disse Leesha. — Não quis dizer aquilo.

— Quis — garantiu o Protegido. — E não estava errada. Estive tão ocupado pensando *contra* o que eu estava lutando que esqueci do *motivo* pelo qual lutava. Durante toda a vida não sonhei com nada além de matar demônios, mas do que adianta acabar com eles nas florestas e no ermo, e ignorar aqueles que assombram os homens todas as noites?

Pararam na cabana e o Protegido apeou e estendeu a mão para ela. Leesha sorriu e deixou que ele a ajudasse a descer.

— A casa ainda está intacta — disse ela. — Tudo que precisamos deve estar lá dentro.

Entraram na cabana e Leesha pensou em seguir direto para as provisões de Bruna, mas a familiaridade com o lugar assolou-a. Percebeu que não veria Bruna outra vez, nunca mais ouviria seus impropérios ou brigaria com ela por

cuspir no chão, nunca mais absorveria sua sabedoria ou riria de sua irreverência. Aquela parte da vida terminara.

Porém, não havia tempo para lágrimas, então Leesha deixou os sentimentos de lado e seguiu às pressas para a farmácia, pegando jarros e frascos, jogando alguns no avental, entregando outros para o Protegido, que os pegou com rapidez e levou ao alforje do Dançarino das Sombras.

— Não vejo por que precisava de mim para isso — disse ele. — Eu deveria estar marcando proteções nas armas. Temos poucas horas.

Ela lhe entregou a última das ervas e, quando estavam armazenadas em segurança, levou-o até o centro da sala, puxando o tapete e revelando um alçapão. O Protegido abriu-o, revelando degraus de madeira que levavam para a escuridão.

— Posso pegar uma vela? — perguntou ele.

— De jeito nenhum! — gritou Leesha.

O Protegido ergueu os ombros.

— Tudo bem, já entendi.

— Desculpe, não quis falar tão alto — disse ela. Pegou em um dos muitos bolsos do avental dois pequenos frascos com rolha. Despejou o conteúdo de um no outro e balançou-o, produzindo um brilho suave. Erguendo o frasco, levou o homem pelos degraus musgosos até um porão empoeirado. As paredes eram de terra batida, proteções pintadas nas vigas de arrimo. O pequeno espaço era cheio de caixas de armazenagem, prateleiras com garrafas e jarros, e grandes barris.

Leesha foi até uma prateleira e ergueu uma caixa de varetas de fogo.

— Demônios da chama podem ser feridos com fogo — pensou alto. — Que tal um ácido forte?

— Não sei — disse o Protegido. Leesha jogou uma caixa para ele e ficou de joelhos, fuçando em algumas garrafas numa prateleira baixa.

— Descobriremos — falou ela, passando para trás um garrafão cheio de um líquido claro. A rolha era de vidro também, bem rosqueada com uma rede torcida de fios finos. — Gordura e óleo vão lhes tirar o equilíbrio — murmurou Leesha, ainda fuçando. — E queimam brilhantes, mesmo na chuva… — Ela entregou um par de jarros de cerâmica curada selados com cera.

Mais itens se seguiram. Tubos de trovão, em geral usados para derrubar troncos de árvores incontroláveis, e uma caixa dos fogos de artifício de Bruna: estalos de festival, assovios flamejantes e explosivos para arremessar.

Finalmente, do fundo do porão, ela trouxe um grande barril d'água.

— Abra — pediu Leesha ao Protegido. — Com cuidado.

Ele obedeceu, encontrando quatro jarros de cerâmica boiando na água. Ele se virou para Leesha e olhou-a com curiosidade.

— É a lava das trevas — disse ela.

Os cascos rápidos e protegidos do Dançarino das Sombras levou-os à casa do pai de Leesha em minutos. Outra vez Leesha ficou nostálgica e, novamente, aplacou os sentimentos. Quantas horas restavam até o pôr do sol? Não o bastante, sem dúvida.

As crianças e os mais velhos começaram a chegar, reunindo-se no pátio. Brianne e Mairy já os haviam colocado para coletar ferramentas. Os olhos de Mairy, fundos, observavam as crianças. Não fora fácil convencê-la a deixar os dois filhos na Casa Sacra, mas por fim a razão prevaleceu. O pai deles havia ficado e, se as coisas piorassem, as outras crianças precisariam das mães.

Elona irrompeu para fora da casa quando chegaram.

— Foi ideia sua? — questionou. — Deixar a minha casa um celeiro?

Leesha passou por ela, empurrando, o Protegido ao seu lado. Elona não teve escolha além de sair atrás deles quando entraram na casa.

— Sim, mãe. Foi minha ideia. Não temos espaço para todos, mas as crianças e os mais velhos que não foram pegos pela epidemia ficarão seguros aqui, independentemente do que acontecer.

— Não vou permitir! — berrou Elona.

Leesha virou-se para ela e gritou:

— Não há escolha! Você estava certa, temos as únicas proteções fortes restantes da aldeia, então pode sofrer aqui numa casa lotada ou lutar com os outros. Mas, em nome do Criador, os jovens e os velhos ficarão atrás das proteções do meu pai esta noite.

Ela lançou um olhar furioso para a filha.

— Você não falaria comigo desse jeito se seu pai estivesse bem.

— Se estivesse bem, ele mesmo teria trazido essas pessoas para cá — falou Leesha, sem recuar um centímetro.

Ela se virou para o Protegido.

— A oficina de papel fica ali, naquela porta — disse-lhe, apontando. — Terá espaço para trabalhar lá, além das ferramentas de proteção do meu pai. As crianças estão recolhendo todas as armas da cidade para trazer.

O Protegido assentiu e desapareceu na oficina sem dizer palavra.

— Onde você encontrou esse aí? — perguntou Elona.

— Ele nos salvou dos demônios na estrada — falou Leesha, seguindo para o quarto do pai.

— Não sei se vai adiantar — alertou Elona quando pôs a mão na porta. — A parteira Darsy diz que está nas mãos do Criador agora.

— Bobagem — falou Leesha, entrando no quarto e seguindo de imediato para o leito do pai. Estava pálido e encharcado de suor, mas ela não recuou. Pousou a mão na testa dele, em seguida correu os dedos sensíveis pela garganta, pulsos e

peito. Enquanto trabalhava, perguntou à mãe sobre sintomas, desde quanto haviam se manifestado e o que ela e a Parteira Darsy tentaram fazer.

Elona retorceu as mãos, mas respondeu o melhor que pôde.

— Muitos dos outros estão pior — comentou Leesha. — Meu pai é mais forte do que você pensa.

Elona desta vez não fez nenhum comentário depreciativo.

— Vou preparar uma poção para ele — disse Leesha. — Precisará tomar em doses regulares, ao menos a cada três horas. — Ela pegou um pergaminho e começou a escrever instruções com rapidez.

— Não vai ficar com ele? — perguntou Elona.

Leesha sacudiu a cabeça.

— Quase duzentas pessoas na Casa Sacra precisam de mim, mãe, muitas delas piores que meu pai.

— Eles têm Darsy para cuidar delas — contestou Elona.

— Darsy parece não ter dormido desde que a epidemia começou — disse Leesha. — Parece uma morta-viva e mesmo em seu melhor estado não confiaria nas curas dela contra essa doença. Se ficar com o pai e seguir minhas instruções, ele terá mais possibilidade de ver a aurora do que a maioria das pessoas na Clareira do Lenhador.

— Leesha? — gemeu o pai. — É você?

Leesha correu até ele, sentando-se na cama e tomando sua mão.

— Sim, pai — respondeu ela, os olhos marejados —, sou eu.

— Você veio — sussurrou Erny, os lábios retorcidos num sorriso lente. Os dedos fracos apertaram a mão de Leesha. — Sabia que viria.

— Claro que viria — disse Leesha.

— Mas precisa ir — suspirou Erny. Quando Leesha não respondeu, ele deu tapinhas na mão dela. — Ouvi vocês conversarem. Vá fazer o que precisa ser feito. Vê-la me deu forças novas.

Leesha deu um meio soluço, mas tentou camuflar como se fosse uma risada. Ela beijou a testa do pai.

— É tão ruim assim? — sussurrou Erny.

— Muitos morrerão hoje à noite.

A mão de Erny apertou a dela mais forte e ele se ergueu um pouco.

— Então salve aqueles que puder — disse ele. — Me orgulho de você e te amo.

— Te amo, pai — falou Leesha, abraçando-o com força. Secou os olhos e saiu do quarto.

Rojer perambulava pelo estreito corredor do hospital enquanto imitava o resgate

ousado que o Protegido fizera poucas noites antes.

— Mas então — continuou ele—, em pé entre nós e o acampamento, estava o maior demônio da rocha que eu já tinha visto. — Ele saltou sobre uma mesa e lançou os braços para cima, agitando-os para mostrar que eles ainda não alcançavam a altura do terraíta. — Quatro metros e meio, ele tinha, com dentes de lança e um rabo espinhoso que poderia esmagar um cavalo. Leesha e eu paramos a tempo, mas o Protegido hesitou? Não! Ele continuou, calmo como numa manhã de sétimo-dia, e encarou os olhos do monstro.

Rojer adorava ver os olhos arregalados ao seu redor e hesitou, deixando o silêncio tenso aumentar antes de gritar "Bum!" e bater uma palma. Todos pularam.

— Foi desse jeito que o cavalo do Protegido, preto como a noite e parecendo ele mesmo um demônio, deu um chifrada nas costas do terraíta.

— O cavalo tinha chifres? — perguntou um senhor, erguendo a sobrancelha grisalha, tão grossa e desgrenhada quanto um rabo de esquilo. Aboletou-se no colchão, o toco da perna direita enrolado em bandagens encharcadas de sangue.

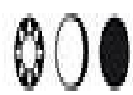
— Ah, sim — confirmou Rojer, estendendo os dedos atrás das orelhas e arrancando risos tossidos. — Grandes, de metal brilhante, amarrados aos arreios, com pontas afiadas e talhados com proteções de poder! O animal mais magnífico que vocês já viram, é mesmo! Seus cascos acertaram a fera como raios e, enquanto ele derrubava o demônio no chão, corremos para o círculo, em segurança.

— E o cavalo? — perguntou uma criança.

— O Protegido deu um assovio — Rojer encaixou os dedos nos lábios e emitiu um som estridente — e o cavalo veio galopando em meio aos terraítas, saltando sobre as proteções de um círculo. — Ele bateu as mãos nas coxas para imitar o som de galopes e saltou para ilustrar a cena.

Os pacientes estavam arrebatados com a história e esqueceram um pouco a doença e a noite vindoura. Mais ainda, Rojer sabia que lhes dava esperança. Esperança de que Leesha poderia curá-los. Esperança de que o Protegido poderia protegê-los.

Desejava que ele pudesse se dar esperanças também.



Leesha pediu que as crianças limpassem os grandes tonéis que o pai usava para fazer papel, usando-os para preparar poções numa escala maior do que jamais tentara antes. Mesmo os suprimentos de Bruna esgotaram-se com rapidez e ela avisou a Brianne, que fez as crianças buscarem ervas porcinas e outras plantas medicinais em todos os lugares.

Não raro, seus olhos pairavam sobre a luz do sol que atravessava a janela,

vendo-a rastejar pelo assoalho da oficina. O dia estava quase terminando.

Não muito longe, o Protegido trabalhava com velocidade semelhante, as mãos movendo-se com precisão delicada quando pintava proteções em machados, enxadas, martelos, lanças, flechas e pedras de funda. As crianças traziam tudo que poderia ser usado como arma e buscavam os resultados assim que a tinta secava, empilhando-os nas carroças do lado de fora.

Às vezes, alguém passava correndo para entregar uma mensagem para Leesha ou para o Protegido. Eles davam instruções rápidas, mandando o mensageiro de volta e retornando ao trabalho.

Com apenas duas horas antes do pôr do sol, levaram as carroças de volta à Casa Sacra. Os aldeões pararam de trabalhar quando os viram e se aproximaram rapidamente para ajudar Leesha a descarregar as curas. Alguns poucos chegaram perto do Protegido para ajudar a descarregar sua carroça, mas um olhar dele os fez recuar.

Leesha foi até ele, carregando um pesado jarro de pedra.

— Erva-tampão e flor celeste — disse ela, entregando as curas para o Protegido. — Misture com a ração das vacas e faça com que comam tudo.

Ele pegou o jarro e assentiu.

Quando se virou para entrar na Casa Sacra, ele a agarrou pelo braço.

— Pegue isto — disse ele e entregou uma das lanças pessoais. Tinha um metro e meio, feita da leve madeira de freixo. Proteções de poder estavam talhadas na ponta de metal com as laterais afiadas. O cabo também trazia proteções defensivas, envernizadas e polidas, e a outra extremidade tinha um encaixe de aço protegido.

Leesha olhou para a arma, sem se mover para pegá-la.

— O que acha que vou fazer com isso? — perguntou ela. — Sou uma ervan…

— Não é hora de recitar o juramento das ervanárias — disse-lhe o Protegido, empurrando a arma para ela. — Seu hospital improvisado está mal protegido. Se nossa barreira falhar, essa lança pode ser tudo que terá entre os terraítas e seus pacientes. O que seu juramento vai dizer sobre isso?

Leesha fechou a cara, mas pegou a arma. Procurou algo mais nos olhos dele, mas suas proteções estavam de volta e ela não conseguia mais perscrutar seu coração. Queria jogar a lança de lado e abraçá-lo, mas não aguentaria ser rejeitada outra vez.

— Bem… boa sorte — conseguiu dizer.

O Protegido assentiu.

— Para você também.

Ele se virou para a carroça e Leesha o encarou querendo gritar.

Os músculos do Protegido relaxaram quando ele se afastou. Custou-lhe toda a força de vontade para virar as costas para ela, mas não podiam se dar ao luxo de se confundirem um com o outro naquela noite.

Tentando afastar Leesha da mente, voltou os pensamentos para a batalha iminente. O livro sagrado dos krasianos, o Evejah, continha relatos das conquistas de Kaji, o primeiro Salvador. Ele o estudara com minúcia quando estava aprendendo a língua krasiana.

A filosofia de guerra de Kaji era sagrada em Krasia e havia guiado os guerreiros através de séculos de batalhas noturnas com os terraítas. Havia quatro leis divinas que regiam a batalha: estejam unidos em propósito de liderança. Batalhem em um momento e num local de sua escolha. Adaptem-se ao que não podem controlar e preparem o restante. Ataquem de maneiras que surpreendam o inimigo, buscando explorar suas fraquezas.

Um guerreiro krasiano aprendia desde o nascimento que o caminho da salvação residia em matar os *alagai*. Quando Jardir convocava-os para saltar fora da segurança das proteções, eles o faziam sem hesitar, lutando e morrendo com a certeza de que estavam servindo a Everam e seriam recompensados no pós-vida.

O Protegido temia que faltassem aos clareiros os mesmos objetivos comuns, que não se comprometessem com a luta, mas, ao vê-los correr para lá e para cá durante os preparativos, pensou que talvez os tivesse subestimado. Mesmo no Riacho de Tibbet, todos auxiliavam os vizinhos em tempos difíceis. Era o que mantinha os lugarejos vivos e prósperos, apesar da falta de muralhas protegidas. Se pudesse mantê-los ocupados, impedir que se desesperassem quando os demônios surgissem, talvez lutassem como um só.

Do contrário, todos na Casa Sacra morreriam naquela noite.

A força da resistência de Krasia devia-se muito mais à segunda lei de Kaji, batalhar num local de sua escolha, como se fosse um guerreiro. O Labirinto krasiano era cuidadosamente projetado para dar aos *dal'Sharum* camadas de proteção e encurralar os demônios até os lugares de vantagem.

Um lado da Casa Sacra dava para a floresta, onde os demônios da madeira reinavam, e dois mais ficavam virados para as ruas destruídas e os escombros da aldeia. Lugares demais para os terraítas cobrirem-se e se esconderem. Porém, além do calçamento da entrada principal ficava a praça da cidade. Se pudessem encurralar os demônios lá, talvez tivessem uma chance.

Não poderiam limpar a fuligem oleosa das paredes de pedra rústica da Casa Sacra e pintar proteções na chuva, então as janelas e grandes portas foram pregadas com tábuas, e proteções apressadas pintadas na madeira. O acesso ficou limitado a uma pequena entrada lateral, com pedras protetoras espalhadas diante da porta. Seria mais fácil para os demônios atravessarem a parede do que entrar por ali.

A simples presença de seres humanos no meio da noite serviria como um ímã para os demônios, mas, de qualquer maneira, o Protegido se esforçou para levar os terraítas para longe do prédio e dos flancos para que o caminho menos resistente os levasse a atacar a partir do extremo oposto da praça. Sob suas instruções, os aldeões ergueram obstáculos ao redor das outras faces da Casa Sacra e entremearam postes protetores feitos às pressas, sinais que ele pintara com proteções de confusão. Qualquer demônio que passasse por eles ao atacar as paredes do prédio esqueceria seu intento e inevitavelmente seria atraído para a comoção na praça da cidade.

De um lado da praça ficava um cercado para o gado do sacerdote. Era pequeno, mas seus novos postes protetores eram fortes. Poucos animais caminhavam ao redor dos homens que erguiam um abrigo rústico lá dentro. Do outro lado, foram cavadas trincheiras, rapidamente cheias com água suja da chuva para obrigar os demônios da chama a tomar um caminho mais fácil. O óleo de Leesha pairava numa grossa camada sobre a água.

Os aldeões tinham seguido bem a terceira lei de Kaji, a preparação. A chuva contínua deixara a praça escorregadia, uma camada fina de lama formando-se sobre a terra batida. Os círculos de mensageiro do Protegido foram postos ao redor do campo de batalha, como ele havia orientado, bem como pontos de emboscada e recuo, além de um fosso profundo cavado e coberto com uma lona enlameada. Gordura grossa e viscosa estava sendo espalhada nas pedras de cantaria com vassouras.

E a quarta lei, surpreender o inimigo, buscando explorar suas fraquezas, se cumpriria sozinha.

Os terraítas nunca esperariam que eles os atacassem.

— Fiz como o senhor pediu — disse um homem, aproximando-se enquanto ele observava o terreno.

— Hein? — perguntou o Protegido.

— Sou Benn, senhor — falou o homem. — Marido de Mairy.

O Protegido apenas o encarou.

— O soprador de vidro — esclareceu Benn, e os olhos do Protegido finalmente reluziram ao reconhecê-lo.

— Deixe-me vê-los.

Benn mostrou um pequeno frasco de vidro.

— Finos, como o senhor pediu. Frágeis.

O Protegido meneou a cabeça.

— Quantos você e seus aprendizes poderiam fazer a tempo?

— Três dúzias — respondeu Benn. — Posso perguntar para quê?

O Protegido balançou a cabeça e respondeu:

— Logo verá. Traga-os e encontre também alguns panos.

Rojer foi o próximo a chegar.

— Vi a lança de Leesha — falou ele. — Vim pegar a minha.

O Protegido negou com a cabeça.

— Você não vai combater. Vai ficar lá dentro com os doentes.

Rojer o encarou.

— Mas você disse para Leesha…

— Dar uma lança a você vai roubar sua força — interrompeu-o o Protegido. — Sua música ficaria perdida entre os ruídos de fora, mas lá dentro vai ser mais potente do que uma dúzia de lanças. Se os terraítas invadirem, conto com você para segurá-los até eu chegar.

Rojer olhou feio, mas assentiu e seguiu para dentro da Casa Sacra.

Os outros já estavam esperando pela atenção dele. O Protegido ouviu os relatórios sobre os avanços, delegando outras tarefas que eram cumpridas de imediato. Os aldeões moviam-se com rapidez encurvada, como lebres prontas para fugir a qualquer momento.

Assim que ele os dispensou, Stefny foi às pressas até ele, um grupo de mulheres furiosas atrás dela.

— Que história é essa de nos mandar para a cabana de Bruna? — inquiriu a mulher.

— As proteções lá são fortes — disse o Protegido. — Não tem espaço para vocês na Casa Sacra ou na casa de Leesha.

— Não queremos saber — disse Stefny. — Vamos lutar.

O Protegido olhou para ela. Stefny era uma mulher miúda, com um metro e meio, e magra como uma vareta. Já estava com mais de cinquenta verões, a pele era fina e curtida, como couro. Mesmo o menor demônio da madeira a ultrapassaria em tamanho.

Mas a expressão em seus olhos lhe dissera que não importava. Ela lutaria, independentemente do que ele dissesse. Os krasianos não deixavam as mulheres lutarem, e aquilo era um erro. Não rechaçaria qualquer um que quisesse participar da resistência à noite. Pegou uma lança da carroça e entregou para ela.

— Encontraremos um lugar para vocês — prometeu-lhe o Protegido.

Esperando que ele contestasse, Stefny ficou pasma, mas tomou a arma, assentiu uma vez e afastou-se. As outras mulheres também foram procurá-lo e ele entregou uma lança para cada uma delas.

Os homens apareceram todos de uma vez quando viram o Protegido entregar armas. Os lenhadores pegaram de volta os próprios machados, olhando para as proteções recém-pintadas com desconfiança. Nenhum golpe de machado jamais havia penetrado a carapaça de um demônio da madeira.

— Não preciso disso — disse Gared, devolvendo uma lança ao Protegido. — Não sei girar essa vareta, mas sei como bater com meu machado.

Um dos lenhadores trouxe uma garota de uns treze verões com ele.

— Meu nome é Flinn, senhor. Minha filha, Wonda, caça comigo às vezes. Não quero que ela fique aqui fora à noite, mas se deixá-la com um arco e flechas atrás de proteções verá que a mira dela é certeira.

O Protegido olhou para Wonda. A garota, alta e feia, havia puxado o pai em tamanho e força. Ele foi até o Dançarino das Sombras e pegou seu arco de teixo e flechas grandes.

— Não precisarei delas hoje à noite — disse-lhe, e apontou para uma janela alta no ápice do telhado da Casa Sacra. — Veja se consegue soltar algumas tábuas para atirar de lá.

Wonda pegou o arco e correu. O pai dela fez uma mesura e se afastou.

O sacerdote Jona mancou em seguida até ele.

— Deveria estar lá dentro e não andando — disse o Protegido, sempre desconfortável perto de homens santos. — Se não pode carregar nada ou cavar uma trincheira, não deve ficar no caminho.

O sacerdote Jona assentiu e disse:

— Queria apenas olhar as defesas.

— Devem aguentar — afirmou o Protegido com mais confiança do que sentia.

— E vão — concordou Jona. — O Criador não deixaria aqueles dentro de sua casa sem abrigo. Por isso ele o enviou.

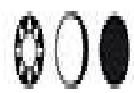
— Não sou o Salvador, sacerdote — disse o Protegido, olhando feio para Jona. — Ninguém me mandou e nada nesta noite é garantido.

Jona sorriu, condescendente, do jeito que um adulto faz frente à ignorância de uma criança.

— Então é apenas coincidência você ter aparecido num momento de necessidade? Não sou eu quem vai dizer se você é ou não o Salvador, mas você está aqui, como cada um de nós, porque o Criador *pôs* você aqui e ele tem motivos para tudo que faz.

— Ele tem um motivo para a epidemia atacar metade de sua aldeia? — questionou o Protegido.

— Não finjo ver o caminho — respondeu Jona com calma —, mas sei que está lá. Um dia, olharemos para trás e nos perguntaremos por que o erramos.



Darsy estava ao lado de Vika, agachada e exausta, tentando esfriar a testa febril com um pano úmido, quando Leesha entrou na Casa Sacra.

Leesha foi direto até elas, pegando o pano das mãos de Darsy.

— Vá dormir um pouco — ordenou ela, vendo o cansaço profundo nos olhos da mulher. — O sol logo vai se pôr e precisaremos de todas as forças. Vá. Descanse enquanto ainda pode.

Darsy balançou a cabeça.

— Vou descansar quando um terraíta me pegar. Até lá, vou trabalhar.

Leesha pensou por um instante, em seguida concordou. Puxou do avental uma substância borrachenta e escura enrolada em papel encerado e disse:

— Masque isso. Você estará péssima amanhã, mas isto a manterá alerta durante a noite.

Darsy assentiu, pegando a goma e lançando-a na boca, enquanto Leesha se curvava para examinar Vika. Pegou o odre que trazia no ombro, tirando a rolha.

— Ajude a sentá-la um pouco — falou ela, e Darsy a auxiliou, erguendo Vika para que Leesha pudesse lhe dar a poção. Ela cuspiu um pouco com a tosse, mas Darsy massageou a garganta da aprendiz, ajudando-a a engolir até Leesha ficar satisfeita.

Leesha ergueu-se e observou a massa aparentemente infinita de corpos prostrados. Fez uma triagem e cuidou dos piores antes de seguir para a cabana de Bruna, mas havia muitos ferimentos que precisavam de cuidados, ossos para consertar e rasgos para costurar, sem falar em derramar poções em dezenas de gargantas inconscientes.

Depois de um tempo, ficou confiante de que poderia expulsar a epidemia. Talvez alguns estivessem com a doença avançada e permaneceriam doentes ou morreriam, mas a maioria de seus filhos se recuperaria.

Se aguentassem a noite.

Ela reuniu os voluntários, distribuindo remédio e informando o que esperar e fazer quando os feridos lá de fora começassem a chegar.

Rojer observou Leesha e os outros trabalharem, sentindo-se um covarde enquanto afinava a rabeca. No seu íntimo, sabia que o Protegido estava certo: que ele devia trabalhar com seus pontos fortes, como Arrick sempre dissera. Mas isso não o fazia se sentir mais corajoso, esconder-se atrás de muralhas de pedra enquanto outros lutavam bravamente.

Não fazia muito tempo, o pensamento de baixar a rabeca para pegar uma arma era uma aberração, mas havia se cansado de ficar escondido enquanto outros morriam por ele.

Se vivesse para contar, ele imaginou que “A Batalha da Clareira do Lenhador” seria uma história que sobreviveria aos filhos dos seus filhos. Mas e a sua parte? Tocar rabeca do esconderijo era um feito que dificilmente mereceria uma linha, quanto mais um verso.

31

A BATALHA DA CLAREIRA DO LENHADOR

– 332 DR –

OS LENHADORES ESTAVAM DIANTE DA PRAÇA. Cortar árvores e carregar troncos havia deixado a maioria deles com braços fortes e ombros largos, mas alguns, como Yon Grisalho, já haviam deixado os melhores anos para trás, e outros, como o filho de Ren, Linder, não havia alcançado uma idade de força plena. Estavam apinhados num dos círculos portáteis, agarrando os cabos úmidos dos machados quando o céu escureceu.

Atrás dos lenhadores, as três vacas mais gordas da Clareira foram amarradas no centro da praça. Haviam consumido a ração com a poção de Leesha e dormiam profundamente em pé.

Atrás das vacas ficava o círculo maior. Aqueles que estavam dentro dele não se equiparavam em musculatura aos lenhadores, mas vinham em grande quantidade. Quase metade eram mulheres, algumas com quinze verões. Estavam sérias ao lado dos maridos, pais, irmãos e filhos. Merrem, a esposa troncuda de Dug, o açougueiro, carregava um cutelo protegido e parecia pronta para usá-lo.

Atrás deles havia o fosso coberto e, em seguida, o terceiro círculo, bem diante

das grandes portas da Casa Sacra, onde Stefny e as outras, velhas ou frágeis demais para correr pela praça enlameada, estavam firmes com as lanças longas.

Cada um tinha nas mãos uma arma protegida. Alguns, aqueles com as de menor alcance, também carregavam escudos redondos feitos com tampas de barril, pintados com proteções de defesa. O Protegido tinha feito apenas um desses, mas os outros haviam feito boas cópias.

Numa das pontas do cercado, atrás dos postes protetores, estava a artilharia, crianças que mal haviam chegado à adolescência armadas com arcos e fundas. Alguns adultos receberam um dos preciosos tubos de trovão ou um dos finos frascos de Benn, com um pano ensopado dentro dele. Crianças mais jovens seguravam lampiões cobertos contra a chuva para acender as armas. Aqueles que se recusaram a lutar ficaram encolhidos com os animais sob o abrigo atrás deles, que protegia os fogos de artifício de Bruna.

Muitos, como Ande, haviam recuado da promessa de lutar, aceitando o escárnio dos camaradas quando se esconderam atrás de proteções. Quando o Protegido cavalgou pela praça montado no Dançarino das Sombras, viu outros olhando para o cercado com tristeza, o medo estampado no rosto.

Gritos foram ouvidos quando os terraítas se ergueram, e muitos deram um passo para trás, sua determinação vacilante. O terror ameaçava derrotar os clareiros antes de a batalha sequer começar. Algumas dicas do Protegido sobre onde e como acertá-los eram insuficientes contra o peso de uma vida toda de pavor.

O Protegido percebeu o tremor de Benn. Uma das pernas de sua calça estava encharcada e colada à perna trêmula, e não era pela chuva. Ele apeou e ficou de frente para o soprador de vidro.

— Por que está aqui fora, Benn? — perguntou ele, erguendo a voz para que todos pudessem ouvir.

— M-minhas fi-filhas — respondeu Benn, apontando com a cabeça para a Casa Sacra. Parecia que a lança que segurava voaria vibrando para longe de suas mãos.

O Protegido assentiu. A maioria dos clareiros estava lá para proteger seus entes queridos que jaziam, indefesos, na Casa Sacra. Se não, todos estariam no cercado. Ele apontou para os terraítas que se materializavam na praça.

— Tem medo deles? — perguntou-lhe o Protegido, mais alto ainda.

— Si-sim — conseguiu dizer Benn, lágrimas misturadas com a chuva no rosto. Um olhar mostrou que os outros também assentiam.

Ele então arrancou a túnica. Ninguém vira o Protegido despido antes. Todos se espantaram quando perceberam as proteções tatuadas em cada centímetro do corpo.

— Atenção — disse para Benn, mas o comando era para todos.

O Protegido saiu do círculo e caminhou a passos largos até um demônio da

madeira de mais de dois metros que estava começando a se solidificar. Olhou para trás e fitou os olhos do máximo de clareiros que pôde. Ao vê-los observar atentamente, ele gritou:

— É isso que vocês temem!

Com um giro rápido, o Protegido bateu a palma da mão com força na boca do terraíta, derrubando o demônio com um lampejo de magia assim que ele se solidificou por completo. O terraíta gritou de dor, mas se recuperou rapidamente, enrolando a cauda para saltar. Os aldeões ficaram boquiabertos, os olhos fixos na cena, certos de que o Protegido seria morto.

O demônio da madeira avançou, mas o Protegido tirou a sandália e se virou, dando um chute no alcance do terraíta. Seu calcanhar protegido atingiu o peito encouraçado com um estrondo e o demônio foi arremessado outra vez, seu peito chamuscado e enegrecido.

Um demônio da madeira menor lançou-se sobre o homem enquanto espreitava a presa, mas o Protegido agarrou seu braço e girou-o atrás das costas, acertando os dedões protegidos nos olhos da criatura. Subiu uma fumaça entre chiados e o terraíta berrou, cambaleando para longe e arranhando a própria cara.

Enquanto a fera cega cambaleava, o Protegido retomou a perseguição ao primeiro demônio, vendo o próximo ataque do terraíta pronto. Girou no eixo e usou o impulso do terraíta contra ele, agarrando-se ao demônio quando passou e envolvendo os braços protegidos na cabeça do monstro. Apertou, ignorando as tentativas fúteis que o demônio fazia para deslocá-lo, e esperou enquanto a realimentação crescia em intensidade. Por fim, com uma explosão de magia, o crânio do terraíta foi esmagado e eles foram ao chão.

Os outros demônios mantiveram distância quando o Protegido deixou o cadáver para trás, chiando e buscando um sinal de fraqueza. O Protegido rugiu para eles e aqueles que estavam mais próximos deram um passo para trás.

— Não é você que precisa ter medo deles, Benn! — gritou o Protegido, sua voz como um furacão. — São *eles* que precisam temê-lo!

Nenhum dos clareiros emitiu som, mas muitos caíram de joelhos, desenhando proteções no ar diante de si. Ele caminhou até Benn, que não tremia mais.

— Lembre-se disso — falou ele, usando a túnica para limpar a lama das proteções — da próxima vez que eles acuarem seu coração.

— Salvador — sussurrou Benn, e os outros começaram a murmurar o mesmo.

O Protegido balançou a cabeça com força, negando, as gotas de chuva voaram.

— *Você* é o Salvador! — gritou ele, apontando com força para o peito de Benn. — E você! — ele gritou, virando-se para erguer um homem que estava ajoelhado. — Todos vocês são Salvadores! — urrou o Protegido, apontando para todos que estavam ali. — Se os terraítas têm medo do Salvador, que tremam diante de uma centena deles!

Ele ergueu o punho e os clareiros gritaram.

O espetáculo manteve os demônios recém-solidificados sob controle por um momento. Eles emitiam grunhidos baixos enquanto avançavam e recuavam. Mas logo seu ritmo diminuiu e um a um eles se agacharam, os músculos tensos quando armaram o bote.

O Protegido olhou para o flanco esquerdo, seus olhos guarnecidos perfurando o lusco-fusco. Demônios da chama evitavam a trincheira cheia d'água, mas os demônios da madeira aproximavam-se por aquele caminho sem se importar com a umidade.

— Acendam! — gritou, apontando para a trincheira.

Benn acendeu uma vareta de fogo, protegendo do vento e da chuva a chama mínima, e tocou-a no pavio de um assovio de fogo. Quando o pavio chiou e faiscou, Benn jogou-o na direção da trincheira.

No meio do caminho, o pavio terminou e um jato de fogo explodiu da ponta do assovio de fogo. Um tubo de papel grosso girou num cata-vento brilhante, emitindo um chiado agudo quando atingiu a lama oleosa da trincheira.

Os demônios da madeira berraram quando a água nos seus joelhos avivou-se em chamas. Caíram para trás, debatendo-se aterrorizados para extinguir o fogo, chapinhando no óleo e espalhando mais as chamas.

Demônios da chama berraram alegres quando saltaram no fogo, esquecendo a água que estava por baixo. O Protegido sorriu com os gritos ao ver a água borbulhar.

As chamas encheram a praça com luz tremeluzente, e os lenhadores arfaram com o tamanho da horda diante deles. Demônios do vento cruzavam o céu, habilidosos mesmo com vento e chuva. Ágeis demônios da chama corriam, olhos e bocas incandescentes, delineando os demônios da rocha gigantescos que caminhavam às margens do bando. E demônios da madeira. Muitos demônios da madeira.

— Parece que as árvores da floresta se levantaram contra os lenhadores — disse Yon Grisalho, assustado, e muitos dos lenhadores concordaram com a cabeça, apavorados.

— Nunca encontrei uma árvore que não pudesse derrubar — resmungou Gared, erguendo o machado. A bravata infiltrou-se pelas fileiras e outros lenhadores se empertigaram.

Logo os terraítas perceberam a determinação, saltando sobre os lenhadores com as garras apontadas. As proteções do círculo impediram-nos e os lenhadores afastaram-se para golpear.

— Esperem! — gritou o Protegido. — Lembrem-se do plano!

Os homens controlaram-se, deixando os demônios golpearem as proteções em vão. Os terraítas corriam ao redor do círculo, procurando falhas, e os lenhadores logo ficaram ocultos sob um mar de peles como casca de árvore.

Foi um demônio da chama, não muito maior que um gato, que primeiro avistou as vacas. Berrou, saltando nas costas de um dos animais, as garras afundando-se. A vaca despertou e mugiu sua dor, quando o pequeno terraíta rasgou um pedaço da pele com os dentes.

O som fez os outros terraítas esquecerem os lenhadores. Caíram sobre as vacas numa explosão sanguinolenta, estraçalhando os animais. O sangue espirrava alto no ar, misturando-se com a chuva antes de tingir a lama. Até um demônio do vento mergulhou para arrancar um pedaço de carne antes de voltar a planar.

Num piscar de olhos, os animais foram devorados, embora nenhum dos terraítas parecesse satisfeito. Moveram-se na direção do próximo círculo, batendo contra as proteções e atraindo centelhas de magia no ar.

— Esperem! — gritou novamente o Protegido quando as pessoas ao redor ficaram tensas. Ele segurou a lança para trás, observando os demônios com atenção. Esperando.

Mas então ele viu. Um demônio tombou ao perder o equilíbrio.

— Agora! — ordenou o Protegido, saltando do círculo e atravessando a cabeça de um demônio.

Os clareiros soltaram um grito primevo e atacaram, saltando sobre os terraítas entorpecidos despreocupados, furando e rasgando. Os demônios berravam, mas, graças à poção de Leesha, sua reação era lenta. Conforme instruídos, os clareiros trabalhavam em pequenas equipes, apunhalando os demônios por trás quando viravam sua atenção para outros. Armas protegidas avivavam-se e desta vez foi o sangue das trevas que espirrava no ar.

Merrem arrancou o braço inteiro do demônio da madeira com seu cutelo e seu marido Dug enterrou sua faca de açougueiro na lateral. O demônio do vento que comera a carne com poção caiu de uma vez no meio da praça e Benn cravou sua lança nele, girando com força quando a ponta protegida avivou-se quente para perfurar a pele do terraíta.

As garras demoníacas não penetravam a proteção nos escudos de madeira e quando os escudeiros perceberam ganharam confiança, batendo com mais força ainda nos terraítas zonzos.

Mas nem todos os demônios estavam drogados. Aqueles que estavam atrás aumentaram a pressão para avançar. O Protegido esperou até a vantagem da surpresa esmaecer e gritou:

— Artilharia!

As crianças no cercado deram um grito alto, encaixando os frascos nas fundas e lançando-os sobre a horda de demônios diante do círculo dos lenhadores. O vidro fino estilhaçava-se com facilidade contra a carapaça dos demônios da madeira, cobrindo-os com o líquido que se grudava neles, apesar da chuva. Os demônios rugiam, mas não conseguiam atravessar os postes protetores do

cercadinho.

Enquanto os terraítas ficavam enfurecidos, os carregadores de lampião corriam para lá e para cá, tocando as chamas nas pontas de madeira enroladas com trapos e mergulhadas em piche e os pavios dos fogos de artifício de Bruna. Não os acenderam de uma vez como foram instruídos, mas aquilo fez pouca diferença. Com a primeira flecha, a lava das trevas alastrou-se pelas costas de um demônio da madeira e a criatura berrou, debatendo-se em outra e queimando-a também. Fogos de festival, fogos de lançar e assovios de fogo juntaram-se à saraivada de flechas e assustaram alguns demônios com a luz e o som, incendiando outros. A noite iluminava-se enquanto os demônios queimavam.

Um assovio de chama atingiu o sulco raso na frente do círculo dos lenhadores que estendia-se de ponta a ponta na praça. A centelha acendeu a lava das trevas e a poção derrubada incendiou-se com intensidade, queimando vários demônios da madeira e isolando os outros terraítas.

Porém, entre os círculos e longe das chamas, a batalha continuava enfurecida. Os demônios entorpecidos caíam rapidamente, mas seus pares não eram amedrontados pelos aldeões armados. As equipes estavam se separando e alguns dos clareiros foram tomados pelo medo e recuaram, dando aos terraítas uma abertura para atacar.

— Lenhadores! — gritou o Protegido quando espetou um demônio da chama com sua lança.

Com as costas seguras, Gared e os outros lenhadores rugiram e saltaram do círculo, acuando os demônios que atacavam o grupo do Protegido por trás. Mesmo sem magia, a pele do demônio da madeira era grossa e retorcida, como casca de árvore velha, mas os lenhadores cortavam madeira o dia todo e as proteções em seus machados drenavam a magia que as fortalecia ainda mais.

Gared foi o primeiro a sentir o solavanco quando as proteções atingiram a magia dos demônios e usou o poder dos terraítas contra eles. O choque correu pelo cabo do machado e fez seus braços adormeceram quando um milésimo de segundo de êxtase o tomou. Arrancou a cabeça do demônio e uivou, atacando o próximo da fila.

Cercados dos dois lados, os demônios foram derrubados com força. Séculos de dominação haviam ensinado que os seres humanos, mesmo quando combatidos, não deveriam ser temidos, e não estavam preparados para a resistência. Do alto da janela do balcão do coro da Casa Sacra, Wonda flechava com precisão assustadora, cada ponta de flecha protegida atingindo os demônios como um raio.

Porém, o cheiro de sangue coalhava o ar e os gritos de dor podiam ser ouvidos a quilômetros. A distância, os terraítas uivavam para responder aos sons. Reforços chegariam logo, mas não para os seres humanos.

Não demorou muito até os demônios se recuperarem. Mesmo sem sua

carapaça impenetrável, poucos humanos podiam esperar ficar frente a frente com um demônio da madeira. O menor dos demônios era mais parecido em força com Gared do que com um homem normal.

Merrem atacou um demônio da chama do tamanho de um cachorro grande, seu cutelo já enegrecido com sangue das trevas. Ela estendeu o escudo para se defender, seu braço com cutelo já pronto para golpear.

O terraíta berrou e cuspiu fogo nela. Ela ergueu o escudo para bloquear, mas a proteção pintada não tinha força contra fogo e a madeira explodiu em chamas. Merrem gritou quando o braço queimou, caindo e rolando na lama. O demônio saltou sobre ela, mas o marido Dug estava lá para interceptá-lo. O pesado açougueiro estripou o demônio da chama como um porco, mas gritou quando o sangue incandescente atingiu seu avental de couro, incendiando-o.

Um demônio da madeira desviou ao cair sob o machado violento de Evin, erguendo-se de uma vez quando o homem estava de guarda baixa, levando-o ao chão. Ele gritou quando as mandíbulas avançaram, mas ouviu um latido e seus cães de caça derrubaram o demônio de lado, arremessando-o longe. Evin recuperou-se rapidamente, acertando o terraíta de bruços, mas não antes de ele destroçar um dos cães gigantes. Evin berrou raivoso e bateu novamente antes de se virar e encontrar outro inimigo, os olhos selvagens.

Foi então que a trincheira de lava das trevas se apagou e os demônios da madeira presos do outro lado começaram a avançar.

— Tubos de trovão! — gritou o Protegido enquanto o Dançarino das Sombras pisoteava um demônio da rocha embaixo dos cascos.

Ao ouvir o alerta, o mais velho da artilharia pegou algumas das armas preciosas e voláteis. Havia menos de uma dúzia, pois Bruna era cautelosa em sua produção, com medo de as ferramentas poderosas serem usadas.

Os pavios acenderam e os tubos foram lançados sobre os demônios que se aproximavam. Um aldeão deixou cair o tubo, escorregadio por causa da chuva, e curvou-se rapidamente para pegá-lo, mas não foi rápido o bastante. O tubo de trovão estourou suas mãos, explodindo-o junto com o carregador de lampião, fazendo os dois em pedaços, num clarão. A força arrebatadora lançou vários outros do cercado ao chão, gritando de dor.

Um dos tubos de trovão explodiu entre dois demônios da madeira. Os dois foram derrubados e feridos. Um deles, com a pele em chamas, não se levantou. O outro, extinguindo o fogo na lama, virou-se para se erguer com ajuda de uma das garras. A magia de sua pele já estava curando os ferimentos.

Outro tubo de trovão voou até um demônio da rocha com quase três metros de altura, que o pegou com uma das garras e inclinou-se para espreitar o objeto curioso quando este explodiu.

No entanto, quando a fumaça se dispersou, o demônio estava de pé, inabalado, e avançou na direção dos aldeões na praça. Wonda atirou três flechas nele, mas

ele berrou e continuou seu ataque com ira dobrada.

Gared encontrou-o antes de ele chegar aos outros, respondendo ao grito com um rugido. O lenhador robusto desviou do primeiro golpe e bateu o machado no peito da criatura, sentindo a magia percorrer seus braços. Por fim, o demônio despencou e Gared precisou subir no monstro para puxar sua arma da grossa carapaça.

Um demônio do vento mergulhou, suas garras torcidas quase cortando Flinn ao meio. Da janela do coro, Wonda soltou um grito e matou o terraíta com uma flechada nas costas, mas o ferimento foi aberto e o pai despencou.

Um golpe de um demônio da madeira arrancou a cabeça de Ren, mandando-a para longe do corpo. Seu machado caiu na lama quando seu filho, Linder, partiu o braço do demônio agressor.

Perto do cercado, no flanco direito, Yon Grisalho foi atingido por um golpe de relance, mas foi o bastante para jogar o homem ao chão. O terraíta foi até Yon quando ele pôs as mãos na terra, tentando se erguer, mas Ande soltou um grito abafado e saltou do cercado protegido, agarrando o machado de Ren e enterrando-o nas costas da criatura.

Outros seguiram-no, o medo esquecido e a segurança do cercado deixada de lado, para pegar as armas dos caídos ou arrastar os feridos para um lugar seguro. Keet enfiou um trapo no último dos frascos de lava das trevas, acendendo-o e lançando-o na cara de um demônio da madeira a fim de proteger suas irmãs enquanto elas arrastavam um homem para o cercado. Keet conseguiu incendiar o terraíta e comemorou até um demônio da chama pular sobre a criatura imolada, berrando de felicidade enquanto se aquecia no fogo. Keet virou-se e correu, mas o demônio saltou em suas costas e o derrubou.

O Protegido estava em todos os lugares da batalha, matando alguns demônios com sua lança e outros apenas com mãos e pés. O Dançarino das Sombras mantinha-se perto dele, golpeando com cascos e chifres. Eles irrompiam onde a luta estivesse mais encarniçada, afastando os terraítas e fazendo-os presas fáceis para os outros. Perdeu a conta de quantas vezes impediu os demônios de completarem um golpe assassino, deixando as vítimas se recuperarem e voltarem à luta.

Em meio ao caos, um grupo de terraítas cambaleou através da linha central e atravessou o segundo círculo, pisando na lona e caindo sobre as estacas com proteções encaixadas no fundo do fosso. A maioria deles retorcia-se violentamente, empalados na magia mortal, mas um dos demônios conseguiu escapar das lanças e escalou o fosso até sair dele. Um machado protegido arrancou-lhe a cabeça antes que pudesse voltar para lutar ou fugir.

Porém, os terraítas não paravam de chegar e, assim que o fosso foi revelado, passaram com tranquilidade ao redor dele. Ouviu-se um grito e o Protegido virou-se e viu uma luta ferina na direção das grandes portas da Casa Sacra. Os

terraítas haviam farejado os doentes e fracos lá dentro e ficaram enlouquecidos para invadir e começar o massacre. As proteções desenhadas com giz haviam desaparecido, lavadas pela chuva que não cessava.

A gordura espessa espalhada nas pedras de cantaria diante das portas reduziu um pouco o avanço dos demônios. Mais de um deles tropeçou na cauda ou deslizou para dentro das proteções do terceiro círculo. Porém, eles dobravam as garras, enterrando-as na terra para recobrar o equilíbrio, e continuavam.

As mulheres às portas fustigavam de dentro da segurança do círculo com suas lanças longas e os mantiveram afastados por um momento, mas a ponta da lança de Stefny ficou presa na pele retorcida de um demônio e ela foi puxada para fora. Seu pé ficou preso na corda do círculo portátil e, num instante, as proteções saíram de seu alinhamento e a rede foi destruída.

O Protegido cavalgou a toda velocidade, saltando o fosso com quase quatro metros de largura, mas não conseguiu chegar rápido o bastante para impedir a carnificina. Corpos eram destroçados com afã quando chegou aos tropeços, atacando com selvageria.

Quando a confusão terminou, flagrou-se arfando com algumas sobreviventes. Stefny, incrivelmente, estava entre eles, melada de sangue preto, mas não parecia ferida, e seus olhos carregavam grande determinação.

Um grande demônio da madeira atacou-os e eles se viraram juntos para resistir, mas o terraíta agachou-se para escapar e saltou, alcançando a parede de pedra da Casa Sacra. Suas garras encaixaram-se com facilidade entre as pedras empilhadas e o Protegido não conseguiu segurar sua cauda agitada.

— Cuidado! — gritou o Protegido para Wonda, mas a garota estava atenta demais mirando o arco e não ouviu a tempo. O demônio agarrou-a e jogou Wonda por cima da própria cabeça como se fosse um mero obstáculo. O Protegido correu e deslizou na gordura e na lama de joelhos, pegando o corpo ensanguentado e alquebrado antes que se espatifasse no chão, mas, enquanto o fazia, o demônio atravessou a janela e entrou na Casa Sacra.

O Protegido correu para a entrada lateral, mas escorregou até parar quando viu seu caminho barrado por uma dúzia de demônios em pé, atordoados com as proteções de confusão. Ele urrou, saltando no meio deles, mas sabia que nunca conseguiria chegar lá dentro a tempo.

As paredes de pedra da Casa Sacra ecoaram os gritos de dor lá de fora e os berros dos demônios à soleira das portas levaram todos na Casa Sacra às raias do desespero. Lá dentro, alguns choravam desbragadamente ou balançavam-se lentamente para a frente e para trás, tremendo de medo; outros deliravam e se debatiam.

Leesha lutava para mantê-los calmos, falando palavras tranquilizadoras para os que estavam mais conscientes e drogando os menos, impedindo que estourassem seus pontos ou se machucassem num furor fervoroso.

— Estou bem para lutar! — insistiu Smitt, o grande estalajadeiro arrastando Rojer pelo assoalho enquanto o pobre menestrel tentava em vão impedi-lo.

— Você não está bem! — gritou Leesha, correndo até ele. — Vai morrer se for até lá fora!

Quando se aproximou, esvaziou uma garrafinha num pano. Quando o pressionasse no rosto dele, os vapores o derrubariam rapidamente.

— Minha Stefny está lá fora! — gritou Smitt. — Meu filho e minhas filhas!

Ele agarrou o braço de Leesha quando ela estendeu o pano, empurrando-a com violência para o lado. Ela tropeçou sobre Rojer e os dois despencaram em confusão. O estalajadeiro estendeu a mão para a barra nas portas principais.

— Smitt, não! — pediu Leesha. — Você vai deixá-los entrar e matar todos nós!

Mas o estalajadeiro, febril e insano, não deu atenção ao aviso da ervanária e agarrou a tranca com as duas mãos e puxou.

Darsy agarrou o ombro do homem, virou-o e desferiu um soco no rosto dele. Smitt girou de volta com a força do golpe e despencou no chão.

— Às vezes, a abordagem direta funciona melhor que ervas e agulhas — disse Darsy para Leesha, sacudindo a mão para se livrar da dormência.

— Entendo por que Bruna precisava de um bastão — concordou Leesha, e as duas pegaram os braços de Smitt e arrastaram-no para o colchão. Além das portas, os sons da batalha continuavam ferozes.

— Parece que todos os demônios das Profundas estão tentando entrar — murmurou Darsy.

Ouviu-se um estrondo lá em cima e, em seguida, um grito de Wonda. O balcão do coro espatifou-se e as vigas de madeira despencaram, matando um infeliz que estava bem embaixo e ferindo outro. Uma figura imensa caiu no meio do salão, uivando quando aterrissou sobre outra paciente, e rasgou-lhe a garganta antes que ela soubesse o que lhe havia atingido.

O demônio da madeira ergueu-se por inteiro, gigantesco e terrível, e Leesha sentiu o coração congelar. Ela e Darsy ficaram paralisadas, Smitt um peso morto entre elas. A lança que o Protegido lhe dera estava recostada numa das paredes, distante, e mesmo se tivesse com as mãos nela Leesha duvidava que faria muito mais que reduzir a velocidade do gigante terraíta. A criatura berrou e ela sentiu os joelhos cederem de pavor.

Porém, no instante seguinte, Rojer estava lá, colocando-se entre elas e o demônio. O terraíta sibilou para ele e Rojer engoliu seco. Todos os instintos lhe disseram para correr e se esconder, mas em vez disso encaixou a rabeca sob o queixo e levou o arco às cordas, enchendo a Casa Sacra com uma melodia chorosa, melancólica.

O terraíta chiou para o menestrel e arreganhou os dentes longos e afiados como facas de talhar, mas Rojer não parou de tocar e o demônio da madeira deteve-se, inclinando a cabeça e encarando-o com curiosidade.

Depois de alguns momentos, Rojer começou a balançar-se de um lado para o outro. O demônio, com os olhos fixados na rabeca, começou a fazer o mesmo.

Encorajado, Rojer deu um passo para a esquerda. O demônio também o imitou.

Voltou para a direita e o terraíta fez o mesmo.

Rojer continuou, circundando o demônio num arco lento e amplo. A fera hipnotizada virou-se quando ele o fez, até ficar de costas para os pacientes chocados e apavorados.

Nesse momento, Leesha deixou Smitt no chão e pegou a lança. Parecia pouco mais que uma vareta, os braços dos demônios muito mais longos, mas ela avançou de qualquer forma, sabendo que nunca teria uma oportunidade melhor. Ela cerrou os dentes e avançou, enterrando a lança protegida nas costas do terraíta com toda a força.

Leesha viu um clarão e sentiu uma explosão de êxtase quando a magia percorreu seus braços. Em seguida, foi lançada para trás. Assistiu ao demônio gritar e a se retorcer, tentando arrancar a lança reluzente ainda grudada nas costas. Rojer esquivou-se quando a criatura despencou sobre as grandes portas nos últimos espasmos, abrindo-as quando caiu morta.

Demônios uivaram de prazer e avançaram pela abertura, mas foram recebidos pela música de Rojer. A melodia tranquilizadora e hipnotizante desaparecera, substituída por sons agudos e desafinados que fizeram os terraítas arranharem as próprias orelhas ao passo que cambaleavam para trás.

— Leesha! — A porta lateral se abriu com um estrondo e Leesha virou-se para ver o Protegido, lavado com sangue das trevas e o seu próprio, irromper no salão, procurando ao redor freneticamente. Viu o demônio da madeira caído e virou-se para encontrar os olhos dela. Seu alívio era palpável.

Ela quis jogar-se nos braços dele, mas se ele virou e avançou para as portas estilhaçadas. Apenas Rojer mantinha segura a entrada, sua música segurando os demônios para trás como se fosse uma rede protetora. O Protegido empurrou o cadáver do demônio da madeira de lado, puxando com força a lança e jogando-a de volta para Leesha. Em seguida, avançou para dentro da noite.

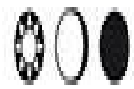
Leesha olhou para a carnificina na praça e seu coração apertou-se. Dezenas de crianças jaziam mortas ou agonizantes na lama enquanto a batalha continuava.

— Darsy! — gritou ela e, quando a mulher correu até ela, correram juntas para fora e puxaram os feridos para dentro.

Wonda estava caída e arfava no chão quando Leesha chegou até ela, suas roupas rasgadas e ensanguentadas onde o demônio cravara as garras. Um

demônio da madeira avançou sobre elas quando Leesha e Darsy inclinaram-se para erguer a ferida, mas Leesha tirou um frasco do avental e jogou nele, estilhaçando o vidro fino na cara da criatura. O demônio berrou quando o ácido derreteu seus olhos e as ervanárias apressaram-se com o salvamento.

Deixaram a garota dentro da Casa Sacra e Leesha gritou instruções para uma das assistentes antes de correr para fora de novo. Rojer ficou em pé na entrada, o rascar da rabeca formava uma parede de som que mantinha o caminho livre, protegendo Leesha e os outros que começavam a arrastar os feridos para dentro.



A batalha chegou ao ápice e declinou através da noite, deixando os aldeões cansados demais cambalearem de volta aos círculos ou até a Casa Sacra para tomarem fôlego ou um gole de água. Houve uma hora em que nenhum demônio estava por perto, e outro em que um bando que devia ter percorrido quilômetros de distância correndo avançou sobre eles.

Em algum momento, a chuva parou, mas ninguém se lembrava de quando, pois estavam preocupados demais em atacar o inimigo e ajudar os feridos. Os lenhadores formaram uma muralha diante das portas principais e Rojer caminhava pela praça afastando os demônios com a rabeca enquanto os feridos eram recolhidos.

Quando a primeira luz da aurora surgiu no horizonte, a lama da praça fora transformada numa mistura fétida de sangue humano e humor das trevas, corpos e membros espalhados por todo os cantos. Muitos saltaram, assustados, quando o sol atingiu os cadáveres dos demônios, incendiando sua carne. Com os estouros de lava das trevas em toda a praça, o sol finalizou a batalha, incinerando os poucos demônios que ainda se retorciam.

O Protegido olhou para o rosto dos sobreviventes, metade de seus combatentes no mínimo, e ficou surpreso com a força e a determinação que vira. Parecia impossível que aquelas pessoas faziam parte do mesmo povo tão frágil e aterrorizado de menos de um dia antes. Talvez tivessem perdido muito à noite, mas os clareiros estavam mais fortes que nunca.

— O Criador seja louvado — disse o sacerdote Jona, cambaleando para a praça em sua muleta, desenhando proteções no ar enquanto os demônios queimavam à luz matutina. Foi até o Protegido e parou diante dele.

— Tudo isso graças a você — disse ele.

O Protegido balançou a cabeça.

— Não, vocês fizeram isso. Todos vocês.

Jona assentiu.

— Fizemos — concordou ele. — Mas apenas porque você veio e nos mostrou o caminho. Ainda duvida?

O Protegido se irritou.

— Reclamar esta vitória como minha desmereceria o sacrifício de todos os que morreram durante a noite — respondeu ele. — Guarde suas profecias, sacerdote. Este povo não precisa delas.

Jona fez uma grande reverência.

— Como quiser — falou ele, mas o Protegido sentiu que a questão não se encerrara ali.

32
ADEUS À CLAREIRA
– 332 DR –

LEESHA ACENOU QUANDO ROJER e o Protegido apareceram na estrada. Devolveu o pincel para o recipiente no alpendre quando apearam.

— Você aprende rápido — disse o Protegido, aproximando-se para examinar as proteções que ela pintara na balaustrada. — Estas aqui segurariam uma horda de terraítas.

— Rápido? — perguntou Rojer. — Pela Noite, isso é desmerecer o trabalho dela. Não faz um mês que ela não conseguia diferenciar uma proteção de vento de uma da chama.

— Ele tem razão. Eu já vi protetores com cinco anos de jornada que não tinham metade do capricho desses traçados — concordou o Protegido.

Leesha sorriu e falou:

— Sempre fui uma aluna rápida. E você e meu pai são bons professores. Queria ter aprendido antes.

O Protegido deu de ombros.

— Seria bom que todos pudéssemos voltar e tomar decisões com base no

futuro.

— Acho que eu teria tido uma vida diferente — concordou Rojer.

Leesha gargalhou e levou-os para dentro da cabana.

— O jantar está quase pronto — disse ela e seguiu para o fogo. — Como foi a reunião do conselho da aldeia? — perguntou, mexendo o caldeirão fumegante.

— Idiotas — resmungou o Protegido.

Ela riu novamente.

— Tão boa assim?

— O conselho votou a mudança do nome da aldeia para Clareira do Salvador — comentou Rojer.

— É apenas um nome — falou Leesha, juntando-se a eles na mesa e servindo chá.

— Não é o nome que incomoda, é a *noção* — retrucou o Protegido. — Consegui que os aldeões parassem de me chamar de Salvador na minha frente, mas ainda ouço sussurrarem às minhas costas.

— Será mais fácil para você se aceitar — falou Rojer. — Não pode impedir uma história como essa. Nessa hora, todo menestrel ao norte do deserto krasiano vai contá-la.

O Protegido balançou a cabeça.

— Não vou mentir e fingir que sou algo que não torna a vida mais fácil. Se eu quisesse uma vida fácil… — Ele não terminou a frase.

— E os reparos? — perguntou Leesha, trazendo-o de volta quando seus olhos ficaram distantes.

Rojer sorriu e falou:

— Com os clareiros em pé graças às suas curas, parece que uma nova casa é erguida a cada dia. Poderá voltar para a aldeia logo mais.

Leesha balançou a cabeça.

— Esta cabana é tudo o que me restou de Bruna. É meu lar agora.

— Longe assim do vilarejo, ficará fora da área de segunrança — alertou o Protegido.

Leesha ergueu os ombros.

— Entendi por que você traçou as novas ruas na forma de uma proteção, mas existem benefícios em estar fora da área protegida também.

— É mesmo? — perguntou o Protegido, franzindo a testa.

— Que benefício poderia haver em viver numa terra em que os demônios podem pisar? — perguntou Rojer.

Leesha bebericou o chá.

— Minha mãe também se recusa a mudar. Diz que atrás de suas novas proteções e com os lenhadores cortando ao meio todo demônio que aparece é um incômodo desnecessário.

O Protegido franziu a testa.

— Sei que parece que temos os demônios controlados, mas se as histórias das Guerras das Trevas forem verdadeiras eles não ficarão assim por muito tempo. Voltarão com força e quero a Clareira do Lenhador a postos.

— Clareira do Salvador — corrigiu Rojer, abrindo um sorrisinho para a cara feia do Protegido.

— Com você por aqui, ela estará — falou Leesha, ignorando Rojer e bebendo o chá. Olhou cuidadosamente para o Protegido por sobre a borda da caneca.

Quando ele hesitou, ela baixou a caneca e disse:

— Você vai embora. Quando?

— Quando a Clareira estiver pronta — respondeu o Protegido, sem negar a conclusão da ervanária. — Perdi anos reunindo proteções que podem tornar as Cidades Livres de fato livres. Tenho uma dívida com todas as cidades e os lugarejos em Thesa e vou lhes entregar o que precisam para resistirem à noite.

Leesha assentiu.

— Queremos ajudá-lo.

— Vocês vão — concordou o Protegido. — Com a Clareira em suas mãos, sei que estará em segurança enquanto eu estiver fora.

— Precisará de mais que isso — falou Leesha. — Alguém para ensinar outras ervanárias a fazer armas de fogo e venenos, e a tratar feridas demoníacas.

— Poderia anotar tudo isso — disse o Protegido.

Leesha bufou.

— E entregar a um homem os segredos do fogo? Não mesmo.

— De qualquer forma, eu não poderia escrever lições de rabeca, nem se eu soubesse escrever — comentou Rojer.

O Protegido hesitou e, em seguida, balançou a cabeça.

— Não. Vocês dois só vão me atrasar. Ficarei semanas nas florestas e vocês não têm estômago para isso.

— Não temos estômago? Rojer, feche as janelas — ordenou Leesha.

Os homens olharam-na, curiosos.

— Faça isso — insistiu ela, e Rojer ergueu-se para obedecer, interrompendo a luz do sol e enchendo a cabana de escuridão. Leesha já estava agitando um frasco de produtos químicos, banhando-se com o brilho fosforescente. Então ela disse:

— O alçapão.

O Protegido ergueu a porta do alçapão para descer ao porão, onde a lava das trevas era mantida. O cheiro dos produtos químicos era forte no ar que subiu de lá.

Leesha levou-os para baixo, na escuridão, segurando o frasco alto. Moveu-se até os lampiões na parede, enchendo os jarros de vidro com química, mas os olhos com proteções do Protegido, tão confortáveis na completa escuridão quanto no dia claro, já haviam se arregalado antes de a luz preencher a sala.

Mesas pesadas haviam sido levadas para o porão e lá, espalhados diante dele, havia meia dúzia de corpos de terraítas em vários estágios de dissecação.

— Pelo Criador! — gritou Rojer, tendo ânsia. Correu escada acima, e eles puderam ouvi-lo buscando ar.

— Bem, talvez Rojer não tenha estômago ainda — admitiu Leesha com uma risadinha e olhou para o Protegido. — Sabia que os demônios da madeira têm dois? Estômagos, eu digo. Um sobre o outro, como uma ampulheta. — Ela pegou um instrumento, puxando para trás camadas da carne do demônio morto para ilustrar.

— O coração é decentralizado, embaixo à direita — acrescentou ela —, mas há um espaço entre a terceira e a quarta vértebra. Algo que um homem que busca dar um golpe fatal deveria saber.

O Protegido continuou a observar, assombrado. Quando olhou de volta para Leesha, era como se a visse pela primeira vez.

— Onde conseguiu esses…?

— Dei uma palavrinha com os lenhadores que você enviou para patrulhar essa ponta da Clareira — respondeu Leesha. — Ficaram felizes em me trazer esses espécimes. E tem mais: esses demônios não têm órgãos sexuais. São todos neutros.

O Protegido olhou para ela, surpreso.

— Como é possível?

— Não é incomum entre insetos. Há castas de zangões para o trabalho e a defesa, e as castas sexuadas que controlam a colmeia.

— Colmeia? — perguntou o Protegido. — Quer dizer, as Profundas?

Leesha deu de ombros.

O Protegido franziu o cenho.

— Existem pinturas nas tumbas do Sol de Anoch. Pinturas da Primeira Guerra das Trevas que representam raças estranhas de terraítas que nunca vi.

— Não é surpreendente, sabemos tão pouco sobre eles.

Ela estendeu as mãos, tomando as dele.

— Toda a minha vida senti como se eu estivesse esperando algo maior do que preparar curas para friagens e fazer partos. Esta é a minha chance de fazer a diferença para mais que um punhado de pessoas. Acredita que há uma guerra a caminho? Rojer e eu podemos ajudá-lo a vencer.

O Protegido assentiu, apertando a mão dela em retribuição.

— Tem razão. A Clareira sobreviveu àquela primeira noite muito mais por causa sua e de Rojer do que por minha. Seria um tolo se não aceitasse ajuda agora.

Leesha deu um passo adiante, colocando a mão dentro do capuz dele. Sua mão era fria, por um momento, ele se inclinou sobre ela.

— Esta cabana é grande o bastante para dois — sussurrou Leesha.

Os olhos dele arregalaram-se e ela sentiu quando ele ficou tenso.

— Por que isso o apavora mais do que os demônios? Sou tão repulsiva?

O Protegido sacudiu a cabeça.

— Claro que não.

— Então o quê? Não vou impedir que vá para sua guerra.

O Protegido ficou em silêncio por algum tempo.

— Dois logo viram três — disse ele por fim, soltando as mãos de Leesha.

— É tão terrível assim? — perguntou Leesha.

O Protegido deu um suspiro profundo, afastando-se para outra mesa, evitando os olhos da mulher.

— Naquela manhã, quando lutei com o demônio… — disse ele.

— Eu me lembro. — Leesha procurava incentivá-lo sempre, pois ele havia parado de falar.

— O demônio tentou escapar para as Profundas.

— E tentou levar você com ele — disse Leesha. — Vi vocês dois ficarem brumosos e deslizar para dentro da terra. Fiquei apavorada.

O Protegido assentiu.

— Não mais que eu. O caminho até as Profundas abriu-se diante de mim, me chamando, me puxando.

— O que isso tem a ver conosco? — quis saber Leesha.

— Porque não era o demônio, era eu — disse o Protegido. — Eu assumi o controle da transição, arrastei o demônio de volta para o sol. Mesmo agora, consigo sentir a atração das Profundas. Se eu vacilar, posso me infiltrar nas profundezas infernais com os outros terraítas.

Leesha começou a falar:

— As proteções…

— Não são as proteções — disse o Protegido, sacudindo a cabeça. — Estou dizendo que sou *eu*. Absorvi muito da magia deles com o passar dos anos. Não sou nem mais humano. Quem sabe que tipo de monstro surgiria da minha semente?

Leesha foi até ele, tomando seu rosto entre as mãos como havia feito naquela manhã em que fizeram amor. Com os olhos completamente marejados, ela disse:

— Você é um bom homem. Seja lá o que a magia tenha feito a você, não mudou esse fato. Nada mais importa.

Ela se inclinou para beijá-lo, mas o coração dele endurecera e ele a manteve longe.

— Importa para mim. Até eu saber o que sou, não posso ficar com você nem com qualquer outra pessoa.

— Então vou descobrir o que você é. Eu juro — falou Leesha.

— Leesha — disse ele —, você não pode…

Ela então gritou:

— Não me diga o que eu não posso fazer! Já ouvi tanto isso dos outros que já me basta para uma vida inteira.

Ele ergueu as mãos, obediente, e falou:

— Sinto muito.

Leesha fungou e fechou as mãos sobre as dele.

— Não precisa. É uma doença a ser diagnosticada e curada, como qualquer outra.

— Não estou doente — retrucou o Protegido.

Ela olhou para ele, entristecida.

— Eu sei disso, mas parece que você não sabe.

No deserto krasiano, uma agitação surgiu no horizonte. Fileiras de homens apareceram, milhares atrás de milhares, envoltos em túnicas pretas largas puxadas sobre o rosto para protegê-los da areia cortante. A vanguarda era composta de dois grupos montados, os menores em cavalos leves e rápidos, e os maiores em animais poderosos com corcovas, adequados para cruzar o deserto. Eram seguidos por colunas de homens a pé, e eles, por sua vez, por uma fileira aparentemente infinita de carroças de suprimentos. Cada guerreiro carregava uma lança talhada com um padrão intrincado de proteções.

À frente, cavalgava um homem todo de branco, sobre um cavalo de batalha esguio e da mesma cor. Ergueu a mão e a horda atrás dele parou e caiu em silêncio para contemplar as ruínas do Sol de Anoch.

Diferente das lanças de madeira e ferro de seus guerreiros, esse homem carregava uma arma ancestral feita de metal brilhante, desconhecido. Era Ahmann asu Hoshkamin am'Jardir, mas seu povo não usava esse nome havia anos.

Chamavam-no de *Shar'Dama Ka*, o Salvador.

Fim do primeiro Ciclo

PETER V. BRETT graduou-se em Literatura Inglesa e História da Arte pela Universidade de Buffalo, estado de Nova York, em 1995, e depois passou mais de uma década no mercado editorial farmacêutico. Ele vive no Brooklyn, Nova York. Educado com uma rígida dieta de romances fantásticos, quadrinhos e *Dungeons & Dragons*, escreve histórias fantásticas desde quando consegue se lembrar. *O Protegido* é sua estreia na ficção fantástica, e integra o aclamado Ciclo das Trevas, publicado em mais de trinta países, entre eles, Estados Unidos, Canadá, México, Inglaterra, Alemanha, França, Espanha, Portugal, Holanda, Itália, Japão, Rússia, Indonésia, Coreia do Sul e China. Saiba mais em petervbrett.com.

AGRADECIMENTOS

Agradecimentos especiais a todas as pessoas que foram meus leitores beta: Dani, Myke, Amelia, Neil, Matt, Joshua, Steve, minha mãe, meu pai, Trisha, Netta e Cobie. Seus conselhos e incentivo fizeram com que eu transformasse um hobby em algo mais. E às minhas editoras, Liz e Emma, que se arriscaram com um autor novato e me desafiaram a ultrapassar até mesmo meus altos padrões. Nunca teria conseguido sem vocês.

Antigamente, eles eram fortes. Na época do Salvador,
derrotaram os demônios. Aquele tempo,
se é que existiu, é um passado muito distante...

O CICLO CONTINUA...

DARKSIDEBOOKS.COM

Reprinted with permission of Peter V. Brett
and JABberwocky Literary Agency, Inc.

THE WARDED MAN Copyright © Peter Brett
Ward artwork designed by Lauren K. Cannon Originally published in the United Kingdom in hardcover as
THE PAINTED MAN by HarperCollins Publishers, London and subsequently in the United States by Del Rey, an imprint of The Random House Publishing Group, a division of Random House, Inc, in 2009.

Tradução para a língua portuguesa
© Petê Rissatti, 2015
© Larry Rostant, ilustração da capa
© Andrew Ashton, mapa

Os personagens e as situações desta obra
são reais apenas no universo da ficção;
não se referem a pessoas e fatos concretos,
e não emitem opinião sobre eles.

Diretor Editorial
Christiano Menezes

Diretor Comercial
Chico de Assis

Editor Assistente
Bruno Dorigatti

Assistente de Marketing
Bruno Mendes

Design e Capa
Retina 78

Revisão
Marlon Magno
Retina Conteúdo

Produção de ebook
S2 Books

DADOS INTERNACIONAIS DE CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO
(CIP)
Angélica Ilacqua CRB-8/7057

Brett, Peter V.
O protegido / Peter V. Brett ; tradução de Petê Rissatti.
– – Rio de Janeiro : DarkSide Books, 2016.
497 p. : 16 x 23cm (Ciclo das Trevas, v. 1)

ISBN 978-85-66636-93-2
Título original: *The Warded Man*

1. Literatura americana 2. Ficção 3. Fantasia I. Título
II. Rissatti, Petê

15-0121

CDD 813

Índices para catálogo sistemático:

1. Literatura americana

DarkSide®
Entretenimento LT
Rua do Russel, 45(
22210-010
Glória - Rio de Jar
RJ - Brasil

www.darksideboo

Table of Contents

Mídias sociais
Folha de rosto
Dedicatória
Sumário
Parte I. Riacho de Tibbet
- Capítulo 1. As consequências
- Capítulo 2. Se fosse você
- Capítulo 3. Noite solitária
- Capítulo 4. Leesha
- Capítulo 5. Casa cheia
- Capítulo 6. Segredos do fogo
- Capítulo 7. Rojer
- Capítulo 8. Cidades livres
- Capítulo 9. Forte miln

Parte II. Miln
- Capítulo 10. Aprendizado
- Capítulo 11. A fenda
- Capítulo 12. A biblioteca
- Capítulo 13. Deve haver mais
- Capítulo 14. Estrada para angiers
- Capítulo 15. A rabeca da fortuna
- Capítulo 16. Ligações

Parte III. Krasia
- Capítulo 17. Ruínas
- Capítulo 18. Rito de passagem
- Capítulo 19. O primeiro guerreiro de Krasia
- Capítulo 20. Alagai'sharak
- Capítulo 21. Apenas um Chin
- Capítulo 22. Palcos nos lugarejos
- Capítulo 23. Renascimento
- Capítulo 24. Agulha e tinta

Parte IV. Clareira do lenhador
- Capítulo 25. Reestreia
- Capítulo 26. Hospital
- Capítulo 27. Ao cair da noite
- Capítulo 28. Segredos
- Capítulo 29. À luz do crepúsculo
- Capítulo 30. A praga
- Capítulo 31. A batalha da clareira do lenhador

Capítulo 32. Adeus à clareira
Agradecimentos
Créditos